



Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física

«DEFESA À ZONA» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização»
de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza
inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar.

Nuno Miguel Bogalho Amieiro

Porto, Setembro de 2004

Aos meus pais e à minha avó. Por tudo. Só eu sei!

Agradecimentos

A realização de um trabalho desta natureza nunca se limita exclusivamente a uma pessoa. Não poderia, portanto, deixar de agradecer a todos aqueles que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para a sua concretização.

Assim sendo, correndo o risco de me esquecer de alguém,

Ao Professor Vítor Frade

Ao Professor José Guilherme Oliveira e ao Professor Júlio Garganta

A António Tadeia, Artur Jorge, Augusto Inácio, José Alberto Costa, José António Camacho, José Mota, José Mourinho, Luís Campos e Miguel Leal

Ao Rui Quinta

Ao Carvalho, ao José Gomes, ao Tiago e ao Rui Faria

A Jesualdo Ferreira

Ao Luís Freitas Lobo

Ao Manuel António

Ao Daniel Pacheco e ao Filipe

Ao Zé Nando, ao Barreto e ao Bruno Oliveira

À Vera

A Lúcia Faria e à Raquel Faria

Ao Luís, ao Maior, à Chris e à Ana

À Mónica, à Sheilla, à Sofia Mota, ao Miguel Reis, à Claudia, à Iolanda e à Sofia Lopes

Ao Hugo e ao Limas

Ao Ricardo, ao Miguel e ao Maravilhas

À Tixa e ao Rogério

À Graça

À Raquel

E a toda a minha família

O meu mais sincero agradecimento.

Resumo

Balizar «concepto-comportamentalmente» a «defesa à zona» foi o grande objectivo da «viagem» que, certo dia, decidimos tentar concretizar. A metodologia empregue para a consecução deste objectivo consistiu, numa primeira fase, numa revisão crítica da literatura relativa à problemática em questão e, numa segunda, na realização de entrevistas a um conjunto de pessoas ligadas ao fenómeno Futebol, na tentativa de aprofundar e esclarecer as premissas fundamentais que «arquitectámos» ao nível da revisão da literatura. De forma sumária, na defesa à zona a grande preocupação é «fechar como equipa» os espaços de jogo mais valiosos e, deste modo, colocar a equipa adversária sob constante constrangimento espaço-temporal. Procura-se, no fundo, gerir colectivamente o espaço e o tempo no jogo. Para isso, os espaços como grande «referência-alvo» de «marcação», a posição da bola e, em função desta, a posição dos companheiros como principais «referências de posicionamento», são três pressupostos tácticos fundamentais desta forma de organização defensiva. São estas referências defensivas colectivas que, quando correctamente perspectivadas, nos permitem obter superioridade posicional, temporal e numérica na defesa. No fundo, ao manifestar-se, a «zona» expressa um «padrão defensivo colectivo», complexo, é verdade, mas também dinâmico e adaptativo, compacto, homogéneo e solidário. Serão estas «propriedades», emergentes da coordenação colectiva, a dar verdadeira coesão defensiva à equipa. Esta forma de organização defensiva revela-se, como tal, não só a mais eficaz defensivamente, mas também a que, de longe, melhor responde à «inteireza inquebrantável do jogo». Revela-se, assim, uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar. Não é de estranhar, portanto, que o «padrão defensivo» das equipas de top assente na «defesa à zona», constituindo-se esta forma de organização defensiva como uma necessidade do Rendimento Superior da modalidade. Porém, no futebol português, ignora-se, por completo, o que é verdadeiramente «defender à zona». Não se percebe que existe outra realidade, outra forma de se perspectivar a organização defensiva de uma equipa. Só este facto justifica o «padrão defensivo» que a quase totalidade das equipas apresenta: uma «defesa homem-a-homem» mesclada com algumas «marcações individuais», o mesmo é dizer, um «jogo de pares» onde as equipas procuram «encaixar» no adversário.

Palavras-chave: «Marcação» – «Defesa homem-a-homem» – «Defesa à zona» – «Zona pressionante» – Espaços – Posição da bola – «Jogo de coberturas» – Constrangimento espaço-temporal – Coesão defensiva – «Padrão defensivo colectivo» – Organização colectiva – «Inteireza inquebrantável da organização de jogo» – Momentos de transição – Equilíbrio da equipa no jogo

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Índice	v
1. Introdução	1
2. Revisão da Literatura	3
2.1. Um balizar «concepto-comportamental» como ponto de partida	3
2.1.1. Olhar para o conceito de «marcação» como a base de qualquer concepção para a organização defensiva	3
2.1.2. À procura de um esclarecimento «concepto-comportamental» sobre a «defesa à zona»	6
2.1.3. Se mudamos o nível de percepção da «defesa à zona», mudamos o nível de percepção da «defesa homem-a-homem»	15
2.2. A imprescindibilidade de se «jogar» com o «número», o «espaço» e o «tempo»	19
2.2.1. Algumas considerações iniciais	19
2.2.2. «CAMPO GRANDE» a atacar e «CAMPO PEQUENO» a defender	22
2.2.3. «DEFESA HOMEM-A-HOMEM» versus «DEFESA À ZONA»	25
2.2.4. Sobre o concretizar de uma intenção (o como fazer «campo pequeno»)	30
2.2.5. A «ZONA PRESSIONANTE»	32
2.2.5.1. Sobre o(s) tipo(s) de desgaste implicado(s) nesta forma agressiva de defender	38
2.3. Expressar, ou não, um «sentir» colectivo	43
2.4. A importância de assumir uma IDENTIDADE, sem deixar de atender ao lado	48
ESTRATÉGICO	
2.4.1. É a afirmação de um «padrão» de jogo que dá à equipa uma identidade própria	48
2.4.2. Apostar numa ESTRATÉGIA PARA O JOGO que não interfira com aquilo que é o essencial	50
2.5. DEFENDER (bem) PARA ATACAR (melhor)... Só esta é que pode ser a lógica!	53
2.5.1. No jogo, defender é só meio caminho... A parte mais fácil do caminho!	53

2.5.2. Se devemos defender de forma a potenciar o modo como se deseja atacar...	57
Defender bem não se esgota no não sofrer golos!!!	
2.6. A constatação de um «padrão defensivo» no futebol português	63
3. Material e Métodos	68
3.1. Caracterização da amostra	68
3.2. Metodologia de investigação	68
3.3. Recolha de dados	69
4. Análise e Discussão dos Resultados	70
4.1. A «defesa homem-a-homem», a «defesa individual», a obsessão pelas «marcações»... e a imediata constatação de problemas!!!	70
4.2. A natureza singular da «defesa à zona»	77
4.2.1. A (já esperada) constatação de «falsas-verdades» «institucionalizadas» no futebol português	77
4.2.2. Três premissas fundamentais como ponto de partida para a correcta apreensão do conceito «zona»	80
4.2.3. Se os espaços não têm todos o mesmo valor, porquê atribuir a cada jogador sempre a mesma zona?	83
4.2.4. Se queremos um «padrão defensivo zonal», qualquer «marcação próxima» tem mesmo que ser circunstancial e consequência de uma adequada interpretação das principais referências defensivas?	85
4.2.5. Será tanto mais eficaz, a «zona», quanto mais regularmente se manifestar pressionante?	93
4.2.6. Se só a «zona» implica que todos os jogadores pensem em função da mesma coisa ao mesmo tempo, só a «zona» expressa um «padrão defensivo colectivo»	96
4.2.6.1. Quem, ou o quê, coordena o bloco defensivo?	98
4.2.7. Existirão «zonas»?	99
4.2.7.1. Atender ao lado estratégico do jogo	103
4.3. Porque não se deve tomar por único o que é plural... um outro entendimento (prático) do conceito de «marcação»... que não é mais do que UMA PERSPECTIVA «ZONAL» do mesmo!	105
4.4. A «zona»... a melhor resposta face à «INTEIREZA INQUEBRANTÁVEL DO JOGO»	111

4.4.1. Da importância de sustentar defensivamente a nossa forma ofensiva de jogar (porque defender é um meio para recuperar a bola e poder atacar e não um fim em si mesmo), à «INTEIREZA INQUEBRANTÁVEL DA ORGANIZAÇÃO DE JOGO»	111
4.4.2. O EQUILÍBRIO permanente da equipa (perspectivado em coerência com a ideia do «jogar» que se pretende) como necessidade que resulta da importância (que cada vez mais se reconhece) dos MOMENTOS DE TRANSIÇÃO, o segredo do jogo actual?	119
4.4.2.1. Do «ter a bola» ao «perder a bola»	122
4.4.2.1.1. Perder o equilíbrio defensivo em transição para a defesa	131
4.4.2.2. Do «não ter a bola» ao «ganhar a bola»	134
4.5. Quando não há reflexão... «campo grande» a defender!	145
4.6. A problemática da «economia de esforço» em equação	159
4.7. Sobre algumas alegadas desvantagens da «defesa à zona»	168
4.8. Diferentes realidades, diferentes «padrões defensivos»... ou diferentes «padrões defensivos», diferentes realidades?	176
4.8.1. Quais as razões que empurram os treinadores portugueses para o «jogo de pares», quando a referência a top não é essa?	181
4.8.1.1. Ter ou não ter jogadores, a «velha-questão»!	186
5. Conclusões	191
6. Referências Bibliográficas	206
Anexos	

1. Introdução

“Aquele que enfrenta o mundo como se tivesse acabado de aparecer nele, como se nada fosse óbvio, como se tivesse que explorá-lo pela primeira vez, está com a disposição necessária para fazer filosofia.”

(Zubieta, 2002)

“Uma equipa que queira ser de top, tem que defender à zona!”... Foi com esta ideia, expressa, ocasionalmente, pelo professor Vitor Frade, numa das suas aulas de Metodologia Aplicada II – Opção de Futebol, que tudo começou...

Nessa altura (já lá vão quase três anos!), pouco sabia sobre esse «modo de defender»... Sabia que os jogadores se posicionavam/movimentavam em função da posição da bola, que cada um era responsável por determinado espaço,... Pouco mais!... Muito longe estava de conhecer todos os pressupostos (e potencialidades que deles emanam) desta forma de organização defensiva.

Ainda assim, apercebia-me, nos jogos que tinha possibilidade de ver, que existiam claras diferenças entre o «padrão defensivo» das «grandes equipas» e o das equipas do nosso «futebolzinho». Se nas primeiras era notória uma preocupação com a ocupação racional dos espaços (facilmente reconhecia uma «organização colectiva»), por cá era (e é!) clara uma obsessão pelas «marcações», pelo «encaixe» na equipa adversária, o que transformava cada partida num autêntico «jogo de pares» (e não de «equipa»), pouco contribuindo para a qualidade do espectáculo (bem pelo contrário!). O F.C. Porto de Mourinho e o S.L. Benfica de Camacho foram excepções (bem visíveis aos meus olhos) que apenas vieram confirmar a regra. Não é de estranhar, portanto, que estes dois treinadores «apareçam», frequentemente, ao longo deste trabalho.

Cheio de curiosidade em saber mais sobre a «zona», fui «vasculhando» a literatura à procura de respostas às minhas perguntas... Muitas dúvidas me assaltavam!...

Não tivesse surgido por essa altura mais um livro de Valdano, «El miedo escénico y otras hierbas», e talvez eu me tivesse contentado com aquilo que fui encontrando sobre o assunto. Hoje, sei que a generalidade da literatura sobre o tema mais não tem feito que «amputar»/«distorcer»/«corromper» o conceito...

No seu livro, Jorge Valdano falava apaixonadamente sobre a «zona», parafraseava Menotti (“A zona é liberdade”), Maturana (“A zona faz da defesa a arte de atacar”) e deliciava-me com as descrições da «zona» inteligente, agressiva e harmoniosa do Milan de Sacchi. A «zona»

de que Valdano falava aproxima-se da «zona» com que tive, pela primeira vez, contacto, aquela a que, superficial e esporadicamente, o professor Vitor Frade fazia referência nas aulas.

Estava decidido! A minha monografia tinha que ser sobre a «defesa à zona»!!! Senti que era a minha oportunidade de fazer algo realmente pertinente, original... até controverso, por ir contra muito do que via como «institucionalizado» no futebol português e descrito na literatura.

Um pouco amedrontado, embarquei nesta «viagem», sem saber bem para onde ir,... sem saber bem onde iria chegar... Sabia, porém, aquilo que sentia e, por isso, o que procurar. Aquilo que lia e ouvia a respeito da «zona» não me satisfazia. Muitas vezes, era o oposto daquilo que eu concebia...

Aos poucos, a minha ideia da «zona» foi «crescendo» e, cada vez mais, sentia-me inconformado com o que dela se dizia e escrevia. Lembro-me de, certo dia, estar a ouvir o relato de um jogo da SuperLiga na rádio e, a dada altura, ficar perplexo com o que acabava de ouvir... “As duas equipas estão a defender à zona, o que dá tempo e espaço ao adversário para pensar”, afirmava o comentador desportivo!!!... A minha «zona», aquela que fui «arquitectando» no meu imaginário, era outra!... Tinha mesmo de esclarecer a noção de «defesa à zona»...

Rapidamente me apercebi que a complexidade do conceito me iria atrasar... Foram quase três anos!... É certo que esse facto me levou a ultrapassar, em muito, o número de páginas habitual para um trabalho desta natureza. Porém, acredito que isso me permitiu torná-lo muito mais qualitativo, muito mais elucidativo. Até no que diz respeito a muitas outras problemáticas subjacentes à complexidade do «jogar». A isso me «obrigou» a natureza singular da «defesa à zona».

Peço, para terminar, a quem tem curiosidade em ler este trabalho, que não julgue uma qualquer «parte» sem antes tentar entender o «todo»... E para ter sempre presente que, em momento algum, «discuti» pessoas. Somente ideias.

2. Revisão da Literatura

“Sei o que procuro, porque sei o que sinto.”
(Lillo, s.d., cit. por Fernández, 2003)

É importante, antes de iniciarmos esta «viagem», justificar a «estrada» que tomaremos. Seguiremos a «via» da investigação qualitativa, na procura do conhecimento prático, recusando assim os «caminhos» da investigação quantitativa, por estes nos conduzirem ao conhecimento tecnológico ou teórico (Greene, 1999).

Mais do que uma simples selecção e seriação de conteúdos já presentes na literatura, procuraremos «chegar» a algo de novo, pois não se trata de aqui fazer uma mera «descrição da literatura». Deste modo, terá de haver lugar para a reflexão e para a crítica.

Os capítulos que se seguem não serão mais do que o «ponto de partida» que melhor nos parece servir os propósitos da «viagem» que, certo dia, decidimos tentar concretizar.

2.1. Um balizar «concepto-comportamental» como ponto de partida

“Enquanto prática social, o futebol tem uma história, inclusivamente, uma geografia. Daí, não se tome por único o que é plural, e por plural o que é único. O futebol pré-existe à ideia que dele se tem. O problema está em saber, se as ideias que dele se tem, se lhe ajustam.”
(Frade, 1990)

2.1.1. Olhar para o conceito de «marcação» como a base de qualquer concepção para a organização defensiva

Ao longo da consulta bibliográfica efectuada, fomos nos apercebendo de que, apesar de inúmeras vezes referida, a ideia de «marcação» raramente é explicada ou explicativa. Usa-se e abusa-se do termo, mas poucas vezes se procura elucidá-lo. Como agravante, estamos em crer que o sentido que lhe é atribuído não é «universal». Isto é, o entendimento que os treinadores possuem do conceito pode ser diferente, substancialmente diferente.

Neste contexto, não sendo nossa pretensão definir com precisão e clareza o conceito, importa tentar balizar em que é que ele se pode traduzir na prática.

Ao consultarmos o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001), encontramos, entre muitos outros, os seguintes significados para a palavra «marcação»: “Acção ou resultado de marcar”; “Acto de assinalar alguma coisa através de traços, fios, linhas ou qualquer outro processo”; “Vigilância apertada que, em modalidades colectivas, um jogador faz a um adversário para impedir ou condicionar as suas jogadas”.

Se atendermos também à palavra «**marcar**» no mesmo dicionário, ela pode querer dizer: “Anotar, registrar, assinalar”; “**Acompanhar muito de perto e passo a passo** a deslocação de um jogador adversário no campo, impedindo ou condicionando as suas jogadas”.

A partir desta primeira análise, apercebemo-nos de que, sendo a «marcação» uma acção, ela parece ter como «**alvo**» um determinado jogador adversário. E, de facto, não estranhámos, pois essa parece ser a sua interpretação mais comum.

Ao nível da literatura, López Ramos (1995) define «marcação» como sendo a acção táctica que os jogadores da equipa que não possui a bola realizam sobre os seus adversários, com o intuito prioritário de evitar que estes entrem em contacto com a mesma, ou de o fazer nas piores condições possíveis. O mesmo autor acrescenta ainda alguns aspectos que considera importantes para uma correcta realização da acção em causa, os quais nos ajudam a compreender melhor a sua ideia de «marcação»: i) a «marcação» realiza-se sobre os jogadores adversários sem bola, na medida em que sobre o seu portador as acções a empreender são de outra natureza; ii) o jogador que «marca» deve colocar-se entre o seu adversário e a própria baliza, devidamente orientado em relação ao seu par; e iii) a «marcação» deve ser tanto mais cerrada quanto mais próximo da baliza o adversário se encontrar.

Na mesma linha de pensamento, Pacheco (2001) define «marcação» como “uma acção táctica em que os defensores se aproximam dos atacantes, procurando colocar-se entre estes, a bola e a baliza, com o objectivo de travarem a sua progressão, impedirem o passe, a finalização e recuperarem a posse da bola”.

As definições apresentadas, indo ao encontro do constatado a partir da simples consulta do dicionário, consideram os **jogadores adversários** como as «referências-alvo» de «marcação». Na prática, isto significa que **a atenção de quem «marca» dirige-se para o seu adversário directo**, o mesmo é dizer, para o jogador que está/entra no seu raio de acção. É verdade que também se refere a bola e a baliza, mas apenas como «referências de posicionamento» para melhor «marcar» os adversários.

Não é por isso de estranhar todo um conjunto de expressões da gíria futebolística como «acompanha o homem», «segue o teu», «encosta nele», «marca em cima», entre muitas outras que evidenciam essa ideia de «marcação» que, de uma maneira geral, parece estar «institucionalizada» no futebol português.

Não acreditamos, porém, que a noção de «marcação» se esgote obrigatoriamente num conjunto de acções dirigidas de forma prioritária aos jogadores adversários. Sendo essa perspectiva naturalmente válida, ela parece-nos, todavia, **limitada e limitativa**, pois será em função dela que se vai equacionar a organização defensiva da equipa.

Numa tentativa de sustentar esta nossa convicção, importa recorrer a Queiroz (1983) e Castelo (1986), autores que sintetizam o conceito de «marcação» como o conjunto de acções técnico-tácticas individuais de natureza defensiva, desenvolvidas no absoluto respeito pelos princípios defensivos, que visam a anulação e cobertura dos adversários e espaços livres. Castelo (1986) acrescenta que os comportamentos técnico-tácticos de «marcação» manifestam-se através de um posicionamento em função da bola, dos adversários, dos companheiros e da baliza.

Ainda que esta definição também não nos satisfaça particularmente, ela perspectiva **uma outra «referência-alvo» de «marcação»: o espaço livre.**

Para além disso, ao referir a necessidade das acções de «marcação» serem coordenadas com os companheiros (ao considerá-los como «referências de posicionamento»), Castelo acentua a sua **dimensão colectiva**. Esta dimensão é também sublinhada por Queiroz (1983) e López Ramos (1995), dado que é **dessa coordenação colectiva que depende**, em última análise, **a eficácia** das acções de «marcação».

Parece assim claro que **a importância dada às possíveis «referências-alvo» de «marcação» e a ênfase que se coloca em cada uma das «referências de posicionamento» resultam em diferentes concepções para a organização defensiva**. Considerar como prioritária a «referência-alvo» adversário directo, tendo em atenção a posição da bola e a baliza como as referências básicas de posicionamento, resultará num «padrão» defensivo substancialmente díspar de um outro em que se considere como central «marcar»/«fechar» determinados espaços (ocupando-os), em função da posição da bola, sem que se deixe de «assinalar» e vigiar os jogadores adversários que se encontram nesses espaços. Se, no primeiro caso, o «padrão» será algo semelhante a um **«jogo de pares»**, no segundo, evidenciará a intenção de **«fechar espaços como equipa»**.

Do exposto, importa então retirar que **o modo como o treinador perspectiva a organização defensiva da sua equipa está intimamente relacionado com a sua**

interpretação do conceito de «marcação». O «todo» (a organização defensiva), as relações a privilegiar entre as «partes» que o constituem (os jogadores) e as tarefas a realizar por cada uma delas isoladamente, serão manifestamente diversos, consoante a(s) referência(s) que se considera(m) e respectiva **hierarquização** (estabelecimento de prioridades).

2.1.2. À procura de um esclarecimento «concepto-comportamental» sobre a «defesa à zona»

*A organização defensiva é, acima de tudo, uma questão de defender com lucidez. (...) Aquilo que se deve fundamentalmente procurar é fechar os espaços e assim condicionar os adversários."
(Frade, 2002)

Ao realizarmos uma breve revisão sobre o entendimento que se tem sobre a «defesa à zona», rapidamente nos apercebemos dos diferentes significados que lhe são atribuídos, bem como dos muitos termos ambíguos e ideias pouco claras (por vezes até contraditórias) com que é retratada.

Importa começar por salientar que, como nos referimos a uma forma de organização defensiva, o correcto é falarmos de equipas que «defendem à zona» e não que «jogam à zona». Também não devemos falar de modernismo, na medida em que escolas futebolísticas tão célebres e antigas como a britânica, a húngara ou a sul-americana, dão lições sobre «defesa à zona» desde há décadas (Valdano, 2002).

A definição mais antiga de «defesa à zona» que nos foi possível encontrar na literatura foi a de Garel (1974, cit. por Accame, 1995), que a designa por “defesa de zona” e para quem esta consiste em situar ou manter um **bloco defensivo** entre a bola e a baliza, onde cada jogador é responsável por uma zona, intervindo nesse espaço a partir do momento em que a bola aí entra, sem se preocupar com a posição dos adversários.

Para melhor a esclarecer, o mesmo autor apresenta ainda as seguintes características: i) **presença permanente de várias linhas escalonadas**, o que possibilita a existência de **coberturas** entre as diferentes linhas; ii) os jogadores posicionam-se **em função da bola** e da sua baliza; iii) a **estrutura** formada pelos jogadores **vai-se modificando em função da posição da bola**; e iv) quando uma linha é eliminada, opõe-se uma nova linha à progressão da bola para a tentar recuperar.

Na nossa opinião, a definição de Garel, ao referir que um jogador só «intervém» defensivamente quando e se a bola entra na zona pela qual é responsável, leva-nos a ficar com a sensação de que estamos perante uma forma de defender algo estática (passiva), onde os jogadores adoptam com frequência uma atitude de espera. E, de facto, ainda que estejamos totalmente em desacordo, estamos em crer que é **essa a perspectiva mais frequente** que se tem da «defesa à zona». Porém, o autor, ao indicar como característica da «defesa à zona» o facto de a estrutura formada pelos jogadores se ir alterando de acordo com a movimentação da bola, leva-nos a olhar para esta forma de defender como algo **dinâmico e adaptativo** face às diferentes posições que a bola vai assumindo, «propriedades» que, quanto a nós, já se enquadram perfeitamente naquele que acreditamos ser o entendimento mais correcto de «defesa à zona».

Para além disso, o **escalonamento** permanente das diferentes **linhas** e a consequente existência de **coberturas** entre as mesmas parecem-nos características vitais para a **coesão** do bloco defensivo e para a desejada **eficácia** defensiva.

Em 1977, Herbin (cit. por Accame, 1995) descreve a «mecânica» da “defesa por zona” do seguinte modo: i) os jogadores posicionam-se no terreno de jogo em função da posição da bola e da própria baliza; ii) cada jogador é responsável por uma zona do terreno; e iii) cada jogador deve controlar a sua zona, «marcando» o adversário que lá entra e tentando conquistar a bola.

Contrastando com a perspectiva de Garel, Herbin defende que cada jogador tem que «marcar» o adversário que entre na sua zona. Não sabemos, porém, qual o sentido que o autor dá à ideia de «marcação». Implicará que o defesa se aproxime do seu adversário directo? Se sim, o que fazer quando entram dois adversários na mesma zona? Ou será apenas «assinalar» e vigiar, devendo o defesa continuar atento à posição da bola? Se «marcar» implicar uma **aproximação**, implica também **perseguição** (basta que o adversário se movimente) e **perseguir é perder de vista a referência da bola, comprometer os escalonamentos e as coberturas e, desse modo, colocar em risco a coesão do bloco defensivo**. Talvez por isso Garel refira que os jogadores não se devem preocupar com os adversários, ainda que a forma como o diz também nos possa induzir em erro.

No final da década de 80, Seno e Bourrel (1989) apresentam os seguintes princípios referentes à “defesa de zona”: i) a atenção dos defesas centra-se principalmente na **bola** e não apenas nos jogadores adversários; ii) devem-se considerar «**zonas perigosas**», nas quais os defesas devem «agir», e «**zonas não perigosas**», onde apenas «vigiam»; iii) é **toda a equipa, como bloco**, que «defende à zona», devendo manter-se **curta** entre a bola e a baliza; iv) quanto mais a bola se aproximar da baliza, menor será o espaço concedido aos atacantes nas «zonas perigosas»; v) os defesas são chamados a uma contínua adaptação face aos adversários, que mudam frequentemente e com velocidade; e vi) é importante o conceito de «**diagonal**», quer da parte dos jogadores que estão próximos da bola (pequena diagonal), quer da parte dos que se encontram longe da mesma, em função dos conceitos de «**antecipação**» e «**cobertura**».

Ainda que a ideia de se considerarem «zonas perigosas» e «zonas não perigosas» não seja totalmente clara, ela parece-nos **fundamental**, na medida em que, **se se entende a bola como o principal foco de atenção** dos defesas, é natural que se considerem umas zonas mais importantes do que outras (a zona onde a bola se encontra será a que tem mais valor).

Então, se se aceitar que **os espaços não têm todos o mesmo valor** (e que esse varia de acordo com a posição da bola), achamos que, mais do que dividir o terreno de jogo em zonas e atribuir uma a cada jogador, fará sentido cada jogador, de forma coordenada com os companheiros, ocupar/fechar **diferentes espaços** (zonas), de acordo com a posição da bola. Se assim for, poder-se-á dizer que, quando se «defende à zona», a preocupação é «**fechar como equipa**» **os espaços que se consideram importantes**. Deste modo, os espaços constituem-se como a grande «referência-alvo» de «marcação».

Já na década de 90, Bauer (1994) caracteriza a “defesa por zonas” (ou “defesa zonal”) da seguinte forma: i) a cada jogador é entregue um determinado espaço (zona), pelo qual será responsável durante a defesa; ii) quando a equipa perde a bola, cada jogador deve deslocar-se para trás, para a sua zona; iii) na sua zona, o jogador deve «marcar» directamente qualquer adversário que nela entre, com ou sem bola; iv) se o adversário muda para outra zona, passará automaticamente a ser da responsabilidade de outro defesa; v) todos os jogadores da equipa devem deslocar-se em direcção à bola; e vi) **dever-se-á atacar o portador da bola** através de dois ou mais jogadores de cada vez.

Aqui, é bem vincada por Bauer a ideia comum de que, para «defender à zona», a equipa tem que recuar e se «instalar» no seu meio campo defensivo. Não só não concordamos, como

estamos em crer que essa ideia resulta precisamente de se perspectivar a «defesa à zona» como uma forma de defender onde cada jogador é responsável por uma determinada zona do terreno de jogo (normalmente a zona de intervenção do jogador decorrente da estrutura/sistema da equipa). Mas, se pensarmos nesta forma de defender como uma **intenção colectiva de fechar os espaços de jogo com mais valor** (os espaços próximos da bola), facilmente percebemos que ela é possível de concretizar **em qualquer zona do terreno**. Assim sendo, uma equipa que «defende à zona» pode perfeitamente, se assim o entender, começar a defender sobre a primeira fase da construção adversária, à saída da sua grande-área.

Concordamos com o autor quando este sublinha que se deve atacar o portador da bola. Com efeito, para nós, o adversário em posse da bola deve ser sempre **pressionado**, para assim se ver limitado em termos de **tempo e espaço para pensar e executar**. Já o número de jogadores a fazê-lo dependerá do gosto de cada treinador e das próprias circunstâncias do jogo.

Castelo (1996) caracteriza o “método à zona” através dos seguintes aspectos: i) “é a lei de todos contra um”; ii) cada jogador é responsável por uma determinada zona do campo (perfeitamente delimitada) e intervém desde que aí penetre a bola, o portador da bola ou um qualquer adversário sem bola (a responsabilidade do defesa está em função da zona e não do adversário); iii) “forma-se uma primeira linha defensiva perto da bola, forçando os adversários a ter que a contornar, simultaneamente organiza-se uma outra linha defensiva que assegura **cobertura permanente** à primeira linha defensiva”; e iv) “esta forma de organização defensiva baseia-se fundamentalmente em acções técnico-tácticas colectivas de **entrajuda permanentes**”.

Quanto a nós, Castelo, ao dizer que um jogador «intervém» na sua zona sempre que aí entre a bola, o portador da mesma ou qualquer adversário sem bola, acaba por ser vago e ambíguo. Mais, não merecerão distinção as acções a empreender sobre o portador da bola e um qualquer homem sem bola? Fundamentalmente, preocupa-nos o tipo de «intervenção» a empreender sobre os adversários sem bola, e mais ainda quando o autor afirma que a «defesa à zona» “é a lei de todos contra um”, pois a eficácia (e a própria existência) de coberturas e entrajuda permanentes entre os vários jogadores estará, parece-nos, directamente relacionada com a natureza dessa «intervenção». No fundo, achamos que **quanto mais os comportamentos dos defesas estiverem dependentes do posicionamento e movimentação**

dos jogadores adversários, **mais difícil será que a intenção de cobertura e entreaajuda permanentes subsista** no seio da equipa.

No “jogo à zona” de Marziali e Mora (1997), o jogador adversário em posse da bola deve ter a sensação de estar a jogar contra onze jogadores. Para isso, explicam, cada jogador, em função da posição da **bola**, deve **cobrir um certo espaço** (zona), através de «marcações à zona» (também designadas de «marcações em antecipação»).

Segundo os mesmos autores, «marcar em antecipação» significa que o defensor deverá **assumir uma posição que lhe permita interceptar a bola ou colocar-se entre o adversário e a baliza, se a bola lhe for dirigida**. Esclarecem ainda que, dessa forma [«marcando em antecipação»], o defensor pode, **simultaneamente**, realizar cobertura(s) ao(s) colega(s) e «marcar» [«assinalar» e vigiar] o adversário que se encontre na sua zona.

Para estes autores, cada jogador deverá estar preparado para «marcar homem-a-homem» [pressionar] ou em «antecipação» o oponente que se encontre na sua zona de responsabilidade. Dever-se-á «marcar homem-a-homem» [pressionar] o portador da bola e em «antecipação» os restantes adversários.

Marziali e Mora (1997) recorrem também às noções de «**lado forte**», o lado onde se encontra o portador da bola, e de «**lado fraco**», o lado contrário àquele onde se encontra a bola. Quanto menor for a distância entre um dado adversário (na zona de um qualquer jogador) e o portador da bola, mais apertada deverá ser a «marcação em antecipação» a esse adversário no «lado forte». No «lado fraco», os jogadores devem fazer a cobertura dos espaços [entenda-se vigiá-los].

Os dois autores salientam ainda que a equipa deverá procurar estar **curta e estreita**, no sentido de ter **superioridade numérica na zona da bola**. Para conseguir ficar estreita, explicam, são fundamentais as noções de «lado forte» e «lado fraco».

Na nossa opinião, esta é, até ao momento, a perspectiva que mais se aproxima daquela que consideramos ser a concepção mais correcta de «defesa à zona». Ainda assim, pensamos não ser necessário colocar tanta ênfase nas acções de «marcação em antecipação» a realizar sobre os adversários sem bola (sobretudo se tivermos em conta as múltiplas interpretações possíveis sobre a ideia de «marcação»). Isto é, o verdadeiramente importante na «defesa à zona» (e aí é que deve ser colocada toda a ênfase) parece-nos ser essa tentativa colectiva de **encurtar** (em profundidade) e **estreitar** (em largura) o espaço de jogo e assim conseguir-se

superioridade numérica junto à bola. No fundo, é nisto que se resume a intenção colectiva de fechar os espaços de mais valor que referíamos atrás. O entender-se a «defesa à zona» desta forma é que nos vai dar a possibilidade de «marcar em antecipação» os jogadores adversários sem bola. Por outras palavras, **a ocupação inteligente dos espaços mais valiosos** é que nos permite, por arrastamento, «controlar» os adversários.

Assim, em parte, concordamos com os autores quando estes começam por sublinhar que, quando se «defende à zona», o jogador adversário em posse da bola deve ter a sensação de estar a jogar contra onze jogadores, pois a equipa comporta-se como um «todo» (uma unidade) a defender. No fundo, é a tal “lei de todos contra um” que Castelo (1996) referia. Aí, porém, esqueceu-se de que isso só é possível **se existir** uma referência de posicionamento e movimentação comum a todos os jogadores da equipa – a bola. E como este referencial comum é tático, salientamos também que daí emanam comportamentos **tático-técnicos** e não técnico-táticos como refere o autor. Isto é, **se a organização** da equipa, por ser algo que emerge do respeito sistemático por um conjunto de valores/princípios, **acenta na tática** (entendida como uma determinada cultura de jogo), é essa dimensão que coordena a equipa e cada um dos jogadores.

Para Caneda Pérez (1999), ainda que de um ponto de vista tradicional o termo “defesa em zona” (ou “defesa zonal”) indique que é dada ao jogador a tarefa de cobrir a sua zona de competência, essa acaba por ser uma explicação genérica e confusa, dado que a **atenção** do mesmo **não se limita** a essa zona, mas sim ao **desenvolvimento do jogo**.

De acordo com este autor, em contraposição à «defesa homem-a-homem» onde o adversário atribuído é a referência de orientação, na «defesa zonal» aquilo que se pretende é **criar uma situação defensiva óptima fundamentalmente contra o portador da bola**. Por isso (e para isso), a orientação dos defesas depende de três referências fundamentais: a posição da **bola**, dos **companheiros** e dos **adversários**. Assim, diz, uma equipa «defende zonalmente» quando cada jogador administra uma parcela do terreno de jogo, dentro da qual vai modificando a sua posição em função de onde se encontram a bola, os seus companheiros e os adversários.

Segundo o mesmo autor, importa diferenciar, nas acções de «marcação zonal», a que se dirige sobre o portador da bola daquelas que têm como objectivo controlar os seus apoios. Se sobre o portador da bola se faz «marcação ao homem» [pressão], com os potenciais receptores emprega-se uma estratégia de «marcação por antecipação», cujo objectivo é dar cobertura às

trajetórias de passe potencialmente mais perigosas (a distância da «marcação» depende, fundamentalmente, da distância do jogador marcado ao portador da bola). Por outro lado, à medida que o jogo se aproxima da baliza da equipa que defende, as «marcações» deverão ser cada vez mais estreitas, até se converterem em «marcações situacionais ao homem». Nas zonas afastadas da baliza, por representarem uma grande quantidade de espaço, as acções defensivas devem tender para a «marcação por antecipação».

Ainda que concordemos com o autor quando este afirma que a posição da bola, dos companheiros e dos adversários são as três referências fundamentais para a orientação dos jogadores em termos defensivos, não podemos deixar de sublinhar que, para nós, a posição da bola e, em função desta, a posição dos companheiros, são por norma as mais importantes. Mais, qualquer «marcação próxima» a um adversário sem bola será sempre **circunstancial**, consequência da ocupação inteligente dos espaços. Se assim for, parece-nos que teremos um bloco defensivo dinâmico e adaptativo, mas também homogéneo e solidário (assente em sucessivas coberturas).

Para Pacheco (2001), a “marcação à zona” (ou “marcação individual zonal”) “é aquela em que um defensor é responsável por uma determinada zona do campo e marcará o adversário que nela aparecer”.

Pelo até aqui exposto, facilmente se constata que esta definição é manifestamente insuficiente, limitada e, deste modo, limitativa. Vamos a um exemplo prático: se tivermos em conta que para este autor «marcar» implica aproximação aos atacantes (ver ponto 2.1.1.), perguntamos nós, como se irá a equipa encurtar e estreitar enquanto bloco, se os jogadores atacantes, para criar espaços, procuram afastar-se uns dos outros? Achamos complicado! No fundo, parece-nos que, **para reduzir espaços**, a equipa que defende deve procurar estar o menos dependente possível das acções individuais adversárias. Só assim conseguirá ser compacta, homogénea e solidária.

Goikoetxea Olaskoaga (2001) mostra preferência pela “marcação à zona”, no entanto, afirma que não interpreta a zona [pela qual um jogador é responsável, entenda-se] como um espaço dentro do terreno de jogo. Para Goikoetxea Olaskoaga (2001), “a zona é uma referência mas, no final, trata-se de marcar jogadores adversários. Há que marcar o adversário que entre na nossa zona e marcá-lo durante toda a jogada. Muitas vezes falamos de zona sem especificar,

(...) não se trata de um simples espaço (...), a zona é a referência para marcar o adversário que entre nela e persegui-lo durante toda a acção ofensiva da equipa contrária". "Além disso, se já estamos perto da nossa baliza a marcação ao adversário tem que ser muito rígida e sem lhe deixar o mais mínimo espaço", acrescenta.

Atendendo a perspectivas como as de Herbin (1977, cit. por Accame, 1995), Bauer (1994), Castelo (1996) ou Pacheco (2001), não é de estranhar este entendimento prático da «defesa à zona», todavia, por tudo o que já referimos, este parece ser um «caminho» que nos leva a outro(s) lugar(es) que não a esse.

Segundo o treinador espanhol Perez García (2002), com um «trabalho zonal» não se «marca» nenhum jogador adversário directamente, **ocupam-se zonas próximas ou directamente relacionadas com a posição da bola**. Acrescenta que os jogadores devem manter-se sempre perfilados na direcção do portador da bola para estarem em condições, primeiro, de reduzir o espaço junto ao portador da bola (apenas com a intenção de o levar a fazer um passe), para que, depois, se o passe acontecer, os jogadores se movimentem rapidamente, um com a intenção de se antecipar (contando com a cobertura dos restantes companheiros da linha) e os outros fechando as saídas próximas de passe. Por isso, salienta, **o mais importante é a bola, e os jogadores só se devem deslocar em função do seu movimento**. Para se ter uma boa «organização zonal», **toda a equipa tem que se movimentar como tal** para a zona onde ela se encontra.

Aqui, parece bem evidente a ideia de que, **quando se «defende à zona», o que existe são diferentes espaços a ocupar** pelos jogadores em função da posição da bola.

Ainda em 2002, Bangsbo e Peitersen consideram duas formas distintas de "marcação em zona": "cobertura em zona com marcação ao jogador" (ou "defesa em zona com marcação ao homem") e "cobertura em zona com marcação em zona" (ou "defesa em zona com marcação em zona"). Para estes autores, o ponto forte da «marcação em zona» é a colocação da defesa representar "um **bloco compacto** através da interacção da cobertura realizada em cada uma das zonas".

Na "defesa em zona com marcação ao homem", cada jogador responsabiliza-se por uma determinada zona sobre o terreno de jogo, movimentando-se nela em função do adversário mais próximo [o seu adversário directo]. Ou seja, cada defesa tem a responsabilidade de «marcar»

dentro da sua zona. O objectivo é cobrir estreitamente os jogadores contrários que se encontram próximos da bola, no terço defensivo do terreno de jogo (Bangsbo & Peitersen, 2002).

Na “defesa em zona com marcação em zona”, cada jogador responsabiliza-se por uma determinada zona sobre o terreno de jogo, movimentando-se sempre em função dos seus companheiros de jogo mais próximos e da posição da bola. Se um jogador adversário avança na zona de um dado defesa, este deverá situar-se de tal maneira que lhe seja possível seguir os movimentos dos companheiros e, ao mesmo tempo, estar preparado para o «marcar» (Bangsbo & Peitersen, 2002).

Para Bangsbo e Peitersen (2002), se se «defende em zona com marcação em zona», não deverá existir nenhum espaço livre **junto à bola** que possa ser aproveitado pela equipa adversária. **O objectivo é «fazer o terreno de jogo mais pequeno»** e assim dificultar a conservação da bola por parte da equipa adversária. Para isso, ao mesmo tempo que se deve **pressionar o jogador adversário em posse da bola**, os restantes defesas devem **deslocar-se rapidamente em direcção à zona onde se encontra a bola** e **tentar manter uma distância de separação constante em relação aos companheiros** mais próximos. A ideia é que, durante o trabalho defensivo, os jogadores pareçam **unidos ao centro do jogo por uma cinta elástica**. Deste modo, a equipa conserva o **equilíbrio na organização defensiva**. Esta forma de defender requer assim **comunicação** e **visão de jogo** por parte dos jogadores, os quais terão de saber o que sucede ao seu redor, bem como à volta do portador da bola.

Como temos vindo a sublinhar, parece-nos difícil conseguir um bloco compacto a defender se a atenção dos defesas se centrar nos seus adversários directos, como acontece na “defesa em zona com marcação ao homem” de Bangsbo e Peitersen. É verdade que essa compactidade **pode resultar do simples agrupamento** de jogadores nas imediações da grande-área. Aí, porém, achamos ser pouco correcto falar em **organização defensiva**.

Já a “defesa em zona com marcação em zona” parece aproximar-se daquele que julgamos ser o entendimento mais correcto de «defesa à zona». Nessa, é bem notória a ideia de que, «defendendo-se à zona», os jogadores **não se alheiam do jogo**. Tal como referia Caneda Pérez, **a sua atenção é sobre o jogo**.

Uma última perspectiva que importa apresentar é a de **Moreno Serrano (2003)**, treinador com larga experiência no futebol espanhol, onde passou por equipas como o Atlético de Madrid e o Celta de Vigo. Para este treinador, se, quando se «marca homem-a-homem», a

referência é o adversário, quando se «defende à zona», a referência é a bola. O jogador que «trabalha à zona» deve estar permanentemente concentrado na bola, na medida em que tem como referência não um adversário, mas o **espaço**. Deve concentrar-se no movimento da bola e estar pronto a entrar em acção. **Se não actuar directamente sobre a bola** [pressionando o seu portador ou interceptando-a], **deverá defender com a equipa cobrindo um espaço mediante uma cobertura, uma basculação ou uma permuta defensiva.**

Pelo exposto, consideramos que, quando se «defende à zona»: i) os espaços são a grande «referência-alvo» de «marcação»; ii) a grande preocupação é, por isso, «fechar como equipa» os espaços de jogo mais valiosos (os espaços próximos da bola), para assim condicionar a equipa adversária; iii) a posição da bola e, em função desta, a posição dos companheiros são as grandes «referências de posicionamento»; iv) cada jogador, de forma coordenada com os companheiros, deve fechar diferentes espaços, de acordo com a posição da bola; v) a existência permanente de um «sistema de coberturas sucessivas» é uma característica vital, o qual é conseguido pelo escalonamento das diferentes linhas; vi) é importante pressionar o portador da bola para assim este se ver condicionado em termos de tempo e espaço para pensar e executar; vii) é a ocupação cuidada e inteligente dos espaços mais valiosos que permite, por arrastamento, «controlar» os adversários sem bola; e viii) qualquer «marcação próxima» a um adversário sem bola é sempre circunstancial e consequência dessa ocupação espacial racional.

Em suma, **trata-se de conseguir um «padrão defensivo colectivo», complexo, é verdade, mas também dinâmico e adaptativo, compacto, homogéneo e solidário.** Parece-nos que serão estas «propriedades» a dar verdadeira **coesão defensiva** à equipa.

2.1.3. Se mudamos o nível de percepção da «defesa à zona», mudamos o nível de percepção da «defesa homem-a-homem»

Numa perspectiva histórica, a «defesa homem-a-homem» é vista como uma forma de organização defensiva onde cada jogador tem a missão de «marcar» um único adversário, previamente atribuído pelo treinador, tendo de o acompanhar por todo o terreno de jogo.

De facto, esta ideia é confirmada por autores como Bauer (1994), López Ramos (1995), Castelo (1996), Pereni e Di Cesare (1998), Caneda Pérez (1999), Pacheco (2001) e Valdano (2002).

Diversas são também as designações utilizadas para se referenciar esta forma de defender. Umas bastante usuais, como «marcação individual», «defesa individual», «marcação homem-a-homem», «defesa homem-a-homem», «marcação ao homem», «defesa ao homem», outras nem tanto, como “método individual” (Castelo, 1996) ou “marcação individual nominal” (Pacheco, 2001).

Para a caracterizar um pouco melhor, revela-se oportuno recorrer a Castelo (1996) e Pereni e Di Cesare (1998).

Castelo (1996) caracteriza o “método individual” do seguinte modo: i) “é a lei do **um contra um**”; ii) “cada atacante é marcado por um defesa que o importuna sem cessar, evitando que este receba a bola sob quaisquer circunstâncias (...)”; iii) “fundamenta-se na **igualdade numérica** a todo o momento, evidenciando uma maior agressividade quando a acção se aproxima da baliza”; iv) “**responsabilidade individual** ao mais alto grau”; e v) “é uma organização cuja **capacidade física é fundamental**”.

Pereni e Di Cesare (1998) sintetizam a “defesa individual” da seguinte forma: i) baseia-se na «marcação homem-a-homem»; ii) cada defesa tem total responsabilidade por um adversário em particular, tendo que o ter sob controlo a todo o momento; iii) **a posição do defesa depende estritamente da posição do adversário** pelo qual é responsável; e iv) permite-se, assim, que a equipa adversária **conduza o jogo e tenha a iniciativa**.

Existe, porém, quem vá um pouco mais além do que o tradicionalmente aceite...

Para Bangsbo e Peitersen (2002), o princípio que está inerente à “marcação ao homem” é também que, durante toda uma situação de defesa, cada jogador «marca» um único adversário. Consideram, contudo, duas formas distintas de «marcar ao homem»: a “defesa fixa ao homem” e a “defesa ao homem orientada à zona”. Na primeira situação, cada um dos jogadores «marca» durante todo o jogo o mesmo adversário. Na segunda situação, cada jogador «marca» o adversário que mais próximo dele se encontra no momento da perda da bola. Qualquer que seja a situação, acrescentam, cada jogador, imediatamente após a perda da bola, tem de procurar o adversário pelo qual é responsável. Se a equipa jogar num estilo de defesa expectante, os jogadores deverão recuar no terreno e esperar pelos seus adversários.

Bangsbo e Peitersen (2002) explicam ainda como devem os jogadores responder a uma situação em que um jogador é ultrapassado pelo adversário em posse da bola. Segundo os autores, num caso destes, um dos companheiros mais próximos tem que abandonar a sua

posição de «marcação» [o seu adversário] e tentar «marcar» o adversário que passou a estar livre. Em alternativa, ressalvam, pode ser o defesa livre [o líbero] a fazê-lo.

Nós ousaríamos ir ainda mais longe, pois, se estamos em crer que esta forma de «defender homem-a-homem», onde os dez jogadores perseguem os seus adversários por todo o campo, é cada vez menos frequente no futebol profissional, também acreditamos convictamente que muitas são as equipas (em Portugal a quase totalidade!!) que continuam a «defender homem-a-homem». Passamos a explicar...

Para nós, uma situação na qual os jogadores procuram manter as suas posições na estrutura (sistema), mas onde têm como grande referência defensiva os seus adversários directos, não deixa de se traduzir num «jogo de pares» onde vigora a «lei do um contra um». **A referência adversário directo é, simultaneamente, a grande «referência de posicionamento» e a única «referência-alvo» de «marcação»**, tratando-se, pois, de uma «defesa homem-a-homem». Não será demais lembrar que, por «adversário directo», entendemos o adversário que está/entra no raio de acção (na zona de intervenção) de um dado jogador decorrente do sistema adoptado pela equipa. No fundo, trata-se do adversário que mais próximo se encontra de cada defesa.

Sabemos que, para muitos, esta forma de defender por nós referenciada é entendida como «defender à zona» (isso foi bem visível no ponto anterior), **no entanto, se atendermos** às dimensões do terreno de jogo (mesmo considerando apenas o meio campo defensivo), **constatamos que** o raio de acção de cada jogador corresponde a uma quantidade de espaço considerável, espaço esse que acaba por ser sistematicamente descurado em virtude da grande preocupação que o adversário directo representa. E, como quando se «defende homem-a-homem», o importante é o homem e não o espaço, parece-nos correcta a nossa perspectiva.

Quanto à tradicional «defesa homem-a-homem», julgamos ser mais adequado falar em «defesa individual» (ou «marcação individual»), a qual mais não é do que um exacerbar da «nossa» «defesa homem-a-homem». E se é verdade que, actualmente, esta forma de organização raramente é posta em prática pela totalidade da equipa, também o é que, muito frequentemente (pelo menos em Portugal), vemos um, dois, três jogadores, a «marcar individualmente» determinados jogadores adversários (normalmente os mais criativos).

A ser assim, ainda que diferentes na prática, tanto a «defesa homem-a-homem» como a «defesa individual» **acentam**, fundamentalmente, em **acções de «marcação» a jogadores adversários** (é aí que a ênfase é colocada). O fecho de espaços importantes colectivamente coordenado é simplesmente ignorado. **Dá-se assim preferência a referências defensivas individuais** em detrimento de colectivas.

É nossa firme convicção que é **nesta mescla** de «marcações homem-a-homem» com «marcações individuais» que a quase totalidade das equipas portuguesas, desde a formação ao futebol profissional, procuram obter a tão desejada eficácia defensiva.

2.2. A imprescindibilidade de se «jogar» com o «número», o «espaço» e o «tempo»

2.2.1. Algumas considerações iniciais

Como todos sabemos, o número de jogadores em campo está, à partida, perfeitamente regulamentado pelas leis do jogo. Assim, na impossibilidade de se conseguir “uma preponderância absoluta, resta-nos tentar assegurar a possibilidade de uma preponderância relativa nas situações decisivas, graças a uma judiciosa e sistemática utilização dos jogadores”. A **criação de superioridade numérica** nas zonas circundantes ao centro do jogo, ou nas zonas para onde a bola é enviada, é assim “uma condição que contribui para a resolução técnico-táctica das situações momentâneas de jogo” (Castelo, 1994).

Porém, **equivocar-nos-íamos profundamente** se a tomássemos por uma condição por si só imprescindível, na medida em que “a sua importância depende das circunstâncias concomitantes, ou seja, **no contexto de um certo espaço e num certo tempo de jogo**” (Castelo, 1994). Tal como refere Queiroz (2003b), “o número de jogadores em cada acção é um elemento, mas também há que ter em conta os elementos do espaço e do tempo”.

Se tivermos em conta as grandes dimensões da superfície de jogo, facilmente percebemos que **não é possível** uma ocupação total da mesma. Nesta medida, “a eficiência das acções individuais e colectivas de uma equipa, tanto em processo ofensivo como em processo defensivo depende largamente da selecção e deslocamento dos jogadores para os **espaços de jogo correctos**, criando ou restringindo, sempre em função da adaptação à variabilidade das situações tácticas presentes” (Castelo, 1994).

Portanto, “o problema do espaço é fundamental na resposta à variabilidade das situações momentâneas de jogo (...). Quando uma equipa se encontra de posse de bola, a eficiência de execução das suas acções individuais e colectivas para a persecução dos objectivos do ataque passa inevitavelmente pela criação e exploração dos espaços livres, enquanto para a equipa **sem a posse de bola**, a eficiência das suas acções individuais e colectivas passa pelo objectivo de **restringir e vigiar os espaços vitais de jogo**”. Assim, poder-se-á dizer que “toda a dinâmica da execução técnico-táctica individual e colectiva que a lógica do jogo em si encerra, são focalizadas e canalizadas neste elemento estrutural” (Castelo, 1994).

Por outro lado, a resolução eficaz de qualquer situação de jogo é consequência de dois parâmetros fundamentais: a rapidez com que se encontra a solução para o problema e a sua

adequação a essa mesma situação (Mahlo, 1966, cit. por Castelo, 1994). No entanto, “a rapidez e a adequação são duas qualidades que interagem em sentidos inversos”, ou seja, “quanto mais tempo os jogadores tiverem para perceberem, analisarem e executarem as suas acções técnico-táticas, menor será a possibilidade de estes cometerem erros (...)” (Castelo, 1994).

Existe assim “(...) a necessidade de encontrar um certo tempo de análise/execução técnico-tática, tentando continuamente criar as condições mais favoráveis para conseguir os objectivos táticos da equipa, tanto no ataque como na defesa” (Pino Ortega, 2000).

Note-se, todavia, que “as noções de espaço e tempo estão estreitamente relacionadas. **Restringir o espaço** disponível para jogar **significa diminuir o tempo** para agir e, nessa medida, o jogo consiste numa luta incessante pelo tempo e pelo espaço” (Garganta, 1997). Mais, “em qualquer situação momentânea de jogo observa-se a **conjugação constante do número, do espaço, e do tempo** (...)” (Castelo, 1994). Por exemplo, ao reduzirmos o espaço de jogo (o espaço físico, a superfície de jogo) ao adversário, estamos, também, a reduzir-lhe o tempo de jogo e, para o conseguirmos, temos que nos deslocar como equipa para as zonas próximas da bola para aí conseguirmos superioridade numérica. É necessário salvaguardar, porém, que um jogador, pela sua qualidade tático-técnica e criatividade, pode «encontrar» tempo «noutros» espaços que não o físico, na medida em que o Espaço não tem só **área**, mas também **volume**.

Importa também perceber que, na prática, “o jogador [e a equipa] umas vezes encontra melhores soluções nas relações espaciais, outras vezes encontra melhores soluções nas relações de tempo e, outras vezes, encontra-as nas relações numéricas”. Assim, a vantagem conseguida numa dada situação pode resultar de superioridade numérica, de superioridade posicional, de superioridade temporal ou da resultante da combinação e harmonia destes aspectos conjugados com o “factor técnico individual do jogador” (Queiroz, 2003b).

Antes de terminar, gostaríamos de sublinhar que, quanto a nós, Queiroz, ao referir-se ao “factor técnico individual do jogador”, quer-se reportar à capacidade individual de cada jogador. Porém, essa capacidade individual não se esgota na «técnica», porque a «**técnica**» **não existe no vazio**, isto é, qualquer execução técnica **tem subjacente uma intenção tática** (que é coordenadora). Daí que, na nossa opinião, seja mais correcto falar em capacidade tático-técnica individual.

Fazemos aqui um pequeno parêntesis para discutir a validade de alguns pormenores que nos parecem «pormenores», ainda que, face à complexidade das temáticas em questão, não

seja nossa pretensão esgotar aqui as mesmas, tanto mais que, com isso, estaríamos a fugir ao âmbito deste trabalho.

Para nós, o dizer-se que a resolução eficaz de uma dada situação de jogo é consequência da **rapidez** com que se encontra a solução e da **adequação** desta à mesma, é uma abstracção que leva, muitas vezes, a uma «vertigem» pela velocidade. Porquê? Porque, na prática, um jogador «perder tempo» pode significar «ganhar tempo» para a equipa (ou mesmo para si próprio). Por exemplo, **para o jogo colectivo da equipa pode ser tão importante** o jogador em posse de bola dar de primeira para «rapidamente» o colega virar o jogo, como fazer uma simulação, seguida de uma finta («perder tempo»), para a equipa se posicionar correctamente e assim ter melhor capacidade de resposta face a essa mudança de flanco («ganhar tempo»). Ou seja, **por vezes é necessário «dilatar» o tempo para chegar à adequação**. Outro exemplo: o Zidane faz coisas que mais nenhum jogador faz (teoricamente, muitas vezes «perde tempo»), mas com isso não perde eficácia, bem pelo contrário. Com ele, **o jogo da equipa perde «velocidade», mas ganha adequação**.

Portanto, falar aqui em rapidez parece correcto num plano «teórico» (abstracto?), mas, quando passamos à prática, verificamos que a realidade é muito mais complexa e que isso nem sempre é verdade. E se nem sempre é verdade, a teoria não pode generalizar, porque ao fazê-lo **está a abstractizar**, o mesmo é dizer, **a construir «falsas-verdades» e a «esterilizar» o jogo**.

Por outro lado, temos de ter presente que o jogo não é algo «exterior» aos jogadores, isto é, não existe jogo sem jogadores, nem jogadores sem jogo. Não existe esta dicotomia sujeito (jogador) / objecto (jogo). Portanto, falar-se em **tempo para os jogadores perceberem, analisarem e executarem as suas acções** (ou em tempo para encontrar a solução) é também abstractizar o jogo, como que se de um «filme-que-passa-diante-dos-jogadores» se tratasse. **A gestão do instante** (do imediato, do momento, do «aqui e agora») **é um problema em que o jogador está permanentemente implicado** e, nesta medida, tal como refere Frade (2004), “o presente tem vários futuros possíveis”. Mas podemos ir ainda mais longe e dizer que, à medida que o presente vai «avançando» no tempo, alguns futuros, que eram uma possibilidade, deixam de o ser e outros, que não o eram, passam a sê-lo. Parece ser neste contexto que Frade (2002) fala em «mecanismos não mecânicos» e realça a importância e a riqueza da ordem (a organização colectiva) permitir (e contribuir para) o surgir do detalhe (a qualidade técnica e a «visão de jogo» do Zidane, por exemplo).

Neste contexto, consideramos relevante referir algumas implicações práticas do que acaba de ser exposto.

Uma já a referimos, é a «**vertigem**» **pela velocidade**, que leva a que se queira fazer tudo «à pressa», quando nesta modalidade é tão importante correr como parar, acelerar como travar, antecipar como esperar. Outra é, por exemplo, abusar nos treinos da condicionante «jogar a dois toques» (que acaba também por estar directamente relacionada com a anterior), pois leva a que a gestão do instante por parte do(s) jogador(es) seja mais «mecânica» que «não mecânica» (tende a tornar linear o que não o é). Se o que se pretende é que os jogadores tomem decisões rápidas (limitar o número de toques tem, normalmente, como intenção levar os jogadores a «ler» rapidamente o jogo), porque não colocá-los, por exemplo na formação, a jogar sem coletes a identificar as equipas, contexto de propensão igualmente válido (porque os obriga a «observar» o jogo), **mas que não lhes retira** capacidade de intervenção sobre o imediato.

Fundamentalmente, acreditamos convictamente que é urgente perceber que não é a prática que decorre da teoria. **A prática pré-existe à teorização**. E, se assim é, a lógica só pode ser **teorizar a prática**, isto é, partir da prática para chegar a teorias.

Para terminar, sublinhamos que, ainda que não seja intencional, a forma como se dizem determinadas coisas leva a que, na maioria das vezes, **não se apreenda** toda a complexidade que o jogo em si encerra. Depois, quem sofre é a qualidade do jogo, tal a quantidade de **tecnocratas** que, inconscientemente, mais não fazem que o empobrecer.

2.2.2. «CAMPO GRANDE» a atacar e «CAMPO PEQUENO» a defender

"No futebol, a ocupação racional dos espaços é fundamental, assim como a profundidade e a largura do jogo."
(Mourinho, 2004)

Para Garganta (1997), numa partida de futebol, ainda que o quadro do jogo seja organizado e conhecido, o seu conteúdo é sempre surpreendente, imprevisível, incerto e aleatório. Com efeito, "o futebol é o desporto de situação por excelência, dado que tende a criar situações novas continuamente, dando lugar a um estado constante de imprevisibilidade (...)" (Caneda Pérez, 1999).

Neste contexto, as dimensões do terreno de jogo constituem uma das poucas certezas do jogo. Porém, também estas podem ser «modificadas» por uma ocupação inteligente do mesmo (Caneda Pérez, 1999). E, como vimos, se «alteramos» o espaço de jogo, «alteramos» igualmente o tempo de jogo.

Assim, Frade (2002) diz-nos que “uma equipa, **quando ataca**, deve procurar «clarear» o jogo, deve procurar fazer «campo grande», ocupando corredores e dando profundidade e largura ao jogo”. Também Terrazas Sánchez (2002) refere que “para atacar correctamente o fundamental é ter espaço, por isso a equipa deve abrir o espaço, abrir o campo para jogar”. Trata-se, no fundo, de uma tentativa de aumentar as distâncias entre os jogadores adversários, para que existam mais espaços [e, conseqüentemente, mais tempo] para desenvolver as acções ofensivas (Marziali e Mora, 1997).

A este propósito, Valdano (1998b), num artigo intitulado “Notas finais sobre o Mundial” [de França], escreve o seguinte: “**Alargar o relvado. As equipas que tentaram jogar (...) ocuparam toda a largura do relvado** como há muitos anos não sucedia. Alguns com extremos, tipo Overmars, outros com médios como Henry, outros com homens de corredor, tipo Jarni, ou até com defesas laterais como Roberto Carlos. Ou estacionados à frente ou chegando de trás. A verdade é que as faixas laterais estiveram ocupadas e isso permitiu dar **amplitude** às tentativas de ataque. **Sem isso as jogadas asfixiam**. Os que colocam nove homens atrás da linha da bola e dão pontapés compridos na direcção dos dois excursionistas que deixam na frente não têm esse problema, **mas aqueles que tentam jogar já perceberam que** os acessos à área estão menos congestionados por fora”.

Um exemplo prático é-nos dado por Mourinho aquando da sua passagem por Barcelona. Referindo-se ao modelo de jogo de Van Gaal, Mourinho (1999a) indica alguns dos grandes princípios relativos à organização ofensiva: pretendendo tornar o campo grande numa **primeira fase de construção**, “queremos os laterais abertos e em profundidade, (...) os dois centrais mais ou menos na direcção das paralelas da área e o mais perto possível da nossa baliza, (...) extremos abertos e o mais profundo possível, (...) ponta de lança em ponta realmente e tentando arrastar a defensiva adversária, o mais longe possível para criar o maior espaço possível para aqueles que são os nossos jogadores mais criativos, (...) o triângulo do meio campo”. Numa **segunda fase**, explica, os extremos “podem partir dessa posição de campo grande e dessa posição exterior indo à procura de posições interiores que são as posições que nós chamamos «entre as linhas»”.

Mourinho (1999a) salienta ainda que, **se a equipa não conseguisse fazer esse «campo grande», a criação de espaços era completamente impossível** de fazer e estaria a limitar muitíssimo os espaços entre linhas, espaços onde tanto o triângulo do meio campo como os dois extremos eram realmente fortíssimos.

Numa lógica inversa, **quando defende**, “a equipa deve fazer «campo pequeno», deve procurar «escurecer» o **jogo**, reduzindo o espaço de jogo à equipa adversária. A ideia é ter os **sectores próximos** entre si e conseguir **superioridade numérica** junto à bola” (Frade, 2002).

Na mesma linha de pensamento, Bangsbo e Peitersen (2002) afirmam que “uma equipa com um bom funcionamento comporta-se como uma unidade compacta na hora de defender”. Dessa forma, acrescentam, é possível pressionar rapidamente o portador da bola, conseguir um apoio mútuo entre os jogadores e concentrar vários jogadores nas proximidades da bola.

Não nos admira, pois, o modo como Mourinho (2002d) concebe o seu «jogar bem»: “Gosto que a minha equipa seja uma equipa com posse de bola, que a faça circular, que tenha muito bom jogo posicional e que os jogadores saibam claramente como se posicionam. Aliado a isso, defender bem e ter qualidade individual (...) também são factores cruciais. Um **bom posicionamento defensivo enquanto equipa**, formando um **bloco compacto** que possa jogar com as **linhas muito juntas** é outra característica das minhas equipas (...)”.

Está assim criado, num plano teórico, um conflito de intenções: o ataque (a organização ofensiva), para tentar superar a defesa (a organização defensiva adversária), deve procurar fazer «campo grande» e assim criar espaço e tempo para realizar as suas acções táctico-técnicas; a defesa, para dificultar o ataque, deve procurar fazer «campo pequeno», criando superioridade numérica junto à bola e reduzindo-lhe o espaço e o tempo no jogo. No fundo, é a tal luta incessante pelo espaço e pelo tempo que Garganta (1997) referia.

Não queremos deixar de sublinhar que, para nós, não chega reconhecer a importância de se fazer «campo grande» a atacar e «campo pequeno» a defender. É preciso, depois, que estas duas intenções se constituam como **princípios de jogo**, os quais só se manifestarão como regularidades do jogo da equipa quando devidamente treinados e apreendidos pela mesma.

Importa ainda perceber que o **onde**, o **como** e o **quando** fazer «campo grande» e «campo pequeno» **será diverso** de equipa para equipa, **em função** da ideia para o jogo (que é única) de cada treinador.

2.2.3. «DEFESA HOMEM-A-HOMEM» versus «DEFESA À ZONA»

“Quem marca ao homem corre por onde o rival quer. Essa caçada tem por fim capturar um inimigo, mas o meio usado converte o marcador em prisioneiro. É o adversário quem dispõe do esforço e do espaço: «Tu segues-me, mas vais para onde eu quero.»

(Valdano, 2002)

No ponto 2.2.1. tentámos realçar a necessidade de se perspectivar toda a organização de jogo de uma equipa a partir de três elementos centrais: o «número» (de jogadores), o «espaço» e o «tempo». Nesse contexto, no ponto 2.2.2. procurámos evidenciar duas noções – as noções de «campo grande» e «campo pequeno» – que, acreditamos, podem dar resposta a essa necessidade.

Tentaremos agora perceber qual a adequação da «defesa à zona» e da «defesa homem-a-homem» face a essa intenção de se fazer «campo pequeno» a defender.

Como vimos, parecem existir diferenças muito significativas entre a «defesa à zona» e a «defesa homem-a-homem». Se na primeira temos como grande «referência-alvo» de «marcação» os espaços considerados valiosos, na segunda temos os adversários directos. Quanto à «defesa individual», parece tratar-se, no fundo, de um exacerbar da lógica subjacente à «defesa homem-a-homem», sendo muitas vezes a referência adversário directo substituída pela referência «adversário-atribuído-pelo-treinador».

A ser assim, levantamos uma **questão**: se na «defesa homem-a-homem» o adversário directo é a grande referência defensiva de posicionamento e «marcação», como fazer «campo pequeno» quando os adversários estão, à partida, em «campo grande»? Por outras palavras, como podem os jogadores adversários defender próximos entre si, se as suas referências defensivas (os jogadores da equipa que ataca) procuram ocupar os corredores e dar profundidade e amplitude ao jogo? Parece-nos difícil. Lembramos que o objectivo de fazer «campo grande» é aumentar as distâncias entre os jogadores adversários e, de facto, a lógica de funcionamento da «defesa homem-a-homem» parece não o contrariar (como seria suposto). Bem pelo contrário!

Como já foi dado a perceber, “qualquer que seja o sistema de jogo adoptado por uma equipa, a relação geométrica implícita desse sistema, não permite ocupar, restringir e vigiar o espaço total de jogo”, havendo assim “a necessidade de se optar consciente e adaptadamente pelos espaços mais importantes à persecução dos objectivos do ataque adversário”. Torna-se assim evidente, em termos de organização defensiva, a importância da “coerência de movimentação da equipa e a ocupação racional do espaço de jogo” (Castelo, 1996).

Porém, se essas parecem ser as ideias basilares da «defesa à zona», uma vez que a grande preocupação é «fechar como equipa» os espaços de jogo mais valiosos, o mesmo não podemos dizer da «defesa homem-a-homem», pois aí as referências defensivas são individuais e os espaços são esquecidos. Ou seja, caracterizando-se essa forma de organização defensiva por uma soma de acções individuais não coordenadas colectivamente e apenas referenciadas a adversários (o tal «jogo de pares» onde a equipa procura «encaixar» no adversário), nem a coerência de movimentação da equipa, nem a ocupação racional do espaço de jogo nos parecem possíveis.

Como constatámos no ponto anterior, para Mourinho (2002d), em termos de **organização defensiva**, é fundamental “um bom posicionamento defensivo enquanto equipa, formando um **bloco compacto** que possa jogar com as **linhas muito juntas (...)**”. Porém, também o é “(...) haver uma **boa capacidade de recuperação [defensiva] em função da posição da bola**” e “(...) **nunca perder o controlo do espaço (...)**” (Mourinho, 2002a), intenções que se afastam claramente da ideia que está subjacente à «defesa homem-a-homem» e «individual».

E se dúvidas houvesse sobre o facto do F.C. Porto de Mourinho «defender à zona», Jorge Barbosa (2002a), jornalista do jornal «A Bola», ajudar-nos-ia a esclarecê-las: “A receita desta equipa do F. C. Porto é a receita para todos os tempos: **defesa à zona**, bom trato de bola, e atitude atacante. (...) A equipa voltou a defender à zona, **a pressão foi sempre exercida sobre a bola** e não sobre os jogadores (...). Torna-se também evidente (...) que o que Mourinho pretende é, no fundo, (...) **que o campo se torne pequeno** quando o adversário tem a bola (...)”.

Como veremos nos parágrafos que se seguem, não somos os únicos a pensar desta forma. Todavia, importa salientar que os autores que serão referenciados poderão referir-se à «nossa» «defesa individual» quando falam em «marcação homem-a-homem». No entanto, tal não nos parece constituir problema, pois, ainda que exacerbadas, estamos em crer que as desvantagens da «defesa individual» são as desvantagens da «defesa homem-a-homem».

Segundo Mel Pérez (2002), todas as equipas que fazem «marcação homem-a-homem» facilitam o trabalho ofensivo da equipa adversária, uma vez que deixam muito mais espaço livre [logo, também muito mais tempo]. A movimentação do jogador que está «marcado» cria uma série de espaços que podem ser aproveitados pelos companheiros, explica.

Na mesma linha de pensamento, Sánchez Martín (2002) refere que, do seu ponto de vista, joga-se melhor ofensivamente contra equipas que façam «marcação homem-a-homem», na medida em que isso nos permite levar os jogadores adversários para zonas que nos interessam e assim criar espaços livres. Afirma também que, com essa forma de organização defensiva, estamos a dar uma vantagem à equipa adversária, pois em vez de sermos nós a repartirmos os espaços, é o adversário que os reparte a seu gosto.

A ser assim, não é de estranhar que Ferrari (2001), referindo-se ao necessário **equilíbrio que a organização defensiva deve evidenciar**, sublinhe que a «marcação homem-a-homem» pode levar a que a equipa o perca. Por isso, para o autor, cobrir os espaços é muito mais importante do que «marcar» os jogadores adversários. É preferível manter o equilíbrio defensivo e a cobertura recíproca que perseguir na «marcação» um adversário. Talvez porque, como já referimos, **perseguir** é perder de vista a referência bola, comprometer os escalonamentos e as coberturas e, desse modo, colocar em risco a coesão defensiva. Tal como salienta Ferrari (2001), fundamentalmente, quando se defende, há que **“ter consciência dos riscos e das prioridades”**.

Nesta medida, concordamos inteiramente com Preciado Rebolledo (2002) quando afirma que “a marcação ao homem é muito mais simples de superar que uma boa estrutura zonal”.

De acordo com Padovan (1995), pensar na «defesa à zona», entendida como um **“sistema de apoio recíproco”** [o nosso «sistema de coberturas sucessivas»], “implica uma evolução mental, não o instintivo assalto ao adversário ou o primitivo reclamar da bola, mas a racionalização mais ampla da relação espaço-temporal em cujo interior se movem mais componentes: os companheiros, antes de nada; depois a bola, e no final, o adversário”. Apenas não concordamos que sejam os companheiros as primeiras «referências de posicionamento», uma vez que essa coordenação dos jogadores depende, também ela, da referência bola.

Também Víctor Fernández (1999) afirma que o conceito «zona» é aquele que resolve da maneira mais racional **as duas chaves tácticas do jogo** de futebol: o domínio dos espaços e dos tempos.

Para Valdano (1999), “(...) se falamos de **espaços** o futebol é um **problema geográfico** que dá vantagem a quem os ocupa de um modo mais inteligente”. Segundo o mesmo autor, ainda que este seja um jogo opinável onde só o resultado é indiscutível, há verdades que por

vezes perdem, mas que também são indiscutíveis, por isso, “no futebol a grandeza só é possível com o respeito pela zona”.

Valdano (2002) sublinha ainda que as equipas ordenadas à «zona» repartem de forma racional o **espaço** e o **esforço**. Nesta medida, ficamos com a ideia de que a «defesa à zona» se trata de uma forma de organização defensiva mais económica em termos energéticos quando comparada com a «defesa homem-a-homem» ou «individual». E, tal como salienta Menotti (1980), existindo uma distribuição do espaço e do esforço, tudo é válido no seio da equipa; sem isso, nada serve.

Menotti (s.d.) afirma também que, no futebol, é possível desequilibrar a equipa adversária de duas formas: através da habilidade ou através da superioridade numérica. Respeitando esses princípios, quando a sua equipa defende trata de anular a habilidade do adversário **reduzindo-lhe os espaços**.

Esta não é, contudo, a forma mais frequente de se pensar no futebol português. Como já referimos, é normal vermos um, dois, três jogadores, a «marcar individualmente» os jogadores adversários mais criativos. Mas tomemos atenção às palavras de Maradona (2001), um dos jogadores mais criativos e talentosos que a história do futebol conheceu: “(...) com os anos, percebi que gostava mais que me marcassem homem a homem porque me livrava facilmente deles, e ficava sozinho. Pelo contrário, na marcação à zona era mais complicado”. Provavelmente porque dessa forma tinha menos espaço e tempo para dispor da sua criatividade e contava com uma equipa coesa pela frente. E se para o Maradona era difícil superar uma «defesa zonal», imagine-se para jogadores como Deco, João Pinto, Pedro Barbosa ou Simão, talentosos é verdade, mas de outra dimensão. Então porquê esta insistência nas «marcações individuais»?...

Não podemos deixar de sublinhar, todavia, que, **muito frequentemente**, treinadores, jornalistas e comentadores desportivos associam o facto das equipas conseguirem ser compactas a defender a uma boa organização defensiva. Até certo ponto, não deixa de ser verdade que muitas equipas conseguem ser compactas a defender, mas isso resulta, na maioria das vezes, do simples (e fácil) agrupamento de jogadores nas imediações da grande-área. E, como já o afirmámos, para nós, **isso não é organizar** defensivamente a equipa, na medida em que não existem princípios que estruturam de forma sólida e coerente o funcionamento defensivo colectivo. Ou seja, ainda que compactas, as equipas não deixam de ser

desorganizadas a defender, com todas as consequências que daí podem advir (não só em termos defensivos, suspeitamos). Para além disso, e também como já referimos, acreditamos que a compactidade é apenas uma das várias «propriedades» que, em conjunto, dotam o colectivo da desejada coesão defensiva.

Assim, concordamos com Lillo (s.d., cit. por Fernández, 2003) quando este refere que “(...) a defesa ordena-se mais por massificação [aglomeração] que por conceito. Equivoca-se o defender bem com defender com muita gente”. Esquece-se que a **qualidade** é muito mais importante do que a quantidade (Menotti, 1980).

A este propósito, atente-se nas palavras de Mourinho (s.d., cit. por Lourenço, 2003) quando assumiu o comando técnico da União de Leiria: “Temos de **defender bem**, como foi o caso da época passada, **mas com menos gente**, temos de ser mais dominadores e menos dominados, temos de (...) jogar menos em contra-ataque e mais em ataque continuado e temos de marcar mais golos”.

Repare-se ainda no que diz Lillo (s.d., cit. por Fernández, 2003) sobre a tendência actual das equipas defenderem junto das suas balizas: “Isto deve-se a um **falso sentido de segurança**, é muito difícil fazer crer às pessoas que quanto mais se afastar do ponto de defesa, melhor se está defendendo”.

Para concluir este ponto, interessa voltar a citar Castelo (1996). Segundo o autor, qualquer que seja a forma de organização defensiva que se pretenda colocar em prática, ela deve fundamentalmente permitir: i) assegurar “a **constante estabilidade da organização** da defesa (...)”; ii) “**criar constantes condições desfavoráveis** aos atacantes, em termos de tempo, espaço e número nas situações momentâneas de jogo, para a concretização dos objectivos do processo defensivo”; e iii) “**direccionar os comportamentos** técnico-tácticos dos jogadores adversários para fora dos caminhos da baliza, ou seja, levá-los para espaços de jogo menos perigosos” [e que permitam recuperar mais facilmente a bola].

Como pudemos constatar, achamos difícil que este protocolo de intenções tácticas defensivas seja possível de cumprir com uma «defesa homem-a-homem» ou «individual». Para o ser, **a equipa tem que estar** o menos dependente possível das acções adversárias. Ao libertar os jogadores da perseguição a adversários e de possíveis logros, **a «defesa à zona»** parece-nos assim a única forma de organização defensiva que nos pode garantir constante superioridade posicional, temporal e numérica nos espaços vitais de jogo. Atrevemos-nos mesmo a dizer que a

um «jogar em reacção» da «defesa homem-a-homem» opõe-se um «jogar em acção» da «defesa à zona». E talvez seja esta uma das razões que levam Menotti (s.d., cit. por Valdano, 2002) a afirmar que “a zona é liberdade”.

2.2.4. Sobre o concretizar de uma intenção (o como fazer «campo pequeno»)

A intenção que está subjacente à ideia de fazer «campo pequeno» é, como vimos, conseguir **permanente superioridade numérica nas zonas próximas da bola** e, dessa forma, colocar a equipa adversária sob **constante constrangimento espaço-temporal**. Vimos também que a «defesa à zona» parece ser a única forma de organização defensiva que responde de forma plena, coerente e eficaz a esse propósito.

Importa agora tentar perceber quais os «mecanismos» que, quando devidamente treinados e apreendidos, permitem a uma equipa concretizar tal intenção.

Quando falamos em **redução de espaços**, temos de ter presente que essa redução deve ser feita tanto à largura do campo (estreitando-o), como em profundidade (encurtando-o).

De acordo com López López (2003), para se reduzirem espaços em largura, os jogadores [a equipa] devem bascular em função da posição da bola para gerar vantagem numérica nos espaços próximos da mesma e assim favorecer as coberturas, não deixando de manter vigilância sobre os espaços afastados da bola. É assim necessária “a diferenciação entre zona activa [o «lado forte»] e zona passiva [o «lado fraco»]” (Caneda Pérez, 1999).

Portanto, **o princípio de basculação defensiva**, fundamento essencial da «defesa à zona», permite-nos diminuir o espaço à largura e dá-nos a possibilidade de ter superioridade numérica junto à bola (Yagüe Cabezón, 2001). Tal como refere Perez García (2002), para se ter uma boa «organização zonal» toda a equipa tem que se mover como tal para a zona onde está a bola, sendo isso que vai possibilitar a existência de coberturas e ajudas permanentes.

Paralelamente, as linhas que se encontram atrás da posição da bola (incluindo o guarda-redes) devem reduzir os espaços entre si para provocar uma grande densidade defensiva que dificulte a progressão do jogo ofensivo adversário e favoreça a recuperação da bola (López López, 2003).

Muito provavelmente, esta é uma das razões pelas quais Cruyff (1985, cit. por Barend e Van Dorp, 1999) afirma que **o aspecto mais importante no futebol são as linhas**. Se elas não

se movimentarem correctamente, a equipa nunca consegue ter um bom posicionamento em campo, diz.

Para Cruyff (2002), “tudo é uma questão de linhas” e enquanto elas aguentarem o espaço entre si, a equipa mantém-se equilibrada. Mais, no futebol, a distância máxima a percorrer por um jogador deveria ser dez metros. Quem era o homem mais defensivo no Barcelona? O Romário. Porquê? Porque o Romário só tinha uma tarefa defensiva: que o guarda-redes tivesse de lançar a bola do lugar onde a tinha agarrado. Ele tinha de pressionar o guarda-redes de forma a permitir que a defesa avançasse dez metros. Se estivesse a dormir, a lamentar-se ou a queixar-se do árbitro e perdesse a concentração, permitia que o guarda-redes subisse até ao limite da grande-área e toda a equipa tinha de recuar. Se, por outro lado, ele estivesse concentrado e pressionasse o guarda-redes, isso permitia que a equipa ganhasse um espaço importantíssimo, na medida em que o espaço se reduzia e as linhas se voltavam a juntar.

Concordamos assim com Bangsbo e Peitersen (2002) quando referem que o **deslocamento das linhas deve** aparentar uma “unidade elástica” onde o movimento de uma atrai consigo as restantes. A tal ponto que os jogadores devem ter a sensação de que estão unidos entre si por uma cinta elástica. No fundo, dizem, trata-se de **a equipa** actuar como uma “unidade compacta” ao deslocar-se sobre o terreno de jogo.

Do parágrafo anterior resulta uma dúvida: Como coordenar esta “unidade compacta”? Será responsabilidade de um jogador específico? Concordamos com Frade (2002) quando afirma que a «defesa à zona» “é um bloco e não é um jogador que a coordena. **É a equipa que responde a situações que estão a acontecer**, situações essas que todos os jogadores têm que identificar (o que requer treino)”. Ou seja, acreditamos que se tratam de respostas colectivas a sinais (ou indicadores), sinais esses que, quando devidamente identificados, levam a que a equipa actue como um «todo». O mesmo autor dá-nos um exemplo: “Quando a equipa adversária faz um **passe para trás, a equipa sobe**; quando faz um **passe para o lado, a equipa sobe**; quando um jogador **adversário recebe um passe de costas, a equipa sobe**”.

Neste contexto, a regra do fora-de-jogo é, do ponto de vista táctico, determinante, na medida em que **a sua existência nos possibilita a gestão do espaço de jogo efectivo em profundidade**. Isto é, permite-nos diminuir a profundidade do processo ofensivo adversário e, portanto, dificultar a criação de espaços livres (Yagüe Cabezón, 2001).

Importa salientar, no entanto, que não se trata aqui de jogar com a **«armadilha»** do fora-de-jogo. **O objectivo** é manter a equipa compacta [as linhas próximas], ainda que algum

adversário possa acabar por cair nela (Yagüe Cabezón, 2001). Portanto, **uma coisa é reduzir espaços** à equipa adversária e **outra coisa é fazer o fora-de-jogo**, ainda que essa redução se baseie [também] na regra do fora-de-jogo (Preciado Rebolledo, 2002).

Resumindo, são as **acções de basculação defensiva** em conjunto com o **tirar partido da existência da regra** do fora-de-jogo que nos dão a possibilidade de fazer «campo pequeno» e, dessa forma, de condicionar a equipa adversária e mais facilmente recuperar a posse de bola.

2.2.5. A «ZONA PRESSIONANTE»

"A pressão deve exercer-se sobre a bola, não sobre o jogador."

(Cruyff, 2002)

"A doutrina da «zona» juntou-se (...) um novo método que, até hoje, caracteriza divinalmente a ideologia táctica dominadora: a chamada zona pressionante, que teve em Arrigo Sacchi, quando treinador do Milan, o seu principal mentor".

(Lobo, 2002)

Relacionado com a criação de superioridade numérica e o constrangimento espaço-temporal está também, para além da «defesa à zona», o *pressing*. Tentaremos mostrar neste ponto que, ao contrário do que muitas vezes se pensa, as intenções de «defender à zona» e de fazer *pressing* não são incompatíveis.

Habitualmente, defende-se que depois do *Futebol Total* da Holanda e do Ajax, as inovações tácticas no futebol deixaram de existir. Repare-se, a título de exemplo, nas palavras de Lobo (2003a): "Para a maioria dos analistas, não restam dúvidas de que a última revolução táctico-futebolística sucedeu nos anos 70 com o futebol total holandês. Mais do que no posicionamento dos jogadores em campo, a revolução apostava na dinâmica da táctica. No relvado, com marcação à zona, nenhum dos jogadores tinha posição fixa. O segredo estava na circulação de bola, com constantes mudanças de flanco, o célebre carrocel mágico, e no aproveitamento dos espaços vazios".

Valdano (1998a), porém, não tem bem essa opinião: "Creio que Sacchi, mais adiante, soube recorrer a uma coisa que já havia sido feita, a *zona*, incorporando nela o *pressing*. Assim, criou uma zona agressiva que provocou uma mudança importante". Refere-se à «*zona pressionante*» ou «*zona pressing*».

Concordamos com Valdano, pois se podemos aceitar que, em termos de organização ofensiva, a Holanda e o Ajax de Rinus Michels apresentaram a última grande «revolução táctica»

desta modalidade (ainda que o «Barça» de Cruyff apresentasse algumas inovações táticas relativamente a essas equipas), o mesmo não acontece no que respeita à **organização defensiva**. E porquê? Porque se é verdade que foi Michels quem pela primeira vez colocou em prática o *pressing* alto, não o é, quanto a nós, que esse *pressing* fosse feito «zonalmente».

Atente-se na explicação de Rinus Michels sobre a forma como a sua equipa deveria realizar esse *pressing*. De acordo com Michels (1981), assim que a sua equipa perdesse a posse de bola, cada jogador deveria rapidamente **aproximar-se** do adversário que estivesse **mais próximo** de si (na zona em que ele se encontrava provisoriamente) para o «marcar» [pressionar]. Isto deveria acontecer com cada um dos adversários de modo a que, quando a bola fosse dirigida para um deles, um jogador seu pudesse interceptar a bola e, de imediato, reiniciar as acções ofensivas. Para Michels (1981), esta tratava-se de uma «marcação à zona», e diferia da «marcação individual» feita na altura por muitas equipas, na medida em que nessa cada jogador tinha que «marcar» sempre o mesmo adversário.

Por tudo o que já foi referido, facilmente se percebe que a «marcação à zona» de Michels não é mais do que a nossa «defesa homem-a-homem». A inovação estava, entre outros aspectos para agora pouco relevantes, na substituição da referência «adversário-atribuído-pelo-treinador» pela referência adversário directo.

Goethals (1985, cit. por «Gazeta dos desportos», 07/06/1985) ajuda-nos a substanciar a nossa perspectiva: “A grande virtude dos holandeses não era a utilização das faixas, que isso já os ingleses faziam, mas sim a forma como caíam em cima do adversário quando perdiam a posse da bola. O que se chama de «pressing» foi primeiramente aplicado pelo Ajax, que não gostava de sofrer golos em contra-ataque e, por isso, decidiu marcar homem-a-homem todos os adversários”.

Portanto, fundamentalmente, interessa perceber que se é verdade que o conceito de «zona» é inalterável, também o é que com o tempo se foi produzindo uma revolução ao nível do seu ritmo e da sua intenção. A zona passiva, de retrocesso e espera, foi dando lugar a uma **zona agressiva** (Valdano, 2002), com a qual se procura impedir a construção do jogo adversário (Caneda Pérez, 1999).

Tanto Caneda Pérez (1999) como Valdano (2002) sublinham que, entre uma e outra ideia, a diferença está na defesa adiantada e na pressão. Porém, não concordamos que a defesa adiantada seja um requisito da «zona pressionante». Fala-se na defesa adiantada porque se associa a «zona pressionante» ao defender sobre a primeira fase da construção do jogo

adversário, no último terço do terreno. Mas então se uma equipa pretender recuar para o seu meio campo defensivo e começar a pressionar a partir do momento em que a bola aí entra, já não se trata de uma «zona pressionante»? Nós consideramos que sim, que ela pode ser posta em prática **onde e quando a equipa desejar**. A diferença está somente na pressão, isto é, na agressividade com que se atacam os espaços e o portador da bola para provocar o erro e assim recuperar a posse de bola.

No fundo, **aquilo que sobressai da intenção de se fazer uma «zona pressionante»** é a procura da bola, a procura do erro adversário para recuperar a bola, o mesmo é dizer, **o querer atacar**. Talvez seja esta uma das razões que levam Maturana (s.d., cit. por Valdano, 2002) a dizer que a «zona pressionante» “faz da defesa a arte de atacar”.

Como vimos logo no início deste ponto, o *pressing* pode ser feito «zonalmente», «homem-a-homem» ou «individualmente». A questão está apenas em saber qual a forma mais **vantajosa e eficaz** de o fazer.

Nesta medida, apresentamos de seguida um conjunto de perspectivas sobre o *pressing* que nos levam, directa ou indirectamente, até à «zona» e, nessa medida, até à «zona pressionante».

Segundo Bonizzoni (1988), o *pressing* é uma acção defensiva de opressão, exercida em particular sobre o **portador da bola**, de modo a retirar-lhe espaço e tempo para agir. Não é uma acção individual, mas de grupo ou **colectiva**.

Wanceulen Moreno (1995) define o *pressing* como uma acção colectiva na qual os jogadores da equipa que o pratica importunam sem cessar os jogadores da equipa adversária, em particular o portador da bola, limitando o seu espaço de acção e impedindo-o de actuar com tranquilidade, com a intenção fundamental de recuperar a posse de bola ou simplesmente evitar a progressão da equipa contrária. Para isso, salienta, é imprescindível conseguir um bloco **homogéneo e compacto**, mantendo distâncias escassas entre as diferentes linhas que compõem o conjunto, pois é difícil levar a cabo um *pressing* eficaz se existe uma grande distância entre elas. Acrescenta que nesta acção colectiva, todos os jogadores se devem deslocar para a zona da bola, **para dificultar todas as possibilidades de passe**.

Para Garganta (1997), as acções de *pressing* implicam “uma oposição activa, i.e., a **procura activa e rápida da posse de bola** em todo o terreno de jogo, criando **superioridade numérica junto do portador da bola**”.

De acordo com Marziali e Mora (1997), a pressão pode ser definida como o movimento da equipa no sentido de fechar os espaços junto ao jogador em posse da bola, reduzindo-lhe o tempo disponível de jogo.

Luis Aragones (1997, cit. por Yagüe Cabezón, 2001), considerado um dos «maestros» da pressão, defende que **“o rival sem bola é secundário: há que pressionar quem a tem e os seus companheiros ficarão em fora-de-jogo”**.

Para Pereni e Di Cesare (1998), o *pressing* é muito mais fácil de realizar com uma «defesa à zona».

Segundo Trapattoni (1999), a pressão é uma acção de grupo na qual todos os jogadores actuam ao mesmo tempo, não importa quão perto ou longe estão da bola. É, por isso, **“a melhor expressão da ideia de organização”**. Para o autor, a pressão deve ser aplicada, por um determinado número de jogadores, **sobre o portador da bola**, juntamente com a **ocupação dos espaços próximos**.

Mombaerts (2000) refere que a importância de recuperar a bola em posições adiantadas não requer explicação, tratando-se, sem dúvida alguma, da evolução que mais marcou o jogo. A **pressão** sobre o portador da bola e a **cobertura mútua** são as chaves desta defesa activa.

Para Yagüe Cabezón (2001), o emprego da «defesa à zona» é imprescindível “para configurar um contexto de jogo facilitador do *pressing*”.

Pidelaserra (2001) adverte que “não se pode conseguir fazer pressão ou *pressing* sem **redução de espaços** e **superioridade numérica**” e salienta que quem não tiver estas máximas em conta, não só não alcançará os seus objectivos, como desequilibrará de tal forma a equipa que se tornará muito vulnerável. “Sabemo-lo mas continuamos a aplicar mal este fundamento”, conclui.

Cruyff (2002) afirma que **“a pressão deve exercer-se sobre a bola, não sobre o jogador”**.

López López (2003) é da opinião que a «defesa à zona», através da qual dominamos os espaços mais adequados em função da posição da bola, e a pressão defensiva, que trata de aproveitar o domínio e a redução dos espaços para pressionar o portador da bola e os atacantes que o apoiam, são dois aspectos que devem estar intimamente relacionados em qualquer organização defensiva.

Tadeia (2003b) define a pressão alta como “a tentativa **colectiva** de recuperar a bola o mais à frente possível. Nunca pode ser o acto isolado de um jogador (...). Por isso, (...) a equipa

tem de ser **curta**, de jogar com **sectores próximos** uns dos outros, com grande **entreadjuada**. E tem de arriscar atrás, com a defesa avançada no terreno”.

Neste contexto, julgamos oportuno voltar ao F.C. Porto de Mourinho. No ponto 2.2.3. mostrámos que esta equipa defendia à «zona». Todavia, acreditamos, há quem esteja convencido que a sua pressão alta é feita «homem-a-homem». Não, é uma pressão alta «zonal», ou melhor, uma «zona pressionante» alta.

O jornalista Jorge Barbosa (2002b) ajuda-nos novamente a esclarecer eventuais dúvidas: “(...) a equipa volta a **defender à zona**, e tudo começa **lá na frente**, e muito por obra de um **pressing alto** (...); essa **pressão**, diga-se, é **sempre exercida sobre a bola** e não sobre o jogador. Todos têm sabido **ocupar os seus espaços** e todos evidenciam concentração e muita segurança”.

Repare-se igualmente nas palavras de Queiroz (2003a) sobre a forma de defender da equipa portista: “Temos primeiro de ter bons jogadores, boas ideias e bom treino. E é em tudo isso que assenta o mérito do FC Porto. Jogar em pressão alta... No meu tempo chamava-se **zona «pressing»**, que começava no segundo terço do campo...”.

Curiosamente, era também esta pressão alta «zonal» que o Barcelona de Van Gaal procurava colocar em prática. Atente-se nas palavras de Mourinho (1999a): “(...) em transição para a defesa, **o primeiro princípio** que nós temos é os três jogadores que estiverem mais perto da bola pressionarem imediatamente, ou pelo menos **reduzir o espaço** e se possível **pressionar a bola**”. Provavelmente, para dar tempo a que a equipa se reagrupasse, pois em termos de organização defensiva Van Gaal pretendia “(...) campo curto não distante entre as linhas, linha defensiva na linha de meio campo e pressionar no campo adversário (...)” (Mourinho, 1999a).

É de notar que Mourinho, ao referir-se ao momento da transição defensiva nem sequer fala em adversários, fala, isso sim, em **reduzir o espaço em função da posição da bola** e, se possível, **pressionar a bola**. Possivelmente, para não induzir em erro os jogadores e ajudá-los a perceber a lógica de funcionamento pretendida ao nível das acções de *pressing*.

Atente-se, também a este propósito, nas palavras de Mourinho (1999a) sobre o Simão Sabrosa: “(...) o Simão chegou ao Barcelona, e estamos a falar de um jogador que custou ao Barcelona dois milhões e tal de contos e é um jogador que **não sabe pressionar, sabe zero acerca dos princípios inerentes ao *pressing***. Por exemplo se a bola está do lado esquerdo e

são os jogadores desse lado que têm que **reduzir o espaço**, e que têm de **fazer pressão**, logicamente que o extremo do lado contrário tem que **fechar o espaço interior**, portanto tem que **absorver o espaço em que o adversário pode ter saída**. Para o Simão pressionar era jogar HxH, se o lado esquerdo da nossa equipa, digamos o triângulo Sergei, Cocú e Rivaldo está a fazer pressão sobre a saída do adversário pelo seu lado direito o Simão fica cara a cara com o lateral esquerdo adversário, nem que o lateral esquerdo esteja encostado à linha contrária". Estarão estas dificuldades de Simão relacionadas com a forma como a grande maioria dos treinadores portugueses perspectiva o *pressing*?...

No fundo, tal como salienta Frade (2004), "faz-se **pressão para** a equipa adversária **perder linhas de passe**. E isso só se consegue reduzindo os espaços". É também esta ideia que Costinha, médio do F. C. Porto, acaba por fazer transparecer em declarações ao jornal «A Bola» de 27 de Novembro de 2002 sobre a eliminatória a disputar com o Lens para a Taça UEFA: "Eles não estão habituados a jogar sob **pressão**". "Compete-nos **cortar-lhes** as linhas de passe e **encurtar-lhes** as distâncias entre os sectores. Se eles não tiverem **espaço** não sabem jogar tão bem".

Frade (2002) acrescenta que "quando a zona *pressing* é bem feita, só existe uma forma de lhe fugir: jogando para trás!".

Resumindo, à semelhança do que acontece com a «defesa à zona», na «zona pressionante» a grande preocupação é fechar colectivamente os espaços de jogo mais valiosos. **A diferença está na agressividade com que se atacam esses espaços e o portador da bola**. No fundo, trata-se de colocar a equipa adversária e, em particular, o jogador em posse da bola, **sob forte constrangimento espaço-temporal** para desse modo induzir o erro e recuperar a bola. E **recuperar a bola para poder atacar**.

Sublinhamos que também aqui é a ocupação cuidada e inteligente dos espaços que possibilita, por arrastamento, «controlar» os adversários sem bola e que qualquer «marcação próxima» a um adversário sem bola é sempre circunstancial e consequência dessa ocupação espacial racional.

Tal como afirma Valdano (2002), **os espaços são mais importantes que os adversários**. Com um trabalho paciente, duro e metódico, ajudando os jogadores a pensar e ensinando-lhes aspectos como este é possível alcançar boas respostas e fazer uma «zona pressionante» com um funcionamento harmonioso.

2.2.5.1. Sobre o(s) tipo(s) de desgaste implicado(s) nesta forma agressiva de defender

“Todos os treinadores falam de movimento, de ter de se correr muito. Eu digo não corram muito. O futebol é um jogo que se joga com o cérebro. Tens de estar no local certo no momento certo, nem antes nem depois.”

(Cruyff, 1989, cit. por Barend e Van Dorp, 1999)

“Quando se joga bem ao futebol a fúria recupera o lugar secundário que lhe corresponde.”

(Valdano, 2001)

No ponto 2.2.3. transpareceu a ideia de que a «defesa à zona» é mais económica em termos energéticos do que a «defesa homem-a-homem», na medida em que, ao existir uma repartição do espaço em função de uma ideia colectiva para a organização defensiva, há também uma repartição do esforço.

Concordamos inteiramente dada a coerência de movimentação da equipa em resultado da inteligente divisão de tarefas e da coordenação colectiva que a «zona» pressupõe. Pelas mesmas razões, também a «zona pressionante» será sempre mais económica sob o ponto de vista «físico» que um *pressing* «homem-a-homem».

Todavia, algumas dúvidas nos assaltam. Por exemplo, pelo que nos é dado a perceber, parece existir a ideia comum de que o *pressing* alto implica um grande desgaste «físico», requerendo, por isso, das equipas que o utilizam, grande capacidade física. Castelo (1996) aponta mesmo, como um dos aspectos desfavoráveis da «zona pressionante», a necessidade de todos os jogadores estarem em óptimas condições físicas. Mas, tendo em conta que a «zona pressionante» alta se faz com a intenção de recuperar rapidamente a bola, a verdade é que, **se ela for eficaz, a equipa** mantém-se mais tempo no seu meio campo ofensivo que defensivo (as distâncias que se percorrem são menores) e, conseqüentemente, o tempo que «gasta» em organização defensiva é também reduzido. **Se assim for**, a «zona pressionante» alta será mais económica «fisicamente» que uma qualquer outra forma de defender.

Curiosamente, Valdano (1997a), referindo-se à selecção italiana treinada por Sacchi, salienta que a sua «zona pressionante» era perfeita em termos de organização e atitude, mas também **devastadora fisicamente**.

Também Lourenço (2003), referindo-se à forma de defender da equipa portista, afirma que “(...) não são só os adversários os únicos a correr. Também o FC Porto, quando procura a bola, logo, quando exerce o *pressing*, **tem de correr muito**. Aí entra a segunda parte do treino específico de José Mourinho. Consciente que é difícil aguentar **fisicamente** o *pressing* total, há que fazer os jogadores descansar em campo.”

Mourinho (2002b) parece concordar: “A transição defesa-ataque do F. C. Porto tem de ter uma relação íntima com aquilo que é o jogo defensivo. Quando uma equipa pressiona alto, **o desgaste físico é tremendo**, podendo, por vezes, transparecer um bocadinho de passividade nesse momento de transição. Mas quando uma equipa pressiona tão alto, precisa durante o jogo de descansar. E o que é melhor? Descansar com bola ou sem bola? Quero que a minha equipa saiba descansar com bola e saber descansar com bola é ter um bom jogo posicional, é os jogadores ocuparem racionalmente o espaço e terem capacidade para terem a bola em seu poder mesmo que, durante algum tempo, o objectivo não seja aprofundar o jogo (...)”.

Já Esnal Pardo (2001), quando questionado sobre se a utilização frequente do *pressing* implica um grande desgaste «físico» e que, ao se recuperar a bola, a fadiga acumulada prejudica as acções ofensivas, diz **não concordar, na medida em que, se este for bem feito, o que se consegue é uma boa distribuição do trabalho. Na pressão, diz, nunca nos encontramos com trajectos superiores a uns vinte metros.** Contrariamente, se não fazemos pressão, sujeitamo-nos a um desgaste «físico» por passividade, isto é, se esperamos muito atrás a equipa contrária, quando recuperamos a bola somos sujeitos a um grande desgaste «físico», porque temos que realizar trajectos muito grandes.

Na mesma linha de pensamento, César Sampedro (2002) concorda com a ideia de que o fundamental, para pressionar com eficácia, é **estar colocado** [bem posicionado, entenda-se] e **fazê-lo de forma colectiva**, não sendo, por isso, necessário correr muito. Trata-se de defender com coordenação, sincronização e solidariedade defensiva. Se assim o fizermos, afirma, evitamos muitos retrocessos desnecessários, importando perceber que recuar para o meio campo defensivo é correr, é retroceder metros sem a bola, é cansarmo-nos, significando isto que, quando recuperarmos a bola, a baliza adversária vai estar longe e muito mais estará à medida que avança a partida, pela fadiga acumulada. Por isso, do seu ponto de vista, **“pressionar com ordem economiza esforços”**.

Também Terrazas Sánchez (2002) acredita que um *pressing* bem feito conduz a um menor desgaste físico. “O problema do *pressing* a nível físico é quando se faz de uma maneira pouco elaborada e pouco racional” [homem-a-homem, entenda-se], esclarece.

Perez García (2002) é outro treinador que concorda totalmente com a perspectiva de que para se pressionar bem não é necessário correr muito. O fundamental, diz, é fazê-lo com ordem, de forma colectiva e atempadamente. Se assim for, o esforço despendido é menor e as possibilidades de êxito muito maiores.

Mercé Cervera (2001) diz que o *pressing* deve estar ligado à **organização** e não ao esforço. **O *pressing* faz-se para correr menos, para economizar esforço, partindo da organização.** Trata-se dos jogadores pouparem energia para a utilizarem quando tiverem a bola.

No seguimento do que havíamos sugerido inicialmente, concordamos com este segundo conjunto de opiniões. No entanto, dada a sua relevância, acrescentamos ainda a esta argumentação uma afirmação de Figo (1999) referente ao período em que estava no Barcelona de Van Gaal, onde, como vimos, se procurava que a equipa fizesse uma «zona pressionante» alta: “As minhas características, o meu jogo, poderiam adaptar-se a outras equipas, a outros modelos, **mas o meu rendimento não seria o mesmo.** A maioria são sistemas que exigem muito trabalho físico, nos quais há muito desgaste, e quando se consegue ter a bola já não se é o mesmo, falta a força, diminui a visão da jogada. Tudo é menos claro e não se consegue dar o melhor de nós. Uma coisa é a qualidade do jogador e outra as funções de um jogador na equipa, mas quando se unem as duas coisas, então a coisa funciona”. Frade (2002) questiona se será esta uma das razões que levam a que se falhem tantos golos no futebol português...

Seguramente, não causamos surpresa ao afirmar que **a fadiga não se manifesta apenas «fisicamente»**, pois com toda a certeza todos nós já tivemos, por exemplo, uma terrível dor de cabeça quando tivemos que ler algo sobre um assunto complexo, que exigia de nós total concentração. Importa então tentar **perceber até que ponto a fadiga mental pode contribuir para o desgaste** (seja ele reduzido ou elevado) induzido pela realização de uma «zona pressionante» alta.

De acordo com Frade (2002), “(...) fala-se muito em **fadiga periférica** [física], mas também se deve falar em **fadiga central** [do sistema nervoso central]. Onde é que está a diferença? Do meu ponto de vista, a fadiga central é um dos grandes problemas dos desportos colectivos, já que tem a ver com a **concentração**. Eu chamo-lhe fadiga táctica porque tem a ver precisamente com a incapacidade do jogador se concentrar por estar cansado de o fazer. É normal ouvirmos dizer: «É pá, aquele jogador está cansado, é por isso que não larga a bola». Como pode estar cansado se se farta de correr com a bola? Simplesmente está cansado de se concentrar e de dosear o esforço, e isso leva à perda de entrosamento”. Segundo Faria (2002), esta fadiga central **surge primeiro** que a fadiga periférica.

Mourinho (2002c) ajuda-nos a elucidar esta problemática: “Eu costumo dizer sempre que uma das coisas que fazem com que o **treino seja mais intenso** – e quando se fala em

intensidade fala-se [normalmente] em desgaste energético – é a **concentração exigida**. Por exemplo, correr por correr tem um desgaste energético natural, mas a complexidade desse exercício é nula. E, como tal, **o desgaste em termos emocionais** tende a ser nulo também, ao contrário das situações complexas onde se exigem aos jogadores requisitos técnicos, táticos, psicológicos e de pensar as situações, isso é que representa a **complexidade** do exercício e que conduz a uma **concentração maior**".

Constata-se assim que a "intensidade só é caracterizada se **associada à concentração**, e a concentração é tanto mais exigente, tanto mais importante, **quanto mais «variáveis» tiver que articular**". Desta forma, "(...) pode ser muito mais intenso um exercício menos veloz, mas que implica uma articulação determinada, porque exige mais concentração" (Frade, 1998).

Tendo estas considerações em linha de conta, facilmente se percebe que, em termos de concentração, as exigências da «zona pressionante» são muito elevadas, pois, tal como salienta Frade (2002), "a zona *pressing* é extremamente complexa e difícil de pôr em prática. Implica a participação de todos os jogadores e é fundamental que cada um se concentre permanentemente naquilo que tem que fazer". Portanto, ainda que muito menos desgastante fisicamente que uma qualquer forma de defender «homem-a-homem», em termos mentais a «zona pressionante» alta parece ser a que **mais desgaste causa**. Pela concentração que exige, será a que **mais intensidade pressupõe**.

Curiosamente, no livro de Luís Lourenço (2003), Mourinho aparece com um discurso diferente do atrás citado relativamente ao tipo de desgaste implicado na forma de defender da sua equipa, uma vez que já não o especifica: "(...) a forma de jogar da minha equipa é (...) **extremamente desgastante**. Nós quando não temos a bola iniciamos logo as acções com vista à sua recuperação, mesmo que isso implique ir à área do adversário. Isto sujeita os jogadores a um **grande desgaste**, pelo que, depois de recuperada a bola, têm de decidir se têm condições de sucesso para de imediato atacar e assim continuar o **desgaste** ou se, ao invés, não tendo essas condições, optam por descansar com bola fazendo-a circular".

Aqui já concordamos, pois o desgaste que a sua pressão alta «zonal» provoca é significativo, repetimos, **pela concentração que exige**. Mas toda a sua forma de jogar o é (ele próprio o diz), na medida em que, quer a defender quer a atacar, **o seu futebol pauta-se por uma organização colectiva elaborada**. O seu «jogar bem» exige-lhe isso.

Pensamos, contudo, que esta questão não se esgota aqui. Peguemos no exemplo das equipas de top: se estas equipas são as que mais organização evidenciam, são também as que

a um maior desgaste mental são sujeitas, pela concentração que se lhes exige. São, porém, também as que, por norma, mais jogos têm por época. É certo que é por esta razão que existe a chamada «rotatividade», mas, se por um lado nem todas as equipas a fazem, por outro, ela não nos parece explicar tudo, pois os jogadores mais importantes continuam a jogar, pelo menos, uma vez por semana. Então, alguma coisa nos falta nesta reflexão, sobretudo tendo em conta que, de uma maneira geral, são as equipas de top as que mais parecem investir na «zona pressionante» alta.

Segundo Frade (2002), “a esfera fundamental do saber-fazer está no subconsciente”. Nesta medida, e sendo o hábito “um saber-fazer que se adquire na acção” (Frade, 2002), “a aprendizagem pela repetição [o treino] é **um processo de armazenamento de informações em que o saber adquirido é remetido para o subconsciente**” (Lorenz, 1990, cit. por Carvalho, 2001). Lorenz (1990, cit. por Carvalho, 2001) esclarece, no entanto, que ficamos aptos a «utilizar» “este saber mecanizado desviado para o subconsciente”, pois ele “é o pressuposto da liberdade de que fazemos uso «superior»”.

Para Carvalho (2001), “esta ideia parece transmitir que **o hábito resulta em economia do Sistema Nervoso Central**, na medida em que a solicitação da estrutura perceptivo-cinética não é tão massificada [solicitada]”. É por esta razão que Frade (2002) afirma que “a partir do momento em que o hábito está instalado, **a zona *pressing*** é muito mais económica que a defesa homem-a-homem”.

Acreditamos, portanto, que, **com o treino**, as exigências de concentração implícitas numa «zona pressionante» (pela necessária atenção simultânea a várias referências e constante adaptação face à variabilidade/imprevisibilidade das situações de jogo) passam a ser menores. **O hábito leva** a que a atenção apenas seja necessária relativamente às nuances particulares de cada situação, o mesmo é dizer, **à gestão do instante**.

De qualquer maneira, pensamos que uma equipa com grande densidade competitiva deve, quando com sinais evidentes de cansaço, saber dosear muito bem a «zona pressionante» alta.

2.3. Expressar, ou não, um «sentir» colectivo

“Hoje sabemos que tudo aquilo que a antiga física concebia como elemento simples é organização. O átomo é organização; a molécula é organização; o astro é organização; a vida é organização; a sociedade é organização. Mas ignoramos totalmente o sentido desse termo: organização.”
(Morin, 1997)

Segundo Edgar Morin (1997), um “sistema possui algo mais do que os seus componentes considerados de modo isolado ou justaposto”: i) “a sua organização”; ii) “a própria unidade global (o «todo»); e iii) “as qualidades e propriedades novas emergentes da organização e da unidade global”. **O «todo» é assim “superior à soma das partes”.**

Na mesma linha de pensamento, Frade (1985) afirma que “a ordem ou organização de um todo, ou sistema, transcende aquilo que pode ser oferecido pelo «conjunto» das suas partes quando estas são consideradas isoladas umas das outras”.

Se assim é, **a equipa representa “algo qualitativamente novo**, cujo valor global não pode ser traduzido pelo somatório dos valores individuais, mas por uma nova dimensão que emerge da interacção que ocorre ao nível dos seus elementos constituintes” (Garganta, 1995).

Acreditamos que estas considerações iniciais nos podem ajudar a perceber melhor as razões pelas quais muitos treinadores de top, por vezes com jogadores também eles de top nas suas formações, colocam a ênfase **na equipa**, o mesmo é dizer, **na organização colectiva**.

Para Mourinho (2003a), “**o que de mais forte uma equipa pode ter é jogar como uma equipa**. Mais importante do que ter um grande jogador ou dois grandes jogadores (...) é jogar como uma equipa”. Para este treinador (2003b), “(...) a melhor equipa não é a que tem os melhores jogadores mas aquela que joga como uma equipa”.

Menotti (s.d.) diz-nos que, para eleger um jogador para a sua equipa, a primeira condição é **a inteligência**. “Porque a inteligência no futebol tem a ver com o **sentido do jogo**, que é colectivo”, diz. Para este treinador, mesmo que um jogador tenha, por exemplo, habilidade para fazer uma mudança de flanco com um passe de trinta metros, se não tiver sentido de jogo colectivo, não serve para a sua equipa. Refere ainda que não se podem somar individualidades, há sim que trabalhá-las até que sejam uma equipa, um conjunto em movimento.

Também Eriksson (1989a) parece partilhar do mesmo sentimento ao afirmar que, dentro do campo, as suas equipas têm de ser fortes e de demonstrar uma grande **organização colectiva**. Quando o IFK Gotemburgo conseguiu o seu triunfo europeu foi, em grande parte, devido ao seu colectivismo, reforça.

Sobre o período em que estive no IFK Gotemburgo, Eriksson (1999) refere ainda: “Vencemos grandes equipas como o Valência, o Kaiserslautern e o Hamburgo, sem que elas percebessem porquê. Antes dos jogos iam observar-nos, fixavam a sua atenção nas nossas limitações técnicas, e partiam do princípio que tudo lhes seria favorável. Mas a nossa **organização colectiva** permitia-nos **ocupar melhor o campo, fazer um *pressing* mais eficaz** e jogar com mais velocidade”.

Atente-se também nas palavras de Autuori (1989) quando um jornalista lhe pergunta se existe um futebol ideal: “Penso que a Holanda que venceu o último «Europeu» se aproximava do futebol ideal, porque era uma equipa onde, a bem dizer, não existiam posições rígidas dos jogadores. Havia manobras defensivas e manobras ofensivas e **toda a equipa** tinha que as levar por diante, todos tinham que participar no jogo, tanto a defender, como a atacar”. Acrescenta que “até ganhar a posse da bola as equipas têm de ser agressivas e, depois de a conquistarem, terão de a saber trabalhar. Acho lindo o futebol com mudanças de flanco, como se viu aos holandeses no Campeonato da Europa. E havia outro aspecto que, para mim, foi decisivo: os jogadores holandeses **pensavam enquanto jogavam**, não se limitavam a correr ou a pontapear a bola. É importante obrigar os jogadores a pensar, porque jogadores inteligentes tornam as equipas mais fortes e a Holanda era um caso típico de jogadores inteligentes, que colocavam a sua capacidade de raciocínio ao serviço do colectivo”.

Reforçando esta ideia, Valdano (2002) refere-se ao “futebol de sempre” como sendo aquele que começa no respeito pela bola e que nos recorda a importância dos jogadores se juntarem, para dialogar passando a bola e para defender de forma **colectiva, solidária e ordenada**.

Assim, concordamos com Camacho (2003b) quando afirma que “(...) em limite, são os jogadores que, dentro do campo, resolvem os problemas”, mas não podemos deixar também de sublinhar que eles resolvê-los-ão tanto melhor, quanto mais formarem uma equipa, quanto mais tiverem colectivamente algo. E ter colectivamente algo é jogar segundo uma organização perspectivada em função de um «todo».

É ainda Camacho (2003a) quem nos ajuda a dar continuidade a este raciocínio: “É preciso saber-se jogar futebol. E saber jogar bem não é apanhar a bola, driblar, chutar e marcar um golo. Saber jogar é perceber o que a equipa precisa em cada momento do jogo. (...) A tática [entendida como uma determinada **cultura de jogo**] é isso, ensina a jogar como equipa. Se não jogam com tática, todas as grandes equipas morrem”.

Esta perspectiva de Camacho é alicerçada por Valdano (1997a) e Lillo (2003) quando evidenciam que todas as equipas necessitam de uma forma colectiva que é a organização; que tudo no futebol, incluindo a criatividade, necessita de se apoiar numa ordem, numa base organizativa.

Nesta medida, Caneda Pérez (1999) refere que é tarefa do treinador “dotar a equipa de uma **organização** através da qual o valor do conjunto exceda a soma dos valores individuais”. Para que isso seja possível, sublinha, é imprescindível manejar conceitos de trabalho **colectivos** [defender à zona, por exemplo], na medida em que a coordenação aumenta a eficácia.

Então, “o que é que, em última análise, uma equipa de top tem? Uma equipa de top tem organização, tem determinada densidade de coisas, tem determinadas regularidades que fazem com que, tanto a defender como a atacar, 6 ou 7 jogadores pensem **em função da mesma coisa ao mesmo tempo**” (Frade, 2004). Isto “significa que existe um entendimento colectivo [uma linguagem comum resultante de uma cultura comum] e que esse entendimento vai permitir o cumprimento dos objectivos do jogo” (Faria, 2002).

Não é assim de estranhar que a equipa que Mourinho (2002a) deseja seja “aquela que num determinado momento, perante uma determinada situação, **todos os jogadores pensam da mesma maneira**. É esse o meu conceito de **equipa**”.

No entanto, Mourinho (2002a) sublinha também que “isso só é possível com **tempo**, com **trabalho** e com **tranquilidade**”. Porque “(...) uma coisa é os jogadores perceberem e tentarem fazer aquilo que eu quero, e outra é conseguirem fazê-lo como uma equipa. Isso **demora tempo**. Não quero queimar etapas na formação da equipa. Há muita coisa que vamos ter de saber fazer como uma equipa e ainda não sabemos”.

É por esta razão que Frade (2004) afirma que “não há nada que demore mais tempo do que **alterar comportamentos**. Demora **até que os novos comportamentos sejam cultura**”. Daí que o mesmo autor (2004) defenda que, desde o primeiro dia [do período preparatório], se deve **treinar o jogar que se pretende**. Porque “a simples informação não altera os comportamentos”, já que “o hábito é um saber-fazer que se adquire na acção” (Frade, 2002), o mesmo é dizer, no fazer (bem) muitas vezes, no treinar (bem).

No que toca à **organização defensiva**, só se conseguirá que esta seja verdadeiramente colectiva se as acções táctico-técnicas a empreender por cada um dos onze jogadores forem perspectivadas em função de uma ideia comum. Isto é, respeitando um referencial colectivo, as

tarefas individuais dos jogadores terão de se relacionar e regular entre si. Só assim o «todo» (a equipa a defender) será maior que a soma das «partes» que o constituem (os comportamentos táctico-técnicos de cada jogador).

Porém, se esse parece ser um princípio subjacente à «defesa à zona», o mesmo já não se pode dizer relativamente à «defesa homem-a-homem» ou «individual», pois aí, tal como já referimos, dá-se preferência a referências defensivas **individuais** e, nessa medida, estamos em crer, será(ão) mais importante(s) o(s) **jogador(es)** do que a equipa.

Com efeito, Lobo (2002) diz-nos que, “por definição, sendo o futebol um jogo de equipa, a marcação individual é a negação do seu espírito colectivo. Ideologicamente solidário, o jogo de equipa só alcançaria essa definição através da marcação à «zona» (...)”.

Nesta medida, concordamos com Valdano (2002) quando afirma que “o homem a homem **divorcia-nos da própria equipa**, já que reduz a complexidade do jogo à perseguição de uma camisola adversária” Em contrapartida, o autor defende que sendo a equipa uma cooperativa, **a zona fortalece os seus princípios**, na medida em que exige coordenação colectiva e solidariedade.

Partilhando da mesma ideia, Lillo (s.d., cit. por Fernández, 2003) diz que “a zona constitui a expressão de um sentimento que fomenta a dimensão colectiva e inteligente do jogo. Representa solidariedade, compromisso e ser equipa”.

Neste contexto, Caneda Pérez (1999) refere que, na «defesa à zona», “a tarefa de cada jogador não se limita a um duelo particular e individual, na medida em que entrega a sua capacidade ao colectivo, de tal maneira que forma parte de um todo: a equipa como bloco defensivo. **É o conjunto** quem trata de alcançar uma adequada ocupação do terreno de jogo em cada momento, procurando a compactidade para reduzir espaço e tempo ao adversário (...)”.

Um exemplo prático do que é perspectivar a organização defensiva da equipa em função de um «todo» e não das «partes» é-nos dado por Menotti (1980), acérrimo defensor da filosofia «zonal». Segundo este treinador, há quem pense que o equilíbrio no meio campo nasce do facto de, ao ter-se um 10 criativo, dever-se colocar um 8 defensivo. Menotti discorda, pois o adversário resolve o problema «marcando» o 10 e a equipa tem que sofrer. Por isso, opta por dois volantes de habilidade e coloca toda **a equipa a reduzir espaços**, suprimindo, dessa forma, os eventuais problemas defensivos.

Como vimos, confrontado com um problema concreto, aquilo que Menotti procura é perceber como pode **a equipa** resolvê-lo. Porque “na zona os problemas são colectivos; tudo é

de todos e nada é de ninguém” (Lillo, s.d., cit. por Fernández, 2003). Porque, como afirma Mourinho (2003a), “o que de mais forte uma equipa pode ter é jogar como uma equipa”!

Concordamos ainda com Menotti (s.d.) quando afirma que “não há nenhuma possibilidade de parar uma [boa] equipa no campo sem um alto sentido colectivo (...)”. A não ser através do recurso sistemático à falta e ao antijogo, muitas vezes com a conivência dos árbitros, que, regra geral, pouco parecem perceber do jogo **dada a permissividade** perante equipas que mais não fazem que jogar a não deixar jogar, sublinhamos nós.

Para terminar, salientamos que, de um modo geral, **todos os treinadores referem** a importância do «jogar como equipa», **porém, muitos** estão longe de imaginar que a forma de organização (ofensiva e/ou defensiva) que preconizam como modelo os afasta claramente desse desejo. Para nós, «defender homem-a-homem» ou «individualmente» **não é pensar colectivamente o jogo.**

2.4. A importância de assumir uma IDENTIDADE, sem deixar de atender ao lado ESTRATÉGICO

2.4.1. É a afirmação de um «padrão» de jogo que dá à equipa uma identidade própria

"Formar uma equipa é como criar um estilo, uma atmosfera. Trata-se, acima de tudo, de dar uma alma a um conjunto de onze futebolistas."
(Lobo, 2003b)

Estreitamente ligado à existência de uma ordem colectiva que expressa o «jogar como equipa», está o assumir de uma identidade, o não se descaracterizar perante os adversários. Com efeito, a identidade de uma equipa não é mais do que a afirmação como regularidade da organização que preconiza. É por essa razão que consideramos a expressão efectiva da forma de jogar que o treinador concebe **uma cultura de jogo**. Acreditamos que uma equipa será tanto mais equipa quanto mais for fiel à sua ideia de jogo.

Segundo Mateus Oliveira (2002), de uma maneira geral, as equipas de top caracterizam-se pela sua grande mentalidade e identidade própria. Têm as suas características e procuram jogar segundo elas. Essas características são **os seus princípios de jogo**.

E, de facto, Mourinho (2002b) diz-nos que **"o mais importante numa equipa é ter um determinado modelo, determinados princípios, conhecê-los bem, interpretá-los bem, independentemente de ser utilizado este ou aquele jogador"**. "Nós analisamos os adversários, procuramos prever como se pode comportar contra nós, e procuramos posicionar-nos nalgumas zonas mais importantes do campo em função dos seus pontos fortes. Mas basicamente **acreditamos que o mais importante somos nós**, a forma como jogamos e automatizamos o nosso modelo, por vezes partimos para alguns jogos completamente alheados e ignorando o que vai ser o comportamento do adversário. **Apostando e potencializando aquilo que é nosso"** (Mourinho, 2002c).

Não se julgue, porém, que as palavras de Mourinho se devem ao simples facto de estar num «grande» do futebol português. Pessoalmente, acreditamos que se deve a um entendimento claro do fenómeno Futebol como **algo extremamente complexo** e à consequente percepção da **necessidade de conceber um futebol** (o seu) e, como o próprio salienta, apostar nele e potencializá-lo (operacionalizá-lo) o melhor possível.

Não estranhemos, portanto, que o seu discurso quando estava ao serviço da União de Leiria fosse **exactamente o mesmo**: "A minha preocupação, quando vou para um clube, é

encontrar, mais do que um sistema tático, um **modelo** e uma **filosofia** de jogo. Tem a ver com um futebol fundamentalmente ofensivo, onde o passe e a qualidade são fundamentais (...). “Podemos alterar um ou outro jogador em função das características que o encontro deve assumir, mas de uma forma geral partimos para cada jogo sempre motivados para jogarmos bem e de acordo com aquilo que é a nossa filosofia e o nosso modelo. Isso é o mais importante e penso que é uma característica nova nesta equipa: **jogar em cada campo e com cada adversário** acreditando no seu potencial e praticando **o seu futebol**” (Mourinho, 2001, cit. por Cibrão, 2001).

Na nossa perspectiva, defender de outra forma que não à «zona» é **o primeiro passo** para nos descaracterizarmos, para perdermos de vista a nossa identidade. Tal como refere Menotti (1980), o importante num confronto é conservar o estilo e levar o adversário a lutar no terreno que melhor dominamos. No entanto, por tudo o que já foi referido, estamos em crer que com uma «defesa homem-a-homem» ou «individual» estamos a submeter-nos à equipa adversária. E, se estamos a «jogar em reacção», estamos, necessariamente, a adular a nossa identidade. Por algo que é inevitável nesta modalidade: a existência de uma equipa adversária!...

Pelas declarações ao jornal «A Bola» (16/05/2003) sobre as suas intenções para a final da Taça UEFA, em Sevilha, frente F.C. Porto, Martin O'Neill parece partilhar desta perspectiva: “Essencialmente **vamos focar-nos naquilo que fazemos bem**. É preciso ter a certeza de que estaremos atentos aos melhores, como Deco, que é grande. Seria tolo subestimá-lo. Mas não podemos perder de vista **o nosso jogo**. O melhor é termos nós a posse de bola e garantir que o homem mais próximo de Deco saberá como travá-lo. Não vamos marcar homem-a-homem”.

O Milan de Sacchi, com a sua «zona pressionante», é, quanto a nós, um exemplo claro de que não nos temos que submeter à equipa adversária quando se trata de defender. Bem pelo contrário!

Um velho conceito tático diz-nos que não é o mesmo atacar por onde o inimigo se preparou para resistir, que pelo lugar por onde tem que acudir imprevista e precipitadamente. O Milan de Arrigo Sacchi não deixava eleição: estendia todas as armadilhas para a recuperação da bola acontecer nas faixas laterais. Assim, a equipa adversária tinha a bola, mas não o mando; na realidade, os jogadores eram vítimas transportadas mansamente até uma faixa lateral e aí, nham, nham, eram devorados. O Milan cerrava os caminhos do centro do campo para obrigar a equipa adversária a entrar num beco sem saída (a linha lateral é uma parede!), ao mesmo tempo

que a defesa se adiantava massivamente para ainda a condicionar mais (o fora-de-jogo é um precipício!) (Valdano, 2002).

No fundo, aquilo que o Milan procurava fazer (e fazia-o muito bem!) era «manipular» à sua maneira o espaço e o tempo de jogo. Todavia, para tal, preocupava-se, acima de tudo, com ele próprio, com a sua organização colectiva defensiva. **Com isso, mesmo a defender**, conseguia mandar no jogo, ter a iniciativa (pelo menos parte). A tal ponto que conseguia levar a bola aos locais onde mais lhe interessava recuperá-la. Por aí ser mais fácil fazê-lo e, suspeitamos, pensando também na forma como queria, posteriormente, atacar. **Era uma equipa com vontade própria**, que gostava de ser independente e de «jogar em acção».

Não admira assim que Valdano (2002) afirme que, quando Arrigo Sacchi abriu as portas do *calcio* ao espectáculo e ao triunfo, o público descobriu uma nova forma de beleza: aquela que a equipa que não tem a bola produz.

2.4.2. Apostar numa ESTRATÉGIA PARA O JOGO que não interfira com aquilo que é o essencial

“A ideia é atender ao ponto estratégico, mas sem nunca comprometer a fluidez funcional da nossa equipa.”
(Frade, 2002)

Conseguido um conjunto de regularidades que expressam a sua identidade, uma equipa pode preocupar-se com aquilo que Frade (1985) designa por “alterações estratégicas de circunstância”. O lado estratégico do jogo.

Para Moreno Serrano (2003), uma equipa adulta e com a sua própria mentalidade tem que saber como joga a equipa adversária.

Também Camacho (2002, cit. por «A Bola», 04/12/2002) considera que “temos de saber sempre quais são os pontos fortes das equipas com que jogamos, a forma de marcar os cantos, faltas, se pressionam muito ou não. Mas são coisas **pontuais**. Mas **não é por isso que vamos alterar a nossa forma de jogar**”.

Neste contexto, Mourinho (2001) explica que, de acordo com o adversário, **aposta** em duas ou três coisas importantes, que vai sistematizando ao longo da semana. Sublinha, no entanto, que o seu modelo se mantém praticamente inalterado.

Partilhando da mesma opinião, Frade (1998) salienta: “(...) eu não posso estar em competição sem estar preocupado com as equipas com que vou jogar. Aonde eu não posso «interferir» é na tática, no modelo, nas bases, no compromisso comum, (...) mas no lado

estratégico. A equipa que eu vou defrontar tem pontos fracos, pontos fortes, e até a substituição do defesa A pelo defesa B ou do avançado A pelo B, podem ser significativos (...)."

Portanto, "a estratégia surge em função do adversário, é **uma aposta** que é um **complemento**" (Frade, 2004), e é um complemento porque o fundamental é a forma de jogar da equipa, o seu «padrão» de jogo.

Tal como temos vindo a evidenciar, **uma organização defensiva «zonal»** permite-nos «manipular» o espaço e o tempo no jogo. Assim, ela pode revelar-se extremamente útil ao nível da estratégia jogo a jogo. Já com uma «defesa homem-a-homem» ou «individual», acreditamos que isso é muito mais complicado, pois mais do que condicionarmos, somos condicionados.

O Milan de Sacchi fechava o corredor central com o intuito de fazer a bola entrar numa das laterais e aí recuperá-la. Seguindo o mesmo princípio, uma equipa pode fechar determinados espaços para tentar evitar que a bola lá entre e, desse modo, procurar anular um determinado ponto forte do adversário. Atente-se, a propósito, nas palavras de Mourinho (2002c): "Nós analisamos os adversários, procuramos prever como se pode comportar contra nós, e procuramos posicionar-nos nalgumas zonas mais importantes do campo em função dos seus pontos fortes". Quem sabe se o próprio Sacchi não tinha este aspecto em linha de conta.

De acordo com o mesmo raciocínio, uma equipa pode abrir determinados espaços de forma a permitir que a bola lá entre para, com isso, fazer sobressair um qualquer ponto fraco do adversário.

Frade (2002) defende que existem zonas e momentos mais importantes do que outros para se tentar conquistar a posse de bola em função da forma como a equipa quer em seguida atacar. Pelo exposto, pensamos que esta ideia também é válida em função dos pontos fortes e fracos do adversário.

Importa contudo perceber que "preocuparmo-nos em demasia com a dimensão estratégica pode levar-nos a alterar em demasia aspectos tidos como fundamentais no que se refere à nossa concepção de jogo" (Frade, 2002). Isto é, "**a ênfase colocada na dimensão estratégica pode interferir** com aquilo que são os princípios de jogo. A tal ponto que pode tornar-se um «atractor estranho», um «buraco negro»" (Frade, 2004) e colocar em risco **a fluidez funcional da equipa** (Frade, 2002).

Talvez por esta razão, alguns treinadores preferem não atender ao lado estratégico e preocupam-se exclusivamente com as suas equipas.

Ranieri (2003) é um desses exemplos. A este treinador não agrada analisar a equipa contrária nem sequer conhecer o nome do adversário com quem vai jogar. Afirma que dá sempre total importância ao seu padrão de jogo e que a sua equipa vai para cada jogo para jogar como sabe.

Nós não somos tão drásticos, mas temos, todavia, que reconhecer que é preferível não ter em atenção o lado estratégico, que exagerar e acabar por interferir negativamente com aquilo que se deve constituir como regularidade. Por outro lado, é importante ressaltar que, **quanto mais recente for o processo de construção de uma determinada forma de jogar, menos se deve ter em conta esse lado**, pois mais sensível a «atratores estranhos» está a equipa. Assim sendo, parece-nos, fundamentalmente, uma questão de encontrar um equilíbrio.

Como chegar, então, a esse ponto de equilíbrio entre o conhecimento que se possui do adversário e o passar essa mensagem, sem que se interfira com os princípios e sem se condicionar a forma de jogar em função do adversário?

Para Mourinho (2003a) é um exercício de **comunicação** e, fundamentalmente, de **rotinas de trabalho**, sublinhando que é por essa razão que, **desde o primeiro dia do período preparatório**, trabalha taticamente, definindo claramente [e operacionalizando] o modelo de jogo e os dois sistemas tácticos que pretende para a sua equipa.

Nesta medida, Mourinho (2003b) sublinha ainda que a gestão das derrotas deve ser feita “da mesma forma que a gestão das vitórias. Com equilíbrio. Não posso, por ganhar um jogo, na semana seguinte não treinar, ou treinar menos, ou ser menos rigoroso. E quando perdemos não posso dizer que a minha metodologia é uma grandessíssima treta, que não acredito nela e que vou modificar as regras que tinha imposto aos jogadores... Acho que **tudo começa antes do início da época**. Aí temos de definir um perfil de liderança, de jogador, de treino, de tática, e acreditar nisso. Acho que fundamentalmente temos que acreditar naquilo que estamos a fazer (...)”.

2.5. DEFENDER (bem) PARA ATACAR (melhor)... Só esta é que pode ser a lógica!

"A melhor forma de defender não é deixar de atacar, mas jogar bem defensivamente."

(Laurier, 1989)

"Os golos são o espectáculo, os golos são a «pedra filosofal» do futebol, o público quer golos, o treinador tem de querer golos."

(Eriksson, 1989b)

2.5.1. No jogo, defender é só meio caminho... A parte mais fácil do caminho!

Para Artur Jorge (1990), "(...) equipa que não consegue defender muito bem não tem a mínima hipótese de ganhar... Não é possível levantar um prédio de vinte andares **se os alicerces não tiverem** a profundidade necessária para esse edifício ter **estabilidade, segurança**". "Quando não me canso de insistir em que é fundamental saber defender muito bem, não me torno um treinador defensivo... Não sou um treinador defensivo! Acontece é que, hoje, no futebol – ou no basquetebol, ou no andebol... parece-me que em todos os desportos colectivos – só pode ganhar, só pode ser campeão, quem tem nível elevadíssimo de agressividade defensiva, de técnicas defensivas. Não pode atacar bem quem não tem, defensivamente, muito sólida base de sustentação", diz.

Mourinho (s.d., cit. por Lourenço, 2003), referindo-se **ao «crescimento» da sua filosofia de jogo** e fazendo algumas comparações com as ideias de Robson, treinador que considera igualmente ofensivo e com quem já trabalhou, explica que, mantendo a primazia por um futebol de ataque, procurou, no fundo, "**organizá-lo melhor** e essa organização parte, muito justamente, da defesa".

Das palavras destes dois treinadores sobressai a ideia de que, por mais que se tenha a intenção de jogar um futebol ofensivo, existe sempre a necessidade de **sustentar defensivamente essa forma de jogar**.

Há, porém, equipas que, por pensarem primeiro em não perder, quase só pensam em defender. **Jogam a não jogar ou, pior ainda, a não deixar jogar**. Para estas equipas, **defender é um fim em si mesmo**. Tentam, por todos os meios, evitar sofrer golos. Daí a **usual obsessão** por tentarem proteger a baliza em detrimento de procurarem recuperar a bola (como se desta forma também não se protegesse a baliza!). Aliás, para nós, só o não se pensar seriamente em atacar, aliado ao facto de se defender mal, pode explicar o (excessivo) **número de faltas** no futebol português. É que, **a quem deseja atacar**, não interessa fazer faltas, pois dessa forma não recupera a posse de bola.

Esta situação torna-se ainda mais paradigmática quando se constata a utilização **abusiva e subvertida** do *pressing*, muitas das vezes com o único propósito de não deixar jogar quem o tenta fazer.

Tal como refere Valdano (1997a), **com maior ou menor organização**, todas as equipas pressionam, e sempre com um entusiasmo algo desaforado. A falta de pudor do destruidor conta com uma vantagem acrescida: o que na área é penalti, no centro do campo é uma simples falta que obriga a recomeçar tudo de novo. Para sair da pressão fazem falta bons jogadores, mas como todas as equipas querem responder à pressão com mais pressão, o que vemos em cada partida mais se parece com um choque de comboios. As equipas lutam sem parar pela bola e quando a têm atiram-na para qualquer parte. Chamam-lhe futebol moderno!

Não sendo caso único no futebol português (muito pelo contrário!), consideramos o Boavista de Jaime Pacheco o melhor exemplo nacional desta involução causada pela obsessão pelo resultado. Repare-se, por exemplo, na «receita» de António Natal (2002, cit. por «A Bola», 01/12/2002), preparador físico da equipa, para mais um jogo da SuperLiga: “O V. Guimarães está a desenvolver um bom futebol, está bem classificado e, por isso, estamos preparados para as dificuldades. Não podemos fugir ao passado e temos de dar o nosso melhor. É preciso **garra, pressão intensa e agressividade permanente. São as nossas armas**”.

Elucidativas são também as palavras de Pacheco (2003, cit. por «Record», 27/02/2003) a respeito do jogo da segunda mão com o Hertha de Berlim para a Taça UEFA da época passada: “Dentro do que é a nossa filosofia de jogo temos fortes possibilidades de seguir em frente com mérito. **Jogar em pressão** é a nossa patente e é assim que temos de defrontar o Hertha”.

Pacheco, à semelhança de muitos outros, parece esquecer-se de que **«jogar»** é **defender e atacar** e, mais do que isso, **defender para atacar**. Não estranhamos, portanto, que Valdano (1998a) afirme que “agora há muito treinador que pensa que revolução é sinónimo de pressão e então as suas equipas saem a correr e sentem-se muito mais cómodas quando a bola está no adversário que com elas mesmas. Isto é uma aberração. **A luta é pela bola e quando a temos há que saber o que fazer com ela**, mas há equipas que estão mais preparadas para jogar quando a bola está na equipa contrária”.

De facto, a «luta» deve ser pela bola, porque só faz sentido defender para atacar. E, nesta medida, acreditamos que **a forma como se defende deve ser perspectivada em função**

do modo como se deseja atacar. Se o «momento ofensivo» se segue ao «momento defensivo», não pode ser indiferente a forma como se defende.

Com efeito, Preciado Rebolledo (2002) argumenta que nos devemos organizar defensivamente para atacar [melhor], isto é, **com o objectivo de posteriormente atacarmos de uma forma concreta**. A intenção deve ser roubar a bola, mas roubá-la para algo, para atacar. **Por isso**, não é o mesmo defender numa zona do campo, que defender noutra, não é o mesmo ser-se agressivo e pressionar em cima, que esperar atrás. Nós acrescentamos que também não nos parece o mesmo defender estando os jogadores posicionados em função de uma ideia colectiva comum («defesa à zona»), que estando em função dos jogadores adversários («defesa homem-a-homem» e «individual»).

É por esta razão que Caneda Pérez (1999) e Fernández (2003) nos dizem que **com o conceito «zonal» tenta-se [também] organizar defensivamente a equipa para poder atacar [melhor]**. Com a «zona» o que se procura é roubar a bola para atacar. Porque roubar de maneira inteligente e colectiva permite, em seguida, atacar com mais êxito, **já que uma vez recuperada a bola os jogadores encontram-se** nas suas posições habituais [em posições conhecidas do colectivo, entenda-se].

Na mesma linha de pensamento, Frade (2002) sublinha que “a zona *pressing* emana de uma concepção de organização defensiva que, por sua vez, **emana** de uma concepção de organização ofensiva, **pois** para se ganhar o prioritário é o ataque. **A zona *pressing* faz-se para atacar**, sobretudo se for feita no meio campo adversário. Porque o *pressing* não se faz apenas com 2 ou 3 jogadores, mas sim com toda a equipa, o que permite ter muitos jogadores para atacar quando se recupera a posse de bola. É por isso que eu digo que **o futebol de ataque sai beneficiado quando a equipa defende à zona**”.

Ainda seguindo o mesmo raciocínio, Frade (2004) realça que “Sacchi rompeu com aquilo que era a norma no futebol italiano ao ter-se preocupado em organizar defensivamente a equipa **com o propósito de atacar melhor**. A zona *pressing* do Milan era **um meio para atacar melhor**”.

E, de facto, ainda que um apaixonado pela «zona pressionante», Sacchi (1998, cit. por «Marca», 20/07/1998) esclarece que gosta que os seus jogadores se divirtam em campo e que, para isso, é **necessário que tenham a bola**. Além disso, diz, **tendo a bola é mais fácil ganhar**. Acrescenta que o futebol passa inevitavelmente por ganhar, mas que existem diferentes formas de se alcançar o triunfo.

Outro exemplo claro desta forma de pensar o «momento defensivo» é o F.C. Porto de Mourinho. Barreto (2003) diz-nos que “o «pressing alto» do F.C. Porto é visto [por Mourinho] como **um meio para atingir um fim** – posse de bola – pois é feito com iniciativa, no sentido de criar dificuldades ao adversário, tentando assim recuperar a bola o mais rapidamente possível. Neste clube, estes dois princípios são contemplados em constante relação, sendo que o «pressing alto» **só faz sentido quando depois** se usufrui da posse de bola (...).”

A mesma constatação faz Tadeia (2003a) numa análise ao jogo S.L. Benfica - F.C. Porto da época 2002/2003: “(...) ao contrário das equipas negativas, o FC Porto **não se esgotou** nas tarefas de recuperação de bola, nunca ficou a olhar para ela como se de um corpo estranho se tratasse. **A equipa estava montada para jogar** e nunca nenhum dos seus elementos olhou para a bola com uma angustiante dúvida que se expressa na pergunta «e agora o que é que eu faço a isto?». Tudo tendo como base um segredo de Polichinelo, uma das verdades absolutas mas tantas vezes esquecidas do futebol: quanto menos perderes a bola, menos precisas de trabalhar para a recuperar”.

E se dúvidas existissem sobre o que está na origem da quase obsessão pela pressão alta «zonal» do ex-treinador portista, o próprio desfazia-as: “**A minha ideia táctica principal passa por termos a noção bem clara da coisa mais importante no futebol moderno para além de marcar golos: ter a bola**” (Mourinho, 2002, cit. por «A Bola», 31/05/2002).

Concordamos, portanto, com Frade (2004) quando salienta que “**a interceptação [defender, entenda-se] é meio caminho, nunca a totalidade do caminho**”. É um meio para recuperar a bola e poder atacar e não um fim em si mesmo. E é a parte mais fácil do caminho! Porque não há nada mais fácil do que o adoptar de tácticas defensivas (Menotti, 1980; Frade, 1998; Van Gaal, 1999). “**Defender um resultado é fácil, mas criar uma equipa com o hábito de jogar requer tempo**” (Valdano, 1997b). Como refere Alfredo di Stéfano (s.d., cit. por Valdano, 1997a), “para construir uma casa tenho que ir cinco anos à universidade, para a destruir só necessito de um martelo”.

2.5.2. Se devemos defender de forma a potenciar o modo como se deseja atacar... Defender bem não se esgota no não sofrer golos!!!

Como vimos, se se defende para atacar, a organização defensiva de uma equipa deve emanar (decorrer) da sua organização ofensiva. Procura-se, com isso, potenciar a forma como se pretende atacar.

Se assim é, e tendo em linha de conta que **o jogo de futebol é uma alternância permanente** entre o «ter a bola» e o «não ter a bola» (Bangsbo e Peitersen, 2002), muito há a ponderar no sentido de se conseguir **uma ideia de jogo coerente**, que favoreça realmente essa intenção atacante. Começemos pelo «ter a bola»...

Tal como salienta Valdano (1997a), **ainda que «atacar» e «ter cuidado» pareçam ideias contrárias, faz todo o sentido serem equacionadas juntas**. Devemos ter determinados cuidados quando atacamos. Dentro do campo, por mais longe que um jogador esteja da bola, ele deve interrogar-se permanentemente sobre o que pode fazer pela equipa. O jogo deve ser jogado com a equipa próxima e os jogadores devem posicionar-se entre si a uma distância que lhes permita, se necessário, intervir directamente sobre o jogo. O poder hipnótico da bola deve fazer adormecer os adversários e não os jogadores da própria equipa.

Nesse sentido, Fernández (2003) diz-nos que a **organização ofensiva** de uma equipa deve englobar um conjunto de acções que se prendem com o chamado **equilíbrio defensivo**, com o qual se procura que a equipa esteja preparada e **organizada** perante uma qualquer perda da bola. No fundo, diz, tratam-se de “acções que se dirigem para o **domínio das situações de transição** ataque-defesa”.

Portanto, **como uma equipa não sabe** onde [quando e como] vai perder a bola, quando a perde, e onde quer que a perca, deve ter previstas as acções defensivas a realizar (Mercé Cervera, 2001), o mesmo é dizer, **deve preparar-se (organizar-se) para o momento da perda** da posse de bola. Nesta medida, se é verdade que, como refere Tadeia (2003a), quanto menos vezes perdermos a bola, menos temos que trabalhar para a recuperar, também o é que o facto de nos organizarmos, quando a temos, para o momento da perda, **permite-nos** responder mais rápida e eficazmente ao mesmo.

Não é assim de estranhar que autores como Menotti (s.d.), Valdano (2001), Frade (1985, 2002) e Lillo (2003), entre outros, **evidenciem a importância dos momentos de transição** (não só ataque-defesa, mas também defesa-ataque). Menotti (s.d.) refere que, por mais que uma

equipa queira ser ofensiva, não lhe pode faltar o equilíbrio entre a defesa e o ataque e que esse equilíbrio passa por ela conseguir passar do ataque para a defesa com muita rapidez. Frade (1985) acredita que **as melhores equipas têm algo a ver com o realizar das transições rapidamente e de forma segura** e afirma (2002) que “uma equipa que queira **atacar com muitos homens** a subir tem que **dar particular atenção aos *timings* de transição**”. Lillo (2003) diz-nos que uma equipa que é capaz de passar rapidamente de uma mentalidade ofensiva a uma defensiva, e vice-versa, é uma grande equipa. Acrescenta que é por esta razão que o Milan de Sacchi lhe pareceu maravilhoso.

Voltemos novamente ao F.C. Porto de Mourinho para concretizar alguns exemplos práticos. Repare-se em alguns dos traços característicos do seu modelo de jogo: “Pressionamos alto, campo grande a atacar, linhas juntas a defender, **uma transição forte**, (...) a nossa reacção à perda da posse de bola é uma reacção forte; **uma estrutura fixa** em termos posicionais e **uma estrutura móvel**, portanto, há jogadores que têm posições fixas no campo, há outros jogadores que pela sua dinâmica têm mobilidade, apesar de **ter que haver sempre um equilíbrio posicional**” (Mourinho, 2003a).

Para nós, **a base do equilíbrio defensivo** da equipa portista está nesta «**sub-estrutura**» fixa que Mourinho contempla, sendo que é esse **equilíbrio que lhe permite**, por sua vez, **a desejada reacção forte** em transição ataque-defesa.

Com efeito, Mourinho (2002a) faz questão de realçar que a sua equipa não pode perder a ambição de ganhar os jogos, mas também **não pode perder** a sua tranquilidade e o seu **equilíbrio posicional**. Os jogadores devem manter uma **linha de jogo ofensiva**, ambiciosa, em que seja nítida a intenção de querer ganhar, mas **sem nunca perder o controlo do espaço**, a sua tranquilidade e, inclusivé, a comunicação entre os jogadores, algo que considera fundamental.

Atente-se igualmente nas palavras de Mourinho (2003a) a respeito do jogo da final da Taça UEFA frente ao Celtic: “Eu penso que **a melhor forma de nós jogarmos é termos a bola**. Agora, temos que ter atenção quando a perdermos de **não proporcionar ao adversário tempo e espaço** para contra-atacar, mas isso é uma característica nossa, **que nós temos vindo a trabalhar desde sempre**, que é **o momento da perda de posse de bola**. Portanto, eu acredito que a minha equipa pode ter a bola, pode jogar com segurança e que no momento da perda (...) vamos estar preparados para uma reacção muito forte e para podermos bloquear o seu contra-ataque” (Mourinho, 2003a).

Em suma, o fundamental no **equilíbrio defensivo** parece ser a existência permanente de um **equilíbrio posicional**, o mesmo é dizer, uma ocupação cuidada e inteligente dos espaços no ataque que permita uma reacção rápida e eficaz à perda da posse de bola. Trata-se, no fundo, de **assegurar a permanente gestão colectiva do espaço e do tempo de jogo**. E dizemos gestão colectiva porque, se é verdade que alguns jogadores, pelas posições que ocupam, podem desempenhar funções importantes a este nível, também o é que esta **tem sempre que ser uma questão colectiva**. Tal como refere Frade (2004), se se coloca ênfase nas transições, a organização colectiva tem de ser o mais importante.

Pelo exposto, consideramos que esta questão do equilíbrio defensivo no ataque deve requisitar, passe a expressão, **um «pensamento zonal»**. Por tudo o que já se disse a respeito das diferentes formas de organização defensiva, acreditamos que quem perspectiva a organização defensiva da sua equipa «homem-a-homem» ou «individualmente» terá dificuldade em pensar de outra forma que não essa o equilíbrio defensivo da mesma. Efectivamente, é comum, mesmo estando uma equipa em posse de bola, vermos jogadores preocupados quase em exclusivo com a «marcação» de adversários, sem atenderem minimamente à questão da **ocupação racional dos espaços**. Isto pode implicar que esses jogadores não estejam a «controlar» espaços vitais e, como vimos, os espaços parecem ser muito mais importantes do que os adversários. Para além disso, esses jogadores dificilmente estarão mentalmente disponíveis para participar nas acções ofensivas da equipa (não se ataca como equipa!!).

Nós arriscaríamos ainda dizer que, **só perspectivando «zonalmente» o «momento defensivo»**, é que é possível que um eventual **equilíbrio defensivo no ataque subsista durante os momentos de transição ataque-defesa**. Ou seja, supondo que uma equipa, mesmo defendendo «homem-a-homem» ou «individualmente», consegue assegurar algum equilíbrio defensivo no ataque (à custa, por exemplo, de um menor número de jogadores que participam nas acções ofensivas), quando perde a bola ela pode desequilibrar-se **posicionalmente**, pelo simples facto dos jogadores, que até aí ocupavam espaços considerados importantes, passarem a preocupar-se com as suas referências defensivas individuais (os adversários directos). Portanto, a equipa acaba por ficar desequilibrada posicionalmente **em transição, momento** do jogo que, como vimos, parece ser **crucial**.

Paralelamente, e indo ao encontro do que já havia sido sugerido no ponto anterior, o «não ter a bola» **não implica** que tenhamos que nos alhear da organização ofensiva que

preconizamos. Quanto a nós, a «organização defensiva» pode (e deve) ser perspectivada em função da forma como se quer, em seguida, atacar. Não só tendo o cuidado de **definir a(s) zona(s) onde se tentará recuperar a bola**, como também **ponderando a própria configuração estrutural defensiva da equipa**.

Relativamente à definição da(s) zona(s) onde se procurará recuperar a bola, pensamos que essa deve ser equacionada tanto em função do **«padrão de jogo ofensivo»** desejado (trabalhado), como em função das próprias **características dos jogadores**. Por exemplo, parece fazer sentido uma equipa cujo «padrão de jogo ofensivo» é o ataque posicional procurar recuperar a bola logo no seu meio campo ofensivo (é o caso do F.C. Porto de Mourinho). Porém, tem também que se ter em conta as características dos jogadores. Repare-se no que diz Mourinho (2002d) quando um jornalista lhe refere que se nota a preocupação da sua equipa pressionar alto: “Depende da situação. Quando se joga na frente com jogadores tipo Jankauskas ou Capucho, que não são jogadores propriamente muito rápidos em distâncias grandes, é importante **pressionar mais alto**, ganhar a bola no meio campo adversário de maneira a que esses jogadores joguem na zona onde são, de facto, mais perigosos. Por outro lado, se na frente tivermos jogadores tipo Derlei, Postiga ou Cândido Costa, que são muito mais rápidos, se calhar é melhor **não pressionar tão alto** criando-se um pouco de espaço para a aceleração desses jogadores, deixando-se subir um pouco mais a defesa contrária”.

Em relação ao ponderar da própria configuração estrutural defensiva da equipa, trata-se, também aqui, de conseguir um **equilíbrio posicional**, mas, neste caso, perspectivado **em função** da forma como se deseja realizar a transição defesa-ataque. Como tal, pensamos que será igualmente significativo falar em **equilíbrio ofensivo na defesa**, sobretudo quando constatamos a importância de os momentos de transição serem realizados rapidamente e de forma segura.

Como salienta Lillo (2003), é possível delinear a «organização defensiva» de uma equipa **em termos espaciais** pensando também em como se vai atacar. Isto é, o posicionamento defensivo (a ocupação espacial) da equipa pode depender [decorrer, entenda-se] das suas características ofensivas.

Mais uma vez, se com uma «defesa homem-a-homem» ou «individual» nos parece difícil concretizar com eficácia este conjunto de intenções, com uma «defesa à zona» isso parece-nos claramente possível.

Efectivamente, achamos que uma equipa que defende «homem-a-homem» ou «individualmente» estará **desequilibrada posicionalmente** (desorganizada!) **no momento em que recupera a posse de bola**, contexto que não lhe favorecerá a transição defesa-ataque (dificilmente esta será rápida e segura!), com todas as consequências negativas que daí podem advir.

Caneda Pérez (1999) diz-nos que, com uma «defesa individual» [e nós acrescentamos a «defesa homem-a-homem»], estamos diante de **uma defesa não colaborativa, o que implica que a posterior construção do jogo ofensivo se deva mais a condutas individuais** [pelo menos num momento inicial – em transição –, por sinal um momento fundamental!!] que a uma autêntica colaboração colectiva. Já com uma «defesa à zona», diz, é a equipa, como um «todo», “quem trata de alcançar uma adequada ocupação do terreno de jogo em cada momento, procurando a compactidade para reduzir espaço e tempo ao adversário e, além disso, ter mais opções de passe no ataque [em transição para o ataque, entenda-se] e garantir um perfeito e equilibrado posicionamento para os possíveis ataques e contra-ataques posteriores” (Caneda Pérez, 1999).

Curiosamente, Castelo (1996) aponta como uma das desvantagens da «zona pressionante» o facto de se sentirem dificuldades em fazer uma rápida transição defesa-ataque, logo após a recuperação da bola, devido à grande concentração de jogadores, o que pode, em certos casos, diminuir a eficácia do ataque.

Não só não concordamos, como acreditamos que, mesmo não se perspectivando a configuração estrutural da equipa em função da forma como se ambiciona atacar, **a «zona»** («zona pressionante» incluída) **parece representar uma grande vantagem ao nível da transição defesa-ataque**. Isto acontece porque partimos de uma organização defensiva colectiva conhecida e, sendo assim, ela não nos é «estranha», acontece segundo um «padrão», pois as posições dos jogadores são sempre conhecidas do colectivo. Como salienta Valdano (2002), quando se «defende à zona», **a plataforma de saída para o ataque**, recuperada a bola, **é feita a partir do sítio dos hábitos**, razão pela qual cada jogador ganhará confiança.

Do exposto, importa perceber que, sendo a nossa grande intenção atacar tanto quanto possível, é necessário sustentar defensivamente essa forma de jogar e, neste contexto, o «defender bem» não se esgota no não sofrer golos.

Face à natureza complexa e não linear do jogo, concordamos com Fernández (2003) quando refere que o «**momento ofensivo**» começa antes de se ter a bola [com o garante de um equilíbrio ofensivo na defesa] e que o «**momento defensivo**» começa antes de a ter perdido [com o garante de um equilíbrio defensivo no ataque]. Neste contexto, o mesmo autor sublinha que **deve ser nossa preocupação** “não perder a ocupação racional do terreno de jogo”, “estar em condições de atacar e defender em qualquer instante” e “ocupar espaços vitais do jogo”.

Como facilmente se percebe, também aqui a «**zona**» parece ser a que de longe melhor responde às reais necessidades do jogo.

2.6. A constatação de um «padrão defensivo» no futebol português

“O jogo do título (...) deixou que dele se tirassem conclusões que, do meu ponto de vista, são erradas. Não foi um bom jogo, porque foi árido, porque as duas equipas se ralaram mais em anular o adversário - anulando-se a si próprias no processo - do que em colocar em campo as suas armas. Foi aquilo a que os especialistas gostam de chamar um jogo tático, como se tal coisa pudesse existir e só uns quantos iluminados pudessem dela tirar gozo.”
(Tadeia, 2002)

Neste último ponto da nossa revisão da literatura tentaremos colocar em evidência algo que, de onde em onde, fomos sugerindo e se foi tornando perceptível: a existência de um conjunto de «traços» defensivos comum à generalidade das equipas portuguesas.

Martins de Sá (2002), na sua coluna semanal «Sole Mio» do jornal «A Bola», escreve no dia 12 de Fevereiro de 2002 um artigo intitulado «Os gladiadores», no qual se pode ler: “Um jogo de futebol em Portugal é uma **batalha campal**. Por essa Europa fora, o único campeonato onde as coisas se passam quase analogamente é o italiano. Aí, cada desafio é também uma refrega. **Nada que se assemelhe ao que acontece em Espanha, Inglaterra ou França**. Quando o treinador do Boavista (e invoco esta formação porque ela se guindou a paradigma do que é hoje o futebol português) diz que a sua equipa joga como se faz em todos os outros países, ou seja, que pratica um futebol agressivo mas leal, está a escamotear a verdade. (...) Não falta na prova portuguesa nenhuma das componentes que caracterizam os recontros mais contumazes: cuspidelas, impropérios, narizes partidos, cabeças rachadas, tornozelos e joelhos estropiados, ligamentos e tendões rotos, ossos fracturados, faces ensanguentadas, esgares de dor... É isto um espectáculo desportivo ou uma peleja própria de uma arena romana? **Em suma, não se joga só mal, joga-se para fazer mal.** (...) Por este caminho não vamos longe, desengane-se quem pensa o contrário. A verdade é que ninguém ou quase ninguém está isento de culpa. Se o Boavista foi o pioneiro, os outros – como o crime compensava – seguiram-lhe o rasto. Só é pena que os críticos raramente tenham **coragem para** denunciar este tipo de comportamentos (...).”

Abordando o mesmo tema, a 25 de Janeiro de 2003, o jornal «Expresso» publica um artigo intitulado «A lei do sopro» onde faz referência a **um “padrão corrente” no futebol português**, o qual revela “equipas mais empenhadas em não perder que em ganhar, e faltas, ainda que simples, cometidas apenas para não deixar ninguém jogar”.

Mas as críticas negativas não se ficam por aí!... O citado artigo continua com um discurso frontal e pouco habitual nos *media* nacionais: “(...) quando a RTP e a SportTV transmitem futebol, no mesmo horário, oferece-se ao espectador português uma experiência (...) elucidativa. Mudando de canal, a comparação impõe-se por si própria e é edificante: num ecrã,

futebol em continuado, vendo-se jogadores em acção, racionalmente distribuídos por todo o campo; e, no outro, com a transmissão do campeonato português, estão a passar **repetições sucessivas de faltas** (...) ou vêem-se **jogadores amontoados a discutir** asperamente, com o árbitro e entre eles". "Para tentar perceber o contraste, o EXPRESSO dedicou-se a um longo exercício que, **além de confirmar o óbvio** – elevadíssimo número de faltas por jogo, 40 em média, segundo as estatísticas da competição –, **pôde apurar que** não são só os árbitros os responsáveis pela interrupção, quase «non stop», característica da maioria dos jogos". "O número de faltas e incorrecções é altíssimo, **também porque** o futebol praticado em Portugal parece **um jogo de pares, não de equipa, com os jogadores em marcações homem a homem fechadíssimas**, uns em cima dos outros".

Um pouco mais à frente pode ainda ler-se: "O facto é que a situação actual é desanimadora. E uma observação cuidada e continuada de vários jogos apura dois tipos de comportamento, recorrentes e complementares, para «matar» os ataques". "**O primeiro** é preventivo: entra-se logo a varrer, com os pés ou o corpo; e **o último** é a placagem, o agarrão ou o empurrão, usando as mãos se o adversário ganhou vantagem e escapou, incólume, ao primeiro ataque".

Também sem meias palavras, Sousa Tavares (2003a), num dos seus artigos de opinião para o jornal «A Bola», afirma que "quando se compara o futebol que aqui se joga com o de outros países onde o futebol é igualmente amado, embora mais estimado, **uma das coisas que saltam à vista para explicar a diferença de qualidade** é o avassalador número de faltas cometidas nos jogos do campeonato português. Não se trata de uma coincidência mas sim de **um estilo de jogo assumido** por muitos jogadores e de **uma estratégia de jogo acarinhada** por alguns treinadores (...). (...) **Grave não é apenas que** o antijogo praticado em tantos dos nossos campos resulte de uma acção consciente de treinadores que, em defesa do futebol e do seu próprio prestígio, tinham por obrigação pôr as equipas a jogar bem e não a jogar feio. **Grave é também** a cultura de complacência instalada entre os árbitros para com esse tipo de jogo. (...) O mais flagrante e chocante exemplo desta situação foi o Boavista-Benfica da época passada, onde uma criteriosa gestão das faltas, feita de fora para dentro, aliada à compreensão tácita do árbitro, permitiu ao Boavista ganhar um jogo onde jamais praticou qualquer coisa semelhante com futebol".

Frontal como lhe é característico, também Mourinho (2002a) realça que "há equipas que são denominadas de competitivas, quando a competitividade não é isso. Há equipas que são

apelidadas de agressivas, quando a agressividade também não é isso. **Para mim, a agressividade mais importante de um jogo, é a agressividade ofensiva.** A agressividade de quem tem a bola. Uma equipa que tem a bola, pode ser agressiva. (...) Tenho bola, sou agressivo. Como é que sou agressivo? Jogando para a frente. (...) **Mas há muita gente que,** quando fala em agressividade, fala na agressividade defensiva, que muitas vezes se aproxima da violência, da agressividade física. **É essa agressividade interpretada no sentido negativo que** conduz a menos tempo de jogo, a maior número de faltas, a menor número de situações de finalização, a mais conflito, mais problemas para os árbitros, mais cartões”.

José Alberto Costa (2003, cit. por «Expresso», 25/01/2003) vai ainda mais longe ao adiantar que **a filosofia de alguns dos seus colegas de profissão se baseia no princípio de que** “quanto mais faltas a sua equipa fizer, menos tempo deixa ao adversário para ter a bola”.

Repare-se a este propósito nas palavras de Sousa Tavares (2003b) a respeito da filosofia de jogo do treinador boavisteiro: “(...) o futebol do Boavista tem o dom de tornar o futebol dos outros mais pequeno. Porque contra o Boavista (e deve ser isso que Pacheco considera um banho de tática) ninguém consegue jogar bom futebol. O seu futebol não é nem ofensivo nem defensivo com contra-ataque, é simplesmente destrutivo. Do que se trata é de evitar que os outros joguem o que sabem, seja sob que forma for, seja qual for o resultado em termos de espectáculo. Por isso, quando o Boavista chega às Antas e, sem mexer uma palha ou arriscar um mínimo para tentar ganhar o jogo, se limita a, de princípio a fim, **tentar destruir todo o jogo do adversário, exercer uma marcação cerrada homem a homem, defender com todos atrás da linha da bola, cortar em falta tudo o que cheirar a jogada de perigo** do adversário e **forçar até à náusea as interrupções de jogo**, Jaime Pacheco acha que isto é um banho de tática. Do ponto de vista dele só não tem inteira razão porque, apesar de tudo, não conseguiu sair de lá com o 0-0 que tanto ansiava. Mas que triste razão a sua!”.

Em suma, e como já havíamos afirmado, **a existir um «padrão defensivo» no futebol português** (e nós acreditamos que há), ele consta de uma mescla de «marcações homem-a-homem» com «marcações individuais». É o tal «jogo de pares» onde as equipas procuram «encaixar» no adversário.

Por tudo o que já foi referido, esta forma de perspectivar a organização defensiva das equipas parece ser aquela que mais riscos apresenta e, assim sendo, com a qual será mais difícil conseguir a desejada eficácia defensiva (já para não falar nas consequências em termos

ofensivos que acarreta). Sem meias palavras, **se se defende mal é natural que** haja a necessidade de fazer muitas faltas, **é natural que** as equipas recuem no terreno e procurem por todos os meios proteger a baliza. Talvez a adopção de formas de organização defensiva mais eficazes reduzisse a necessidade de se recorrer tantas vezes à falta... e aumentasse o desejo de querer recuperar a bola... para atacar sem receios!

Ainda a este propósito, não queremos deixar de sublinhar que nos espanta a quantidade de vezes que jornalistas, comentadores, treinadores e jogadores **adjectivam de competitivas** partidas com tempos úteis de jogo a roçar o ridículo. Não deveria ser **o tempo útil de jogo** um dos principais «indicadores» para aferir a «competitividade» de um jogo?!...

O que não nos espanta é a forma como esta pretensa «competitividade» interna é vista do «lado de fora»...

Valdano (1997b), questionado sobre o que pensa do futebol português, refere que este lhe parece **“muito desigual**. Há demasiada diferença entre grandes e pequenos, não há muitos cenários de grande jogo como ocorre na Europa, o que o converte num futebol menor se comparado com as grandes «Ligas»”.

Também Mourinho (1999b), numa entrevista dada ao jornal «A Bola» quando estava a trabalhar em Barcelona, questionado sobre a imagem que se tinha em Espanha do futebol português, responde: **“Simples: tem jogadores fantásticos, fora**, que continua a ser um futebol potencialmente rico como país para se importar; **a outra imagem** é a de que a nossa Liga é **muito fraquinha**, que os vinte e tal golos que o Jardel leva não têm mérito especial, já que no futebol português qualquer bom ponta-de-lança faria vinte e tal golos”. Na mesma entrevista acrescenta que “(...) ao nível dos profissionais de futebol, nomeadamente dos treinadores, **ainda somos um bocadinho arcaicos** na nossa forma de pensar e ver o futebol” (Mourinho, 1999). Sublinha ainda que, **“em Portugal, os treinadores têm pouca confiança nas suas ideias e, pior do que isso, têm medo das ideias dos outros. Exactamente ao contrário do que se passa «cá fora» (...)**”.

Para terminar, queremos aqui realçar algumas ideias de um artigo de António Tadeia intitulado «Jogar como os grandes para vir a ser como eles», pois na nossa opinião é nele focado, com particular clarividência, o cerne de toda esta questão.

Tadeia (1999) refere que não considera o antijogo frutuoso. Para este autor, “a questão é subjectiva e nunca poderá ser provada a razão de uma ou da outra parte, mas acho que os

treinadores dos pequenos devem, acima de tudo, tentar jogar como os grandes se algum dia querem ser como eles”.

Segundo Tadeia, o respeito pelo público que compra bilhete com a intenção de assistir a um jogo de futebol, por inerência um espectáculo ou um divertimento, é uma das muitas razões pelas quais se deve optar por jogar bom futebol. “Os utilitaristas podem sempre dizer que hoje, com as pressões que se colocam sobre uma equipa profissional, há que ganhar a todo o custo. Mas quem disse que o melhor modo de o fazer é negar o espectáculo?” “Jorge Valdano, que sabe do que fala, porque **aplicou os mesmos princípios de jogo quando** se tratou de salvar o Tenerife de descer de divisão **e quando** precisou de ganhar o campeonato, no Real Madrid, nega a discussão em torno do «resultadismo». «Acima de tudo, há que jogar bem, pois se jogarmos bem há mais hipóteses de ganharmos», diz. O antijogo pode até valer um bom resultado **episódico** a um clube pequeno quando joga com um grande, mas nunca lhe permitirá a **consistência** própria das grandes equipas. Em sentido contrário, a prática do bom futebol pode reduzir as hipóteses dos pequenos baterem o pé aos grandes [Será?! Jogar bem não é atacar bem e defender bem?!], mas dá-lhes **uma rotina de futebol construtivo** que pode ajudá-los contra as outras equipas do seu campeonato. E, no futuro, até contra os grandes. Porque de tanto jogar como eles, uma equipa pequena pode deixar de o ser”.

Mourinho conseguiu-o no Leiria!...

3. Material e Métodos

3.1. Caracterização da amostra

A nossa amostra foi constituída por dezassete entrevistados, todos eles ligados à modalidade em questão. Foram eles:

- **António Tadeia** – jornalista do «*Record*»
- **Artur Jorge** – na altura treinador principal da Associação Académica de Coimbra
- **Augusto Inácio** – na altura treinador principal do Vitória Sport Clube
- **Carlos Carvalhal** – na altura treinador principal do Vitória Futebol Clube
- **Jesualdo Ferreira** – treinador principal do Sporting Clube de Braga
- **José Alberto Costa** – na altura ex-treinador principal do Varzim Sport Clube
- **José António Camacho** – na altura treinador principal do Sport Lisboa e Benfica
- **José Gomes** – na altura treinador adjunto do Sport Lisboa e Benfica
- **José Guilherme Oliveira** – treinador principal da equipa de Juvenis do Futebol Clube do Porto
- **José Mota** – treinador principal do Futebol Clube Paços de Ferreira
- **José Mourinho** – na altura treinador principal do Futebol Clube do Porto
- **Júlio Garganta** – coordenador do gabinete de futebol da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto
- **Luís Campos** – na altura ex-treinador principal do Varzim Sport Clube
- **Luís Freitas Lobo** – analista de futebol internacional do jornal «*A Bola*»
- **Miguel Leal** – na altura treinador principal do Futebol Clube do Marco
- **Rui Quinta** – coordenador técnico da Escola de Formação de Jogadores de Futebol do Futebol Clube Paços de Ferreira
- **Tiago** – na altura jogador do Sport Lisboa e Benfica

3.2. Metodologia de investigação

A parte teórica deste trabalho sustentou-se numa pesquisa bibliográfica e documental, com o intuito de «filtrar» os conteúdos que se mostravam mais pertinentes face à problemática escolhida.

Partindo dessa base, e sem nunca perdermos de vista as nossas preocupações essenciais, elaborámos um conjunto de questões guia que serviram de suporte às entrevistas realizadas.

A metodologia utilizada na recolha dos dados foi uma entrevista semi-directiva a cada um dos elementos da amostra. As questões foram abertas para que cada um dos entrevistados pudesse expor, de forma clara e tão aprofundada quanto desejasse, os seus pontos de vista. As entrevistas foram registadas num gravador «Sony» e, posteriormente, transcritas para o papel, com a devida autorização dos intervenientes em causa.

3.3. Recolha de dados

A recolha dos dados ocorreu entre os dias 3 de Abril de 2003 e 25 de Setembro do mesmo ano. A grande maioria das entrevistas foi realizada nas instalações dos clubes aos quais os treinadores estavam ligados ou nas instalações da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. As únicas excepções foram as entrevistas a António Tadeia, que teve lugar na redacção do jornal «Record» em Lisboa, a Luís Campos, que aconteceu no hotel Suave Mar em Esposende, a Luís Freitas Lobo, que se realizou na sua residência, e a José Alberto Costa, que ocorreu na Praça Velasquez no Porto.

4. Análise e Discussão dos Resultados

4.1. A «defesa homem-a-homem», a «defesa individual», a obsessão pelas «marcações»... e a imediata constatação de problemas!!!

Na revisão da literatura, partindo das nossas convicções pessoais e das múltiplas perspectivas encontradas, procurámos «arquitectar» um conjunto de **premissas** que balizassem aquele que nos parece dever ser o verdadeiro conceito de «defesa à zona». Consumada essa «construção», e acreditando convictamente na **natureza singular** da «nossa» «zona», ousámos «desafiar» a literatura e propôr um novo entendimento relativamente à «defesa homem-a-homem, diferenciando-a assim da «defesa individual». Vamos agora tentar perceber até que ponto o nosso atrevimento teve razão de ser.

Na perspectiva de Guilherme Oliveira (anexo 9), podemos ver “nas equipas de futebol três tipos de organização defensiva: podemos defender à zona, sendo que aí o importante é o espaço, é cobrir os espaços, é retirar espaço e tempo de execução à equipa adversária; podemos também marcar homem-a-homem a campo inteiro, e aqui já estamos a falar de marcações individuais, porém, são hoje poucas as equipas que o fazem, a não ser, talvez, as equipas das terceiras divisões e dos regionais, onde o defesa direito às vezes anda a defesa esquerdo, o central anda a médio esquerdo,... tudo porque são marcações homem-a-homem onde cada um vai ao seu a todo o campo; e depois temos a defesa com marcação homem-a-homem onde o que acontece é que os jogadores, ainda que normalmente não saiam das suas zonas de intervenção, **têm como preocupação não os espaços, mas sim o adversário**. Por exemplo, o lateral direito joga sobre o lado direito da defesa, mas **joga em função do seu adversário directo e não em função dos colegas e da cobertura de espaços**. Se o adversário se desloca mais para fora, ele vai mais para fora, mesmo que, com isso, abra espaços na linha defensiva; se o adversário se desloca mais para dentro, ele vai mais para dentro, mesmo que o ideal seja jogar fora”.

Guilherme Oliveira (anexo 9) tem, todavia, o cuidado de ainda esclarecer melhor o seu entendimento sobre a «defesa homem-a-homem»: “No futebol, quando a marcação é homem-a-homem, evidentemente que os jogadores e os treinadores não são loucos e, quando o extremo esquerdo vai para o lado contrário, o defesa direito não o acompanha. Agora, **o problema é que, no espaço que está entregue ao lateral, ele acompanha o seu oponente directo para todo**

o lado. No espaço entre a zona central e a lateral, as movimentações do atacante que está nessa zona são acompanhadas permanentemente pelo lateral. Ora, isso, **o acompanhamento do jogador, é que define a marcação homem-a-homem**. Evidentemente que se o atacante vai para uma zona completamente diferente não vai haver esse acompanhamento, mas, naquele espaço, ele verifica-se. E, **ao haver esse acompanhamento**, aquilo que acontece, muitas vezes, é que **o atacante leva o defensor para onde quer. E com que intenção?** Para que outro jogador da sua equipa aproveite o espaço deixado livre, e esse é o problema da marcação homem-a-homem, porque eu levo o jogador, tiro-o propositadamente de um determinado espaço, deixo-o livre, para um colega meu o ir aproveitar da melhor maneira possível”.

Este problema que Guilherme Oliveira realça é tanto mais relevante quanto mais tivermos a consciência de que o raio de acção de cada jogador representa uma quantidade de espaço significativa, a qual acaba por ser sistematicamente descurada em virtude da grande preocupação que o adversário directo representa. Para nós, **este é um dos motivos que levam muitas equipas a aglomerar jogadores nas imediações da grande-área**, pois não têm uma organização que lhes permita gerir eficazmente o espaço de jogo.

Carvalho (anexo 4) e José Gomes (anexo 8) parecem concordar inteiramente com a perspectiva do treinador acima citado. Repare-se, por exemplo, nas palavras de José Gomes: “Defender homem-a-homem é os jogadores marcarem os seus adversários directos, isto é, cada jogador marca o homem que entra no seu raio de acção (o homem que está mais perto). No entanto, se eu pedir ao Andrade para marcar o Deco (...), já estamos a falar de uma marcação individual, ou seja, falamos de marcação individual quando um jogador tem sempre o mesmo adversário para marcar. Agora, para mim, este tipo de situações, quer estejamos a falar marcações homem-a-homem quer de marcações individuais, são um erro. Pedir a um jogador para marcar o seu adversário independentemente da bola é um erro! (...) Por isso, na minha opinião, estamos a falar de **saber defender ou não saber defender**. Andar atrás do homem independentemente da bola é não saber defender”. Perceba-se que José Gomes se refere à **gestão dos espaços em função da posição da bola**.

Ainda que invertendo a terminologia por nós utilizada, Rui Quinta (anexo 16) é, quanto a nós, também muito objectivo e claro a diferenciar as duas formas de organização defensiva em questão: “O meu conceito de homem-a-homem [leia-se defesa individual] é cada jogador marcar sempre o mesmo jogador adversário, independentemente das circunstâncias. (...) Cada jogador centra-se num adversário, sempre no mesmo. Normalmente, esta situação utiliza-se quando

uma equipa quer anular o jogador ou os jogadores mais criativos da equipa adversária. (...) Nesta perspectiva, poucas são as equipas que marcam homem-a-homem com todos os jogadores. Isto é, em termos gerais, as equipas não colocam em prática este conceito de homem-a-homem que vem nos livros [a «nossa» defesa individual]. Agora, **evidenciam constantemente**, isso sim, **o conceito de marcação**, ou seja, **são as referências individuais que balizam os seus comportamentos**. Ainda que os jogadores não marquem ou persigam sempre o mesmo adversário, **têm como grande preocupação a marcação e o anular do seu oponente directo**. (...) **O problema é que este tipo de comportamento leva**, por exemplo, o lateral direito a marcar o extremo esquerdo adversário num plano **fora do espaço efectivo de jogo** (o plano onde o jogo se desenrola), **fora do alinhamento da linha defensiva** e, muitas vezes, está com isso a criar um espaço de penetração para o adversário. O jogador está na marcação. É este o conceito de marcação individual [a «nossa» defesa homem-a-homem]. A minha referência defensiva é individual, é o jogador que tenho que marcar (aquele que no momento está no meu raio de acção). E este conceito difere do de marcação homem-a-homem, pois aí a minha preocupação é sempre o mesmo jogador. No entanto, **os dois conceitos acabam por confluir na marcação**, na marcação do homem, o mesmo é dizer, **no «reagir», no «andar atrás»**".

Pelo exposto, achamos correcta a **premissa** de que, na «defesa homem-a-homem», a referência adversário directo é, simultaneamente, a grande «referência de posicionamento» e a única «referência-alvo» de «marcação». Paralelamente, julgamos ficar evidente a ideia de que a «defesa individual» corresponde, no fundo, a **um exacerbar da lógica que está subjacente à «defesa homem-a-homem»**.

Por outro lado, fica também bem patente o facto de que ambas as formas de organização defensiva, ainda que diferentes na prática, **acentam, fundamentalmente, em acções de «marcação»** a jogadores adversários, sendo que o fecho de espaços importantes colectivamente coordenado é simplesmente ignorado. **Dá-se preferência a referências defensivas individuais – os adversários directos –, em detrimento de colectivas – a bola e, em função desta, os companheiros como grandes «referências de posicionamento», e os espaços como principal «referência-alvo» de «marcação»**. **Daí considerarmos que «defender homem-a-homem» ou «individualmente» não é pensar colectivamente o jogo. Os princípios que lhes estão subjacentes, afastam-nos claramente da intenção de «jogar como equipa»**.

Por empregar uma terminologia diferente daquela até aqui utilizada, interessa conhecer a perspectiva de Garganta (anexo 12). O nosso entrevistado afirma que, em termos práticos, não estabelece distinção entre a «defesa homem-a-homem» e a «defesa individual», porém, concorda que o facto de actualmente não existirem muitas equipas a «marcar individualmente» cada um dos onze jogadores adversários **não significa** que a maioria das equipas «defenda à zona». “O que me parece é que há aqui uma distinção que se deve fazer entre **marcação individual restrita** e **marcação individual zonal**, ou seja, uma coisa é seguir um indivíduo por todo o terreno (e aqui devemos falar em marcação individual restrita), outra coisa é marcar o indivíduo que passa ou entra na respectiva zona (e aqui devemos falar em marcação individual zonal)”, explica.

Em relação a essa «marcação individual zonal», a partir do momento em que é «zonal», remete-nos para um espaço (uma zona). Garganta (anexo 12) explica-nos que espaço é esse: “Podemos ter uma marcação individual zonal numa estrutura de zona, que é mais flutuante [uma espécie de «defesa mista»], mas também podemos adoptar uma marcação individual zonal em espaços pré-definidos (...)”, isto é, “marcações individuais zonais cingidas ao «quintalinho» de cada jogador, o mesmo é dizer, dentro da zona de intervenção de cada jogador decorrente da estrutura, mas de uma estrutura muito estática” [a «nossa» defesa homem-a-homem].

Posto isto, acreditamos estar em condições de afirmar que perspectivas como as de Herbin (1977), Bauer (1994), Castelo (1996), Pacheco (2001) ou Goikoetxea Olaskoaga (2001) correspondem na verdade a simples «defesas homem-a-homem» ou, quanto muito, a «marcações individuais zonais numa estrutura zonal». A “defesa em zona com marcação ao homem” de Bangsbo e Peitersen (2002) é um exemplo claro desta última.

Depois de balizadas as noções de «defesa homem-a-homem» e de «defesa individual», importa concretizar alguns exemplos práticos.

Atente-se, então, na forma como Inácio (anexo 3) perspectiva a organização defensiva da sua equipa: “Muita gente diz que o homem-a-homem é quando o portador da bola é pressionado, mas para mim não é bem isso. **Eu gosto que se pressionem os jogadores que estão livres** e não apenas o portador da bola. Só há uma bola! E, entretanto, estão os outros jogadores a desmarcarem-se. Os outros estão a correr, mas não são maluquinhos, não estão a correr só por correr, estão à espera de um passe que seja para eles. Se esses jogadores que estão a correr sem bola não forem **acompanhados**, é evidente que podem criar perigo”. “E

quando eu digo que os jogadores têm que marcar homem-a-homem quero dizer que **tem que ser quase (...) um contra um**. É evidente que, às vezes, o adversário tem mais um homem, mas isso depois é a capacidade de cada um de ter de se desdobrar neste ou naquele jogador. Mas, de preferência, **homem-a-homem, cortar as linhas de passe**", realça.

Quando questionado sobre se esse «homem-a-homem» que preconiza pressupõe «marcações individuais» aos jogadores adversários, Inácio (anexo 3) responde: "Quando eu digo homem-a-homem é **na zona de intervenção** de cada jogador. Agora, há jogadores... Por exemplo, frente ao Benfica eu disse ao Rui Ferreira que a missão dele seria marcar o Zahovic. Onde estivesse o Zahovic, ele tinha que o marcar. Porquê? Porque eu sei que o Zahovic é o elo de ligação para as faixas laterais e para alimentar o ponta-de-lança. (...) Agora, o homem-a-homem é homem-a-homem na zona de intervenção. Os jogadores marcam nas suas zonas de intervenção, não sendo obrigatório cada jogador marcar sempre o mesmo homem".

Outro exemplo claro desta **forma de pensar** o «momento defensivo» é-nos dado por Mota (anexo 10): "Eu gosto de jogar com a marcação **dependendo da forma como o adversário se vem aqui estruturar**, mas se eventualmente jogar num 4-3-3 sabemos perfeitamente aquilo que cada um tem que fazer: os laterais encaixarão nos médios-ala; um dos centrais terá forçosamente de cumprir aquilo que é estipulado em termos de marcação ao ponta-de-lança (...); em termos de meio campo, teremos que ser fortes e dinâmicos também nas marcações (...)". Com efeito, Mota (anexo 10) esclarece que, em termos de referências defensivas, cada um dos seus jogadores sabe que tem de «marcar» o adversário que se encontra mais próximo de si. "**Independentemente** do adversário ter ou não a bola, pois **o importante é que eles não tenham referências de linhas de passe**. O importante é percebermos que o adversário não pode ter linhas de passe para se servir", sublinha.

Pelo exposto, facilmente se percebe o porquê de nos referirmos à «defesa homem-a-homem» como um «jogo de pares» onde vigora a «lei do um contra um» e onde as equipas procuram «encaixar» no adversário. No fundo, trata-se de **um «padrão» defensivo onde é bem visível uma obsessão pelas acções de «marcação»**, mas acções de «marcação» onde a atenção de quem defende se dirige, quase em exclusivo, para o seu adversário directo. **Não seria importante que essa atenção se centrasse no jogo?** Certamente que sim!...

Para terminar, achamos pertinente abordar uma ideia expressa por Inácio (anexo 3), na medida em que nos permite fazer a ligação com o ponto que se segue: "A jogar com dois centrais, se um médio for ultrapassado tem que ir o outro médio [ao encontro do portador da

bola, entenda-se]. É verdade que com isso solta-se o outro jogador, mas tem que ir alguém ao encontro daquele que tem a bola. Por exemplo, o Deco abre muitos espaços para os colegas, porque quando sai da marcação do seu adversário directo, obriga a que outro adversário tenha que ir ao seu encontro. Para sair outro adversário ao seu encontro, alguém vai ficar livre de marcação. Só existem onze jogadores! É evidente que vai haver um espaço. E a classe de um jogador está em saber quando é que passa e quando é que continua a levar a bola. Mas estamos a falar de desequilibradores natos! **Isso aí tem a ver com o talento, já não tem a ver com a organização da equipa.** O talento do jogador também marca a diferença". **"Não há organização nenhuma que resista quando** o talento do jogador tira um ou dois adversários do caminho. Essa situação desequilibra tudo completamente! Nós podemos dizer: «Este jogador marca o jogador A, aquele o jogador B, aquele o C,...». Mas, quando um Deco (ou um Maradona) tira um ou dois jogadores da bola, ainda que a marcação cá atrás esteja feita, os outros médios começam a ficar soltos e é muito complicado. **Aí já não é uma questão de organização da equipa,** é uma questão do talento do jogador. Eu posso dizer para o Rui Ferreira marcar o Deco em cima, em cima mas na zona (na nossa zona do campo). Eu vou jogar assim quando aqui vier o Porto e já sei que o Deco vai andar na esquerda, na direita e no meio e portanto, no nosso meio campo o Rui Ferreira vai andar em cima dele. Se o Deco for buscar a bola ao seu meio campo, o Rui Ferreira deixa-o ir. Mas, quando o Deco começa a passar por um e por outro, não há hipótese nenhuma em termos de organização. **Aí já não há organização nenhuma",** diz.

Não só discordamos por completo da opinião de Inácio, como acreditamos que o problema está precisamente na forma como se perspectiva a organização defensiva da equipa. A situação apontada por Inácio (um ou dois jogadores serem ultrapassados pelo adversário em posse da bola) pode ter, de facto, consequências gravíssimas numa «defesa homem-a-homem». No entanto, numa «defesa à zona», dificilmente uma situação dessas se verifica e, a acontecer, ela pode ser muito mais facilmente corrigida. Porquê? Porque **a ocupação cuidada e inteligente dos espaços possibilita** a existência de algo que quem «defende homem-a-homem» simplesmente ignora – permanentes e sucessivas coberturas defensivas ao(s) jogador(es) que pressiona(m) o portador da bola. É por esta razão que afirmamos que a **homogeneidade** (que passa pelo não acompanhamento de jogadores) e a **solidariedade** são duas «propriedades» vitais para a **coesão defensiva** de uma equipa. Estas, porém, implicam **uma adequada gestão do espaço e do tempo no jogo**, algo que a lógica subjacente à «defesa

homem-a-homem» está muito longe de permitir. Para nós, a **presença e a permanência de tais «propriedades» implicam uma evolução dos «modelos de pensamento» para outras referências defensivas prioritárias que não os jogadores adversários.**

Por convergirem com as nossas convicções, terminamos lembrando as palavras de Maradona (2001): "(...) **com os anos, percebi que** gostava mais que me marcassem homem a homem porque me livrava facilmente deles, e ficava sozinho. Pelo contrário, na marcação à zona era mais complicado".

4.2. A natureza singular da «defesa à zona»

4.2.1. A (já esperada) constatação de «falsas-verdades» «institucionalizadas» no futebol português

“Quando se quer dizer que uma equipa está a defender mal ou que está a permitir que o adversário faça tudo o que quer com a bola, diz-se que a equipa está a defender à zona. Mas é falso!”

(Tadeia, anexo 1)

“Passiva?! A zona?! Pode ser muito agressiva!”

(Camacho, anexo 7)

De acordo com Luís Campos (anexo 13), “o que caracteriza a defesa à zona é a ocupação de um espaço. Cada jogador defende determinada zona e **a equipa defende numa determinada zona**, em função dos próprios jogadores. Os jogadores sabem que aquela zona é a zona deles, assim como **a equipa sabe que, quando perde a posse de bola, aquela é a zona defensiva**. Numa defesa à zona, não há marcações homem-a-homem [«marcações individuais», entenda-se], não há situações de procura do roubo de bola, não se procura obrigar o adversário a errar. Ou seja, a grande diferença entre a zona e a pressão é que uma equipa que defende em pressão procura obrigar o adversário a errar. Uma equipa que joga à zona **espera normalmente pelo erro** do adversário. Cobre determinadas zonas, ocupa determinados espaços e espera que aí o adversário não tenha soluções de passe, não tenha soluções de remate e que a situação se torne numa situação mais fácil para roubar a bola. (...) Defender em pressão é obrigar a que o adversário falhe. Defender à zona é esperar que o adversário falhe”.

Questionado sobre se seria possível defender alto «zonalmente», Luís Campos (anexo 13) afirma que “fazer isso **seria estar a dar muito tempo e espaço ao adversário para pensar** e seria estar a dar muito espaço nas nossas costas. É possível, mas é difícil”.

Na mesma linha de pensamento, Mota (anexo 10) refere que uma equipa que «defende à zona» “(...) é uma equipa que **recua no terreno**, é uma equipa onde, independentemente de ter ou não ter jogadores para marcar, **cada jogador se posiciona na sua zona**, no seu raio de acção e esperam, acima de tudo, que venham os adversários ter com eles. Portanto, é jogar um pouco como os italianos, que recuam todos no terreno, que se mantêm nas suas zonas de acção, que esperam que o adversário venha ter com eles, **dando a iniciativa do jogo à equipa adversária**, para depois partirem rapidamente para o contra-ataque. (...) Reagrupam-se todos no seu meio campo, dão meio campo à equipa adversária para trocar a bola e para estar ali tranquila e, depois, esperam, acima de tudo, que exista um erro do adversário. (...) Quer tenha

quer não tenha homem para marcar, cada jogador sabe o que tem a fazer, que é estar no seu raio de acção, na sua zona, à espera que as coisas aconteçam”.

Confrontado com a eventualidade do F.C. Porto de Mourinho «defender à zona», Mota (anexo 10) é peremptório: “Não. Eu não concordo com isso. Eu acho que vocês estão completamente enganados. Sabe porque é que eu digo que estão completamente enganados? Porque o Porto é uma equipa que faz um *pressing* alto (...)” e “(...) jogar à zona é jogar numa zona expectante, dando a iniciativa ao adversário e jogando na sua zona defensiva”.

Para Inácio (anexo 3), “jogar à zona é estarem todos atrás da linha da bola. Agora, jogar à zona não é termos todos os jogadores a jogar dentro da nossa área, mas sim o adversário estar a trocar a bola entre a defesa e a nossa equipa estar toda atrás da linha da bola”.

Relativamente ao facto de José Mourinho afirmar que «defende à zona», Inácio (anexo 3) refere: “Defende à zona, é verdade. Em certas partes do jogo é à zona. Nem sempre é à zona, mas às vezes é. Às vezes”. E o nosso entrevistado diz às vezes porque, na sua perspectiva, **“não é possível defender à zona pressionando alto”**. Nessa medida, diz-nos que, quando o F.C. Porto faz pressão alta, utiliza um *pressing* «homem-a-homem».

As perspectivas destes três treinadores vão claramente ao encontro daquele que, ao nível da revisão da literatura, evidenciámos ser **o entendimento mais comum de «defesa à zona»**. Falamos fundamentalmente da ideia de que a «defesa à zona» se trata de uma forma de defender passiva, onde a equipa recua deliberadamente para o seu meio campo defensivo e na qual os jogadores adoptam frequentemente uma atitude de espera.

Das palavras de Luís Campos e José Mota sobressai também a ideia de que, nesta forma de defender, cada jogador é responsável por uma determinada zona do terreno de jogo. No entanto, como não indicam quaisquer **«referências de posicionamento»**, somos levados a concluir que se tratam das zonas de intervenção dos jogadores que decorrem do sistema adoptado pela equipa, onde os jogadores deverão «marcar» os adversários que nelas «caem».

Se assim é, pensamos que também aqui se está a falar não na «defesa à zona», mas na «defesa homem-a-homem», neste caso pautada pela aglomeração de jogadores no meio campo defensivo e por uma atitude passiva. Note-se ainda que, para estes três treinadores, uma «defesa activa» passa inevitavelmente por um *pressing* «homem-a-homem», onde os jogadores devem «encostar» nos seus adversários directos.

É nossa firme convicção que **a quase totalidade dos treinadores portugueses, bem como muitos jornalistas e comentadores desportivos**, partilham, no essencial, das

perspectivas destes três entrevistados. **Ignora-se por completo** o que é verdadeiramente «defender à zona» e, por arrastamento, a possibilidade de se perspectivar «zonalmente» as acções de *pressing*.

De facto, Tadeia (anexo 1) afirma que “quando se quer dizer que uma equipa está a defender mal ou que está a permitir que o adversário faça tudo o que quer com a bola, diz-se que a equipa está a defender à zona. **Mas é falso! A defesa à zona é uma defesa muito mais difícil, muito mais exigente e muito mais inteligente** que a defesa homem-a-homem. **E uma equipa que defende à zona pode ser agressiva**. Para mim, **tem que ser agressiva**”.

Também Rui Quinta (anexo 16) realça que “quando se fala em zona [no futebol português, perceba-se], fala-se numa equipa que defende no seu meio campo defensivo, que assume um comportamento de espera. Mas eu não entendo as coisas desse modo. Eu posso defender à zona, mas posso, por exemplo, querer fazer uma zona pressionante alta e começar a defender logo no meio campo adversário”. Miguel Leal (anexo 15) parece concordar totalmente.

Na mesma linha de raciocínio, Carvalhal (anexo 4) diz-nos que “**a agressividade não tem nada a ver com o facto da equipa defender à zona, homem-a-homem ou individualmente**. Podemos defender à zona sem agressividade, posicionando-nos à zona e basculando em função da bola, mas sem colocarmos agressividade ou intensidade nas nossas acções. Isso não deixa de ser zona, mas não é uma zona agressiva! Eu gosto mais de defender à zona pressionando o adversário logo no seu meio campo, e isto é perfeitamente possível, porque as minhas equipas fazem-no”.

A respeito do facto de se afirmar que uma equipa que «defende à zona» é uma equipa que recua no terreno, o mesmo treinador (anexo 4) esclarece que podemos perfeitamente “ter a equipa toda recuada junto à sua grande área e estar a defender homem-a-homem”, do mesmo modo que podemos “defender em cima da grande área adversária e estar a defender homem-a-homem”. “**Muitas equipas fazem isto**. Mas também **posso pressionar alto e estar a defender à zona**. O Porto, por exemplo, faz isso. O Porto defende à zona e não se mete encostado à sua grande área. Ele defende alto e utiliza a zona”, sublinha.

Repare-se também nas palavras de Camacho (anexo 7) sobre o facto de se referir o dar a iniciativa ao adversário como uma das desvantagens da «zona»: “Não! Isso é porque não jogam à zona. **O problema é que muita gente não sabe o que é a zona**. A zona é **colocação em campo**, precisamente **para não dar vantagem** a ninguém. Eu coloco a minha **equipa próxima**, no centro do terreno, e, se o adversário sai a jogar longo, ela tenta ganhar a segunda

bola, se ele sai a jogar curto, ela vai pressionar na frente, à **zona**. Agora, se o adversário sai a jogar curto e a equipa fica parada, (...) não o vai apertar e tentar roubar a bola, dá-lhe iniciativa”.

Resumindo, o facto de uma equipa defender no meio campo adversário ou no seu próprio meio campo, optar ou não por realizar acções de *pressing*, não nos permite dizer se esta defende ou não «à zona». **Interessa, portanto, tentar perceber quais** os pressupostos táticos que balizam verdadeiramente esta forma de organização defensiva. Estarão correctas as premissas a que «chegámos» aquando da revisão da literatura? É o que vamos tentar descobrir nos pontos que se seguem...

4.2.2. Três premissas fundamentais como ponto de partida para a correcta apreensão do conceito «zona»

Carvalho (anexo 4) diz-nos que “**a primeira grande preocupação** de uma equipa que defende à zona é **o posicionamento da bola**. A bola comanda o movimento dos meus jogadores, isto é, **não é a equipa adversária** que vai comandar a forma como os meus jogadores se vão movimentar, mas sim a posição da bola”.

Também José Gomes (anexo 8) explica que, nesta forma de organização defensiva, “as referências dos jogadores, em termos de posicionamento, não são os seus adversários directos, mas sim a posição da bola”, acrescentando que “**a primeira preocupação é ocupar espaços**”.

Em consonância com as ideias atrás expostas, Mourinho (anexo 11) refere que esta forma de organização defensiva pressupõe uma **adaptação posicional de todos os jogadores em função da posição da bola**, com o objectivo de encurtar espaços, sublinhando que **a grande preocupação** da sua equipa, quando se trata de defender, é «**fechar espaços como equipa**».

Na mesma linha de pensamento, Rui Quinta (anexo 16) entende que “defender à zona tem a ver com a relação que se estabelece entre os diferentes elementos da equipa, os quais jogam, fundamentalmente, **em função do espaço e da bola**, sempre com o objectivo de reduzir o espaço de acção ao adversário, com comportamentos agressivos sobre o portador da bola e na redução dos espaços”. Tadeia (anexo 1) tem opinião semelhante.

Guilherme Oliveira (anexo 9) afirma que, na «defesa à zona», “o importante é o espaço, é cobrir os espaços, é **retirar espaço e tempo de execução** à equipa adversária”. Para isso,

diz, os jogadores devem preocupar-se fundamentalmente com a bola e com os espaços que têm que ocupar. Miguel Leal (anexo 15) parece partilhar inteiramente desta opinião.

Mas Guilherme Oliveira (anexo 9) vai ainda mais longe e afirma que "(...) os jogadores, «funcionando» à zona, não fazem marcações aos adversários, mas sim **«marcações» aos espaços**. Não interessa que o espaço se encontre livre de adversários ou que esteja ocupado pelo adversário A, B ou C, interessa é que o espaço seja coberto (...)"

Do exposto podemos retirar que, nesta forma de organização defensiva, **os espaços** parecem ser, de facto, a **grande «referência-alvo» de «marcação»** e a posição da **bola a principal «referência de posicionamento»**.

Assim sendo, Garganta (anexo 12) esclarece que, quando falamos em «zona», não nos referimos "ao meio campo defensivo, mas à zona em que a bola se encontra". "A noção de espaço de jogo efectivo (superfície poligonal delimitada pela linha imaginária que une todos os jogadores situados à periferia, num dado momento) é fundamental para se entender o conceito de zona. Uma coisa é a zona perspectivada em relação ao nosso reduto defensivo, outra é a zona em relação à posição da bola quando está na posse do adversário", explica.

Portanto, tal como referimos ao nível da revisão da literatura, se se entende a bola como o principal foco de atenção dos defesas, é natural que se considerem determinadas zonas mais importantes do que outras, sendo que **aquela onde a bola se encontra** é a que mais valor tem.

Concordamos, por isso, com Garganta (anexo 12) quando refere que "em oposição à marcação individual, a zona é uma malha, um filtro colectivo que **permite um varrimento dos espaços em função da sua importância**. Uma coisa é dizermos que um jogador deve estar preocupado com o adversário X e que, portanto, é aquele o jogador que ele deve marcar. Outra é percebermos que, **para se jogar ao ataque de uma determinada forma**, há zonas que temos de proteger de modo mais evidente e mais imediato, outras que vamos condicionar e outras ainda a que vamos vedar o acesso. Ou seja, é preciso entender que **os espaços do jogo não têm todos o mesmo valor** e que se assim é, a marcação individual [seja ela restrita ou zonal] pode ser pouco inteligente, porque iremos perseguir um indivíduo mesmo que ele vá para um espaço menos valioso. A zona tem fundamentalmente a ver com a preocupação com espaços, com linhas de força e não com um indivíduo. Penso que o Futebol, para ser jogado ao mais alto nível, deve ser, deste ponto de vista, mais **globalizado** do que personalizado".

Repare-se agora nas palavras de Lobo (anexo 14): "Defender à zona é a **capacidade de gerir** os espaços e o tempo. **É exactamente saber ocupar** os espaços da maneira mais

correcta, quando não se tem a posse de bola. (...) Defender à zona é ocupar todos os espaços ao longo do campo". Concordamos inteiramente com a ideia de que defender «zonalmente» é saber gerir os espaços e o tempo, ou melhor, trata-se, no fundo, de **gerir colectivamente o espaço e o tempo no jogo**, mas esta gestão **não passa por** (tentar) ocupar todos os espaços como refere Lobo. Aliás, como vimos, dadas as dimensões do terreno de jogo, isso é uma impossibilidade. Temos necessariamente que optar por aqueles que mais valor têm. Se queremos retirar espaço e tempo à equipa adversária temos que fazer «campo pequeno» junto à bola.

Foi neste contexto que, na revisão da literatura, evidenciávamos que, quando se «defende à zona», a grande preocupação deve ser «fechar como equipa» os espaços de jogo mais valiosos (os espaços próximos da bola), para assim condicionar a equipa adversária. Como vimos atrás, Mourinho (anexo 11) parece concordar em absoluto com esta ideia.

Guilherme Oliveira (anexo 9) parece também ir ao encontro desta perspectiva quando refere que "a zona é **uma conquista de espaços que impede**, quase sempre, que a bola seja jogada para determinado espaço, porque esse espaço já está conquistado pela equipa que está a defender". Com a «zona», "o que interessa é **bloquear os espaços importantes** para que seja difícil ao adversário aí jogar". "O futebol é muito isto: um jogo de espaços que se conquistam", realça.

Interessa agora citar novamente Rui Quinta para esclarecermos outra premissa fundamental desta forma de organização defensiva.

Para o nosso entrevistado (anexo 16), "(...) a zona é uma organização que permite à equipa **manter uma determinada área «controlada»** e onde, teoricamente, o adversário terá muitas dificuldades de penetração. Permite que os jogadores assumam determinados espaços, determinadas zonas de intervenção, onde haverá uma relação entre eles que lhes permitirá, **através de um jogo de coberturas, de relação de uns com os outros em termos de redução dos espaços**, condicionar a estrutura adversária, a sua organização e o desenvolvimento do seu jogo".

Aqui, é claramente perceptível que **a posição dos companheiros de equipa** é outra «referência de posicionamento» fundamental nesta forma de organização defensiva. Garganta (anexo 12) concorda inteiramente. Temos, contudo, de voltar a frisar que **esta coordenação** entre os jogadores depende também ela da referência bola.

Portanto, se a referência bola nos permite fazer o tal «varrimento» dos espaços em função da sua importância e, dessa forma, tornar o bloco defensivo **compacto**, a referência **companheiros possibilita-nos** o escalonamento permanente das diferentes linhas e, nessa medida, a existência de **um «sistema de coberturas sucessivas»** (o «jogo de coberturas» de que Quinta fala). É a existência e a permanência deste «jogo de coberturas» no seio da equipa que torna o bloco defensivo verdadeiramente **solidário**. Tal como defende Frade (1985), **os escalonamentos são a base da racionalização espacial e temporal**. São por isso estes que viabilizam a **cobertura gradativa** dos espaços e o «jogo de coberturas».

Concordamos em absoluto com Jesualdo Ferreira (anexo 5) quando sublinha que “uma das características da zona são **as permanentes coberturas**. Para mim, elas são fundamentais. Não existe hipótese nenhuma de uma zona funcionar sem coberturas permanentes”.

Em suma, **os espaços como grande «referência-alvo» de «marcação», a posição da bola e, em função desta, a posição dos companheiros como principais «referências de posicionamento»**, são três pressupostos táticos fundamentais, quiçá os mais importantes, desta forma de organização defensiva. São estas **referências defensivas** que, quando correctamente perspectivadas, nos permitem obter **superioridade** posicional, temporal e numérica na defesa.

Importa referir que, ainda que não seja esta a única forma possível de esclarecer o funcionamento «zonal», ela parece-nos ser, de um ponto de vista «concepto-metodológico», a mais simples e ajustada.

4.2.3. Se os espaços não têm todos o mesmo valor, porquê atribuir a cada jogador sempre a mesma zona?

Ao nível da revisão da literatura tínhamos avançado que, se se aceitasse que os espaços não têm todos o mesmo valor, mais do que dividir o terreno de jogo em zonas e atribuir uma a cada jogador, faria sentido cada um, de forma coordenada com os companheiros, ocupar diferentes espaços (zonas) de acordo com a posição da bola. Já vimos que, quando se «defende à zona», há espaços mais valiosos do que outros. Estará a segunda premissa também correcta?

Efectivamente, Mourinho (anexo 11) refere que, **pela necessidade de basculação em função da posição da bola**, um jogador não joga sempre na mesma zona. Mediante o posicionamento da bola, **os jogadores têm que identificar** quais as zonas mais importantes a

serem ocupadas. Nós sublinhamos que a **basculação** é uma necessidade porque, como vimos, é um dos recursos para fazer «campo pequeno» e assim conseguir **superioridade numérica** junto à bola.

Na mesma linha de pensamento, Guilherme Oliveira (anexo 9) salienta que é “necessário perceber que **um jogador tem responsabilidades num dado espaço apenas por a bola estar em determinada posição**, porque, se a bola for para outra posição, o jogador vai ter que sair desse espaço pois passa a ser responsável por um outro. Isto é, **o espaço da minha responsabilidade** é um espaço que não existe permanentemente, mas que **vai sendo diferente consoante a posição da bola**”. Tadeia (anexo 1) e Carvalho (anexo 4) concordam inteiramente.

Rui Quinta (anexo 16) dá-nos um exemplo: “se a tua equipa está numa oscilação defensiva em que a bola está a passar da esquerda para a direita, teoricamente o avançado adversário está sob a responsabilidade do central do lado direito mas, com a oscilação, esse central terá que ir fazer a cobertura ao lateral direito e quem vai «encontrar» esse avançado é o central do lado esquerdo ou até mesmo o lateral esquerdo. Deve ser esta a **movimentação da linha defensiva, sempre em função da bola**. Agora, se a bola é jogada nesse avançado e se for o lateral esquerdo o responsável, naquele momento, dada a posição da bola, por essa zona, ele terá que exercer uma acção de oposição perante o avançado com bola. Agora, isto é um conceito, é **o conceito de defender à zona** e eu acredito nele. E isto passa fundamentalmente pela comunicação na acção entre os elementos da equipa, porque cada jogador, quando tiver que assumir responsabilidades defensivas noutra zona **pela alteração da posição da bola**, sabe que a estrutura da equipa se adaptará e que outro colega ficará responsável pela zona deixada livre e por algum adversário que nela esteja ou que nela entre”.

Em suma, concordamos com Garganta (anexo 12) quando refere que “a zona é uma forma de defender **mais fluída, mais inteligente, mais adaptada e adaptativa**, onde **a estrutura é flutuante**, ou seja, ainda que o lateral mantenha a sua zona dentro da zona, ela não é sempre a mesma (não está sempre no mesmo sítio, embora mantenha o posicionamento relativo), na medida em que **a estrutura global vai flutuando em função da posição da bola**”. Daí o entendermos a «zona» como **um «padrão defensivo colectivo» dinâmico e adaptativo**.

4.2.4. Se queremos um «padrão defensivo zonal», qualquer «marcação próxima» tem mesmo que ser circunstancial e consequência de uma adequada interpretação das principais referências defensivas?

Pensamos ser ajustado começar este ponto com o entendimento de «defesa à zona» de José Alberto Costa.

Segundo o nosso entrevistado (anexo 6), «defender à zona» “é dividir o campo em zonas, aproximar os sectores em termos de profundidade e reduzir o espaço entre jogadores em termos de largura, aproximando-os e balanceando-os para um lado e para o outro”. Para além disso, salienta que, na sua perspectiva, esta forma de organização defensiva “pressupõe pressão sobre o homem da bola, mas uma pressão **colectiva** e não apenas individual”.

Até aqui concordamos com Costa, no entanto, o mesmo não acontece com a premissa que se segue: “Para mim, defender à zona é, em primeiro lugar, aproximar os sectores (os sectores têm de estar próximos) e, depois, cada jogador, na sua zona, **tem que marcar**”. “Cada jogador na sua zona **tem que encostar no homem** e marcá-lo. Agora, o jogador não o acompanha é para zonas diferentes e por isso é que tem de haver boa cultura táctica, bons desdobramentos e boas compensações”, explica.

Confrontado com esta perspectiva, Garganta (anexo 12) refere que ela “é um exemplo de defesa individual zonal (...). Para mim, **trata-se não de uma zona, mas de sucessivas marcações individuais**. Porque (...) **o indivíduo não está preocupado com a coordenação entre** ele, os companheiros e a bola. Ou seja, enquanto que numa defesa à zona eu tenho também como referências fundamentais (...) os meus próprios colegas, **quando eu tenho uma ideia restritiva de marcação**, vou estar preocupado, antes, durante e depois, com o adversário, **quando para defender bem eu deveria também** estar preocupado com a movimentação dos meus colegas de equipa. Em vez de estar centrado quase exclusivamente no adversário, **importa atender à forma como gerimos colectivamente a situação**. Só assim é que podemos ter uma defesa mais equilibrada, mais racional, mais económica e mais eficaz para o jogo”.

Portanto, **ainda que** José Alberto Costa (anexo 6) refira que as referências defensivas dos jogadores são a bola, o companheiro e a «marcação», pensamos que, na prática, os jogadores, **a partir do momento em que tiverem de** «encostar» nos seus adversários directos, acabam por se preocupar fundamentalmente com a «marcação», perdendo de vista as outras duas referências, bem como por comprometer a correcta ocupação dos espaços e os

escalonamentos (relembramos que «encostar» é perseguir a partir do momento em que o adversário se movimentar!). Ou seja, na prática, acabamos por não «defender à zona» como era nossa intenção!

Mas, curiosamente, é o próprio Costa (anexo 6) que acaba por chegar a conclusão semelhante: “Suponha que eu estou a marcar o ponta-de-lança e que o médio ofensivo vai entrar na minha zona. Se o ponta-de-lança recuou na direcção da bola, eu tenho que o marcar, na minha zona, até determinada altura. A partir do momento em que entra o médio, eu passo a marcá-lo e o ponta-de-lança vai cair na zona de outro que terá que o apanhar. Portanto, estamos a falar de uma interpretação quase perfeita ou perfeita destes conceitos, porque às vezes, durante o jogo, **alguns elementos acabam por marcar sempre homem-a-homem**. Estamos a falar de uma filosofia. **Conseguir que todos façam isto é muito difícil**. Estamos a falar de alto rendimento, de grandes equipas, porque a maior parte das equipas não consegue fazer isto”.

É difícil conseguir que todos os jogadores o façam porque, para nós, o modo como Costa perspectiva a «zona» não está correcto, apresentando incoerências «concepto-comportamentais» importantes. Por exemplo, o facto de entrarem dois adversários numa dada zona – algo que no jogo pode ser frequente – coloca logo problemas. No fundo, Costa revela não conhecer ou não aceitar todos os pressupostos táticos que estão inerentes a esta forma de organização defensiva. Repetimos: **para se defender «zonalmente» é necessária** uma evolução dos «modelos de pensamento» para outro tipo de referências defensivas fundamentais.

Repare-se a este propósito no que diz Tiago (anexo 17): “Se tu apenas te preocupares com o teu homem, **tu não te consegues preocupar com** a equipa adversária, **nem sequer dás conta** se ela está a ir muito para a direita ou muito para a esquerda [o jogador acaba por se alhear do jogo]. Por exemplo, se tu estiveres a marcar um homem, tu não vais estar a ver o que é que os teus companheiros estão a fazer ou se está alguém a guardar as tuas costas. Em contrapartida, se estiveres mais à vontade, de cabeça levantada [a «defender à zona», entenda-se], podes sempre ajudar os colegas”. Daí o dizermos que, **na «defesa à zona», a atenção dos jogadores incide sobre o jogo. É a equipa que gere colectivamente o que está a acontecer**.

É certo que esta forma de organização defensiva é **muito mais complexa** que a «defesa homem-a-homem», mas, para nós, ela é perfeitamente possível de se colocar em prática desde que **o conceito** esteja completamente claro (sem falhas ou incoerências) e se perspetive de forma adequada **o treino**. A equipa e o jogador na equipa terão de vivenciar um conjunto de «contextos de propensão» que os leve a apreender a cultura comportamental

subjacente à «filosofia zonal», algo em que, estamos em crer, pouco se investe no nosso país. Para nós, só existe um modo de «chegar» a este conjunto de regularidades: entendendo o processo de treino como um processo de aprendizagem (de uma dada cultura comportamental) e perspectivando-o à luz do que se vai «institucionalizando» como «Periodização Tática».

Concordamos assim com Rui Quinta (anexo 16) quando refere que “a zona tem muito pouco a ver com as referências individuais, ela baseia-se fundamentalmente num **jogo de redução de espaços e de coberturas**. Para mim, se um jogador adversário entra na minha zona é errado eu ir marcá-lo. Por exemplo, se o extremo esquerdo está na zona do lateral direito e a bola está do lado contrário ou até mesmo na zona central, apesar de o extremo estar na zona do lateral, ele não o vai marcar. Marcá-lo seria manter-se próximo dele, evitar que ele jogue. **A acção de marcação** é estar próximo do adversário, evitando que ele receba a bola, que ele jogue, que ele participe. **A acção de oposição** é eu ser uma oposição, um obstáculo à progressão do meu adversário a partir do momento em que ele recebe a bola. Quando estamos a falar de zona, aquilo que fazemos é oposição. Agora, é evidente que existem alturas em que essa oposição também se transforma em marcação. E onde? Nas zonas mais próximas da baliza e da bola, isto é, nos locais onde a existência de soluções de passe se tornam perigosas. Mas, mesmo nessas circunstâncias, eu posso não precisar de marcar, se me for possível (...) atacar a bola antes de esta chegar ao meu adversário. No fundo, não estou numa verdadeira acção de marcação, pois **a minha primeira preocupação** é manter as relações de cobertura. Depois, em função disso, posso ter que me opor ao adversário que entrou no meu espaço, posso ter que me antecipar”.

O nosso entrevistado toca num aspecto importante: **a questão da antecipação**. Para nós, **a superioridade posicional e temporal e a atenção sobre o jogo** que esta forma de organização defensiva pressupõe, permitem-nos «jogar» de forma mais eficiente com a antecipação. «Jogar em acção» é, muitas vezes, «jogar em antecipação»! E isso dá uma confiança tremenda à equipa e ao jogador na equipa.

Ainda em relação ao facto de se dizer que, quando se «defende à zona», o jogador, dentro da sua zona, «marca» o homem, Rui Quinta (anexo 16) considera que “**essa situação leva a que os jogadores deixem de assumir o jogo de coberturas da equipa**, porque se o adversário colocar em cada zona um jogador, a nossa equipa passa a fazer dez jogos de um contra um. Se o adversário está na minha zona e eu tenho que o marcar, isso deixa de ser zona e passa a ser uma marcação individual [leia-se «marcação homem-a-homem»]. Atendendo ao

conceito de marcação, se o adversário entrar na minha zona e eu o for marcar pode acontecer que ele fuja para o lado contrário ao lado onde o jogo está a ser jogado, ou seja, para o extremo contrário da minha zona. E aí o que é que acontece? **Vou estar a abandonar a minha função primeira em termos de zona**, que é, em função da bola, **fazer a cobertura** ao meu colega e **fechar um possível espaço de penetração**. Agora, a bola foi jogada para a minha zona. O que é que eu faço? Não vou marcar o adversário, vou fazer-lhe oposição, vou condicioná-lo. **A marcação é uma acção que implica reacção e não acção, exige dependência**. Porque se eu te marco, estou dependente de ti e das tuas movimentações. **E as equipas mais evoluídas** aproveitam-se dessa situação para, com movimentações ofensivas, arrastar os adversários para determinados sítios para criar espaços onde lhes interessa”.

Atente-se também na explicação de Guilherme Oliveira (anexo 9) quando lhe perguntamos se, quando se defende «zonalmente», os jogadores mais próximos da bola devem continuar a ter como preocupação o espaço ou se, à semelhança do que acontece com o jogador que pressiona o portador da bola, devem «encostar» nos adversários que aí se encontram: **“É o espaço**. Os meus jogadores sabem que, se a bola está no corredor central, o portador da bola tem que ser pressionado por um jogador, no sentido de lhe retirar espaço e tempo de execução. **E esse jogador tem que ter duas coberturas**, uma de um lado e outra do outro, que é para, se o adversário com bola sair do primeiro homem, haver logo dobra de um deles, novamente para retirar espaço e tempo de execução. Se a bola estiver no corredor lateral, eu só quero **uma cobertura interior**, porque a exterior o meu jogador já a tem (...), é a linha lateral! Portanto, condiciona-se o espaço, mas também os adversários mais próximos do portador da bola, porque, como existe cobertura dos dois lados, **facilmente** eles são logo pressionados **assim que** a bola entrar num deles. Se a bola entrar mais longe, quero que haja logo, nesse local, redução do espaço e do tempo e coberturas permanentes junto do portador da bola. Os restantes jogadores fecham os espaços. (...) Agora, o que me interessa é que **o espaço onde há possibilidade de jogo** [o espaço junto à bola] seja o mais condicionado possível. Se isso acontecer, é muito difícil para o portador da bola conseguir realizar acções que nos ponham em perigo. (...) Eu quero que **o jogador que tem a bola** seja pressionado e que **os jogadores próximos do portador da bola** sejam completamente condicionados em função desses aspectos. Mas não é o jogador A a ir pressionar o jogador B. (...) O jogador A deve fechar o espaço e, a partir do momento em que o jogador B passa a ter a bola, é logo condicionado, **porque há jogadores muito próximos que permitem esse condicionamento de acções”**.

Facilmente se depreende das palavras de Guilherme Oliveira que é **a ocupação cuidada e inteligente dos espaços mais valiosos** que permite, por arrastamento, «controlar» os adversários sem bola.

Curiosamente, também Camacho (anexo 7) refere que, na «defesa à zona», cada jogador, dentro da sua zona, «marca» o homem. Todavia, não nos diz em que é que essa «marcação» se traduz na prática. Será que essa acção passa por o jogador «encostar» e acompanhar o adversário que se encontra na sua zona? Ou será que é «assinalá-lo» e exercer oposição a partir do momento em que receba a bola?

As palavras de Tiago (anexo 17) parecem apontar para a segunda perspectiva: “Eu tenho a minha posição e já se sabe que existe um adversário que, pela sua posição em campo, **vai encontrar-se mais vezes comigo do que** com os meus colegas. **Só que, se a bola estiver do lado contrário, a minha preocupação** não é tanto esse jogador, mas sim cobrir as costas do meu colega, porque **eu sei que esse jogador não vai fazer nada, pois** não tem a bola, e até a bola chegar ao pé dele **eu vou ter tempo de aí chegar, sabendo também** que um colega me vem proteger as costas. Ou seja, fazemos uma espécie de «barquinho» e ajudamo-nos uns aos outros: se a bola vem para o meu lado, eu pressiono e o meu colega vem proteger-me; se a bola vai para o lado contrário, o meu colega vai pressionar e eu vou protegê-lo”.

José Gomes (anexo 8) esclarece-nos sobre o que realmente Camacho pretende: “Falta aí um dado. **Cada jogador marca o homem da sua zona**, quando tiver que o marcar. E quando é que tem que o marcar? **Quando a bola entra na sua zona**. Por exemplo, se o lateral esquerdo adversário vem com a bola e o extremo direito adversário está aberto junto à nossa área, o nosso lateral esquerdo não tem que estar encostado ao seu adversário directo. Ele tem que fechar o campo até próximo da linha imaginária que divide o campo ao meio ou, pelo menos, até à linha do poste (...). (...) Se, entretanto, o adversário muda a direcção do jogo e a bola entra no extremo direito, aí, o nosso lateral esquerdo já tem a responsabilidade de ir marcar o seu adversário directo. Só aí é que podemos falar num duelo individual. **Os nossos jogadores posicionam-se sempre em função da bola**. Se o lateral esquerdo adversário vem com a bola, o nosso extremo direito vai-lhe diminuir o espaço de progressão e os jogadores que estão mais próximos, o médio interior direito e o lateral direito, vão também tentar **encurtar o espaço, na tentativa de fechar linhas de passe** e de, mesmo que a bola ainda assim consiga entrar nesse espaço, os jogadores adversários não terem tempo nem espaço para desenvolverem as suas acções ofensivas. Se o interior direito estiver muito longe do seu colega, quando o extremo

direito fechou a progressão do lateral esquerdo adversário com bola, facilmente a bola entra no espaço que não foi fechado, pois aparecerá lá um médio adversário. E isso pode-nos causar desequilíbrios. Então, se ele estiver mais próximo, mesmo que não consiga fechar a linha de passe e que a bola entre noutro jogador, ele não o vai deixar progredir, nem lhe vai dar tempo e espaço. **Este princípio** estende-se aos restantes jogadores da equipa. Daí que eu diga que os jogadores se posicionam em função da bola. Como é natural, **os jogadores, ao fecharem o espaço próximo da bola, acabam por** ter uma acção junto dos adversários que aí se encontram. **Mas isso é uma consequência** natural de se defender à zona. **As referências dos jogadores**, em termos de posicionamento, **não são** os seus adversários directos, mas sim a posição da bola. **A primeira preocupação é** ocupar espaços. **Muitas vezes, não faz** qualquer sentido um jogador aproximar-se do seu adversário directo”.

A primeira preocupação é ocupar espaços porque estes são a grande «referência-alvo» de «marcação». Porque, tal como referia Valdano (2002), **os espaços são mais importantes do que os adversários**. E muitas vezes não faz sentido um jogador aproximar-se do seu adversário directo porque, com isso, pode estar a abrir um espaço numa zona crucial do terreno e/ou a comprometer a cobertura a um colega (que conta com ela!!).

É por esta razão que afirmamos que, na «defesa à zona», qualquer «marcação próxima» a um adversário sem bola é **sempre circunstancial e consequência da** ocupação cuidada e inteligente dos espaços mais valiosos. E o facto de ser **uma consequência e não um princípio** é, para nós, um ponto **crucial** pela simples razão de que, se for um princípio os jogadores encostarem nos adversários próximos do portador da bola (se essa for uma das indicações dadas aos jogadores), nada nos garante que o fecho de espaços e as acções de cobertura sejam bem feitos. Isso pode ou não acontecer. **Se for uma consequência**, tudo fica salvaguardado. Garante-se **homogeneidade e solidariedade** na defesa, «propriedades» que contribuem decisivamente para a coesão e eficácia defensiva.

Se assim é, importa também tecer algumas considerações sobre o entendimento de «defesa à zona» de Jesualdo Ferreira.

Para este treinador (anexo 5), nesta forma de organização defensiva delimitam-se, “com coerência e equilíbrio, zonas (ou espaços) onde os (...) jogadores actuam com **marcações apertadas, atendendo a um dos princípios de jogo** que diz com clareza: quanto mais próximos os adversários estiverem da bola, mais a defesa tem que ser próxima; quanto mais afastados os adversários estiverem da bola, maior deve ser a distância entre eles e os nossos

jogadores, para não permitir que a zona seja mais facilmente ultrapassada". Conclui dizendo que, **na sua perspectiva**, "a zona é exclusivamente uma marcação individual dentro de uma determinada zona".

Questionado sobre quais **as referências** dos jogadores em termos de posicionamento, Jesualdo Ferreira (anexo 5) responde: "A bola, a baliza e o adversário são as três referências básicas. (...) Portanto, basicamente, se a bola estiver num corredor, os adversários mais próximos da zona da bola, nos espaços que ocupam, **devem ser marcados em cima** com muita agressividade e pressão. Os jogadores mais afastados da bola, numa coerência e lógica de enquadramento no espaço de jogo, devem colocar-se de maneira a não permitirem que na possível saída da bola dessa zona haja jogadores e espaços libertos".

Como vimos atrás, na verdadeira «zona», **os grandes princípios são outros**: oposição ou pressão sobre o portador da bola e redução/fecho dos espaços junto à mesma, **sempre com a preocupação de** assegurar o «sistema de coberturas sucessivas» (a partir do escalonamento permanente dos jogadores). Se isto for **bem feito**, a equipa adversária vê-se drasticamente limitada em termos de espaço e tempo para jogar.

Portanto, consideramos que **as premissas que Jesualdo refere** não são verdadeiros princípios desta forma de organização defensiva, mas **uma consequência de um correcto dinamismo «zonal»**.

Ao perguntarmos se as «marcações individuais» nas zonas dos jogadores ao terem como grande referência os adversários que nelas se encontram, não podem levar a que as coberturas se acabem por perder, o nosso entrevistado (anexo 5) afirma: "Não. Não se perdem (...). (...) Agora, todos os jogadores que estão próximos da bola têm que ser marcados, pois, se assim não for, torna-se fácil para a equipa adversária".

Pelo que já foi referido, **facilmente se percebe que** as coberturas podem de facto ficar comprometidas, pois Jesualdo pretende que os seus jogadores «marquem em cima» nas zonas próximas da bola e, se assim é, **os jogadores passam a estar dependentes do** posicionamento e movimentação dos jogadores adversários (a referência adversário directo passa a ser prioritária).

Também não concordamos que o facto de não se «marcar em cima» os adversários próximos da bola lhes facilite as tarefas, dado que, **na verdadeira «zona», qualquer adversário próximo da bola** (por exemplo os adversários em primeira estação, as opções de passe mais previsíveis) **está sob** constrangimento espaço-temporal e, **mesmo que** a bola chegue até um

deles, o mesmo será rapidamente pressionado/condicionado e o «jogo de coberturas» reajustado. **O respeito integral pelos verdadeiros princípios «zonais» garante-nos** o fecho dos espaços mais valiosos e a salvaguarda dos escalonamentos e das coberturas.

Curiosamente, o nosso entrevistado (anexo 5) também explica que “marcação individual na zona é o adversário que cair na minha zona, na zona onde eu trabalho, ser marcado individualmente e ser da minha inteira responsabilidade. **Quando** ele se muda para outra zona, **eu passo para** uma função de cobertura”.

Aqui, fica bem evidente que uma «marcação individual na zona» leva a que a cobertura **não seja uma prioridade**, e parecem não restar dúvidas de que, quando se defende verdadeiramente «à zona», elas são-no.

Jesualdo Ferreira (anexo 5) refere também que, no seu entendimento da «zona», “um jogador só persegue um adversário até ao fim desde que ele jogue em situações de ruptura completa. Em todos os balanços ofensivos que sejam feitos paralelos à minha baliza, os jogadores oscilam em função da zona que têm que preencher. Todavia, qualquer adversário que saia da minha zona e crie perigo através de movimentos em ruptura, eu tenho que o acompanhar”.

Para nós, como regra, isto não faz qualquer sentido numa «defesa zonal». É claro que, por necessidade de uma permuta ou dobra, pode acontecer um acompanhamento pontual, mas, **como princípio**, tal não se deve verificar. Na verdadeira «zona», **a equipa** encontra-se em **superioridade posicional, temporal e numérica nos** espaços vitais de jogo, o que lhe permite exercer continuamente pressão sobre os sucessivos portadores da bola e estar mais predisposta para acções de antecipação. Aliás, como referimos, é precisamente por **libertar os jogadores da perseguição a** adversários e, dessa forma, de possíveis logros, que a «defesa à zona» nos parece a única forma de organização defensiva que nos pode garantir tal superioridade no jogo!

Fundamentalmente, importa perceber que, **para o equilíbrio que a organização defensiva deve evidenciar**, é muito mais importante fechar **colectivamente** os espaços e manter os escalonamentos e o «jogo de coberturas» do que fazer «marcações próximas» e «perseguir na marcação» jogadores adversários. Ferrari (2001) dizia-nos precisamente isto na revisão da literatura. Tal como referimos, **perseguir** é perder de vista a referência bola, comprometer os escalonamentos e as coberturas e, desse modo, colocar em risco a coesão defensiva.

Por tudo isto, quando Jesualdo Ferreira (anexo 5) refere que uma das grandes vantagens da «defesa à zona» é a equipa ter sempre os jogadores mais próximos entre si e, com isso, a sua coesão ser maior, nós temos que lembrar que essa **coesão** passa por outras **«propriedades»** que não apenas a compacticidade.

Na nossa opinião, Jesualdo só terá a sua equipa a «defender à zona» se pensar alguns aspectos de outra forma. Com isso, tornará a sua **equipa** mais homogénea e solidária, logo, defensivamente mais coesa e eficaz.

Para terminar este ponto, citamos Garganta (anexo 12), o qual dá uma ideia global da «defesa à zona» que nos serve de resumo: “O que nos permite identificar uma zona não é uma fotografia, mas um filme, ou seja, algo dinâmico que nos dá a perceber se **as movimentações** ou a forma como os jogadores vão evoluindo no terreno são ou não **coordenadas em função da posição da bola, da posição dos colegas e da posição dos adversários**. Por exemplo, o facto de nós percebermos num jogo que **uma equipa, quando perde a posse da bola, encurta os espaços** de uma forma coordenada, harmónica, equilibrada, que **executa movimentos de basculação** de uma forma apropriada no sentido de encurtar os espaços entre linhas, que tem a preocupação de fazer sair um jogador para fazer a contenção, e que dá sequência através de **imediatas coberturas** e do reagrupamento da equipa, todos estes são **indicadores macroscópicos** importantes. É também um indicador relevante **não ver jogadores a correrem atrás de indivíduos**, como se lhes tivessem roubado a carteira. Outro indicador que tem a ver com a noção de zona, é precisamente **o facto da equipa se revelar activa a defender, mas simultaneamente o fazer com tranquilidade, com equilíbrio**, com tempo para «digerir» a jogada. Se estivermos na presença de **uma zona, na verdadeira acepção da palavra**, é possível perceber **um movimento global harmónico**, desde o ponta-de-lança até ao guarda-redes” [expresso por um «padrão geométrico colectivo»].

4.2.5. Será tanto mais eficaz, a «zona», quanto mais regularmente se manifestar pressionante?

Tadeia dizia-nos atrás que, na sua perspectiva, a «zona» tinha que ser agressiva. Podia-se inferir o mesmo das palavras de outros entrevistados também já citados. É sobre este aspecto que nos vamos agora debruçar.

Em consonância com a ideia que foi ganhando expressão nos pontos anteriores, Garganta (anexo 12) considera que **“a zona para ser eficaz, terá de ser, necessariamente, pressão. Mais alta ou mais baixa, mas pressão”**. Guilherme Oliveira (anexo 9) concorda inteiramente.

Miguel Leal (anexo 15) afirma que, na sua perspectiva, **“a zona não é nada passiva. (...) Onde estiver a bola tem que existir pressão. E para haver pressão tem que existir aproximação dos jogadores (...). (...) É o espaço que tem que ser reduzido, no sentido de se tentar ganhar a bola”**.

Também em relação ao adoptar-se ou não uma atitude passiva, Rui Quinta (anexo 16) diz-nos que **“(...) isso tem a ver com o conceito de jogo de cada um e o meu conceito de jogo passa sempre por uma atitude agressiva, de conquista. Repara, as atitudes passivas permitem que o adversário vá ganhando tranquilidade, confiança (...). Agora, se a nossa atitude, em termos de zona (zona é condicionar o espaço), for uma atitude agressiva que procure condicionar o adversário, aí, somos muito mais eficientes, muito mais condicionadores. (...) Portanto, uma coisa é estarmos organizados à zona passivamente, outra coisa é estarmos organizados à zona, mas considerando também o atacar o portador da bola, contemplando uma atitude muita agressiva sobre a bola. É assim, o adversário nunca deverá estar tranquilo, com tempo para imaginar, para pensar, para poder decidir, porque senão, se ele for bom, eu dificilmente contrariarei o seu jogo. A construção das suas acções tem que estar sempre condicionada pela minha presença, pela minha proximidade, pela minha possibilidade de interferir”**. **“Umás vezes podemos fazê-lo numa zona do terreno mais recuada, esperando pelo adversário, mas com a intenção de que ele suba e saia das proximidades da sua baliza, e outras vezes podemos fazê-lo mais à frente. Agora, quando o adversário entra na nossa esfera de acção, no nosso bloco, nas nossas linhas, nós não podemos ter um comportamento pacato. Um jogador ataca o portador da bola e os outros ocupam espaços e fazem coberturas, fechando o espaço à equipa adversária. Reduzimos o espaço de acção e obrigamos o adversário ou a perder a bola ou a jogar à periferia”, explica.**

Carvalho (anexo 4) é outro treinador que somente perspectiva a «zona» associada à pressão. Para o nosso entrevistado, defender bem passa por se tentar conquistar a posse de bola o mais rapidamente possível e, nessa medida, quando a sua equipa perde a posse de bola, ele quer que ela procure imediatamente recuperá-la. **“No momento de transição após a perda, quero que exista, por parte dos jogadores mais próximos da zona da bola, uma tentativa**

imediatamente a recuperar. E como? Pressionando muito o portador da bola, aumentando a pressão na zona onde ela se encontra e não permitindo que o adversário se organize”, explica.

Carvalho realça ainda que “aquilo que define uma zona agressiva é a agressividade que nós colocamos sobre o portador da bola”. Tornamos uma «zona» agressiva “limitando ao máximo o tempo e o espaço ao portador da bola e **cobrimo as linhas de passe por superioridade numérica** do lado da bola”. Ou seja, tal como referia Frade (2004), no fundo, faz-se pressão para a equipa adversária perder linhas de passe e isso só se consegue reduzindo os espaços junto ao portador da bola.

Repare-se agora nas palavras de Jesualdo Ferreira: “a zona começa no momento em que a equipa perde a posse da bola, com o primeiro jogador – o que está mais próximo da bola – a pressionar e com todos os outros que estão nas proximidades da bola a procurar os adversários que, eventualmente, vão receber essa bola. (...) **O princípio é este**: quando a equipa perde a bola, o jogador mais próximo da bola tem que pressionar imediatamente o homem da bola e os outros os adversários mais próximos da bola”.

Também aqui temos de dizer que, no que se refere aos adversários próximos da bola, esse não é o princípio, mas uma das consequências de uma «zona» bem executada.

Portanto, tal como salienta Rui Quinta (anexo 16), “**quando falamos em zona, falamos sempre de** uma relação de uns com os outros em termos de coberturas e de redução dos espaços. **Se falamos de uma zona pressionante, falamos também** em atacar permanentemente o portador da bola (a partir do local onde decidimos começar a defender), em condicionar as linhas de passe e em reduzir a capacidade do adversário conseguir levantar a cabeça e jogar”.

Nesta medida, e ainda que **os grandes princípios** que lhes estão subjacentes sejam exactamente os mesmos, concordamos inteiramente com Mourinho (anexo 11) quando refere que «defender à zona» e fazer uma «zona pressionante» acabam por ser situações bem distintas: “**Na prática, são coisas** completamente diferentes! Defender zonalmente e fazer um *pressing* zonal são duas coisas completamente diferentes! Uma coisa é **defender à zona** onde, pelo posicionamento em campo e pela adaptação posicional de todos os jogadores em função da posição da bola quando esta está em posse do adversário, tem-se como objectivo encurtar espaços, criar dificuldades e esperar pelo erro. Defender zonalmente, mas de uma forma **pressionante**, significa, da mesma forma, um **bom jogo posicional**, mas com **uma iniciativa no sentido de** intensificar ao máximo as dificuldades do adversário e de **tentar recuperar a**

bola o mais rapidamente possível. De uma forma muito sumária, e **quando falamos em futebol de alto nível**, eu diria que **homem-a-homem não existe, zonal existe mas não me convence e zona pressionante é o futebol de hoje e o futebol de amanhã**".

Resumindo, tal como defendemos ao nível da revisão da literatura, a diferença entre uma «zona» e uma «zona pressionante» está na agressividade com que se atacam os espaços e o portador da bola. Procura-se colocar a equipa adversária e, em particular, o jogador em posse da bola, sob **forte constrangimento espaço-temporal** para desse modo induzir o erro e recuperar a bola. **Defende-se para atacar!**

Estamos assim inteiramente de acordo com Miguel Leal (anexo 15) quando evidencia que vê a agressividade aliada à competitividade. "Fundamentalmente, é o assumir de uma postura mais ofensiva **na procura da posse de bola**. É a negação daquela postura expectante que, hoje em dia, ainda vigora no futebol português, (...) onde as equipas esperam que o adversário cometa um erro, mas um erro por conta própria, não um erro provocado pela equipa que defende. **A agressividade vem neste sentido de sermos nós a provocar o erro adversário**. E como? Pressionando-o, «fechando-lhe o cerco», limitando-lhe o espaço, induzindo-o **para determinados sítios onde** possamos ser ainda mais pressionantes" reforça. Conclui dizendo que "a agressividade não pode ser confundida com o recurso sistemático à falta", pois se cometermos uma falta não recuperamos a posse de bola, quando é precisamente esse o objectivo subjacente à agressividade defensiva [pois ela não é um fim em si mesma!].

Para terminar, **queremos deixar claro que** não pretendemos com isto dizer que se deve fazer sempre e em qualquer circunstância pressão, mas que essa deve ser uma regularidade de uma equipa que «defende zonalmente». Não podemos é querer jogar de cor, «sobre carris», pois nem sempre é vantajoso ou oportuno exercer pressão sobre o adversário.

4.2.6. Se só a «zona» implica que todos os jogadores pensem em função da mesma coisa ao mesmo tempo, só a «zona» expressa um «padrão defensivo colectivo»

"Penso que a zona é a metáfora do colectivo. É o aproveitamento de todas as forças do conjunto e, fundamentalmente, da sua coordenação".
(Garganta, anexo 12)

Tal como referimos aquando da revisão da literatura, estamos perfeitamente convictos de que, no que toca à **organização defensiva**, esta apenas é **verdadeiramente colectiva** quando as acções táctico-técnicas a empreender por cada um dos onze jogadores são

perspectivadas em função de **uma ideia/intenção comum**. Neste contexto, evidenciámos que só a «zona» expressa uma organização defensiva colectiva.

E, de facto, Garganta (anexo 12) considera que “**a zona** tem fundamentalmente a ver com a **noção de conjunto**, com a **ideia de colectivo**”. Para o nosso entrevistado, “a zona é (...) defender como um tecido e não como um conjunto de células. No tecido, a individualidade celular dilui-se no colectivo, ou seja, **o individual só existe no conjunto**. Fora dele, é apenas ruído!”. “Em vez de transformarmos as tarefas defensivas numa prova de estafetas, transformamo-las num **tecido vivo que actua em conjunto**. Num **tecido inteligente que se vai adaptando** e que, fundamentalmente, vai induzindo adaptações na equipa contrária, ou seja, que vai adoptando formas e movimentos no sentido de conseguir retirar vantagem disso. Penso que **a zona**, quando bem feita e bem interpretada, é **uma forma inteligente de defender**. A defesa individual, seja ela restrita ou zonal, é uma forma mais automática e **mais reactiva** de defender”, diz.

Esta analogia que Garganta faz com a «defesa à zona», comparando-a com um «tecido» em oposição a um simples conjunto de «células», é muito interessante e transporta-nos para algo de fundamental nesta forma de organização defensiva: **a equipa** é entendida como uma **«unidade comportamental»**. O jogador tem tarefas na equipa, mas é **esta quem tem** uma determinada intenção defensiva (perspectivada em função de uma intenção ofensiva!). Assim, o «todo» (a equipa a defender) será maior que a soma das «partes» que o constituem (os comportamentos táctico-técnicos de cada jogador).

Se queremos **uma verdadeira organização colectiva** temos que pensar primeiro na equipa (naquilo que queremos que ela faça) e, só depois, em função desta, em cada um dos jogadores. Já a «defesa homem-a-homem» trata-se de uma soma de respostas individuais não coordenadas colectivamente, pois, como vimos, aí dá-se preferência a referências defensivas individuais.

Miguel Leal (anexo 15) vai claramente ao encontro da nossa perspectiva: “A zona permite-nos fazer **pressão** com uma determinada **intenção**, segundo uma **ideia colectiva**. Com uma pressão homem-a-homem também podemos ser pressionantes sobre o homem que tem a bola ou sobre quem a vai receber, mas não existe uma ideia colectiva. A minha preocupação, enquanto jogador, não é uma dada intenção ou ideia colectiva, mas sim um adversário”.

Na mesma linha de pensamento, Guilherme Oliveira (anexo 9) diz que “**uma defesa à zona implica** comportamentos de praticamente todos os jogadores da equipa. **Todos**

funcionam em função de todos. Não são só três ou quatro jogadores a fecharem e a reduzirem os espaços e os restantes a manterem os espaços abertos. **Todos têm que** fechar espaços, **todos têm que** encurtar espaços, fechar diagonais, encurtar espaços entre sectores, tanto em termos de largura como de profundidade, e isso **implica que toda a gente tem que saber o que fazer em todos os momentos**. “Por isso, para mim, a defesa à zona permite que o jogo, mesmo a defender, seja um jogo colectivo. A defesa homem-a-homem não permite essa situação”, afirma com convicção.

Aqui, é bem evidente a ideia de que, na «defesa à zona», todos os jogadores têm que pensar em função da mesma coisa (de uma dada intenção colectiva) ao mesmo tempo. É este facto que a torna **uma verdadeira organização colectiva**.

Tal como refere Garganta (anexo 12), a «zona» «aproveita» todas as forças do conjunto e, fundamentalmente, **a sua coordenação** para ser mais eficaz. É que, como nos dizia Caneda Pérez (1999), a **coordenação** aumenta a **eficácia**. Para nós, não só a eficácia na defesa, mas depois também na transição para a organização ofensiva que se pretende!

4.2.6.1. Quem, ou o quê, coordena o bloco defensivo?

Ao nível da revisão da literatura, concordámos com Frade (2002) quando afirmava que a «zona» é um bloco **cujá coordenação resulta da** equipa responder a situações que estão a acontecer no jogo. Será mesmo assim? Ou pode haver um jogador responsável pela sua coordenação?

Garganta (anexo 12) considera que “podem ter lugar ambas as situações. (...) Normalmente, o jogador mais próximo do portador da bola deve desencadear uma acção que deve ter como objectivo retardar a construção do jogo adversário. E esse primeiro tempo defensivo (que não deve ser uma saída «à queima» como muitas vezes se vê!), ainda que aparentemente individual, poderá ser um sinal para o colectivo. Ou seja, é um sinal que significa «vamos fechar aqui», «vamos subir». Mas (...) pode acontecer o contrário, isto é, a equipa, pela sua acção, pode «empurrar» alguns jogadores para essas tarefas dando-lhes a entender que podem arriscar com segurança, porque o risco compensa”.

Carvalho (anexo 4) refere que “são as situações do jogo e a posição da bola que definem a pressão”, explicando que podemos **definir** inúmeros **«indicadores de pressão»** que, ao serem transmitidos pela equipa adversária, nos digam que é o momento certo para

intensificar a pressão, na tentativa de ganhar a bola. A entrada da bola em determinada zona do terreno de jogo e o facto de um adversário receber a bola de costas são dois dos exemplos que nos dá.

Miguel Leal (anexo 15) diz-nos que “é a equipa, ainda que possa existir um jogador ou outro que se destaque mais na coordenação do bloco. Mas, fundamentalmente, o bloco tem que ser um comportamento assumido por toda a equipa. Não faz sentido o bloco estar dependente de um jogador. E se acontece alguma coisa a esse jogador? A equipa já não funciona? Pode, eventualmente, existir um jogador que, pela sua personalidade e qualidade, se destaque na liderança da equipa, mas o bloco deve funcionar, fundamentalmente, **em função de referências colectivas conhecidas por todos os jogadores**”.

Na mesma linha de pensamento, Tadeia (anexo 1) afirma que “**deve ser a equipa**. Acho difícil que seja um jogador a coordenar todos os processos inerentes à zona. Todos os jogadores têm que saber interpretar o modelo e dar as devidas respostas às diversas situações, **consoante** a posição da bola, o espaço que têm a defender e os adversários”.

Por sua vez, Mourinho (anexo 11) refere que a liderança, dentro do processo defensivo, tem fundamentalmente a ver “com a basculação, com a zona e com a capacidade que alguns jogadores têm, pela sua posição em campo ou pela sua **capacidade de análise do jogo**, em orientar as acções colectivas”. Considera, por isso, que **há jogadores fundamentais** na dinâmica defensiva.

Pelo exposto, pensamos que **esta tem também que ser uma questão colectiva**, ainda que possam existir jogadores que, pela posição que ocupam e/ou pela cultura táctica que possuem, sejam importantes a este nível. Ou seja, acreditamos que **a coesão do bloco defensivo passa fundamentalmente pela** adequação das respostas individuais face à resposta colectiva desejada e, nesta medida, **mais importante do que** a liderança de um ou mais jogadores é **a existência de sinais/indicadores (referências colectivas)** que, quando devidamente identificados, levem a que os jogadores pensem em função da mesma intenção ao mesmo tempo e, com isso, a que a equipa actue como um «todo» a defender.

4.2.7. Existirão «zonas»?

Após termos esclarecido os principais pressupostos tácticos relativos à «defesa à zona», interessa desvendar o seu lado «versátil-configuracional».

Garganta (anexo 12) salienta que, na sua perspectiva, não há uma «zona» mas sim «zonas». “Muitas vezes, dizemos «aquela equipa está a defender à zona», mas **existem variadíssimas formas de fazer zona**, do mesmo modo que existem variadíssimas maneiras de jogar em 4-3-3 ou de fazer contra-ataque ou ataque posicional”, refere. Assim, diz, “num **espectro relativamente amplo**, poderemos encontrar zonas mais ou menos passivas, mais ou menos pressionantes, mais ou menos compactas, mais ou menos elásticas, mais baixas ou mais altas (...)”. “Portanto, há tantas formas de a realizar, que temos que eleger a nossa zona de modo que possa dar frutos, de acordo com a ideia e com os intérpretes que temos”, conclui. Ressalvamos apenas que **eleger não chega**. É preciso, depois, criar exercícios específicos que a permitam **operacionalizar**.

Repare-se também nas palavras de Mourinho (anexo 11): “Eu não sou nada de conceitos, mas penso que **não existem duas zonas pressionantes iguais**. Por exemplo, para mim, **a zona pressionante do Milan** é fantástica, de tal forma fantástica que contra nós jogou com duas linhas de quatro homens e conseguiu, com algum sucesso, que duas linhas de quatro homens combatessem uma equipa que tinha na zona central do campo um losângulo de quatro homens. Isto é, com duas linhas conseguiu combater uma equipa cujo losângulo tem três linhas! Agora, ainda que a zona pressionante deles seja fantástica, assenta num **conceito** completamente diferente do **nosso**. Por exemplo, enquanto que o Milan, com três linhas, faz **pressão em largura**, nós, com seis, procuramos fazer **pressão em profundidade**”.

Na nossa opinião, estas **diferenças** de que Mourinho fala estão intimamente relacionadas com **o equilíbrio ofensivo** perspectivado em função do **modo como se quer que aconteça a transição defesa-ataque**. Isto é, a «zona pressionante» do F.C. Porto **assenta num conceito completamente diferente** daquele que está subjacente à do Milan fundamentalmente pela forma como o treinador portista quer que a sua equipa dê **sequência ao momento da recuperação da posse de bola**. É que defender é só meio caminho!

Portanto, parece-nos ajustado afirmar que não existem **duas «zonas»** iguais também porque não existem **duas organizações ofensivas** iguais. E, neste contexto, temos que sublinhar que, ainda que comece por dizer que «não é nada de conceitos», Mourinho revela possuir uma **configuração conceptual clara** da «zona» que quer para a sua equipa. Com efeito, não temos quaisquer receios em afirmar que toda a organização de jogo da sua equipa se alicerça em conceitos pessoais.

Importa, porém, perceber que estamos a falar de diferentes «zonas» tendo por base um critério geométrico (estrutural), porque segundo um critério conceptual existe apenas uma forma de «defender à zona», a qual é balizada pelos pressupostos táticos atrás discutidos. Qualquer que seja a «configuração geométrica» colectiva, ela só se constitui como um «padrão zonal» porque respeita as premissas que estão subjacentes a esta forma de organização defensiva.

Em suma, podemos dizer que, se os grandes princípios tornam «universal» a «defesa à zona», os sub-princípios dos princípios, os sub-princípios dos sub-princípios,... tornam única cada «zona» que se constrói.

Por outro lado, uma mesma equipa pode, e deve, nuanciar a sua «zona». E para quê? Para rentabilizar as características dos jogadores que integram o onze, para mais facilmente condicionar a equipa adversária que tem pela frente, para gerir o desgaste emocional num dado momento do período competitivo ou jogo,...

Atente-se, por exemplo, na explicação de Mourinho (anexo 11) quando questionado sobre quais as referências em termos de posicionamento dos seus jogadores numa subida em bloco para pressionar a primeira fase de construção do adversário: “Logo para começar, nós temos definido o posicionamento da pressão [a «configuração geométrica» da equipa] em função do posicionamento do adversário. Isto é, sabendo eu ou não em que sistema é que o adversário vai jogar, a minha equipa sabe como se comportar contra determinado sistema. Por exemplo, imagine-se que eu vou jogar contra o Benfica, equipa que normalmente joga em 4-3-3, mas que, nesse jogo, vai jogar com três centrais. Para nós não é um drama, porque nós sabemos como nos posicionar em função dos diferentes sistemas que o adversário possa apresentar. Portanto, esse problema não se põe. A minha equipa não muda de sistema em posse de bola, isto é, nós, em posse de bola, definimos previamente como é que vamos jogar e é dessa forma que jogamos, estando-nos completamente a borrifar para o sistema adversário. Quando não temos bola, temos que ter a capacidade de ler o sistema adversário e de adaptarmos a nossa pressão ao posicionamento adversário. Por exemplo, se os meus avançados estiverem a jogar contra três defesas ou contra quatro defesas, o seu posicionamento é diferente, em função do posicionamento da defesa contrária. No resumo do jogo do Porto contra o Sporting, os comentadores disseram que, depois do Porto ter marcado o segundo golo, José Mourinho pediu à sua equipa o terceiro. E apareço eu, junto à linha, com o braço esticado e três dedos levantados. Não estava nada a pedir o terceiro! O Sporting tinha feito duas

substituições e tinha passado a jogar com três defesas. Portanto, o que eu disse foi «três defesas»! E os jogadores já sabiam, porque durante a semana eu disse-lhes que o Sporting podia jogar tanto com quatro como com três defesas. Se eles jogassem com quatro nós fazíamos uma coisa, se eles jogassem com três, fazíamos outra. Portanto, nós, que tínhamos jogado cinquenta e cinco minutos contra uma defesa de quatro homens, a partir dali passaríamos a jogar contra uma defesa de três homens. Quando eu fiz o sinal de três defesas, a minha equipa já sabia que, **do ponto de vista da pressão e da basculação**, ia passar a jogar contra uma equipa com três defesas”.

Note-se, todavia, que este conjunto de **preocupações**, que não é mais do que **atender ao lado estratégico**, só deve surgir quando a equipa **já apresenta** como regularidade do seu jogo o «padrão defensivo colectivo» sistematizado e trabalhado (quando já sabe «defender à zona»).

Faria (2003) diz-nos que o trabalho relativo à «zona pressionante», **na fase em que a equipa do F.C. Porto se encontra**, está sempre associado ao trabalho tático-estratégico, isto é, está directamente relacionado com as características do adversário com que se vai jogar.

Podemos daqui inferir que, **numa fase anterior**, o trabalho tinha outro tipo de preocupações. Ou seja, interessa perceber que, **numa fase de aprendizagem da «cultura comportamental zonal»**, atender a estes aspectos pode **comprometer** a sua correcta consolidação. **Só após conseguido o «padrão zonal» é que** o devemos começar a nuanciar, sempre de forma gradual e sem comprometer o essencial – os grandes princípios relativos a esta forma de organização defensiva.

Por outro lado, acreditamos que uma qualquer adaptação à equipa adversária **deve sempre acontecer em função do jogo que queremos** (não se trata aqui de nos autocondicionarmos à equipa adversária, mas precisamente o contrário – criar condições ainda mais favoráveis ao «**jogar em acção**»), isto é, acreditamos que quando Mourinho adapta estruturalmente a sua equipa em função do sistema adversário, fá-lo fundamentalmente com o objectivo de mais facilmente conseguir induzir adaptações na estrutura e no jogo adversário. **Não está em causa o ir «encaixar» no sistema adversário** como acontece com quem pensa o *pressing* «homem-a-homem», mas sim a ocupação dos espaços **em função de** uma dada intenção colectiva. Trata-se de gerir o espaço e o tempo no jogo **de acordo com** os seus interesses. Se assim não fosse, poderia acabar, por exemplo, por estar a fazer pressão em

largura e a comprometer o equilíbrio ofensivo. Estava dependente do jogo adversário. **Abdicava** da sua identidade.

Mourinho (anexo 11) esclarece eventuais dúvidas de forma clara e objectiva: **“A minha equipa não vai encaixar em nada!** O Sporting começou o jogo com quatro homens e acabou com três mais dois. **Na primeira situação**, eu tinha o Derlei e o Jankauskas para pressionarem quatro homens; **na segunda**, tinha o Derlei e o McCarthy para pressionarem três homens. **E se, inicialmente**, o movimento ofensivo dos laterais tem que ser defendido de uma determinada maneira, **após a mudança** ele tem que ser defendido de outra maneira. Agora, **ninguém joga homem por homem ou em função dos homens, mas sim em função dos espaços**”. Em função dos espaços e das coberturas, sublinha.

4.2.7.1. Atender ao lado estratégico do jogo

Como dissemos, o exposto no ponto anterior leva-nos para o lado estratégico do jogo. Por exemplo, o facto de Mourinho dizer que **o movimento ofensivo dos laterais adversários tem que ser defendido de uma determinada maneira pode ter a ver com** a preocupação de levar a bola para determinado local e/ou com a preponderância que determinados jogadores adversários têm na primeira fase de construção do jogo, sempre com a intenção de mais facilmente recuperar a posse de bola.

Com efeito, Mourinho (anexo 11) defende que **é imprescindível conhecermos as características da equipa adversária**, pois quanto melhor as conhecermos, mais fácil é adaptarmos a nossa «zona». Concordamos porque, tal como evidenciámos na revisão da literatura, **uma organização defensiva «zonal», ao permitir «manipular» o espaço e o tempo no jogo, revela-se extremamente útil ao nível da estratégia jogo a jogo.**

Guilherme Oliveira (anexo 9) concorda inteiramente com a nossa ideia e diz-nos que **“defender à zona também é fazer com que o adversário jogue em função daquilo que nós pretendemos.** É possível, por exemplo, fazê-lo jogar em determinados momentos para trás, levá-lo a jogar em dadas situações para os corredores laterais, fazer com que jogue em certos momentos para o meio, isto é, **podemos levá-lo a jogar para onde, estrategicamente, nós queremos que ele jogue.** E para quê? **Para mais facilmente recuperarmos a posse de bola.** Há equipas que saem muito bem a jogar desde o seu guarda-redes e se sabemos, por exemplo, que saem muito bem pelo lado direito, mas muito mal pelo lado esquerdo, nós condicionamos a

forma de jogar deles no sentido de os pressionar essencialmente quando a bola está do lado esquerdo". Por outro lado, acrescenta, "**também pode acontecer que** a equipa adversária saia bem pelos dois lados, mas como nós queremos ganhar a posse de bola essencialmente no corredor direito, porque os nossos jogadores, em termos ofensivos, saem melhor por esse lado, aquilo que fazemos é não permitir que eles saiam pelo lado contrário. **Portanto, conhecendo os pontos fortes e os pontos fracos da equipa adversária e da nossa equipa, tentamos condicionar** um bocadinho aquilo que é o jogo do adversário, no sentido de o levar a fazer aquilo que nós pretendemos".

Guilherme Oliveira (anexo 9) tem, no entanto, o cuidado de **sublinhar** que, tendo em atenção todo este conjunto de preocupações relativo a determinadas particularidades da equipa que vai defrontar, **os princípios que estão subjacentes a tudo isso são sempre os mesmos**, independentemente da equipa com que vá jogar. Na nossa opinião, não poderia ser de outra forma, na medida em que **a ênfase colocada na dimensão estratégica não pode** interferir com aquilo que são os grandes princípios, caso contrário acaba por se tornar **um «atractor estranho»** e colocar em risco a fluidez funcional do bloco defensivo.

Carvalho (anexo 4) dá-nos também alguns exemplos semelhantes aos de Guilherme Oliveira e admite que este é **um lado treinável da zona**.

Resumindo, tal como explica Carvalho (anexo 4), **um «padrão defensivo zonal»** permite-nos contemplar todo um conjunto de situações que nos possibilitam induzir nas equipas adversárias determinado tipo de comportamentos que nos sejam vantajosos, sem que elas se apercebam.

4.3. Porque não se deve tomar por único o que é plural... um outro entendimento (prático) do conceito de «marcação»... que não é mais do que UMA PERSPECTIVA «ZONAL» do mesmo!

Começámos a nossa revisão da literatura procurando evidenciar que, por um lado, a ideia de que a «marcação» é uma acção que tem como «alvo» um jogador adversário nos parecia ser aquela que é dominante no futebol português e, por outro, que não acreditávamos que a noção em causa se esgotasse obrigatoriamente aí. Sendo essa perspectiva naturalmente válida, ela parecia-nos limitada e, nessa medida, limitativa, pois, em última análise, é em função dela que se equaciona a organização defensiva da equipa.

Com efeito, já vimos que, se na defesa «homem-a-homem» e «individual» os jogadores adversários são, de facto, as «referências-alvo» de «marcação», na «defesa à zona» tal não é verdade. Porém, dada a sua pertinência, importa debruçarmo-nos um pouco mais aprofundadamente sobre este assunto.

Garganta (anexo 12) diz-nos que, “na perspectiva vigente, «marcar» significa acompanhar muito de perto, e passo a passo, um jogador adversário no campo, impedindo ou condicionando as suas tarefas ofensivas. Mas do meu ponto de vista, a acção de marcação não se dirige, necessariamente, a um jogador! Considerando os imperativos de organização colectiva, «marcar» quer dizer assinalar, identificar para que não seja confundido, ou tornar mais acentuado, mais visível. E isto transporta-nos (...) para a defesa à zona. Quando se trabalha uma zona, a marcação do espaço e das potenciais linhas de circulação de bola é fundamental. Mais do que marcar um jogador, devemos marcar as possibilidades que ele tem de fazer circular a bola ou de receber a bola, e não o jogador em si. **Eu não marco o ponto que se movimenta no espaço, mas sim algo que tem sentido**, que tem um significado, isto é, as probabilidades que ele tem de receber a bola e de dar sequência ao jogo. Portanto, para mim, a noção de marcação tem fundamentalmente a ver com o condicionamento, não só do indivíduo, mas do espaço, do tempo e da tarefa, enquanto factores do jogo e da jogada”.

O nosso entrevistado (anexo 12) tem o cuidado de aclarar um pouco melhor a sua ideia com um exemplo prático: “Se percebemos que aquele jogador, ao receber a bola naquele momento, pode dar seguimento ao jogo de forma eficaz, então ele não a pode receber. Mas, se percebermos que o facto dele receber a bola naquele sítio, nos vai ser vantajoso porque irá permitir fazer pressão e conquistar rapidamente a bola e sair a atacar, então é bom que a

receba. Ou seja, pelo facto da **leitura** ser outra, os meus comportamentos vão ser distintos. Isto quer dizer que esta questão da marcação, mais do que uma marcação física, é **uma marcação que tem a ver com um sentido** que eu dou à situação em função das linhas de força e das probabilidades de evolução do jogo [e em função do modo como interessa que o jogo evolua!]. (...) Portanto, penso que **a noção de marcação está longe de se restringir à marcação a um indivíduo, de um ponto, fixo ou móvel**". Ressalvamos que esse sentido que o jogador dá à situação resulta do facto de existir, no seio da equipa, um critério de significação, o qual nunca é individual.

Repare-se então na explicação de Mourinho (anexo 11) acerca do modo como perspectiva a acção de «marcação»: "Para mim, marcar é homem, espaço e bola. **Eu tenho que estar com um controlo visual do posicionamento da bola e daquilo que está a acontecer com ela, tenho que ter em conta um determinado espaço e tenho que ter em conta também o posicionamento dos jogadores**. Isto para mim é que é marcação. (...) Por exemplo, se o meu lateral esquerdo penetra pelo seu corredor com bola e se o adversário tem dois jogadores na frente, o lateral do lado contrário tem que estar em situação defensiva e, para se posicionar correctamente, tem que ter em conta: a bola, ele tem que ter **um controlo absoluto da bola**, porque, se a opção do colega com bola for um cruzamento e houver uma segunda bola que caia no meio campo adversário, **a bola é mais importante** do que o espaço que ocupa e do que o adversário do seu lado; **o espaço interior adjacente** ao central que lhe está mais próximo, **que é um espaço zonal e de protecção** a esse central; e, ao mesmo tempo que faz essa basculação interior, **o possível extremo adversário** do seu lado. **Tudo isto tem de ser tido em conta para que** o jogador possa estar em perfeito posicionamento defensivo. Portanto, **na verdadeira marcação**, o jogador tem que ter em conta **a bola, o espaço e o adversário**. E se em vez de ser um companheiro seu for um adversário a ter a bola, a situação não varia: ele vai ter que estar posicionado em função da posição da bola, portanto, tem que ter em conta o espaço (a protecção do espaço); tem que ter em conta o homem, e quando digo o homem, digo os homens, porque, se na zona central estiver um ponta-de-lança, ele terá que ter simultaneamente atenção a esse jogador e ao extremo; e tem que ter em conta a bola, aquilo que está a acontecer com ela".

No entanto, também Mourinho (anexo 11) considera que **o conceito de «marcação» que está «institucionalizado» no futebol português** refere-se mais aos jogadores «encostarem» nos adversários, não os largando e alheando-se de tudo o resto [do jogo!].

E, de facto, esta ideia de «marcação» está bem patente nas palavras de Inácio (anexo 3), Mota (anexo 10), Luís Campos (anexo 13) e Lobo (anexo 14). Para estes entrevistados, a acção de «marcação» está **reduzida à «perspectiva vigente»** – acompanhar de perto e passo a passo os adversários, impedindo ou condicionando as suas tarefas ofensivas –, ainda que normalmente os jogadores apenas o façam nos seus raios de acção. Não estranhámos, portanto, que desconheçam por completo o que é, verdadeiramente, a «defesa à zona».

Tal como tínhamos ressaltado no ponto 4.2.2., ainda que a forma como tentámos esclarecer o funcionamento «zonal» (partindo de três premissas centrais) nos pareça a mais simples e ajustada, ela não é a única possível.

Assim, na nossa opinião, o modo como Mourinho esclarece **o seu entendimento do conceito de «marcação»** também poderia servir para explicar **o funcionamento «zonal»**. E porquê? Porque a sua interpretação da noção em causa não é mais do que uma perspectiva «zonal» da mesma. No fundo, devemos perceber que, **no jogo**, todos estes elementos – bola, espaços e adversários – se «misturam» e, se assim é, todos têm que ser considerados (ainda que não tenham todos a mesma importância!). Nesta medida, a «defesa homem-a-homem» (em resultado de um conceito de «marcação» amputado), ao considerar a referência adversário directo como única «referência-alvo» de «marcação» e grande «referência de posicionamento», acaba por ficar muito aquém das reais exigências do jogo. Note-se ainda que, na explicação de Mourinho, é evidente a ideia por nós avançada de que **o equilíbrio defensivo no ataque deve também requisitar um «pensamento zonal»**.

Curiosamente, a dada altura da sua entrevista, também Guilherme Oliveira (anexo 9) acaba por recorrer a este **modo de pensar** para aclarar aquele que entende ser o correcto funcionamento «zonal»: “enquanto que na marcação homem-a-homem o jogador **praticamente só se preocupa com** o homem – o homem que está na sua zona de intervenção é que é importante –, na defesa à zona ele preocupa-se com **a bola**, com **o espaço** e, evidentemente, com **o homem**. A sua preocupação prende-se com tudo isso relacionado e não apenas com o homem. Na marcação homem-a-homem a sua preocupação é o homem e, se o homem abre, ele abre também, na sua zona de intervenção. Esta é a grande diferença entre a defesa à zona e a defesa homem-a-homem (...)”. Daí o dizermos que **o modo como** o treinador perspectiva **a organização defensiva** da sua equipa está intimamente relacionado com a sua **interpretação do conceito de «marcação»**.

Outra ideia «institucionalizada» no futebol português que importa «desmontar» prende-se com o **cortar/fechar linhas de passe**.

Dada a interpretação mais comum da noção de «marcação», para a generalidade dos treinadores portugueses fechar linhas de passe parece resumir-se aos jogadores «encostarem» nos adversários sem bola. Efectivamente, esta é, claramente, a perspectiva de Inácio (anexo 3), Mota (anexo 10) e Luís Campos (anexo 13). Ainda que Jesualdo (anexo 5) e Costa (anexo 6) evidenciem a preocupação de se fazer «campo pequeno» junto à bola, o seu entendimento de cortar linhas de passe parece também acabar por ser este, pois só isso justifica a quase obsessão pelas «marcações em cima» nesses espaços.

Porém, já para Garganta (anexo 12), “fechar linhas de passe **não implica** encostar ao adversário, mas estar predisposto para **condicionar os canais de circulação da bola**. Uma coisa são **linhas de passe**, outra coisa são **estações de recepção da bola**. Ao encostar actuamos sobretudo na **parte final**, na recepção propriamente dita, mas não nas **vias de circulação**. Actuamos no **destino** mas não no **caminho** para lá chegar. Fechamos uma linha de passe, se partirmos do princípio que o jogador em quem eu vou «encostar» vai ficar lá parado! Da mesma maneira, pensar que vamos marcar um indivíduo «encostando-nos» a ele, pode ser a pior forma de o marcar. Mesmo que estejamos a pensar numa marcação individual! Por exemplo, se nos «encostarmos» ao Zidane isso torna-se vantajoso para ele, porque o mesmo vai receber a bola, vai sair a jogar noutros espaços e já é menos um a defender! A marcação «em cima» a um jogador que tenha uma boa relação com a bola é como brincar ao gato e ao rato”.

Na mesma linha de pensamento, Mourinho (anexo 11) diz-nos: “**O meu conceito de cortar linhas de passe** baseia-se, fundamentalmente, no seguinte: é **definir** claramente quais são **as linhas de passe mais frequentemente utilizadas** pelo adversário (com uma boa observação, consegue-se identificar quais as linhas de passe [os canais de circulação] mais utilizadas pelo adversário) e, **em função disso, pelo posicionamento [estratégico] dos meus jogadores tentar impedir o desenvolvimento dessa dinâmica de jogo** que, para alguns, mais do que uma dinâmica [o vivenciar de uma dinâmica, isto é, um «mecanismo não mecânico»], é um automatismo [o fixar de um automatismo, logo, um automatismo no sentido negativo do termo, expressão de uma «vertigem pelo piloto automático», isto é, um «mecanismo mecânico»]. Por exemplo, imaginemos que uma equipa joga com dois pontas-de-lança e eu com dois centrais, e que eu identifico que a linha de passe mais frequente para o desenvolvimento do jogo deles é o movimento dos pontas-de-lança com o primeiro passe para um deles e que, a partir

daí, o desenvolvimento do jogo acontece com um passe atrás, deixar, *lay off* e tudo o mais. Se eu identifico essa linha de passe **como a mais frequentemente utilizada**, se calhar, vou jogar com um homem na frente dos centrais (**mesmo não tendo** lá nenhum adversário directo) para me fazer a interceptação das linhas de passe. Foi isto que nós fizemos com o Celtic, pois o Celtic jogava com dois homens na frente e nós com dois centrais a jogar dois para dois. Portanto, nós tínhamos um homem a mais no centro do campo e era esse homem que interceptava as linhas de passe para os centrais, porque o jogo deles era dois pontas-de-lança com as costas viradas para os centrais, bola larga, segura e, a partir daí, jogar com os jogadores que vinham numa segunda linha". O nosso entrevistado (anexo 11) reforça que o cortar linhas de passe **passa sobretudo por** ocupar espaços.

Também José Gomes (anexo 8) não concorda com a ideia de que fechar linhas de passe se baseia nos jogadores «encostarem» e «marcarem em cima» os adversários sem bola. "Se o médio interior direito ocupar o espaço que ele tem que ocupar quando o extremo desse lado impede a progressão da bola, ele, ao estar ali, dificilmente permite que a equipa adversária consiga progredir por aquele corredor. Independentemente de onde se posicionar o médio adversário desse lado. Ele defende a sua zona e, se os colegas também se posicionarem correctamente, não há qualquer problema. **A grande preocupação dos jogadores é fechar as zonas mais próximas da bola, para que ela não entre e não progrida. E o fechar é ocupar o espaço nessa zona**, para diminuir o tempo de acção do adversário e obrigá-lo a jogar a bola para outras zonas que não na direcção da nossa baliza", explica.

Portanto, fechar linhas de passe **deve consistir prioritariamente no** conquistar os espaços mais valiosos, fechando-os como equipa! Tal como nos explica Guilherme Oliveira (anexo 9), ao «encostarmos» num adversário, estamos a descurar o espaço e, muitas vezes, a abrir espaços onde a bola pode entrar. Imagine-se agora quando esta lógica é posta em prática pela totalidade da «equipa» («defesa homem-a-homem» e «individual»!!).

Não admira então que também Mourinho (anexo 11) afirme que, para ele, a «defesa homem-a-homem» **simplesmente não existe** e que Guilherme Oliveira (anexo 9) diga que nem sequer pensa nela como sistema defensivo.

Em suma, concordamos com Garganta (anexo 12) quando afirma que "conseguir uma defesa mais equilibrada, mais eficaz, que nos permita tirar melhor partido das mais valias do conjunto, tem precisamente a ver com **os jogadores não estarem centrados em marcações de pontos**, marcações físicas no sentido estrito do termo, **mas com a marcação de espaços e**

da bola, partindo do pressuposto de que valorizamos mais uns espaços do que outros. Ou seja, **em determinados espaços** permitimos que se circule a bola, **noutros** não vamos permitir sequer que ela lá entre ou permaneça e **noutros** ainda vamos tentar imediatamente conquistá-la. O meu entendimento de zona está mais perto desta noção de marcação, porque tudo isto se conjugam. **Se tivermos uma noção de marcação muito restrita, o nosso conceito de zona vai padecer disso e ainda que pensemos que defendemos zona, aquilo que efectivamente fazemos é um somatório de marcações individuais ou, quando muito, individuais zonais**". É nitidamente isso que acontece com a pretensa «zona» de Costa (anexo 6) e, parece-nos, também com a de Jesualdo (anexo 5).

Tal como afirmámos na revisão da literatura, a importância dada às possíveis «referências-alvo» de «marcação» e a ênfase que se coloca em cada uma das «referências de posicionamento» resultam em **diferentes concepções** para a organização defensiva. Assim sendo, dissemos que considerar como prioritária a «referência-alvo» adversário directo (como acontece na «defesa homem-a-homem»), resultaria num «padrão» defensivo totalmente diferente de um outro em que se considere como central fechar determinados espaços, em função da posição da bola, sem que se deixe de «assinalar» os jogadores adversários que aí se encontram («defesa à zona»). Se, no primeiro caso, o «padrão» é algo semelhante a um «jogo de pares», no segundo, evidencia a intenção de «fechar espaços como equipa».

Carvalho (anexo 4) vai precisamente ao encontro da nossa ideia quando se refere a alguns dos **indicadores** que nos permitem **identificar um «padrão zonal**»: "Normalmente, é a distância entre os jogadores e entre as linhas. Quando uma equipa defende à zona, há uma basculação para o lado da bola e um fechar do lado interior ao lado contrário da bola. E isto é bem perceptível. Na própria **ocupação dos espaços** vê-se bem se uma equipa defende ou não à zona: uma equipa que defende homem-a-homem anda sempre **emparelhada**, anda **aos pares** com o adversário; uma equipa que jogue na zona não anda emparelhada, **existe um padrão colectivo de posicionamento** [um «padrão geométrico colectivo»] em função do fecho do lado interior e da basculação para o lado da bola".

4.4. A «zona»... a melhor resposta face à «INTEIREZA INQUEBRANTÁVEL DO JOGO»

4.4.1. Da importância de sustentar defensivamente a nossa forma ofensiva de jogar (porque defender é um meio para recuperar a bola e poder atacar e não um fim em si mesmo), à «INTEIREZA INQUEBRANTÁVEL DA ORGANIZAÇÃO DE JOGO»

"Não consigo dizer se o mais importante é defender bem ou atacar bem, porque não consigo dissociar esses dois momentos. Acho que a equipa é um todo e o seu funcionamento é feito num todo também."
(Mourinho, anexo 11)

Como realçámos na revisão da literatura, por mais que se tenha a intenção de jogar um futebol ofensivo, é sempre necessário sustentar defensivamente essa forma de jogar. Para nós, isso é tanto mais necessário quanto mais percebermos o jogo na sua complexidade e, conseqüentemente, quanto mais tomarmos consciência de que defender bem não se pode esgotar no não sofrer golos. Mas vamos por partes...

Artur Jorge (anexo 2) diz-nos que "uma equipa de futebol, hoje em dia, entre outras coisas, tem que defender bem, que é uma coisa que as pessoas, de vez em quando, se esquecem. Repare-se, hoje em dia, **defender é uma coisa de que ninguém fala**". Acrescenta que **o exemplo que melhor expressa esta necessidade** é o F.C. Porto de Mourinho: "Nunca ninguém refere que o Porto defende bem, parece que o Porto nem defende e, no fundo, é a melhor equipa a defender em Portugal. Penso que isto tem a ver com **o seu treinador**, com a qualidade do seu treinador. (...) As pessoas pensam que não se defende em Portugal e fundamentalmente o Porto é a equipa que melhor defende em Portugal".

Para Garganta (anexo 12), uma equipa que aposte em jogar um futebol ofensivo "tem certamente mais probabilidades de estar mais perto da vitória, embora isso não deva significar que sejam descurados os aspectos defensivos. Importa, sobretudo, ter a noção de que **a equipa é um sistema dinâmico que vive da organização**, o que quer dizer que **depende do compromisso entre a sua identidade e a sua integridade**, tenha ou não a bola num dado momento do jogo".

Nesta medida, o nosso entrevistado (anexo 12) afirma que "adoptar uma intenção predominantemente ofensiva **não deve significar** que se desmereça a intenção defensiva, **ainda que seja para atacar melhor**. Tenho a convicção de que uma equipa que procura cumprir mais frequentemente o grande objectivo do jogo – marcar golos –, tem que encontrar um

equilíbrio entre essa procura e o garante da defesa da sua própria baliza – não sofrer golos. É a tal questão da identidade e da integridade”.

Na mesma linha de pensamento, Guilherme Oliveira (anexo 9) afirma que aposta em jogar o mais possível ao ataque, porque quanto mais o fizer, ainda que de uma forma equilibrada, mais possibilidades tem de ganhar. “A experiência diz-me que, sempre que coloco a minha equipa a jogar o mais possível ao ataque, ganho muito mais vezes, embora essa possibilidade de ser muito ofensivo surja em função do equilíbrio da própria equipa. **Para se jogar ao ataque também se tem que defender e, mais que isso, defender bem.** Para se jogar de uma forma muito ofensiva tem que se ter muitas vezes a bola, mas também **tem que se conquistar muitas vezes a bola.** Temos que ter a bola mais vezes que o adversário e quando a perdemos não podemos ficar à espera que o adversário a perca, **temos que ser nós a procurá-la** o mais rapidamente possível. Para uma equipa que jogue ao ataque sistematicamente, um dos aspectos fundamentais é ter a bola o máximo de tempo possível e, para que isto aconteça, nós temos que a procurar, não podendo ser passivos e esperar que os outros errem para ficarmos com a bola. Por isso, temos que ser nós a ir procurar a bola, **defendendo em função dessa procura.** Assim, a conjugação dos aspectos de equilíbrio, dos aspectos ofensivos e dos aspectos defensivos é que pode permitir jogar mais ou menos ao ataque”, diz.

Mas o nosso entrevistado (anexo 9) vai ainda mais longe: “O ganhar e fazer uma equipa ganhadora implica que ela saiba atacar muito bem e saiba defender muito bem, porque nenhuma equipa consegue ter a bola em seu poder durante os noventa minutos. (...) Como existe uma relação muito grande entre esses dois momentos do jogo – a defesa e o ataque –, **quanto melhor uma equipa defender mais fácil será depois atacar, desde que os dois momentos se articulem da melhor forma possível. O que muitas vezes acontece é que se defende de uma forma que não tem muito a ver com a maneira como se ataca.** Isto tem como consequência algumas divergências que são acentuadas ao longo do jogo e que muitas vezes são aproveitadas pela equipa adversária, porque representam **lacunas na organização do jogo da nossa equipa**”.

Portanto, tal como afirmámos na revisão da literatura, «jogar» é defender e atacar, logo, é imperioso «defender bem» e «atacar bem». Mas, partindo do pressuposto de que, se queremos ganhar, atacar tem que ser prioritário, «jogar» deve ser atacar tanto quanto possível e defender (bem) para atacar (melhor). Queremos com isto evidenciar que a forma

como se defende deve ser perspectivada em função do modo como se deseja atacar. Deve-se organizar defensivamente a equipa com o propósito de atacar melhor.

Como disse Guilherme Oliveira, **defender e atacar são momentos que têm de ser articulados, na medida em que estão relacionados**. Se o «momento ofensivo» se segue ao «momento defensivo», não pode ser indiferente a forma como se defende. Por isso, reafirmamos, «defender bem» não se pode esgotar no não sofrer golos. Adiantamos que, para nós, esta «**articulação de sentido**» das «partes» (organização defensiva e organização ofensiva) do «todo» (organização de jogo) passará em grande medida pela definição de princípios que regulem os momentos de transição (defesa-ataque e ataque-defesa), constituindo-se assim também eles «partes» fundamentais desse «todo».

Neste contexto, concordamos com Camacho (anexo 7) quando afirma que “a consistência do ataque é-nos dada pela defesa. Sempre. É a defesa que nos dá a segurança ofensiva”. Estamos plenamente convencidos que é também por pensar desta forma que Mourinho (s.d., cit. por Lourenço, 2003) referia, a respeito do «crescimento» da sua filosofia de jogo e comparando-a com a de Robson, que, mantendo a primazia por um futebol de ataque, procurou organizá-lo melhor e que essa organização parte justamente da defesa.

Fundamentalmente, acreditamos que o «projecto de jogo» da equipa será tanto mais coeso/sólido/eficaz, no fundo qualitativo, quanto mais for concebido como um «todo» (em função do qual as diversas «partes» se articulam), «todo» esse que não é mais do que o «jogar» (em competição) que se pretende.

Porém, estamos convencidos de que **este não é o modo de pensar da generalidade dos treinadores portugueses**.

Considerem-se, por exemplo, as palavras de Augusto Inácio (anexo 3): “(...) acho que a nossa equipa tem tendências mais ofensivas. Penso que **nós atacamos melhor** do que aquilo que defendemos. Se eu acredito que a equipa pode fazer mais um golo que o adversário, correndo o risco de sofrermos golos, é evidente que **a equipa está mais rotinada ofensivamente**”.

O facto de Inácio aceitar como natural que a sua equipa esteja mais rotinada ofensiva que defensivamente leva-nos a pensar que, para ele, é mais importante (trabalhar) a organização ofensiva. Se assim for, Inácio não concebe verdadeiramente a organização de jogo da sua equipa como um «todo», de uma forma global/unitária. Concebê-la como um «todo» seria rotinar a equipa (e avaliar o seu desempenho) sob o ponto de vista da sua organização de jogo,

dado que não só o «jogar» exige qualidade defensiva, ofensiva e ao nível das transições, como essa qualidade de cada uma das «partes» está, até certo ponto, dependente da qualidade das restantes. Por exemplo, para nós, o «defender bem» não pode ser dissociado do «fazer bem» a transição ataque-defesa, o qual, por sua vez, tem muito a ver com o «atacar bem».

Mas vamos a mais alguns exemplos que mostram que o modo como se concebe a problemática do «jogar», e conseqüentemente a organização de jogo da equipa, pode ser diverso, substancialmente diverso, de treinador para treinador.

Questionado sobre se temos que ser menos ofensivos para defender bem, Inácio (anexo 3) é peremptório: **“É como a manta: tapa-se a cabeça, destapam-se os pés; tampam-se os pés, destapa-se a cabeça”**. Fernando Santos (2004, cit. por «A Bola», 05/03/2004) parece ir ao encontro desta ideia quando se refere à eficácia defensiva do Sporting C.P.: “Num primeiro período da época, nos primeiros jogos fora, sofremos nove golos. Depois, melhorámos bastante. Só houve um jogo em que voltámos a não estar bem: foi na Choupana [empate a três golos com o Nacional]. **Mas é natural numa equipa que assume e corre riscos, para ganhar em todos os jogos**”. Estas duas perspectivas evidenciam uma certa «incompatibilidade» entre o «defender bem» e o «atacar bem».

Já Mourinho (anexo 11), **discorda em absoluto** que uma equipa tenha que ser menos ofensiva para defender bem e diz-nos que **não consegue dissociar os momentos «atacar» e «defender»**, pois **“a equipa é um todo e o seu funcionamento é feito num todo também”**. Miguel Leal (anexo 15) partilha da mesma opinião: **“É perfeitamente possível conciliar as duas coisas** [ser-se muito ofensivo e, ao mesmo tempo, eficaz a defender, percebe-se]. Veja-se o caso do Porto este ano: conseguiu ter uma equipa **bastante ofensiva**, mas também **muito consistente** em termos defensivos. Fundamentalmente, **as equipas que ganham mais vezes fazem muito bem as duas coisas**”. Acreditamos que **assim acontece por não pensarem separadamente** esses dois momentos do «jogar». É precisamente isso que nos diz Mourinho!

Pela forma como divergem, as perspectivas de Luís Campos e José Mourinho permitem-nos outro contraste interessante. Campos (anexo 13) não concorda que, para se «defender bem», tenha que se ser menos ofensivo: “Há treinadores que acreditam nisso e o Cúper é um bom exemplo, mas eu não concordo. Há treinadores que **treinam muito mais** o sistema defensivo do que o sistema ofensivo. **Eu faço precisamente o contrário**. Eu treino as minhas equipas direccionadas para a baliza contrária, na medida em que é importante criar situações de ataque”. Já Mourinho (anexo 11) diz que, quando prepara a sua equipa para qualquer jogo,

prepara-a com a intenção de ganhá-lo, treinando de igual forma a sua organização defensiva e ofensiva. “O jogo é preparado de uma forma equilibrada e o treino é também feito nesse sentido”, afirma.

Concordamos então com Garganta (anexo 12) quando sublinha que **“temos ainda que caminhar bastante** no entendimento, na sistematização destas coisas, no sentido de perceber as suas **conexões** e de entender o Jogo como **um fluxo contínuo**”.

Com efeito, também defendemos que se deve entender o Jogo (e o «jogar») como um «fluxo contínuo», um «continuum», e não como algo faseado e, nessa medida, compartimentado, mas temos de salientar que, tal como refere Frade (2002), **“não há nada mais construído que o jogar**. O jogar não é um fenómeno natural, mas construído”.

Portanto, sendo um fenómeno «construído» (ou em «construção»), qualquer Jogo tem ataque, defesa e transições. A questão está em saber qual a adequabilidade/adequação dessas «construções» à realidade, às reais exigências daquilo que o Jogo é de facto. Ou seja, o Jogo é um «continuum», é fluído na passagem de uns momentos para os outros, mas tanto mais o será quanto mais se tomar consciência disso mesmo e da necessidade da «construção» (conceber e operacionalizar) das «partes» do nosso «jogar» (os princípios de jogo relativos a cada um dos quatro momentos do «jogar») acontecer, ou ser articulada, em função do «todo» que se deseja. Para nós, só deste modo poderemos realmente assegurar a identidade e a integridade do «projecto de jogo» da equipa. É preciso, primeiro, perceber o jogo na sua complexidade!

Curiosamente, Garganta (anexo 12) diz-nos que, se falarmos com alguns treinadores de top e assistirmos a alguns dos seus treinos, constataremos que **a forma como eles «arrumam» o jogo** não é a tradicional [defesa e ataque, perceba-se], que estão mais preocupados com outro tipo de indicadores, com um **entendimento da organização global do jogo**, sem que com isso percam de vista as «partes». Segundo o nosso entrevistado, a grande vantagem dos melhores treinadores e das melhores equipas está na **capacidade que têm de gerir [e, antes disso, de conceber] as «partes» sem perder de vista o jogo [o «todo»]**. Muitas vezes, diz, quando tentamos gerir as «partes», fazemo-lo de tal forma que perdemos sistematicamente de vista o jogo [o «jogar»] e então treinamos defesa, ataque, transições, mas não treinamos a ligação, **o nexa entre tudo isso**. E, assim sendo, na maior parte das vezes, o treinar “não vai desaguar no mar que pretendemos, ou seja, não tem transfere para os comportamentos na competição”.

Na nossa opinião, esse «nexa» (essa «articulação de sentido», perceba-se) muitas vezes não é tido em conta porque simplesmente não se concebe o Jogo como esse «fluxo

contínuo» não faseado, o qual requisita uma organização de jogo global/unitária, contempladora da maximização da «articulação de sentido» que deve orientar a qualidade de manifestação regular dos quatro momentos do «jogar», o mesmo é dizer, uma organização de jogo que consiga **reflectir e responder** eficazmente àquilo a que Frade (2002) chama de **«inteireza inquebrantável do jogo»**. Isto é, a **organização** de jogo da equipa deve também ela ser **uma «inteireza inquebrantável»**. Também aqui, o «todo» será superior à soma das «partes» quando estas são consideradas isoladas umas das outras.

Repare-se então na resposta de Mourinho (anexo 11) quando lhe perguntamos se, numa equipa tão ofensiva como a sua, é decisivo sustentar defensivamente essa forma de jogar: **“Claro. Mas é tão importante defensiva como ofensivamente! Não consigo dissociar as coisas!** Eu não vou para jogo algum em que a organização defensiva me exija mais que a organização ofensiva, da mesma forma que não preparo um único jogo sem que todos os jogadores tenham a sua função defensiva e ofensiva. Inclusivamente, o guarda-redes tem a sua função ofensiva no jogo, participando activamente no treino de organização ofensiva. Portanto, não consigo fazer essa dissociação. **O jogo é preparado de uma forma equilibrada e o treino é também feito nesse sentido. Não consigo dizer se o mais importante é defender bem ou atacar bem, porque não consigo dissociar esses dois momentos. Acho que a equipa é um todo e o seu funcionamento é feito num todo também. Penso que, quando se possui a bola, também se tem que pensar defensivamente o jogo, da mesma forma que, quando se está sem ela e se está numa situação defensiva, também se tem que estar a pensar o jogo de uma forma ofensiva e a preparar o momento em que se recupera a posse de bola. Portanto, penso que tudo isto está demasiado interligado para eu conseguir fazer essa separação.** “Eu não consigo dissociar **onde é que começa a organização**, se na defesa ou no ataque. Não consigo analisar as coisas dessa forma tão analítica. Quando preparo a minha equipa para qualquer jogo, **preparo-a com a intenção de ganhá-lo, treinando de igual forma a sua organização defensiva e ofensiva. Portanto, não consigo dizer onde é que começo a preparar a minha equipa**”, reforça.

Atente-se também nas palavras de Rui Quinta (anexo 16): **“Para mim, é complicado estar a falar da fase de defesa e da fase de ataque separadamente, porque eu acho que o jogo nunca nos permite estarmos apenas numa ou noutra fase. Ou seja, as equipas que estão num processo e, depois deste, vão para o outro processo, são equipas que, na minha perspectiva, terão muita dificuldade em apresentar uma elevada qualidade de jogo. Para**

mim, as equipas com mais qualidade são as que conseguem estar permanentemente a visualizar os dois processos, porque eles estão interligados. Eu defendo para poder atacar e ataco para marcar golos, mas quando perco a bola **devo estar preparado para** imediatamente a tentar recuperar. Ou seja, existe uma relação permanente, **não são dois momentos estanques**, são situações relacionadas. E se eu recuperar a bola numa zona, ataco de uma maneira, se a recuperar noutra ataco de outra forma. Eu digo isto, mas não tinha esta noção enquanto jogador de futebol e foi a minha experiência como treinador (...) que me levou a compreender as coisas desta forma. (...) Penso que as coisas estão ligadas entre si, não são estanques, não é «agora defendemos, pronto,... está bom malta, recuperámos a bola, pronto... e agora o que vamos fazer?». Não, nada disso! **Isso já permitiu tudo** ao adversário”.

Tenha-se igualmente em conta o que nos diz Tadeia (anexo 1) quando questionado sobre se a forma como defendemos deve estar relacionada com a forma como gostamos de atacar: “Aquilo que me parece é que tem que estar tudo integrado. Veja-se **o exemplo do Porto do ano passado**: não me lembro de ver uma equipa portuguesa a jogar tão bem quanto o Porto de Mourinho e **precisamente porque baseava o seu futebol num conceito integrado**. A forma como a equipa defendia estava directamente relacionada com a forma como a equipa atacava, porque existia **uma série de princípios** que eram **inalienáveis e que partiam uns dos outros**. Por exemplo, a defesa alta e o *pressing* alto parecem-me estar relacionados com a forma como o Porto gosta de atacar. O facto de a linha defensiva estar subida no terreno e de a equipa estar próxima está relacionado com uma maior facilidade de circulação de bola. A defesa alta pode estar relacionada com a profundidade que dá ao jogo a partir do momento em que se recupera a bola se a recuperação for feita cedo. E haverá mais coisas que seguramente me escapam”.

Tal como defende Garganta (anexo 12), é pois imprescindível não pensar o jogo [o «jogar»] por «fatias», mas como um «bolo», como um «todo». Quando defendemos, devemos fazê-lo já a pensar na forma como vamos atacar. Do mesmo modo, acrescentamos nós, quando atacamos, devemos fazê-lo a pensar na forma como vamos defender quando se der a perda da posse de bola.

Carvalho (anexo 4), Costa (anexo 6), Camacho (anexo 7) e Miguel Leal (anexo 15) concordam igualmente com a necessidade de se visualizar de forma interligada os momentos defensivo e ofensivo, aproximando-se assim da ideia de que a «inteireza inquebrantável da organização de jogo» da equipa é uma necessidade face à complexidade que o jogo de futebol

em si encerra. Jesualdo Ferreira (anexo 5) expõe-nos ideias que também se enquadram claramente nesta linha de pensamento.

Como nos diz Costa (anexo 6), “a organização de jogo tem vários aspectos [momentos] a considerar: a organização defensiva, que tem determinados princípios; a organização ofensiva, que também os tem; e depois as transições defesa-ataque e ataque-defesa. Estes conceitos é que têm de ser bem determinados [concebidos], bem explicados e bem treinados. Agora, não os podemos dissociar uns dos outros”.

Conceber (e treinar) de forma articulada este conjunto de princípios relativos a cada um dos quatro momentos do jogo é que nos vai permitir chegar à tal **ideia de jogo coerente** e assim levar a equipa a responder com espontaneidade a **essa alternância permanente** entre o «ter a bola» e o «não ter a bola» que é o «jogar».

Para terminar, não queremos deixar de ressaltar que, ao nível do treino, é imprescindível «desmontar» esse «todo». Se é certo que o «jogar» é uma «inteireza inquebrantável», também o é que ele é «fabricado», é «construído» – **treinar é «fabricar» o «jogar» que se pretende**. Assim sendo, no treino, a dominância das preocupações deve incidir nas suas diferentes «partes» (princípios, sub-princípios, sub-princípios dos sub-princípios,... dos quatro momentos do «jogar»), na medida em que o operacionalizar tem critérios.

Com efeito, Frade (2004) diz-nos que “**o treinar implica a (des)integração dos princípios de jogo**”. Quer com isto dizer que, ao nível do treino, revela-se necessário desintegrá-los para, dessa forma, os integrar. Para nós, esta é a única maneira de treinar que faz sentido, na medida em que (des)integrar os princípios (e não as dimensões) é a única forma de respeitar a verdadeira natureza do jogo. Ou seja, é preciso perceber que cada «jogar» (cada ideia de jogo) requisita numa dada «proporção» cada uma das dimensões do jogo (a tática, a técnica, a psicológica e a física) e que, se formos «trabalhar» isoladamente cada uma das dimensões, não estaremos a «trabalhá-las» nas «proporções» correctas. Isto significa que, para chegarmos ao «jogar» que pretendemos, devemos (des)integrar os princípios, com a certeza de que cada princípio a contemplar encerra em si todas as dimensões.

Se é verdade que a cada treinador corresponde uma ideia de jogo que é única, para nós também o é que o «processo de fabricação» de cada um desses futebolis pode ser e deve ser sempre o mesmo. Falamos obviamente da **«Periodização Tática»**.

4.4.2. O EQUILÍBRIO permanente da equipa (perspectivado em coerência com a ideia do «jogar» que se pretende) como necessidade que resulta da importância (que cada vez mais se reconhece) dos MOMENTOS DE TRANSIÇÃO, o segredo do jogo actual?

*As equipas terríveis são aquelas que diminuem o tempo entre o ganhar a bola e atacar e entre o perder a bola e defender."
(Jesusaldo Ferreira, anexo 5)

Constatando-se que defesa e ataque estão então intimamente relacionados e que, por isso, é um erro perspectivar a organização defensiva e ofensiva sem uma «articulação de sentido», urge discutir a importância dos momentos de transição e, nessa medida, do equilíbrio da equipa no jogo.

Ao nível da revisão da literatura vimos que autores como Menotti (s.d.), Valdano (2001), Frade (1985, 2002) e Lillo (2003) evidenciavam a **importância dos momentos de transição**. Importa agora trazer para esta discussão as opiniões dos nossos entrevistados.

Ao reforçar a ideia de que “não existe o ataque e a defesa, mas sim ataque-defesa-ataque-defesa... isto é, existe uma relação contínua entre estes dois momentos”, Rui Quinta (anexo 16) sublinha igualmente que “**a nossa preocupação deverá ser também** a ligação entre eles (as transições)”.

Na mesma linha de pensamento, Garganta (anexo 12) acredita que “algo que se revela cada vez mais importante são as ligações nas transições (nos momentos de perda e de conquista da posse da bola). Digo mais importantes no sentido de **imediatamente se criar uma alteração na atitude** dos jogadores (...)”. “Do jogo «escuro» para o jogo «claro» [e vice-versa] há como que uma alteração brusca no fluxo da corrente. Quem melhor se adaptar, melhor conseguirá impor o seu jogo. (...) **É obvio que para conseguir isso, é preciso que haja um trabalho, um treino, uma rotina de hábitos e de atitudes. Estas coisas não surgem por geração espontânea!**”, diz.

Seguindo o mesmo raciocínio, Miguel Leal (anexo 15) refere que “as equipas que dominam estas nuances do jogo normalmente são as equipas mais inteligentes e são aquelas que têm **uma ideia colectiva**, ideia essa que, mediante o contexto e sem anular a criatividade individual dos jogadores, permite que estes possam ter referências colectivas que lhes facilitem o jogo, em cada momento do mesmo”. Segundo o nosso entrevistado, “o jogo é feito de ataque, de defesa, de transições e, cada vez mais, as equipas que melhor dominam estes momentos do jogo – as transições – são as que, mais facilmente, dominam o jogo. Penso que tudo está

interligado e, para mim, o ataque não tem sentido se não se preparar o momento em que a equipa vai procurar rapidamente conquistar a bola (...). “Muito sinceramente, estou em crer que, hoje em dia, as equipas que melhor dominam as transições, são as que conseguem ganhar mais vezes”, conclui.

Jesualdo Ferreira (anexo 5) enfatiza que a capacidade que uma equipa tem de rapidamente se reorganizar é também um factor de qualidade. Diz-nos assim que, no “diálogo que se estabelece entre duas equipas em confronto, (...) ganhará sempre mais vezes aquela equipa que for capaz de ser **mais rápida a responder aos momentos** em que se ganha ou se perde a posse de bola”. “As equipas terríveis são aquelas **que diminuem o tempo entre** o ganhar a bola e atacar e **entre** o perder a bola e defender. **É aqui que está o segredo do jogo actual**. É esta a principal diferença entre as pequenas e as grandes equipas”, reforça. Curiosamente, como vimos, já em 1985 Frade evidenciava que as melhores equipas teriam algo a ver com o realizar das transições **rapidamente e de forma segura**.

Mourinho (anexo 11) é também peremptório: “no futebol de hoje, **os dois momentos mais importantes do jogo são** o momento em que se perde a bola e o momento em que se ganha a bola”.

O que o nosso entrevistado (anexo 11) nos diz em seguida explica-nos o porquê de tal convicção: “estou cada vez mais convencido de que **o momento chave para se defender bem e para se poder fazer a zona pressionante** é o momento da perda da posse de bola, porque aquilo que se vê claramente é que, seja com marcação homem-a-homem (...), com marcação mista, com zona ou com zona baixa, são raras as equipas que sofrem golos quando estão bem posicionadas sob o ponto de vista defensivo. A maior parte dos golos e das situações de risco acontece em situações de transição e, se assim é, penso que **o momento da perda** da posse de bola é **o momento crítico na organização defensiva**”. “Para mim, se calhar, **defender bem** é uma mistura de «pouco», em termos de quantidade de tempo, mesclado com o momento da perda da posse de bola, os segundos imediatos à perda da posse de bola”, diz. Nós acrescentamos que, pelas mesmas razões, o momento em que se recupera a posse de bola é um momento crítico na organização ofensiva.

Parece assim ficar clara a importância das transições defesa-ataque e ataque-defesa. Fundamentalmente, temos de perceber que os momentos de transição **são decisivos para a fluidez do «jogar»**, sendo que a ideia é rapidamente nos reorganizarmos para tentarmos aproveitar a desorganização temporária da equipa adversária. Não queremos deixar de reforçar

que, tal como referia Frade (2004), se se coloca ênfase nas transições, a organização colectiva tem de ser o mais importante.

Deste modo, concordamos com Garganta (anexo 12) quando realça a importância de se treinar estes «momentos de ligação», mas temos de dizer que, **antes do treinar, tem de vir o conceber de princípios para esses momentos**. Temos, primeiro, de «construir» essas «partes» do «jogar», definindo princípios que sirvam de guia à equipa nesses momentos do jogo. Conceber é organizar, é construir um (e a partir de um) referencial de acção para a equipa e para os jogadores na equipa (uma representação mental do «jogar» que se pretende).

Como facilmente se percebe, a eficácia nestes momentos de transição está intimamente relacionada com o modo como a equipa está organizada antes dos mesmos.

Nesta medida, é igualmente necessário conceber o equilíbrio da equipa no jogo. Falamos obviamente do equilíbrio defensivo no ataque e do equilíbrio ofensivo na defesa.

Tal como sugere Carvalhal (2001), tendo em conta os momentos de transição, é de extrema importância **a equipa estar permanentemente equilibrada**, quer a atacar quer a defender. Mas Carvalhal (anexo 4) explica-nos melhor esta ideia: “No fundo, o jogo é feito de equilíbrios. Ninguém consegue atacar bem **se não tiver a equipa equilibrada para defender** [se não contemplar um equilíbrio defensivo no ataque] e ninguém consegue atacar bem **se, a defender, a equipa não estiver preparada para atacar** [se não contemplar um equilíbrio ofensivo na defesa]. Os equilíbrios são importantíssimos. Estar com a equipa permanentemente equilibrada é meio caminho andado para se poder ganhar”.

Daí que, como vimos, Mourinho (anexo 11) afirme: “**quando se possui a bola, também se tem que pensar defensivamente o jogo**, da mesma forma que, **quando se está sem ela e se está numa situação defensiva, também se tem que estar a pensar o jogo de uma forma ofensiva e a preparar o momento em que se recupera a posse de bola**”.

Portanto, **face à natureza complexa e não linear do jogo, o «momento ofensivo» começa antes** de se ter a bola – com o garante de um equilíbrio ofensivo na defesa – e o **«momento defensivo» começa antes** de a ter perdido – com o garante de um equilíbrio defensivo no ataque.

Como procurámos evidenciar na revisão da literatura, estamos plenamente convencidos de que o facto de se perspectivar «zonalmente» a organização defensiva de uma equipa

influencia decisivamente a eficácia quer do equilíbrio defensivo no ataque e da transição ataque-defesa quer do equilíbrio ofensivo na defesa e da transição defesa-ataque.

Mourinho (anexo 11) não tem quaisquer dúvidas: o facto das transições serem os momentos mais importantes do jogo **dá mais força à ideia de se «defender à zona»**, pois esta **é a única forma de defender que permite**, quando acontecem as transições, **que a nossa equipa esteja em função daquilo que pretende** para esses momentos e não em função do adversário. Garganta (anexo 12) concorda inteiramente.

Está lançado o mote para os pontos que se seguem.

4.4.2.1. Do «ter a bola» ao «perder a bola»

"Que não haja dúvidas, quando se tem a posse de bola, um dos próximos passos é perdê-la!"
(Jesualdo Ferreira, anexo 5)

Valdano (1997a) dizia-nos, ao nível da revisão da literatura, que, ainda que «atacar» e «ter cuidado» parecessem ideias contrárias, fazia todo o sentido serem equacionadas em conjunto. Partindo desta ideia, tentámos evidenciar a importância da organização ofensiva de uma equipa ter em linha de conta todo um conjunto de preocupações relativas ao equilíbrio defensivo no ataque. Procurámos assim demonstrar a importância da equipa preparar-se (organizar-se) para o momento da perda da posse de bola, para mais rápida e eficazmente responder ao mesmo.

É precisamente neste contexto que Rui Quinta (anexo 16) realça a importância de se **atacar contemplando a possível perda da bola**, situação que "tem a ver com a **equipa** estar a atacar, mas, ao mesmo tempo, **estar organizada, estar equilibrada, para**, se perder a bola, rapidamente a voltar a recuperar. Para que isso seja possível **o fundamental é o posicionamento** dos jogadores. Quando a minha equipa está a atacar, **quero que todos** os jogadores participem no processo ofensivo, porém, participar no processo ofensivo **também é** ajustar comportamentos e posições no sentido de manter a equipa equilibrada. E equilibrada para quê? Para que seja capaz de rapidamente recuperar a bola quando a perder", explica.

Também Mourinho (anexo 11) refere que, quando em posse de bola, "(...) **a equipa** tem que estar **preparada sob o ponto de vista posicional** para o momento da perda".

Questionado sobre se faz sentido falarmos em atacar contemplando a possível perda da bola, Guilherme Oliveira (anexo 9) responde que sim, que faz todo o sentido, e que, se

queremos um jogo de qualidade, é assim que temos de pensar. Tadeia (anexo 1), Carvalho (anexo 4), Costa (anexo 6) e Miguel Leal (anexo 15) concordam inteiramente.

Na mesma linha de pensamento, Jesualdo Ferreira (anexo 5) afirma que “defender bem é, em primeiro lugar, **a equipa** estar bem posicionada **no momento em que tem** a posse de bola. Esta é a primeira fase. Porquê? Porque ao perdê-la, se a equipa estiver bem posicionada, **estará em boas condições** de a poder recuperar rapidamente, para poder de novo atacar. Isto significa que as equipas que defendem melhor numa perspectiva ofensiva (e este poderá ser um conceito diferente, um conceito novo), têm mais condições para atacar mais vezes [«defender bem» para atacar melhor!]. Atacando mais vezes têm, naturalmente, mais condições de sucesso”. “Portanto, na minha opinião, existe um conjunto de mecanismos defensivos que se devem começar a articular **no momento em que** a equipa ganha a posse de bola e entra no processo ofensivo”, reforça.

Nesta medida, não concordamos com Luís Campos (anexo 13) quando afirma que “(...) é importante a equipa equilibrar-se rapidamente **quando perde** a posse de bola, para não ser surpreendida com ataques rápidos, contra-ataques ou até mesmo com situações de ataque organizado”. Como vimos, a equipa deve estar equilibrada **quando em posse de bola** para, desse modo, responder de forma rápida e eficaz ao momento da perda, uma vez que, ainda que não saiba onde, quando e como, **sabe que a vai perder**.

Repare-se na resposta de Tiago (anexo 17) à pergunta «Existem zonas e momentos mais importantes para se ganhar a bola ou o que interessa é ganhar a bola?»: “Se pudermos ganhar a bola no terço ofensivo é muito melhor, porque estamos mais perto da baliza contrária e faltam poucos metros para fazer o golo, que é para isso que nós estamos ali a jogar. Quanto mais nós defendermos atrás, mais temos que nos organizar para pudermos lá chegar com sucesso. Portanto, se conseguirmos recuperar a bola o mais cedo possível melhor. Agora, às vezes, a equipa não está organizada e, por essa razão, tem que recuar um bocado, pois **se eu vou tentar ganhar a bola com a equipa desorganizada posso** estragar tudo. A equipa tem que estar organizada e, se não está, não vale a pena tu tentares logo ganhar a bola no terço ofensivo. **É isto que o Porto faz bem!** O Porto organiza-se logo, **no ataque parece que já está organizado para defender** e então conseguem logo atacar o jogador que tem a bola”. Como vimos, não parece estar, está mesmo! Mourinho tem essa preocupação em termos de organização.

Camacho (anexo 7), referindo-se ao futebol praticado na SuperLiga, diz que as equipas, na sua generalidade, **“não têm sentido de defesa**. Ao minuto 88, vejo perderem-se muitas partidas, porque as equipas estão a atacar com sete ou oito jogadores. Não é uma questão de atacar, **é uma questão de ganhar e, para ganhar, os jogadores têm que manter as posições**”. **“Sempre que podem, os jogadores devem estar colocados**. Atacar não é colocar seis ou sete jogadores dentro da grande área adversária. Isso não é ataque, **é desorganização!**”, afirma. Como facilmente se percebe, Camacho refere-se ao equilíbrio posicional da equipa, sendo que é esse, acreditamos, que garante o equilíbrio defensivo.

Tenha-se novamente em atenção as palavras de Tiago (anexo 17) referindo-se ao facto dos diferentes momentos do jogo estarem interligados e à conseqüente preocupação de Camacho com esse aspecto em termos de organização de jogo: **“Então eu, que jogo no meio-campo, tenho, se calhar, essa percepção de que as coisas estão interligadas** mais do que os meus companheiros, **porque tanto tenho que estar a atacar como tenho que estar atento às minhas costas e saber como é que os meus colegas estão posicionados**. E isto é muito importante, **porque a qualquer instante nós podemos perder a bola e temos que já estar com muitos cuidados defensivos, na medida em que, a qualquer momento, surge um contra-ataque e, se nós tivermos os médios dispersos, complica muito a vida aos defesas**. Portanto, talvez eu, mais que ninguém, posso afirmar isso mesmo. **E é verdade que o Camacho tem essa preocupação**. **Nos treinos**, mesmo quando estamos a atacar, ele não fala apenas para os avançados, fala também para nós e diz-nos que temos que estar sempre colocados. **No jogo, a equipa tem que estar sempre posicionada**, seja a defender, seja a atacar. **Até quando o guarda-redes tem a bola na mão nós sabemos quais as posições que temos que ocupar em campo**. Portanto, o futebol não é assim uma coisa em que estão ali onze contra onze... E então com o Camacho, desde o primeiro dia em que chegou, foi uma luta dele: **«colocação, colocação,...»**. E para nós tem sido ótimo trabalhar assim, porque **nos apercebemos que, se calhar, não é preciso correr tanto para estarmos no sítio certo**”.

Aqui, é bem evidente a ideia de que **quando a equipa está a atacar ou a defender não está só a atacar ou a defender**. Se assim é, podemos dizer que **«atacar contemplando a possível perda da bola»** está para além do espaço físico. Isto implica um crescimento cultural por parte da equipa e do jogador na equipa em relação ao conhecimento que se tem do **«jogar»** que se pretende. É imprescindível um **«saber sobre um saber-fazer»**.

José Gomes (anexo 8) explica-nos com algum pormenor o modo como Camacho concebia o equilíbrio defensivo no S.L. Benfica: “Quando estamos a atacar, **já devemos estar preocupados em como é que** vamos defender, caso percamos a bola. E, a este nível, é **fundamental a colocação** dos dois médios mais recuados e dos quatro defesas. Por exemplo, se um lateral subir no terreno e ficarem só três defesas, aquilo que tem que acontecer é os dois médios mais recuados ficarem em situação de cobertura e os três defesas ficarem mais recuados, para que os cinco, numa situação de contenção e concentração, consigam parar um contra-ataque. Se isto for bem feito, é muito difícil o Benfica sofrer um golo em resultado de uma perda de bola no ataque”. O nosso entrevistado acrescenta que o posicionamento desses jogadores “é **sempre em função da posição da bola**”. Para nós, só assim faz sentido, na medida em que, no momento da perda, talvez mais importante do que estar em superioridade numérica, será estar em superioridade posicional e temporal. Estamos em crer que conseguir tal superioridade implica **pensar «zonalmente» o equilíbrio defensivo no ataque**.

Abordado no sentido de nos dar **um exemplo prático** do que é a equipa estar equilibrada defensivamente quando está a atacar, Mourinho (anexo 11) acaba, curiosamente, por ir ao encontro da perspectiva anterior: “Posso dar o exemplo de um treinador com quem trabalhei (ainda que não seja o meu caso, porque não vejo as coisas dessa forma) que dizia, muito claramente, que mesmo em posse de bola cinco jogadores tinham que estar atrás da linha da bola. De uma forma muito sistemática, em cada momento de posse de bola tinham que estar cinco jogadores atrás da linha da mesma. Esta é **uma forma de** abordar as coisas. Eu não faço assim, mas é uma forma de abordar as coisas”. Talvez Mourinho não conceba este ponto deste modo por pensar a organização ofensiva e/ou a transição ataque-defesa de forma diferente. É **que todos estes aspectos têm que ser ponderados e articulados em função do «todo» que se deseja**.

Questionado sobre quais os cuidados que tem, em termos práticos, para que o equilíbrio defensivo no ataque da sua equipa esteja presente, Guilherme Oliveira (anexo 9) explica que “**a equipa tem** algumas preocupações em termos de organização no sentido de, **por um lado**, ser possível atacar como se pretende e, **por outro**, mal se perca a posse de bola, ter possibilidade de a recuperar com uma certa rapidez. Para que isso aconteça, existe a necessidade da **equipa saber ocupar determinados espaços**, os quais tanto nos permitam ser ofensivos com uma certa qualidade, como, em situações de perda da bola, facilmente a recuperar. Isto são preocupações que qualquer **equipa** deve ter. Por exemplo, na minha equipa é impensável não

existirem sempre três defesas na estrutura defensiva. Apenas permito que suba um defesa, nunca podendo subir dois ao mesmo tempo. Para além disso, certos jogadores que fazem parte da organização do meio campo têm que estar posicionados em determinados locais de forma a terem, simultaneamente, um papel ofensivo e defensivo. **Todos os jogadores**, em termos ofensivos, têm espaços de jogo para ocupar e, mesmo que existam permutas entre eles, **esses espaços têm obrigatoriamente que estar ocupados**. Portanto, toda esta organização, toda esta ocupação de espaços, permite-nos estar muito mais equilibrados quando perdemos a posse de bola e, dessa forma, ganhamo-la mais facilmente. Se existirem, em termos ofensivos, espaços não ocupados, **pode acontecer que** o adversário, ao ganhar a bola, consiga fazê-la entrar em zonas onde não temos jogadores que logo de imediato a possam tentar recuperar. Estamos a falar de um conjunto de preocupações que têm a ver com uma **ocupação racional dos espaços** (ainda que com a possibilidade de permutas entre jogadores), ocupação essa que permite, tanto em termos ofensivos como defensivos, termos uma certa qualidade ao nível da organização de jogo”.

Carvalho (anexo 4) considera igualmente que o equilíbrio defensivo no ataque passa, fundamentalmente, por uma ocupação racional dos espaços. Porém, não concordamos com o que diz em seguida: “Nós damos uma grande margem de flexibilidade, em termos ofensivos, aos nossos jogadores e isso pressupõe que eles façam muitas trocas. Dentro das trocas que possam fazer (as quais são treinadas), quem assume posições de equilíbrio tem que estar a equilibrar a equipa. Agora, tanto pode ser um médio como, circunstancialmente, um avançado a fazer um equilíbrio, por estar, momentaneamente, nessa posição. Portanto, há sempre jogadores que estão preparados para equilibrar a equipa, mas não discriminamos que é o A, o B e o C. Alguns jogadores, pelas suas posições naturais, cumprem mais essas funções, mas, como privilegiamos muitas trocas e as situações são abertas, em função das jogadas, da posição da bola e do posicionamento do adversário e dos nossos jogadores, **esse equilíbrio tem uma componente aleatória muito grande**, ainda que não deixe de ser treinado e organizado”.

Na nossa opinião, se existem aspectos do jogo onde devemos procurar reduzir ao mínimo possível a margem de imprevisibilidade/aleatoriedade que lhes está associada, eles são os aspectos relativos ao equilíbrio defensivo da equipa. Acreditamos que é precisamente por pensar deste modo que Mourinho (2003a) contempla a tal «sub-estrutura» fixa em termos posicionais (para nós, a grande responsável pelo equilíbrio posicional da equipa) e a tal «sub-

estrutura» móvel (para nós, a grande responsável pelo «esbanjar-de-dinâmica-para-dispersar-adversários» procurado pela equipa).

Rui Quinta (anexo 16) diz-nos que, na sua perspectiva, “não faz sentido colocar as coisas da seguinte forma: este médio centro só ataca e aquele só defende. Não! Desde que se proporcione, eu quero que as acções ofensivas sejam participadas **por todos**, desde que de uma forma equilibrada. Isto é, não quero é ver, por exemplo, os meus dois laterais em profundidade. Se o lateral do lado da bola participar na jogada, os dois centrais e o lateral contrário ajustam ligeiramente para o corredor por onde a jogada se está a desenrolar. Isto é o quê? É contemplar a eventual perda da bola. Eu quero sempre pelo menos três homens na minha linha defensiva quando estamos a atacar”.

Garganta (anexo 12) vai ainda mais longe no que se refere a esta questão: “O que permite a uma **equipa** estar equilibrada quando está a atacar tem a ver, não só com a **disposição dos jogadores no terreno**, mas sobretudo com **as possibilidades que existem de ligação entre** esses jogadores no sentido de encurtarem distâncias entre si, de diminuírem as distâncias entre linhas (transversais e longitudinais) e, com isso, criarem e transferirem zonas de pressão junto da bola. Com esta ideia, estou a aproximar-me do conceito de defesa à zona (...)”.

Em suma, parece confirmar-se que o fundamental no equilíbrio defensivo no ataque é a existência permanente de um **equilíbrio posicional** no seio da equipa, o qual se traduz na ocupação cuidada e inteligente dos espaços no ataque, no sentido de permitir uma reacção rápida e eficaz à perda da posse de bola. Trata-se de **assegurar a permanente gestão colectiva do espaço e do tempo no jogo, com vista ao domínio dos momentos de transição ataque-defesa**. Consideramos por isso que esta questão do equilíbrio defensivo no ataque deve requisitar **um «pensamento zonal»** e, como vimos atrás, é dessa forma que Mourinho pensa o da sua equipa.

Sublinhamos novamente que **se trata de uma gestão colectiva porque**, se é verdade que alguns jogadores, pelas posições que ocupam, podem desempenhar funções importantes a este nível, também o é que esta **tem sempre que ser uma questão colectiva**. Como ficou evidente, é **a equipa como um «todo» que o assegura**.

Se assim é, **importa «desmontar» mais algumas ideias «fora de prazo»** que nos parecem «institucionalizadas» no futebol português.

Fernando Santos (2004, cit. por «O Jogo», 28/03/2004), a respeito do jogo Sporting – Paços de Ferreira para a SuperLiga 2003/2004, explica o facto dos pacenses terem “criado duas ou três situações com muito perigo” dizendo que, “quando se procura a vitória contra uma equipa que tem dez jogadores atrás da linha da bola, é **natural que** se desguarneça um pouco a defesa”.

Para nós, esse tipo de problemas nada tem de natural. É, isso sim, revelador de carências ao nível da organização de jogo. A origem de tais problemas está no deficiente equilíbrio defensivo da equipa. Relembramos que é perfeitamente possível ser-se muito ofensivo e, ao mesmo tempo, eficaz a defender. É preciso é **«jogar bem defensivamente»** e isso passa também por **pensar defensivamente a organização ofensiva** – conceber o equilíbrio defensivo no ataque. **Se o «jogar» é «construído», o problema está na «construção»!**

Tal como defendia Mourinho (2002a), uma equipa não pode perder a ambição de ganhar os jogos, mas também **não pode perder** a sua tranquilidade e o seu **equilíbrio posicional**. Os jogadores devem manter uma **linha de jogo ofensiva**, ambiciosa, em que seja nítida a intenção de querer ganhar, mas **sem nunca perder o controlo do espaço**.

Mas Mourinho (anexo 11) vai ainda mais longe e esclarece que **quanto mais ofensiva fôr uma equipa, melhor ela tem que saber defender, "principalmente na transição, no momento da perda**. Por exemplo, a equipa desse meu antigo chefe, no momento da perda da posse de bola, era sempre uma equipa extremamente equilibrada que tinha cinco, seis jogadores atrás da linha da bola. Portanto, uma equipa nessas circunstâncias, no momento de transição, estará sempre bem organizada, terá **os espaços bem preenchidos** e nunca estará perante situações de inferioridade numérica. Uma equipa que ataque com mais gente, que não se preocupe tanto com esses equilíbrios defensivos e que não tem qualquer tipo de problema em correr riscos, é uma equipa com mais espaço, com mais espaço defensivo, eventualmente com mais espaço em profundidade, com situações de igualdade numérica, ou até com situações de inferioridade numérica. Portanto, acho que **o conceito de transição** – aquilo que a equipa tem que fazer no momento em que perde a posse de bola – **é ainda mais decisivo numa equipa com esse tipo de filosofia**”.

A perspectiva de Mourinho vai claramente ao encontro de Frade (2002) quando afirmava que “uma equipa que queira **atacar com muitos homens** a subir tem que **dar particular atenção aos *timings* de transição**”. Costa (anexo 6) também não tem quaisquer dúvidas: “Eu

só posso ter uma equipa balanceada para o ataque, se souber fazer com qualidade a transição ataque-defesa”.

Guilherme Oliveira (anexo 9) é outro treinador que nos diz que quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que saber defender e, segundo o mesmo, tem que ser assim “porque, para se atacar com uma certa eficácia, é necessário **atacar com muita gente**, isto é, tem que **haver muita gente envolvida no processo ofensivo**, toda a **equipa** tem que **ter tarefas ofensivas** (mesmo os defesas vão ter tarefas ofensivas bem claras). Como facilmente se percebe, para se atacar dessa forma é necessário uma qualidade defensiva muito grande, **pois é necessário jogar e defender em zonas onde, normalmente, as equipas que não atacam muito não conseguem defender** – no meio campo adversário, muitas vezes perto da área contrária. **E defender nesses locais**, com cinquenta ou sessenta metros nas costas, é muito difícil! Por isso, quanto mais a equipa for ofensiva e quanto mais ela quiser ter qualidade em termos ofensivos, melhor ela tem de saber defender”.

Em concordância com as perspectivas anteriores, Carvalho (anexo 4) explica que “se construirmos uma equipa agressiva ofensivamente, se colocarmos muita gente na zona de finalização, **mas não treinarmos a recuperação rápida da bola**, o risco aumenta. Porque ficamos mais expostos, porque vamos ter jogadores a fazer longas distâncias da zona defensiva até à zona ofensiva e depois a recuperar novamente até à zona defensiva. Jogando dessa forma os riscos aumentam, mas penso que estes podem ser reduzidos se, ao libertarmos a equipa em termos ofensivos com muitas unidades, **a tornarmos simultaneamente agressiva na zona onde** temos mais unidades, isto é, aumentando a pressão na zona ofensiva”.

Neste contexto, interessa ainda conhecer o que nos diz Guilherme Oliveira (anexo 9) quando lhe perguntamos se uma equipa que queira ser muito ofensiva tem, quase obrigatoriamente, que «defender à zona»: “Para uma equipa poder atacar e ser muito ofensiva, tem que ter determinadas preocupações que lhe permitam, quando perde a posse de bola, ser capaz de a recuperar rapidamente. **Para se conseguir recuperar rapidamente a posse de bola temos que** nos organizar de forma a fecharmos imediatamente os espaços aquando da perda da bola, e não é com marcações homem-a-homem que o vamos conseguir fazer, mas sim através de uma tomada de consciência por parte dos jogadores de que têm que fechar de imediato os espaços de forma a que a equipa adversária não consiga sair a jogar e que nós consigamos recuperar rapidamente a bola. Evidentemente que isto só é conseguido com uma certa eficácia **se defendermos à zona**. Se defendermos homem-a-homem é extremamente

difícil, porque aquilo que vai acontecer é que, se o adversário tiver qualidade, ele vai abrir quando em posse da bola [vai fazer «campo grande»] e, ao fazê-lo, a nossa equipa não vai fechar espaços, **mas sim acompanhar o adversário e criar** muitos espaços entre sectores e entre jogadores do mesmo sector. Não vão haver ajudas para se ganhar a posse de bola e vão sempre existir espaços através dos quais a nossa organização defensiva pode ser desmontada”.

Repare-se agora na resposta de Inácio (anexo 3) à pergunta «Fará sentido falar em atacar contemplando a possível perda da bola?»: “Aí é que está! **Eu nunca penso em perder a bola**, porque se fôr pensar em perder a bola então não vou atacar. Eu **tenho que ter confiança** nos jogadores que tenho. Por exemplo, se eu não tiver um jogador bom tecnicamente no meio campo, prefiro fazer um futebol directo, metendo lá a bola e depois não se ganha a primeira, mas ganha-se a segunda”.

Confrontado com a mesma pergunta, José Mota (anexo 10) apresenta uma linha de pensamento convergente com a de Inácio: “Penso que não podemos estar a imbuir os jogadores de um **espírito de fracasso**. Não podemos estar à espera que se falhe, penso que temos é que lhes dar confiança de que vão conseguir. Agora, é evidente que eles também têm que perceber que há uma forma muito própria de tentarmos ganhar rapidamente a posse de bola, que é não desistir da luta, ou seja, assim que a perdemos temos rapidamente que a conseguir”.

Mourinho (anexo 11) discorda totalmente de Inácio e de Mota: “Acho que qualquer jogador, para ter liberdade no seu jogo e no seu pensamento, para poder ser criativo e para poder sair daquilo que é o que está estandardizado em termos de organização, **tem que correr riscos e, quem corre riscos, comete** erros e perde a posse de bola. Portanto, penso que para haver essa criatividade e liberdade que fazem com que o jogo seja mais bonito, **a equipa** tem que estar preparada sob o ponto de vista **posicional** para o momento da perda”.

Guilherme Oliveira (anexo 9) é também peremptório quando colocado perante a possibilidade das preocupações defensivas, quando se está a atacar, poderem estar a demonstrar pouca confiança nos jogadores: “Podemos **ver as coisas** ao contrário! Estamos é a alertar para determinados aspectos, isto é, estamos a dar a noção aos jogadores de que eles estão organizados e que **podem ter confiança para** fazerem aquilo que quiserem, porque, se perderem a posse de bola, **a equipa em si está** organizada para facilmente a ganhar novamente. **Portanto, estamos a dar-lhes ainda mais liberdade!** Porque, se nós estivermos desorganizados, quando os jogadores perderem a bola numa qualquer acção ofensiva, a equipa

não vai ter capacidade para recuperar a posse de bola. Por isso, ter em atenção o equilíbrio defensivo, quando se está a atacar, é **estar a dar confiança à equipa**, é organizá-la de forma a poder reagir rapidamente à perda da posse de bola. **Não é tirar-lhe criatividade**, não é tirar-lhe nada... bem pelo contrário! **Os jogadores sabem que**, mesmo perdendo a posse de bola, têm uma **equipa organizada** que não vai permitir que o adversário abra brechas na sua organização defensiva”.

No fundo, equilibrar defensivamente a equipa no ataque é dar-lhe confiança para atacar mais e melhor, na medida em que se trata de cuidados que lhe permitem sustentar defensivamente a sua forma ofensiva de jogar. Ou seja, organizar defensivamente a equipa para atacar melhor passa, necessariamente, pelo conceber de um ajustado equilíbrio defensivo no ataque.

As palavras de Jesualdo Ferreira (anexo 5) vão claramente ao encontro da nossa perspectiva: “(...) **os jogadores têm de ter consciência que** têm que defender bem **para atacar mais**. Este é um **conceito diferente**. (...) Portanto, quando **a equipa** está em **posse da bola**, o seu **posicionamento** deve ser de tal ordem que, prevendo que vai perder a bola – porque isso acontece! –, lhe permita um imediato ataque à bola e ao adversário. De ataque ao adversário e de ataque à bola, isto é, continuamos a atacar! **A ideia de atacar continua, no sentido de a ganhar rapidamente**. E, se eu não estiver preparado para este segundo ou esta fracção de segundo que **acontece entre o ter a bola e o perder a bola**, se eu não tiver capacidade para rapidamente responder a essa situação, seguramente que vou andar muito mais tempo **atrás da bola** e em **zonas** que não me interessam, por serem **próximas da minha baliza**”.

Portanto, quando Mota (anexo 10) refere que os seus jogadores também têm de perceber que há uma forma muito própria de tentarem ganhar a posse de bola, que passa por rapidamente a tentarem recuperar assim que a perdem, nós temos de voltar a frisar que o facto de eles se organizarem (enquanto equipa) quando a têm para o momento da perda, permitir-lhes-á responder mais rápida e eficazmente ao mesmo.

4.4.2.1.1. Perder o equilíbrio defensivo em transição para a defesa

Na revisão da literatura, arriscámos afirmar que **só o perspectivar «zonalmente» o «momento defensivo» nos garante** que um eventual equilíbrio defensivo no ataque **subsista durante os momentos de transição** ataque-defesa. Ou seja, supondo que uma equipa, mesmo

defendendo «homem-a-homem» ou «individualmente», consegue assegurar algum equilíbrio defensivo no ataque, estamos em crer que, quando perde a bola, ela pode desequilibrar-se **posicionalmente** pelo simples facto de os jogadores que até aí ocupavam espaços considerados importantes passarem a preocupar-se com os seus adversários directos.

E, de facto, Rui Quinta (anexo 16) partilha da nossa opinião: “Esta estruturação [do equilíbrio defensivo no ataque] passa por **um conceito de jogo muito particular, o qual nunca poderá estar dependente das referências individuais**, mas sim das relações de espaço [requisita um permanente «pensamento zonal»!]. Eu quero que a minha equipa esteja equilibrada quando ataca para que, quando perder a bola, **consiga reduzir o espaço de jogo na zona onde**, teoricamente, o adversário vai tentar sair para o ataque. Agora, se a equipa até está equilibrada quando ataca, mas depois, quando perde a bola, vai defender individualmente [leia-se «homem-a-homem»], pode acabar por se desequilibrar. Basta que os jogadores se afastem uns dos outros **para ir marcar** e que um deles seja ultrapassado pelo portador da bola!”. Miguel Leal (anexo 15) parece concordar inteiramente.

Garganta (anexo 12) diz-nos que “a partir do momento em que uma equipa passa a subordinar a sua movimentação à acção do adversário, **não é ela quem dita** o sentido do jogo, é o adversário! Isto é claro como a água! Se garantirmos algum equilíbrio, estando atentos à movimentação dos jogadores adversários, mas sabendo que estamos a jogar da forma que nos é mais vantajosa, isso é positivo. Se perdemos a posse da bola e partimos para referências individuais, é óbvio que **tudo se desagrega, e tanto mais quanto melhor** os adversários perceberem isso. É óbvio que ninguém vai fazer marcações individuais restritas a todos os jogadores. Contudo, jogadores que têm uma função nuclear no jogo estão muitas vezes hipotecados em tarefas defensivas individuais, para andarem a perseguir adversários, descurando o eixo do terreno, onde são necessários não só para defender como para ligar o jogo a partir do momento em que a equipa ganha a posse da bola. E depois ouvimos dizer que a equipa não consegue ganhar o meio campo e que é preciso povoar mais essa zona! **É preciso é povoá-la de uma forma adequada**, porque quando lá metemos mais gente, metemos mais um que vai andar atrás de outro. E continuamos com o mesmo problema! **A resolução do problema passa pela gestão da forma de defender e não necessariamente pelo número de jogadores**”.

Também José Gomes (anexo 8) concorda inteiramente com a ideia de que um eventual equilíbrio posicional no ataque acaba por ficar comprometido se, ao perder-se a bola, as

referências defensivas dos jogadores passarem a ser individuais. “É uma questão de saber defender ou de não saber defender. Se está tudo bem com esses cinco jogadores (se estão todos concentrados e em cobertura), mas, se entretanto se dispersam para cada um procurar o seu adversário directo, **vão estar a criar espaços** entre eles e isso é deixar de estar a defender. É exactamente o que se deve e o que não se deve fazer. Não vejo as coisas de outra forma”, afirma.

Portanto, mesmo podendo continuar em superioridade numérica, uma equipa que «defende homem-a-homem» ou «individualmente» pode acabar facilmente por ficar desequilibrada posicionalmente **em transição, momento** do jogo que, como vimos, é **crítico** para a eficácia defensiva. Efectivamente, este momento é demasiado importante para ser perspectivado segundo a «lógica do encaixe» e, sendo assim, pontos como o condicionar do portador da bola, a ocupação dos espaços vitais de jogo e o estabelecer do «jogo de coberturas» da equipa são prioritários. Pensamos que é por seguir este raciocínio que Garganta (anexo 12) nos dizia que se aproximava do conceito de «defesa à zona» ao entender que “o que permite a uma **equipa** estar equilibrada quando está a atacar tem a ver, não só com a **disposição dos jogadores no terreno**, mas sobretudo com **as possibilidades que existem de ligação** entre esses jogadores no sentido de encurtarem distâncias entre si, de diminuírem as distâncias entre linhas (...)”.

Luís Campos (anexo 13) salienta que, “quando estamos a atacar, temos de ter a clara noção de que, quando perdermos a posse de bola, não poderemos conceder **superioridade numérica** ao adversário em termos ofensivos. Ou seja, no momento em que a nossa equipa perde a posse de bola, não podemos estar a ser surpreendidos por uma superioridade numérica do adversário na nossa zona defensiva. Portanto, há que criar sistemas equilibrados, sistemas que nos permitam defender e atacar de uma forma equilibrada (...)”. Nós temos de referir que superioridade numérica pode não ser suficiente e, se assim é, a organização de jogo da equipa tem também que (tentar) assegurar permanente superioridade posicional e temporal. Para isso, em termos de organização defensiva, temos de perspectivar «zonalmente» tanto o equilíbrio defensivo no ataque como depois o «momento defensivo» (o mais visível do defensivo).

4.4.2.2. Do «não ter a bola» ao «ganhar a bola»

“Nós defendemos de determinada forma para atacarmos de determinada forma e atacamos de uma certa maneira, porque somos capazes de defender de uma forma compatível. Os aspectos defensivos têm sempre que estar relacionados com os aspectos ofensivos, senão jamais conseguiremos um jogo de qualidade!”

(Guilherme Oliveira, anexo 9)

Por tudo o que já foi referido, acreditamos ter reforçado que o «não ter a bola» não implica que tenhamos de nos alhear da organização ofensiva que preconizamos. Interessa, porém, neste contexto, tentar averiguar a validade de algumas das ideias a que chegámos ao nível da revisão da literatura.

Um primeiro aspecto que evidenciámos ser fundamental atender para correctamente perspectivar o «momento defensivo» em função da forma como se quer, em seguida, atacar, prende-se com a **definição da(s) zona(s) onde se procurará recuperar a bola**, definição essa que, parece-nos, deve ser equacionada tanto em função do «**padrão de jogo ofensivo**» desejado, como em função das próprias **características dos jogadores**. Como estamos a falar do conceber de uma «matriz de jogar», não faz sentido aqui incluir o lado estratégico.

Avançando com este raciocínio, referimos, na altura, a título de exemplo, que parece fazer sentido uma equipa procurar recuperar a bola logo no seu meio campo ofensivo quando o seu «padrão de jogo ofensivo» é o ataque posicional.

Ora, é precisamente isso que nos diz Guilherme Oliveira (anexo 9): “O que muitas vezes acontece é que se defende de uma forma que não tem muito a ver com a maneira como se ataca. Isto tem como consequência algumas divergências que são acentuadas ao longo do jogo e que muitas vezes são aproveitadas pela equipa adversária, porque representam lacunas na organização de jogo da nossa equipa. **Por exemplo**, querendo eu que a minha equipa jogue fundamentalmente ao ataque, em ataque organizado [leia-se ataque posicional], se quando perco a posse de bola recuo muito a equipa, aquilo que me vai acontecer, muitas das vezes, é que eu perco a bola no terço ofensivo e recuo a equipa toda cinquenta ou sessenta metros para ganhar a posse de bola, para depois andar mais cinquenta ou sessenta metros para a frente para novamente criar situações de finalização. Esta situação leva a que a equipa, durante o jogo, faça muitas vezes cinquenta ou sessenta metros para trás e muitas vezes cinquenta ou sessenta metros para a frente. **Ou seja, determinado tipo de problemas que eu estou a ter na equipa devem-se exactamente** a eu não adequar a forma de defender à forma de atacar. Agora, se eu em vez de defender atrás passar a defender à frente, se calhar, a quantidade de bolas que

ganho à frente vai ser muito superior. Os adversários, pela minha pressão, perdem muito mais bolas e eu recupero-as com a equipa ainda numa zona adiantada no terreno. E, por vezes, posso até nem conseguir ganhar a bola no terço ofensivo, mas ganho-a no meu sector defensivo, porque as equipas adversárias não conseguem jogar ou têm medo de perder ali a bola e despejam-na. Nesta situação, ainda que ganhe a bola ao nível da minha linha defensiva, acabo por evitar que a minha equipa desça. Ganhamos a bola e a equipa continua instalada no meio campo adversário". "Se queremos ser uma equipa ofensiva, uma equipa que tem muito tempo de posse de bola, não podemos tê-la e, depois, ter uma organização defensiva que não se adapte a essa organização ofensiva, porque, se isso acontecer, vão existir, por exemplo, **desgastes físicos brutais**", acrescenta.

Mas o nosso entrevistado (anexo 9) não se fica por aqui: "Um outro exemplo tem a ver com o facto de, muitas vezes, a equipa até conseguir fechar os espaços, mas ser muito pouco pressionante, isto é, espera pelo erro adversário para ganhar a posse de bola. Se queremos ser **uma equipa de ataque**, temos que **provocar o erro à equipa adversária**, não podemos estar à espera que o adversário perca a posse de bola, porque podemos encontrar equipas que também são boas ao nível da circulação de bola e ficamos sujeitos a estar muito tempo sem ela. Por isso, temos de provocar o erro à equipa adversária. E como? Pressionando-a, **levando-a para determinadas zonas** do terreno **onde nos seja mais fácil** conquistar a bola, provocando o erro no jogador adversário que a tem, cortando as linhas de passe e obrigando a errar em termos técnicos a sucessão de passes".

Porém, como salientámos, para a definição da(s) zona(s) onde se tentará recuperar a bola têm também que ser equacionadas as características dos jogadores. E se na revisão da literatura demos um exemplo relacionado com as características ofensivas dos jogadores, supomos que facilmente se percebe que também as defensivas têm que ser tidas em consideração.

Mourinho (2003c) acredita que "por muito que se trabalhe nesse sentido, o *pressing* alto tem muito a ver com **as características dos próprios jogadores**, de tal forma que se eu não tiver determinados jogadores na minha equipa, independentemente do trabalho ser o mesmo, o *pressing* alto perde a eficácia. Portanto, acho que tem muito a ver com as características dos jogadores, não só físicas mas **principalmente mentais**". "Há jogadores que por si só, pela sua **atitude mental** e pela sua **concentração** no jogo, é **muito mais fácil empurrá-los** para um *pressing* alto, **para uma transição alta**, do que outros. Por muito bem que se trabalhe, há

jogadores com os quais não se consegue atingir determinados objectivos. Eu quase me arriscaria a dizer, por exemplo, que a minha equipa sem Derlei e sem Maniche não pressionaria da forma como o faz”, refere. Concordamos, mas achamos que é preciso dizer mais qualquer coisa.

Como Mourinho (anexo 11) referiu, “o momento chave para se (...) poder fazer a zona pressionante [alta] é o momento da perda da posse de bola”. É por esta razão que este treinador quer uma reacção forte à perda da posse de bola por parte da equipa. Ora, mesmo vivenciando um processo de treino adequado, há jogadores que, pelas suas «características» pessoais (que nada têm a ver com aspectos de ordem «física», **mas mentais e de carácter**), têm dificuldade em ter uma reacção forte ao momento da perda da posse de bola.

Portanto, quando não se têm alguns jogadores que «empurrem» a equipa para transições defensivas tão agressivas e tão altas no terreno como as do F.C. Porto de Mourinho, talvez seja preferível baixar primeiro um pouco o bloco e depois, aí sim, pressionar como equipa, situação que não significa deixar de pressionar no meio campo adversário.

Pensamos, por isso, que mesmo não tendo Derlei e Maniche na equipa, e até pela sua «obsessão» pelo «ter a bola», Mourinho continuaria a apostar numa «zona pressionante» alta, ainda que com outra regularidade e em zonas um pouco mais recuadas. Queremos com isto também evidenciar que as «características» dos jogadores são importantes, **mas fundamentalmente ao nível do equacionar dos** sub-princípios, sub-princípios dos sub-princípios,... relativos a um dado princípio de jogo.

Acreditamos que é neste contexto que Queiroz (2003c) refere que “com Beckham, Guti, Zidane e Figo no meio-campo, esta equipa não pode ser de pressão alta nem jogar como o Milan. Mas, respeitando as leis do futebol, ataque e defesa, organização e ordem, disciplina e responsabilidade, é possível, pelo menos em 80 por cento dos casos, solucionar os problemas. **O que seria um erro estratégico** seria construir um Real Madrid **de pressão constante**”. Sublinhamos, porém, que, não raras vezes, o Real Madrid de Queiroz fazia pressão alta. Não a fazia era **com a regularidade** do F.C. Porto de Mourinho!

Temos também de ressaltar que **apenas o treinar, isto é, a exposição prolongada a um determinado contexto de propensão, nos pode dizer** se temos, ou não, jogadores para um determinado tipo de jogo. Até porque falamos de características que **não são exclusivamente inatas**. São treináveis e, assim sendo, com mais ou menos tempo, alguns jogadores podem ser também a esse nível modelados. E para se tomar consciência de que esta

questão das «características» dos jogadores não é tão linear quanto pode parecer, relembramos que Mourinho (2002d) referia que, com Jankauskas e Capucho, pelas suas características ofensivas, era importante que a equipa pressionasse bastante alto o adversário.

Um outro aspecto que evidenciámos ser fundamental atender para correctamente perspectivar o «momento defensivo» em função da forma como se quer, em seguida, atacar, prende-se com a própria **configuração estrutural defensiva da equipa**, tendo em vista um equilíbrio ofensivo na defesa. Trata-se, também aqui, de conseguir um **equilíbrio posicional**, mas neste caso perspectivado **em função** da forma como se deseja realizar a transição defesa-ataque. Procura-se um posicionamento defensivo colectivo que permita uma passagem ao ataque, rápida, segura e coerente com os propósitos ofensivos. Numa palavra, fluida!

Como afirmámos na revisão da literatura, se com uma «defesa homem-a-homem» ou «individual» nos parece difícil concretizar com eficácia este conjunto de intenções, com uma «defesa à zona» isso parece-nos claramente possível. Tenhamos agora em atenção as perspectivas dos nossos entrevistados.

Mourinho (anexo 11) assume como grande vantagem da «defesa à zona» o facto de a equipa, quando está a defender, estar organizada como quer (partilha uma organização colectiva conhecida), significando isto que quando parte para a transição ofensiva, **o jogo «acontece» em função daquilo que é rotinado**.

Importa relembrar que o facto de o nosso entrevistado salientar que a sua equipa procura fazer pressão em profundidade com seis linhas está, acreditamos, também intimamente relacionado com o equilíbrio ofensivo perspectivado em função do modo como quer que aconteça a transição defesa-ataque.

Jesualdo Ferreira (anexo 5) aponta como uma das grandes vantagens desta forma de organização defensiva o facto de permitir “um posicionamento mais harmonioso e equilibrado na saída para o ataque”. “A zona pressupõe algo que é fundamental: o equilíbrio e a racionalidade na ocupação dos espaços. Permite um equilíbrio entre os jogadores, pela sua proximidade, e uma **predisposição ofensiva** no momento em que a equipa ganha a posse de bola, isto é, **permite que a equipa se posicione de forma a poder atacar mais rápido ou mais vezes**”, considera.

Na tentativa de melhor explicar o seu ponto de vista, dá-nos o seguinte exemplo: “Se a minha transição para o ataque diz que, quando a equipa ganhar a bola no corredor direito, o primeiro passe deve ser frontal e directo para o extremo direito ou, em alternativa, lateral para o

médio interior, mas, no término de uma jogada defensiva, nem o extremo nem o médio interior lá estão [por a equipa «defender homem-a-homem», percebe-se], eu pergunto: que processo **organizado** de ataque é que a equipa tem? Não tem. Pelo menos, aquele que eu julgo ser o melhor e que treinei!”.

Repare-se igualmente nas palavras de Camacho (anexo 7): “Por outro lado, quando um jogador, jogando na zona, ganha a bola, dá meia volta e **sabe onde é que os companheiros estão colocados**. Sabe que pode jogar, porque sabe que, com uma bola similar, os companheiros têm que ocupar aqueles espaços”. Para este treinador, esta é uma das grandes vantagens da «defesa à zona», ainda que **tenha “logo que haver mobilidade**, porque, se não te moves, morres”.

Camacho (anexo 7) diz-nos também que, se colocasse a sua equipa a «defender homem-a-homem», “não saberia onde iriam estar os jogadores. A colocação dos meus jogadores iria estar dependente da equipa adversária”.

José Gomes (anexo 8) elucida-nos sobre esta ideia do agora treinador do Real Madrid: “Claro! Se os jogadores defenderem homem-a-homem ou individualmente, vão estar posicionados em função da colocação dos adversários e, então, nós nunca sabemos onde é que temos os jogadores. **Antes de atacar, a equipa está a defender** e, se entretanto um jogador recupera a bola, ele não sabe onde tem os colegas, porque cada um estava no acompanhamento ao seu adversário directo. Depende para onde se movimentaram os jogadores adversários! (...) E isto tem a ver com **uma perspectiva de Jogo**. A equipa estava a atacar, mas, entretanto, já está a defender. Se está a defender, onde é que estão os jogadores? Não se sabe. Depende. Depende de onde estão os adversários”.

José Gomes (anexo 8) acrescenta que estas preocupações respeitantes ao momento de transição para o ataque **estão relacionadas com o facto de** Camacho privilegiar a circulação de bola. “O Camacho gosta que haja circulação da bola, na medida em que **só assim se podem criar desequilíbrios na estrutura defensiva adversária**. Com a circulação da bola e com a mudança do espaço de jogo. Uma mudança rápida do espaço de jogo é uma situação rapidamente aproveitável, mas isso só é possível de fazer **se os jogadores estiverem colocados**. Nós só podemos circular rapidamente a bola e mudar o espaço de jogo, se soubermos exactamente onde está cada um dos nossos jogadores. Por exemplo, se o Simão ganha a bola no nosso meio campo defensivo, sabe onde está o Tiago, rapidamente lhe coloca a bola e este vira e coloca-a no outro lado, pois sabe que ali vai aparecer o Geovanni”, explica.

Atente-se também na lucidez das palavras de Tiago (anexo 17): **“Se nós não defendermos bem, o ataque não vai funcionar bem.** E se nós, ao defender, o fizéssemos individualmente [leia-se «homem-a-homem»], ao atacar **não íamos conseguir jogar como equipa,** pois eu nunca ia saber onde é que estavam os meus colegas. Ao treinar, criamos automatismos e começamos a saber onde é que estão os nossos companheiros e como havemos de jogar e, se eu estiver a marcar homem-a-homem, hoje estou aqui e amanhã já estou ali e o ataque certamente que não irá funcionar, **a não ser numa eventual jogada individual”.** Nesta medida, questionado sobre quais as vantagens da «defesa à zona», Tiago (anexo 17) diz-nos: “quando recupero a bola é **mais fácil jogar, porque já sei** onde estão os meus colegas, já sei onde estão posicionados. Se estiver tudo colocado é muito mais fácil sair para o ataque”.

Tal como vimos na revisão da literatura, tratando-se a «defesa homem-a-homem» de **uma defesa não colaborativa, a posterior construção do jogo ofensivo acaba por acontecer mais através de condutas individuais** que através de uma autêntica colaboração colectiva, pelo menos no momento de transição (que é só um momento fundamental!!). Voltamos a repetir: **de um modo geral, todos os treinadores referem a importância do «jogar como equipa», porém, muitos estão longe de imaginar que a organização de jogo que preconizam como modelo os afasta claramente desse desejo.**

Também Guilherme Oliveira (anexo 9) concorda com a ideia de que, defendendo «zonalmente», a equipa está organizada como quer e **não em função** do adversário. **Existe uma organização defensiva colectiva conhecida** e, deste modo, a transição para o ataque torna-se familiar para os jogadores. **“São exactamente esses aspectos que são importantes** no sistema defensivo de uma equipa. A transição que existe da organização defensiva para a organização ofensiva é **uma transição em função daquilo que nós pretendemos e que não nos é estranha.** Daí que tenhamos que arranjar uma organização defensiva que potencie a forma como nós atacamos, **porque o nosso grande objectivo é atacar.** E para quê? **Para que não haja determinado tipo de divergências entre esses dois momentos,** para haver um certo equilíbrio entre esses dois momentos do jogo. Se isso não se verificar, o que acontece é que vamos estar a atacar de uma forma e a defender de outra e, quando ganharmos a posse de bola, os jogadores **não vão estar colocados como nós pretendemos para determinado tipo de jogo,** o que nos trará problemas”, explica.

Rui Quinta (anexo 16) considera que, quando se «defende à zona», a transição para o ataque fica facilitada “porque é **uma acção colectiva**, é do conhecimento de todos. Quanto às acções individuais, nós nunca sabemos em que altura vão acontecer, de que forma vão acontecer e em que condições vão acontecer. **Só depois de elas sucederem é que nós podemos ajustar comportamentos**. Em contrapartida, as acções colectivas contemplam a transição de... para... . **A zona permite-me saber, na altura em que recupero a bola, o que é que se passa com os restantes elementos da equipa**. Em contrapartida, se a minha equipa defende individualmente [leia-se «homem-a-homem»], eu nunca sei onde andam os outros jogadores. Para mim, o facto de defendermos à zona e de recuperarmos a bola numa dada situação, permite-nos encadear (ou desenvolver) rapidamente o nosso jogo ofensivo, porque sabemos onde os nossos colegas estão – não estão posicionados em função do adversário, mas sim em função da nossa identidade”. Nesta medida, afirma que uma equipa que «defende homem-a-homem» **terá “muita dificuldade em ligar o processo de recuperação da bola com o ataque”**. “Quando recuperas a bola num jogo individual, páras. Páras para... E agora? O que é que faço? Onde estão os meus companheiros? Eu não vejo o jogo desta forma”, diz. Daí a tendência para iniciativas individuais em transição defesa-ataque.

O nosso entrevistado (anexo 16) considera assim que, quando um treinador aposta na «defesa homem-a-homem», está a pensar unicamente num dos processos – o defensivo. Carvalhal (anexo 4) tem a mesma opinião.

Confrontado com esta ideia de Quinta, Tadeia (anexo 1) considera que quem «defende homem-a-homem» “está a pensar **fundamentalmente** no momento defensivo. (...) Enquanto **quem defende à zona pensa mais na recuperação da bola e no processo ofensivo**, quem defende homem-a-homem pensa mais no processo defensivo e **na anulação do adversário**, e a bola acaba, se calhar, por ser menos importante”. Aqui, é bem evidente a ideia de que quem opta por esta forma de organização defensiva pensa mais no «não deixar jogar», o mesmo é dizer, entende que defender é um fim em si mesmo! Se entendesse o defender como um meio para recuperar a bola e poder atacar, certamente teria outro tipo de preocupações em termos de organização defensiva.

Resposta que também nada nos surpreende é a de Garganta (anexo 12) quando, a propósito da permanente relação que deve existir entre a defesa e o ataque, lhe perguntamos se a «defesa homem-a-homem» serviria apenas o «momento defensivo»: “Penso que nem isso! (...) Num terreno com as dimensões de um campo de Futebol, com o número de jogadores

envolvidos e com o espaço físico que teoricamente cabe a cada um, parece-me um contra-senso fazer-se esse tipo de marcações (salvo raras exceções). Veja-se, por exemplo, o Ricardo Carvalho e a forma como joga; veja-se a disponibilidade que tem para também participar no jogo ofensivo, quando a equipa ganha a posse da bola. Ele faz isso porque tem uma mentalidade de zona, uma intenção construtiva. Não é um perseguidor de adversários. Sabe onde está e o que é que deve fazer, sabe posicionar-se, sabe quando deve sair ou ficar. Não anda atrás deles, **anda atrás do jogo**. Esta é uma postura, uma atitude diferente da daqueles centrais a que estamos habituados e que procuram sistematicamente o contacto físico, andando sempre «em cima» do ponta-de-lança ou do indivíduo que ali estiver, **desligando-se quase por completo** do cenário do jogo”.

Não podemos deixar de sublinhar que esta «atitude»/«postura» de Ricardo Carvalho é **a expressão de uma cultura comportamental adquirida no treino** da ideia de jogo que Mourinho concebeu e conseguiu operacionalizar. Portanto, quando Garganta diz que Ricardo Carvalho «anda atrás do jogo», nós temos de realçar que **o «jogar» do jogador na equipa é «fabricado»** e que, precisamente por isso, acontece segundo regras (princípios de jogo).

Garganta (anexo 12) afirma não acreditar que “uma equipa possa estar muito ligada a atacar, se não estiver também ligada na procura da bola. Ou seja, acho que é mais fácil e mais natural a transição e a ligação daquilo que é jogo (e não fases como nós de forma artificial dizemos). Se o jogo é jogo, então ele é continuidade, é fluidez. Ao criarmos condições para sermos equipa quando defendemos, certamente que mais facilmente continuaremos a ser equipa quando ganharmos a bola, não só em relação ao primeiro tempo, ao primeiro passe, mas também em relação à criação de linhas de passe, à repartição dos jogadores de uma forma racional pelo terreno de jogo no sentido de rapidamente podermos criar várias linhas de passe em apoio e garantir algumas linhas de passe em ruptura,... Penso que essa transição é mais fácil e natural se jogarmos como uma estrutura versátil [dinâmica e adaptativa], mas que não desagrega ao longo do jogo. É a integridade que confere identidade!”.

Mas o nosso entrevistado (anexo 12) tem o cuidado de ainda nos elucidar melhor sobre esta questão: “Vamos imaginar que cada jogador anda atrás do seu adversário e que, de repente, a equipa ganha a posse da bola. Os jogadores vão estar nas posições para onde os levou o adversário, ou seja, não estão nos locais onde podem receber a bola e criar condições para atacar, mas sim nos locais para onde foram **condicionados** a ir. Isto significa que uma equipa que esteja preocupada com o adversário do ponto de vista individual, **terá grandes**

dificuldades em preparar a construção do ataque ainda em fase defensiva, porque a questão do tempo é fulcral, neste domínio. **Demorar muito a organizar significa prolongar a desorganização**, e, portanto, falhar". "Já a zona permite criar condições positivas, na medida em que sabemos que quando ganharmos a posse da bola dispomos de vários jogadores em zonas que podem funcionar como primeiras estações de recepção e que possibilitam, por exemplo, tirar rapidamente a bola da zona de pressão e mais facilmente sair a jogar. Se os jogadores andarem atrás dos adversários, eu posso ter ou não ter estas referências de passe. Depende de onde estiverem os adversários!", explica.

Portanto, uma equipa que defende «homem-a-homem» ou «individualmente» estará sistematicamente desequilibrada posicionalmente (desorganizada!) no momento em que recupera a posse de bola, com todas as consequências negativas que daí advêm.

Atente-se agora no que diz Mourinho (anexo 11) sobre as desvantagens da «defesa homem-a-homem», na medida em que acaba por convergir com o assunto em discussão: "A primeira grande desvantagem prende-se com uma preocupação que poucos têm que é a preocupação com **a qualidade do Jogo**. E quando digo jogo refiro-me não só ao jogo da própria equipa como ao Jogo – o Jogo que as pessoas pagam para ver. Pouca gente se preocupa com a qualidade do Jogo! Defender homem-a-homem é contraditório com a qualidade do Jogo, e não estou a falar **da qualidade da própria equipa ou da sua eficácia** em termos defensivos, **já nem quero ir por aí!** O número de faltas é tremendo, os movimentos caóticos no campo – a desorganização – são gritantes, **no momento em que se ganha a posse de bola a equipa pode estar** completamente descoordenada que nem sequer dá tempo de se organizarem posicionalmente. Muitas vezes, as pessoas queixam-se de que a sua posse de bola não está boa e, para mim, essa posse de bola não está a ser boa porque posicionalmente a equipa não está bem. Porque quando a equipa está bem posicionada e tem as suas referências no campo, pode até nem ter uma posse de bola com objectivos de profundidade ou de criar situações de finalização, mas, pelo menos, consegue ter uma posse pela posse com o mínimo de qualidade, pois basta ter os jogadores posicionados. Portanto, principalmente pela qualidade do jogo, penso que o homem-a-homem é catastrófico, **mas há muita gente que não se preocupa com isso**".

Repare-se também na resposta que Mourinho dá (anexo 11) quando lhe perguntamos se consegue encontrar argumentos que apoiem a ideia de que uma equipa que queira ser muito ofensiva tem, quase obrigatoriamente, que defender à zona: "**Claro que tem. Consigo. Uma**

equipa que, pela sua forma defensiva de jogar, é anárquica posicionalmente, só pode ser uma equipa de transição rápida quando ganha a posse de bola. Ou seja, em função dessa mesma anarquia posicional, é uma equipa que ganha a posse de bola e tem que esticar o jogo. Portanto, para mim, **uma equipa que quer ser de ataque continuado, que quer ter a posse de bola, que quer ter a iniciativa do jogo, tem que ser uma equipa que tem que estar sempre bem posicionada, e isso só defendendo zonalmente. Para mim, sim**".

Como facilmente se percebe, este «estar bem posicionada» a defender é apresentar uma configuração estrutural pensada de forma a otimizar a transição defesa-ataque. É apresentar um equilíbrio ofensivo na defesa perspectivado em função do modo como se quer, em seguida, atacar.

Ao nível da revisão da literatura, Castelo (1996) apontava, como uma das desvantagens da «zona pressionante», o facto de se sentirem dificuldades em fazer uma rápida transição defesa-ataque, logo após a recuperação da bola, devido à grande concentração de jogadores. Para este autor, esta situação pode, em certos casos, diminuir a eficácia do ataque.

Confrontado com esta perspectiva, Tadeia (anexo 1) diz-nos que **"o *pressing* alto tem que ser um *pressing* colectivo**, não pode ser um maluco a correr atrás da bola e os outros a bater palmas. **Mas, a partir do momento em que se recupera a bola**, há sempre maneira de oxigenar o jogo rapidamente (quando digo oxigenar o jogo refiro-me a dar-lhe espaço). Tem é que ser bem feito, e o ser bem feito tem a ver com o escolher as alternativas correctas para cada situação. **Há situações em que** essa zona *pressing* proporciona uma recuperação de bola em que o que é indicado é dar logo profundidade e **há situações em que** o aconselhado é temporizar, é oxigenar, é, mesmo lá à frente, fazer circulação e não dar logo profundidade".

Carvalho (anexo 4) tem opinião semelhante: "Não me parece. É uma questão de treino. Ao nível da transição ofensiva eu quero que a minha equipa, **tendo possibilidades de êxito**, procure atacar rapidamente a baliza adversária no menor número possível de toques. **Não tendo grandes possibilidades de êxito**, quero que tire a bola da zona de pressão e a leve para o lado contrário. Agora, para que isto aconteça é preciso recuperar a bola e **só a conseguimos recuperar eficazmente** se existir um fecho da equipa em termos de largura e profundidade. Isto é um princípio de jogo da defesa [fazer «campo pequeno» a defender]. Portanto, nós fechamos para recuperar a bola e, quando a recuperamos, devemos fazer rapidamente a abertura do jogo, a qual é um princípio de jogo do ataque [fazer «campo grande» a atacar]. Estamos a falar de

treino! **Desde que haja treino** não me parece que se verifiquem quaisquer problemas ao nível das transições”.

Miguel Leal (anexo 15) considera que, se não se treinar, essas dificuldades podem fazer-se sentir. “Agora, se se treinar para que a transição seja feita de determinada forma, já não concordo. É o problema de não se treinarem as transições. Treina-se o ataque e a defesa, mas, muitas vezes, não se treinam as transições. E este facto faz com que isso seja verdade”, afirma.

Também Guilherme Oliveira (anexo 9) refere que “visto assim, em termos teóricos, até parece verdade, mas não é”, acrescentando que “(...) a partir do momento em que começamos a pressionar a equipa adversária vamos-lhe criar imensos problemas e isso em nada restringe a nossa capacidade ofensiva, antes pelo contrário, pois, se calhar, dessa forma conseguimos roubar a bola mais facilmente e atacar com mais facilidade. Condicionamos a equipa contrária em função daquilo que nós pretendemos e, **depois, se a equipa estiver bem treinada**, é a partir dessa organização defensiva que passamos para a organização ofensiva. Portanto, é **um jogar em função daquilo que nos é familiar**, daquilo a que estamos habituados, daquilo que treinamos”. Como nos dizia Valdano (2002), quando se «defende à zona», **a plataforma de saída para o ataque**, recuperada a bola, é feita **a partir do sítio dos hábitos**, razão pela qual cada jogador ganhará confiança.

Resumindo, tal como defendemos ao nível da revisão da literatura, a «zona», seja ela pressionante ou não, **representa uma grande vantagem ao nível da transição defesa-ataque**. Isto acontece **porque partimos de uma organização defensiva colectiva conhecida** e, sendo assim, ela não nos é «estranha», **acontece segundo um «padrão»**, pois as posições dos jogadores são sempre conhecidas do colectivo. Mesmo não se perspectivando a configuração estrutural da equipa em função da forma como se ambiciona atacar!

4.5. Quando não há reflexão... «campo grande» a defender!

“A minha equipa não vai encaixar em nada! (...) ninguém joga homem por homem ou em função dos homens, mas sim em função dos espaços.”
(Mourinho, anexo 11)

Como procurámos evidenciar na revisão da literatura, deve existir um conflito de intenções no que se refere à «utilização» do espaço e do tempo no jogo por parte de duas quaisquer equipas em confronto: o ataque (a organização ofensiva), para tentar superar a defesa (a organização defensiva adversária), deve procurar fazer «campo grande» e assim criar espaço e tempo para realizar as suas acções táctico-técnicas; a defesa, para dificultar o ataque, deve procurar fazer «campo pequeno» e com isso colocar a equipa adversária sob constante constrangimento espaço-temporal.

Neste contexto, e partindo daquela que nos parecia ser a lógica de funcionamento subjacente à «defesa homem-a-homem» e à «defesa à zona», acabámos por chegar à ideia de que a «defesa à zona» parece ser a única forma de organização defensiva que responde de forma plena, coerente e eficaz a esse propósito de se fazer «campo pequeno» a defender. Com a ajuda dos nossos entrevistados, tentaremos, neste ponto, perceber se assim é de facto. Achamos pertinente centrar a nossa atenção nas acções de *pressing*, dado que a intenção que lhes está subjacente é precisamente a de colocar a equipa adversária sob forte constrangimento espaço-temporal.

Como vimos, o modo de funcionamento da «defesa homem-a-homem» e, conseqüentemente, do *pressing* «homem-a-homem», resume-se à «lógica do encaixe», isto é, quando não tem a posse de bola, a «equipa» procura «encaixar» no sistema adversário. Os jogadores dirigem a sua atenção para a referência adversário directo, pouca ou nenhuma importância dando à gestão dos espaços no jogo. Mas nada melhor do que dar um exemplo concreto...

Luís Campos (anexo 13) explica-nos o modo como perspectiva o *pressing*: “Nem um, nem dois, nem três jogadores conseguem exercer um sistema de pressão correctamente. Para que isso seja possível, toda a equipa tem que fazer determinados movimentos de pressão [os jogadores têm que procurar «encostar» nos adversários, percebe-se]”. O nosso entrevistado dá-nos um exemplo: “Imaginemos que a equipa adversária está a jogar em 4-3-3 e a minha também. Quando o guarda-redes coloca a bola no lateral adversário, o meu extremo desse lado arranca para fazer pressão sobre o portador da bola, o ponta-de-lança pressiona o central do

lado da bola e o extremo do lado contrário o outro central". Em relação ao triângulo do meio campo, "cada um dos três jogadores arranca para ir encaixar no seu adversário". **"Se eu quero pressionar, o triângulo tem que encaixar [no triângulo adversário]. E o meu lateral do lado da bola também tem que encaixar no extremo adversário"**, conclui. Inácio (anexo 3), Mota (anexo 10) e Lobo (anexo 14) partilham, no essencial, desta perspectiva. Mota (anexo 10), por exemplo, é também muito claro a respeito do modo como pensa o *pressing*: **"A referência é saber qual é o posicionamento dos adversários. O primeiro sai à bola e todos os outros encaixam no adversário"**.

Imagine-se agora este **modo de pensar** frente, por exemplo, ao «Barça» de Van Gaal (ver ponto 2.2.2.) e questione-se novamente: como podem os jogadores adversários defender próximos entre si, se as suas referências defensivas (os jogadores da equipa que ataca) procuram ocupar os corredores e dar profundidade e amplitude ao jogo? A nós, continua a parecer-nos difícil e relembramos que aquilo que Van Gaal pretendia com o seu «campo grande» era, segundo Mourinho (1999), criar espaços entre linhas para os seus jogadores mais criativos, o triângulo de meio campo e os dois extremos.

Contudo, confrontado com a possibilidade de acabar por defender com um «triângulo grande» por o seu triângulo de meio campo ir encaixar no do adversário, que à partida estará a fazer «campo grande», Luís Campos (anexo 13) afirma: "Porquê?! Sabe o que acontece quando a bola vai ao lateral direito adversário? O médio defensivo desse lado baixa sempre no terreno. E como esse baixa, os outros dois homens do triângulo também baixam ligeiramente. Sempre".

Campos (anexo 13) é também peremptório quando lhe perguntamos se não acha que, pressionando dessa forma, se torna difícil manter, por exemplo, uma distância curta entre linhas: "Bem pelo contrário! Desta forma existe, **de certeza**, uma distância curta entre linhas".

Tenha-se agora em atenção a resposta de Mourinho (anexo 11) quando lhe perguntamos se concorda com a ideia de que a pressão alta que normalmente se vê nas equipas portuguesas consta de uma pressão «homem-a-homem» onde os jogadores procuram «encostar» nos seus adversários directos: "Eu diria que, mais do que isso, há uma pressão quase individual... ou em pequenos grupos. Uma pressão individual ou em pequenos grupos. Por exemplo, quando uma equipa toma a iniciativa de fazer uma construção a partir da sua linha mais atrasada, aquilo que normalmente se vê é os avançados contrários pressionarem logo à saída da bola do guarda-redes, isto é, fazem uma pressão alta. **O problema é que, depois, aquilo que acontece na maior parte das equipas é que não o conseguem fazer com as**

suas linhas juntas (todas juntas), acabando sempre por haver espaço entre as linhas, ou entre a linha atacante e a linha média, porque a linha média não encostou, ou a linha média encosta na pressão dos avançados, mas passa a existir um espaço entre linhas, entre a linha média e a linha defensiva. Agora, **um verdadeiro bloco** pressionante, em que as três linhas estão perfeitamente compactadas, não vejo”.

Questionado sobre se esse aumento de espaço entre linhas não terá a ver com o facto de se ir «encaixar» na equipa adversária, a qual está a fazer «campo grande», Mourinho (anexo 11) confessa que **o problema está precisamente aí**: “O problema surge quando a equipa adversária, em posse de bola, aumenta a distância entre os seus jogadores. Se eu disser aos meus jogadores que, quando tiverem a bola, a distância entre eles tem que aumentar (porque eu posso, por exemplo, defender com o triângulo do meio campo junto e atacar com ele maior, isto é, com o mesmo triângulo, mas maior), quando os jogadores do triângulo aumentam a distância entre si, o que é que acontece com os jogadores adversários? **Se pensarem o jogo** homem-a-homem ou em função da referência adversário directo, **aumentam também a distância entre eles**. Ou seja, o triângulo de meio campo adversário, que deveria de estar junto para defender, aumenta! Eu encurto-o para defender e aumento-o para atacar, mas, **quando eu o aumento para atacar, eles** aumentam-no para defender. **Porque vêem o homem!** Eu adorava que todos os meus adversários defendessem homem-a-homem contra a minha equipa!”.

Logo aqui, parece ficar evidente que é um contra-senso um treinador **pretender que** a sua equipa faça «campo pequeno» a defender e, **ao mesmo tempo, pensar** a organização defensiva e as acções de *pressing* segundo a lógica da «defesa homem-a-homem». Tadeia (anexo 1), Costa (anexo 6), Guilherme Oliveira (anexo 11), Miguel Leal (anexo 15), Camacho (anexo 7), Tiago (anexo 17), Garganta (anexo 12), Rui Quinta (anexo 16) e Carvalhal (anexo 4) concordam.

Guilherme Oliveira (anexo 9) diz-nos que “isso são comportamentos que muitas vezes se pedem, mas que **não são conjugáveis**. Daí que frequentemente se defenda mal”. **O problema é que** se a equipa souber como deve jogar, quando recupera a bola **abre logo muito** e, ao fazê-lo, **os defesas adversários vão ficar muito afastados** entre si e **não vão existir coberturas**. E o que é que vai acontecer? Se a bola entra num jogador e este ultrapassa o seu oponente directo, quando as dobras chegam há sempre alguém que ficou solto e muito espaço para jogar. Quem me dera que as equipas que me pressionam o fizessem alto com marcações homem-a-homem! Isso era uma maravilha para nós!”, afirma. Importa lembrar que, para Inácio

(anexo 3), o aparecimento de problemas como este deve-se exclusivamente ao talento do(s) jogador(es) adversário(s) e nunca à (des)organização defensiva da equipa!...

Atente-se também no contraste que Guilherme Oliveira (anexo 9) estabelece entre o *pressing* «homem-a-homem» e o *pressing* «zonal»: “**com uma pressão individual** [leia-se *pressing* «homem-a-homem»], a equipa adversária joga muito mais à vontade, porque, se esta abrir, **passam a haver muitos mais espaços no interior** da minha equipa, os quais podem ser aproveitados com movimentações e desmarcações rápidas. **Com uma defesa à zona, e mesmo que o adversário abra, não existem espaços no interior** da minha equipa. Existem, isso sim, **espaços à periferia, mas** esses, quase sempre, nem sequer chegam a ser aproveitados face a não haver tempo e espaço de execução. Muitas vezes, a pressão é de tal forma bem feita que o jogador que tem a bola nem sequer consegue dar um passo e tem que jogar a bola para trás”. Tal como referia Frade (2002), “quando a zona *pressing* é bem feita, só existe uma forma de lhe fugir: jogando para trás!”.

Miguel Leal (anexo 15) diz-nos que, “**se a ideia do bloco** é encurtar o espaço e limitar a zona de acção do adversário em termos de posse de bola, **não se pode pensar em termos de homem-a-homem**, pois com isso **a ideia colectiva de encurtar o espaço** vai-se perder. Porque, se a bola estiver no corredor direito e existirem jogadores preocupados com os adversários que estão no corredor esquerdo, vai ser impossível encurtar o espaço”.

Na mesma linha de pensamento, Camacho (anexo 7) admite que, **se o adversário tiver qualidade**, faz «campo grande» a atacar e que é por essa razão que “muitas vezes se vê o campo dividido em dois: um grupo de jogadores perto de uma baliza e outro perto da outra. Se uma equipa vai marcar homem-a-homem ficam num lado seis jogadores e no outro cinco. Mas, em relação a isso, cada treinador é que sabe. Se ganha, ganha. Vale tudo!”.

Tiago (anexo 17) reconhece que é complicado manter o bloco defensivo compacto **quando são as referências individuais** em termos de «marcação» **a reger os** comportamentos defensivos dos jogadores. “Se um jogador decide ir para uma posição mais aberta e eu tiver que o acompanhar é muito complicado. A não ser que o treinador me diga para manter sempre o bloco, mas também para estar de olho naquele jogador [«assinalá-lo»] porque ele vai-me cair mais vezes. **Bem, ou é uma coisa ou é outra. Se um treinador quer defender em bloco, nunca pode pedir aos jogadores para** andarem a acompanhar os adversários, pois dessa forma o bloco não vai funcionar”, afirma.

Atente-se igualmente no que nos diz Garganta (anexo 12): “Acho que é **contraditório** [pretender-se fazer «campo pequeno» com um *pressing* «homem-a-homem»] e suponho que não estaremos sintonizados no plano terminológico! Parece-me que **a noção de *pressing* tem pouco ou nada a ver com** defesa individual [seja ela «restrita» ou «zonal»]. **O *pressing* é uma acção mais global, mais de conjunto e reporta-se ao domínio das linhas de força** do jogo e não aos adversários directos. É óbvio que, em algumas situações, podemos estar mais atentos ao adversário directo, **mas essa não é a regra, é a excepção. A regra é perceber** os espaços do jogo, perceber as linhas de força e **saber como geri-los** em proveito da equipa”. As palavras do nosso entrevistado levam-nos inequivocamente até à «zona», forma de organização defensiva com a qual procuramos, aí sim coerentemente, **gerir colectivamente o espaço e o tempo no jogo**, em função de uma dada intenção colectiva.

Rui Quinta (anexo 16) é também muito claro no que respeita a esta questão: “**São as tais incoerências que existem.** Eu vejo, na maioria das equipas, mesmo ao nível do futebol profissional, muito este conceito de marcação (está constantemente a ouvir-se os treinadores gritar «marca, marca, marca,...») e **isto implica que o nosso bloco** não esteja tão coeso, tão fechado, tão «impermeável» à entrada do adversário, à capacidade dele jogar no nosso meio, porque **muitas vezes essas marcações implicam** que nós, em vez de defendermos num «campo pequeno», defendamos num «campo grande». Porquê? **Porque as nossas referências** são individuais e não de espaço (em função da bola). **Este é que é o problema”.**

Portanto, tal como afirmámos, **para reduzir espaços**, a equipa que defende deve procurar **estar o menos dependente possível das** acções individuais adversárias. Só assim conseguirá ser compacta, homogénea, solidária e, desse modo, «impermeável» face às investidas ofensivas do adversário.

Mas Rui Quinta (anexo 16) prossegue com o seu raciocínio: “A pressão e o atacar a bola **devem ser uma atitude colectiva.** Quando perdemos a bola, devemos organizar-nos para encurtar o campo e reduzir o espaço. O importante é, **onde quer que queiramos começar** a pressão para recuperar a bola, estarmos organizados. Os vários elementos da equipa, **ao estabelecerem relações entre si [em função de referências defensivas colectivas]**, deverão procurar reduzir o espaço de jogo ao adversário para que este tenha dificuldades na construção. Os meus jogadores, quando ouvem falar em «campo pequeno», sabem perfeitamente que isso é **reduzir o espaço de jogo à equipa adversária e cortar-lhe linhas de passe**, mantendo as relações de uns com os outros e condicionados pela movimentação em direcção ao portador da

bola do colega mais próximo desta". "Como já referi, eu quero que a minha equipa faça pressão, alta ou baixa, mas isso não importa (...). **Isto é estratégico** e faz parte da gestão do treinador. Ora, eu quero que a minha equipa faça campo curto, que o nosso bloco se estreite, se encurte, independentemente do posicionamento dos jogadores adversários. Quem condiciona a organização do bloco é o homem que ataca o portador da bola. **Um jogador ataca o portador da bola e, a partir daí, surge** a tal relação de uns com os outros em termos de redução do espaço para que o adversário não seja capaz de nos ultrapassar. **Se isto for bem feito**, só pode acontecer uma de duas coisas: ou o adversário perde a bola, que é o que nós queremos, ou tenta circulá-la, mas aí só tem uma hipótese, que é jogar para trás. Tal, normalmente, só se faz nos corredores laterais. E porquê? Porque nos corredores laterais temos esse grande aliado que é **a linha lateral**. A linha lateral joga a nosso favor", diz.

É justamente por pensarmos deste modo que afirmámos ao nível da revisão da literatura que **a um «jogar em reacção»** da «defesa homem-a-homem» opõe-se **um «jogar em acção»** da «defesa à zona». Sublinhámos na altura que talvez seja esta uma das razões que levam Menotti (s.d., cit. por Valdano, 2002) a afirmar que **"a zona é liberdade"**.

E, de facto, Guilherme Oliveira (anexo 9), acaba por fazer a mesma associação: "Talvez [Menotti] refira que a zona é **liberdade pela possibilidade** que ela nos dá de jogarmos e de fazermos aquilo que pretendemos, **sem estarmos condicionados pela equipa adversária, porque defender à zona** é defender como queremos, condicionando um bocadinho o adversário em função daquilo que desejamos que aconteça. E se fazemos aquilo que queremos quando estamos a defender, **temos depois também muito mais possibilidades de fazer o que pretendemos em termos ofensivos**. É quase como comandar um bocadinho o jogo, fazendo sempre aquilo que desejamos, **fazendo do jogo um jogo que nos seja familiar** e não um jogo que nos seja permanentemente estranho. **Se nós jogarmos sempre em função daquilo que o jogo é para nós, ele é-nos sempre familiar**. Nele acontece aquilo que treinamos e aquilo que queremos. Somos nós que mandamos no jogo!".

Na mesma linha de pensamento, Garganta (anexo 12) afirma que **"a zona é a liberdade da responsabilidade colectiva**, ou seja, se numa defesa mais individual eu estou preso ao adversário, a zona liberta-me para uma responsabilidade colectiva, para que consigamos **jogar como equipa**. E **quanto mais a equipa for equipa em todos os momentos do jogo**, mais vantagens tem". "Para mim, **a zona é sobretudo uma forma de libertação**, ou seja, liberta os jogadores e dá-lhes mais iniciativa para funcionarem de acordo com aquilo que é o jogo", diz.

Apenas achamos mais correcto dizer-se de acordo com **aquilo que deve ser o «jogar» – fluido na passagem de uns momentos para os outros** – e de acordo com o «jogar» que se pretende.

Tenha-se agora em consideração a resposta de Lobo (anexo 14) quando lhe perguntamos como é que uma equipa consegue formar um bloco compacto (reduzir o espaço entre linhas e entre jogadores) quando existem jogadores a acompanhar adversários: “Esse acompanhamento não é para todo o lado nem em todas as circunstâncias. O que não pode haver é adversários sozinhos. O bloco coeso que a equipa tem que ser é em termos de iniciativa. A equipa deve ter uma postura activa e procurar juntar as linhas. Agora, **se do outro lado está uma equipa que** alarga as linhas [que faz «campo grande»], muitas vezes **nós somos obrigados a** acabar por alargar as nossas linhas, **porque temos que** ter os espaços ocupados em função de onde está a bola e de onde está o adversário”.

Aqui, é bem evidente que é **a referência adversário directo** que nos leva ao «jogar em reacção». Como referia Valdano (2002), “quem marca ao homem corre por onde o rival quer. Essa caçada tem por fim capturar um inimigo, mas o meio usado converte o marcador em prisioneiro”. Relembramos que **a existência da regra do fora-de-jogo** permite-nos gerir de acordo com os nossos interesses **o espaço de jogo efectivo em profundidade**, o mesmo é dizer, permite-nos «jogar em acção». Por isso, só temos de alargar as nossas linhas quando o adversário procura alargar as suas se assim o entendermos, **se estrategicamente** isso nos for conveniente.

Concordamos pois com Rui Quinta (anexo 16) quando afirma que “**quem anda atrás só reage**, e eu prefiro agir. Eu ajo e o adversário reage. **E se ele reage** está em desvantagem, **porque** vai atrás, vai sempre depois. **Quem age tem** a iniciativa. Se o futebol fosse só um jogo de marcação, de amarração, de andar de um lado para o outro atrás do homem... mas o futebol é um jogo que tem uma bola e às vezes a bola complica um bocado esse sistema. Quando andamos numa de perseguição, **muitas vezes a bola vai estar em zonas que** exigiriam a nossa presença, mas nós não vamos lá estar porque estamos preocupados com o homem”.

Garganta (anexo 12) não tem quaisquer dúvidas: “Uma equipa que esteja preocupada com marcações, no sentido restritivo do termo (marcação a jogadores), está sempre condicionada. **É a tal questão do «encaixe»:** estão condicionadas, pois têm que «encaixar» numa caixa que foi construída e imposta pelo adversário. Aquilo que me parece relevante é entender que **o mais importante na defesa (...)** é ser capaz de «virar o feitiço contra o feiticeiro», ou seja, é **conseguirmos, mesmo sem ter a bola, mandar no jogo**. E as grandes

equipas não «encaixam»; é o adversário quem tem que «encaixar» o ataque na sua forma de defender”.

Repare-se, ainda a este propósito, nas palavras de Mourinho (anexo 11) sobre aquela que considera ser **uma das vantagens da «zona pressionante» alta**: “Por outro lado, penso que o adversário tem muito menos tempo para organizar o seu jogo e, a maior parte das vezes, nem consegue «entrar» no jogo. A equipa adversária não consegue **ter a bola** durante muito tempo e não consegue **ganhar confiança**. As vantagens que eu retiro (...) estão relacionadas com a elevação da **autoconfiança da equipa**, pois uma equipa que defende desta forma é uma equipa que tem a iniciativa, que rouba a iniciativa ao adversário, que não deixa o adversário pensar, que não deixa o adversário organizar-se. Aquilo que acontece é que a equipa adversária vem a pensar em jogar, definiu uma determinada estratégia de construção de jogo, mas os minutos passam e ela não o consegue fazer. Outras vezes, em função disso mesmo, dessa incapacidade em jogar como se pretendia, **obrigamos o adversário a pensar o jogo de uma maneira para a qual não está nada adaptado**. Por exemplo, alguns adversários escolhem, como maneira de tentar escapar à nossa pressão alta, a construção longa, mas a verdade é que a maior parte deles não está preparada para isso. Ou, se calhar, é o que eu quero! **Quando** eu pressiono alto e obrigo o guarda-redes adversário a construir com um pontapé de baliza largo, os meus centrais começam logo a bater palmas!”.

Rui Quinta (anexo 16), dizia-nos atrás que **a linha lateral** era como que uma aliada na realização das acções de **pressing**, ideia que já havia sido expressa por Valdano (2002) na revisão da literatura. Como é natural, concordamos que nos **corredores laterais** é mais fácil **intensificar a pressão** (daí que a entrada da bola nesses espaços se possa constituir como um indicador de pressão que nos leve a exacerbar o nosso «campo pequeno»), mas temos também de realçar que é o facto de fazermos «campo pequeno» no corredor central que nos permite induzir o adversário a jogar a bola para uma das faixas laterais. A equipa, ao «fechar espaços como equipa», funciona como uma barragem e consegue determinar, em grande medida, o curso do jogo adversário.

É por esta razão que consideramos que **a utilização criteriosa da «zona»** nos permite, mesmo a defender, mandar no jogo, ter iniciativa sobre o jogo. À semelhança de Valdano (2002), também Tadeia (anexo 1), Camacho (anexo 7), Guilherme Oliveira (anexo 9) e Rui Quinta (anexo 16) parecem concordar inteiramente com esta ideia. Este último (anexo 16), por exemplo,

defende que, “sem termos a posse de bola, **podemos** levar o adversário a assumir comportamentos que nós poderemos saber aproveitar e transformar em ofensividade. Ou seja, conduzindo ou induzindo o adversário a assumir comportamentos que vão ao encontro daquilo que nós preparámos para recuperar a bola, **podemos** transformar essa recuperação de bola numa acção ofensiva, de preferência com finalização. O meu entendimento do jogo [do «jogar»] é o seguinte: a minha preocupação é que a minha equipa tenha a bola e, quando a tiver, procure metê-la na baliza do adversário; quando perde, momentaneamente, a posse de bola para o adversário, **deve ser capaz de o condicionar no sentido de o levar a assumir comportamentos por nós esperados**, de forma a que possamos recuperar rapidamente outra vez a bola”.

O nosso entrevistado (anexo 16) dá-nos um exemplo concreto: “normalmente o Porto não pressiona [exacerbadamente, percebe-se] **no corredor central**: vai ao corredor central para induzir o adversário a jogar por um dos corredores laterais e, aí, reduz-lhe drasticamente o espaço e a capacidade de construção”. Nós acreditamos que o facto do F.C. Porto de Mourinho intensificar a pressão nos corredores laterais tem não só a ver com uma maior facilidade em aí recuperar a bola, mas também com o modo como pretende posteriormente atacar, isto é, com os princípios de jogo que balizam a transição defesa-ataque da equipa.

No fundo, tal como defendemos na revisão da literatura, o que está aqui em causa é a **possibilidade que a «zona» nos dá de «manipularmos» a nosso gosto o espaço e o tempo no jogo**. Porém, como também sublinhámos na altura, **para tal**, temos que nos preocupar fundamentalmente com **a nossa organização colectiva defensiva**, ou seja, com **a nossa identidade defensiva**. Ora, é precisamente isso que a **«defesa à zona» nos dá: uma identidade defensiva**. Carvalho (anexo 4), Camacho (anexo 7), Guilherme Oliveira (anexo 9) e Rui Quinta (anexo 16) parecem concordar inteiramente com esta ideia.

Camacho (anexo 7), por exemplo, refere o seguinte: “Se eu jogo à zona, jogo como eu quero. Sempre. Independentemente do adversário. Vou jogar contra o Porto, vou jogar contra o Beira-Mar, vou jogar contra o Paços, mas a minha equipa jogará sempre igual. Isto é, **a zona é a identidade da equipa**. Este é o primeiro objectivo: jogar sempre igual. A minha defesa joga sempre igual, nunca muda (...)”. “Eu quero **uma equipa que mande em campo**, que diga: «Jogue contra quem jogar, eu jogo assim!». Que seja capaz de pressionar na frente ou de recuar em função das necessidades em cada momento”, realça.

Na revisão da literatura, fizemos questão de sublinhar que, **muito frequentemente**, treinadores, jornalistas e comentadores desportivos **associam o simples facto** das equipas conseguirem ser compactas a defender **a uma boa organização defensiva**. Todavia, como referimos na altura, se não deixa de ser verdade que muitas equipas conseguem ser compactas a defender, isso resulta na maioria das vezes, assim pensamos, do simples e fácil agrupamento de jogadores nas imediações da grande-área. Ora, para nós, **isso não é organizar defensivamente a equipa**, na medida em que não existem **princípios** que estructurem de forma sólida e coerente o funcionamento defensivo colectivo. Ou seja, ainda que compactas, parecemos que as equipas não deixam de ser desorganizadas a defender, com todas as consequências negativas que isso acarreta, não só em termos defensivos mas também ofensivos.

Neste contexto, no ponto 2.2.3., Mourinho (s.d., cit. por Lourenço, 2003), a respeito da sua passagem pela União de Leiria, referia que **pretendia que a sua equipa «defendesse bem», «mas com menos gente»**. Mourinho (anexo 11) explica-nos o que queria dizer com isto: **“Com menos gente com funções quase exclusivamente defensivas**. O Leiria jogava com muita gente atrás da linha da bola, num sistema de contra-ataque ou ataque rápido e a sua organização ofensiva era muito fugaz. A minha intenção era torná-lo uma **equipa mais dominadora, com mais tempo de posse de bola, com mais iniciativa de jogo, com mais controlo sobre o jogo** e que jogasse mais em ataque continuado. E, nessa perspectiva, **a equipa teria que defender bem, mas sem utilizar o princípio da «povoação»**, porque há equipas para as quais defender bem significa «povoar» muito. Portanto, as dificuldades que se criam ao adversário **não são pela qualidade** do jogo defensivo, mas sim pela aglomeração de jogadores. Se uma equipa da terceira divisão com maus jogadores, mas onze jogadores todos eles em situação defensiva no primeiro terço do campo, for jogar contra o Real Madrid, o Real Madrid vai ter sempre algumas dificuldades. Agora, **aquilo que eu quero é defender bem, mas não pelo princípio da aglomeração de jogadores”**.

Tenha-se igualmente em consideração as palavras de Mourinho (2004) em entrevista ao Jornal de Notícias: **“(…) quase todas as equipas [da SuperLiga] que jogam contra nós pensam o jogo em função de nós**, pensam o jogo homem por homem. Por vezes, aliam o jogo homem por homem à tática – tática entre aspas – da aglomeração. **Não é estruturar nem organizar, é aglomerar”**.

Carvalho (anexo 4) afirma que tanto se pode fazer pressão alta com uma «defesa homem-a-homem» como com uma «defesa à zona». **“O problema é a eficácia!** Não me parece

que uma pressão alta homem-a-homem tenha grandes resultados. Por exemplo, **a minha equipa, quando sai a jogar** pelo guarda-redes, coloca os laterais bem abertos e subidos e os centrais nos vértices da grande área bem abertos. **Se o adversário procurar** fazer uma pressão homem-a-homem, o que é que vai acontecer? **Primeiro**, o ponta-de-lança tem logo uma grande dificuldade em conseguir fazer pressão sobre os dois centrais. **Depois**, com um campo tão grande e tão aberto, **basta que um dos meus jogadores consiga** superar o seu adversário directo **para que exista logo** instabilidade na estrutura adversária. Portanto, a pressão homem-a-homem acaba por resultar em pouca eficácia, daí que, normalmente, quem marca homem-a-homem não faz pressão alta. **De uma maneira geral, as equipas que** marcam homem-a-homem recuam muito no terreno para defender. Os próprios avançados vão para zonas muito recuadas para defender e isso faz com que a equipa esteja sempre junta, isto é, ainda que, em termos de largura, a equipa se mantenha aberta e estendida, em termos de profundidade consegue reduzir os espaços e aproximar as linhas. **Como os jogadores se colocam todos lá atrás**, no seu meio campo defensivo, **a equipa acaba por** ter alguma eficácia defensiva, **mas pela quantidade** e não pela qualidade”, explica. **Nestes casos, defender é visto como um fim em si mesmo!**

Curiosamente, quando questionado sobre se é melhor defender com muitos ou com poucos jogadores, Mourinho (anexo 11) responde: “Com onze”. Confrontado com a possibilidade de haver quem pense que jogadores como Deco, pelo seu potencial ofensivo, devem ser poupados ao nível das tarefas defensivas, este treinador (anexo 11) é também peremptório: **“Eu penso que quem diz isso percebe pouco de futebol!** Quem diz isso ou é o adepto comum, ou é o jornalista ou o crítico que, como quase todos, sabe pouco de futebol, ou é o treinador que ainda não chegou cá acima ou que já cá esteve e já desapareceu. **Porque, no futebol de hoje, esses conceitos estão completamente mortos. Os onze jogadores têm de saber o que fazer em posse de bola e os onze jogadores têm de saber o que fazer quando o adversário tem a posse de bola”.**

Como se constata, se por um lado Mourinho afirma que quer «defender bem», mas não pelo «princípio da aglomeração de jogadores», **por outro não abdica de defender com os onze jogadores.** Contraditório? Estamos em crer que não...

Segundo Guilherme Oliveira (anexo 9), “as equipas que defendem melhor são aquelas que precisam de menos jogadores para defender com eficácia. O ideal é uma equipa conseguir defender com o menor número de jogadores possível e ser eficaz. Mas isso, muitas vezes, não é

possível, porque as equipas adversárias também nos causam alguns problemas. Agora, **o que é importante é haver uma noção, um conjunto de ideias subjacentes à equipa** e relacionadas com o modelo de jogo e respectivos **princípios [que levem os jogadores a pensar em função da mesma coisa ao mesmo tempo, pois é isso que dota a equipa de uma verdadeira organização colectiva]**. Todos os jogadores têm que ter missões defensivas e missões ofensivas. Agora, as missões defensivas de alguns jogadores não têm que implicar o recuo do sector ofensivo onde jogam até ao sector defensivo. Muitas das acções defensivas desencadeadas por determinados jogadores são até acções muito distantes da baliza, da mesma forma que muitas das acções ofensivas de alguns jogadores não se referem à subida no terreno de jogo para criar desequilíbrios no sector ofensivo, mas sim ao manter-se em determinadas posições recuadas para servir de *pivot* à equipa ou para a equilibrar. Por isso, não se pode pôr o problema dessa forma. Existem jogadores do sector recuado que são extremamente importantes para a organização ofensiva e jogadores do sector ofensivo que são muito importantes para a organização defensiva da equipa. Existe um equilíbrio e se em determinados jogos esse equilíbrio tem que ser feito com mais jogadores, noutros ele pode ser feito com menos”.

Portanto, **uma coisa é defender com os onze jogadores pelo «princípio da quantidade»** (e aqui defender é visto como um fim em si mesmo), **outra coisa é defender com os onze jogadores pelo «princípio da qualidade»** (aqui defender é visto como um meio para recuperar a bola e poder atacar).

Garganta (anexo 12) ajuda-nos igualmente elucidar esta questão: “É possível, e nalguns casos desejável, defender de uma forma mais eficaz com poucos jogadores, porque, por vezes, muitos jogadores atrapalham. Eu penso que é o meu colega que vai e, como as coisas estão descoordenadas, depois nem vai ele nem vou eu. Se a equipa estiver bem sincronizada e os jogadores coordenados [se houver uma verdadeira organização colectiva!], penso que se pode tirar partido de defender com onze jogadores, **sem que isso queira dizer com os onze atrás da linha da bola**. Se a equipa consegue defender com oito jogadores atrás da linha da bola, de uma forma eficaz e segura, podemos ter alguns elementos colocados estrategicamente em posições que nos são favoráveis e que nos permitem desferir um ataque muito mais eficaz, que nos permitem desequilibrar quando ganhamos a bola. Por exemplo, olhando para uma equipa que, sem posse da bola, coloque os alas bem abertos no meio campo e o ponta-de-lança bem metido entre os centrais, podemos ser levados a dizer que aqueles três jogadores não

defendem. Porém, eles podem defender. **Não estão é a defender da mesma forma que os seus colegas! Estão preocupados com outras coisas.** E com que coisas? **Não só em garantir aquelas posições para**, no momento em que a equipa ganha a posse da bola, funcionarem como **referências** para a circulação, **mas também em evitar que** o adversário circule a bola para trás ou à largura, obrigando-o a entrar naquele que será o «ninho da víbora», onde a nossa equipa consegue superiorizar-se. **Por outro lado**, se defendemos apenas com oito, o adversário também não pode dispor de muito mais de oito para participarem activamente no ataque, porque alguém terá que se preocupar com os três que nós deixámos na frente”.

Para terminar, e voltando à **questão central deste ponto**, queremos aqui reflectir sobre as dificuldades do Sporting de Fernando Santos em colocar em prática a tão desejada pressão alta.

No jornal «O Jogo» de 29 de Novembro de 2003 podia ler-se: “A pressão alta (...) **foi um dos aspectos apontados** pelo técnico como indispensáveis ao bom funcionamento do colectivo. **Porém, ao fim de quatro meses** de competição, conclui-se que só esporadicamente os «leões» foram pressionantes, de forma constante, no meio campo adversário. Essa insuficiência ficou à vista de todos no desafio com o Gençlerbirliği. Está mais do que na altura de o grupo sportinguista rever este pormenor e pensar **por que razão a equipa não consegue** jogar sempre em altas rotações [leia-se fazer pressão alta com regularidade] (...)”.

Confrontado com a evidência da sua equipa ainda não estar a jogar da forma como havia idealizado no início da época, Fernando Santos (2003, cit. por «O Jogo», 30/11/2003) refere: “Acho que continua a defender muito atrás, sem fazer a pressão alta. Mas em 15 anos que tenho como treinador não há um jogador que tenha orientado a afirmar que alguma vez lhe pedi para defender atrás da linha do meio campo. **Não há ninguém que possa dizer** que em termos de terreno eu não trabalhe a pressão alta”.

Sendo um facto que, ao longo de toda a época 2003/2004, a pressão alta não se constituiu como um indicador do «padrão de jogo defensivo» do Sporting de Fernando Santos, importa tentar perceber quais as razões que estão por detrás de tal situação. Está o problema **na forma como Fernando Santos concebe a pressão alta?** Estará **no modo como se tenta operacionalizar essa pressão alta, isto é, no treinar?** Será por ambas as razões?

Para se tentar perceber **os motivos de tal insucesso**, atente-se na **explicação** de Fernando Santos (2003) acerca de alguns dos **grandes princípios** relativos ao modelo de jogo

que pretendia implementar no Sporting C.P.: “Na perda de bola, procurar conquistá-la o mais junto da baliza adversária possível. Procurá-la rapidamente em qualquer zona do campo, através dos 3 homens mais próximos da bola e procurar jogar **sempre com um bloco muito curto**. Depois, na acção defensiva propriamente dita, agrupar num bloco alto, o mais possível, e **escurecer o jogo, criar superioridades numéricas na zona da bola**. Na transição defesa-ataque, procurar a profundidade do jogo e a amplitude máxima do jogo. No fundo é clarear e escurecer. **Eu jogo à zona do lado contrário da bola e em pressão homem-a-homem do lado da bola**”.

Depois de tudo o que foi exposto e discutido, **facilmente se identificam algumas confusões «concepto-comportamentais»** importantes nas palavras do ex-treinador sportinguista. **Não só não faz qualquer sentido** dizer-se que se «defende homem-a-homem» do lado da bola e «à zona» do lado contrário à mesma (então, e como defende o Sporting quando a bola está no corredor central?!), **como facilmente se percebe que** a pressão «homem-a-homem» do lado da bola pressupõe igualdade numérica nessa zona e não superioridade numérica e que tal modo de perspectivar a pressão alta pode não permitir encurtar o bloco e «escurecer» o jogo. **Basta que** a equipa adversária pense como o Sporting e procure «clarear» o jogo quando em posse de bola!

Atente-se também no que nos diz Tadeia (anexo 1) quando lhe pedimos que nos indique **as equipas que, na SuperLiga, «defendem à zona»**: “O Porto e o Benfica de certeza. O Sporting do Fernando Santos tenta fazê-lo, mas parece-me que há ali alguma falta de convicção na aplicação de **conceitos**. É como com a pressão alta: o Sporting apregoa-a, **mas tem muitas dificuldades em pô-la em prática porque dá a ideia de não aceitar os conceitos todos e de tentar precaver-se contra alguns**. **Só assim se explica que** haja uma tentação de pedir ao Custódio que siga sempre o número 10 adversário e se converta às vezes quase num terceiro central”.

Nesta medida, **mesmo não entrando na questão da** operacionalização da pressão alta, não estranhámos que Fernando Santos não tenha conseguido colocar a sua equipa a pressionar alto **com regularidade**. Também aqui o problema começa por estar na «construção»!

4.6. A problemática da «economia de esforço» em equação

Na revisão da literatura, transpareceu a ideia de que a **«defesa à zona»** é mais económica em termos energéticos do que a «defesa homem-a-homem», na medida em que, ao pressupor uma repartição do espaço em função de uma ideia colectiva para a organização defensiva, pressupõe também uma repartição do esforço.

E, de facto, Camacho (anexo 7) afirma que, **em termos «físicos», “o desgaste é menor à zona (...). Defendendo homem-a-homem, temos que estar dependentes dos atacantes contrários e o desgaste é maior. (...) Na zona, existe uma repartição de tarefas. Os jogadores também têm de trabalhar, mas com outra ordem”.**

Também Garganta (anexo 12) refere que “a zona é mais económica, porque **a gestão do esforço** é mais equilibrada, mais repartida. **É a equipa quem** suporta os gastos e não três ou quatro jogadores. E isto é como quando se janta num restaurante; se onze estão a jantar e a conta é a dividir por onze, cada um paga menos do que pagariam três ou quatro se fossem eles a suportar a despesa”.

Tiago (anexo 17) também não tem quaisquer dúvidas a este respeito: “Tu a defenderes à zona **movimentas-te quinze a vinte metros da tua referência posicional** no terreno. Tens a tua posição no campo e, a partir daí, a bola vai para o outro lado e tu deslocas-te quinze metros; a bola roda para o teu lado e movimentas-te quinze metros até à tua posição; atacas, quinze metros. **Desgastas-te muito menos, muito menos, sem dúvida!** Defendendo à zona tens sempre a possibilidade de gerir um bocado o teu esforço e tens **a equipa sempre junta, o que é óptimo**”. Recordamos que Cruyff (2002a) referia que, no futebol, **a distância máxima a percorrer por um jogador deveria ser dez metros** e que é tudo uma questão de linhas, pois enquanto elas aguentarem o espaço entre si, a equipa mantém-se equilibrada.

Na mesma linha de pensamento, Guilherme Oliveira (anexo 9) diz-nos que “a zona é mais económica em termos energéticos porque quando fazemos marcações homem-a-homem vamos para onde os adversários nos levam e, se eles tiverem uma mobilidade muito grande, percorremos distâncias grandes, andamos de um lado para o outro, abrimos com os jogadores, fechamos com jogadores, vamos voltar a abrir,... depois os jogadores trocam de posições e nós começamos a olhar para as posições que deveríamos assumir e há um certo desequilíbrio em tudo isso. **Se defendermos à zona**, isso não acontece, pois preocupamo-nos essencialmente com a bola e, em função desta, com a zona de intervenção de cada um nesse momento. Isto é,

não nos preocupamos com os jogadores que não estão nessas zonas de intervenção, nessas zonas da zona. Assim sendo, existe uma economia de esforço consideravelmente maior, pois **as trajetórias que os jogadores têm que percorrer são muito menores, a entreada é muito maior** e, desse modo, não existe tanto a necessidade de se correr atrás dos adversários. **Há uma economia bastante maior tanto em termos individuais como colectivos, que se torna extremamente vantajosa quando se ganha a posse de bola**, pois fica-se muito mais disponível para as acções ofensivas”.

O nosso entrevistado (anexo 9) acrescenta que “o desgaste [energético] que uma zona *pressing* alta provoca é muito menor **se o compararmos com** o que se verifica se formos pressionar alto homem-a-homem. E porquê? **Porque quando pressionamos alto com uma defesa homem-a-homem**, o que muitas vezes acontece é que pressionamos muito abertos e, para sermos eficazes a pressionar dessa forma, o desgaste energético é muito maior. **Em contrapartida, se pressionarmos alto com a equipa fechada a defender à zona, a pressão é muito menos desgastante”.**

É por também assim pensarmos que nada nos surpreendem as palavras de Inácio (anexo 3): “Quando eu puder pressionar homem-a-homem logo lá na frente, e isso não tem nada a ver com zona, é mesmo homem-a-homem, pressiono. Aliás, treino para isso, porque gosto mais assim. Agora, **é um desgaste muito grande!** Para nós pressionarmos na frente, não o podemos estar a fazer constantemente”.

Portanto, tal como afirmámos ao nível da revisão da literatura, dada a coerência de movimentação da equipa em resultado da inteligente divisão de tarefas e da **coordenação colectiva que a «zona» pressupõe**, esta forma de organização defensiva parece ser, de facto, mais económica em termos energéticos do que a «defesa homem-a-homem». Pelas mesmas razões, **também a «zona pressionante» parece ser sempre mais económica sob esse ponto de vista** que um *pressing* «homem-a-homem». Carvalhal (anexo 4), Jesualdo Ferreira (anexo 5) e Miguel Leal (anexo 15) parecem concordar inteiramente.

Temos, porém, que **ir mais longe nesta questão, pois se Castelo (1996) apontava a necessidade de todos os jogadores estarem em óptimas condições físicas como um dos aspectos desfavoráveis da «zona pressionante», nós acreditamos que a «zona pressionante» alta é mais económica em termos energéticos que uma qualquer outra forma de defender.**

Quando perguntamos a Tadeia (anexo 1) se a «defesa à zona» é mais económica em termos «físicos» do que a «defesa homem-a-homem» ele responde: “Não me parece. **Como não concebo a zona sem o *pressing***, defender à zona é **muito exigente em termos físicos**. Eu não concebo a zona sem a equipa curta, sem o *pressing*, sem a equipa pressionar em bloco, e isso exige muito da equipa, fundamentalmente das linhas mais avançadas”.

Não concordamos e voltamos a repetir a argumentação utilizada na revisão da literatura, dado que as perspectivas dos entrevistados que se seguem convergem precisamente com ela: tendo em conta que a «zona pressionante» alta se faz com a intenção de recuperar rapidamente a bola, a verdade é que, se ela for eficaz, a equipa mantém-se mais tempo no seu meio campo ofensivo que defensivo e, se assim é, as distâncias que percorre são menores e o tempo que «gasta» em organização defensiva é também reduzido.

Repare-se agora na resposta de Camacho (anexo 7) à pergunta «Mesmo uma «zona» tão agressiva e tão alta como a que o Porto faz consegue ser mais económica que a «marcação homem-a-homem»?»: “**É sempre mais económica. Quanto menos os jogadores correrem, melhor**. E, se o fizerem mais em cima, **quase que não se movem**”.

Jesualdo Ferreira (anexo 5) é igualmente claro quando confrontado com o facto de ser comum dizer-se que o F.C. Porto de Mourinho tem que estar muito bem preparado fisicamente para defender de forma tão agressiva como o faz. Para o nosso entrevistado, a «zona pressionante» alta “pode ser mais económica e **é mais económica. Se não fosse mais económica, o Porto não podia fazer essa situação táctica durante uma época inteira**”.

Colocado perante a mesma constatação, Rui Quinta (anexo 16) diz-nos que “é uma ilusão de óptica. Considero é que os jogadores estão sempre **muito bem posicionados**, ou seja, como dominam muito bem a relação de espaço entre eles, dá sempre a ideia que eles correm muito, **porque colocam sempre muitos jogadores na zona efectiva de jogo**. Mas não, para mim, eles **deslocam-se é muito bem, em termos de relação de uns com os outros**. Eles pressionam alto, as coberturas são sempre muito bem feitas e, ao fazê-lo, **isolam determinadas zonas do campo**. Normalmente o Porto não pressiona [exacerbadamente, percebe-se] no corredor central: vai ao corredor central para induzir o adversário a jogar por um dos corredores laterais e, aí, **reduz-lhe drasticamente o espaço e a capacidade de construção**. Por isso dá a ideia de que eles correm muito, o que não é verdade, **bem pelo contrário**, porque, na maior parte das vezes, **é o Porto que tem a bola**, que a faz circular e que manda no jogo. Eu penso que **o Porto faz muito bem o seguinte: ataca contemplando o momento da perda da bola e,**

quando a perde, está organizado para a poder recuperar rapidamente e voltar a atacar". O próprio Mourinho (anexo 11) refere que **uma das principais vantagens da «zona pressionante» alta** prende-se com o facto de se correr menos em termos de distância.

Atente-se também no que nos diz Guilherme Oliveira (anexo 9) sobre esta questão: "Normalmente, as pessoas dizem que com uma pressão alta o desgaste é muito maior, contudo, **eu não sou dessa opinião**. E porquê? **Porque quando pressionamos alto não temos** que descer a equipa toda, isto é, evitamos que os jogadores façam cinquenta metros para trás, para depois fazerem cinquenta metros para a frente, e assim sucessivamente durante o jogo todo. Em vez disso, **talvez só façamos** dez a quinze metros, ou vinte a trinta metros, e **esta diferença de distâncias a percorrer permanentemente durante o jogo é muito significativa**. Portanto, ainda que o grau de dificuldade de fazer pressão alta à zona seja muito grande, o desgaste energético por ela provocado não é tão grande como as pessoas pensam. **Fazê-lo com qualidade é difícil e demora-se bastante tempo a consegui-lo**, agora, **a partir do momento em que se consegue fazê-lo**, o desgaste energético é muito menor do que andar para trás e para a frente, para trás e para a frente,..."

Esta perspectiva vai claramente ao encontro de Esnal Pardo (2001), o qual referia que, na pressão, nunca nos encontramos com trajectos superiores a uns vinte metros. Contrariamente, se não fazemos pressão, sujeitamo-nos a um desgaste «físico» por passividade, isto é, se esperamos muito atrás a equipa contrária, quando recuperamos a bola somos sujeitos a um grande desgaste «físico» porque temos que realizar trajectos muito grandes.

Assim sendo, não concordamos com Miguel Leal (anexo 15) quando afirma que "a defesa alta, quer seja à zona quer seja homem-a-homem, é aquela que condiciona maior desgaste, porque as distâncias a percorrer são muito maiores".

Carvalho (anexo 4) parece-nos também muito lúcido quando, a respeito desta questão, se debruça sobre a **«zona pressionante» alta do F.C. Porto de Mourinho**: "O Porto é uma **equipa** que tem um **grau de adaptação coerente relativamente às exigências do jogo que pretende**. Esse grau de adaptação coerente permite-lhe fazer intermitências de alta intensidade **através das quais consegue recuperar muito rapidamente a bola**. Ora, esse **dispêndio de energia é diferente do das equipas que têm que correr muito para a conquistar**. Ou seja, trabalha na recuperação da posse de bola **de uma forma organizada**, sempre a alta intensidade, **mas com um padrão de funcionamento uniforme**, porque está preparado para o

fazer. **Como o faz muito bem**, de uma forma organizada, **acaba por ser**, na minha perspectiva, **muito mais económico** ao nível do processo defensivo. Digamos que gasta combustível de avião, mas utiliza-o às pingas. As outras equipas, se calhar, utilizam gasóleo, mas gastam o depósito quase todo”.

O nosso entrevistado (anexo 4) tem o cuidado de nos esclarecer a expressão «às pingas»: **“Basta-lhe, muitas vezes**, uma intermitência de três ou quatro segundos **para conquistar a bola**, porque utiliza uma pressão organizada com um padrão de alta intensidade. Por isso, **rapidamente recupera a bola**. Muito rapidamente, com combustível de avião, mas apenas com duas pingas, consegue resolver os problemas. **Já as outras equipas precisam** de quase todo o depósito de gasóleo para conquistar a bola, porque nem têm um padrão de funcionamento de alta intensidade nem têm tanta organização. Ou seja, mesmo investindo numa pressão alta, têm que dispendir mais energia porque demoram mais tempo a recuperar a posse de bola. Portanto, estamos a falar de duas equipas que pressionam alto, mas em que uma é mais organizada e utiliza um padrão de alta intensidade.

Nesta medida, Carvalho (anexo 4) concorda inteiramente com a ideia de que **a questão da economia, em termos «físicos»**, está muito relacionada com a organização da equipa: “Sim, sem dúvida. Uma equipa bem posicionada, bem organizada, não corre metade do que uma outra equipa mal organizada e mal posicionada. Uma equipa bem posicionada e bem organizada **consegue conquistar mais rapidamente** a bola e **não a perde tão facilmente**. Tudo isto é uma questão de **organização**. Só uma equipa bem organizada consegue recuperar de forma rápida a bola e não a perder facilmente. Mais, o Porto consegue recuperar tendo a bola, coisa que poucas equipas conseguem fazer”. Realçamos apenas que, na nossa opinião, o «descansar com bola» tem fundamentalmente a ver com a fadiga mental.

Concordamos com Carvalho e, por acreditarmos que este **não é o modo de pensar dominante** no futebol português, não queremos deixar de utilizar alguns exemplos práticos para fazer mais alguns reparos.

Tenha-se em atenção as declarações de Fernando Santos (2004, cit. por «Record», 16/04/2004) antes do jogo Boavista – Sporting para a SuperLiga: “Temos de ser **uma equipa organizada, capaz de transpirar mais que** o adversário. Sabemos que vamos encontrar um adversário forte, com um treinador que não está muito satisfeito e que exige grande rigor por parte dos seus jogadores. Espero uma equipa à imagem do Jaime Pacheco, com grande disponibilidade física e a pressionar muito assim que perde a bola. Perante um adversário com

estas características **temos de lutar com as mesmas armas** que eles utilizam para conseguirmos o nosso objectivo que é a vitória”.

Para nós, **só carências ao nível** da organização de jogo de uma equipa é que a levam a ter que «transpirar mais que o adversário», sobretudo quando falamos de um «grande» frente a um adversário «mais pequeno». A falta de organização tem que ser compensada de alguma forma! Com efeito, acreditamos que esta é uma das razões que levam a lugares comuns como o «temos que correr mais que o adversário para ganhar o jogo», à «vertigem» pela dimensão física («fiscismo») do «jogar» e, também não raras vezes, ao «defensivismo».

As palavras de Fernando Santos também nos fazem recordar uma ideia que Valdano (1997a) expressava na revisão da literatura. Como todas as equipas querem responder à pressão com mais pressão, o que vemos em cada partida mais se parece a um choque de comboios. As equipas lutam sem parar pela bola e quando a têm atiram-na para qualquer parte. Chamam-lhe futebol moderno!

Concordamos com Garganta (anexo 12) quando salienta que “por vezes **se confunde** «defender bem» com frenesim ou com ebulição defensiva (onde toda a gente anda a correr atrás dos jogadores e da bola). (...) **Parece-me que jogar com qualidade passa, precisamente, por contradizer a ideia de se correr muito, de andar toda a gente atrás da bola, de se fazerem muitas faltas a defender, de se provocar contacto físico e de se ser «duro» a defender,...** Para muita gente, esses são os ingredientes principais de uma defesa activa! Mas **na busca da qualidade do jogo, a defesa, para além de activa deve ser construtiva** (em oposição à conotação destrutiva tradicional) (...)”.

Tenha-se igualmente em linha de conta a resposta de Guilherme Oliveira (anexo 9) à pergunta «É preciso correr mais que a equipa adversária para se ganhar?»: **“Temos que jogar mais que o adversário para ganhar.** E jogar mais implica, essencialmente, **qualidade** e não quantidade. Evidentemente que, para ter qualidade, o jogo da equipa terá que ter uma quantidade, mas uma quantidade que seja adequada à qualidade. **A quantidade** é importante associada à qualidade. Na minha forma de ver o futebol, não é o correr mais que é o factor de qualidade, mas sim o jogar melhor. **E jogar melhor muitas vezes** é correr menos, **porque temos de ser** muito mais organizados. Temos que saber correr nas alturas certas, porque quando se corre demais não se consegue pensar. Devemos correr o necessário para se jogar com qualidade. Muitas vezes temos que estar parados, outras vezes temos que andar a passo, outra vezes temos de correr,... Por isso, **é muito mais importante o «como correr»** do que o

«quanto correr». **A qualidade no futebol tem a ver com a qualidade das acções e não com a quantidade das acções.** Daí que normalmente ganhem as equipas mais organizadas, as equipas com melhor qualidade de jogo. Não temos de correr mais do que os outros para ganhar, **temos de jogar mais do que os outros e isso implica ter mais qualidade em termos de organização do que os outros**”. Tal como referia **Cruyff** (1989, cit. por Barend e Van Dorp, 1999), “**todos os treinadores falam de movimento, de ter de se correr muito. Eu digo não corram muito. O futebol é um jogo que se joga com o cérebro.** Tens de estar no local certo no momento certo, nem antes nem depois”. **Apela à esfera cognitiva. É, portanto, um jogo fundamentalmente táctico e, se assim é, a ênfase deve ser colocada na organização de jogo, na sua concepção e na sua operacionalização.**

Consideramos pertinente ainda aqui fazer um pequeno contraste entre as declarações de Fernando Santos e as de Paulo Bento após uma derrota por 4-1 num dos jogos da digressão que o Sporting C.P. efectuou pelos Estados Unidos em Maio de 2004. Fernando Santos (2004, cit. por «A Bola», 14/05/2004) explica que “**enquanto teve força, a equipa controlou o jogo e marcou, mas depois do intervalo faltou-lhe fulgor e ritmo para defender e atacar, para andar constantemente a acompanhar o adversário num avança e recua.** Foi o querer e não poder”. Já Paulo Bento (2004, cit. por «A Bola», 14/05/2004) diz-nos: “Cometemos alguns erros colectivos e quando mostrámos alguma **falta de organização** sofremos dois golos. Ainda reagimos e podíamos ter chegado ao empate. Mas foi aí que o cansaço veio ao de cima”. Para nós, Paulo Bento está bem mais próximo das verdadeiras razões de tal derrota!

Importa agora tentar perceber um pouco melhor **até que ponto o desgaste mental pode** contribuir para a fadiga associada a uma «zona pressionante» alta.

Frade (2002) dizia-nos que se fala muito de fadiga periférica [física], mas que **também se deve falar de fadiga central [mental], a qual** está relacionada com a **concentração** exigida e é, do seu ponto de vista, **um dos grandes problemas** dos desportos colectivos.

E, com efeito, Mourinho (anexo 11) explica que “**a fadiga mais importante em futebol é a fadiga central e não a fadiga física.** Qualquer equipa profissional minimamente treinada sob o ponto de vista energético acaba por resistir, com mais ou menos dificuldade, àquilo que é o jogo. Agora, **a fadiga central** é aquela **que resulta da capacidade de se estar permanentemente concentrado e de reagir imediatamente** num determinado momento após a perda da posse de bola, e eu **penso que o desgaste [da sua forma de defender, perceba-**

se] é muito mais por aí. Eu tenho jogadores que chegaram de outros clubes que já estão a trabalhar comigo há dois meses e **que ainda não estão mentalmente adaptados à forma como nós defendemos. E estou a falar de jogadores bons, jogadores de alto nível, que noutras equipas eram jogadores nucleares. Estão completamente** inadaptados à forma de defender da nossa equipa”.

As palavras que se seguem de Garganta (anexo 12) ajudam-nos igualmente a aclarar esta questão: “Uma **zona *pressing*** exige uma **concentração elevada do ponto de vista mental** e implica que, sistematicamente, se encurtem distâncias recorrendo a acções de média-alta intensidade. Noutras formas de defender podemos ser obrigados a realizar repetidos sprints e a andar sempre de um lado para o outro. Do ponto de vista da **fadiga central**, aí sim, parece-me que uma **zona *pressing*** é muito exigente. Mas do ponto de vista de uma fadiga mais «física», não sei se uma zona ***pressing*** alta será mais desgastante do que outros tipos de defesa que nós por aí vemos que não são carne nem são peixe, são defesas híbridas, nas quais assistimos à falência precoce dos jogadores”. **Note-se apenas que o nosso entrevistado separa os conceitos de «concentração» e de «intensidade» quando**, como vimos na revisão da literatura, **“a intensidade só é caracterizada se associada à concentração”** (Frade, 1998). Carvalho (2001) e Mourinho (2002c) partilham desta perspectiva.

Também para Guilherme Oliveira (anexo 9), **“a zona pressionante alta** é uma forma de defender extremamente desgastante **em termos mentais**, em termos psicológicos. E isto porquê? **Porque exige uma permanente concentração de todos** os jogadores, **independentemente** de a bola estar perto ou longe dos mesmos. (...) Todos os jogadores, sem excepção, têm de estar permanentemente concentrados. Daí que seja uma forma de defender extremamente desgastante em termos mentais. **Existe sempre a** necessidade de uma permanente leitura das situações e isso exige concentração. **Por exemplo**, para se fazer uma zona pressionante alta, os momentos de transição têm de ser feitos muito bem e têm de ser feitos muito bem por muitos jogadores e isso exige permanente concentração aos jogadores. Agora, **evidentemente que esse desgaste se atenua com o treino, pois os comportamentos** que são exigidos aos jogadores começam a aparecer como **hábito**. E, **ao aparecerem como hábito, ficam facilitados**. De qualquer modo, pela permanente concentração que exige aos jogadores, é sempre uma forma de defender muito fatigante a nível mental”.

A perspectiva de Guilherme Oliveira vai claramente ao encontro de Frade (2002) quando, ao nível da revisão da literatura, afirmava que **“a zona *pressing* é extremamente**

complexa e difícil de pôr em prática. Implica a participação de todos os jogadores e é fundamental que cada um se concentre **permanentemente** naquilo que tem que fazer”.

Portanto, tal como sublinhámos na altura, ainda que muito menos desgastante «fisicamente» que uma qualquer forma de defender «homem-a-homem», em termos mentais a «zona pressionante» alta parece ser, de facto, a que mais desgaste causa. Pela concentração que exige, será a que mais intensidade pressupõe.

Porém, também ficou evidente nas palavras de Guilherme Oliveira a ideia expressa por Carvalho (2001) de que o “ **o hábito resulta em economia do Sistema Nervoso Central**, na medida em que a solicitação da estrutura perceptivo-cinética não é tão massificada [solicitada]”.

Mas tenham-se também em atenção as palavras de Mourinho (anexo 11): “se o lateral esquerdo adversário tiver a bola, e se a minha equipa se adapta em função desse posicionamento, se calhar, é-me indiferente que o lateral direito adversário esteja livre, porque, no máximo, aquilo que o lateral esquerdo pode fazer é jogar a bola num central ou no guarda-redes e esse jogador fazer chegar a bola ao lateral contrário. E, durante os três segundos que isso demora a fazer, a minha equipa tem sempre tempo de sair de uma basculação à direita e entrar numa basculação à esquerda, principalmente **se as coisas estiverem automatizadas e os jogadores o fizerem praticamente sem pensar**, adaptando-se rapidamente em função da posição da bola”.

Aqui, é igualmente evidente que, com o treino, as exigências de concentração implícitas numa «zona pressionante» passam a ser menores. O hábito leva a que a atenção apenas seja necessária relativamente às nuances particulares de cada situação, o mesmo é dizer, **à gestão do instante**. Assim o dissemos na revisão da literatura.

De qualquer forma, a «zona», e **qualquer ideia de jogo que se pautar por** uma organização colectiva elaborada, pela concentração que exigem, **pressupõem** um desgaste mental a ter em conta. **Daí que a recuperação**, enquanto «parte» fundamental do treinar, tenha que ser correctamente perspectivada.

4.7. Sobre algumas alegadas desvantagens da «defesa à zona»

Questionado acerca das grandes desvantagens inerentes à «defesa à zona», Rui Quinta (anexo 16) afirma que “não existem grandes desvantagens, bem pelo contrário: **são mais as vantagens do que as desvantagens. A grande desvantagem** é a minha equipa apanhar um adversário que jogue muito bem a um ou dois toques e que tenha o processo ofensivo muito bem elaborado, com desmarcações e passes permanentes. **Outra desvantagem** está relacionada com a minha equipa encontrar um adversário que venha preparado para fazer circulações de flanco (mudanças de flanco de jogo) com bastante rapidez, porque pode criar-nos situações de igualdade ou inferioridade numérica. Mas, no futebol actual, por aquilo que me é dado a perceber, existe muito pouco **investimento na qualidade do processo ofensivo**. Por outro lado, acredito que, **se nós conseguirmos rapidamente condicionar a construção do jogo adversário, se não dermos tempo nem espaço ao adversário, dificilmente ele consegue** superar a nossa organização defensiva”. Note-se que colocar a equipa adversária sob constrangimento espaço-temporal implica necessariamente fazer «campo pequeno» na zona da bola e, nesta medida, fazer uso do princípio de basculação defensiva. Dele depende o concretizar com eficácia tal intenção.

Sobre a possibilidade de encontrarmos pela frente uma equipa que jogue muito bem a um e dois toques, Tadeia (anexo 1) não tem quaisquer dúvidas: “**Isso é uma desvantagem para quem defende. E uma vantagem para quem ataca.** O Barcelona do Crujff fazia isso muito bem! **Não é uma desvantagem específica da zona**, porque uma equipa que defenda homem-a-homem, mas que não jogue bem na antecipação, terá também muitas dificuldades”. Para nós, a argumentação de Tadeia é irrefutável.

Acerca de eventuais fragilidades nas mudanças de flanco adversárias, Tadeia (anexo 1) diz-nos que, “se a equipa estiver muito curta e muito compacta, é complicado. E existem jogadores que sabem aproveitar isso muito bem. (...) **Mas penso que acaba por ser um mal menor**, ainda que, de facto, aconteça, porque **a equipa, para fazer zona, tem que** estar compacta e tem que se mover de acordo com a bola. Se o adversário atacar pela direita a equipa tem que estar concentrada e em rombo para esse lado. Havendo uma mudança de flanco total obviamente que vai haver espaço, **mas a equipa, em princípio, terá tempo para** se recompor e se harmonizar com a situação. Porém, **ainda que** possa ser uma desvantagem, parece-me ser **um mal menor se a zona for bem feita**”. Queremos apenas sublinhar que, na

nossa opinião, a equipa necessitará de tanto menos tempo para se readaptar, quanto melhor treinadas tiver as basculações e quanto melhor conhecer o adversário, nomeadamente os momentos/locais onde regularmente este procura realizar mudanças de flanco e os jogadores adversário que, por norma, têm essa responsabilidade. Como vimos, a tarefa defensiva de alguns dos jogadores da linha avançada pode ser precisamente a de fechar as linhas de passe que habitualmente a equipa adversária utiliza para «virar o jogo». Daí que várias vezes se tenha afirmado que, quando a «zona pressionante» é bem feita, só se lhe consegue fugir jogando para trás!

Para Garganta (anexo 12), “essas fragilidades nas **mudanças de flanco** podem ser só aparentes, na medida em que ocorrem porque a **equipa está posicionada para cobrir zonas mais perigosas** do que essas. Como onze jogadores nunca poderão cobrir todo o terreno **há sempre que fazer opções**. É uma questão de equacionar a relação custo-benefício. Para além disso, **humanamente é difícil colocar a bola tão rapidamente no corredor oposto de modo a que não dê tempo para a equipa oscilar**, ou pelo menos para alguns jogadores o fazerem. E mesmo esse factor só se constitui como surpresa se **nos treinos não** trabalharmos tais situações e não soubermos como contrariá-las. Sabemos, por exemplo, que no **«lado forte»** os jogadores devem **realizar movimentos horizontais**, enquanto que para **cobrir o «lado fraco»** eles se devem **mover na diagonal**. É óbvio que se correm sempre alguns **riscos**, mas, de todos eles, parece-me que **a zona** é a forma de defender que nos permite correr menos. Na zona é a mudança de flanco; nas outras formas de defender é permitir que se jogue em espaços bem mais «valiosos», como são os que se situam no eixo baliza-baliza, mais especificamente nos sectores intermédio e ofensivo”. Sobrescrevemos por completo as palavras do nosso entrevistado.

Camacho (anexo 7) é ainda mais contundente ao **não considerar as mudanças de flanco adversárias uma debilidade desta forma de organização defensiva**: “Não, se eu der mobilidade à minha equipa. Outra coisa é os jogadores ficarem parados, não terem mobilidade. Se os jogadores tiverem mobilidade, isso não é um problema”.

Tenha-se também em consideração a opinião de Mourinho (anexo 11) acerca desta alegada desvantagem da «zona»: “Eu foco sempre esse aspecto aos meus jogadores. Normalmente, digo aos meus jogadores para, quando intensificarem a pressão a um determinado lateral em posse da bola, terem em atenção que esse lateral não é o Roberto Carlos. **Quantos laterais no futebol português é que, sob pressão, fazem um passe na**

diagonal de cinquenta ou sessenta metros? Nenhum! Ou quase nenhum. **Portanto, é de facto** uma limitação e, se calhar, uma equipa que jogue contra o Real Madrid numa situação zonal terá que ter atenção na sua basculação à direita na tentativa de pressionar o Roberto Carlos com bola, porque essa mudança de direcção com a velocidade a que ele o faz é complicada. **Agora, se for uma equipa que** faça a mudança de direcção com um homem intermédio, por exemplo, lateral, médio e médio do lado contrário, aqui já está um passe, um controlo, um segundo toque, um passe,... já estamos a falar de quatro ou cinco segundos, e **uma equipa que esteja rotinada (porque isso é treino) consegue** rapidamente reajustar-se em função do novo posicionamento da bola. **No fundo, é tudo uma questão de treino, agora, também depende dos** adversários. Por exemplo, com uma equipa que tem o Roberto Carlos em posse da bola, mas que joga sem um ala do lado contrário, se calhar, essa mudança de orientação acaba por não ter tanto perigo quanto teria se a equipa jogasse com jogador completamente aberto na linha. Portanto, também depende muito da **análise que se faz do adversário, daí que** a preocupação de conhecer as características do adversário tenha que estar sempre presente”.

Repare-se ainda na resposta de Carvalhal (anexo 4) quando lhe perguntamos quais as possíveis desvantagens da «zona»: “Poucas, poucas. Talvez o lado escuro, **o lado contrário ao lado da bola**. Vamos supor que tu estás a atacar sobre a direita e que a minha equipa começa a pressionar-te e a bascular para o lado da bola. É evidente que o lado contrário – o lado escuro – e os jogadores que lá se encontram acabam por ser um pouco descurados. Se houver uma mudança de flanco rápida e eficaz, podemos ter alguns problemas. Agora, **se a zona e as basculações forem** bem trabalhadas, isto é, se a zona for bem feita, **essa possibilidade fica, à partida, anulada**. Mas, de qualquer forma, **o lado contrário ao lado da bola** acaba sempre por ser um problema para quem trabalha a zona”.

Mas o nosso entrevistado (anexo 4) diz-nos algo mais sobre esta questão: “Vamos lá ver uma coisa, todos nós queremos preparar bem as nossas equipas. **Se treinarmos a equipa para os quatro momentos**, isto é, para atacar, para defender e para as duas transições, se treinarmos a equipa a **tirar a bola da pressão assim que a recupera**, vamos estar a criar dificuldades às equipas adversárias. **Se eu procuro aumentar a pressão numa determinada zona e a equipa adversária treina para tirar a bola dessa zona de pressão, é óbvio que** me vai criar dificuldades, porque há equipas que o conseguem fazer. O mais difícil da zona é **quando as equipas conseguem circular a bola**, a um e dois toques, e conseguem mudar a

bola de corredor com facilidade, porque obriga ao bascular da equipa. Mas isso faz parte do jogo! Temos que perceber que a equipa adversária conseguiu com mérito levar a bola de um corredor para o outro e **aliviamos a pressão até surgir um** novo momento favorável ao aumento da pressão. **A equipa tem que perceber que**, em determinados momentos, tem que pressionar e que, noutros momentos, não adianta fazer uma zona agressiva. Mas não é dramático! Isto é uma consequência normal de se defender à zona e não o vejo, sequer, como um aspecto negativo. Para além disso, só uma equipa muito bem treinada é que consegue jogar a um e dois toques para tirar a bola da pressão, portanto, **trata-se de uma luta de qualidade contra qualidade**".

Portanto, sendo o princípio de basculação defensiva **um pressuposto** para se fazer «campo pequeno», o mesmo é dizer, para se defender «zonalmente» com eficácia, ele tem é que ser treinado de modo a que a equipa consiga **criar «zonas de pressão» junto à bola**, mas também **de forma a que** consiga readaptar-se aos novos posicionamentos da mesma e gerar novas «zonas de pressão» caso o adversário, com mérito, consiga «sair a jogar» de determinada «zona de pressão». O conhecimento das características da equipa adversária **ajudar-nos-á a** definir ajustadamente os locais onde podemos, ou não, exacerbar o nosso «campo pequeno» na tentativa de recuperar a posse de bola.

Carvalho (anexo 4) aponta ainda outra desvantagem subjacente a esta forma de organização defensiva: "**Outro problema** está relacionado com as movimentações de jogadores nas «zonas neutras». Por exemplo, estando a jogar com dois centrais à zona, podemos apanhar um avançado que jogue muito bem nas «zonas neutras», porque dentro dessa coordenação entre os dois centrais existem determinados pontos que podemos considerar «zonas neutras». "As «fronteiras» têm que ser muito bem trabalhadas, porque, muitas vezes, há jogadores que se movimentam muito bem entre linhas e nas «zonas de fronteira» entre jogadores. Mas repito, isto só é um problema se não for devidamente trabalhado", considera.

Para nós, as movimentações de jogadores adversários nas «zonas de fronteira», à semelhança das mudanças de flanco adversárias, são aspectos problemáticos nesta forma de organização defensiva tão somente por ser aí que a coordenação colectiva é posta à prova. Daí que seja, fundamentalmente, uma questão de treino, pois só o treinar (bem) dotará o colectivo da coordenação pretendida. E se é verdade que a «defesa à zona» é muito mais complexa do que a «defesa homem-a-homem» precisamente por exigir coordenação colectiva, também o é que é essa mesma coordenação colectiva que a torna muito mais eficaz do que qualquer outra forma

de organização defensiva. Muito mais eficaz defensivamente, mas também tendo em conta a «inteireza inquebrantável» que a organização de jogo deve ser.

Interessa agora atender às palavras de Guilherme Oliveira (anexo 11), na medida em que nos permitem focar mais alguns aspectos que consideramos importantes. O nosso entrevistado admite uma maior fragilidade da equipa aquando das mudanças de flanco do adversário, quando se «defende à zona», mas somente “quando jogamos com o **bloco avançado**. Porquê? **Porque além de haver muito espaço numa lateral, também existe muito espaço nas costas**. Se estamos a jogar com o bloco adiantado e existe todo esse espaço livre, temos que condicionar muito o jogador em posse de bola. E porquê? Porque se não o fizermos o lateral direito ou o central desse lado, por exemplo, coloca rapidamente a bola no lado contrário, e isto é extremamente perigoso devido ao espaço que há nas costas da nossa defesa e à possibilidade do jogador adversário em posse de bola para aí a enviar. **Por isso, temos que condicionar o portador da bola para que ele nem sequer faça um passe**, isto é, **temos que o levar ou a despejar a bola ou a não conseguir realizar um passe dirigido**, caso contrário é problemático. **Portanto, quando pressionamos à frente, o problema é existir simultaneamente espaço no lado oposto ao da bola e nas costas da defesa. Daí que seja muito difícil defender à frente (...)**”.

Para nós, é muito difícil defender à frente (alto), mas apenas diante das (poucas) equipas que têm a coragem de não colocar logo a bola na frente e de procurar, mesmo no seu terço defensivo, sair a jogar contornando a pressão e tentando aproveitar de forma intencional e organizada o espaço livre que existe. Quando assim é, trata-se, também aí, de uma luta de qualidade contra qualidade. Já o simples colocar da bola na frente por parte da linha defensiva ou do guarda-redes quando sujeitos a acções de *pressing* não é problema para a linha defensiva contrária. Mourinho (anexo 11) e Guilherme Oliveira (anexo 9) evidenciam isso mesmo, acrescentando que essa é uma das situações que procuram como alternativa à imediata recuperação da posse de bola na «zona de pressão» criada.

Repare-se agora na resposta de Mourinho (anexo 11) quando lhe perguntamos quais as principais desvantagens da «zona pressionante»: “Eu penso que **existe sempre um risco um bocadinho maior pelo facto de haver um espaço maior entre a nossa linha defensiva e a baliza**, mas, quanto a mim, a **dificuldade que o adversário tem em construir o seu jogo é mais importante do que esse espaço**. Nós já jogámos contra equipas com avançados muito

rápidos onde, à partida, **pelo facto do Porto não ter defesas especialmente rápidos**, muitos pensariam que iríamos ter problemas com o espaço nas costas da nossa defesa, **mas a verdade é que** o que acaba por acontecer é, durante noventa minutos, não haver um único passe de penetração de alta qualidade. **Portanto, é verdade que existe esse risco, mas eu penso que ele é compensado com** a pressão intensa e com as dificuldades que são colocadas ao adversário". Mourinho (2003c) diz-nos algo mais a este propósito: **"Eu vejo mais os nossos centrais a apertarem o espaço à sua frente do que a terem que recuperar, defensivamente, o espaço atrás de si. A equipa pressiona como um todo**, pressiona como um bloco, quando há movimentos verticais de pressão a minha linha defensiva faz o mesmo tipo de movimento e quando assim é as linhas estão juntas, a equipa está compacta e **não há muito jogo no espaço** entre a nossa defesa e o nosso guarda-redes".

Para terminar este ponto, e uma vez que vem a propósito, queremos apenas tentar esclarecer um pouco melhor o porquê de ser tão difícil fazer uma «zona pressionante» alta.

Nesse sentido, atente-se à explicação de Guilherme Oliveira (anexo 9): "Durante a minha carreira de treinador também tive vários tipos de comportamentos na defesa à zona, consoante a equipa que treinei. Tive equipas que jogavam fundamentalmente em transição defesa-ataque e, por isso, eu jogava com a defesa muito recuada, tive equipas que jogavam com a defesa mais avançada e tive equipas que jogavam com a defesa ainda mais avançada, ou seja, em três posições diferentes. Agora, eu fui notando, ao longo dessas experiências, que **existem diferenças muito significativas nessas formas de defender à zona**, isto é, defendendo mais atrás, defendendo mais ao meio ou defendendo mais à frente. São diferenças muito significativas, porque **quanto mais à frente se defende mais difícil é defender**. Então defender à frente é difícilíssimo, porque ou as coisas estão muito bem sintonizadas entre todos os jogadores ou então os riscos são elevados, já que existem muitos espaços que as equipas adversárias podem aproveitar. Mesmo os adversários teoricamente mais fáceis, porque, como têm muitos espaços, conseguem aproveitá-los e criam-nos com isso alguns problemas. Quando defendemos atrás, quase que não damos espaços às equipas adversárias e elas tornam-se praticamente inofensivas. (...) Por isso, dentro da defesa à zona, entre defender atrás, defender no meio e defender à frente, é muito mais difícil defender à frente. **Para defender à frente é preciso pressionar praticamente sempre, porque se o fizermos sem condicionarmos o tempo e o espaço**, os jogadores adversários terão muito mais espaço para colocar a bola longe, nas

costas da nossa defesa e, ao fazerem-no, trazem-nos sempre problemas. **Por isso, pressionando à frente ainda temos que ser, na maior parte das vezes, mais pressionantes** do que quando pressionamos atrás. **Quando se pressiona atrás**, mesmo que o jogador em posse da bola tenha tempo e espaço e tente colocar a bola nas costas da defesa, a bola é normalmente do guarda-redes. **Quando a pressão é feita à frente** isso já não é assim! **Quando pressionamos à frente**, se não formos mesmo muito pressionantes, se não condicionarmos completamente **o portador da bola e o espaço** dos jogadores circundantes, aquilo que acontece é que a bola entra de imediato nas nossas costas, criando-nos sempre muitos problemas". Por isso, acrescenta, "(...) **todos os jogadores têm de ter tarefas defensivas bem claras e, mal se perca a posse de bola**, mesmo os jogadores mais avançados têm de saber aquilo que têm de fazer de imediato, para não serem só os jogadores mais recuados a participarem no processo defensivo".

Tenha-se igualmente em atenção as palavras de Mourinho (anexo 11): "Eu penso que o bloco baixo é facilmente interpretável. Nem sequer precisa de grande liderança ou de grande *feedback*. O bloco baixo é um bloco baixo, basta definir a referência visual do bloco e pronto, nada mais. (...) Agora, quando se trata de bloco baixo, de campo curto, de juntar linhas, é fácil. Eu digo isso aos meus jogadores! Em momentos em que lhes esteja a ser difícil jogar numa zona pressionante [alta] ou fazer uma transição muito forte, por fadiga, por determinado ascendente do adversário ou porque o adversário tem uma determinada dinâmica ofensiva que nos está a criar algum tipo de problemas, eu digo-lhes para baixar o bloco, juntar linhas e tranquilizar o jogo. **Portanto, sob o ponto de vista da eficácia** penso que é **muito mais fácil jogar bloco baixo do que bloco alto**. Muito mais fácil!".

Neste contexto, Guilherme Oliveira (anexo 9) alerta-nos para **a importância de não se «queimarem» etapas no processo de «construção»** de uma qualquer «zona pressionante»: "Sempre que me é possível, eu gosto muito mais de ir procurar logo a bola, de **encurtar a equipa e ir procurar logo a bola**. Também percebo que em muitos momentos isso é extremamente difícil, **sobretudo numa fase inicial de preparação da equipa**, porque implica pressionar, chegar a equipa à frente, criar muito espaço nas costas da nossa equipa e também, muitas vezes, ter cinquenta metros que a equipa adversária pode aproveitar. **Quando isso está bem treinado** é difícil o adversário conseguir colocar a bola nesses espaços, **porém, quando não está**, existe essa possibilidade, o que pode criar problemas muito grandes". **"Aos poucos, é possível** irmos transformando essa defesa numa defesa cada vez mais agressiva, mais

pressionante, **sem que a mesma deixe de ser sólida**. Agora, se tivermos logo de início determinado tipo de comportamentos, aquilo que acontece é que muitas vezes não conseguimos ser eficazes e depois os jogadores não acreditam no que estão a fazer e fazem-no mal, tendo nós assim alguns problemas na execução desse tipo de defesa”, conclui.

4.8. Diferentes realidades, diferentes «padrões defensivos»... ou diferentes «padrões defensivos», diferentes realidades?

No último capítulo da revisão da literatura tentámos evidenciar a existência de um «padrão defensivo» no futebol português. Para nós, esse «padrão» é uma realidade e consta de uma mescla de «marcações homem-a-homem» com «marcações individuais», o mesmo é dizer, um «jogo de pares» onde as equipas procuram «encaixar» no adversário. Não poderíamos, portanto, dar por terminada esta «discussão» sem tentarmos esclarecer melhor esta questão.

Garganta (anexo 12) realça que **tem observado várias equipas portuguesas**, em diversas jornadas da SuperLiga, e que **verifica a existência de “uma quasi-obsessão pelas marcações individuais**. Há sempre quatro ou cinco jogadores que marcam individualmente quem entra no seu meio campo e se os adversários se deslocam para a ala, eles vão atrás e descuram a zona central do terreno. Ora, situações como esta não me parecem uma forma racional de defender! Lá está **a tal hipervalorização do individual** em detrimento da noção global de jogo, de colectivo, de pressão colectiva, de contenção colectiva, de equilíbrio colectivo”.

Mas o nosso entrevistado não se inibe de continuar: **“Em grande parte das equipas portuguesas pode ver-se** jogadores que jogam no meio campo a perseguirem o seu adversário directo, a partir do momento em que a equipa adversária entra com a bola no meio campo ofensivo. Para mim, isto **desestrutura completamente a organização** da equipa que defende. **Como agravante**, os centrais quase sempre também marcam individualmente. **Este tipo de comportamentos cria** sistematicamente desequilíbrios, **já para não falar do** desgaste absolutamente desnecessário! Por vezes este desgaste é de tal forma evidente que, a partir de certa altura, mesmo essas marcações começam a falir e a comprometer o essencial”. “Quando uma equipa perde a posse da bola, é comum vermos jogadores a correrem de costas para o jogo e para a bola. E porquê? Porque há um adversário que se desloca para lá, quando a bola pode até estar no lado contrário! Ou seja, em vez da **equipa se preocupar em bascular para o lado da bola** para aí fazer uma zona de pressão, **aquilo que normalmente se vê** é que há um, dois, três ou quatro jogadores preocupados em marcar adversários que estão do lado contrário. Nas grandes equipas, raramente vemos isso! Se o adversário colocar dois jogadores no lado contrário ao da bola, elas deixam-nos lá estar. **A equipa tem que saber gerar e gerir as zonas de pressão**”, diz.

Guilherme Oliveira (anexo 9) afirma que **“existem muitas equipas em Portugal que defendem homem-a-homem”**. **“Mesmo a nível profissional. E algumas das que são consideradas** das melhores equipas nacionais. Não digo nomes, mas existem várias equipas que jogam homem-a-homem, isso vê-se claramente”, refere. Acrescenta que, **“ao nível da formação, praticamente todas** as equipas defendem homem-a-homem. Alguns treinadores até que se preocupam em defender à zona, mas é muito raro encontrar equipas que defendam à zona com bloco avançado, pois, normalmente, optam pelo bloco baixo. **É muito raro** encontrar equipas a defender à zona e **é ainda mais raro encontrar** equipas que defendam com o bloco avançado”.

Na mesma linha de pensamento, Rui Quinta (anexo 16) refere que **“em Portugal ainda se cultiva o mais fácil, as referências individuais”**. **“Ao nível da formação,** acontece em 95% das equipas. **Quase todas** as equipas marcam individualmente [leia-se «homem-a-homem»]. Para mim, isso é uma condicionante muito grande”, afirma.

Atente-se ainda nas palavras do nosso entrevistado (anexo 16) a propósito do futebol que se pratica na SuperLiga: **“Acho que o jogo, ao nível da SuperLiga, está um pouco estereotipado:** fora de casa joga-se à espera, à espreita, e faz-se um golo e vem-se para trás defender a todo o custo. **São muito poucas as equipas que** assumem o jogo, que o assumem dentro desta perspectiva de que quando temos a bola devemos atacar. Mas não, têm a bola, tentam fazer um golo e depois só pensam em defendê-lo. **Esta situação é inibidora da evolução do jogo,** acho que estamos um bocadinho atrasados neste aspecto, **precisamos de gente que goste de mandar no jogo e penso que o Mourinho mostrou isso mesmo.** E não o fez apenas no Porto, também o fez no Leiria, porque o Leiria tinha comportamentos colectivos, em termos de jogo, de nível elevado”.

Miguel Leal (anexo 15), referindo-se às equipas da Segunda Liga, afirma que **“a maioria** aposta numa defesa de expectativa e depois de marcação homem-a-homem. **As referências** são nitidamente individuais”.

Carvalho (anexo 4) não tem quaisquer dúvidas: **“Na Superliga prevalece o jogo «cara a cara»,** aquilo a que eu chamo de jogo «cara a cara», que é **um jogo de pares,** «cara a cara». As equipas andam quase sempre de «cara a cara»: defesa com avançado, médio com médio,... Dentro do raio de acção de cada jogador existe uma preocupação individualizada”.

Camacho (anexo 7) diz-nos que **“aqui em Portugal as equipas jogam como sabem, como sai, como calha! Em Portugal é comum vermos** aos 88 minutos sete jogadores junto à área

adversária!". "O Porto, que defende e joga muito bem, defende à zona. (...) O Benfica também defende à zona. (...) **As outras equipas correm muito atrás da bola!** A bola vai para um lado e vão todos atrás, a bola vai para outro lado e vão todos atrás. **Não têm sentido de defesa**", afirma.

Também Jesualdo Ferreira (anexo 5) reconhece "que se cometem muitos erros defensivos em Portugal. Aliás, muitas vezes, as pessoas falam no número elevado de faltas que existe em Portugal e atribuem-no à arbitragem. Eu não! **O número de faltas** que existe em Portugal, eu não o atribuo à arbitragem. Atribuo-o à falta de capacidade defensiva dos jogadores". "**As equipas defendem mal**. De uma maneira geral, nós defendemos mal individualmente e, depois, colectivamente", refere.

Tal como afirmámos na revisão da literatura, **se se defende mal é natural que** haja a necessidade de fazer muitas faltas, **é natural que** as equipas recuem no terreno e procurem por todos os meios proteger a baliza.

O nosso entrevistado (anexo 5) sublinha ainda que a responsabilidade desta situação é tanto dos jogadores como dos treinadores. Não concordamos. **Defender, como «parte» que é do «jogar»,** não é um comportamento natural mas construído. Nesta medida, se se defende mal é porque não se concebem princípios que estruturam de forma sólida e coerente o funcionamento defensivo colectivo. O cerne do problema está, pois, fundamentalmente nos treinadores, na medida em que é deles a responsabilidade de construir «padrões defensivos» tão eficazes quanto possível. Mais à frente tentaremos descortinar porque razão os mesmos se ficam pelo «jogo de pares».

Repare-se agora no que diz Mourinho (anexo 11) sobre aquela que considera ser a realidade do futebol português no que se refere ao ponto em questão: "Eu penso que a maioria das equipas **começa a pretender**, repito, começa a pretender jogar zona pressionante, só que é uma zona pressionante mesclada com marcações individuais e é uma zona pressionante que, em vez de ser feita no primeiro terço do adversário (quanto muito, no meio campo adversário), é feita no meio campo próprio". E, de facto, Inácio (anexo 3), Costa (anexo 6), Mota (anexo 10), Campos (anexo 13) e Fernando Santos (2003) são exemplos de treinadores que ambicionam «padrões defensivos» pressionantes, **porém, falta-lhes** dar o «salto» para outro modo de pensar no que diz respeito, por exemplo, às **referências defensivas prioritárias** dos jogadores.

Mas Mourinho (anexo 11) tem o cuidado de nos dizer algo mais a respeito deste assunto: "Aquilo que eu sinto, relativamente aos adversários da minha equipa, é que **o princípio**

da **aglomeração continua** a ser a preocupação maior (vejo normalmente muita gente aglomerada). A referência bola – a linha da bola – e a aglomeração atrás da linha da bola é outro ponto **de que muito poucos abdicam**, e aqueles jogadores considerados mais preponderantes na dinâmica da equipa são alvo de marcações homem-a-homem [individuais, entenda-se]. Portanto, acho que **esses aspectos continuam a ser** as referências principais” [os «traços» defensivos mais usuais na generalidade das equipas].

Portanto, ainda que Mourinho não o refira aqui directamente, acreditamos convictamente que este **«princípio da aglomeração atrás da linha da bola»** pressupõe, para além de «marcações individuais» aos adversários mais influentes, a atenção dos restantes jogadores à **referência** adversário directo. É a tal mescla de «marcações homem-a-homem» com «marcações individuais» que referimos! Aliás, como vimos, Mourinho (2004) afirma que **quase todas as equipas** da SuperLiga que jogam contra a sua equipa “pensam o jogo homem por homem”. A sua opinião acerca do conceito de «marcação» que está «institucionalizado» no futebol português também suporta esta nossa convicção.

Atente-se, por último, nas palavras de Tiago (anexo 17). Para o agora jogador do Chelsea, **a maioria das equipas da Superliga não «defende à zona»**, na medida em que os jogadores apenas se preocupam com o homem que cai no seu raio de acção e isso, ainda que em determinadas situações possa parecer «defender à zona» – como quando a equipa está toda lá atrás –, na verdade não o é. Embora pareça que estão solidários uns com os outros, **a verdade é que eles estão apenas lá atrás** e, quando um homem surge no seu raio de acção, preocupam-se somente com ele, seguem-no e, com isso, abrem espaços. “E nós sentimos isso na pele, porque **somos sujeitos a marcações em todo o lado**. Eu, por vezes, tento fugir à marcação saindo um bocado da minha posição, procurando espaços noutro lado para ver se o adversário que está comigo não me acompanha. **Mas esse adversário vem comigo e isso não é defender à zona**. Mas esta época, felizmente, consegui fugir muitas vezes! Eles distraiam-se um bocado e consegui fugir muitas vezes, mas de certeza que na época que aí vem vai ser mais complicado”, refere. Acrescenta que, muitas vezes, as equipas estão todas compactadas no seu meio campo defensivo, “(...) estão tipo um bloco, **mas um bloco onde existe muita anarquia**. Se o médio tiver que ir para o lado esquerdo ele vai, **não se preocupa muito com o espaço que deixa** para a outra equipa jogar”. Como refere Mourinho (2004), não existe estruturação nem organização, apenas aglomeração!

Acreditando que não restam dúvidas de que existe de facto um **«padrão defensivo»** no futebol português e que ele assenta numa «defesa homem-a-homem» mesclada com algumas «marcações individuais», interessa agora tentar perceber se também será possível **identificar um «padrão defensivo»** numa outra realidade: **a realidade das equipas de top**, o mesmo é dizer, das equipas que ganham mais vezes.

Ao perguntarmos se uma equipa que queira ser de top tem, necessariamente, que «defender à zona», Mourinho (anexo 11) é peremptório: **“Eu não conheço nenhuma equipa de top que não defenda à zona. À zona, não estou a falar em zona pressionante, porque há equipas de top que apenas defendem zonalmente”**.

Guilherme Oliveira (anexo 9) também não tem quaisquer dúvidas: **“Claro que considero que uma equipa de top tem que defender à zona. Embora umas vezes melhor, outras vezes pior, as equipas de top normalmente evidenciam os princípios inerentes à defesa à zona”**.

Jesualdo Ferreira (anexo 5) diz-nos que **“as grandes equipas, as grandes referências dos últimos anos são equipas que defendem à zona”**.

Tadeia (anexo 1) refere igualmente que a «zona» é a forma de organização defensiva que prevalece a nível de top. Acrescenta que **“(...) o futebol evoluiu e hoje (...) exige soluções mais integradas** do ponto de vista da relação defesa/ataque, do ponto de vista da ocupação de espaços, do ponto de vista da solidariedade e das coberturas” e que, por isso, as grandes equipas, se o querem ser de facto, **têm de defender «zonalmente»**.

Carvalho (anexo 4) concorda com a ideia de que a «zona» é **a forma de organização defensiva** que prevalece a nível de top e afirma que **“uma equipa que quer ganhar muitas vezes e que quer praticar um futebol atractivo tem que defender à zona**. Hoje em dia, ainda que seja importante ganhar, também é importante jogar um futebol atractivo, um futebol positivo, capaz de chamar espectadores aos estádios e de gerar, com isso, mais dinheiro para os clubes. O futebol precisa de público, porque sem ele não tem interesse nenhum!”. Note-se que, como tivemos oportunidade de ver atrás, também Mourinho (anexo 11) vai ao encontro desta perspectiva (de que a «zona» pode também contribuir para a qualidade do jogo enquanto espectáculo desportivo) quando se refere às desvantagens da «defesa homem-a-homem». Valdano (2002) evidenciava ideia semelhante na revisão da literatura.

Também segundo Rui Quinta (anexo 16), **“as equipas de top defendem todas à zona. As equipas que normalmente ganham, ou que ganham mais do que as outras, dominam claramente**

os princípios da zona, aqueles princípios que eu há pouco referi como a relação de espaços entre as diferentes linhas ou a agressividade no condicionar do adversário que tem a bola. Todas essas particularidades. Uma vez mais à frente, outras vezes mais atrás. E também o assumir o jogo e o ligar o recuperar da bola com a ofensividade. Pelo que me é dado a observar, as equipas mais evoluídas apresentam este conjunto de características”.

Na mesma linha de pensamento, Garganta (anexo 12) diz-nos que “grande parte das equipas de topo apostam numa defesa à zona (...)”. **“A zona é o conceito de base, ainda que a sua configuração obedeça a diferentes matizes. Ou seja, salvaguardando as respectivas nuances, parece-me que a zona, nas equipas de topo, emerge como sendo um traço de identidade defensiva”**, aclara.

Camacho (anexo 7) acredita que uma equipa que aspire ao sucesso **“tem que defender à zona. Se marcar homem-a-homem vai ter sempre problemas”**.

Em suma, não só nos parece óbvio que o **«padrão defensivo» das equipas de top assenta na «defesa à zona»**, como também nos parece claro que esta forma de organização defensiva constitui-se como **uma necessidade do** Rendimento Superior da modalidade. Por tudo o que já se disse sobre as diferentes formas de organização defensiva, esta constatação nada nos surpreende.

4.8.1. Quais as razões que empurram os treinadores portugueses para o «jogo de pares», quando a referência a top não é essa?

“Ninguém tem necessidade daquilo que desconhece.”

(Frade, 2002)

Não sendo então o «jogo de pares» **a forma de organização defensiva referência** ao nível das equipas de top, importa tentar perceber quais as razões que levam a quase totalidade dos treinadores portugueses a apostar nesse tipo de «padrão defensivo».

Questionado sobre as razões de tal facto, Mourinho (anexo 11) transporta-nos para a problemática do treinar: **“Custa trabalhar a defesa à zona. É difícil trabalhá-la. Um treinador pode ter as ideias perfeitamente organizadas no que respeita àquilo que quer, mas encontrar exercícios que levem a uma correcta operacionalização desses objectivos é-lhe difícil. É-lhe difícil. É possível encontrar mil e uma bibliografia onde se explica o conceito de jogo à zona e onde se encontram exemplos daquilo que é jogar zonalmente bem, agora, a operacionalização ao nível do treino não se encontra. Portanto, ou o treinador tem capacidade para ir à**

procura de exercícios que sejam bons para o desenvolvimento desses aspectos, o que é difícil, **ou opta por ir pela via mais fácil** – o princípio da «povoação» ou da aglomeração de jogadores. Penso que é muito mais fácil ir por aí do que ir pelo trabalho do jogo zonal”. Apenas não concordamos que haja, ao nível da bibliografia, muitos exemplos do que é verdadeiramente a «defesa à zona». A nossa revisão da literatura mostrou precisamente o contrário!

Repare-se também no que nos diz Camacho (anexo 7) neste contexto: “a zona é uma palavra grande, muito extensa. **Como queres tu jogar à zona? Esse é que é o problema**, porque se eu digo «vamos jogar à zona», o que é que quer dizer isso? **Tenho que dar explicações** aos jogadores sobre o que têm que fazer e sobre o que não têm que fazer. **E tenho que o treinar** para que os jogadores o façam em campo. **Porque aquilo que eu vejo é que os treinadores dizem:** «Amanhã, contra o Benfica, vamos jogar em 4-4-2». Muito bem. **Mas isso foi trabalhado? Esse é o problema**”. “Um treinador diz: «Vamos jogar à zona». Mas trabalha-a no treino? Mas trabalha-a e explica o que cada jogador tem que fazer? Esse é o problema. Não sei se explica, se trabalha. Eu explico, eu trabalho, mas não sei se os outros o fazem”, reforça.

Aqui, Camacho não só realça a necessidade de cada treinador **conceber a sua «zona»**, como dá a entender que, não raras vezes, os treinadores pedem aos jogadores e à equipa determinados comportamentos que não são devidamente treinados. Ora, a «zona», como qualquer outro princípio ou sub-princípio de jogo, não só se pede, treina-se. Só assim se tornará hábito, isto é, cultura comportamental, cultura táctica. E talvez por saber que uma intenção táctica não se torna cultura comportamental numa semana de treino e, muito menos, numa breve explicação no balneário ou no banco de suplentes antes de uma substituição, Camacho mostra-se surpreso ao constatar que, em Portugal, os treinadores, por jogarem contra a sua equipa, alteram a sua forma habitual de jogar. Para nós, só o facto de não se ter a mínima consciência do quanto custa levar um indivíduo a adquirir/alterar comportamentos relativos à esfera cognitiva-emocional, é que pode levar os treinadores a agirem desta forma. É também por esta razão que se deve ter muito cuidado ao nível da gestão do lado estratégico do jogo.

Confrontado com a mesma pergunta de que foi alvo Mourinho, Carvalho (anexo 4) refere que “a defesa homem-a-homem dá mais segurança **aos treinadores**. Eu penso que é essa a razão. Por ser mais seguro e também por dar menos trabalho”.

O nosso entrevistado (anexo 4) explica-nos o que quer dizer com o «ser mais seguro»: “Quando eu digo que é segura, quero dizer que é **mais segura de trabalhar**. Não disse que era mais eficaz. **Não estava a falar de segurança defensiva**. Parece-me que a maioria dos

treinadores que optam por defender homem-a-homem **fazem-no porque** uma pressão individual **permite, aparentemente**, uma ocupação de espaços mais racional e uma marcação mais eficaz aos jogadores. Agora, se me perguntares a mim se é mais eficaz, **eu digo-te que não. E porquê?** Porque nas marcações homem-a-homem e individuais **correm-se elevados riscos**. Defendendo à zona temos uma maior cooperação e entre-ajuda, **uma efectiva ocupação racional dos espaços** e, se as basculações forem bem feitas, existe uma maior densidade de jogadores do lado da bola e temos uma maior cobertura dos espaços interiores da equipa. Portanto, ainda que a marcação homem-a-homem ou individual seja mais fácil de conseguir, ela não é mais eficaz que a defesa à zona". **"Colocar uma equipa a defender bem à zona implica criar uma grande organização, e isso dá muito trabalho**. Para uma equipa conseguir fazer uma pressão eficaz, ela tem que estar muito bem organizada e isso requer, evidentemente, trabalho. Se eu optasse por defender homem-a-homem, estaria a optar por **algo mais pobre**, portanto, logicamente que teria menos trabalho e **a organização pretendida seria mais fácil de conseguir"**, acrescenta.

No fundo, também Carvalhal parece colocar em causa a competência da generalidade dos treinadores portugueses no que à concepção/operacionalização do treino diz respeito. E, de facto, se olharmos, por exemplo, para os períodos preparatórios da maioria das equipas portuguesas, verificamos que muito tempo se perde com questões que nada têm a ver com a organização de jogo das equipas.

Repare-se a este propósito na resposta de Mourinho (1999b), na altura treinador adjunto do Barcelona, à pergunta «Trabalha-se mais em Espanha?»: **"Trabalha-se diferente**. Quando vejo referências às pré-temporadas das nossas equipas e me mostram imagens dos atletas a correr, a trabalhar no espaço que não é o campo de futebol, da praia ao campo de golfe, **dou por mim a pensar que** são métodos ultrapassados, para não dizer arcaicos. Nenhuma das equipas mais evoluídas trabalha assim. Hoje tudo se desenvolve dentro daquilo que chamamos «regime técnico-tático»" [leia-se **tático-técnico**].

Neste contexto, não queremos deixar de referir que, ainda que muitos treinadores comecem a investir no dito «Treino Integrado» em detrimento do «Treino Analítico», não é por essa razão que se passa a saber treinar ou a treinar melhor.

Carvalhal (2004) esclarece-nos sobre esta questão quando, na altura do período preparatório da sua actual equipa, responde do seguinte modo ao comentário de um jornalista do jornal «O Jogo» «Os seus métodos [leia-se metodologia] foram elogiados ao longo da semana

pelos jogadores, talvez surpreendidos por terem tanto contacto com a bola em vez das habituais «tareias»...»: **“Há dois tipos de trabalho com bola: o integrado e o sistémico. No primeiro** [no «Treino Integrado»], a bola está presente, mas não de forma subordinada ao modelo de jogo. **Nós preconizamos o outro género** [a «Periodização Táctica», percebe-se], em que a bola está presente desde o primeiro, segundo dia de trabalho, com o intuito de **modelar** os jogadores, colectiva e individualmente, **à nossa forma de jogar**”. Quando o jornalista lhe pergunta quais as vantagens dessa **metodologia**, o actual treinador do Belenenses refere: **“A equipa está a ser organizada** para jogar **desde o primeiro dia** e, ao mesmo tempo, está a ser modelada a todos os níveis: físico, técnico e psicológico. **Nós damos atenção a todos** os factores [leia-se **dimensões**] (...) **mas quem coordena todo o trabalho**, físico, técnico e psicológico, **é a organização**, o trabalho táctico”.

Ao contrário de Carvalho, Rui Quinta (anexo 16) não se fica por meias palavras no que respeita à **questão central** deste ponto: **“É o mais fácil**, as referências individuais são as que dão menos trabalho. Acho que existe um grande défice ao nível do treino. Por aquilo que me é dado a conhecer, **treina-se muito mal em Portugal**”. Diz-nos também que “o facto de se assumir a marcação individual [leia-se marcação homem-a-homem] é para dar referências aos jogadores, é simplificar-lhes a tarefa [a eles jogadores e ao próprio treinador!!]. Por exemplo, se o treinador quer jogar na pressão, pede para um jogador atacar a bola e para os que estão próximos fecharem as linhas de passe [«encostando-se» nos seus adversários directos, percebe-se]. Esta situação de pressão individual pode, por vezes, resultar, mas também pode estar a criar grandes zonas livres dentro da tua estrutura defensiva, dentro da tua organização defensiva, zonas essas que o adversário pode aproveitar para construir. Por isso é que eu entendo que a zona nos traz essa grande vantagem de nos mantermos sempre «impermeáveis» às investidas do adversário, pelo menos através de nós, através das nossas linhas. Agora, eu penso que a marcação individual [leia-se marcação homem-a-homem] é sempre uma referência fácil, trazendo também vantagens em termos de responsabilização (...)”, “isto é, se falhares, tu é que és o culpado”.

Miguel Leal (anexo 15) dá-nos uma razão diferente das até aqui apontadas: “Eu penso que é **a falta de reflexão**. Se calhar foram educados numa determinada forma de estar, se calhar foi aquilo que treinaram, aquilo que viram e que vivenciaram e, se calhar, não tiveram a sorte que eu tive em um dia ir a um colóquio e ser despertado para uma nova realidade. Não sei! Mas, muito sinceramente, eu penso que isso **tem um bocadinho a ver com a sua vivência**”.

peçoal: na sua grande maioria foram jogadores e talvez não estejam muito habituados a **pensar o treino**, a **pensar o jogo**. E quando eu falo em vivência pessoal quero referir-me às coisas a que nos agarramos por com elas termos tido algum sucesso. Por exemplo, nós sabemos que para ir para o Porto este caminho serve porque já o conhecemos bem e, então, é por aqui que vamos, porém, já ouvimos falar que existe um outro caminho que é mais rápido, só que não arriscamos a ir por aí porque nos podemos perder. Isto é, as pessoas agarram-se um bocado a tudo aquilo que vivenciaram. Se os seus treinadores pediam para marcar homem-a-homem e até ganhavam qualquer coisa, porque é que eles, agora também no papel de treinadores, haviam de mudar?! Eu penso que tem mais a ver com isto do que com a formação profissional de cada um. **Depois, associado a isso, vem a questão da reflexão** sobre aquilo que se faz. Porque é que se faz isto e não aquilo? Se esta reflexão existisse, talvez os treinadores fossem tentados a arriscar outros caminhos. E isto sim, já nos leva para a questão da formação profissional, no sentido de reflectirmos sobre a nossa prática. Quando falamos em formação académica ou em formação futebolística, isso no futebol não existe. **Existe é competência** e a competência vê-se pela capacidade que o treinador evidencia para superar as dificuldades que se lhe deparam”.

Na nossa opinião, ainda que todas as razões apontadas façam sentido, nenhuma delas se constitui como a principal no que a esta situação diz respeito. Pelo que constatámos, acreditamos que **o total desconhecimento do que é, de facto, a «defesa à zona»**, é a primeira grande razão que leva a quase totalidade dos treinadores portugueses a apostarem no «jogo de pares». Ignora-se por completo o que é «defender à zona». Não se percebe que existe outra realidade, outra forma de se perspectivar a organização defensiva de uma equipa. Inácio (anexo 3), Mota (anexo 10), Campos (anexo 13) e Lobo (anexo 14) são exemplos claríssimos do que acabámos de afirmar.

Por assim pensarmos, consideramos que Guilherme Oliveira (anexo 9) é quem melhor foca **os pontos essenciais** relativamente a esta questão. Repare-se na sua resposta à pergunta «Se a referência a nível de top não é essa, porque razão a maioria dos treinadores portugueses opta pela «defesa homem-a-homem»?»: **“Porque para pôr as equipas a defender à zona é preciso compreender o que é a zona**, é preciso não ter medo de determinadas coisas, é preciso ter uma filosofia, uma mentalidade e uma ideia de jogo que estão em constante processo de evolução. Por isso, nem toda a gente defende à zona, da mesma forma que há princípios de

jogo, em termos ofensivos, que não são seguidos por toda a gente, porque são princípios relativamente evoluídos e que requerem algum trabalho. Por exemplo, quais são as equipas que querem sair a jogar logo a partir do guarda-redes? Ou que querem que os centrais e os laterais joguem em vez de se limitarem a despejar bolas para a frente? Estou a falar de **princípios de jogo bastante simples, mas que** são muito poucas as equipas que os adoptam. Ora, como é que é possível desejar um jogo de circulação de bola se não se permite que os centrais e o guarda-redes sejam **referências de passe** e jogadores que participem na circulação de bola? Porquê? Porque têm medo! E porque é difícil! Erra-se muitas vezes numa fase inicial. Com a defesa à zona passa-se a mesma coisa: **é preciso percebê-la, é preciso experimentá-la e é preciso errar muitas vezes**, porque para se conseguirem determinadas coisas no futebol, é preciso errar muito, experimentar coisas, errar, voltar a experimentar e voltar a errar. **É preciso treinar!** É o treinar que leva a errar, porque, muitas vezes, adoptam-se determinados princípios que, passado um mês ou dois, vemos que estão errados e temos que os voltar a reformular. Mas isso só se consegue ver através do treino e do jogo". E que não haja quaisquer dúvidas: para nós, «treinar» é subordinar o processo de treino aos critérios da «Periodização Táctica».

Portanto, se quisermos «defender à zona», temos, primeiro, que entender o conceito; em seguida, em função das premissas que o balizam, temos de conceber a nossa «zona»; e, por último, temos que a operacionalizar. Se o princípio «defender à zona» se manifestar com regularidade no «jogar» da equipa, fomos bem sucedidos. Ele passou a fazer parte da cultura comportamental (da cultura táctica) da equipa e de cada um dos jogadores na equipa.

4.8.1.1. Ter ou não ter jogadores, a «velha-questão»!

«É preciso ter jogadores» é talvez o argumento que mais vezes se utiliza quando alguém pretende justificar o porquê de não optar por formas de jogar mais «evoluídas» (no fundo, princípios de jogo mais evoluídos). Este argumento é tão frequentemente utilizado, que os próprios treinadores das camadas jovens caem sistematicamente no ridículo de o utilizar.

Ora, à primeira vista, sendo a «defesa à zona» uma forma de organização defensiva mais complexa que a «defesa homem-a-homem», facilmente se cai na tentação de dizer que são precisos melhores jogadores para se defender desse modo.

E, de facto, questionado sobre o que pode levar um treinador a optar pela «defesa homem-a-homem» em detrimento da «defesa à zona», Tadeia (anexo 1) não tem quaisquer

dúvidas: **Falta de recursos**. A zona é mais exigente, **precisa de melhores jogadores** e, assim sendo, muitas vezes há que tentar minorar os danos. Exige melhores jogadores e, se não os houver, há mais risco nessa forma de jogar, isto é, torna-se mais arriscado defender à zona. Não sendo os jogadores tão bons, o erro está mais sujeito a aparecer”.

Não partilhamos desta opinião e, como veremos de seguida, este é um argumento de que só se pode servir quem não percebe o verdadeiro papel do treinar (a curto e a longo prazo) e **a relevância de uma efectiva organização colectiva**.

Questionado sobre se é necessário ter melhores jogadores para se «defender à zona», Jesualdo Ferreira (anexo 5) assegura-nos que “jogadores mais inteligentes e com melhores atributos técnico-tácticos [leia-se tático-técnicos] fazem uma zona bem melhor do que outros jogadores menos inteligentes e com piores atributos técnico-tácticos [tático-técnicos]”. Porém, também nos diz, em seguida, que colocar uma equipa a defender bem «à zona» **“passa sempre pelo treino e pela intervenção do treinador**. Sempre! **Porque com o treino e com a intervenção do treinador é possível** dotar jogadores à partida não muito bons de instrumentos técnico-tácticos [tático-técnicos] apreciáveis e, fundamentalmente, eficazes”. Acrescenta que não tem a menor dúvida de que **“é possível despertar a inteligência** de muitos jogadores e ensiná-los”. Temos é de olhar para o processo de treino como um processo de ensino-aprendizagem de uma dada forma de jogar, de uma cultura comportamental específica.

Concordamos, portanto, com Jesualdo e queremos aqui sublinhar alguns aspectos que julgamos centrais neste contexto. Um primeiro prende-se com a necessidade de se perceber que **“a inteligência é funcional”** e que, se assim é, **existem inteligências** e não apenas uma inteligência (Frade, 2004). Isto significa, por exemplo, que podemos ter um jogador com extrema dificuldade em articular verbalmente ideias sobre o jogo de futebol (ou sobre o seu «jogar» na equipa), mas que no contexto do jogo consiga desempenhar com extrema eficácia as tarefas que lhe estão destinadas (isto é, a expressão verbal do seu entendimento de uma dada cultura táctica é diferente do seu real entendimento dessa cultura táctica). Pode também acontecer o contrário: podemos ter um jogador que saiba bastante sobre o jogo, mas que «lá dentro» não tenha capacidade para resolver com adequação os problemas que se lhe colocam.

Nesta medida, é imprescindível que se perceba que **“a inteligência é uma emergência”**, isto é, que ela emerge no seio da equipa como resultado do processo de treino (Frade, 2004). O acto inteligente surge no plano individual, mas é sustentado no colectivo,

resulta de uma relação de forças, de um «contexto de propensão» que existe no seio da equipa.

Colocado perante a mesma pergunta de que foi alvo Jesualdo, Guilherme Oliveira (anexo 9) diz-nos que “**tendo em conta que** em termos defensivos a técnica com bola não é necessária, **o fundamental é treinar e fazer entender aos jogadores o que** é defender à zona, **o que** é fechar os espaços e **todo um conjunto de aspectos** que são importantes neste tipo de defesa. Por isso, na verdade, apenas são necessários jogadores inteligentes. **E jogadores inteligentes também se conseguem fazer**. Apenas temos que os levar a aprender aquilo que têm que fazer em determinado momento, **ensinando-lhes os comportamentos** que devem ter. Ainda por cima, defender é fundamentalmente sem bola, não se tratando de comportamentos técnicos com bola. Existe um conjunto de comportamentos técnicos que os jogadores têm que ter, mas que são sem bola e, por isso, não é preciso ter superdotados para se defender bem. **É preciso é cada jogador e a equipa saberem o que têm que fazer**”. Isto implica, primeiro, que o treinador saiba o que quer para a equipa e para cada um dos jogadores na equipa e, depois, que saiba operacionalizar os comportamentos que quer ver instituído como cultura, acrescentamos.

Mas Guilherme Oliveira (anexo 9) vai ainda mais longe no que se refere a esta questão e diz-nos que “**defender à zona** é muito mais eficaz do que defender homem-a-homem, **tanto em termos de** eficácia colectiva, **como em termos de** eficácia individual. Porque quando se passa a defender à zona, mesmo os jogadores que não são bons em termos defensivos, passam a ser bons a esse nível. Porque defendendo à zona não interessa tanto defender bem individualmente, interessa é saber colocar-se no sítio certo, no espaço certo, no momento certo. Não importa o confronto do jogador A com o jogador B, porque o jogador A e o jogador B muitas vezes estão em disputa, mas se o jogador A for ultrapassado, ele tem logo dobras dos colegas que roubam a posse de bola ao jogador B. Por isso, na maior parte das circunstâncias, não é muito importante defender bem individualmente. É muito mais importante defender bem estando no sítio certo no momento certo. Isso é o mais importante”.

Daí que, confrontado com a questão em causa, Mourinho (anexo 11) responda: “Não. Acho que é **preciso ter os melhores jogadores para defender homem-a-homem**. Defendendo à zona, o grupo pode, **pelo seu trabalho colectivo, «esconder» os defeitos individuais**”. A nós, a resposta de Mourinho nada nos surpreende. Basta pensar que, com tantos problemas que

lhe estão subjacentes, a «defesa homem-a-homem», para ser eficaz, tem mesmo de ser servida pelos melhores jogadores.

Tenha-se também em atenção as palavras de Rui Quinta (anexo 16): “aquilo que eu observo, no futebol que tenho oportunidade de ver, é que as melhores equipas (e as melhores são aquelas que normalmente ganham mais vezes) **dominam estes processos de redução do espaço**” [subjacentes à «defesa à zona», perceba-se]. “É verdade que estas equipas têm os melhores jogadores, os mais inteligentes, os mais capazes, **mas a capacidade dos jogadores assumirem comportamentos referentes à defesa à zona também passa muito pela mão dos treinadores**, pelo entendimento que os treinadores têm do jogo. Para mim, a zona é indiscutivelmente uma arma, **uma arma fantástica dos mais fracos**. Uma equipa pode ser fraca [em termos da qualidade individual dos seus jogadores, entenda-se], mas se os jogadores **perceberem o conceito de defesa à zona**, se o treinador for capaz de transmitir à equipa esta capacidade de condicionar a construção adversária através deste artefacto (a utilização correcta da zona), ela será sempre uma equipa terrível. O domínio da zona permite equilibrar as forças, porque ainda que tenhas pela frente um adversário muito forte, ele vai ter grandes dificuldades em te ultrapassar. Agora, **o que não deves é assumir apenas uma postura defensiva**, isto é, quando tiveres a bola, e independentemente de estares a jogar com este ou com aquele, deves querer marcar golos. Nunca deves adular os teus princípios, porque se estiveres só preocupado em defender, mais cedo ou mais tarde vais sofrer dissabores. Não há volta a dar-lhe! Aquilo que eu acho é que, independentemente de se jogar contra este ou contra aquele, nós **nunca nos devemos esquecer do «B.I.» em casa**, se temos um «B.I.». Atacamos e defendemos. (...) Se nos esquecermos disto, de que esta actuação é **fruto de coerências** e de que estamos a lidar com pessoas, se formos os primeiros a adular essa coerência, depois não nos podemos admirar dos nossos jogadores terem comportamentos desajustados em relação ao que desejamos. Isto tem a ver com as tuas crenças, com a tua personalidade, porque, a mim, quaisquer que sejam os meus adversários, eles dizem-me zero”, evidencia.

O nosso entrevistado (anexo 16) conclui o seu raciocínio dizendo que “(...) não são só os jogadores que, por si só, conseguem ultrapassar os adversários, é **sobretudo a organização colectiva**. Se essa **organização for** servida pelos melhores jogadores, tanto melhor é a equipa. Agora, **uma boa organização colectiva permite** a um grupo de jogadores menos bons dar excelentes respostas. Disso eu não tenho dúvidas nenhuma”. Tal como nos dizia Mourinho (2003b), a melhor equipa não é a que tem «os melhores» jogadores, **mas aquela que joga**

como equipa. Pense-se nas duas equipas que chegaram à final da edição 2003/2004 da Liga dos Campeões!...

Para terminar, não queremos deixar de esclarecer alguns equívocos que, na nossa opinião, Garganta (anexo 12) deixa transparecer relativamente a esta questão.

Segundo o nosso entrevistado (anexo 12), “para se fazer uma zona na verdadeira acepção da palavra, **as equipas têm de ser inteligentes, têm de ter cultura táctica, têm de ter uma boa formação, e têm de dispor de jogadores bem treinados e que leiam e percebam muito bem o jogo**”.

Para nós, esta afirmação não faz qualquer sentido. Passamos a explicar...

A «zona» não exige equipas inteligentes, é a sua operacionalização que promove o desenvolvimento da inteligência da equipa e do jogador na equipa. Citamos novamente Frade (2004): “a inteligência é uma emergência” e emerge no seio da equipa em resultado do processo de treino.

A «zona» não exige cultura táctica, ela é uma cultura táctica. A «zona» é um princípio de jogo com múltiplos sub-princípios, sub-princípios dos sub-princípios,... A «zona» é uma cultura comportamental, logo, é uma cultura táctica.

A «zona» não exige equipas com uma «boa formação» e jogadores «bem treinados» que «leiam» e «percebam» muito bem o jogo, ela é o resultado de um processo (de treino), o qual, se for específico, leva a equipa e o jogador na equipa a apreender uma forma específica de jogar (o «jogar» que o treinador concebeu). Será em função dessa forma de jogar que a equipa e o jogador na equipa se mostrarão, ou não, inteligentes e cultos tacticamente.

Quando perguntamos se será correcto afirmar que é preciso ter melhores jogadores para se «defender à zona», Garganta (anexo 12) responde-nos: “É importante ter bons jogadores, **mas mais importante é ter boas equipas e isso «faz-se» no treino, todos os dias**”.

É precisamente por pensarmos que é no treinar que se «faz» tudo o que ao «jogar» da equipa e do jogador na equipa diz respeito, que consideramos a sua primeira afirmação sem qualquer sentido!...

5. Conclusões

“Por falta de um prego perdeu-se uma ferradura,
Por falta de uma ferradura perdeu-se um cavalo,
Por falta de um cavalo perdeu-se um cavaleiro,
Por falta de um cavaleiro perdeu-se uma batalha,
Por falta de uma batalha perdeu-se o reino,
E tudo por falta de um prego de ferradura.”

Sendo agora altura de apresentar as principais ideias que resultam deste trabalho, não queremos deixar de voltar a sublinhar que **não se devem aqui julgar as «partes» sem tentar, primeiro, entender o «todo»**. Repetimos também que não quisemos «discutir» pessoas, mas sim ideias.

No que se refere à imprescindível síntese final deste trabalho, acreditamos estar em condições de ser possível afirmar-se:

Sobre o conceito de «marcação»

♦ O modo como o treinador perspectiva a organização defensiva da sua equipa está intimamente relacionado com a sua interpretação do conceito de «marcação». O «todo» (a organização defensiva), as relações a privilegiar entre as «partes» que o constituem (os jogadores) e as tarefas a realizar por cada uma delas isoladamente, serão manifestamente diversos, consoante a(s) referência(s) defensiva(s) que se considera(m) e respectiva hierarquização (estabelecimento de prioridades).

♦ Acompanhar de perto e passo a passo os adversários, impedindo ou condicionando as suas tarefas ofensivas (ainda que normalmente os jogadores apenas o façam nos seus raios de acção), é, no futebol português, o entendimento comum do conceito de «marcação». Nesta linha de pensamento, a «marcação» é uma acção que tem como «alvo» um jogador adversário.

♦ O conceito de «marcação» não tem, porém, que se esgotar aí obrigatoriamente. Sendo essa perspectiva naturalmente válida, ela é limitada e, nessa medida, limitativa. Também os espaços se podem constituir como «referência-alvo» de «marcação».

Sobre o conceito de «defesa homem-a-homem»

♦ Ao ser, simultaneamente, a grande «referência de posicionamento» e a única «referência-alvo» de «marcação», a referência adversário directo é aquela que baliza a «defesa homem-a-homem».

♦ A «defesa individual» não é mais do que **um exacerbar da lógica** subjacente à «defesa homem-a-homem», sendo muitas vezes a referência adversário directo substituída pela referência «adversário-atribuído-pelo-treinador».

♦ Ambas as formas de organização defensiva, ainda que diferentes na prática, acentam, fundamentalmente, em acções de «marcação» a jogadores adversários, sendo que o fecho de espaços importantes colectivamente coordenado é simplesmente ignorado. Quer num quer noutro caso, trata-se de uma **soma de respostas individuais não coordenadas** colectivamente, pois dá-se preferência a referências defensivas individuais.

♦ «Defender homem-a-homem» ou «individualmente» **não** é, por isso, pensar colectivamente o jogo. **Os princípios que lhes estão subjacentes, afastam-nos claramente da intenção de «jogar como equipa».**

♦ No jogo, os elementos bola, espaços e adversários encontram-se «misturados». Sendo assim, **ainda que não tenham** todos a mesma importância, **têm todos que** ser considerados. Deste modo, a «defesa homem-a-homem», em resultado de um conceito de «marcação» amputado, acaba por ficar **muito aquém das reais exigências** do jogo.

Sobre o conceito de «defesa à zona»

♦ Na «defesa à zona», **os espaços** são a grande «referência-alvo» de «marcação». A grande preocupação é «**fechar como equipa**» os espaços de jogo mais valiosos (os espaços próximos da bola) e, assim, colocar a equipa adversária sob constante constrangimento espaço-temporal. Procura-se, no fundo, **gerir colectivamente o espaço e o tempo no jogo.**

♦ A posição da **bola** e, em função desta, a posição dos **companheiros**, são as grandes «referências de posicionamento».

♦ Enquanto a **referência bola nos** permite fazer um «varrimento» dos espaços em função da sua importância e, dessa forma, tornar o bloco defensivo **compacto**, a **referência companheiros possibilita-nos** o escalonamento permanente das diferentes linhas e, nessa medida, a existência de um «sistema de coberturas sucessivas». É a existência e a permanência deste «jogo de coberturas», no seio da equipa, que torna o bloco defensivo verdadeiramente **solidário**.

♦ Não tendo todos os espaços o mesmo valor, não faz qualquer sentido atribuir a cada jogador sempre a mesma zona. Nesta medida, cada jogador, em coordenação com os companheiros, deve fechar diferentes espaços, de acordo com a posição da bola. Conseguir-se, assim, uma estrutura global flutuante em função da posição da bola, o mesmo é dizer, um «padrão defensivo colectivo» **dinâmico e adaptativo**.

♦ É a **ocupação cuidada e inteligente dos** espaços mais valiosos que permite, por arrastamento, «**controlar**» os adversários sem bola.

♦ **Qualquer «marcação próxima»** a um adversário sem bola é sempre **circunstancial** e **consequência** de uma adequada interpretação das principais referências defensivas, o mesmo é dizer, dessa ocupação espacial racional que resulta de um correcto dinamismo «zonal». Garante-se assim **homogeneidade e solidariedade** na defesa.

♦ **Para o equilíbrio** que a organização defensiva deve evidenciar, é muito mais importante **fechar colectivamente** os espaços e **manter** os escalonamentos e o «jogo de coberturas» do que fazer «marcações próximas» e «perseguir na marcação» jogadores adversários. **Perseguir** é perder de vista a referência bola, comprometer os escalonamentos e as coberturas e, desse modo, **colocar em risco a coesão defensiva**.

♦ Um ajustado dinamismo «zonal» viabiliza, à equipa, a obtenção e manutenção de **superioridade posicional, temporal e numérica nos** espaços vitais de jogo. Ao **libertar os**

jogadores da perseguição a adversários e, dessa forma, de possíveis logros, a «defesa à zona» é a única forma de organização defensiva que nos pode garantir tal superioridade no jogo.

- ♦ Em suma, ao manifestar-se, a «zona» expressa um «padrão defensivo colectivo», complexo, é verdade, mas também dinâmico e adaptativo, compacto, homogéneo e solidário. Serão estas «propriedades», emergentes da coordenação colectiva, a dar verdadeira coesão defensiva à equipa.

- ♦ A «zona» será tanto mais eficaz quanto mais regularmente se manifestar pressionante.

- ♦ A diferença entre uma «zona» e uma «zona pressionante» está na **agressividade** com que se atacam **os espaços** e **o portador da bola**. Procura-se colocar a equipa adversária e, em particular, o jogador em posse da bola, **sob forte constrangimento espaço-temporal** para desse modo induzir o erro e recuperar a bola. Defende-se para atacar.

- ♦ A organização defensiva apenas é verdadeiramente colectiva quando as acções táctico-técnicas a empreender por cada um dos onze jogadores são perspectivadas em função de uma ideia/intenção comum. Se assim é, **só a «zona» expressa** uma organização defensiva colectiva.

- ♦ Nesta forma de organização defensiva, **a equipa** é entendida como **uma «unidade comportamental»**. O jogador tem tarefas na equipa, mas é esta quem tem uma determinada intenção defensiva (perspectivada em função de uma intenção ofensiva).

- ♦ A coesão do bloco defensivo passa, fundamentalmente, pela adequação das respostas individuais face à resposta colectiva desejada. Nesta medida, mais importante do que a liderança de um ou mais jogadores, é a existência de sinais/indicadores (referências colectivas) que, quando devidamente identificados, levem a que **todos os jogadores pensem em função da mesma intenção ao mesmo tempo** e, com isso, a que a equipa actue como um «todo» a defender.

♦ **A coordenação do bloco** tem, pois, também que ser **uma questão colectiva**, ainda que possam existir jogadores que, pela posição que ocupam e/ou pela cultura tática que possuem, sejam importantes a esse nível.

♦ Enquanto os grandes princípios tornam «universal» a «defesa à zona», os sub-princípios dos princípios, os sub-princípios dos sub-princípios,... tornam única cada «zona» que se constrói. Ou seja, se segundo um **critério conceptual** existe apenas uma forma de «defender à zona», a qual é balizada pelos pressupostos táticos atrás mencionados, tendo por base um **critério geométrico** (estrutural) dificilmente encontraremos duas «zonas» iguais.

♦ Uma organização defensiva «zonal», **ao permitir «manipular»** o espaço e o tempo no jogo, revela-se extremamente útil ao nível da **estratégia** jogo a jogo.

♦ Uma mesma equipa pode, e deve, **nuanciar a sua «zona»**, para desse modo rentabilizar as características dos jogadores que integram o onze, para mais facilmente condicionar a equipa adversária que tem pela frente, para gerir o desgaste emocional num dado momento do período competitivo ou jogo,...

♦ Este conjunto de preocupações relativas ao lado estratégico só deve surgir quando a equipa já **apresenta como regularidade** do seu jogo o «padrão defensivo colectivo» sistematizado e vivenciado. Numa fase de aprendizagem da «cultura comportamental zonal», atender a estes aspectos pode comprometer a sua correcta consolidação.

♦ A ênfase colocada na dimensão estratégica não pode interferir com aquilo que são os grandes princípios, caso contrário acaba por se tornar um «atractor estranho» e colocar em risco **a fluidez funcional do bloco defensivo**.

Da importância de sustentar defensivamente a nossa forma ofensiva de jogar, à «inteireza inquebrantável da organização de jogo»

♦ Por mais que se tenha a intenção de jogar um futebol ofensivo, é **sempre necessário** sustentar defensivamente essa forma de jogar.

- ♦ Partindo do pressuposto de que, se queremos ganhar, atacar tem que ser prioritário, «jogar» deve ser atacar tanto quanto possível e defender (bem) para atacar (melhor).
- ♦ Se se defende para atacar, a forma como se defende deve ser **perspectivada em função do modo como** se deseja atacar. Deve-se organizar defensivamente a equipa com o propósito de **atacar melhor**.
- ♦ Tendo em linha de conta que o jogo de futebol é **uma alternância permanente** entre o «ter a bola» e o «não ter a bola», muito há a ponderar no sentido de se conseguir **uma ideia de jogo coerente**, que favoreça realmente essa intenção atacante. «Defender bem» não se pode esgotar no não sofrer golos.
- ♦ Por estarem intimamente associados, defender e atacar são momentos que têm de ser articulados.
- ♦ Esta «articulação de sentido» das «partes» (organização defensiva e organização ofensiva) do «todo» (organização de jogo) passa, em grande medida, pela definição de princípios que regulem os **momentos de transição** (defesa-ataque e ataque-defesa), constituindo-se, assim, também eles **«partes» fundamentais** desse «todo».
- ♦ Devemos entender o Jogo (e o «jogar») como **um «fluxo contínuo»**, um «continuum», e não como algo faseado e, nessa medida, compartimentado.
- ♦ O Jogo é um «continuum», é **fluído na passagem de uns momentos para os outros**, mas tanto mais o será **quanto mais se tomar consciência** disso mesmo e da necessidade da «construção» (conceber e operacionalizar) das «partes» do nosso «jogar» (os princípios de jogo relativos a cada um dos quatro momentos do «jogar») acontecer, ou ser articulada, em função do «todo» que se deseja.
- ♦ Esse «fluxo contínuo» não faseado requisita uma organização de jogo global/unitária, contempladora da maximização da «articulação de sentido» que deve orientar a qualidade de manifestação regular dos quatro momentos do «jogar», o mesmo é dizer, uma organização de

jogo que consiga **reflectir e responder** eficazmente à «**inteireza inquebrantável do jogo**». Isto é, a **organização** de jogo da equipa deve também ela ser **uma «inteireza inquebrantável»**.

- ♦ **Conceber (e treinar) de forma articulada** os princípios relativos a cada um dos quatro momentos do jogo é que nos vai permitir chegar à tal ideia de jogo coerente e, assim, levar a equipa a responder com espontaneidade a essa alternância permanente entre o «ter a bola» e o «não ter a bola» que é o «jogar».

- ♦ Ao nível do treino, porém, revela-se imprescindível «desmontar» esse «todo». Se é certo que o «jogar» é uma «inteireza inquebrantável», também o é que ele é «fabricado», é «construído» – **treinar é «fabricar» o «jogar» que se pretende**. Assim sendo, no treino, a dominância das preocupações deve incidir nas suas diferentes «partes» (princípios, sub-princípios, sub-princípios dos sub-princípios,... dos quatro momentos do «jogar»), na medida em que o operacionalizar tem critérios.

Sobre os momentos de transição e o equilíbrio da equipa no jogo

- ♦ Constatando-se que defesa e ataque estão então intimamente relacionados e que, por isso, é um erro perspectivar a organização defensiva e ofensiva sem uma «**articulação de sentido**», emerge a importância dos momentos de transição e, nessa medida, do equilíbrio da equipa no jogo.

- ♦ Os momentos de transição **são decisivos para a fluidez do «jogar»**, sendo que a ideia é rapidamente nos reorganizarmos para tentarmos aproveitar a desorganização temporária da equipa adversária. São, por isso, vitais/críticos para a eficácia da equipa nos momentos que se seguem.

- ♦ A eficácia nestes momentos de transição está intimamente relacionada com o modo como a equipa está **organizada antes dos mesmos**. Então, é igualmente necessário **conceber o equilíbrio da equipa no jogo**.

♦ Face à **natureza complexa e não linear do jogo**, o «momento ofensivo» começa **antes de** se ter a bola – com o garante de um **equilíbrio ofensivo na defesa** – e o «momento defensivo» começa **antes da** sua perda – com o garante de um **equilíbrio defensivo no ataque**.

♦ O facto das transições serem momentos cruciais do jogo dá mais força à ideia de se «defender à zona», pois esta é a única forma de organização defensiva que permite, quando acontecem as transições, que **a equipa esteja em função daquilo que pretende** para esses momentos e não em função do adversário.

Do «ter a bola» ao «perder a bola»

♦ Ainda que uma equipa não saiba onde, quando e como vai perder a bola, **sabe que** a vai perder. Então, **deve preparar-se (organizar-se) para o momento da perda**.

♦ Se é verdade que quanto menos vezes perdermos a bola, menos temos que trabalhar para a recuperar, também o é que **o facto de nos organizarmos**, quando a temos, para o momento da perda, permite-nos **responder mais rápida e eficazmente** ao mesmo.

♦ É, pois, clara a importância da **organização ofensiva** de uma equipa ter em linha de conta todo um conjunto de preocupações relativas ao **equilíbrio defensivo no ataque**.

♦ **Quando a equipa está a atacar** (ou a defender) **não está só a atacar** (ou só a defender). «Atacar contemplando a possível perda da bola» está, assim, para além do espaço físico. Isto implica um crescimento cultural por parte da equipa e do jogador na equipa em relação ao conhecimento que se tem do «jogar» que se pretende. Requer um «saber sobre um saber-fazer».

♦ O fundamental no equilíbrio defensivo no ataque é a existência permanente de um **equilíbrio posicional** no seio da equipa, o qual se traduz na ocupação cuidada e inteligente dos espaços no ataque, no sentido de permitir uma reacção rápida e eficaz à perda da posse de

bola. Trata-se de assegurar a **permanente gestão colectiva** do espaço e do tempo no jogo, com vista ao **domínio dos momentos de transição** ataque-defesa.

- ♦ O conceber do equilíbrio defensivo no ataque deve, por isso, requisitar um **«pensamento zonal»**.

- ♦ Se é verdade que alguns jogadores, pelas posições que ocupam, podem desempenhar funções importantes a este nível, também o é que esta **tem sempre que ser uma questão colectiva. É a equipa como um «todo» que o assegura**.

- ♦ Quanto mais ofensiva fôr uma equipa, melhor ela tem que saber defender, **principalmente em transição**, no momento da perda. Uma equipa que queira «atacar com muitos jogadores», tem que **dar particular atenção aos *timings* de transição** ataque-defesa.

- ♦ No fundo, equilibrar defensivamente a equipa no ataque é dar-lhe confiança para **atacar mais e melhor**, na medida em que se trata de cuidados que lhe permitem sustentar defensivamente a sua forma ofensiva de jogar.

- ♦ O **momento da perda** da posse de bola é o **momento crítico** da organização defensiva. É, por isso, o **momento-chave** para se conseguir a desejada **eficácia** defensiva e também para se fazer uma **«zona pressionante»** eficaz.

- ♦ Só o perspectivar **«zonalmente»** o «momento defensivo» nos garante que o equilíbrio defensivo no ataque **subsista durante os momentos de transição** ataque-defesa. Se esse não fôr o «modelo de pensamento», a equipa pode facilmente **desequilibrar-se posicionalmente em transição** para a defesa, pelo simples facto de os jogadores, que até aí ocupavam espaços considerados importantes, passarem a preocupar-se com os seus adversários directos.

- ♦ O momento da perda da posse de bola é **demasiado importante para** ser perspectivado segundo a **«lógica do encaixe»** e, sendo assim, pontos como o condicionar do portador da bola, a ocupação dos espaços vitais de jogo e o estabelecer do «jogo de coberturas» da equipa são prioritários.

Do «não ter a bola» ao «ganhar a bola»

- ♦ O «não ter a bola» **não implica** que tenhamos de nos alhear da organização ofensiva que preconizamos.
- ♦ A «organização defensiva» deve ser perspectivada em função da forma como se quer, em seguida, atacar. Não só tendo o cuidado de **definir a(s) zona(s) onde se tentará recuperar a bola**, como também **ponderando a própria configuração estrutural defensiva da equipa**.
- ♦ **A definição da(s) zona(s) onde se procurará recuperar a bola** deve ser equacionada tanto em função do «**padrão de jogo ofensivo**» desejado, como em função das próprias **características dos jogadores**.
- ♦ O ponderar da **configuração estrutural defensiva da equipa** deve acontecer tendo em vista um equilíbrio ofensivo na defesa. Trata-se, também aqui, de conseguir um **equilíbrio posicional**, mas neste caso perspectivado **em função** da forma como se deseja realizar a **transição defesa-ataque**. Procura-se um posicionamento defensivo colectivo que permita uma passagem ao ataque **rápida, segura e coerente com** os propósitos ofensivos.
- ♦ Se com uma «defesa homem-a-homem» ou «individual» **muito dificilmente** se consegue concretizar com eficácia este conjunto de intenções, com uma «defesa à zona» isso é claramente possível.
- ♦ Mesmo não se perspectivando a configuração estrutural da equipa em função da forma como se ambiciona atacar, **a «zona» representa uma grande vantagem ao nível da transição defesa-ataque**. Isto acontece porque partimos de uma **organização defensiva colectiva conhecida** e, sendo assim, ela não nos é «estranha», **acontece segundo um «padrão»**, pois as posições dos jogadores são sempre conhecidas do colectivo.
- ♦ Uma equipa que defende «homem-a-homem» ou «individualmente» estará sistematicamente **desequilibrada posicionalmente** (desorganizada!) no momento em que recupera a posse de bola, com todas as consequências negativas que daí advêm.

♦ A «defesa à zona» é uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar.

Sobre a intenção de se fazer «campo pequeno» a defender

♦ A intenção que está subjacente à ideia de fazer «campo pequeno» é conseguir permanente superioridade numérica nas zonas próximas da bola e, dessa forma, colocar a equipa adversária sob constante constrangimento espaço-temporal.

♦ É um contra-senso um treinador pretender que a sua equipa faça «campo pequeno» a defender e, ao mesmo tempo, pensar a organização defensiva e as acções de *pressing* segundo a lógica da «defesa homem-a-homem».

♦ A «defesa à zona» é a única forma de organização defensiva que responde de forma plena, coerente e eficaz ao propósito de se fazer «campo pequeno» a defender.

♦ São as acções de basculação defensiva em conjunto com o tirar partido da existência da regra do fora-de-jogo que nos dão a possibilidade de concretizar tal intenção.

♦ A equipa, ao «fechar espaços como equipa», funciona como uma barragem e consegue determinar, em grande medida, o curso do jogo adversário. Nesta medida, a utilização criteriosa da «zona» permite-nos, mesmo a defender, ter iniciativa sobre o jogo.

♦ Muitas equipas conseguem ser compactas a defender, mas isso resulta, na maioria das vezes, do simples e fácil agrupamento de jogadores nas imediações da grande-área. Isso não é organizar defensivamente a equipa, na medida em que não existem princípios que estruturam de forma sólida e coerente o funcionamento defensivo colectivo.

♦ Assim sendo, ainda que compactas, as equipas não deixam de ser desorganizadas a defender, com todas as consequências negativas que isso acarreta, não só em termos defensivos mas também ofensivos.

♦ No futebol actual, **os onze jogadores têm de saber o que fazer em posse de bola e os onze jogadores têm de saber o que fazer quando a equipa adversária tem a posse de bola.** No entanto, **uma coisa é defender com os onze jogadores pelo «princípio da quantidade»** (defender é visto como um fim em si mesmo), **outra coisa é defender com os onze jogadores pelo «princípio da qualidade»** (defender é visto como um meio para recuperar a bola e poder atacar).

♦ A um «jogar em reacção» da «defesa homem-a-homem» opõe-se um «jogar em acção» da «defesa à zona». A «zona» é, pois, **uma forma de libertação.** Liberta os jogadores para uma responsabilidade colectiva, para que consigam verdadeiramente «jogar como equipa». Dá-lhes a possibilidade de «funcionarem» de acordo com o «jogar» que se pretende e de acordo com **aquilo que esse «jogar» deve ser** – fluido na passagem de uns momentos para os outros. No fundo, a «defesa à zona» dá à equipa uma **identidade defensiva.**

Sobre a problemática da «economia de esforço»

♦ Se falamos de **fadiga no futebol**, temos necessariamente de considerar dois tipos de fadiga: a **fadiga central**, resultante do desgaste emocional/mental, e a **fadiga periférica**, resultante do desgaste energético/«físico».

♦ A **intensidade** do esforço só é caracterizada se associada à **concentração.** As exigências de concentração são tanto maiores, **quantas mais «variáveis» tiverem que ser articuladas.**

♦ A fadiga central **resulta das exigências de concentração** que uma dada acção táctico-técnica pressupõe e constitui-se como **um problema muito mais sério** nesta modalidade que a fadiga periférica.

♦ Dada a coerência de movimentação da equipa em resultado da inteligente divisão de tarefas e da **coordenação colectiva que a «zona» pressupõe**, esta forma de organização defensiva é mais económica em termos energéticos do que a «defesa homem-a-homem». Pelas

mesmas razões, também a «zona pressionante» é sempre mais económica sob esse ponto de vista que um *pressing* «homem-a-homem».

♦ Tendo em conta que a «zona pressionante» alta se faz com a intenção de recuperar rapidamente a posse de bola, se ela for eficaz, a equipa mantém-se mais tempo no seu meio campo ofensivo que defensivo e, se assim é, as distâncias que percorre são menores e o tempo que «gasta» em organização defensiva é também reduzido. Deste modo, a «zona pressionante» alta é mais económica em termos energéticos **que uma qualquer outra forma de defender.**

♦ Já em termos mentais, a «zona pressionante» alta é a que mais desgaste causa. **Pela concentração que exige,** é a que mais intensidade pressupõe.

♦ Contudo, **com o treino,** as exigências de concentração implícitas numa «zona pressionante» passam a ser menores. **O hábito leva** a que a atenção apenas seja necessária relativamente às nuances particulares de cada situação, o mesmo é dizer, **à gestão do instante.**

♦ São as **carências ao nível** da organização de jogo de uma equipa que levam, não raras vezes, a lugares comuns como o «temos que correr mais que o adversário para ganhar o jogo», à «vertigem» pela dimensão física («fiscismo») do «jogar» e ao «defensivismo».

Sobre as alegadas desvantagens da «zona»

♦ A possível existência de **fragilidades nas mudanças de flanco adversárias** deve constituir-se como a maior **prioridade de preocupação** da «defesa à zona». As acções de basculação são, porém, uma necessidade desta forma de organização defensiva, **uma necessidade para a eficácia defensiva.**

♦ Sendo o princípio de basculação defensiva **um pressuposto** para se fazer «campo pequeno», o mesmo é dizer, para se defender «zonalmente» com eficácia, ele tem é que ser treinado de modo a que a equipa consiga **criar «zonas de pressão» junto à bola,** mas também **de forma a que** consiga readaptar-se aos novos posicionamentos da mesma e gerar novas «zonas de pressão» caso o adversário, com mérito, consiga «sair a jogar» de determinada

«zona de pressão». O conhecimento das características da equipa adversária **ajudar-nos-á a** definir ajustadamente os locais onde podemos, ou não, **exacerbar** o nosso «campo pequeno» na tentativa de recuperar a posse de bola.

- ♦ **A movimentação de jogadores adversários nas «zonas de fronteira»** é outro aspecto problemático nesta forma de organização defensiva. Todavia, este, à semelhança das mudanças de flanco adversárias, é-o apenas por ser aí que **a coordenação colectiva é posta à prova**. Daí que seja, fundamentalmente, **uma questão de treino**, pois só o treinar (bem) dotará o colectivo da coordenação pretendida.

- ♦ A «zona pressionante» alta tem inerente **algum risco devido ao espaço** que existe entre a linha defensiva e a baliza. Esse risco existe, **mas é compensado com** o colocar da equipa adversária sob forte constrangimento espaço-temporal. Se a «zona pressionante» alta for bem feita, **pouco jogo há nesse espaço**. De qualquer maneira, não existe arriscar sem riscos!

- ♦ Quanto mais à frente se defende, mais difícil é defender, na medida em que **a equipa** tem que ser **mais rápida e eficaz na transição** ataque-defesa e também **mais pressionante**.

- ♦ É, pois, de crucial **importância não se «queimarem» etapas no processo de «construção»** de uma qualquer «zona pressionante». O torná-la cada vez mais alta e mais pressionante deve ser progressivo e sustentado. Ela não pode nunca deixar de ser coesa.

Sobre as diferentes realidades

- ♦ É possível identificar um «**padrão defensivo**» no futebol português, o qual assenta numa «defesa homem-a-homem» mesclada com algumas «marcações individuais», o mesmo é dizer, um «**jogo de pares**» onde as equipas procuram «encaixar» no adversário.

- ♦ Já o «padrão defensivo» das **equipas de top** assenta na «defesa à zona».

- ♦ Esta forma de organização defensiva constitui-se como uma necessidade do **Rendimento Superior** da modalidade.

♦ **O total desconhecimento do que é**, de facto, a «defesa à zona», é a primeira grande razão que leva a quase totalidade dos treinadores portugueses a apostarem no «jogo de pares». Ignora-se por completo o que é «defender à zona». Não se percebe que existe outra realidade, outra forma de se perspectivar a organização defensiva de uma equipa.

♦ É certo que esta forma de organização defensiva é **muito mais complexa** que a «defesa homem-a-homem», no entanto, é perfeitamente possível de se colocar em prática desde que **o conceito** esteja completamente claro e se perspetive de forma adequada **o treino**. A equipa e o jogador na equipa terão de **vivenciar** um conjunto de «**contextos de propensão**» que os leve a apreender a cultura comportamental subjacente à «filosofia zonal».

♦ Para nós, só existe um modo de «chegar» a este conjunto de regularidades: entendendo o processo de treino como um processo de aprendizagem (de uma dada cultura comportamental) e perspectivando-o à luz do que se vai «institucionalizando» como «**Periodização Táctica**».

♦ «É preciso ter jogadores» para se «defender à zona» é um argumento de que só se pode servir quem não percebe **o verdadeiro papel do treinar** (a curto e a longo prazo) e a **relevância de uma efectiva organização colectiva**.

6. Referências Bibliográficas

A

Accame, F. (1995). *Futbol en zona*. Gymnos Editorial. Madrid.

Autuori, P. (1989). Entrevista ao jornal «A Bola». 30 de Abril de 1989.

B

Bangsbo, J. & Peitersen, B. (2002). *Fútbol: Jugar en defensa*. Editorial Paidotribo. Barcelona.

Barbosa, J. (2002a). A culpa foi do sistema. Jornal «A Bola». 21 de Julho de 2002.

Barbosa, J. (2002b). Ter a bola é uma obsessão. Jornal «A Bola». 25 de Julho de 2002.

Barend, F. & Van Dorp, H. (1999). *Ajax, Barcelona, Cruyff: The ABC of an Obstinate Maestro*. Bloomsbury. Londres.

Barreto, R. (2003). *O problematizar de dois princípios de jogo fundamentais no acesso ao rendimento superior no do futebol: o «PRESSING» e a «POSSE DE BOLA» expressões duma «descoberta guiada» suportada numa lógica metodológica em que «o todo está na(s) parte(s) que está(ão) no todo»*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

Batty, E. (1981). *Football, entraînement à l'euro péenne*. Vigot Editions. Paris.

Bauer, G. (1994). *Fútbol. Entrenamiento de la técnica, la táctica y la condición física*. Editorial Hispano Europea. Barcelona.

Bonizzoni, L. (1988). *Pressing' Story*. Società Stampa Sportiva. Roma.

C

Camacho, J. A. (2003a). Entrevista ao jornal «A Bola». 2 de Janeiro de 2003.

Camacho, J. A. (2003b). Entrevista ao jornal «A Bola». 4 de Dezembro de 2003.

Caneda Pérez, R. (1999). *La zona en el fútbol*. Wanceulen. Sevilha.

Carvalho, C. (2001). *No treino de futebol de rendimento superior. A recuperação é... muitíssimo mais que "recuperar"*. Braga.

Carvalho, C. (2004). Entrevista ao jornal «O Jogo». 18 de Julho de 2004.

Castelo, J. (1986). A Marcação em Futebol. *Ludens*, Vol. 10, N.º 2. 12-27.

Castelo, J. (1994). *Futebol. Modelo técnico-táctico do jogo*. Edições FMH. Lisboa.

Castelo, J. (1996). *Futebol – A organização do jogo*. Edição do autor.

César Sampedro, L. Á. (2002). Entrevista de táctica. *Training Fútbol*, N.º 75, Maio de 2002. 8-15.

Cibrão, P. (2001). O segredo do sucesso. Jornal «A Bola». 13 de Novembro de 2001.

Cruyff, J. (2002). *Me gusta el fútbol*. RBA Libros. Barcelona.

D

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001). Academia das Ciências de Lisboa. Verbo. II Volume (G - Z).

E

Eriksson, S. (1989a). Entrevista ao jornal «A Bola». 19 de Março de 1989.

Eriksson, S. (1989b). Entrevista ao jornal «A Bola». 18 de Dezembro de 1989.

Eriksson, S. (1999). Entrevista ao jornal «A Bola». 21 de Fevereiro de 1999.

Esnal Pardo, J. M. (2001). Entrevista de tática. *Training Fútbol*, N.º 61, Março de 2001. 8-14.

F

Faria, R. (1999). *“Periodização Tática”. Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

Faria, R. (2002). Entrevista. In *Periodização Tática. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de futebol. Um estudo de caso ao microciclo padrão do escalão sénior do Futebol Clube do Porto*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

Faria, R. (2003). Entrevista. In *Modelo de Clube: Da Concepção à Operacionalização. Um estudo de caso no Futebol Clube do Porto*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

Fernandes, V. (2003). *Implementação do Modelo de Jogo: Da razão à adaptabilidade com emoção*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

Fernández, D. (2003). Acercándonos a um generador de ideias: “Juan Manuel Lillo”. *abfutbol*, N.º 5, Setembro de 2003. 6-23.

Fernández, V. (1999). Prólogo do livro *La zona en el fútbol*. Wanceulen. Sevilha.

Ferrari, F. (2001). *Elementi di tattica calcistica (Volume 1). Analisi e riflessioni sull'organizzazione difensiva e sistemi di gioco*. Edizioni correre. Milão.

Figó, L. (1999). Entrevista ao jornal «Público». 15 de Novembro de 1999.

Frade, V. (1985). *Alta competição no futebol – Que exigências de tipo metodológico?* ISEF-UP. Porto. Não publicado.

Frade, V. (1990). *A interação, invariante estrutural da estrutura do rendimento do futebol, como objecto de conhecimento científico – Uma proposta de explicitação de causalidade*. Projecto para a prestação de provas de doutoramento. FCDEF-UP. Porto. Não publicado.

Frade, V. (1998). Entrevista. In *Modelo(s) de Jogo / Modelo(s) de Preparação - "Duas faces da mesma moeda": Um imperativo conceptometodológico no processo de treino de equipas de rendimento superior?* Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

Frade, V. (2002). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada II, Opção de Futebol*. FCDEF-UP. Porto. Não publicado.

Frade, V. (2004). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada II, Opção de Futebol*. FCDEF-UP. Porto. Não publicado.

G

Garganta, J. (1995). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos*, 11-25. CEJD. FCDEF-UP. Porto.

Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de Doutoramento. FCDEF-UP. Porto.

Goikoetxea Olaskoaga, A. (2001). Entrevista de táctica. *Training Fútbol*, N.º 68, Outubro de 2001. 8-16.

Greene, M. (1999). Um filósofo olha para a investigação qualitativa. *Revista de Educação*, Vol. VIII, N.º 1. Departamento de Educação da F.C. da U.L.

J

Jorge, A. (1990). Entrevista ao jornal «A Bola». 15 de Outubro de 1990.

L

Laurier, A. (1989). *Football – Culture tactique et principes de jeu*. Chiron Sports. Paris.

Leandro, T. (2003). *Modelo de Clube: Da Concepção à Operacionalização. Um estudo de caso no Futebol Clube do Porto*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

Lillo, J. M. (2003). Seis planteamientos sobre el juego y la táctica. *Training Fútbol*, N.º 90, Agosto de 2003. 8-13.

Lobo, L. F. (2002). *Os magos do futebol*. Bertrand Editora. Lisboa.

Lobo, L. F. (2003a). Sistemas diferentes, a mesma filosofia. Jornal «A Bola». 26 de Fevereiro de 2003.

- Lobo, L. F. (2003b). Os táticos e os artistas. *Jornal «A Bola»*. 18 de Abril de 2003.
- López López, J. (2003). Presión Defensiva. *abfutbol*, N.º 5, Setembro de 2003. 25-40.
- López Ramos, A. (1995). El marcaje: Fundamentos y trabajo práctico. *Fútbol: Cuadernos Técnicos*, N.º 1, Abril de 1995. 3-14.
- Lourenço, L. (2003). *José Mourinho*. Prime Books.
- M**
- Maradona, D. A. (2001). *Eu sou El Diego*. Oficina do Livro.
- Martins de Sá, M. (2002). Os gladiadores. *Jornal «A Bola»*. 12 de Fevereiro de 2002.
- Marziali, F. & Mora, V. (1997). *Coaching the 4-4-2*. Reedswain.
- Mateus Oliveira, B. (2002). *Um embuste a qualidade do futebol italiano? Um novo ponto de partida: a estrutura acontecimental da... «Carga versus Desempenho» (como caminho da coincidência à não-coincidência ou da verdade ilusão à verdade iludida)*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.
- Mel Pérez, J. (2002). Entrevista de tática. *Training Fútbol*, N.º 77, Julho de 2002. 8-15.
- Menotti, C. L. (s.d.). *Como ganamos la copa del mundo*. El Gráfico.
- Menotti, C. L. (1980). *Fútbol – Juego, deporte y profesión*. Editorial Atlántida. Buenos Aires.
- Mercé Cervera, J. (2001). *Fútbol: El sistema 1.4.4.2. Fundamentos y enseñanza*. Wanceulen. Sevilla.
- Michels, R. (1981). Le «pressing» en football. In *Football, entraînement à l'europpéenne*, 89-111 Vigot Editions. Paris.
- Mombaerts, É. (2000). *Fútbol. Del análisis del juego a la formación del jugador*. INDE Publicaciones. Barcelona.
- Moreno Serrano, M. (2003). Entrevista de metodología, técnica y tática. *Training Fútbol*, N.º 84, Fevereiro de 2003. 8-19.
- Morin, E. (1997). *O Método. 1. A Natureza da Natureza*. Publicações Europa-América.
- Mourinho, J. (1999a). Entrevista. In *“Periodização Tática”. Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.
- Mourinho, J. (1999b). Entrevista ao jornal *«Record»*. 7 de Fevereiro de 1999.
- Mourinho, J. (2001). Mourinho em entrevista. *Síte da União Desportiva de Leiria*. 24 de Novembro de 2001.

- Mourinho, J. (2002a). Entrevista à revista «*Dragões*». Ano 16, N.º 201, Janeiro de 2002.
- Mourinho, J. (2002b). Entrevista ao jornal «*A Bola*». 2 de Fevereiro de 2002.
- Mourinho, J. (2002c). Entrevista ao jornal «*Público*». 14 de Julho de 2002.
- Mourinho, J. (2002d). Entrevista ao jornal «*A Bola*». 26 de Julho de 2002.
- Mourinho, J. (2003a). Entrevista ao programa «2ª PARTE» da *SporTV*. 14 de Maio de 2003.
- Mourinho, J. (2003b). Entrevista à revista «*IDEIAS & NEGÓCIOS*». N.º 60, Junho de 2003.
- Mourinho, J. (2003c). Entrevista. In *O problematizar de dois princípios de jogo fundamentais no acesso ao rendimento superior no do futebol: o «PRESSING» e a «POSSE DE BOLA» expressões duma «descoberta guiada» suportada numa lógica metodológica em que «o todo está na(s) parte(s) que está(ão) no todo»*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.
- Mourinho, J. (2004). Entrevista ao «*Jornal de Notícias*». 20 de Janeiro de 2004.
- P**
- Pacheco, R. (2001). *O Ensino do Futebol. Futebol de 7 – Um Jogo de Iniciação ao Futebol de 11*. Edição do autor.
- Padovan, G. (1995). Prefácio histórico-crítico do livro *Futbol en zona*. Gymnos Editorial. Madrid.
- Pereni, A. & Di Cesare, M. (1998). *Zone Play – A Technical and Tactical Handbook*. Reeds wain.
- Perez García, J. (2002). Entrevista de tática. *Training Fútbol*, N.º 76, Junho de 2002. 8-15.
- Pidelaserra, F. R. (2001). Fútbol actual: destructivo o creativo. Posibles consecuencias. *Training Fútbol*, N.º 61, Março de 2001. 26-33.
- Pino Ortega, J. (2000). Analisis funcional del futbol como deporte de equipo: El factor tactico-estrategico. *Futbol – Cuadernos Técnicos*, N.º 16, Junho de 2000. 29-34.
- Preciado Rebolledo, M. (2002). Entrevista de tática. *Training Fútbol*, N.º 81, Novembro de 2002. 8-15.
- Q**
- Queiroz, C. (1983). Para uma teoria do ensino/treino do futebol. *Futebol em revista*, N.º 4, Novembro/Dezembro de 1983. 25-33.
- Queiroz, C. (2003a). Entrevista ao jornal «*Record*». 9 de Março de 2003.
- Queiroz, C. (2003b). Entrevista de tática. *Training Fútbol*, N.º 93, Novembro de 2003. 8-17.
- Queiroz, C. (2003c). Entrevista à revista «*Doze*». 13 de Fevereiro de 2004. 54-57.

R

Ranieri, C. (2003). Entrevista de direcção de equipo. *Training Fútbol*, N.º 89, Julho de 2003. 8-23.

Resende, N. (2002). *Periodização Táctica. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de futebol. Um estudo de caso ao microciclo padrão do escalão sénior do Futebol Clube do Porto*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

Rocha, F. (2000). *Modelo(s) de Jogo / Modelo(s) de Preparação - "Duas faces da mesma moeda": Um imperativo conceptometodológico no processo de treino de equipas de rendimento superior?* Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

S

Sánchez Martín, B. (2002). Entrevista de táctica. *Training Fútbol*, N.º 71, Janeiro de 2002. 8-15.

Santos, F. (2003). Entrevista. In *Implementação do Modelo de Jogo: Da razão à adaptabilidade com emoção*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de seminário, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

Seno, M. & Bourrel, C. (1989). *L'insegnamento del gioco del calcio. Allenare i dilettanti*. Juvenilia. Bergamo.

Sousa Tavares, M. (2003a). Gente sem credibilidade e importância. Jornal «*A Bola*». 25 de Janeiro de 2003.

Sousa Tavares, M. (2003b). Coisas de outro campeonato. Jornal «*A Bola*». 8 de Fevereiro de 2003.

T

Tadeia, A. (1999). Jogar como os grandes para vir a ser como eles. Jornal «*Record*». 16 de Novembro de 1999.

Tadeia, A. (2002). O jogo do título. Jornal «*Record*». 5 de Abril de 2002.

Tadeia, A. (2003a). O segredo é ter a bola. Jornal «*Record*». 6 de Março de 2003.

Tadeia, A. (2003b). Sporting de Fernando Santos. Jornal «*Record*». 10 de Junho de 2003.

Terrazas Sánchez, C. (2002). Entrevista de táctica. *Training Fútbol*, N.º 82, Dezembro de 2002. 8-15.

Trapattoni, G. (1999). *Coaching high performance soccer*. Reedswain.

V

- Valdano, J. (1997a). *Los cuadernos de Valdano*. Aguilar. Madrid.
- Valdano, J. (1997b). Entrevista ao jornal «Público». 16 de Fevereiro de 1997.
- Valdano, J. (1998a). *O Mundo do Futebol*. Fascículos de «A Bola». Lisboa.
- Valdano, J. (1998b). Notas finais sobre o Mundial. Jornal «Público». 14 de Julho de 1998.
- Valdano, J. (1999). Prólogo do livro *La zona en el fútbol*. Wanceulen. Sevilha.
- Valdano, J. (2001). *Apuntes del balón. Anécdotas, curiosidades y otros pecados del fútbol*. La Esfera de los Libros. Madrid.
- Valdano, J. (2002). *El miedo escénico y otras hierbas*. Aguilar. Madrid.
- Van Gaal, L. (1999). Entrevista à revista «BARÇA». Julho de 1999.

W

- Wanceulen Moreno, A. (1995). El Pressing: Fundamentos y Juegos para el Entrenamiento. *Fútbol: Cuadernos Técnicos*, N.º 1, Abril de 1995. 19-24.

Y

- Yagüe Cabezón, J. M. (2001). El pressing en fútbol: Un comportamiento ofensivo de la defensa. *Fútbol - Cuadernos Técnicos*, N.º 19, Junho de 2001. 38-44.

Z

- Zubieta, C. (2002). *Futbolsofía. Filosofar a través del fútbol*. Ediciones Laberinto. Espanha.

Outros

- «A Bola» de 31 de Maio de 2002.
- «A Bola» de 27 de Novembro de 2002.
- «A Bola» de 1 de Dezembro de 2002.
- «A Bola» de 4 de Dezembro de 2002.
- «A Bola» de 16 de Maio de 2003.
- «A Bola» de 5 de Março de 2004.
- «A Bola» de 14 de Maio de 2004.
- «Expresso» de 25 de Janeiro de 2003.
- «Gazeta dos desportos» de 7 de Junho de 1985.
- «Marca» de 20 de Julho de 1998.
- «O Jogo» de 28 de Março de 2003.
- «O Jogo» de 29 de Novembro de 2003.

«*O Jogo*» de 30 de Novembro de 2003.

«*Record*» de 27 de Fevereiro de 2003.

«*Record*» de 16 de Abril de 2004.

ENTREVISTA A ANTÓNIO TADEIAJornalista do «RECORD»

Redacção do Jornal «RECORD» (Lisboa), 31 de Julho de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Acredita que as equipas, ao apostarem no ataque e em jogar um futebol de qualidade, estão mais perto da vitória?

António Tadeia (Tadeia) - Genericamente sim. Existem sempre casos particulares em que isso pode não acontecer mas, se formos ver, em cem jogos, as equipas que estiverem mais preocupadas em ser fiéis a uma filosofia de jogo mais agradável para os espectadores mas fundamentalmente mais ofensiva, com posse de bola, com paciência e circulação de bola - tendo em conta, obviamente, que é preciso dar profundidade ao jogo -, se forem rigorosas a executar esses princípios, não só ofensivos como defensivos, acabam por ter mais possibilidades de ganhar. Embora, fundamentalmente, depois ganhe quem tem os melhores jogadores. Parece-me que isso acaba por ter um peso mais decisivo na definição do resultado. Mas isto é tudo uma realidade integrada. Não serve de nada ter excelentes jogadores se depois não existir ambição ofensiva, do mesmo modo que não serve de nada ter ambição ofensiva se se tiver apenas maus jogadores. Tem que haver capacidade para coordenar as duas coisas. Mas é claro que gosto mais de ver uma equipa jogar tendo como objectivo a baliza do que tendo como objectivo simplesmente destruir o jogo adversário.

N.A. - Se queremos ganhar temos, então, que atacar. É, no entanto, importante sustentar defensivamente essa forma de jogar, isto é, ninguém ganha a jogar só ao ataque...

Tadeia - Claro. O futebol, não sendo uma modalidade tão específica como o futebol americano (onde existe fase defensiva e fase ofensiva, fases estas que são mesmo interrompidas por troca de jogadores), obriga a que quando a equipa tem a bola ataque e a que quando não a tem defenda. Mais a mais, no futebol moderno. O Porto do ano passado começava a defender no Postiga ou no Jankauskas e isso é fundamental. Era a tal pressão alta que o Porto fazia: começava logo a defender aí, tal como começava a atacar no Paulo Ferreira, no Nuno Valente e, às vezes, até no Vitor Baía (embora o Baía não seja muito de fazer futebol directo).

É preciso, obviamente, ter também uma ordem defensiva, porque quando não se tem a bola é necessário defender. E toda a gente tem que defender e procurar recuperar a bola para se poder atacar, porque sem bola não há ataque.

N.A. - Fará sentido falar em «atacar contemplando a possível perda da bola»?

Tadeia - Existe sempre uma componente de risco. O que é preciso é ter soluções previstas para o momento em que se perde a bola. Qualquer acção no futebol tem uma componente de risco, seja um passe, seja um drible, seja um remate... Com o remate parte-se do princípio que se vai perder a bola: ou é golo e a bola vai para o adversário; ou vai fora e a bola é igualmente do adversário. Existe uma grande componente de risco nessas acções, mas o risco é necessário. Para se ganhar tem que se arriscar. O que é preciso é saber o que fazer se essa componente de risco der na perda de bola. Saber onde se colocar, saber como atacar o adversário, o espaço e a bola.

N.A. - Alguém referiu que a melhor forma de defender não era deixar de atacar, mas sim jogar bem defensivamente. Concorda? Ou temos que ser menos ofensivos para defender bem?

Tadeia - Acho que não. Acho que uma equipa, para defender bem, talvez até tenha que ser mais ofensiva. A começar pela tal divisão das duas fases fundamentais do futebol, o ataque e a defesa, se uma equipa estiver a atacar, se tiver a bola, não corre perigo. Portanto, à partida, logo aí está a defender bem, ou não tem que defender sequer, por ter a bola. Se não tem a bola, o que tem que fazer é defender o mais à frente possível e começar a defender logo pelos avançados. Começar a defender no meio campo adversário, tentar logo impedir a saída de jogo do adversário, pressionar, tirar-lhe o tempo para pensar, tirar-lhe espaço. E isso, para muita gente, acaba por ser quase atacar. Não é defender, é atacar. Existe muito um conceito, que eu acho que é errado, mas que está muito metido na cabeça das pessoas e dos espectadores de futebol, segundo o qual há equipas que jogam ao ataque e há equipas que jogam à defesa. Eu não vejo as coisas assim. Há equipas que gostam de ter a bola, gostam de ter a iniciativa de jogo, e há equipas que gostam de não ter a bola e de jogar na expectativa, à espera do erro do adversário. O que também sucede muitas vezes é que as pessoas acham que uma equipa quando está no meio campo adversário está a atacar, quando está no seu meio campo está a defender. Também não é assim! A equipa ataca quando tem a bola e defende quando não tem a bola. E tem que defender tanto no seu meio campo, se a isso for obrigada, como no meio campo do adversário. Fundamentalmente, deve-se começar a defender no meio campo adversário. E, por isso, toda a equipa tem que defender e toda a equipa tem que atacar. Dá-me ideia que é assim que tem que ser feito, que é assim que é o futebol de hoje.

N.A. - Porque é que, na sua opinião, uma equipa deve começar a defender no meio campo adversário?

Tadeia - Porque os riscos são menores. Se eu tentar recuperar a bola nos últimos trinta metros, tenho, à partida, uma série de vantagens. Primeiro, estou mais perto da baliza adversária para poder criar perigo com a minha acção ofensiva, a partir do momento em que recupero a bola. Para além disso, corro menos riscos, porque mesmo que essa primeira barreira defensiva falhe, terei mais espaço atrás para poder impedir o adversário de chegar à minha baliza. Portanto, tudo aconselha a que a acção defensiva seja o mais à frente possível. Claro que existem riscos aí envolvidos também, porque a equipa, para não jogar muito estendida no terreno e se quer começar a defender bem no meio campo adversário, tem que assumir o risco de jogar com a linha defensiva à frente, junto à linha do meio campo, e tem que deixar espaço atrás. Daí que tenha que ter defesas rápidas. Claro que estamos para aqui a falar daquilo que eu acho que é o futebol ideal, mas isso depois depende dos jogadores. Se eu tiver defesas centrais lentos, defesas laterais lentos, avançados com pouca disponibilidade física e pouca vontade de pressionar o adversário, não posso jogar assim, tem que ser de outra maneira.

N.A. - Seria correcto dizer que, quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que saber defender, precisamente por estar exposta a mais riscos?

Tadeia - Sinceramente, não vejo como é que uma equipa possa não correr riscos. Há equipas que são tão negativas, tão negativas, que, quando têm a bola, limitam-se a chutá-la ao acaso. Estão mais confortáveis quando o adversário tem a bola e só atacam pela certa. Agora, a competência defensiva é fundamental, quer a equipa ataque muito, quer a equipa ataque pouco. Se uma equipa ataca muito ou assume muitos riscos na fase ofensiva do jogo, terá que ser competente defensivamente, porque, à partida, tem espaço atrás, tem pouca gente atrás e, portanto, os poucos que tem têm que ser bons, têm que saber contrariar o adversário. Se, por outro lado, uma equipa assume poucos riscos, também vai ter que ser competente, porque terá pouco tempo de posse de bola e estará mais sujeita às iniciativas atacantes do adversário. E costuma-se dizer que «água mole em pedra dura, tanto bate até que fura», portanto, se uma equipa estiver muito tempo sem bola e não for competente a defender, por poucos riscos que corra, acaba sempre por pagar a factura. Portanto, a competência defensiva é uma necessidade do futebol, tem que se ser competente defensivamente, quer atacando muito, quer atacando pouco.

N.A. - O que é, para si, jogar bem defensivamente?

Tadeia - É impedir o adversário de marcar golos, fundamentalmente. Para mim, o jogo defensivo ideal faz-se com *pressing* alto, faz-se com a equipa avançada no terreno, com a imediata redução do espaço e do tempo ao adversário assim que ele tenta sair a jogar, e com as devidas compensações se essa primeira barreira falhar. Tem depois que haver uma série de pequenas competências posicionais, pois o jogador tem que saber onde se colocar nas diferentes fases do jogo, tem que saber se ataca a bola ou se ataca o adversário. Mas, fundamentalmente, resume-se tudo a impedir o adversário de atingir os seus objectivos e o objectivo do adversário será, em princípio, marcar golo. Quanto menos golos sofrermos, mais competentes somos do ponto de vista defensivo.

O problema do jogo defensivo é que não pode haver erros. Enquanto ofensivamente aquilo que se pede é um momento de inspiração - um extremo pode falhar três dribles e se, a seguir, acertar dois e fizer um cruzamento perfeito, tudo fica esquecido -, defensivamente o erro é muito mais importante. A qualidade dos jogadores e a concentração são muito importantes no jogo defensivo.

N.A. - Mas até que ponto é que é legítimo falar na necessidade de se ter bons jogadores para defender bem, quando defender são comportamentos sem bola, à partida mais fáceis do que os comportamentos com bola?

Tadeia - São mais fáceis? Não sei, não tenho formação nessa matéria. Não sei se são mais fáceis, mas, para começar, deve ser mais difícil convencer um jogador a trabalhar defensivamente do que a trabalhar com bola. Depois, é uma coisa um bocado mais abstracta e não sei até que ponto pode ser tudo trabalhado. Parece-me que existe ali muito de intuição e de categoria e classe. Por exemplo, não acredito na zona total, nem na marcação individual. Existe uma predisposição, há equipas que jogam fundamentalmente à zona, há equipas que jogam fundamentalmente homem-a-homem, mas depois tem que haver capacidade de adaptação a cada situação.

N.A. - Acha que se deve ver a organização defensiva de forma independente da organização ofensiva, ou a forma como defendemos deve estar relacionada com a forma como gostamos de atacar?

Tadeia - Acho que deve estar tudo relacionado, mas mais uma vez é uma noção intuitiva minha. Aquilo que me parece é que tem que estar tudo integrado. Veja-se o exemplo do Porto do ano passado: não me lembro de ver uma equipa portuguesa a jogar tão bem quanto o Porto de Mourinho e precisamente porque baseava o seu futebol num conceito integrado. A forma como a equipa defendia estava directamente relacionada com a forma como a equipa atacava, porque existia uma série de princípios que eram inalienáveis e que partiam uns dos outros. Por exemplo, a defesa alta e o *pressing* alto parecem-me estar relacionados com a forma como o Porto gosta de atacar. O facto de a linha defensiva estar subida no terreno e de a equipa estar próxima está relacionado com uma maior facilidade de

circulação de bola. A defesa alta pode estar relacionada com a profundidade que dá ao jogo a partir do momento em que se recupera a bola se a recuperação for feita cedo. E haverá mais coisas que seguramente me escapam.

N.A. - A melhor forma de defender é defender com muitos homens?

Tadeia - De preferência, defender com onze e atacar com onze.

N.A. - Não necessariamente os onze atrás da bola...

Tadeia - Não, não. Os onze cá atrás não! Há equipas que defendem dessa forma. Os italianos defendem muito bem e, normalmente, defendem com os onze atrás da bola. Veja-se o exemplo da final da Liga dos Campeões! Porque é que o espectáculo foi uma porcaria? Foi uma porcaria porque as duas equipas defendiam da mesma maneira, com os onze jogadores atrás da bola e muito pouco risco. As equipas italianas normalmente são assim. A primeira equipa que eu vi jogar com *zona-pressing* e *pressing* alto foi o Milan de Sacchi e talvez tenham sido os italianos a inventá-lo, mas a verdade é que eles não o praticam, hoje não se vêem equipas italianas a fazerem *pressing* alto. Praticamente todas as equipas italianas jogam com os avançados na linha do meio campo quando não têm a bola. Eu acho que uma equipa deve defender com todos os jogadores, mas o mais à frente possível. É claro que isto tem, depois, consequências, pois uma equipa, para fazer *pressing* alto, tem que estar em grandes condições físicas e até psicológicas.

N.A. - O que é isso de defender à zona, o que é que a caracteriza?

Tadeia - Não sei se lemos os mesmos manuais, mas a defesa à zona é uma defesa feita em função do espaço, da zona, onde cada jogador é responsável por uma determinada zona do terreno, assim que a equipa perde a bola. Em função do local para onde se movimenta a bola, cada jogador vai sendo responsável por uma determinada zona, isto é, a zona pela qual um jogador é responsável depende da posição da bola nesse momento.

N.A. - Por aquilo que me tem sido dado a perceber, parece existir a ideia, por parte de alguns treinadores e comentadores, de que a zona é uma forma de defender passiva. Quando uma equipa está toda lá atrás a defender é comum ouvir dizer-se que ela está a defender à zona, da mesma forma que é comum ouvir dizer-se que quando uma equipa defende à zona dá tempo e espaço para o adversário pensar. Concorda?

Tadeia - Sim, ouve-se muito isso, mas é falso, não é verdade. Eu também já ouvi isso muitas vezes. Quando se quer dizer que uma equipa está a defender mal ou que está a permitir que o adversário faça tudo o que quer com a bola diz-se que a equipa está a defender à zona. Mas é falso! A defesa à zona é uma defesa muito mais difícil, muito mais exigente e muito mais inteligente que a defesa homem-a-homem. E uma equipa que defende à zona pode ser agressiva. Para mim, tem que ser agressiva. Se fizermos uma *zona-pressing* alta, tem que ser. Qualquer defesa tem que ser agressiva, caso contrário é uma má defesa.

N.A. - Vê alguma diferença entre o conceito de defesa homem-a-homem e o conceito de defesa individual?

Tadeia - Isso aí eu confesso que acho que é a mesma coisa, mas posso estar enganado.

N.A. - Quando todos os jogadores de uma equipa têm jogadores adversários específicos para marcar como é que a equipa defende?

Tadeia - Homem-a-homem.

N.A. - E concorda comigo se eu lhe disser que isso já não se vê no futebol actual?

Tadeia - Apenas nos lances de bola parada. O Farense do Paco Fortes jogava assim, mas penso que foi a última equipa que vi cá a jogar assim.

N.A. - Isso significa que todas as outras equipas defendem à zona?

Tadeia - Não sei. Não tenho a resposta a essa pergunta. Existem aí umas coisas mistas, mas não sei. Muito sinceramente não sei. Não vou inventar.

N.A. - Tal como há pouco referiu, se eu estou a defender à zona vou ser responsável por diferentes espaços em função da posição da bola na altura. Agora, se eu for um lateral e no meu raio de acção, na minha zona de intervenção decorrente da estrutura (do sistema), me preocupar quase exclusivamente com o homem (com o meu adversário directo), como é que estou a defender?

Tadeia - Já percebi. Era aí que eu queria chegar quando dizia que há aí umas coisas mistas. Por exemplo, em Portugal há muitas equipas que jogam sem ponta de lança e com dois avançados nos flancos (porque gostam de explorar o contra-ataque e a saída rápida), e esses dois avançados normalmente têm sempre polícias de serviço,

ainda que os polícias não troquem de posição quando os avançados o fazem. Os defesas movimentam-se de acordo com as movimentações deles.

N.A. - Então concorda que o exemplo que dei também é marcar homem-a-homem?

Tadeia - Admito que sim, embora seja uma versão menos radical da coisa, uma marcação mais maleável.

N.A. - O homem-a-homem de que falou não será uma exacerbação do exemplo que dei, exemplo este que, no fundo, acaba por se ver com regularidade no jogo defensivo de muitas equipas?

Tadeia - Sim, mas tive o cuidado de lhe dizer que já não se vêem equipas a jogar com aquele homem-a-homem total, a mandar os jogadores fazerem a marcação ao seu em todo o campo e sem mudar de adversário directo.

N.A. - Uma das características fundamentais da defesa à zona é a permanente existência de coberturas defensivas. Não ficaram estas em risco se os jogadores andarem muito preocupados em marcar os seus adversários?

Tadeia - Claro. A solidariedade deixa de ter razão de existir. Agora, tem que haver uma adaptação, porque eu não acredito numa zona total. Tem que haver sempre adaptação, tem que haver compensações. E a partir do momento em que a bola está já muito próxima da baliza têm já que haver jogadores preparados para o contra-ataque ou para a saída em ataque organizado, porque não podem estar os onze a defender lá atrás.

N.A. - Quando falamos em zona falamos num bloco organizado em função da bola. Deve ser um jogador a coordenar esse bloco ou é a equipa que vai respondendo às situações que estão a acontecer?

Tadeia - Eu acho que deve ser a equipa. Acho difícil que seja um jogador a coordenar todos os processos inerentes à zona. Todos os jogadores têm que saber interpretar o modelo e dar as devidas respostas às diversas situações, consoante a posição da bola, o espaço que têm a defender e os adversários. Parece-me ser mais fácil existir um jogador a coordenar a equipa do ponto de vista ofensivo que do ponto de vista defensivo, pelo menos em termos de defesa à zona. Se falarmos em homem-a-homem com libero talvez já seja diferente, já poderá haver uma voz de comando, mas em termos de defesa à zona acho complicado que isso possa acontecer. E não me parece que ainda haja muitas equipas de top a jogar em homem-a-homem com libero.

N.A. - O Maradona refere que, com a experiência, foi percebendo que gostava mais que o marcassem individualmente porque se livrava mais facilmente dos adversários. Com a marcação à zona já era mais complicado. Gostava que comentasse esta situação tendo como ponto de partida aquilo que normalmente se vê em Portugal, ou seja, por um lado o craque diz que prefere que o marquem individualmente, por outro, os treinadores têm a tendência de marcar individualmente o craque!

Tadeia - Nem toda a gente faz isso! Acho que o Maradona tem toda a razão. Se eu fosse um grande jogador de futebol, um número dez, gostaria que me marcassem individualmente! Porque, se eu tenho apenas um adversário preocupado comigo, é muito mais fácil. Se eu tiver três ou quatro jogadores preocupados comigo, se existirem coberturas, é muito mais complicado. Se eu quiser fazer uma jogada como o Maradona fez contra a Inglaterra em que pegou na bola no meio campo, passou por toda a gente e marcou um golo, terei muito mais dificuldades contra um bloco organizado. Preferia ter apenas uma carraça a andar atrás de mim! Eu penso que a defesa à zona, do ponto de vista de quem defende, é muito mais inteligente, portanto, do ponto de vista de quem ataca, tem que ser pior! Embora, e há sempre um «mas» nestas coisas todas, eu perceba que haja treinadores que vão para um jogo com a tentação de tentar anular um jogador.

N.A. - Porquê?

Tadeia - Se eu vou jogar contra uma equipa que tem o Maradona, a minha tentação é sempre (ou a tentação de qualquer treinador será sempre): «anulo o Maradona,... se calhar coloco o meu pior jogador a marcar o melhor jogador deles e fica dez para dez». O problema é que isso não acontece, na prática isso não é possível. A não ser que se tenham jogadores absolutamente peritos na marcação individual, que consigam mesmo anular o génio do adversário. Isso é muito difícil e, por isso, é sempre desaconselhável. Se calhar existe a tentação de o fazer, mas, no fundo, se pensarmos bem, é desaconselhável. Por exemplo, na final do Mundial de 86, enquanto o Lothar Mathäus esteve a marcar o Maradona, o Maradona esteve, de facto, um bocadinho fora de jogo. Só que a Alemanha ressentiu-se disso, perdeu o coordenador das manobras ofensivas, pois o Lothar Mathäus desapareceu um bocado do jogo. Ou seja, o acabou por não conseguir anular o Maradona, embora tenha estado perto de o conseguir, a Alemanha ressentiu-se da «ausência» dele durante o jogo e acabou por perder. São muito poucos os jogadores capazes de anular por completo um adversário e, por isso, a medida acaba por me parecer desaconselhável. Eu não tenho nenhuma questão de princípio contra a marcação individual, mas a verdade é que torna o jogo menos atractivo. A defesa à zona, se for bem feita, se for bem coordenada, é atractiva, é bonita de se

ver. A marcação homem-a-homem não e acaba por não ter grandes resultados práticos, a não ser que se tenham jogadores extraordinários para o fazer.

N.A. - Vantagens da defesa à zona?

Tadeia - Permite uma melhor distribuição da equipa pelo terreno, criam-se melhores condições para se sair a jogar, em contra-ataque ou em ataque coordenado, pela tal melhor distribuição da equipa pelo terreno. Como já referi, parece-me ser uma forma mais inteligente e mais racional de defender.

N.A. - Mais inteligente e mais racional em que medida?

Tadeia - O Valdano dizia que a marcação homem-a-homem era um insulto à inteligência. É como aquela anedota: «é pá, perdemos 5-0, mas o meu nem tocou na bola». Para além disso, parece-me que a marcação homem-a-homem é mais facilmente contrariável por quem ataca, porque as trocas de jogadores por parte da equipa que ataca atrapalham sempre essa forma de defender. A partir do momento em que uma equipa sente que está a ser marcada homem-a-homem, pode mudar uma série de coisas e atrapalha imediatamente o posicionamento da equipa adversária. Muito sinceramente, parece-me que é mais fácil jogar contra uma equipa que marque homem-a-homem, porque o erro paga-se sempre mais caro do que quando se defende à zona. Tem a ver com as coberturas, tem a ver com a solidariedade.

N.A. - E quais as desvantagens da defesa à zona?

Tadeia - É uma defesa mais exigente do ponto de vista mental. A partir do momento em que é mais inteligente, obriga a pensar muito mais, obriga a uma maior coordenação, obriga a que haja maior capacidade de interpretação das diferentes situações do jogo. Obriga a ter melhores jogadores, mais capazes de interagir uns com os outros.

N.A. - Uma das desvantagens que a literatura aponta prende-se com uma maior iniciativa dada ao adversário quando se defende à zona...

Tadeia - Não vejo porquê! Não concordo. Depende da forma como se defende, penso eu. Se fizermos uma zona agressiva, subida no terreno e sempre com ideia do que vem a seguir, do que fazer depois de recuperar a bola, não vejo porquê.

N.A. - A literatura fala também em maiores fragilidades nas mudanças de flanco...

Tadeia - Se a equipa estiver muito curta e muito compacta é complicado. E existem jogadores que sabem aproveitar isso muito bem. Para não falar só do Porto, parece-me que o Rochemback faz isso muito bem. Mas penso que acaba por ser um mal menor, ainda que, de facto, aconteça, porque a equipa para fazer zona tem que estar compacta e tem que se mover de acordo com a bola. Se o adversário atacar pela direita a equipa tem que estar concentrada e em rombo para esse lado. Havendo uma mudança de flanco total obviamente que vai haver espaço, mas a equipa, em princípio, terá tempo para se recompor e se harmonizar com a situação. Porém, ainda que possa ser uma desvantagem, parece-me ser um mal menor se a zona for bem feita.

N.A. - E a possibilidade de encontrarmos pela frente uma equipa que jogue muito bem a um e dois toques? Parece-lhe outra desvantagem da defesa à zona?

Tadeia - Isso é uma desvantagem para quem defende. E uma vantagem para quem ataca. O Barcelona do Crujff fazia isso muito bem! Não é uma desvantagem específica da zona, porque uma equipa que defenda homem-a-homem, mas que não jogue bem na antecipação, terá também muitas dificuldades.

N.A. - Vantagens da defesa homem-a-homem?

Tadeia - Muito sinceramente, não vejo grandes vantagens. Fundamentalmente, é pior para se jogar.

N.A. - Concorda com a ideia de que uma equipa, para ser de top, tem que defender à zona?

Tadeia - Hoje em dia, no estado em que está o futebol, sim. Há trinta ou quarenta anos não. Há trinta ou quarenta anos as grandes equipas jogavam homem-a-homem, mas o futebol evoluiu e hoje é mais exigente e exige soluções mais integradas do ponto de vista da relação defesa/ataque, do ponto de vista da ocupação de espaços, do ponto de vista da solidariedade e das coberturas.

N.A. - E o que é que prevalece, em termos profissionais?

Tadeia - A nível de top é a defesa à zona.

N.A. - A maioria das equipas da Superliga defende à zona?

Tadeia - A minha observação é sempre condicionada, pois eu normalmente apenas vejo as equipas pequenas jogarem contra os grandes e, portanto, não sei como jogam umas com as outras.

N.A. - Se eu lhe pedisse nomes de equipas que defendem à zona, arriscaria algum?

Tadeia - O Porto e o Benfica, de certeza. O Sporting do Fernando Santos tenta fazê-lo, mas parece-me que há ali alguma falta de convicção na aplicação de conceitos. É como com a pressão alta: o Sporting apregoa-a, mas tem muitas dificuldades em pô-la em prática porque dá a ideia de não aceitar os conceitos todos e de tentar precaver-se contra alguns. Só assim se explica que haja uma tentação de pedir ao Custódio que siga sempre o número 10 adversário e se converta às vezes quase num terceiro central. Aliás, o mesmo fez o Scolari com o Costinha no Portugal-Albânia, quando se sabe que, no FC Porto, ele é tão importante com bola, a distribuir, a escolher caminhos, como sem ela, a marcar. Quanto às outras equipas portuguesas, a minha observação é condicionada porque ainda não tinha chegado a essa noção de homem-a-homem.

N.A. - Partindo do pressuposto que existem algumas equipas que defendem homem-a-homem, uma vez que a Superliga tem dezoito equipas e apenas referiu três, o que é que leva os treinadores dessas equipas a optarem por essa forma de defender em detrimento da zona?

Tadeia - Falta de recursos. A zona é mais exigente, precisa de melhores jogadores e, assim sendo, muitas vezes há que tentar minorar os danos. Exige melhores jogadores e, se não os houver, há mais risco nessa forma de jogar, isto é, torna-se mais arriscado defender à zona. Não sendo os jogadores tão bons, o erro está mais sujeito a aparecer. Por exemplo, o Mourinho não tinha muito interesse em ir para o Porto a meio da época, mas foi esse meio campeonato que lhe permitiu consolidar conceitos, dar aos jogadores a margem necessária para errar. E como ele me parece muito convicto das suas ideias, quando começou a época passada, já as tinha feito chegar a todos os jogadores. Os que as assimilaram ficaram; os que não conseguiram fazê-lo, foram à vida deles.

N.A. - Mas não acha que o erro é mais facilmente minimizado ou corrigido com uma defesa à zona?

Tadeia - Se uma equipa defender bem à zona, o erro é mais facilmente emendado, mas o problema é que defender bem à zona é muito exigente, é muito complicado.

N.A. - O que é que o facto de uma equipa defender homem-a-homem a pode prejudicar ao nível do ataque?

Tadeia - Numa marcação individual, um jogador que está demasiado preocupado em anular um adversário não se solta tão bem. Sempre que a equipa tem a bola e não é ele que a tem, está sempre quase, como se diz na gíria, «com um olho no burro e outro no cigano», não sabe se há-de soltar-se para o momento ofensivo ou se há-de ficar para, no caso de haver uma perda de bola, o seu par não ficar sozinho. Nesse tal conceito menos radical de homem-a-homem, as desvantagens podem ser mais limitadas, mas têm a ver com a distribuição da equipa no terreno e na capacidade de sair a jogar.

N.A. - Falou no «seu par». Algo que permite ver se uma equipa defende à zona ou não tem a ver com isso: normalmente, quando uma equipa não defende à zona, aquilo que se vê no terreno de jogo são muitas parselhas, os jogadores quando estão a defender procuram aproximar-se do adversário que cai no seu raio de acção e formam-se essas parselhas, esses pares. Quando se defende à zona vê-se um padrão desenhado no terreno pelo colectivo. Não tem esta percepção?

Tadeia - A minha observação a esse nível é muito condicionada, como lhe disse. Geralmente, quando jogam com os grandes, existem sempre preocupações individuais. E eu geralmente só vejo os jogos dos grandes contra essas equipas, quase nunca os jogos entre essas equipas.

N.A. - Sei que já tocou este aspecto, mas gostava que alargasse um pouco mais a sua opinião. O facto de a zona se tratar, no fundo, de uma organização defensiva colectiva conhecida por toda a equipa poderá traduzir-se em vantagens também ao nível da transição para o ataque?

Tadeia - Claro. A resposta está na pergunta. Se ela é conhecida, se nós sabemos onde estamos e onde é que temos que estar, ganhamos tempo no delinear das jogadas e ganhamos capacidade de interacção uns com os outros. O futebol, à partida, é colectivo, portanto, a partir do momento em que a organização defensiva é colectiva, ela beneficia-nos tanto em termos defensivos como em termos ofensivos.

N.A. - Será possível dizer que a defesa à zona permite a uma equipa sem a posse de bola ter iniciativa sobre o jogo?

Tadeia - Se for bem feita sim, porque se a defesa começar cedo estamos à partida a tentar recuperar a iniciativa mais depressa e com isso estamos a condicionar o movimento do adversário. Se lhe taparmos determinados

caminhos e o tentarmos induzir a seguir por outros caminhos que queremos que o adversário siga, isso também nos ajuda e faz com que sejamos nós quase a definir como é que o adversário ataca.

N.A. - Parece-lhe mais complicado conseguir isso defendendo homem-a-homem?

Tadeia - Claro, porque aí já estamos a defender o homem e não a zona. Por exemplo, se um adversário tem laterais bons, que participam bastante nas acções ofensivas e que cruzam muito bem, aquilo que nós temos que fazer é bloqueá-los e tentar que o adversário afunile o jogo e venha para o meio. Agora, isso não se resolve marcando os adversários individualmente (dessa forma é muito mais difícil), mas sim bloqueando essas zonas.

N.A. - Será correcto afirmar que aquilo que está em causa entre o optar por defender à zona ou defender homem-a-homem é condicionar ou ser condicionado?

Tadeia - Acho que sim, era isso que tentava explicar atrás, mas talvez sem as palavras certas. Defendendo à zona condiciona-se mais o adversário. Podemos-lo obrigar a fazer determinadas coisas, podemos ser mais interventivos sobre a forma como eles jogam.

N.A. - Menotti refere que...

Tadeia - A liberdade é maior. Obviamente que sim! O homem-a-homem é uma prisão, porque estamos a aprisionar os nossos jogadores a jogadores adversários, estamos a inibi-los de meterem em campo aquilo que eles são capazes de fazer, porque estamos, à partida, a condicioná-los a adversários, enquanto que na zona há mais liberdade.

N.A. - O Maturana refere que a zona faz da defesa a arte de atacar...

Tadeia - O Maturana já não é muito a minha onda! Mas acho que sim. Tem a ver com o tentar recuperar a bola o mais cedo possível para atacar o mais cedo possível e o mais perto da baliza adversária possível.

N.A. - Estamos a falar da zona-pressing, neste caso uma zona-pressing alta. A literatura refere que esta forma de defender pode diminuir a eficácia do ataque por haver grande aglomeração de jogadores aquando do momento de transição (quando ganhamos a bola). O que é que lhe parece?

Tadeia - Não tem que haver aglomeração de jogadores. O *pressing* alto tem que ser um *pressing* colectivo, não pode ser um maluco a correr atrás da bola e os outros a bater palmas. Mas, a partir do momento em que se recupera a bola, há sempre maneira de oxigenar o jogo rapidamente (quando digo oxigenar o jogo refiro-me a dar-lhe espaço). Tem é que ser bem feito, e o ser bem feito tem a ver com o escolher as alternativas correctas para cada situação. Há situações em que essa zona-pressing proporciona uma recuperação de bola em que o que é indicado é dar logo profundidade e há situações em que o aconselhado é temporizar, é oxigenar, é, mesmo lá à frente, fazer circulação e não dar logo profundidade.

N.A. - Tendo em conta que uma zona-pressing alta se faz com toda a equipa, poder-se-á dizer que o futebol de ataque sai beneficiado se a equipa defender dessa forma?

Tadeia - Eu penso que sim. Primeiro porque a intenção é recuperar a bola mais depressa e o futebol de ataque é um futebol com bola. Depois, precisamente porque a equipa está toda posicionada lá em cima, já não tem que correr para lá chegar. Defendendo em zona-pressing alta, temos mais jogadores disponíveis para integrar a manobra ofensiva e, importante, sem terem que correr muito para lá chegar.

N.A. - Pode então dizer-se que a zona-pressing se faz para atacar?

Tadeia - A zona-pressing é uma acção defensiva em terreno ofensivo. Tudo o que é sem bola é defesa, agora, o que nós podemos é tentar defender já com a ideia do que é que vamos fazer quando formos atacar. E a zona-pressing faz-se com a ideia de atacar o mais depressa possível.

N.A. - Muitas vezes pede-se aos jogadores para estarem em bloco e para fazerem campo pequeno, mas, depois, aquilo que rege os comportamentos dos jogadores em termos de marcação são as referências individuais (isto é, defendem homem-a-homem). Não será isto um contra-senso?

Tadeia - É. Penso que sim. Porque se a equipa adversária abrir nós teremos que abrir também, na medida em que defendemos homem-a-homem.

N.A. - Existem zonas e momentos mais importantes do que outros para se tentar conquistar a bola ou o importante é apenas conquistar a bola?

Tadeia - O importante é conquistar a bola, mas quanto mais à frente melhor. É verdade que existem zonas e momentos onde é melhor ganhar a bola, mas o importante é conquistar a posse de bola.

N.A. - Defender à zona é mais económico em termos físicos?

Tadeia - Não me parece. Como não concebo a zona sem o *pressing*, defender à zona é muito exigente em termos físicos. Eu não concebo a zona sem a equipa curta, sem o pressing, sem a equipa pressionar em bloco, e isso exige muito da equipa, fundamentalmente das linhas mais avançadas. Defender homem-a-homem talvez seja mais exigente para alguns jogadores, mas é menos exigente para outros. A defesa à zona, sendo mais solidária, acaba é por ser uma forma de defender onde o esforço é melhor repartido pela equipa toda. Isso sim.

N.A. - Será possível afirmar que a defesa homem-a-homem serve apenas o momento defensivo, isto é, que quem defende desta forma está apenas a pensar num dos processos?

Tadeia - Está a pensar fundamentalmente no momento defensivo. Não está a pensar apenas, está a pensar fundamentalmente. Enquanto quem defende à zona pensa mais na recuperação da bola e no processo ofensivo, quem defende homem-a-homem pensa mais no processo defensivo e na anulação do adversário, e a bola acaba, se calhar, por ser menos importante.

N.A. - E pensando unicamente no processo defensivo, será a defesa homem-a-homem a «escolha acertada»?

Tadeia - A defesa à zona é mais difícil. Para defender à zona é preciso ter melhores jogadores. Eu não coloco a questão em termos de cobardia ou de coragem, isto é, aquele treinador defende à zona por ser corajoso e o treinador que manda os jogadores correrem cada um ao seu é mais covarde. É mais uma questão de consciencialização das próprias carências. Para se defender à zona, uma zona avançada, é preciso ter muito melhores jogadores do que para se defender homem-a-homem.

N.A. - O Luís Freitas Lobo afirma que o «sistema de marcação», ainda que não seja uma «tática de jogo», pode condicionar toda a sua dinâmica. Penso que isto vem ao encontro de tudo aquilo que tem referido..

Tadeia - Sim, sim. Ele tem razão. Já falámos aqui em vários exemplos que vem ao encontro disso mesmo. Se defendermos à frente e aí conseguirmos recuperar a bola vamos estar, à partida, a atacar mais cedo e teremos que atacar de uma forma diferente. Se defendermos homem-a-homem vamos ficar demasiado fixos no adversário e não nos desinibimos para jogar assim que recuperamos a bola. Existem várias nuances que fazem com que o «sistema de marcação» condicione a forma de jogar de uma equipa.

ENTREVISTA A ARTUR JORGE

Treinador Principal da Associação Académica de Coimbra
Campo do Bolão (Coimbra), 6 de Agosto de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Concorda com a ideia de que se deve ver de uma forma relacionada os processos ofensivo e defensivo de uma equipa?

Artur Jorge - Sim. Tudo deve estar relacionado. O jogo de futebol é um jogo completo e portanto, hoje, não há equipas que atacam ou que defendem, mas sim equipas que fazem tudo. No fundo, toda a gente deve fazer tudo e um jogador, hoje em dia, deve estar preparado para encarar o jogo de futebol como uma coisa que ele gosta de fazer, mas uma coisa muito mais completa. Um bom jogador de futebol tem que estar capacitado para perceber que toda a gente tem que defender, toda a gente tem que atacar, toda a gente tem que jogar de cabeça, toda a gente tem que ganhar bolas,... toda a gente tem que fazer o seu jogo de futebol da melhor maneira possível e completamente diferente daquilo que eu pensava quando era jovem. O futebol é hoje outra coisa e está a avançar todos os anos, todos os dias. O futebol é hoje outro jogo. Um jogo completamente diferente daquele que existia há não sei quantos anos.

N.A. - Há um autor que refere que, para se defender bem, não é preciso deixar de atacar, mas sim jogar bem defensivamente. Concorda?

Artur Jorge - Completamente. Aliás, eu estou convencido que um dos pontos mais positivos do Porto (que é a melhor equipa portuguesa), é que é uma equipa que defende muito bem. Evidentemente que ninguém fala disso porque, como sabe, quando alguém fala de defesa, as pessoas pensam que as equipas são uma porcaria. A melhor equipa portuguesa a defender é o Porto. Agora, evidentemente ninguém fala disso... Eu acho que hoje em dia no futebol, tal como no basquetebol nos Estados Unidos, tem que haver bons jogadores, com grandes capacidades ofensivas e defensivas e, fundamentalmente, as equipas têm de ser boas, com capacidade para atacar e defender.

N.A. - Portanto, uma equipa para defender bem não tem que ser menos ofensiva...

Artur Jorge - Completamente. Nós temos é de ter jogadores capazes de fazer as duas coisas, jogadores que estejam habituados a defender e a atacar. E estou convencido que é mais fácil defender do que atacar. Atacar é cada vez mais difícil, porque tem a ver com mais qualidade e com mais treino. Defender não! No fundo, é estar mais atento e saber o que é preciso fazer. Mas estou convencido que defender é muito importante no futebol.

N.A. - Quanto mais ofensiva for uma equipa melhor ela tem que defender, por estar exposta a maiores riscos?

Artur Jorge - Toda a gente tem que defender bem. Evidentemente que depende dos jogadores que se tem, aspecto que é fundamental hoje em dia. Mas, como sabe também, todas as equipas têm defesas rápidas e se nós tivermos defesas rápidas... é mais difícil para os adversários. Agora tudo é possível. No fundo, há defesas e as capacidades de defesa são todas diferentes. Fundamentalmente, é preciso saber defender bem, quer individualmente quer coletivamente, e que a equipa tenha capacidade para o fazer. Aquilo que se passa não é na nossa equipa, é no futebol mundial. Eu estou convencido que uma equipa que saiba defender bem tem muito mais hipóteses do que outra equipa que não sabe defender bem. Mas isto que eu estou a dizer não tem nada a ver com treinadores ofensivos ou defensivos! Porque isso não existe hoje em dia. O que eu penso é que há maus treinadores e bons treinadores, como em todo o lado. Percebe a ideia? Há pessoas que fazem bem as coisas e há pessoas que fazem mal as coisas. E eu estou convencido que uma equipa de futebol, hoje em dia, entre outras coisas, tem que defender bem, que é uma coisa que as pessoas, de vez em quando, se esquecem. Repare-se, hoje em dia, defender é uma coisa de que ninguém fala.

N.A. - Partindo do pressuposto de que os processos estão relacionados, que não existe «agora defendemos, agora atacamos», faz sentido falar em defender de uma forma que nos permita potenciar a maneira como gostamos de atacar?

Artur Jorge - Completamente. Sim, sim! Quanto mais alto a equipa defender, melhor é para ela. Quando a equipa joga mais alto, tem capacidade para atacar o mais depressa possível, é uma equipa defensivamente mais forte, tem jogadores mais ágeis, mais rápidos e com uma grande vontade de ter a bola em seu poder e, a partir dessa altura, a nossa equipa é muito mais ofensiva se comparada com outra que defenda muito atrás. Isso é claro para toda a gente. Isto é, para mim, uma equipa que defende bem tem muito mais hipóteses de ganhar jogos e de fazer mais golos do que uma equipa que defende mal.

N.A. - O que é, para si, defender bem?

Artur Jorge - Defender bem é que a equipa, no fundo, tenha onze jogadores e que esses onze jogadores, em determinadas situações do jogo e fundamentalmente quando o adversário tem a bola, saibam o que é defender e saibam exactamente onde e como defender. Tal como referi atrás, uma equipa que conheça estes aspectos é uma equipa muito mais forte do que uma equipa que não saiba defender.

N.A. - Ter onze jogadores a defender não é necessariamente ter os onze jogadores atrás da linha da bola...

Artur Jorge - Nada! Não tem nada a ver uma coisa com a outra! A bola está no adversário e, evidentemente, há zonas, há posições e há adversários que têm que ter vigilância. Portanto, uma equipa que seja capaz disso, o mais rapidamente possível, e que não esteja desatenta e em que os jogadores saibam aquilo que estão a fazer dentro do campo, é uma equipa muito mais forte do que outra equipa que se esquece dessas coisas todas.

N.A. - O que é, para si, defender à zona?

Artur Jorge - É defender na sua zona. Fundamentalmente, é marcar os jogadores que estão quentes. Portanto, é ter atenção ao desenvolvimento da equipa adversária e, no fundo, os jogadores estão nas suas zonas porque, como deve calcular, não temos muita gente para defender. Cada um defende na sua zona e, depois, é uma questão da mentalidade dos jogadores, da mentalidade do treinador, da equipa adversária. É uma questão das pessoas estarem o mais atentas possível e de serem inteligentes para perceberem onde é que se está a defender. Apenas isso.

N.A. - É normal associar-se a defesa à zona a uma forma de defender passiva. Por exemplo, é comum ouvirmos as pessoas dizerem: «a equipa está a defender à zona e, por isso, está a dar tempo e espaço ao adversário para pensar». Concorda com esta ideia?

Artur Jorge - Há alturas em que não podemos ser passivos. A partir do momento em que pensamos que o adversário começa a ser perigoso, ninguém pode ser passivo. Principalmente quando jogamos contra adversários que têm um ou dois jogadores com qualidade. Ninguém pode ser passivo em relação a esses jogadores e a essas jogadas. No fundo, é isso que as equipas devem fazer. Defender à zona é uma situação que não é de hoje, é uma situação antiga e estou convencido que hoje ninguém defende à zona. Hoje, toda a gente pensa na zona e toda a gente pensa em marcar o adversário que está perto. Evidentemente que, quando há dois na mesma zona, temos de pedir ajuda, mas não tem nada a ver com defesa passiva. Eu acho que devemos defender sempre, ou quase sempre, da mesma maneira. Devemos ter atenção em relação aos adversários, mas é importante que a nossa equipa esteja sempre vigilante e completamente atenta. No fundo, é um ditado ou uma redacção que estamos a fazer e não nos podemos esquecer de nada.

N.A. - O que é que queria dizer com «hoje ninguém defende à zona»?

Artur Jorge - Não, porque hoje em dia... como é que eu lhe hei-de dizer... Eu estou convencido que aquilo que se passa hoje é defender e não defender. Se você defender bem, você defende bem; se você não defender bem, está a defender mal. Portanto, presentemente no futebol aquilo que nos interessa é ter uma equipa capaz de defender. Nós temos onze jogadores para defender quando a bola está no adversário e, sendo assim, temos que jogar sempre da melhor maneira possível. De vez em quando à zona, outras vezes individualmente, de vez em quando temos que ser melhores que os outros, quando estamos em igualdade numérica em relação aos outros temos que fazer as coisas da melhor maneira possível e, se estamos em inferioridade numérica temos que, se calhar,... eu não diria defender à zona, mas esperar um pouco que algum colega venha para nós vermos que temos possibilidades de defender o melhor possível.

N.A. - No caso da sua Académica, como...?

Artur Jorge - A Académica, no ano passado, foi uma equipa com muitas dificuldades. Tivemos muitas dificuldades. Como sabe, viemos para a Académica quando ela tinha oito pontos e, no fim, conseguimos chegar aos trinta e sete pontos. Agora, acho que nós não devemos olhar para a equipa da Académica. A equipa da Académica, no ano passado, não era uma equipa muito boa, tinha muitas dificuldades. Este ano é uma equipa nova, estamos a tentar melhorá-la todos os dias, vamos a ver se temos tempo de conseguir melhorá-la no sentido de ser melhor defensiva e ofensivamente. É isso que fazemos todos os dias, umas vezes com sucesso, outras sem sucesso, mas depende de mil coisas.

N.A. - Quando pegou na equipa como é que ela defendia?

Artur Jorge - Não sei muito bem como é que ela defendia. Era uma equipa que tinha problemas complicados, que não tinham a ver com o jogo que ela fazia... Era uma equipa com dificuldades. E quando nós falamos com uma equipa com dificuldades, temos que olhar para outras situações, que não são situações de treino nem de jogo. Era

uma equipa que tinha grandes dificuldades, coisas passadas que não foram resolvidas da melhor maneira e fundamentalmente os jogadores que tinha no ano passado. Nós tivemos que fazer um bocadinho disso e conseguimos ter um bocadinho de sorte à mistura. Se não fosse a sorte que nós tivemos, estávamos na segunda divisão, nesta altura.

N.A. - Disse que a equipa não estava bem. Quais foram as suas principais preocupações em termos defensivos?

Artur Jorge - Não vou entrar nisso. Não posso entrar nesse assunto. A equipa não estava muito bem, a equipa ganhava poucos jogos, perdia muitos jogos, havia grandes dificuldades em termos financeiros, enfim, havia muitos problemas naquela altura. Nós tentámos, com a ajuda da Direcção, de melhorar um bocadinho a equipa. Vieram dois ou três jogadores novos e, fundamentalmente, a Direcção começou a fazer com que as coisas se comessem a processar de uma maneira melhor, isto é, pagar. Se calhar, não aquilo que a outra Direcção não pagou, mas pagar aquilo que devia pagar. E pronto, foi isso que a Académica fez. Tentou melhorar as coisas todas e a equipa melhorou um bocadinho. Teve uma fase boa, mas com algumas dificuldades e pronto. Este ano, como lhe disse há bocado, é outra história. Vamos ver se temos tempo para conseguir transformar estes jogadores numa equipa boa. Mas isso, como sabe, é um trabalho longo. Não há trabalhos rápidos. O trabalho do futebol é um trabalho consistente, que demora tempo. E, mesmo quando nós pensamos que no futebol as coisas estão prontas, não estão nada prontas, pois passado um bocadinho deixam de o estar. Por isso, temos que fazer a equipa todos os dias e ensinar aquilo que nós achamos que devemos ensinar. O que é o futebol hoje em dia? O que se deve fazer? O que não se deve fazer? Onde é que a equipa deve jogar melhor? Onde é que não se deve falhar? Todo um conjunto de situações que é o futebol.

N.A. - Não acha que no futebol português ainda está muito enraizado as equipas marcarem homem-a-homem, isto é, que se preocupam muito com a marcação, com o encostar nos jogadores adversários quando, se calhar, é mais importante reduzirem espaços e fazerem coberturas aos colegas?

Artur Jorge - Depende das equipas e depende dos treinadores. Com os problemas que esta terra tem, o futebol também os tem. Agora, se nós olharmos um bocadinho para o futebol português e o compararmos com o futebol de outros lados, não me parece que nós tenhamos grandes dificuldades. Penso que taticamente somos melhores do que os outros, temos jogadores com mais qualidade que os outros, agora, o que temos é um país com dificuldades! Não há dinheiro, os clubes não têm dinheiro para poderem fazer uma formação melhor. Mas, se nós olharmos para os grandes clubes portugueses e para as selecções portuguesas, são equipas boas, das melhores do mundo, ganham torneios internacionais, ganham campeonatos da Europa, ganham campeonatos do Mundo. Portanto, estou convencido de que nós não nos devemos preocupar demais com o futebol português. As coisas estão a correr bem, temos gente que trabalha tão bem como se trabalha lá fora, temos melhores jogadores, normalmente, que os jogadores estrangeiros e, por isso, nós devemos olhar para a frente, no futebol português, em termos futebolísticos, em termos da capacidade dos jogadores portugueses, porque são jogadores que têm qualidade e que podem jogar em qualquer equipa do mundo. Não nos devemos preocupar demasiadamente com isso. Nós temos a mania, aqui em Portugal, que os jogadores lá de fora são melhores do que os nossos. Mentira! Eu estive lá fora muitos anos e é mentira! Evidentemente que lá fora há grandes equipas, mas nós também temos boas equipas. Quando olhamos um bocadinho para o futebol que se faz em França, em Espanha, em Inglaterra, não me parece que haja grandes diferenças. Nós também temos muita qualidade.

N.A. - Não concorda com a ideia de que em Portugal até existem algumas equipas a investir com qualidade no ataque, mas que, ao nível da defesa, acabam por não investir tanto?

Artur Jorge - Não é só cá, é em todo o lado. Em todo o lado é assim. As pessoas quando vão buscar jogadores, normalmente vão procurar jogadores que façam golos. Não me parece que seja um problema português, é um problema geral. Toda a gente precisa de homens que façam golos e portanto, não vamos marcar golos com o defesa direito, com o defesa esquerdo ou com o defesa central. É uma situação normal. Nós temos é que trabalhar todos os dias da melhor maneira possível e, hoje em dia, quando nós vemos gente nova em Portugal, percebemos que temos defesas bons, defesas de qualidade, médios de qualidade também. Se calhar, não temos é tantos atacantes de qualidade, porque é uma situação difícil que não acontece só em Portugal. É cada vez mais difícil termos avançados mais rápidos e goleadores capazes de fazer golos. O futebol anda à procura de gente dessa, mas não há muita. Há pouca!

N.A. - Acha que as equipas em Portugal, em termos defensivos, procuram ser um colectivo a defender, um bloco colectivo a defender? Aquilo que me parece é que ainda existe muito a tentação de marcar o homem, de encostar nos jogadores e, muitas vezes,...

Artur Jorge - Não, não me parece. Acho que isso depende das equipas e dos treinadores e não estou completamente de acordo consigo. Parece-me que quantas mais possibilidades uma equipa tiver de poder defender bem (e não digo ter mais jogadores para defender, mas fundamentalmente defender bem), essa equipa é a melhor. Isto é qualquer coisa que é difícil de explicar publicamente, porque ninguém pode dizer publicamente que a nossa equipa vai defender melhor. O treinador está morto em quinze dias! Evidentemente que é importante que todos nós tenhamos o cuidado de ajudar a nossa equipa a melhorar defensivamente. No fundo, eu digo sempre que as equipas melhores defensivamente são aquelas que ganham mais, porque, tirando casos excepcionais, por exemplo o Real Madrid no ano passado, qualquer equipa de grande qualidade sabe defender. O Real Madrid não sabe, porque praticamente joga sem defesas. O que tem é homens de grande qualidade do meio campo para a frente. É uma equipa de outro mundo! E como eu lhe falei há pouco, penso que em Portugal a ideia mais importante disto que eu lhe estou a dizer é o Porto. Nunca ninguém refere que o Porto defende bem, parece que o Porto nem defende e, no fundo, é a melhor equipa a defender em Portugal. Penso que isto tem a ver com o seu treinador, com a qualidade do seu treinador. Nunca disse isto a ninguém, se calhar nem aos seus jogadores disse. As pessoas pensam que não se defende em Portugal e fundamentalmente o Porto é a equipa que melhor defende em Portugal.

N.A. - Mas não lhe parece que a forma como o Porto defende é, em muitos aspectos, bastante diferente daquilo que é...

Artur Jorge - Não, toda a gente trabalha mais. Fundamentalmente, o Porto defende melhor que os outros, porque primeiro toda a gente trabalha mais e toda a gente trabalha quando o Porto não tem a bola. O Derlei trabalha muito. É o ponta-de-lança que trabalha mais em Portugal. Há um conjunto de circunstâncias que permite que o Porto defenda melhor que as outras equipas. Como é que eu lhe hei-de dizer? É um conjunto de circunstâncias que fazem com que a equipa do Porto defenda melhor do que as outras. Isto é, tem jogadores de mais qualidade, tem jogadores mais profissionais, tem jogadores que quando a bola não é do Porto sabem como devem defender,... é por isto que o Porto defende bem. Tem um meio campo que defende, tem uma defesa muito forte, muito rápida, gente jovem com muita qualidade, evidentemente com três ou quatro jogadores menos jovens mas com a frescura e a cabeça de gente jovem e é por isso que o Porto é a melhor equipa portuguesa e vai continuar a ser.

N.A. - Acha que a questão decisiva no facto do Porto se destacar das restantes equipas em termos defensivos tem a ver com os jogadores que tem?

Artur Jorge - Há várias, há várias. Até algumas que eu não sei. Agora, o que eu sei é que a equipa do Porto tem jogadores de qualidade, jogadores que normalmente nunca tinham ganho nada antes de chegar ao Porto, tem jogadores, mesmo avançados, que trabalham muito mais do que os avançados das equipas da primeira e segunda divisões em Portugal e tem, evidentemente, um clube fantástico. O Porto é um clube de grande qualidade, tem um treinador de grande qualidade, tem jogadores bons, tem um grande presidente e, no fundo, as coisas estão a correr bem. Portanto, é um conjunto de circunstâncias que não são casuais, são escolhidas, mas que fazem com que o Porto seja muito melhor do que os outros.

ENTREVISTA A AUGUSTO INÁCIOTreinador Principal do Vitória Sport Clube

Complexo Desportivo do Vitória Sport Clube (Guimarães), 2 de Setembro de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Acredita que apostando em jogar um futebol atractivo e ofensivo estamos sempre mais perto da vitória?

Augusto Inácio (Inácio) - Eu acredito no futebol de ataque para ganhar. Mas, apanhamos equipas manhosas que dizem que jogando sobre a defesa podem ganhar. E podem ganhar! Realmente, podem ganhar. Por vezes, não podemos ser tão ofensivos quanto queremos, porque quando damos muitos espaços... e depende também dos jogadores que temos para jogar ao ataque. Se a equipa é boa tecnicamente, acho que devemos correr esses riscos, se a equipa não é tão boa tecnicamente (imaginemos que eu não tenho jogadores técnicos, no meio campo, capazes de segurar a bola de primeiro e segundo toque e que perdemos aí a bola, numa zona fundamental para o contra-ataque do adversário), é complicado jogar ao ataque. Agora, quem tiver esse tipo de jogadores... Eu sou apologista de jogar com dois na frente e um com o apoio dos extremos e ter cinco homens na frente. Sou apoiante desse tipo de futebol.

N.A. - Se queremos ganhar temos, então, que atacar. Porém, parece-me ser também importante sustentar defensivamente essa forma de jogar, isto é, ninguém ganha a jogar só ao ataque...

Inácio - Evidentemente. Por exemplo, imaginemos que eu tenho jogadores que não seguram a bola na frente ou que não sabem jogar ao primeiro e ao segundo toque... Hoje em dia, na minha opinião, o futebol está muito defensivo e muito cheio de trincos (palavra muito em voga nos dias que correm). As equipas jogam com um avançado, um por trás, dois trincos para fechar bem os corredores... e está tudo cheio disso! Raramente se vê uma equipa que jogue com dois pontas-de-lança e, quando isso por acaso acontece, normalmente são dois avançados soltos e não dois avançados daqueles que jogam perto da área e que estão lá. E isso tem também a ver com as características das nossas equipas. Eu penso que é altura de nós treinadores mudarmos alguma coisa, desde que as possamos mudar. Eu estou a tentar mudar alguma coisa aqui no Vitória. Mudei o sistema e sou praticamente o único que jogo desse modo e quando digo que sou o único refiro-me ao facto de jogar não com três centrais mas com três defesas. Quero dizer com isto que, por vezes, conseguimos ter um volume ofensivo de seis homens e portanto, se a equipa não tiver uma boa recuperação e uma boa circulação de bola, torna-se complicado frente àquelas equipas que praticamente só defendem, porque num contra-golpe damos espaços e é evidente que isso custa-nos caro. Tem que haver um equilíbrio. Temos que atacar, não digo pela certa, mas temos que pressionar alto, pressionar na frente, para estarmos mais perto do golo. Porque é que, em vez de corrermos trinta metros para chegarmos à baliza, não havemos de correr só quinze ou vinte? Agora, para isso é preciso ter uma pressão forte lá na frente. E, para ter essa pressão, é preciso ter gente na frente para pressionar. Se tivermos apenas um homem na frente, certamente que ele não pressiona ninguém! Para fazermos estas coisas é preciso ter rotina, é preciso muito treino. E demora anos! Não é um ano nem dois, demoramos anos a mudar as mentalidades. Eu estou a correr esses riscos e não me importo de os correr. Sei, porém, que posso pagar a factura, mas enfim, é um risco que se tem que correr.

N.A. - Falou há pouco na questão do equilíbrio. Fará sentido falar em atacar contemplando a possível perda da bola? Isto é, sabendo que podemos perder a bola, fará sentido estarmos organizados de uma forma que nos permita rapidamente...

Inácio - Aí é que está! Eu nunca penso em perder a bola, porque se for pensar em perder a bola então não vou atacar. Eu tenho que ter confiança nos jogadores que tenho. Por exemplo, se eu não tiver um jogador bom tecnicamente no meio campo, prefiro fazer um futebol directo, metendo lá a bola e depois não se ganha a primeira, mas ganha-se a segunda. Agora, se eu tiver gente para elaborar as jogadas, como é o caso aqui no Vitória,... O futebol que eu estou aqui a adoptar é um futebol ao primeiro e ao segundo toque... Eu acho que o futebol tem que ser passe e movimento. A finta é uma necessidade face a um obstáculo que nos aparece na hora, mas não tem de ser uma obrigação. Fazer uma finta não é obrigatório. E acho que o futebol está muito cheio de fintinhas e mais fintinhas... às vezes, corre-se com a bola quinze metros para depois fazer um passe de um metro para o lado! Isso não é necessário! Eu sou do futebol objectivo, sou do «bailado», do «desenho», das coisas bonitas, das jogadas de envolvimento. Eu sou desse tipo de futebol. Agora, para se fazer isto são precisas duas coisas fundamentais: jogadores tecnicamente evoluídos e um bom relvado. Se não tivermos um bom relvado, como o que tenho aqui em Guimarães, é impossível jogar ao primeiro e ao segundo toque, na medida em que a bola está sempre a saltar e a bater no Joelho. Mas tenho que o tentar, para procurar ganhar hábitos e rotinas relativos a esse tipo de futebol. É evidente que eu tenho que falar sempre nisto, porque isto é verdade: tecnicamente os jogadores têm de ser bons! Não é possível termos jogadas de envolvimento com estes desenhos todos, se os jogadores não tiverem um mínimo de técnica apreciável. Se não a tiverem, é impossível e tenho que jogar um futebol mais directo, de abrir nas alas,

cruzar, ressaltar e segunda bola. Um futebol mais de luta, de «morder», de raça,... mas eu acho que o futebol não é só isso, ele tem outra beleza, outro sentido, e é esse sentido que eu lhe quero dar.

N.A. - Alguém referiu que a melhor forma de defender não é deixar de atacar, mas sim jogar bem defensivamente. Concorda? Ou temos que ser menos ofensivos para defender bem?

Inácio - É como a manta: tapa-se a cabeça, destapam-se os pés; tampam-se os pés, destapa-se a cabeça. Eu sempre ouvi dizer, e os meus treinadores sempre me disseram isto, que a equipa se constrói de trás para a frente. Sempre ouvi dizer isso e tem alguma lógica, mas se construirmos segundo esse princípio (de trás para a frente) eu pergunto onde é que está o equilíbrio da frente? É jogar com um? É jogar com dois? É jogar com três? É jogar com quatro? Onde é que está esse equilíbrio? Por exemplo, no sistema em que eu estou a jogar, eu só consigo que ele funcione, se tiver dois bons alas, e com um bom pulmão. Se não tiverem um bom pulmão, eu já não posso jogar com três defesas, já tenho, se calhar, de jogar num 4-4-2 ou num 4-3-3. Para jogar com três defesas, os alas têm de possuir uma capacidade física muito boa e também um bom rigor tático. Mas eu tenho que aceitar a opinião dos outros, de que é preferível tentar aguentar o zero, não sofrer, e tentar marcar um. Eu prefiro marcar quatro mesmo que sujeito a sofrer três, mas sei que se atacar com muitos homens estou sujeito a correr riscos como corri o ano passado e perdi se calhar jogos que, *a priori*, eram de ganhar. Mas nunca abandonei esta ideia, porque acredito que este é o caminho para trazer as pessoas ao futebol. Agora, estou sujeito a que me cortem a cabeça, porque dizem logo: «Olha o teórico, o filósofo, olha ele armado em esperto a querer jogar para o espectáculo! Então e o ponto?» O pior é que, com essa filosofia, qualquer dia não temos gente nos estádios para ver futebol! Temos gente ali só para ver 1-0, 1-0, 0-0, 1-0, 1-0!

N.A. - Mas não é possível ter uma equipa ofensiva, com o futebol de ataque que tanto ambiciona e, ao mesmo tempo, ter uma equipa defensivamente sólida? Acha que é incompatível?

Inácio - Não. É isso que eu estou a tentar fazer, mas demora anos! Por exemplo, jogando com três defesas há duas coisas que são fundamentais: os alas e o médio mais defensivo. Esse médio mais defensivo é o *pivot* da parte defensiva da equipa. Por exemplo, se eu jogo com três defesas e se o ala esquerdo vai embora (sobe), o central desse lado encosta na esquerda e eu passo a jogar com dois centrais. Mas imaginemos que o central que encostou na esquerda é batido: um dos outros dois vai ter que sair e fico só com um. Nesta situação, o médio defensivo tem que ter capacidade tática suficiente (uma boa inteligência e leitura de jogo) para poder fechar o meio da defesa. Mas, como a rotina dos jogadores é jogarem com dois trincos (está tudo habituado a jogar com dois trincos, quatro defesas e dois trincos, e com os médios alas também quase a defesas laterais!), para mudar esta mentalidade vamos ter que correr riscos. Agora, eu penso que é possível haver um equilíbrio defensivo e um equilíbrio ofensivo, desde que os jogadores estejam rotinados no sistema. Contudo, não é fácil mudar jogadores, alguns deles em final de carreira, que estão habituados a outro estilo de jogo. Quer dizer, eu estou aqui com umas modernices diferentes por gostar mais que a bola ande na frente do que cá atrás e é evidente que isto não é num mês, nem em dois, nem em três, nem em quatro. Se calhar, demora aí uns três ou quatro anos! Eu estou consciente disso e não sei se vou aqui estar quatro anos, agora, um ano já fiz isto, o segundo estou a tentar fazer... vamos ver se me dão tempo. Se não me derem tempo, eu tenho a certeza absoluta que o outro que vier para cá não vai continuar esta minha filosofia de jogo. Tenho a certeza absoluta! E não estou a dizer que sou uma «espécie rara», que sou o único, mas o futebol está tão envolvido em trincos e mais trincos que eu não estou a ver aqui as pessoas a darem continuidade a isto que eu estou a fazer. Não estou a ver!

N.A. - Vê a organização defensiva da sua equipa de forma separada da maneira como ataca ou acha que os dois processos devem estar relacionados?

Inácio - Temos que ver tudo em conjunto. Tem que ser tudo um blocozinho. É uma das lutas que eu tenho aqui. Quando a equipa se estende para o ataque, não faz sentido nenhum a defesa ficar muito atrás, porque depois existe um espaço muito grande no meio. A equipa tem que subir em bloco e descer em bloco. Por exemplo, se a equipa perder a bola na meia lua da área adversária e estiver a jogar com dois homens na frente, é evidente que eles terão que ser os nossos dois primeiros defesas. Mas imaginemos que nós não temos tempo de pressioná-los lá na frente, aí teremos que jogar à zona. E o que é jogar à zona? Jogar à zona é estarem todos atrás da linha da bola. Agora, jogar à zona não é termos todos os jogadores a jogar dentro da nossa área, mas sim o adversário estar a trocar a bola entre a defesa e a nossa equipa estar toda atrás da linha da bola. E porquê? Quando pudermos pressionar na meia esquerda, por exemplo, um jogador vai pressionar o defesa esquerdo, outro vai pressionar o central, outro vai pressionar o homem do meio campo que vai buscar a bola e, com isto, o adversário só tem duas coisas a fazer: ou mete a bola na frente ou dá a bola ao guarda-redes. Não tem outra hipótese, na medida em que a equipa está organizada e sintonizada nesse sentido. Por isso, é possível haver um equilíbrio defensivo e um equilíbrio ofensivo, desde que todos estejam aptos a defender e a atacar.

N.A. - Onde é que se defende melhor, perto ou longe da nossa baliza?

Inácio - Longe. Quanto mais perto estiver a bola da nossa baliza, mais depressa estamos a levar com cruzamentos ou remates de fora da área, por exemplo. Eu gosto mais de pressionar alto, porque se nós o fizermos no meio campo adversário... Por acaso nós temos mais gente no meio campo adversário do que no nosso meio campo, porque no nosso meio campo estamos sujeitos a que eles nos façam o mesmo. Mas estamos mais rotinados para ganharmos a bola no meio campo adversário, pois já sabemos quem salta na esquerda e na direita, qual é o médio que entra, quais as movimentações dos pontas-de-lança. Portanto, estamos mais rotinados aí e eu gosto mais de pressionar no meio campo adversário.

N.A. - E o gostar mais de pressionar na frente tem a ver apenas com o facto de ser melhor a defender ou tem também a ver com a forma como depois gosta de atacar?

Inácio - Tem a ver com a forma como gosto de atacar e acho que a nossa equipa tem tendências mais ofensivas. Penso que nós atacamos melhor do que aquilo que defendemos. Se eu acredito que a equipa pode fazer mais um golo que o adversário, correndo o risco de sofrermos golos, é evidente que a equipa está mais rotinada ofensivamente. E depois também tem a ver com as características dos nossos médios-ala. Por exemplo, eu tenho o Bessa e o Rubens Júnior: o Bessa já sabe que, quando ganhamos a bola em determinada zona do campo, tem que correr pelo corredor. Ele tem que correr por ali porque aquele é o espaço dele. Agora, é evidente que o médio tem que saber que quando ele estiver a correr, e se ganhar as costas do defesa esquerdo, a bola tem que ir para ali, a bola não pode ir para outro lado. Mas o Bessa também sabe que se a bola for para o lado esquerdo ele é o terceiro avançado da equipa (para além dos pontas-de-lança) para fazer golo. Ou seja, é considerado como extremo do seu primeiro poste. Mas isto é um tipo de trabalho que é muito complicado. Isto é muito difícil e as coisas ainda não estão bem implementadas. Por isso é que é preciso ter uma dose de paciência e vamos cometendo erros, cometemos erros, cometemos erros,... É evidente que em determinadas zonas do campo... por exemplo esta bola agora com o Boavista: bastou um passe errado do Flávio Meireles para criar logo uma situação perigosa para nós! Por acaso não foi falta, mas podia ter sido falta ou podia ter sido com a bola. Mas a verdade é que ele falhou um passe numa zona crítica do meio campo. São os tais lances a que eu me refiro quando digo que corremos riscos. Perdemos ali a bola e estamos logo a levar com eles porque não temos tempo de recuperar. Por isso, não digo que a circulação de bola tem que ser perfeita, mas tem que ser boa para estarmos minimamente organizados para o contra-ataque do adversário.

N.A. - A melhor forma de defender é defender com muitos homens?

Inácio - Se eu puder, quero os onze atrás da linha da bola, dentro daquele estilo que eu referi. Eu gosto de pressionar logo na frente... Por exemplo, se o central adversário tem a bola, eu gosto que pressionem logo o central, mas os sectores da nossa equipa não podem estar muito longe uns dos outros, porque, se isso acontecer, então prefiro jogar à zona. Eles estão a trocar a bola e eu deixo-os estar a fazê-lo, lá atrás. Mas, quando nós estivermos organizados, atrás da linha da bola, quando pudermos pressionar logo o homem da bola, pressionamos todos ao mesmo tempo. Porque se pressionarmos só dois ou três, o adversário vai-nos desgastando e nós vamos estar a gastar energias para nada.

N.A. - O que é que é para si isso de uma equipa defender à zona? O que é que caracteriza uma equipa que defende à zona?

Inácio - Por exemplo, nós fazemos uma jogada ofensiva e colocamos três homens dentro da grande área, mas o central adversário corta a bola. Nós ficamos com três homens para lá da linha da bola, isto é, são menos três homens que vamos ter para defender. Se o adversário ganha superioridade numérica no meio campo, nós não vamos poder fazer aí *pressing* homem-a-homem, vamos ter que jogar à zona à espera que os restantes jogadores da equipa venham aos poucos e poucos para nós recuperarmos e ficarmos mais organizados. E quando eu digo que os jogadores têm que marcar homem-a-homem quero dizer que tem que ser quase (quase, porque não é obrigatório) um contra um. É evidente que, às vezes, o adversário tem mais um homem, mas isso depois é capacidade de cada um de ter de se desdobrar neste ou naquele jogador. Mas, de preferência, homem-a-homem, cortar as linhas de passe. Por isso é que eu estava a dizer que era obrigatório mandar a bola na frente que é isso que muitos adversários fazem: metem a bola na frente para o ponta-de-lança, os centrais cortam, o meio campo avança e ganha a segunda bola. Muitas equipas jogam para ganhar a segunda bola. Não é para ganhar a primeira! A primeira muitas vezes não é importante. Querem é livrar-se do perigo que têm, metem a bola na frente e depois avançam o meio campo para ganhar a segunda bola. Foi isso que o Boavista fez muitas vezes com o Jaime Pacheco. E então o que é que eu fazia nos jogos contra o Boavista do Jaime Pacheco? A bola vinha, mas eu não queria que a bola passasse pelos meus médios. Os centrais não podiam passar a bola aos médios. Colocavam a bola na frente também. Desta forma, os médios do Boavista não sabiam onde é que ia cair a bola. Eles estavam habituados à segunda bola, que os centrais passassem a bola aos médios para saírem a jogar, mas isso não

acontecia. Quer dizer, até doía o pescoço! Futebol feio, todos os dias feio, todos os dias feio! Até para mim era feio! Mas isto para quê? Para obrigar o adversário a um tipo de jogo ao qual não estava habituado. Como é que o jogo acabou? Zero a zero. Quantas oportunidades de golo houve? Nenhuma! Não houve nenhuma. Porque eu tinha que contrariar o jogo do adversário, que estava habituado mesmo, mesmo àquilo. Mas é evidente que isto são coisas que não são para se fazer todos os dias. Eu achei que naquele jogo deveria fazer aquilo, na medida em que a minha equipa não estava confiante. Achei que isso era o melhor. Mas, de preferência, quando nós perdemos a bola, em vez de respirarmos na frente, respiramos atrás da linha da bola. Ou seja, respirar e descansar é atrás da linha da bola, para os jogadores verem sempre a bola de frente. Os jogadores têm de ter capacidade para ir e para voltar, para que a equipa funcione em bloco, caso contrário estamos sujeitos a que o adversário tenha mais gente do que nós.

N.A. - Como é que caracterizaria a forma como a sua equipa defende, predominantemente? Defende homem-a-homem? Antes disso, o que é para si defender homem-a-homem?

Inácio - Muita gente diz que o homem-a-homem é quando o portador da bola é pressionado, mas para mim não é bem isso. Eu gosto que se pressionem os jogadores que estão livres e não apenas o portador da bola. Só há uma bola! E, entretanto, estão os outros jogadores a desmarcarem-se. Os outros estão a correr, mas não são maluquinhos, não estão a correr só por correr, estão à espera de um passe que seja para eles. Se esses jogadores que estão a correr sem bola não forem acompanhados, é evidente que podem criar perigo. Repare-se no que aconteceu ontem com o Leiria: um jogador ganhou a bola no meio campo, meteu a bola nas costas da defesa, o Douala começou a correr e fez o golo do empate.

N.A. - Esse homem-a-homem que pede aos seus jogadores é diferente do conceito de marcação individual, não é assim? Por exemplo, o caso de pedir a um determinado jogador para marcar sempre o Deco...

Inácio - Já estou a ver onde quer chegar. Quando eu digo homem-a-homem é na zona de intervenção de cada jogador. Agora, há jogadores... Por exemplo, frente ao Benfica eu disse ao Rui Ferreira que a missão dele seria marcar o Zahovic. Onde estivesse o Zahovic, ele tinha que o marcar. Porquê? Porque eu sei que o Zahovic é o elo de ligação para as faixas laterais e para alimentar o ponta-de-lança. Portanto, cortando esse homem e cortando as faixas laterais, o Benfica teria muitas dificuldades, como efectivamente veio a ter. Agora, se eu disser ao Hugo Cunha para marcar o Zahovic, ele não o consegue fazer. O Rui tem essas características, mas o Hugo não. O próprio Flávio Meireles não tem características para fazer esse homem-a-homem de andar com ele, de correr com ele. Neste jogo com o Boavista eu falei com o Rui Ferreira e o Ricardo Sousa não tocou na bola (marcou um livre e um penalti, mas não tocou na bola). A função do Rui era aquela. E porquê? Porque às vezes há um jogador que nós achamos (é a minha opinião) que o jogo passa 70 ou 80% pelos seus pés, que ele é a fonte de alimentação do ataque adversário. Se o anularmos, a equipa adversária só vai ter 20 ou 30% de lances ofensivos e não através desse jogador, isto é, terá que ser através da qualidade de outro jogador, jogador esse que não terá, por exemplo, a qualidade de passe do colega. Isto são contextos que nós treinadores temos. Agora, o homem-a-homem é homem-a-homem na zona de intervenção. Os jogadores marcam nas suas zonas de intervenção, não sendo obrigatório cada jogador marcar sempre o mesmo homem.

N.A. - Cada jogador marca o homem que cai na sua zona...

Inácio - Exactamente. É o homem que cai na zona. É assim que eu gosto.

N.A. - E o que é que orienta a colocação dos seus jogadores em campo? Quais são as referências de posicionamento dos seus jogadores quando estão a defender?

Inácio - Cada um tem o seu lugar. Por exemplo, eu jogo com três médios e dois alas, sendo que o médio mais recuado normalmente joga sempre no raio do centro, raramente sai desse sítio. Os outros dois médios já podem trocar de posições, precisamente pelo apoio que dão ao ponta-de-lança e pelas combinações que temos. O médio mais recuado joga mais fixo e é o ponto de equilíbrio, porque, quando sobe um dos laterais e cai um dos centrais, é ele que vai fechar o meio da defesa. Ele raramente sai, mas, se tiver espaço para correr e para ir, então, um dos outros dois médios sabe que tem que ficar. Dois podem atacar, mas os três não. E eles sabem perfeitamente em que zonas é que têm de subir.

N.A. - E em termos defensivos? A partir do momento em que a equipa perde a bola a primeira tarefa que os jogadores têm a cumprir é aproximarem-se do jogador mais próximo, é recuar e formar um bloco... o que é que pede aos seus jogadores?

Inácio - É o que eu já disse. Por exemplo, se perdermos a bola na parte do lateral esquerdo adversário e se o Bessa estiver perto desse lateral e os nossos pontas-de-lança perto dos centrais, quero o bloco logo ali a pressioná-

los, para o lateral esquerdo adversário não dar a bola ao central e ou dar a bola ao guarda-redes ou metê-la na frente. É evidente que também existem jogadores adversários no meio campo, que podem estar soltos. Portanto, os nossos homens do meio campo também têm que subir no terreno. Se os nossos sectores estiverem muito afastados, o adversário sai a jogar e nós vamos estar a pressionar na frente para quê?! É preferível não pressionar na frente e o Bessa escusa de pressionar o defesa esquerdo adversário, os pontas-de-lança escusam de pressionar os centrais, e recolhem até à linha de meio campo. E então a partir daí é que a gente joga na zona.

N.A. - Uma das características da defesa à zona, não sei se concorda comigo, é a permanente relação de coberturas entre os jogadores. No caso de uma defesa homem-a-homem acha que também é possível existir esse «jogo de coberturas»?

Inácio - Repare numa coisa, isso tem a ver, às vezes, com a superioridade numérica de cada um, se é do adversário ou nossa. O normal é ser nossa. Agora, há situações em que está um para um ou em que o adversário tem um a mais, mas isso acontece, normalmente, numa situação de contra-ataque. Correcto? Correcto. Quando estou a perder 1-0... eu fiz isto frente ao Sporting... em oito minutos o Sporting faz 1-0 e 2-0. Ao intervalo estávamos a perder 2-0, portanto, três pontos já foram! Mas ainda há quarenta e cinco minutos para jogar! Eu disse aos jogadores para, cá atrás,... mas isto é uma coisa impressionante! Os jogadores estão habituados a jogar de cadeia! Eles só se sentem confortáveis quando um defesa está a marcar o seu e o outro está solto, para sentirem as costas segurinhas. Não gostam nada de marcar homem-a-homem não tendo ninguém atrás! Entram em pânico. Completamente em pânico! Aconteceu-me isso em Paços de Ferreira e com o Sporting! Eu disse ao intervalo: «já perdemos o jogo? Então os defesas marcam homem-a-homem...». E era o Jardel e o João Pinto! Os jogadores começaram logo: «Mister, mas...». E eu disse: «O que é que tem? Estamos a perder, o que é que foi? Se fizermos um golo, vamos discutir o resultado; se sofreremos o terceiro, estamos sujeitos a sermos goleados.». Livre, golo do Beto, perdemos 5-0! Mas arriscámos o jogo, homem-a-homem. Em Paços de Ferreira estávamos a ganhar 1-0 e eles meteram mais um ponta-de-lança, o Carlos Carneiro. Eu estava a jogar com dois centrais, um deles o William, com trinta e seis anos, experiente (jogou no Benfica e em Espanha)... Quando ele viu que o adversário estava a jogar com dois pontas-de-lança disse logo todo atrapalhado: «Mister, estão aqui dois avançados!». E disse-lhe: «O que é que tem? Marcas um e o teu colega marca o outro, onde é que está o problema?». Assustaram-se de tal forma que eu tive de tirar um jogador do meio campo para meter lá na zona central da defesa, para eles se sentirem mais confortáveis sabendo que estavam três contra dois! Dois contra dois homem-a-homem? Medo! Mas isto é mental. Isto tem tudo a ver com a mentalidade. Então o que é que acontece? Quando o adversário joga com dois pontas-de-lança, o normal é a equipa jogar com três centrais. Quem é que joga no futebol português com dois pontas-de-lança? Eu não vejo ninguém. Joga o Porto com o Derlei solto e o McCarthy, mas o Derlei é solto, não é bem aquele ponta-de-lança que joga lá. Portanto, no futebol português, dois lá mesmo não há. E então, cada vez que apanhamos equipas inglesas que jogam mesmo lá com dois, normalmente ou é o médio de cobertura que vem fechar ou jogam mesmo com três centrais, porque não estão habituados a lidar com a situação de risco de um contra um.

N.A. - E ao nível das equipas de top? O padrão já não é as equipas assumirem o risco e jogarem lá atrás dois para dois?

Inácio - Por aquilo que eu vejo, as equipas de top não jogam assim. Existe um médio de cobertura que vem defender. Por exemplo, no Porto é o Costinha que vem defender. O Porto não joga dois contra dois! Também é verdade que não apanha equipas que joguem com dois avançados, não é? Mas, mesmo agora com o Milan, onde é que está o Costinha? O Costinha está sempre ali no meio! E antigamente era o Paredes que jogava ali quase como terceiro central. Não tem é o nome de central. Só não tem é o nome de central! Podem dizer que é um médio. Mas qual médio?! É quase um defesa! Está ali assim. Agora, cá em Portugal quem é que joga com o Porto com dois? Raramente. Até as equipas de fora raramente jogam com dois. Agora, frente ao Milan, que jogou com o Shevshenko e com o Inzaghi, onde é que estava o Costinha? Ali perto dos centrais.

N.A. - Está a falar do Porto e parece conhecê-lo bem. Parece-me a mim que a forma como o porto defende é, em alguns aspectos, bastante diferente da generalidade das outras equipas. O que é que lhe parece?

Inácio - Pressiona alto, pressiona na frente. Se reparar, a circulação de bola do Porto é totalmente diferente da dos outros clubes, porque jogam muitas vezes ao primeiro e ao segundo toque e, depois, têm um jogador, na minha opinião, que além do desgaste que provoca no adversário, é um desequilibrador nato. Tem um que é transportador, o Deco, e tem outro que sabe meter a bola longe, o Maniche. Portanto, existe ali uma simbiose que combina muito bem. E, depois, tem um que é quem dá o mote quando a equipa pressiona mais na frente, o Costinha. Mas, quando o Porto tem a bola e não consegue perfurar, está sempre a trocar a bola. Nós só vemos o adversário atrás dela! Para aqui, para ali,... até que a bola chega aos pés de dois jogadores, Deco e Maniche, e o jogo é diferente,

transforma-se. Vemos um futebol mais bonito, porque o Deco é mágico e o Maniche tem logo o pensamento de jogar ao primeiro toque. Quantos jogadores portugueses têm uma linha de pensamento de jogar ao primeiro toque? Quantos? Raríssimos! O Pedro Mendes destacou-se aqui no Guimarães, porque sabia jogar ao primeiro toque. E o Porto veio buscá-lo porque ele sabia jogar ao primeiro toque. Mesmo os jogadores do Benfica, por exemplo contra a Lazio, dominavam primeiro a bola e, depois, é que tentavam passar. Nunca passavam a bola ao primeiro toque. Nunca! E eu ando a fazer isso aqui já há um ano e tal. Primeiro toque, primeiro toque,... «peladinhas» (jogos) a um toque, a um toque, a um toque. Depois dois toques, mas a seguir só um toque, ou seja, quem desse dois a seguir só podia dar um. Para quê? Para obrigar a imaginação a correr mais depressa. Para mim, se tivermos bons jogadores tecnicamente, o futebol corrido e ao primeiro toque é das coisas mais bonitas que eu já vi. E é eficaz!

N.A. - Em relação à forma de defender do Porto, o Mourinho refere que defende à zona.

Inácio - Defende à zona, é verdade. Em certas partes do jogo é à zona. Nem sempre é à zona, mas às vezes é. Às vezes.

N.A. - Como assim? Não acha que essa pressão alta que o Porto faz é feita à zona?

Inácio - Não é possível defender à zona pressionando alto. É mesmo *pressing*, mesmo no homem-a-homem da zona, isso é verdade. Não é estar à espera que depois eles venham. Não, não! Eles pressionam o homem que tem a bola e estão ali perto, mas, quando eles atacam, e estão os três avançados lá (o Capucho, o Postiga e o Derlei), a primeira preocupação que eu via neles era logo todos a correr atrás para irem para as suas posições, enquanto que os outros estavam ali à espera do «reforço» dos avançados para virem atrás depois recuperar a bola, para estarem em posição depois de recuperarem a bola. Ah, isso é uma pressão alta, mas os da frente não era homem-a-homem, era na zona e esperar depois por eles. Mas, quando eles estavam na frente e a bola nos defesas adversários, eles aí já pressionavam alto e não era à zona, mas sim homem-a-homem. Por isso, há aí um misto, que não é bem assim, na minha opinião.

N.A. - Então não concorda comigo se eu lhe disser que as equipas de top, por exemplo o Real Madrid e o Manchester United, defendem à zona?

Inácio - Eles defendem à zona. O Manchester United defende à zona. Joga no clássico 4-4-2 e só pode mesmo jogar à zona, não pode jogar num *pressing* homem-a-homem. Não pode, tem mesmo que jogar à zona! Porque tem um risco de jogo típico do futebol inglês, onde quase todas as equipas jogam assim. Mas todas as equipas inglesas jogam à zona, não jogam homem-a-homem. Não jogam homem-a-homem, jogam mesmo à zona, precisamente num 4-4-2. Se jogassem num 3-5-2, já tinham mais um homem no meio campo, ali na frente, e podia ser. Mas não, as equipas inglesas não estão habituadas a jogar homem-a-homem, é mesmo à zona que jogam.

N.A. - E porque é que o Vitória de Guimarães não defende à zona?

Inácio - Como eu lhe disse, nós temos um misto: ou jogamos à zona ou jogamos em *pressing*, se tivermos oportunidade de o fazer. Eu jogo das duas maneiras. Os ingleses já não, jogam sempre à zona. Eu jogo das duas maneiras. Quando eu puder pressionar homem-a-homem logo lá na frente, e isso não tem nada a ver com zona, é mesmo homem-a-homem, pressiono. Aliás, treino para isso, porque gosto mais assim. Agora, é um desgaste muito grande! Para nós pressionarmos na frente, não o podemos estar a fazer constantemente. A gente tem que ganhar a bola e, não podendo atacar, trocamos a bola entre nós para descansarmos com ela. É impossível a equipa estar... Digo-lhe já, se uma equipa jogar sessenta ou sessenta e cinco minutos em *pressing* constante, é excelente, é muito bom, é ótimo, mas normalmente não é possível. O normal é fazê-lo durante uma hora ou cinquenta e cinco minutos. Quem o fizer setenta ou setenta e cinco minutos são super-homens!

N.A. - O Carvalho refere que na sua carreira de jogador jogou algumas vezes a médio e que, quando o mandavam marcar individualmente um jogador, mesmo quando estava a atacar estava sempre preocupado com homem que tinha que marcar e que o rendimento dele nunca era o mesmo. Pelo contrário, quando a equipa dele defendia à zona, sentia que a sua participação no jogo e criatividade aumentavam...

Inácio - Isso é verdade! Já viu o que é eu correr atrás de um adversário, ele com bola e a fazer aquelas deambulações todas e eu a correr atrás dele?! E depois quando eu tenho a bola, se o treinador não me der a liberdade de eu me soltar para o ataque, ter que soltar a bola e depois o meu homem pega novamente na bola e tenho que andar outra vez a correr atrás dele?! É evidente que se perde a criatividade! Se calhar, até se cansa muito mais que o adversário. Quer dizer, eu gosto quando marco homem-a-homem, mas é um homem-a-homem... Imaginemos novamente a história do Rui Ferreira e do Ricardo Sousa: se o Ricardo Sousa for buscar a bola à meia lua da sua área, o Rui Ferreira não vai lá, espera que ele avance no terreno! Ir a correr atrás dele para vir? Não! É uma zona homem-a-homem em determinadas zonas do campo, não é em todo o campo. Se fosse em todo o campo, estávamos desgraçados. Agora, também não estou nada de acordo em que ele ganhe a bola e, tendo

oportunidade de poder ganhar espaço e de lançar a equipa para o ataque, espere para passar a bola a outro e que seja esse outro a fazer o trabalho, dando tempo a que a equipa adversária se organize. Porque existe outro médio que, quando o Rui Ferreira sobe, o vai marcar. Tem que haver uma simbiose e uma entre-ajuda entre todos para que as coisas possam ser eficazes.

N.A. - O Maradona também tem uma afirmação curiosa. Diz que gostava mais que o marcassem individualmente porque se livrava mais facilmente dos adversários. Refere também que, com a marcação à zona, era mais complicado.

Inácio - Porque quando a equipa adversária defendia à zona, ele tinha sempre mais do que um obstáculo. Se calhar não tinha só aquele, tinha outros. E homem-a-homem, com a virtude e a classe que ele tinha, era mais fácil. Esses são os jogadores que não se podem marcar homem-a-homem. Por duas razões: primeiro, porque a equipa acaba, se calhar, só com dez; segundo, porque sabendo os jogadores da equipa que um colega o está a marcar em cima, não estão tão preocupados em marcá-lo, só que o jogador pode conseguir ultrapassar aquele obstáculo e, soltando-se, marca mais a diferença. Eu não marcava o Maradona homem-a-homem, marcava-o à zona. Mas isso são os génios.

N.A. - No caso concreto da forma como a sua equipa defende, como é que faria essa marcação à zona ao Maradona? Disse à pouco que cada um dos seus jogadores, na respectiva zona de intervenção, tem um adversário directo para marcar...

Inácio - Eu vi isto em Itália quando fui ver o Atalanta. O Atalanta jogava com três centrais, um deles o Montero, o *libero*, e a equipa adversária jogava com dois pontas-de-lança. Vamos imaginar que o Maradona jogava na equipa adversária e que, ao sair da marcação, ganhava espaço para levar a equipa para a frente. Quem é que ia marcar o Maradona, se os outros jogadores estavam a marcar os outros homens do meio campo? É o Montero, que está a *libero*, ou é um dos dois centrais, ambos em marcação aos pontas-de-lança? Era o Montero que ia ao encontro do jogador livre em posse da bola, neste caso do Maradona. E eu perguntei assim: «não era mais fácil sair um dos centrais, por estarem mais perto?» No momento em que o central sai para ir ao encontro do jogador livre e em que o *libero* vai ao encontro do ponta-de-lança, há a desmarcação do adversário e essa desmarcação (aquele segundo) pode fazer a diferença e dar em golo. Então, era o *libero* que saía ao encontro do Maradona. Eles achavam que aquilo era muito mais eficaz e eu cheguei à conclusão que sim, que tinham razão. Isto a jogar com três. A jogar com dois centrais, se um médio for ultrapassado tem que ir o outro médio. É verdade que com isso solta-se o outro jogador, mas tem que ir alguém ao encontro daquele que tem a bola. Por exemplo, o Deco abre muitos espaços para os colegas, porque quando sai da marcação do seu adversário directo, obriga a que outro adversário tenha que ir ao seu encontro. Para sair outro adversário ao seu encontro, alguém vai ficar livre de marcação. Só existem onze jogadores! É evidente que vai haver um espaço. E a classe de um jogador está em saber quando é que passa e quando é que continua a levar a bola. Mas estamos a falar de desequilibradores natos! Isso aí tem a ver com o talento, já não tem a ver com a organização da equipa. O talento do jogador também marca a diferença.

N.A. - E se os jogadores, em vez de marcarem cada um o seu adversário directo (nas suas zonas de intervenção), procurassem fazer o campo mais pequeno, procurassem estar em bloco com coberturas sucessivas, ou seja, procurassem estar em função da bola?

Inácio - Continuo a dizer a mesma coisa: nunca podemos dissociar o talento do jogador. Não há organização nenhuma que resista quando o talento do jogador tira um ou dois adversários do caminho. Essa situação desequilibra tudo completamente! Nós podemos dizer: «este jogador marca o jogador A, aquele o Jogador B, aquele o C,...». Mas, quando um Deco (ou um Maradona) tira um ou dois jogadores da bola, ainda que a marcação cá atrás esteja feita, os outros médios começam a ficar soltos e é muito complicado. Aí já não é uma questão de organização da equipa, é uma questão do talento do jogador. Eu posso dizer para o Rui Ferreira marcar o Deco em cima, em cima mas na zona (na nossa zona do campo). Eu vou jogar assim quando aqui vier o Porto e já sei que o Deco vai andar na esquerda, na direita e no meio e portanto, no nosso meio campo o Rui Ferreira vai andar em cima dele. Se o Deco for buscar a bola ao seu meio campo, o Rui Ferreira deixa-o ir. Mas, quando o Deco começa a passar por um e por outro, não há hipótese nenhuma em termos de organização. Aí já não há organização nenhuma.

N.A. - Quais são, para si, as grandes vantagens de uma equipa defender homem-a-homem?

Inácio - É não deixar a equipa adversária jogar. A grande vantagem é não deixar a equipa adversária pensar o jogo e jogar. Há uma coisa que é fundamental: não deixar jogar a outra equipa, mas, quando tivermos a bola, sabermos o que temos que fazer para jogar. E o que é que se nota muitas vezes? É que as equipas não deixam jogar o adversário, mas também não jogam. E fica um jogo chato! Veja-se o exemplo do último Boavista-Guimarães: o Boavista não deixava jogar o Guimarães, o Guimarães não deixava jogar o Boavista e, depois, faltou talento, faltou alguma classe às duas equipas para jogarem melhor, para saltarem para o ataque.

N.A. - Ainda relativamente à defesa à zona, normalmente diz-se que essa é uma forma de defender passiva, que se dá a iniciativa de jogo ao adversário. Concorda?

Inácio - Depende da zona do campo. Eu não permito que a equipa adversária tenha iniciativa a partir do momento em que entra no meu meio campo. Aí não pode ter iniciativa! Nós temos que estar logo em cima do portador da bola para que não haja possibilidade de ele jogar. Eu não admito que tenham essa iniciativa.

N.A. - Então uma equipa que defende à zona não tem, necessariamente, que estar a dar iniciativa ao adversário?

Inácio - Não, não quer dizer que esteja a dar.

N.A. - O Valdano tem uma afirmação curiosa. Refere que quem marca homem-a-homem corre por onde o adversário quiser, que o defensor se torna num prisioneiro...

Inácio - Vamos lá a ver, eu não estou a ver como é que o central, estando a marcar o ponta-de-lança, está prisioneiro. Eu não estou a ver! Se o ponta-de-lança o levar para a bandeirola de canto, aí sim, ele é prisioneiro. Agora, estando ali assim na sua zona... Como é que fazia o Hierro? Como é que ele jogava? Ele não corria atrás dos jogadores adversários, mas isso era uma característica dele, e nós temos que aproveitar as características de cada jogador. Por exemplo, eu não vou dizer ao João Tomás para ir fechar o lado esquerdo da nossa defesa caso o defesa direito adversário resolva subir. E porquê? Ele faz aquilo uma vez, mas depois é preciso discernimento na zona da área para fazer golos e ele está cansado! Portanto, não quero isso para nada. O Valdano também era assim, era um jogador com pouco «espírito colectivo» para ganhar a bola quando a sua equipa não a tinha, mas depois, ali naquela zona, era excelente, era bom jogador.

Portanto, o defesa é prisioneiro se estiver sempre com o mesmo homem e não o largar durante o jogo todo. Assim é prisioneiro!

N.A. - Mas imaginemos o caso de um jogador que, no seu raio de acção, marca homem-a-homem o seu adversário directo. O seu adversário pode arrastá-lo tentando criar espaços...

Inácio - Isso é evidente. Mas se jogarmos à zona é a mesma coisa! A função dos jogadores que não têm a bola é tentar desequilibrar e ganhar espaços onde, posteriormente, os nossos colegas possam entrar ou meter a bola, mas isso acontece seja à zona, seja homem-a-homem. Eu quando digo homem-a-homem... penso que ainda não me expliquei bem... Por exemplo, quando a equipa adversária tem a bola e entra no nosso meio campo, os meus jogadores marcam homem-a-homem, mas isso não quer dizer que o meu médio direito marque sempre o número catorze adversário. Não! É um homem-a-homem sem «números», é um homem-a-homem na zona, na zona onde está a bola.

N.A. - Mas, por exemplo, quando a equipa adversária joga com dois extremos ou dois alas bem abertos, uma coisa que se vê com alguma frequência, e que deriva dos jogadores terem um adversário directo para marcar, é uma grande distância entre os dois centrais e os laterais...

Inácio - Exactamente. Certo. Esse é um dos problemas que se coloca à minha equipa. Um dos treinos que eu tenho com eles serve precisamente para eles perceberem quando é que um dos três defesas tem que ir ao extremo. Por exemplo, se o adversário joga com um extremo direito e o lateral direito também resolve subir, o Rubens Júnior não dá para os dois, só dá para um. Então e o outro, quem é que o marca? Portanto, se o defesa direito subir, o Rubens Júnior tem que ir logo para cima dele. E quem vai marcar o extremo? O terceiro defesa, o Rogério Matias. E passo a jogar no meio com dois centrais. O problema aqui é só o Rubens Júnior perceber quando é que marca o extremo e quando é que marca o lateral. O problema é este movimento. Se não estiver treinado e sintonizado, dá muitos problemas.

N.A. - Em Portugal, como é que a maioria das equipas defende?

Inácio - Jogam sempre com quatro defesas, dois trincos dois médios alas (ou extremos) a fecharem para os laterais adversários não subirem, um homem por detrás do ponta-de-lança e um ponta-de-lança solto. É assim que quase todas as equipas jogam.

N.A. - E cada jogador marca o adversário que cai na sua zona de intervenção?

Inácio - É. Quase todos jogam assim. Repare... a maioria... agora está muito em voga o 4-3-3, mas, por exemplo, o Boavista não joga com extremos, o Marítimo não está a jogar com extremos, ambos jogam com três trincos. Extremos? Zero! São os laterais. Agora, é complicado entrar naquele meio campo! Mas também para eles irem lá à frente... vão lá à frente quantas vezes por jogo? Quatro vezes? Cinco vezes? Não vão muitas vezes! A qual é a primeira intenção? Não sofrer golos. Então e o futebol ofensivo? Por exemplo, o Marítimo tem três jogos, três vitórias. Está bem, mas ganhou os três jogos por 1-0. Mas, se virmos o jogo do Marítimo, o que é que podemos

tirar dali? Ganham, pronto, é o que conta. Têm nove pontos e nenhum golo sofrido. A primeira ideia é não sofrer golos e tentar marcar um e, quando assim é, o futebol tem que ser muito mais defensivo do que ofensivo. São ideias. Eu também olho para o futebol italiano e não gosto, acho que é um futebol de marcação, marcação, marcação,... à espera de um golpe de génio.

N.A. - As equipas portuguesas, na sua maioria, acabam também por ser muito obcecadas pela marcação?

Inácio - É exactamente isso. O mais importante é não deixar as outras equipas jogarem. Primeira ideia: não deixar a equipa adversária jogar.

N.A. - Mas, por exemplo, também não me parece que o Porto deixe os adversários jogar, contudo, não se vê tanto essa obsessão por marcar, marcar, marcar,...

Inácio - Mas tem talento. Estamos a falar de uma equipa que tem talento. O Maniche tem talento, o Deco tem talento, o Costinha sabe jogar. Por exemplo, o Costinha e o Rui Ferreira jogam na mesma posição, mas, enquanto o primeiro passa bem a bola, joga e aparece, o segundo corta a bola, mas em cinco passes falha quatro. É uma questão de qualidade dos jogadores. E o Porto tem qualidade. Eu sei que a minha equipa tem qualidade e não tenho medo, agora, admito que os outros clubes que têm jogadores de menor qualidade técnica tenham que jogar assim, é normal. O nível do futebol de um país, ou de um clube, tem a dimensão da qualidade técnica dos seus jogadores.

ENTREVISTA A CARLOS CARVALHAL
Treinador Principal do Vitória Futebol Clube
 Estádio do Bonfim (Setúbal), 21 de Julho de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Concordas com a ideia de que ninguém ganha a jogar só ao ataque e que para ganhar também é preciso defender?

Carlos Carvalho (Carvalho) - Claro. No fundo, o jogo é feito de equilíbrios. Ninguém consegue atacar bem se não tiver a equipa equilibrada para defender e ninguém consegue atacar bem se, a defender, a equipa não estiver preparada para atacar. Os equilíbrios são importantíssimos. Estar com a equipa permanentemente equilibrada é meio caminho andado para se poder ganhar.

N.A. - Faz então sentido falar em atacar contemplando a possível perda da bola...

Carvalho - Exactamente. Como também faz sentido defender estando a perspectivar o ataque. E existe o lado treinável destas relações.

N.A. - Em relação ao atacar contemplando a possível perda da bola, estamos, no fundo, a falar do equilíbrio defensivo no ataque. Que medidas tomas, em termos práticos, para garantir esse equilíbrio?

Carvalho - No momento de transição após a perda, quero que exista, por parte dos jogadores mais próximos da zona da bola, uma tentativa imediata de a recuperar. E como? Pressionando muito o portador da bola, aumentando a pressão na zona onde ela se encontra e não permitindo que o adversário se organize. Este primeiro momento – a transição após perda da posse de bola – é aquele que entendemos ser o melhor momento para tentar recuperar a posse de bola. Depois, num segundo momento, conseguindo o adversário, com mérito, tirar a bola da zona de pressão, quero, fundamentalmente, que a equipa esteja equilibrada a defender.

N.A. - E antes de perder a bola? Como é que contemplas esse equilíbrio nos momentos em que tens a bola?

Carvalho - Fundamentalmente, quero que os espaços estejam ocupados racionalmente. Nós damos uma grande margem de flexibilidade, em termos ofensivos, aos nossos jogadores e isso pressupõe que eles façam muitas trocas. Dentro das trocas que possam fazer (as quais são treinadas), quem assume posições de equilíbrio tem que estar a equilibrar a equipa. Agora, tanto pode ser um médio como, circunstancialmente, um avançado a fazer um equilíbrio, por estar, momentaneamente, nessa posição. Portanto, há sempre jogadores que estão preparados para equilibrar a equipa, mas não discriminamos que é o A, o B e o C. Alguns jogadores, pelas suas posições naturais, cumprem mais essas funções, mas, como privilegiados muitas trocas e as situações são abertas, em função das jogadas, da posição da bola e do posicionamento do adversário e dos nossos jogadores, esse equilíbrio tem uma componente aleatória muito grande, ainda que não deixe de ser treinado e organizado.

N.A. - O que é, para ti, defender bem?

Carvalho - Defender bem é tentar conquistar a posse de bola o mais rapidamente possível, sem que isso pressuponha que a equipa tenha que recuar no terreno e encostar-se à sua grande área. De forma alguma, bem pelo contrário! Se nós tivermos a posse de bola e andarmos perto da baliza adversária, quando a perdermos, eu quero que a minha equipa a procure ganhar o mais rapidamente possível e, portanto, ela terá que a tentar recuperar logo aí no meio campo adversário. É evidente que essa situação pressupõe que a equipa esteja muito bem organizada, o que implica muito trabalho e muito investimento. Portanto, para mim, defender bem passa por tentar ganhar a bola o mais rapidamente possível e o mais alto possível.

Deixa-me agora fazer um pequeno parêntesis. Poderá acontecer, por questões estratégicas, que nós entendamos fazer pressão média-baixa em vez de uma pressão alta. Por exemplo, frente a uma equipa que tenha defesas muito altos, mas lentos, talvez nos interesse mais ganhar a bola no nosso meio campo. Assim sendo, poderemos utilizar a estratégia de baixar um bocado a pressão no sentido de levar o adversário a tomar conta do jogo e, depois, tentar que a nossa equipa consiga explorar as costas do adversário. Agora, isto é o lado estratégico do jogo e eu procuro esse lado para o ganhar, não significando isto que eu vá adular a matriz. Se a matriz – o comportamento global da equipa – é ganhar a bola por pressão alta, ainda que num determinado jogo nós a possamos estrategicamente alterar, ela manter-se-á nos jogos seguintes. Portanto, defender bem pressupõe ganhar rapidamente a bola na zona onde nós decidimos tentar ganhá-la.

N.A. - Temos que ser menos ofensivos para defender bem?

Carvalho - Não. Acho que temos que ser extremamente defensivos quando perdemos a bola, entendendo o *pressing* como um elemento defensivo. A expressão «extremamente defensivo» pode levar-nos a duas situações distintas: a primeira hipótese prende-se com o perder a bola e procurar recuperar rapidamente posições, colocar os

jogadores atrás da linha da bola e jogar no meio campo defensivo; a outra hipótese, da qual eu sou apologista, é ser «extremamente defensivo» na luta agressiva pela posse de bola, o mais perto possível da baliza adversária. Isto é, tem a ver com o procurar ter muita agressividade defensiva, mas defensiva pela qualidade, porque a pressão é organizada e feita muito longe da nossa baliza, o que vai tornar a equipa mais ofensiva (por estar mais perto da baliza adversária). Mas, quando falamos em *pressing*, não podemos falar em *pressing* atacante, pois o *pressing* é sempre uma situação defensiva.

N.A. - Será correcto afirmar que, quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que defender, por estar exposta a maiores riscos?

Carvalho - Acho que sim. Acho que sim e deve estar melhor organizada para defender. Para mim, se uma equipa é ofensiva, se gosta de jogar no meio campo ofensivo, se se sente bem a jogar perto da baliza adversária, ela deve investir o máximo possível em que os seus jogadores tenham agressividade defensiva logo à saída da grande área adversária. Contudo, ela só consegue fazer isso distinguindo dois tipos de pressão: uma coisa é aquilo que eu denomino de «pressão organizada», que é treinada, com a qual é preciso «perder» muito tempo e onde é necessário que os jogadores interiorizem muito bem aquilo que têm que fazer; outra coisa é aquilo que eu denomino de «pressão emocional», a qual é uma pressão que não é organizada, que acontece pela vontade dos atletas e que, por sair muito de dentro do seu íntimo, às vezes até funciona. Mas é às vezes!

N.A. - Eu pergunto isto por me parecer que algumas equipas até investem no ataque com qualidade, mas acabam por descuidar a defesa e os equilíbrios defensivos no ataque...

Carvalho - Aquilo que eu te posso dizer é que se construirmos uma equipa agressiva ofensivamente, se colocarmos muita gente na zona de finalização, mas não treinarmos a recuperação rápida da bola, o risco aumenta. Porque ficamos mais expostos, porque vamos ter jogadores a fazer longas distâncias da zona defensiva até à zona ofensiva e depois a recuperar novamente até à zona defensiva. Jogando dessa forma os riscos aumentam, mas penso que estes podem ser reduzidos se, ao libertarmos a equipa em termos ofensivos com muitas unidades, a tornarmos simultaneamente agressiva na zona onde temos mais unidades, isto é, aumentando a pressão na zona ofensiva.

N.A. - Daí a necessidade de se visualizar de forma interligada o processo defensivo e o processo ofensivo. Tem que existir coerência entre eles, não é assim?

Carvalho - Sem dúvida.

N.A. - A forma como se defende pode, então, ter repercussões, sejam elas positivas ou negativas, na forma como se pretende atacar?

Carvalho - O facto de eu ganhar a bola perto da baliza adversária vai-me condicionar a forma como vou atacar, do mesmo modo que o facto de eu ganhar a bola na zona intermédia ou na minha zona defensiva me vai condicionar a forma como vou atacar. São três formas diferentes, isto é, se eu tenho uma equipa preparada para jogar em ataque rápido ou em contra-ataque acaba por ser um bocado ilógico fazer pressão alta, certo? Se eu preparo a minha equipa durante a semana para jogar contra equipas com espaço nas costas, para realizarem lances de desenvolvimento do ataque com o objectivo de aproveitar o espaço nas costas do adversário, parece-me um bocado ilógico fazer pressão alta. Se aquilo que eu pretendo é jogar, fundamentalmente, em ataque rápido e em contra-ataque, então, devo fazer uma pressão média-baixa. Essa deve ser a matriz do meu jogo e do meu treino. Se aquilo que eu quero é jogar em ataque organizado, devo apostar na pressão alta, para ganhar a bola logo no meio campo adversário. É importante que se perceba o seguinte: se queremos pressionar alto, é porque queremos jogar em ataque organizado. Ninguém pressiona alto para jogar em contra-ataque, porque ao pressionarmos alto vamos ter pouco espaço nas costas do adversário.

No ano passado (época 2001/2002), estava eu no Leixões, defrontámos uma equipa que defendia sempre atrás e que jogava sempre em ataque organizado. Foi o Sporting, na final da Taça de Portugal. E a verdade é que eles não deixavam de ser eficazes! O Sporting defendia no seu meio campo e nunca partia, mesmo em situações de igualdade numérica, para ataque rápido. E defendia com pressão média-baixa! São estratégias! A verdade é que foram campeões e ganharam a Taça de Portugal. Agora, eu tenho outro entendimento das coisas. Foi campeão, pronto. Mas porquê uma pressão média-baixa quando jogava em ataque organizado? Tinha o Jardel que não é um jogador rápido, o próprio João Pinto não é um jogador nem de ataque rápido nem de contra-ataque, jogava o Pedro Barbosa na esquerda que só queria a bola no pé, poderia arriscar mais na velocidade quando jogava com o Quaresma, mas não o fazia, talvez por uma questão de matriz de jogo. Perante este cenário, eles pensavam assim: «ganhámos a bola, vamos ser pacientes, porque a qualquer momento criamos uma situação para o Jardel marcar golo». Penso que era um bocado este espírito. Esta foi a matriz que eu identifiquei, uma vez que vi muitos jogos do Sporting para preparar a final da Taça. Para além disso, talvez os jogadores não tivessem disponibilidade para

pressionar. Também é preciso contar com isso. Por exemplo, o Jardel pouca capacidade de pressão tem, o João Pinto mais ou menos, o Pedro Barbosa não tem,... E esta é uma situação com que o treinador tem também que se debater. Muitas vezes, as características dos jogadores não vão ao encontro daquilo que o treinador pretende para a equipa. Penso que isto também se verificou no Sporting. De qualquer forma, ainda que sob um contexto um pouco atípico, o treinador conseguiu equilibrar a equipa e esta foi eficaz.

N.A. - Para ti, o que é isso de defender à zona?

Carvalho - A primeira grande preocupação de uma equipa que defende à zona é o posicionamento da bola. A bola comanda o movimento dos meus jogadores, isto é, não é a equipa adversária que vai comandar a forma como os meus jogadores se vão movimentar, mas sim a posição da bola. Depois, em função da posição da bola, é possível definir zonas de pressão mais agressiva e zonas de pressão menos agressiva. Nas zonas laterais, devemos procurar fazer uma pressão mais agressiva, com mais unidades a bascular para a zona da bola, com preocupações com a bola e a zona da bola. Fundamentalmente, estando a bola numa lateral, a intensidade da pressão tem que aumentar sobre o seu portador. Também devemos fazer uma zona agressiva no corredor central, embora aí devamos temporizar um pouco mais. No fundo, quem defende à zona preocupa-se com a bola, sendo esta a definir o posicionamento dos jogadores. É esta a grande diferença em relação às outras formas de defender.

N.A. - Associaste imediatamente a zona à pressão, porém, por aquilo que me tem sido dado a perceber, parece existir a ideia, por parte de alguns treinadores e comentadores, de que a zona é uma forma de defender passiva. Quando uma equipa está toda lá atrás a defender é comum ouvir-se dizer que ela está a defender à zona, da mesma forma que é comum ouvir-se dizer que quando uma equipa defende à zona dá tempo e espaço para o adversário pensar...

Carvalho - A agressividade não tem nada a ver com o facto da equipa defender à zona, homem-a-homem ou individualmente. Podemos defender à zona sem agressividade, posicionando-nos à zona e basculando em função da bola, mas sem colocarmos agressividade ou intensidade nas nossas acções. Isso não deixa de ser zona, mas não é uma zona agressiva! Eu gosto mais de defender à zona pressionando o adversário logo no seu meio campo, e isto é perfeitamente possível, porque as minhas equipas fazem-no.

N.A. - E quanto à associação entre uma equipa fechada, retraída no seu meio campo, e a defesa à zona?

Carvalho - Não estou a ver qualquer associação! Quem utiliza essas situações fá-lo, quanto a mim, ou devido às características dos jogadores que possui ou por uma questão de filosofia. Fá-lo no sentido de não haver muito espaço nas costas dos seus defesas e para ter os jogadores muito juntos uns dos outros para defenderem em superioridade numérica. Ou seja, a zona limite da grande área é um local onde é fácil aglomerar jogadores para defender e para ganhar bolas. Pode fazê-lo também tendo em vista o lado estratégico de explorar as costas dos defesas contrários, quando estes são lentos. De qualquer forma, eu não estou muito habilitado para falar disso, porque normalmente são coisas que eu não faço.

N.A. - Mas todas essas características de que falaste têm ligação a uma organização defensiva à zona?

Carvalho - Não, não tem nada a ver! Eu posso ter a equipa toda recuada junto à sua grande área e estar a defender homem-a-homem, do mesmo modo que posso defender em cima da grande área adversária e estar a defender homem-a-homem. Muitas equipas fazem isto. Mas também posso pressionar alto e estar a defender à zona. O Porto, por exemplo, faz isso. O Porto defende à zona e não se mete encostado à sua grande área. Ele defende alto e utiliza a zona.

N.A. - Quais as diferenças, se consideras que existem, entre a defesa homem-a-homem e a defesa individual?

Carvalho - Fala-se em defesa individual ou marcação individual quando um jogador tem como função marcar um determinado adversário e anda atrás dele pelo campo todo. Na defesa homem-a-homem, os jogadores fazem marcação dentro das suas zonas de acção. Por exemplo, se eu sou defesa direito e o extremo esquerdo cai na minha zona eu vou marcá-lo homem-a-homem, isto é, não vou ter como preocupação a zona e as coberturas aos meus companheiros, mas sim o homem que caiu no meu raio de acção.

Deixa-me dar-te mais um exemplo. Neste momento, eu estou a jogar com três centrais e inicialmente eles tinham uma grande preocupação em procurar jogadores para marcar quando não tinham a bola. Isto agora já não se verifica, mas o que acontecia era que, como jogávamos com três centrais, normalmente apenas havia um adversário para três jogadores dos nossos e, então, existia uma preocupação muito grande de um dos três centrais ir para cima do lateral ou do médio centro. Agora já não, já conseguimos estabilizar o nosso jogo. Agora já conseguimos jogar na zona, ou seja, mesmo que o adversário lá tenha apenas um jogador, nós temos os três. A minha luta tem sido levar os jogadores a manter as posições, a não fugirem da posição por não terem jogadores

para marcar. A preocupação tem que ser manter a posição em função da zona onde está a bola e bascular para o lado da bola.

N.A. - Fará sentido dizer que tudo o que a defesa homem-a-homem tem de negativo é exacerbado pela defesa individual?

Carvalho - Exactamente.

N.A. - Podes dizer-me alguns indicadores que permitam dizer que uma equipa defende à zona? Quando se está, por exemplo, a ver um jogo...

Carvalho - Normalmente, é a distância entre os jogadores e entre as linhas. Quando uma equipa defende à zona, há uma basculação para o lado da bola e um fechar do lado interior ao lado contrário da bola. E isto é bem perceptível. Na própria ocupação dos espaços vê-se bem se uma equipa defende ou não à zona: uma equipa que defende homem-a-homem anda sempre emparelhada, anda aos pares com o adversário; uma equipa que jogue na zona não anda emparelhada, existe um padrão colectivo de posicionamento em função do fecho do lado interior e da basculação para o lado da bola.

N.A. - Por aquilo que me tem sido dado a perceber, algumas pessoas entendem que, defendendo à zona, o jogador é sempre responsável pela mesma zona. Concordas? Ou a zona que cada jogador defende vai sendo diferente em função da posição da bola?

Carvalho - A zona que cada jogador defende vai sendo diferente em função da bola. Claramente. Por exemplo, os meus três defesas têm um posicionamento completamente diferente em função da posição da bola e em função da situação de jogo. Eles são obrigados a ter uma plasticidade muito grande de movimentos e de intervenção num raio de acção bastante grande e onde se movimentam em complemento com os restantes colegas e em função do posicionamento da bola. Portanto, modificam muito a sua posição.

N.A. - Só existe uma forma de defender à zona ou é possível defender à zona de várias formas?

Carvalho - É evidente que jogar atrás, jogar mais à frente e ter uma perspectiva de zona são coisas completamente diferentes. Uma equipa que faz uma zona-*pressing* fundamentalmente no meio campo ofensivo é uma equipa muito agressiva no sentido de querer ter a bola muito rapidamente e tem um futebol diferente daquele que é praticado por uma equipa que defende à zona, mas que pressiona no seu meio campo defensivo para depois explorar a velocidade dos seus jogadores. São coisas completamente diferentes! Se calhar, os princípios inerentes à zona até são os mesmos, agora, a agressividade com que se parte à conquista da bola, a agressividade no sentido de querer a bola, de buscar a bola, é diferente consoante se faça uma pressão alta ou média-baixa ou consoante se faça pressão ou se opte por estar na expectativa. Eu penso que é sobretudo aí, na agressividade pela conquista da bola, que a zona pode ser diferente. Uma equipa que faz pressão alta tem que ter uma grande disponibilidade, tem que estar muito bem organizada e, também muito importante, tem que querer a bola! Já uma equipa que recua para defender no seu meio campo, ainda que possa (e deva) ser agressiva quando a bola se aproxima, acaba por ser uma equipa que não a procura muito. Pelo menos, nunca tanto quanto uma que pressione alto e que seja agressiva na procura da bola. Uma coisa é estar à espera para ser agressivo e tentar conseguir a posse de bola, outra coisa é ir à sua procura.

N.A. - Entendendo o conceito de marcação como uma acção cujo objectivo é anular o adversário directo, quando é que os seus jogadores devem marcar?

Carvalho - Devem marcar... devem aumentar a pressão sobre... primeiro na sua zona, ou melhor, no lado onde a bola está, fundamentalmente nas zonas laterais... Eu não posso dizer isso, eu não posso dizer que eles têm que marcar...

N.A. - Defendendo uma equipa à zona, não será mais correcto falar-se em oposição, isto é, os jogadores e a equipa exercem oposição sobre o portador da bola?

Carvalho - Exerce-se oposição sobre o portador da bola e limitam-se ao máximo as linhas de passe curtas (porque as longas são difíceis de limitar). Mas só conseguimos isto fazendo o quê? Fazendo uma zona agressiva, ou seja, limitando ao máximo o tempo e o espaço ao portador da bola e cobrindo as linhas de passe por superioridade numérica do lado da bola. Para mim, aquilo que define uma zona agressiva é a agressividade que nós colocamos sobre o portador da bola. Ele não pode ter acesso à visão periférica, tem que estar concentrado com o domínio da bola, e só conseguimos isto se colocarmos um jogador, pelo menos, perto do adversário com bola. Aí, ele fica sem visão periférica. Muitas vezes, o problema de fazermos uma zona que não é agressiva tem a ver precisamente com isto, ou seja, o portador da bola tem acesso à visão periférica e consegue sair da zona de pressão.

N.A. - Alguns treinadores referem que defendem à zona, que têm a preocupação de ter as linhas próximas e o bloco curto, mas que os jogadores, nas suas zonas, marcam o homem que lá se encontra. Não achas que acabam por ser dez duelos individuais?

Carvalho - O que eu te posso dizer é o seguinte: colocar mais jogadores que o adversário do lado da bola e cortar linhas de passe transporta agressividade para a zona. Depois, obviamente, existindo uma maior densidade de jogadores da nossa parte na zona da bola, há um aproximar aos jogadores adversários. Agora, não é uma marcação, mas sim um aproximar aos jogadores, porque isso é que torna a zona agressiva. Por exemplo, se a bola vai para o corredor direito, a nossa equipa flutua para esse lado e, ao estarem lá três jogadores adversários, vai existir um encostar aos jogadores, não por obrigação de alguém ter que marcar esses jogadores, mas sim para existir uma aproximação aos jogadores adversários e, fundamentalmente, ao portador da bola. E, normalmente, nestas circunstâncias restam sempre jogadores que não estão sequer perto de adversários, mas sim perto da zona da bola, pois isso é que é fundamental. Não sei se me estou a fazer entender... Não se trata de uma marcação, existe é um roubar de espaço e de tempo ao portador da bola e aos jogadores que lhe estão mais próximos, há é um cortar de linhas de passe através de uma superioridade numérica do lado da bola.

N.A. - Achas possível um jogador estar preocupado em marcar e, ao mesmo tempo, conseguir manter as relações de cobertura com os colegas?

Carvalho - Acho, acho que é possível. Imagina que o adversário está a jogar no nosso meio campo e coloca a bola no lateral direito. A nossa equipa vai fazer uma basculação no sentido de se aproximar desse jogador. Se o adversário está a jogar com um extremo direito bem adiantado, tentando afastar linhas, o nosso lateral esquerdo vai aumentar a pressão sobre ele, fazendo uma aproximação. E é possível o nosso lateral ter essa preocupação de ser mais agressivo sobre o extremo e, ao mesmo tempo, manter as relações com os colegas. Estamos a fazer uma pressão organizada e o lateral, em função da zona, está a marcar, a aumentar a agressividade sobre o extremo, e a manter relações com os colegas. Agora, em termos gerais, e no caso das equipas que defendem homem-a-homem, penso que se perdem as noções de cobertura e de compensação. Perde-se solidariedade e passa a haver uma preocupação mais individualizada e menos colectiva com o jogo.

N.A. - O Maradona tem uma afirmação curiosa. Ele refere que com a experiência foi percebendo que gostava mais que o marcassem individualmente porque se livrava mais facilmente dos adversários. Com a marcação à zona era mais complicado. Ou seja, por um lado uma «vedeta» diz que prefere que o marquem individualmente, por outro, os treinadores têm a tendência de marcar individualmente as «vedetas». Podes comentar?

Carvalho - As situações de duelo individual facilitam a vida a quem tem uma grande capacidade ofensiva ou a quem tem uma grande capacidade defensiva. Os bons jogadores, que são os que normalmente são marcados individualmente, têm uma grande capacidade ofensiva e, assim sendo, em situações de duelo individual têm mais facilidade em ganhar vantagem. Mais dificuldades terão, com toda a certeza, se lhes reduzirem o espaço e o tempo para pensar. E, para isso, muito mais importante do que ter jogadores preocupados em marcar os bons jogadores adversários, é ter toda uma equipa preocupada com a individualidade e o colectivo da equipa adversária. Eu nunca fiz uma marcação individual.

N.A. - Então, por exemplo, porque é que a tendência é para as equipas marcarem individualmente o Deco?

Carvalho - Talvez por ser uma situação que transmite, na consciência dos treinadores, maior segurança. Penso que seja por aí, mas não concordo com essa situação. É por pensarem, porventura, que têm um jogador que no aspecto defensivo de marcação é capaz de superar a capacidade ofensiva do jogador adversário e que, com esse argumento, podem fazer diminuir a influência dele na equipa adversária. Penso que é esse o pensamento de quem opta por fazer marcações individuais. Agora, se é correcto ou não, isso depende das situações e de quem está a avaliar. Já existiram grandes marcadores que conseguiram anular grandes jogadores, portanto, temos também que ter em atenção esse aspecto. Está subjacente a uma ideia de jogo que não é a minha, mas que tenho que respeitar.

Deixa-me fazer mais um parêntesis e supôr, por exemplo, que vou jogar contra o Benfica, onde o Zahovic é um jogador fundamental. Se eu jogasse contra o Benfica, eu nunca faria uma marcação individual ao Zahovic. Agora, era evidente que o jogador responsável pela zona onde estivesse o Zahovic teria que ter um maior cuidado na aproximação ao adversário para não o deixar receber a bola quando esta se aproximasse dele. Mas isto é completamente diferente de uma marcação individual, a zona mantém-se.

N.A. - Quando é que ficaste adepto da defesa à zona? Já na tua carreira como jogador gostavas mais de defender à zona?

Carvalho - A zona vem ao encontro de uma filosofia muito própria, pois permite-nos duas coisas fundamentais: primeiro, dá-nos a capacidade de impormos o nosso jogo e de não nos importarmos muito com o adversário; segundo, permite-nos definir zonas de pressão onde tentamos ganhar rapidamente a bola, de forma colectiva e não na individualidade.

Deixa-me dizer-te mais uma coisa que eu considero importante relativamente às zonas de pressão. Para mim, aquilo que define quem pressiona bem e quem pressiona mal é a forma como se pressiona o portador da bola. A pressão sobre o portador da bola tem que ser a pressão mais eficaz. Não adianta pressionar a zona de pressão e os jogadores próximos do portador da bola se não se pressionar o próprio portador da bola, porque dessa forma ele vai levantar a cabeça e vai ter todo o tempo para pensar e fazer o que quiser.

N.A. - Grandes vantagens da zona?

Carvalho - Grandes vantagens? Permite que a equipa ocupe os espaços de forma mais racional, isto é, os espaços são melhor preenchidos,... dá à equipa uma maior agressividade,... possibilita uma mais rápida recuperação da bola,... implica um menor dispêndio de energia,... apresenta características mais ligadas à qualidade de jogo do que à quantidade de jogo,... maior solidariedade,... uma zona bem feita transmite maior segurança,... liberta mais facilmente os jogadores para acções ofensivas e para a sua criatividade,...

N.A. - E desvantagens?

Carvalho - Poucas, poucas. Talvez o lado escuro, o lado contrário ao lado da bola. Vamos supor que tu estás a atacar sobre a direita e que a minha equipa começa a pressionar-te e a bascular para o lado da bola. É evidente que o lado contrário – o lado escuro – e os jogadores que lá se encontram acabam por ser um pouco descurados. Se houver uma mudança de flanco rápida e eficaz, podemos ter alguns problemas. Agora, se a zona e as basculações forem bem trabalhadas, isto é, se a zona for bem feita, essa possibilidade fica, à partida, anulada. Mas, de qualquer forma, o lado contrário ao lado da bola acaba sempre por ser um problema para quem trabalha a zona.

Outro problema está relacionado com as movimentações de jogadores nas «zonas neutras». Por exemplo, estando a jogar com dois centrais à zona, podemos apanhar um avançado que jogue muito bem nas «zonas neutras», porque dentro dessa coordenação entre os dois centrais existem determinados pontos que podemos considerar «zonas neutras».

N.A. - As «fronteiras»?

Carvalho - Exacto. As «fronteiras» têm que ser muito bem trabalhadas, porque, muitas vezes, há jogadores que se movimentam muito bem entre linhas e nas «zonas de fronteira» entre jogadores. Mas repito, isto só é um problema se não for devidamente trabalhado. De qualquer forma, o lado contrário à bola e as «zonas neutras» são os aspectos mais difíceis de trabalhar ao nível da defesa à zona.

N.A. - Ainda dentro das desvantagens da defesa à zona, um dos meus entrevistados anteriores referiu o problema de apanharmos uma equipa que jogue muito bem a um e dois toques. Não será este um problema para qualquer defesa, seja ela à zona ou homem-a-homem?

Carvalho - Vamos lá ver uma coisa, todos nós queremos preparar bem as nossas equipas. Se treinarmos a equipa para os quatro momentos, isto é, para atacar, para defender e para as duas transições, se treinarmos a equipa a tirar a bola da pressão assim que a recupera, vamos estar a criar dificuldades às equipas adversárias. Se eu procuro aumentar a pressão numa determinada zona e a equipa adversária treina para tirar a bola dessa zona de pressão, é óbvio que me vai criar dificuldades, porque há equipas que o conseguem fazer. O mais difícil da zona é quando as equipas conseguem circular a bola, a um e dois toques, e conseguem mudar a bola de corredor com facilidade, porque obriga ao bascular da equipa. Mas isso faz parte do jogo! Temos que perceber que a equipa adversária conseguiu com mérito levar a bola de um corredor para o outro e aliviámos a pressão até surgir um novo momento favorável ao aumento da pressão. A equipa tem que perceber que, em determinados momentos, tem que pressionar e que, noutros momentos, não adianta fazer uma zona agressiva. Mas não é dramático! Isto é uma consequência normal de se defender à zona e não o vejo, sequer, como um aspecto negativo. Para além disso, só uma equipa muito bem treinada é que consegue jogar a um e dois toques para tirar a bola da pressão, portanto, trata-se de uma luta de qualidade contra qualidade.

N.A. - É possível ter-se a iniciativa do jogo mesmo estando a defender?

Carvalho - Não, tu não consegues ter a iniciativa do jogo estando a defender. Só é possível ter a iniciativa do jogo tendo a bola. Se estamos a defender, não temos a bola e, portanto, a iniciativa do jogo não é nossa.

N.A. - Mas, com a zona, pode levar-se o adversário para zonas que nos interessam, pode-se induzi-lo a jogar por determinadas zonas...

Carvalho - Mas isso não é ter a iniciativa. Iniciativa está a ter o adversário porque tem a bola. Podemos ter a iniciativa para ganhar a bola, agora a iniciativa do jogo não a podemos ter, porque não temos a bola. Quem tem a bola é quem ataca. Não se pode atacar sem se ter a bola. A pressão é um meio defensivo e não um meio ofensivo. Agora, concordo com a possibilidade de induzir o adversário a jogar por determinadas zonas. Imagina que vais defrontar uma equipa que tem um lateral esquerdo que é um excelente condutor de jogo, mas também um lateral direito que tem grandes dificuldades na construção de jogo, apesar de defender muito bem. É possível induzir a equipa adversária primeiro a não bater a bola para a frente, baixando ligeiramente a pressão e convidando o adversário a jogar, e podes induzir, através de comportamentos dos teus avançados, que a bola, com alguma previsibilidade, vá passar pelo lateral direito. E, partir daí, fazer uma pressão bastante alta e bastante forte sobre essa zona. Portanto, isto é um lado treinável. Por outro lado, podes não olhar para o lado estratégico do jogo, mas sim, escolheres como matriz do teu jogo a definição de uma determinada zona onde, quando a bola aí cair, tu inicias a pressão, porque é um indicador de pressão. Assim como pode ser indicador de pressão um determinado comportamento de um jogador adversário. Por exemplo, um jogador adversário do meio campo ou um qualquer jogador adversário que no seu meio campo defensivo tenha a bola e esteja de costas para a nossa equipa, poderá ser um indicador de pressão sobre essa equipa. Estou a dar apenas um exemplo, mas posso criar muitos mais. Indicadores que a equipa adversária transmita em qualquer altura e que nos dê um "click" de que é agora que vamos iniciar a pressão para ganhar a bola. É a equipa adversária que nos dá essa indicação. Mas isto requer treino. Existe um conjunto de situações que se pode fazer para induzir as equipas adversárias a terem um determinado tipo de comportamentos, sem que elas pensem nisso.

N.A. - Vantagens da defesa homem-a-homem?

Carvalho - Não vejo muitas. Vejo, eventualmente, a tentativa de, tendo um bom marcador, anular um bom avançado. Mas isto apenas dentro de uma linha de pensamento, porque para uma equipa que defenda à zona isso é impensável. Portanto, numa outra linha de pensamento, poderão as pessoas achar que isso é uma vantagem, mas, da forma como eu entendo o futebol, penso que é sempre uma desvantagem. Sempre.

N.A. - Para ti, o que é que prevalece em termos profissionais ao nível da Superliga, a defesa à zona ou a defesa homem-a-homem?

Carvalho - Na Superliga prevalece o jogo «cara a cara», aquilo a que eu chamo de jogo «cara a cara», que é um jogo de pares, «cara a cara». As equipas andam quase sempre de «cara a cara»: defesa com avançado, médio com médio,... Dentro do raio de acção de cada jogador existe uma preocupação individualizada. Mas também não vamos ser tão deterministas e dizer que é sempre assim exactamente, pois às vezes é um misto. Existem preocupações grupais, mas contextualizadas sobre desígnios individuais em termos de marcação.

N.A. - Que equipas da Superliga defendiam à zona na época passada (época 2002/2003)?

Carvalho - O Porto defendia claramente à zona. Quanto às restantes, tenho algumas dificuldades em identificar outra que defendesse à zona, pelo menos uma zona assim tão bem definida como a do Porto. Penso que o Varzim, na altura do Costa, também defendia à zona. Na sua boa fase, o Varzim defendia à zona, depois, deixou de jogar, mudando inclusivamente de esquema, tendo feito, quanto a mim, uma evolução no sistema no sentido negativo. Sinceramente, existiam muito poucas equipas a defender à zona! O Marítimo também, com o Nelo Vingada, mas era uma zona um bocado limitada, porque era uma zona passiva, muito pouco agressiva. Jogava muito no seu meio campo.

O Sporting do outro ano também defendia à zona, uma zona não agressiva que retomava no seu meio campo defensivo. Fazia duas linhas notórias – a linha defensiva e a linha do meio campo - e deixava na frente dois elementos. Mas era muito pouco agressiva. Foi Campeão Nacional a defender à zona, claramente à zona. Na época passada, as preocupações já eram diferentes, pareceram-me mais individualizadas.

N.A. - O que leva, então, a maioria dos treinadores a optarem pela defesa homem-a-homem?

Carvalho - A defesa homem-a-homem dá mais segurança aos treinadores. Eu penso que é essa a razão. Por ser mais seguro e também por dar menos trabalho.

N.A. - Não sei se estou a perceber o «ser mais seguro»...

Carvalho - Colocar uma equipa a defender bem à zona implica criar uma grande organização, e isso dá muito trabalho. Para uma equipa conseguir fazer uma pressão eficaz, ela tem que estar muito bem organizada e isso requer, evidentemente, trabalho. Se eu optasse por defender homem-a-homem, estaria a optar por algo mais pobre, portanto, logicamente que teria menos trabalho e a organização pretendida seria mais fácil de conseguir. No fundo, penso que é mais seguro e mais fácil estar-se a perspectivar uma equipa do ponto de vista da defesa homem-a-

homem e tentar ganhar vantagem sobre o adversário em termos de prevalência individual. Nem toda a gente vê com bons olhos utilizar a zona e com ela estar, por exemplo, a destapar um pouco o lado contrário à bola!

N.A. - Mas não achas que essa segurança de que falas não acaba por ser uma segurança aparente?

Carvalho - A defesa homem-a-homem não é mais segura para a equipa em termos defensivos! É mais segura de trabalhar! Era isso que eu queria dizer! Quando eu digo que é segura, quero dizer que é mais segura de trabalhar. Não disse que era mais eficaz. Não estava a falar de segurança defensiva. Parece-me que a maioria dos treinadores que optam por defender homem-a-homem fazem-no porque uma pressão individual permite, aparentemente, uma ocupação de espaços mais racional e uma marcação mais eficaz aos jogadores. Agora, se me perguntares a mim se é mais eficaz, eu digo-te que não. E porquê? Porque nas marcações homem-a-homem e individuais correm-se elevados riscos. Defendendo à zona temos uma maior cooperação e entre-ajuda, uma efectiva ocupação racional dos espaços e, se as basculações forem bem feitas, existe uma maior densidade de jogadores do lado da bola e temos uma maior cobertura dos espaços interiores da equipa. Portanto, ainda que a marcação homem-a-homem ou individual seja mais fácil de conseguir, ela não é mais eficaz que a defesa à zona.

N.A. - Ao nível das vantagens da defesa à zona falaste em menor dispêndio energético. Vamos para um caso extremo: a zona-pressing alta do Porto. É comum ouvirmos os jornalistas a dizerem que o Porto tem uma forma física extraordinária para aguentar o pressing que faz ao longo de todo o jogo. Queres comentar?

Carvalho - O Porto é uma equipa que tem um grau de adaptação coerente relativamente às exigências do jogo que pretende. Esse grau de adaptação coerente permite-lhe fazer intermitências de alta intensidade através das quais consegue recuperar muito rapidamente a bola. Ora, esse dispêndio de energia é diferente do das equipas que têm que correr muito para a conquistar. Ou seja, trabalha na recuperação da posse de bola de uma forma organizada, sempre a alta intensidade, mas com um padrão de funcionamento uniforme, porque está preparado para o fazer. Como o faz muito bem, de uma forma organizada, acaba por ser, na minha perspectiva, muito mais económico ao nível do processo defensivo. Digamos que gasta combustível de avião, mas utiliza-o às pingas. As outras equipas, se calhar, utilizam gasóleo, mas gastam o depósito quase todo.

N.A. - Explica-me esse «às pingas».

Carvalho - Basta-lhe, muitas vezes, uma intermitência de três ou quatro segundos para conquistar a bola, porque utiliza uma pressão organizada com um padrão de alta intensidade. Por isso, rapidamente recupera a bola. Muito rapidamente, com combustível de avião, mas apenas com duas pingas, consegue resolver os problemas. Já as outras equipas precisam quase de todo o depósito de gasóleo para conquistar a bola, porque nem têm um padrão de funcionamento de alta intensidade nem têm tanta organização. Ou seja, mesmo investindo numa pressão alta, têm que dispendir mais energia porque demoram mais tempo a recuperar a posse de bola. Portanto, estamos a falar de duas equipas que pressionam alto, mas em que uma é mais organizada e utiliza um padrão de alta intensidade.

N.A. - Posso dizer, então, que a questão da economia, em termos físicos, está muito relacionada com a organização da equipa?

Carvalho - Sim, sem dúvida. Uma equipa bem posicionada, bem organizada, não corre metade do que uma outra equipa mal organizada e mal posicionada. Uma equipa bem posicionada e bem organizada consegue conquistar mais rapidamente a bola e não a perde tão facilmente. Tudo isto é uma questão de organização. Só uma equipa bem organizada consegue recuperar de forma rápida a bola e não a perder facilmente. Mais, o Porto consegue recuperar tendo a bola, coisa que poucas equipas conseguem fazer.

N.A. - Gostas mais de jogar contra equipas que defendem à zona ou que defendem homem-a-homem?

Carvalho - Prefiro jogar contra equipas que defendem à zona de forma desorganizada! Se estivermos a falar de equipas organizadas defensivamente, prefiro jogar contra equipas que defendem homem-a-homem, porque quem joga «cara a cara», com marcações homem-a-homem, normalmente sente muitas dificuldades quando existem trocas de posição. Se uma equipa tem a capacidade de se «desordenar» dentro da sua ordem colectiva, conseguindo com isso criar muitas movimentações e trocas de posição, é evidente que vai confundir muito qualquer adversário que jogue «cara a cara». Talvez a equipa adversária até consiga suportar durante algum tempo esse tipo de jogo, porém, a dada altura, deixam de o conseguir aguentar, pois ele também é muito exigente do ponto de vista físico.

N.A. - Imagina que a tua equipa passava a defender homem-a-homem. O que é que isso a prejudicaria ao nível do ataque?

Carvalho - Muito. Por exemplo, se eu jogar com dois extremos e defender homem-a-homem, se os laterais adversários forem extremamente ofensivos, eu passo a ter dois laterais esquerdos e dois laterais direitos. Muitas vezes, as equipas dizem que jogam em 4-3-3, mas que não é bem um 4-3-3. É, na maioria das vezes, um 4-5-1: o avançado fixa os dois centrais e os extremos correm atrás dos laterais. Isto é ter uma preocupação individualizada e obriga a que, pelo facto da equipa adversária ter uma colocação ofensiva maior e gostar que os seus laterais subam, os extremos joguem praticamente como laterais. E esta situação torna as equipas defensivas e o jogo feio, porque não existem espaços nem solidariedade e o jogo perde qualidade.

Uma equipa que entra em campo com uma ideia de jogo negativa, onde aquilo que pretende em termos defensivos é, apenas e só, anular o adversário, dificilmente tem força mental para conseguir atacar com criatividade e clarividência. Por exemplo, eu joguei um ano a médio centro no Chaves e verificava que se tivesse como missão anular um qualquer adversário, não saía do meu espaço, porque, mesmo em situação de posse de bola, estava sempre com um olho no jogador que tinha que marcar, já que, assim que a minha equipa perdesse a bola, eu tinha que o marcar. Quando um jogador tem esse tipo de missões torna-se muito complicado jogar! Agora, se o treinador me dissesse que eu podia abandonar a minha zona do terreno porque um outro colega ficaria responsável pela minha função, era evidente que a minha criatividade e a minha participação no jogo era muito mais positiva.

Deixa-me dizer-te outra vantagem da defesa à zona. Outra vantagem da zona é que quem defende à zona não está preocupado com o adversário. Por isso, quando o adversário está a atacar, eu estou a defender na zona e, como não tenho a bola, não estou a ser marcado. Por exemplo, se quando o adversário tem a bola eu quiser que os meus extremos tapem as subidas dos laterais adversários, aquilo que vai acontecer é que, quando o lateral direito adversário estiver a conduzir a bola, o meu extremo direito em vez de jogar na zona e fechar o espaço interior vai estar preocupado com o lateral esquerdo adversário. Quando nós ganharmos a bola, o lateral esquerdo adversário já vai estar próximo do meu extremo direito. Agora, se a bola está no lateral direito adversário e o meu extremo direito está a fechar dentro, porque está a jogar na zona, quando a minha equipa ganhar a bola, o extremo direito vai ter um espaço para explorar, pois não está a ser marcado, está liberto de marcação. Esta é outra das vantagens que eu tenho ao defender à zona, isto é, quando a minha equipa está a defender, os meus adversários não me estão a marcar e quando eu ganho a bola os meus jogadores estão soltos. Como é natural, num jogo «cara a cara» onde as preocupações são individualizadas esta situação não é possível, pois os jogadores andam quase sempre aos pares. Agora, esta vantagem da defesa à zona obriga a que toda a minha equipa tenha que defender. Por exemplo, o marcador do Deco tem grandes dificuldades sobre o Deco, porque o Deco também defende e defende em função da bola. E porque é que tem essas dificuldades? Porque normalmente quem tem a bola não está a marcar, ou então vai ter dificuldades em marcar quando o Deco também anda atrás da bola. Ou seja, normalmente esse jogador acaba por abandonar a marcação, porque o Deco está na luta pela posse de bola. Logo, nos momentos em que a equipa (ou o próprio Deco) ganha a bola, ele está sozinho. E um jogador que tem uma grande capacidade técnica e tática, ao receber a bola com espaço e tempo para pensar, nem que sejam alguns segundos, fica em grande vantagem. Agora, se estivesse com preocupações individualizadas, não ia ter hipóteses nenhuma quando recuperasse a bola, pois não teria nem espaço nem tempo para agir.

N.A. - Não consideras que, por mais que contemples o equilíbrio defensivo quando atacas, se quando perderes a bola fores defender homem-a-homem, esse equilíbrio fica comprometido?

Carvalho - Normalmente, o sistema utilizado pelas equipas portuguesas é o 4-3-3 e, havendo uma subida do lateral, por exemplo, há uma compensação feita, normalmente, pelo médio defensivo, sendo que outro médio fica também no equilíbrio para equilibrar a equipa. Quando perdem a bola, procuram recuperar posições o mais rapidamente possível, pois o padrão da maioria das equipas portuguesas não é tentar recuperar rapidamente a posse de bola no meio campo ofensivo. Este é o padrão das equipas portuguesas.

N.A. - Mas, devendo a ocupação de espaços ser a preocupação primeira dos jogadores responsáveis pelo equilíbrio, não te parece que as preocupações individualizadas em termos de marcação podem colocar em risco esse equilíbrio a partir do momento em que a equipa perde a bola?

Carvalho - Não concordo, porque as equipas são, normalmente, muito cautelosas, tapando constantemente os buracos e, depois, existe um retomar rápido de posições atrás da linha da bola. A não ser que a equipa esteja em desvantagem. Agora, enquanto está 0-0, as equipas são muito cautelosas e os buracos são rapidamente tapados. Se um lateral sobe, ele é compensado pelo médio de cobertura e, quando a equipa perde a bola, existe um retomar rápido de posições atrás da linha da bola. Como é natural, isto torna o jogo feio, muito estereotipado e sem definição, não dá um jogo escorreito, dá um jogo com muitas faltas na tentativa de quebrar contra-ataques e de recuperar posições para defender. Isto são tudo características de um jogo onde as preocupações são individualizadas em termos de marcação.

Os desequilíbrios que tu estás a referir notam-se mais quando as equipas estão em desvantagem, porque, como estão a perder, querem atacar e aí as compensações começam a falhar. Agora, normalmente, as equipas estão

equilibradas, mas digo isto num sentido negativo, pois não me parece que estejam equilibradas num sentido positivo, porque o jogo fica mais feio e perde qualidade.

N.A. - Tendo em conta que a zona-*pressing* se faz com toda a equipa, poder-se-á dizer que o futebol de ataque sai beneficiado se a equipa defender à zona?

Carvalho - Sim. Primeiro, porque se a zona for alta consegue-se recuperar a bola mais perto da baliza adversária. E, lá está, não interessa só defender alto com os nossos jogadores da frente a pressionar, para que sejamos eficientes interessa também que haja uma redução de linhas muito grande, ou seja, que a nossa linha defensiva empurre a nossa equipa para a frente e que o nosso meio campo se ajuste e fique perto da linha da frente. E isso permite-nos ter logo muitos homens para atacar. Se a zona for bem feita e for uma zona pressionante, ela obriga a que o adversário tenha grandes dificuldades em sair a jogar e, normalmente, só podem acontecer quatro coisas: ou a equipa tem grande capacidade e consegue sair da pressão e aí o mérito é do adversário; ou roubamos a bola e estamos perto da baliza para chegar ao golo; ou roubamos a bola, tiramos a bola da zona pressão e fazêmo-la chegar ao outro lado onde, normalmente, conseguimos criar superioridade numérica; ou o adversário chuta a bola para a frente e aí a vantagem é nossa, porque os nossos defesas estão a jogar de frente.

Depois, sai beneficiado por aquilo que acabei de referir, ou seja, porque defendendo à zona libertamos os jogadores para o momento em que recuperamos a bola e isso permite-nos descontextualizar o jogo do adversário. O adversário, que está habituado a um jogo de «cara a cara», passa a ter que defrontar uma equipa que está a jogar um jogo diferente, na medida em que os jogadores, no momento em que ganham a bola, não estão nas posições que ele gostaria e isto permite-nos explorar os espaços mortos, as zonas sombreadas, os espaços entre linhas. Normalmente, só quem defende à zona é que tem estas preocupações de explorar o espaço entre a linha média e a linha da frente ou o espaço entre o lateral e o central. Quem defende à zona e joga contra equipas que defendem homem-a-homem é que tem estas preocupações, porque se eu jogar contra uma equipa que faça uma zona-*pressing* bem feita tenho grandes dificuldades em falar aos meus jogadores de espaços entre linhas, de espaço entre o central e o lateral, porque se a zona for bem feita esses espaços não existem, estão todos ocupados, e, provavelmente, vou ter que me socorrer de outros argumentos. Agora, se eu jogar contra uma equipa que defenda homem-a-homem, a minha visão sobre o jogo é clara: vou procurar explorar os espaços que a defesa, eventualmente, possa criar por não subir no terreno; vou procurar explorar o espaço que o lateral e central possam criar por estarem muito preocupados com a marcação aos adversários que caem no seu raio de acção. Portanto, para mim é uma vantagem muito grande jogar contra equipas que defendem homem-a-homem.

N.A. - A literatura refere que a zona-*pressing* pode diminuir a eficácia do ataque ao nível da transição devido à grande aglomeração de jogadores junto à bola. Concordas?

Carvalho - Não me parece. É uma questão de treino. Ao nível da transição ofensiva eu quero que a minha equipa, tendo possibilidades de êxito, procure atacar rapidamente a baliza adversária no menor número possível de toques. Não tendo grandes possibilidades de êxito, quero que tire a bola da zona de pressão e a leve para o lado contrário. Agora, para que isto aconteça é preciso recuperar a bola e só a conseguimos recuperar eficazmente se existir um fecho da equipa em termos de largura e profundidade. Isto é um princípio de jogo da defesa. Portanto, nós fechamos para recuperar a bola e, quando a recuperamos, devemos fazer rapidamente a abertura do jogo, a qual é um princípio de jogo do ataque. Estamos a falar de treino! Desde que haja treino não me parece que se verifiquem quaisquer problemas ao nível das transições.

N.A. - A zona-*pressing* é um bloco. É um jogador que a coordena ou é a equipa que responde a situações que estão a acontecer?

Carvalho - São as situações do jogo e a posição da bola que definem a pressão. Um passe para trás,... um jogador a receber a bola de costas,... são também alguns indicadores individuais que nos fazem aumentar a pressão sobre o adversário.

N.A. - Hoje em dia fala-se muito em *pressing*, em pressão alta. Concordas que a pressão alta pode ser feita tanto à zona como homem-a-homem?

Carvalho - Sim, pode fazer-se pressão alta das duas maneiras. O problema é a eficácia! Não me parece que uma pressão alta homem-a-homem tenha grandes resultados. Por exemplo, a minha equipa, quando sai a jogar pelo guarda-redes, coloca os laterais bem abertos e subidos e os centrais nos vértices da grande área bem abertos. Se o adversário procurar fazer uma pressão homem-a-homem, o que é que vai acontecer? Primeiro, o ponta-de-lança tem logo uma grande dificuldade em conseguir fazer pressão sobre os dois centrais. Depois, com um campo tão grande e tão aberto, basta que um dos meus jogadores consiga superar o seu adversário directo para que exista logo instabilidade na estrutura adversária. Portanto, a pressão homem-a-homem acaba por resultar em pouca eficácia, daí que, normalmente, quem marca homem-a-homem não faz pressão alta. De uma maneira geral, as

equipas que marcam homem-a-homem recuam muito no terreno para defender. Os próprios avançados vão para zonas muito recuadas para defender e isso faz com que a equipa esteja sempre junta, isto é, ainda que, em termos de largura, a equipa se mantenha aberta e estendida, em termos de profundidade consegue reduzir os espaços e aproximar as linhas. Como os jogadores se colocam todos lá atrás, no seu meio campo defensivo, a equipa acaba por ter alguma eficácia defensiva, mas pela quantidade e não pela qualidade.

N.A. - Pressionarias alto contra equipas como o Real Madrid ou Manchester United, equipas notáveis em termos de posse e circulação de bola?

Carvalho - O Leixões pressionou alto contra o Sporting e repara na dimensão que tem cada um dos clubes. O Leixões estava na Segunda B e foi pressionar alto o Sporting, que tinha sido Campeão Nacional! Para além disso, o querer pressionar alto não implica estar os noventa minutos a pressionar alto. Uma coisa é visualizar as situações e identificar os momentos em que devemos, de facto, pressionar alto. Outra coisa é estarmos sistematicamente a pressionar alto. Portanto, é fundamental que a equipa saiba identificar os momentos em que deve pressionar alto, momentos esses que estão dependentes dos comportamentos que o adversário adopta. E tudo isto é treino. Quando tivermos que pressionar alto pressionamos. E pressionamos o Real, o Manchester e o Chelas!

N.A. - E nos pontapés de canto, defendes à zona?

Carvalho - Não, nem pensar. Aí é marcação individual pura! Nos lances de bola parada é marcação individual pura. Eu fui defesa e sei o que é ser solicitado a um canto ou a um livre com um adversário a um palmo de mim e sei o que é disputar uma bola com um adversário encostado a mim. São situações completamente distintas. Se eu marcar o Jardel encostado a ele, tenho um tipo de intervenção sobre o Jardel, se eu lhe der meio palmo, vou ter dificuldades para lhe ganhar um lance de cabeça, porque é mais alto do que eu e mais forte no jogo aéreo.

N.A. - Então e o ocupar racionalmente os espaços, neste caso a grande área?

Carvalho - Na minha perspectiva, nos lances de bola parada não. Claramente não, e digo por experiência. Eu vou-te dar um exemplo concreto: se a equipa adversária é mais alta, normalmente os pontas-de-lança acompanham os centrais nos lances de bola parada e eu sou sempre mal sucedido nessas situações, porque os pontas-de-lança normalmente não encostam nos centrais e acabo sempre por sofrer golo pelos centrais que estavam a ser marcados pelos pontas-de-lança. É preciso saber defender. Eu vou dar-te outro exemplo: imagina uma jogada de linha de fundo da equipa adversária onde o adversário conseguiu ganhar vantagem sobre o nosso lateral e está na linha de fundo com a cabeça levantada e com todas as condições para cruzar. Numa situação destas, se o nosso central perde o contacto com o avançado, se o avançado for inteligente e se existir um mínimo de ordem na equipa adversária, é golo. A única vantagem que o central tem de observar minimamente a bola é conseguir ter contacto físico com o adversário para saber onde ele está e, aí, ele pode analisar a trajectória da bola e sentir o adversário directo. E, mesmo assim, existem algumas circunstâncias em que eu digo aos meus defesas para abandonarem a posição da bola e apenas marcarem o adversário, isto é, olharem apenas para o homem porque este está a tirar vantagem. É muito fácil enganar não existindo contacto. E temos que perceber que, naquele momento, a vantagem é do avançado. Portanto, ou ele tem que esquecer a bola e olhar para o avançado ou procura ter contacto para sentir a sua posição. Se não dá para ter contacto, na minha opinião, ele deve abandonar a bola e centrar-se apenas no avançado, na marcação ao avançado. Nos cantos e nos livres, na minha perspectiva, deve-se fazer marcação individual aos adversários, deve-se encostar nos adversários e, se possível, tipo marcação de andebol. Aí não há zona para ninguém.

N.A. - Existem zonas e momentos mais importantes para se tentar conquistar a bola ou o importante é apenas conquistar a bola?

Carvalho - Não. Existem zonas, existem momentos. Há um tempo e um espaço óptimos para se tentar conquistar a bola. E esse é dos lados treináveis da zona-*pressing*. Parece-me que esse é o lado mais treinável da zona, o qual passa pela definição das zonas de pressão.

N.A. - Voltando novamente à tal coerência que deve existir entre a defesa e o ataque, será correcto afirmar que a defesa homem-a-homem serve apenas o momento defensivo?

Carvalho - Penso que sim. Concorde. Aí não há nada a acrescentar.

N.A. - Será possível afirmar que o «sistema de marcação», ainda que não seja uma «táctica de jogo», pode condicionar toda a sua dinâmica? Penso que isto vem ao encontro de tudo aquilo que tens referido...

Carvalho - Sim. Claro que sim. Concorde plenamente. E ao longo desta conversa temos vindo a falar, acima de tudo, precisamente sobre isto. Por exemplo, compare-se uma equipa que joga numa zona com uma zona de pressão bem definida e a fazer pressão alta com uma outra que também defende à zona, mas que apenas defende

no seu meio campo e que utiliza uma zona de pressão baixa: estamos a falar de equipas que defendem à zona, estamos a falar de *zona-pressing*, mas os momentos de recuperação da posse de bola são completamente diferentes, o que dá dois jogos completamente diferentes. Recuperar a bola o mais à frente possível permite-nos estar mais próximos da baliza adversária e dá-nos duas possibilidades de ataque: ataque organizado ou ataque rápido. Quem joga a defender no seu meio campo tem três formas possíveis de atacar: duas fundamentais, o ataque rápido e o contra-ataque; e uma que, normalmente, é a última hipótese, o ataque organizado. Ou seja, o mesmo tipo de marcação - a *zona-pressing* -, feito em zonas diferentes, dá jogos e dinâmicas completamente diferentes. E estamos a falar do mesmo tipo de marcação! Imagine-se, portanto, o quanto as diferenças se acentuariam se falássemos também na marcação homem-a-homem.

N.A. - Concordas com a ideia de que, de uma forma geral, as grandes equipas defendem à zona?

Carvalho - Sim, concordo. Claramente.

N.A. - Defender à zona é uma necessidade das equipas que aspiram ao sucesso?

Carvalho - Penso que uma equipa que quer ganhar muitas vezes e que quer praticar um futebol atractivo tem que defender à zona. Hoje em dia, ainda que seja importante ganhar, também é importante jogar um futebol atractivo, um futebol positivo, capaz de chamar espectadores aos estádios e de gerar, com isso, mais dinheiro para os clubes. O futebol precisa de público, porque sem ele não tem interesse nenhum!

ENTREVISTA A JESUALDO FERREIRA
Treinador Principal do Sporting Clube de Braga
Estádio 1º de Maio (Braga), 11 de Setembro de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Gostava de começar por saber se acredita que, ao apostarmos em jogar bom futebol, em jogar um futebol ofensivo e de qualidade, estamos sempre mais perto da vitória.

Jesualdo Ferreira - Eu acho que sim. Mas vamos por partes. Acho que quanto mais uma equipa for equilibrada, quanto mais uma equipa dominar os princípios de jogo, quanto melhores jogadores ela tiver (dentro desta perspectiva do domínio dos princípios de jogo) e quanto mais esses jogadores entenderem que uma competição é uma actividade extremamente séria e colocarem em cada treino e em cada jogo o máximo das suas capacidades, mais perto ela estará de alcançar os seus objectivos. Eu sinto e sei pela experiência que, quanto mais uma equipa for capaz de jogar melhor (e eu repito, jogar melhor é dominar, fundamentalmente, os princípios de jogo), mais facilmente ela pode proporcionar aos seus jogadores individualmente um suporte que, depois, pode ajudar a que cada um por si se exprima de uma forma muito mais potencializada. Digo isto porque entendo que, numa competição profissional, o mais importante será sempre a equipa e os resultados da equipa. Se estivermos a falar em futebol de formação, teremos que entender que mais importante do que a equipa é a evolução dos jogadores. A equipa servirá sempre como um meio onde esses jogadores podem e devem evoluir. No futebol profissional, a equipa está acima de tudo e, como está acima de qualquer jogador, nós sentimos que o próprio equilíbrio da equipa se fará sempre da forma como esses jogadores interpretarem essa sua acção individual. Portanto, aquilo que eu acho e defendo é que os treinadores devem preocupar-se muito em fazer entender aos seus jogadores quais são os princípios fundamentais do jogo, do ponto de vista defensivo e ofensivo. Parece que estamos a falar de escolinhas ou de infantis, mas não é verdade. Estamos a falar da base e do conhecimento da base do futebol. Porque os grandes jogadores vão seguramente exprimir-se melhor quando tiverem um melhor domínio desses princípios. E, como é natural, no plano colectivo será muito mais fácil enquadrar, equilibrar e coordenar sectores e pequenas e grandes estruturas – como é o caso de uma equipa – se todos dominarem esses princípios. No entanto, o que acontece é que, em muitas situações, facilmente verificamos numa equipa que grande parte dos jogadores não dominam com clareza ou os princípios defensivos ou os princípios ofensivos ou mesmo os dois (o que ainda é mais grave!). Portanto, como o jogar bem é um conceito muito lato, aquilo que eu posso dizer é que uma equipa que seja equilibrada, que domine muito bem no plano ofensivo e defensivo os princípios de jogo, tem sempre melhores condições para jogar bem (expressar-se bem e ser eficaz) e ganhar.

N.A. - Referiu a necessidade de se dominarem muito bem os princípios defensivos e ofensivos. Posso então dizer que, por mais ofensiva que uma equipa queira ser, ela terá sempre que sustentar defensivamente essa forma de jogar?

Jesualdo Ferreira - Eu não acredito que haja equipas ofensivas, se não defenderem bem. E porquê? Porque o meu conceito de defender bem não é um conceito retrógrado. Para mim, defender bem é, em primeiro lugar, a equipa estar bem posicionada no momento em que tem a posse de bola. Esta é a primeira fase. Porquê? Porque ao perdê-la, se a equipa estiver bem posicionada, estará em boas condições de a poder recuperar rapidamente, para poder de novo atacar. Isto significa que as equipas que defendem melhor numa perspectiva ofensiva (e este poderá ser um conceito diferente, um conceito novo), têm mais condições para atacar mais vezes. Atacando mais vezes, têm, naturalmente, mais condições de sucesso.

O processo ofensivo de uma equipa tem de ser equilibrado em função de todos os jogadores que nele participam, os quais, normalmente, não são muitos, pois de uma maneira geral, no futebol actual, o processo ofensivo não é realizado por muitos jogadores. Isto significa que vários jogadores (muitas vezes 50% da equipa) não participam activamente no processo ofensivo. Porém, têm que participar de uma forma muito activa no processo de recolocação e de reposicionamento, para que, no momento em que a equipa perde a posse de bola, existam condições para a ganhar rapidamente. E isso, para além de questões de espaço, tem a ver, fundamentalmente, com a questão do domínio dos princípios de jogo. As formas de racionalização do espaço, relativas à forma como cada jogador se integra e se coloca nele, obrigam a que os jogadores tenham uma cultura táctica sob o ponto de vista defensivo. E estamos a falar de jogadores que não têm a posse de bola e que estão numa atitude de espera relativamente à hipótese da equipa perder a bola. Portanto, na minha opinião, existe um conjunto de mecanismos defensivos que se devem começar a articular no momento em que a equipa ganha a posse de bola e entra no processo ofensivo.

No futebol actual, a um nível mais elevado, e quando jogam duas equipas de capacidades idênticas, os ataques normalmente são rápidos e a participação dos jogadores é cada vez menor. E as equipas têm consciência de que, quando não conseguem ser eficazes no ataque rápido, têm de manter a posse de bola e, para isso, têm zonas determinadas onde a devem manter. Contudo, como nunca jogam sozinhas, mas sim contra um adversário, o adversário tem mecanismos para tentar recuperar a bola rapidamente, se quer de novo atacar. Portanto, neste

diálogo que se estabelece entre duas equipas em confronto, na minha perspectiva, ganhará sempre mais vezes aquela equipa que for capaz de ser mais rápida a responder aos momentos em que se ganha ou se perde a posse de bola.

N.A. - No fundo, referiu a necessidade de atacarmos e, ao mesmo tempo, estarmos a contemplar a possível perda da bola. Contudo, quando questionadas sobre este aspecto, algumas pessoas referem que não devemos estar a inculcar nos jogadores um espírito de fracasso. Ou seja, para algumas pessoas, o perspectivar-se a possível perda da bola no ataque (e criar mecanismos face a essa possibilidade) é estar a mostrar aos jogadores que temos medo que eles falhem e, com isso, estar a retirar-lhes confiança. Qual é a sua opinião sobre esta ideia?

Jesualdo Ferreira - Não concordo. Depende também de como nós transmitimos aos jogadores essas ideias. Depende também dos jogadores que temos, da capacidade que eles têm de entendimento das coisas, do seu carácter em relação à competição, da sua coragem em relação a determinadas situações de risco. E depende também muito do treino que se faz. Aquilo que eu disse e repito é que os jogadores têm de ter consciência que têm que defender bem para atacar mais. Este é um conceito diferente. E defender bem para atacar mais não é uma situação de fracasso, mas sim de supremacia, na medida em que só existe uma bola para se jogar e para se atacar. Portanto, quando a equipa está em posse da bola, o seu posicionamento deve ser de tal ordem que, prevenindo que vai perder a bola – porque isso acontece! –, lhe permita um imediato ataque à bola e ao adversário. De ataque ao adversário e de ataque à bola, isto é, continuamos a atacar! A ideia de atacar continua, no sentido de a ganhar rapidamente. E, se eu não estiver preparado para este segundo ou esta fracção de segundo que acontece entre o ter a bola e o perder a bola, se eu não tiver capacidade para rapidamente responder a essa situação, seguramente que vou andar muito mais tempo atrás da bola e em zonas que não me interessam, por serem próximas da minha baliza. Por isso, nesta perspectiva, a ideia de fracasso não existe. Noutra perspectiva, talvez, agora, segundo as minhas ideias, não!

N.A. - Uma equipa, para defender bem, não tem então de ser menos ofensiva..

Jesualdo Ferreira - Não. Bem pelo contrário. Uma equipa que defende bem é, à partida, uma equipa que ataca a defender. Os seus jogadores sabem claramente que não conseguem atacar sem ganhar a bola e, por isso, a primeira intenção é atacar para ganhar a bola. Atacar espaços, atacar jogadores e atacar a bola. São três as coisas que os jogadores têm de atacar: têm de atacar espaços, preenchendo-os; têm de atacar os jogadores que jogam nesses espaços; e têm de atacar a bola, para a poderem ganhar.

N.A. - Quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que saber defender?

Jesualdo Ferreira - Primeiro, uma equipa ser mais ou menos ofensiva tem muito a ver com a outra equipa, isto é, uma equipa não é muito ofensiva apenas porque o quer ser. É-o porque tem mecanismos para o ser. E, para além disso, será mais ou menos ofensiva de acordo com aquilo que a outra deixar.

Uma equipa que queira ser ofensiva, mas que não tem os necessários equilíbrios, normalmente perde os jogos.

N.A. - Onde é que se defende melhor, perto ou longe da nossa baliza?

Jesualdo Ferreira - O conceito de defender alto é um conceito que, na minha opinião, existe há muito tempo. A pressão alta, ou a zona pressionante alta, é um pressuposto tático que muitos treinadores perseguem. Uns são capazes de o fazer, outros não. Uns têm jogadores para o fazer, outros não têm. Eu entendo que, antes mesmo de pensarmos no adversário, nós temos de pensar em organizar a nossa equipa. Temos de conhecer os nossos jogadores, estar por dentro da sua cultura tática, do entendimento que têm de tudo isto que referi até agora e, depois, no treino, progressivamente, ir introduzindo áreas de maior pressão defensiva e zonas nevrálgicas de recuperação da bola. Portanto, respondendo à sua pergunta, será sempre muito difícil dizer se é melhor defender na zona A, na zona B ou na zona C. No abstracto, o ideal será defender alto. Se é alto, há primeiro que introduzir nos jogadores a coragem de saber correr riscos, porque, defendendo alto, correm-se riscos. Mas também se ganha muita coisa! No entanto, quem não dominar os princípios defensivos seguramente que joga com menos armas (ou joga com armas desiguais). Por exemplo, se eu for jogar contra um ataque que tenha três jogadores rápidos e com grande capacidade no um contra um, eu tenho que pensar muito bem onde vou começar a defender, onde os defesas se deverão posicionar, que tipo de jogadores é que eu tenho que utilizar e se esses jogadores têm capacidade para os duelos individuais sob o ponto de vista defensivo. Não é? O que é que interessa eu dizer que vou defender alto e depois a bola cai num ponta-de-lança à entrada do meio campo e o meu defesa não tem capacidade para o segurar no um contra um?! Vou perder o jogo, não é assim? Portanto, na minha opinião, o domínio dos princípios de jogo, sob o ponto de vista defensivo e ofensivo, é fundamental. Porquê sob o ponto de vista defensivo? Porque tem que saber jogar contra um indivíduo rápido e forte na progressão e no um contra um. Porquê sob o ponto de vista ofensivo? Porque eu sei que tenho que inculcar permanentemente a agressividade

suficiente para atacar os adversários olhos nos olhos. Ou seja, estamos num diálogo constante entre uma área e outra. E, em função disso, cai um pouco por terra a discussão acerca de defender alto ou menos alto. Se eu não tiver jogadores que sejam capazes de jogar estes duelos contra uma dada equipa, se calhar, vou defender cá mais atrás e dar-lhe menos espaço. Se eu tenho jogadores que arriscam e uma equipa que é capaz de manter a posse de bola e que dificilmente a perde em zonas perigosas, se calhar, vou defender alto. Mas, mesmo que eu tenha uma defesa capaz de o fazer, se eu tiver um adversário que é uma equipa muito densa defensivamente, se calhar, vou recuar e deixar que o adversário se desorganize defensivamente, para poder depois lançar o ataque. Na minha perspectiva, tudo vai depender de se terem jogadores que dominem os princípios de jogo, do treinador os conhecer bem e os poder implementar e, depois, de ter um treino adequado para os trabalhar. Nós, infelizmente, nunca chegamos nem a uma coisa nem a outra, nunca estamos cá em baixo nem lá em cima, andamos sempre em zonas intermédias, pois, na minha perspectiva, nunca se conseguem atingir zonas perfeitas. Agora, o que podemos, e devemos, é trabalhar e irmo-nos aproximando de alguns conceitos.

N.A. - Falou em riscos ao se defender alto, mas também disse que as vantagens eram muitas. Pode indicar algumas das vantagens de se defender alto?

Jesualdo Ferreira - Se eu defender no risco, posso ganhar mais unidades para o processo ofensivo. Jogar sempre em superioridade numérica é um princípio de base da defesa, mas que é também o que o ataque pretende. Portanto, está aqui estabelecido um protocolo de intenções entre duas acções tácticas diferentes. Se os meus jogadores dominarem os princípios defensivos e possuírem boas capacidades técnico-tácticas defensivas sob o ponto de vista individual e se a equipa se coordenar bem e dominar os equilíbrios, os balanços defensivos, entre outros aspectos, eu posso ganhar uma unidade para uma outra função, correndo o risco de jogar em igualdade numérica. Por sua vez, no ataque, se eu tiver jogadores que sejam capazes de, pela agressividade que têm e pelo risco que correm, jogar na progressão e no um contra um, ao eliminar um adversário, eu rapidamente posso ficar em situação de igualdade numérica. Portanto, eu acho que para chegar a este ponto que estou a dizer, eu preciso de dominar outros anteriores. Devemos defender sempre em vantagem numérica e em concentração, isto é, devemos concentrar rapidamente os jogadores numa área mais restrita. Também sei que no ataque é preciso a progressão, a vantagem numérica, a largura no ataque e a mobilidade. Por isso, no domínio destes princípios, se os jogadores os dominarem bem, para além dos erros técnicos que vão cometer (que serão muitos) ou erros devido a incapacidade física em determinado momento, o mais importante numa equipa é que os jogadores cometam o menor número de erros tácticos possível. Esses são do domínio cognitivo, enquanto que os outros são motores. Pode a bola saltar, pode estar escorregadia, mas, o plano táctico não tem a ver com a chuva nem com o vento. Tem a ver com o conhecimento do jogo. E essa é que é a grande questão do futebol, na minha perspectiva.

N.A. - O que é, para si, defender à zona?

Jesualdo Ferreira - Defender à zona é um método defensivo em que se delimitam, com coerência e equilíbrio, zonas (ou espaços) onde os meus jogadores actuam com marcações apertadas, atendendo a um dos princípios de jogo que diz com clareza: quanto mais próximos os adversários estiverem da bola, mais a defesa tem que ser próxima; quanto mais afastados os adversários estiverem da bola, maior deve ser a distância entre eles e os nossos jogadores, para não permitir que a zona seja mais facilmente ultrapassada. Portanto, na minha perspectiva, a zona é exclusivamente uma marcação individual dentro de uma determinada zona. É só isso.

N.A. - E quais são as referências dos jogadores em termos de posicionamento?

Jesualdo Ferreira - A bola, a baliza e o adversário são as três referências básicas. A baliza que eu tenho que defender, os adversários que me podem atacar e o posicionamento e a distância da bola (ou o ângulo da bola em relação ao espaço que eu domino). Portanto, basicamente, se a bola estiver num corredor, os adversários mais próximos da zona da bola, nos espaços que ocupam, devem ser marcados em cima com muita agressividade e pressão. Os jogadores mais afastados da bola, numa coerência e lógica de enquadramento no espaço de jogo, devem colocar-se de maneira a não permitirem que na possível saída da bola dessa zona haja jogadores e espaços libertos. Se os jogadores não souberem como ocupar esses espaços, como se posicionarem, como se posicionam os seus apoios em relação ao lado da bola e aos movimentos do adversário, nem com mista, nem com zona, nem com homem-a-homem conseguem resolver os problemas. Nós sabemos que uma das formas de bater uma zona são as mudanças rápidas de flanco. No entanto, todas as mudanças rápidas de flanco feitas na horizontal (isto é, paralelas à minha baliza) são menos perigosas do que aquelas que são feitas na diagonal para a minha baliza. Por isso, se eu não me souber colocar bem, seguramente que vou ter problemas. Daí que eu diga que, perto da bola, os jogadores devem exercer grande pressão sobre os adversários e que, em zonas mais afastadas da bola, os jogadores devem estar mais afastados dos adversários, precisamente para evitar que a bola entre na diagonal, porque, se um jogador marcar em cima, é mais fácil para o adversário ganhar-lhe as costas.

N.A. - Um dos aspectos que caracteriza a defesa à zona, não sei se concorda comigo, é existência de coberturas permanentes...

Jesualdo Ferreira - O que eu lhe acabei de dizer é precisamente uma cobertura. Para além da cobertura a dois (a existência, face a um jogador com bola, de um opositor e de uma cobertura defensiva), todos os outros oito jogadores terão que se colocar no campo de forma a estarem em permanente cobertura defensiva.

N.A. - Aos colegas mais próximos da bola?

Jesualdo Ferreira - Exactamente.

N.A. - Falou atrás em marcações individuais dentro da zona. Se essas marcações nas zonas de cada jogador tiverem como grande referência os adversários que nelas se encontram, essas coberturas não se acabam por perder um pouco?

Jesualdo Ferreira - Não. Não se perdem, porque eu disse que havia uma... No processo de aprendizagem da técnica e da tática individual defensiva, a estrutura mais simples é um adversário com bola e um jogador a defender - trata-se de um duelo individual. Quando se acrescenta um segundo adversário, nós temos que colocar um segundo jogador em cobertura defensiva e fica criada a estrutura base, que é o dois contra dois. Aí já existe um diálogo tático, porque na primeira situação há apenas um diálogo de capacidades. Agora, todos os jogadores que estão próximos da bola têm que ser marcados, pois, se assim não for, torna-se fácil para a equipa adversária. Então, nessa situação de dois contra dois, a cobertura deve ir marcar o adversário que está livre e um terceiro jogador faz a cobertura aos dois, formando-se um triângulo defensivo (podem haver ainda outras soluções, em função da estrutura que for montada na equipa). E pelo outro lado é a mesma coisa. Não se esqueça que a questão da diagonal defensiva é uma coisa que ainda hoje se nota. O problema da diagonal defensiva é visto já há muitos anos. Estando a bola na zona esquerda do campo, se a sua estrutura defensiva estiver em linha, ela é batida com facilidade por jogadores que joguem no lado contrário. Se ela estiver posicionada na diagonal, já é mais difícil. Por isso, normalmente, a estrutura defensiva é tanto mais facilmente batida quanto mais os jogadores se aproximarem da bola, porque, depois, no jogo ofensivo, existem sempre duas acções distintas: temos jogadores que se aproximam da bola e jogadores que se afastam da bola. É o problema das desmarcações. As respostas defensivas a estas desmarcações são bem feitas, fundamentalmente, pelas boas zonas defensivas que o treinador define na sua equipa e pelo seu preenchimento. Se o treinador as definir de forma errada ou se os jogadores tiverem dificuldades em preenchê-las, a equipa é batida com mais facilidade. Por exemplo, o facto de há uns anos atrás se ter terminado com a regra do fora-de-jogo que obrigava a que um jogador tivesse que estar atrás do último defesa. Quando se passou para a possibilidade do jogador estar em linha com o último homem, criou-se uma nova arma tática, as diagonais, fundamentalmente as diagonais curtas, que obrigam também a um método defensivo diferente do que existia anteriormente. Os pontas-de-lança só eram capazes de romper um cortina defensiva debaixo de uma marcação através de desmarcações circulares. A partir do momento em que o jogador pode estar em linha, exige-se da parte de quem marca um novo comportamento tático que antes não era necessário.

Tal como você disse, uma das características da zona são as permanentes coberturas. Para mim, elas são fundamentais. Não existe hipótese nenhuma de uma zona funcionar sem coberturas permanentes.

N.A. - Vê alguma diferença entre a defesa individual e a defesa homem-a-homem?

Jesualdo Ferreira - Diferença entre a defesa individual e a defesa homem-a-homem?

N.A. - O que é, para si, defender homem-a-homem?

Jesualdo Ferreira - Defender homem-a-homem, segundo o conceito clássico, é cada jogador ter um adversário de quem se tem que ocupar e que tem que anular. Marcar homem-a-homem é eu anular o meu adversário. Marcação individual na zona é o adversário que cair na minha zona, na zona onde eu trabalho, ser marcado individualmente e ser da minha inteira responsabilidade. Quando ele se muda para outra zona, eu passo para uma função de cobertura.

N.A. - Mas essa «marcação individual na zona» de que fala é o jogador «encostar» no adversário que entra no seu espaço?

Jesualdo Ferreira - Não. Não é. Não é.

N.A. - Passa por uma ocupação do espaço em função da bola, da baliza e do próprio adversário?

Jesualdo Ferreira - Exactamente.

N.A. - Eu pergunto-lhe isto, porque alguns treinadores referem que, a partir do momento em que o adversário entra na zona de um jogador, o jogador tem que «encostar» e marcar o adversário. Por exemplo,

vendo as coisas de uma forma muito analítica, ao termos dez jogadores, temos dez zonas. Algumas pessoas referem que, se a equipa adversária colocar um jogador em cada uma dessas zonas, cada jogador terá que «encostar» no seu adversário. Mas eu penso que, se pensarmos a zona desta forma, as relações de cobertura acabam por se perder.

Jesualdo Ferreira - Eu não penso dessa forma. Para já, isso é levar uma questão tática dessas ao absurdo. No meu entendimento da zona, um jogador só persegue um adversário até ao fim desde que ele jogue em situações de ruptura completa. Em todos os balanços ofensivos que sejam feitos paralelos à minha baliza, os jogadores oscilam em função da zona que têm que preencher. Todavia, qualquer adversário que saia da minha zona e crie perigo através de movimentos em ruptura, eu tenho que o acompanhar.

N.A. - Mesmo que seja um jogador da linha média adversária?

Jesualdo Ferreira - Se entrar, por exemplo, entre o meu lateral e o meu central, sim, porque eu tenho que admitir que o meu lateral pode estar a marcar alguém.

N.A. - Mas pode ter o central desse lado na cobertura ao lateral e a fechar esse espaço.

Jesualdo Ferreira - Posso, mas quando eu me viro e ele entra, se o central for lá buscar... Mas isso aí é o domínio e a complementaridade dos jogadores. Mas, quando eu estou na marcação ao meu médio e ele faz uma entrada em ruptura, eu não sei se o meu central está em marcação ou não. Não é assim? Da mesma maneira que nenhum jogador da linha defensiva sai da sua zona se a equipa adversária ficar em igualdade ou superioridade numérica, porque aí vai criar um espaço para uma diagonal curta. Agora, o jogo não é este equilíbrio de que nós estamos aqui a falar. O que existe são acções constantes de equilíbrio e desequilíbrio e, portanto, em muitos momentos, toda esta questão teórico-prática acaba por cair perfeitamente por terra (não existe). Daí que a capacidade que as equipas têm de rapidamente se reorganizarem seja também um factor de qualidade. De qualquer maneira, de acordo com a zona que eu ensino ao meus jogadores, quanto mais próximo da baliza estiver um jogador adversário, mais importante é ele ser acompanhado. Da mesma forma que, quantos mais jogadores nós tivermos no processo de ataque e mais espaço houver para os adversários, mais importante é eles serem pressionados. Qualquer adversário que esteja sob a minha marcação e que entre sem bola em zonas de ruptura, eu tenho que o acompanhar. Porque depois, se a zona que eu deixei livre vier a ser ocupada por outro jogador que esteja de frente e domine essa situação eu rapidamente me recoloco para outra função defensiva.

N.A. - Ainda em relação à sua definição de homem-a-homem... O que é, para si, uma situação em que os jogadores não têm sempre o mesmo adversário para marcar (o jogador A não marca sempre o adversário A), mas que, nas suas zonas de intervenção decorrentes do sistema (o lateral no seu raio de acção, por exemplo), têm unicamente como preocupação o adversário que lá cai?

Jesualdo Ferreira - É esse o meu conceito de zona. O jogador mais adiantado do corredor esquerdo é da responsabilidade do meu lateral, seja ele o dez, o sete, o dois ou o cinco. Era isto que queria saber?

N.A. - Não. Por exemplo, em algumas equipas o que acontece é que a equipa adversária está a atacar pelo seu lado direito (pelo lado do lateral esquerdo que defende) e o lateral direito está preocupado com a marcação ao adversário que se encontra aberto do seu lado (no lado contrário ao da bola)...

Jesualdo Ferreira - O meu lateral deve fechar o centro.

N.A. - Mas há equipas onde se vê que o lateral não fecha, que não tem como preocupação o local onde está a bola e o fechar do centro!

Jesualdo Ferreira - Está bem, mas esse é um problema dessas equipas. Eu quero que o meu lateral bascule. E para quê? Para manter o conceito de zona e pela questão da diagonal equilibrada em relação às coberturas. Esse é o princípio base. O problema é o domínio dos princípios de jogo. Se os jogadores não os conhecerem ou não os dominarem, nunca vão conseguir dominar com competência as acções complexas que o jogo lhes exige. Se o jogador não souber que, estando a bola no lado esquerdo, toda a equipa, à zona, tem que fechar o espaço e jogar em cobertura permanente, para evitar que a bola, na sua transição da esquerda para a direita, possa entrar em adversários em situação de ruptura completa, é evidente que não vai conseguir dominar com competência aquilo que o jogo lhe exige defensivamente.

N.A. - Mas não acha que existem muitas equipas em Portugal que não fazem aquilo que acabou de dizer? Basculações, fecho de espaços interiores, coberturas defensivas permanentes,...

Jesualdo Ferreira - Não me parece muito elegante estar a responder a essa pergunta. Mas acho que sim, que se cometem muitos erros defensivos em Portugal. Aliás, muitas vezes, as pessoas falam no número elevado de

faltas que existe em Portugal e atribuem-no à arbitragem. Eu não! O número de faltas que existe em Portugal, eu não o atribuo à arbitragem. Atribuo-o à falta de capacidade defensiva dos jogadores.

N.A. - Defende-se mal em Portugal?

Jesualdo Ferreira - Sim. As equipas defendem mal. De uma maneira geral, nós defendemos mal individualmente e, depois, colectivamente. Porque não dominamos os princípios defensivos. Individual e colectivamente.

N.A. - Quando diz «nós» refere-se a jogadores e treinadores, não é assim?

Jesualdo Ferreira - Todos. Claro. Evidentemente.

N.A. - Por aquilo que me tem sido dado a perceber, parece existir a ideia, por parte de alguns treinadores e comentadores, de que a zona é uma forma de defender passiva. Quando uma equipa está toda lá atrás a defender é comum ouvir-se dizer que ela está a defender à zona, da mesma forma que é comum ouvir-se dizer que, quando uma equipa defende à zona, dá tempo e espaço para o adversário pensar. Concorda? Acha que isso é uma característica da zona?

Jesualdo Ferreira - Não. Pode ser uma característica de uma zona passiva, se assim se entender que seja. O meu conceito de zona refere-se a uma zona agressiva, a uma zona de pressão. É uma zona pressionante. As equipas que defendem à espera do erro adversário, são, normalmente, pequenas equipas. As equipas que defendem tentando provocar o erro ao adversário, são, normalmente, grandes equipas. É o tal atacar a defender! Mas este conceito não é fácil de implementar, porque depende muito da qualidade e do tipo de jogadores que se tem.

N.A. - Grandes vantagens da defesa à zona?

Jesualdo Ferreira - A equipa tem sempre os jogadores mais próximos entre si e, por isso, a sua coesão é maior e tem mais equilíbrios. Depois, permite um posicionamento mais harmonioso e equilibrado na saída para o ataque. Fundamentalmente são estas.

N.A. - É preciso ter melhores jogadores para se defender à zona?

Jesualdo Ferreira - Eu acho que é preciso ter melhores jogadores para se defender bem. Agora, seguramente, jogadores mais inteligentes e com melhores atributos técnico-tácticos fazem uma zona bem melhor do que outros jogadores menos inteligentes e com piores atributos técnico-tácticos.

N.A. - Mas poder-se-á dizer que o colocar uma equipa a defender bem à zona passa muito pela intervenção do treinador e pela qualidade do treino?

Jesualdo Ferreira - Passa sempre pelo treino e pela intervenção do treinador. Sempre! Porque com o treino e com a intervenção do treinador é possível dotar jogadores à partida não muito bons de instrumentos técnico-tácticos apreciáveis e, fundamentalmente, eficazes.

N.A. - Um entrevistado meu diz que jogadores inteligentes também se fazem. Basta ensiná-los.

Jesualdo Ferreira - Acho que sim. É possível despertar a inteligência de muitos jogadores e ensiná-los. Não tenho a menor dúvida!

N.A. - Principais desvantagens da defesa à zona?

Jesualdo Ferreira - Se ela não for agressiva e feita pelos dez jogadores, é complicado. Porque a zona começa no momento em que a equipa perde a posse da bola, com o primeiro jogador – o que está mais próximo da bola – a pressionar e com todos os outros que estão nas proximidades da bola a procurar os adversários que, eventualmente, vão receber essa bola. E isto não é fácil! O princípio é este: quando a equipa perde a bola, o jogador mais próximo da bola tem que pressionar imediatamente o homem da bola e os outros os adversários mais próximos da bola. E porquê? Porque, ao ser pressionado, a tendência do adversário que está com a bola é tentar jogar com os colegas mais próximos. Não é?

N.A. - Se a equipa tiver qualidade, sim.

Jesualdo Ferreira - Se não tiver, manda um chutão para fora ou para o ponta-de-lança!

N.A. - Relativamente às equipas de top... Poder-se-á dizer que defender à zona é uma das características das equipas de top?

Jesualdo Ferreira - As grandes equipas, as grandes referências dos últimos anos são equipas que defendem à zona. As grandes referências.

A zona, para mim, tem outra vantagem. Permite, em muitas circunstâncias, que jogadores muito fortes defensivamente no um para um, tenham maior êxito do que se tiverem muito mais espaço para percorrer. Por exemplo, quatro defesas que sejam muito fortes no duelo individual são favorecidos por uma defesa à zona muito bem feita. É o caso dos italianos! Os italianos abandonaram o *catenaccio* e as marcações homem-a-homem há muito tempo, mas defendem muito bem. Porquê? Porque, para além de fazerem uma zona concentrada, os jogadores são muito fortes sob o ponto de vista individual. Por isso, a zona favorece-os.

N.A. - E em Portugal? Que equipas defendem à zona?

Jesualdo Ferreira - O Porto,... o Braga,... o Benfica, ... Penso que todas elas tentam defender à zona. Assim muito rapidamente, não me lembro de uma equipa que jogue com marcações individuais. Muitas vezes, cai-se no erro de se dizer que se joga com três centrais, dois a marcar e um livre. Esse é um conceito errado! Porque, face à mobilidade dos avançados, se estas situações não forem bem dominadas por uma defesa a três com duas marcações individuais e um jogador livre, elas são óptimas para quem souber jogar bem no ataque. Agora, três defesas centrais que joguem muito bem no domínio da zona, é muito complicado passar!

N.A. - Se uma equipa defende à zona, a sua linha defensiva defende à zona e, sendo assim, os dois centrais defendem à zona, não existindo um que só marca e um que é o *libero*...

Jesualdo Ferreira - Existe, momentaneamente, um a marcar e um a sobrar, em função da movimentação do ponta-de-lança. Existe uma alternância em função da movimentação do ponta-de-lança.

N.A. - Mas não acha que, cá em Portugal, ainda se vê muito o central de marcação e o *libero* (sem essa alternância)?

Jesualdo Ferreira - Há um pouco esse conceito. É verdade.

N.A. - Da mesma forma que o trinco é um jogador que, normalmente, marca individualmente...

Jesualdo Ferreira - É verdade. Mas eu não gosto desse trinco.

N.A. - E estas situações não são um pouco contrárias à ideia de zona?

Jesualdo Ferreira - Em relação à minha ideia de zona, sim. Não gosto de trincos defensivos, logo, não gosto da palavra trinco, porque trinco significa um jogador que só defende. Gosto mais de dois ou três médios que sejam capazes de defender muito bem nas suas zonas com grande agressividade e que sejam, no momento em que se recupera a bola, os primeiros organizadores do ataque.

N.A. - Referiu que a defesa à zona possibilitava um posicionamento mais harmonioso e equilibrado na saída para o ataque. Pode explicar um pouco melhor essa ideia?

Jesualdo Ferreira - Se a minha transição para o ataque diz que, quando a equipa ganhar a bola no corredor direito, o primeiro passe deve ser frontal e directo para o extremo direito ou, em alternativa, lateral para o médio interior, mas, no termos de uma jogada defensiva, nem o extremo nem o médio interior lá estão, eu pergunto: que processo organizado de ataque é que a equipa tem? Não tem. Pelo menos, aquele que eu julgo ser o melhor e que treinei!

N.A. - Uma das grandes vantagens da zona não estará, então, directamente relacionada com os momentos de transição? Isto é, os momentos de transição (ofensiva e defensiva) são, no futebol actual, cada vez mais importantes. E a zona permite que a equipa, nesses momentos tão decisivos, esteja organizada em função das suas ideias, em função do colectivo, em função daquilo que quer para o jogo e não em função da equipa adversária...

Jesualdo Ferreira - A zona pressupõe algo que é fundamental: o equilíbrio e a racionalidade na ocupação dos espaços. Permite um equilíbrio entre os jogadores, pela sua proximidade, e uma predisposição ofensiva no momento em que a equipa ganha a posse de bola, isto é, permite que a equipa se posicione de forma a poder atacar mais rápido ou mais vezes. Se a minha zona for equilibrada e racional, eu terei o espaço do campo mais racionalmente ocupado e, portanto, terei muito mais referências para poder atacar (mais «alvos»).

N.A. - O Menotti refere que a zona é liberdade. Pode comentar?

Jesualdo Ferreira - É um conceito um pouco leviano. É um pouco o conceito dos grandes jogadores argentinos de há vinte anos atrás. Pouca atitude defensiva e grande liberdade quando a equipa ganha a posse de bola. A zona não é liberdade, mas sim concentração. A única questão que tem a zona é que permite, pela forma equilibrada

como a equipa está, libertar com mais facilidade alguns jogadores ou os jogadores que o treinador entende que são mais importantes no processo ofensivo. Agora, a defender não é liberdade.

N.A. - A liberdade a que ele se refere não será mais no sentido em que permite à equipa assumir a sua filosofia, a sua ideia para o jogo, não se preocupando tanto com aquilo que o adversário poderá, eventualmente, fazer?

Jesualdo Ferreira - Mas a zona tem que se preocupar com o adversário. O adversário pode ter um processo ofensivo com um conjunto de mecanismos de ataque que sejam mais fortes, por exemplo, pelo corredor central ou pelos corredores laterais e a zona tem que se preocupar com isso, caso contrário pode-se perder o jogo.

N.A. - Mas esse é o lado estratégico...

Jesualdo Ferreira - Não, não é o lado estratégico. É o lado tático da equipa. O lado estratégico é de quem tem a bola. Quem tem a posse de bola é que define uma estratégia de jogo. Porque, quando eu não tenho a bola, não sou eu quem impõe as regras. É a equipa adversária!

N.A. - Diz que quem tem a bola é quem «manda» no jogo e que quem defende tem que se preocupar com o que o adversário pode fazer e com os pontos fortes. Não acha que a zona, sendo uma organização defensiva colectiva, pode dar um pouco a iniciativa do jogo a quem defende?

Jesualdo Ferreira - Sim. Atacando a bola. Uma boa zona pode ser uma arma de ataque fortíssima. E pode comandar o jogo! Porque ataca. O ataque é, efectivamente, aquilo que comanda o jogo. Ainda que o ataque pressuponha ter a posse de bola. As emoções mais difíceis de controlar são quando a equipa tem a bola. Uma equipa desgasta-se mais a atacar ou a defender, na sua perspectiva?

N.A. - Penso que depende da forma como ataca e da forma como defende...

Jesualdo Ferreira - Não depende nada. Uma equipa desgasta-se muito mais a defender do que a atacar. Sabe porquê? Partindo do pressuposto de que a equipa defende colectivamente, todos os jogadores trabalham defensivamente. No processo de ataque isso não é verdade.

N.A. - E, sendo a defesa à zona uma forma de organização defensiva colectiva, ela não poderá minimizar esse desgaste que o processo defensivo causa?

Jesualdo Ferreira - Pode. Quanto mais equilibrada for, quanto mais coesa for, quanto mais racional for, quanto mais os jogadores dominarem os princípios de jogo, mais económica é a zona. Francamente mais económica. Lá está, tem um pouco a ver com aquela expressão: «Não corras torto, corre a direito!». Se os jogadores «correrem a direito», ganham mais tempo e desgastam-se menos.

N.A. - Mesmo uma zona pressionante alta como a do Porto? Muitas vezes, os jornalistas e os comentadores costumam referir que o Porto tem que estar muito bem preparado fisicamente para defender da forma como o faz. Não acha que mesmo essa pode ser mais económica?

Jesualdo Ferreira - Pode ser mais económica e é mais económica. Se não fosse mais económica, o Porto não podia fazer essa situação tática durante uma época inteira.

N.A. - Hoje em dia fala-se muito em *pressing* e em pressão alta. Concorda comigo se eu lhe disser que essa pressão alta pode ser feita à zona ou homem-a-homem (homem-a-homem no sentido em que cada jogar procura «encostar» e marcar o adversário mais próximo, aquele que cai no seu raio de acção) e que ainda existem várias equipas que a fazem homem-a-homem?

Jesualdo Ferreira - Só é possível fazer pressão alta limitando o portador da bola e os jogadores próximos do portador da bola e, de seguida, encurtando espaços através das linhas mais recuadas. Depois de se conseguir controlar os primeiros segundos após a perda da posse de bola, é evidente que os jogadores têm de marcar os adversários mais directos. Eu nunca posso encurtar o espaço para fazer uma zona alta, se não controlar o portador da bola e os jogadores próximos da bola.

N.A. - Mas uma coisa que não é tão pouco usual quanto isso é vermos a linha avançada a subir para pressionar e ficar um espaço enorme entre linhas. Não acha que isso tem a ver com as referências dos jogadores serem individuais, isto é, com o tal «encostar» nos adversários para marcá-los?

Jesualdo Ferreira - Não. Fundamentalmente, para mim, tem a ver com um conceito que ou ainda não foi implementado correctamente ou que ainda não foi entendido pelos jogadores. Porque se os três avançados vão fazer pressão na frente e o meio campo fica encostado à defesa, esta equipa não tem ainda assimilados os

conceitos relativos à zona. Não corre riscos, não percorre espaços. Fundamentalmente, é uma equipa com medo, que joga no erro.

N.A. - Uma equipa que queira ser muito ofensiva tem necessariamente que defender à zona. Consegue arranjar argumentos que apoiem esta afirmação?

Jesualdo Ferreira - Eu penso que uma equipa que queira ter mais tempo a posse de bola, para poder atacar mais vezes, tem que ter um posicionamento defensivo racional e equilibrado quando tem a posse de bola. Sabendo antecipadamente que todos os adversário que estão mais próximos da minha baliza têm que estar marcados homem-a-homem. Por exemplo, eu estou no processo ofensivo e o adversário tem dois jogadores abertos junto ao meio campo, e eu como estou a atacar, não ligo nenhuma a essa situação. E eles ganham a bola, colocam-na na frente e sai um contra-ataque. Se eu quero que a minha equipa ganhe a bola rapidamente, e sabendo eu que ela a pode perder a qualquer momento, tenho que a preparar para isso durante a fase de ataque. Que não haja dúvidas, quando se tem a posse de bola, um dos próximos passos é perdê-la! O outro é finalizar e o outro é a bola sair para fora. Ao admitir que posso perder a bola, eu já sei que, antes mesmo que a equipa adversária defina que o tempo entre o recuperar a bola e o atacar seja curto ou longo, todos os adversários que estejam para cá da linha da bola e estejam no meu meio campo defensivo ou perto dele em situações de referência (de «alvo»), têm que ser marcados homem-a-homem.

As equipas terríveis são aquelas que diminuem o tempo entre o ganhar a bola e atacar e entre o perder a bola e defender. É aqui que está o segredo do jogo actual. É esta a principal diferença entre as pequenas e as grandes equipas.

ENTREVISTA A JOSÉ ALBERTO COSTA
Ex-Treinador Principal do Varzim Sport Clube
Praça Velasquez (Porto), 12 de Junho de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Relativamente à questão de se jogar bom futebol, de se jogar ao ataque, acredita que é fundamental que isso aconteça para estarmos mais próximos da vitória?

José Alberto Costa (Costa) - Primeiro, é fundamental que isso possa acontecer, em termos de espectáculo, em termos de modalidade, em termos de incentivo, em termos de ser mais agradável à vista e também em termos de nos sentirmos realizados. Naturalmente que, se a equipa jogar ao ataque, ou quanto mais a equipa conseguir jogar ao ataque, quantos mais golos marcar, quanto mais futebol ofensivo produzir, melhor é para todos. Portanto, em termos teóricos absolutos, eu diria que o jogar ao ataque é bom, que jogar ofensivamente é bom, contudo, isso nem sempre é possível fazer. Não só porque do outro lado está um adversário que pode ter as mesmas intenções, a mesma filosofia ou até outra filosofia que o leve a jogar mais retraído e não nos possibilitar essa situação, mas também porque a capacidade técnica dos nossos jogadores pode ser condicionante.

N.A. - Partindo do pressuposto que essas condições estão então todas reunidas e que a nossa equipa nos permite apostar num futebol ofensivo...

Costa - Digo-lhe já uma coisa fundamental que, na minha opinião, tem que estar sempre presente, quer o futebol tenha tendência para ser mais ou menos ofensivo – e o sermos mais ofensivos tanto pode ser mais em ataque planeado como mais em contra-ataque –, é a organização da equipa em termos gerais. Isso tem que estar sempre presente. Os sectores juntos (o mais juntos possível), jogar em bloco, com a tal organização que pressupõe um equilíbrio táctico e uma rápida intervenção na anulação da transição do adversário.

N.A. - Ou seja, só atacar não chega, é preciso sustentar defensivamente essa forma de jogar...

Costa - Não! Como filosofia, como modelo a desenvolver, só atacar não chega. Pontualmente, numa situação desesperada, numa situação de maior risco em função do resultado, eu diria que aí, se calhar, esse rigor no equilíbrio e na organização poder-se-á não se pôr de uma forma tão evidente, mas, em termos gerais, como filosofia a implementar no treino, devemos procurar atacar tendo presente esse equilíbrio e essa organização. Agora, para atacar bem há várias coisas que têm de ser cumpridas, coisas que, hoje em dia, o futebol moderno pressupõe. A mobilidade, a criação e exploração de espaços, a qualidade de passe, a intervenção na zona de finalização do maior número de jogadores possível, tudo isto está associado ao atacar bem, ao atacar mais. Mas, como o futebol é um jogo colectivo, não se pode dissociar o tal equilíbrio e a tal organização em termos de compensações e de posicionamento daqueles que, no momento, não participam na jogada ofensiva.

N.A. - Significa isso que temos que estar, permanentemente, a visualizar ambos os processos (ofensivo e defensivo)? Não podemos pensar: «agora só atacamos, agora só defendemos»...

Costa - O equilíbrio da equipa tem que ser permanente, quer em situação defensiva, quer em situação ofensiva. É claro que eu não posso pedir a um avançado que esteja a conduzir uma acção ofensiva para, nesse momento, estar a pensar na defesa. Isto é, àqueles que mais directamente intervêm na jogada ou que possam vir a intervir com o objectivo de finalização, eu não lhes posso pedir que estejam a pensar na defesa. Agora, àqueles que não intervêm directamente, que podem acompanhar, que podem seguir, a esses sim, a esses é que se tem que pedir uma atenção e um equilíbrio posicional e de compensações em termos defensivos. Portanto, eu diria que, quanto menos os jogadores intervirem no momento, mais esses aspectos têm de estar vivos neles.

N.A. - Faz então sentido atacarmos contemplando sempre a possível perda da bola?

Costa - Faz sentido para alguns jogadores, jogadores esses que podem variar consoante as circunstâncias do jogo. Portanto, para a equipa, faz sentido. Agora, isto não pode ser interpretado de uma forma redutora. Isso aplica-se mais a quem está no primeiro terço do campo, porque quem está no último terço tem é que pensar no ataque e em marcar golo.

N.A. - Que medidas toma, em termos práticos, para garantir esse equilíbrio defensivo da equipa no ataque?

Costa - O equilíbrio defensivo da equipa passa, fundamentalmente, pelo posicionamento dos jogadores. São as compensações, os equilíbrios tácticos, os quais têm que ser sistematizados, trabalhados e, por vezes, alterados na sua interpretação. Ou seja, eu posso ter uma estrutura de 4-3-3, mas, se eu vir que num dado jogo ou momento do jogo tenho necessidade de ter mais atenção a esses aspectos do equilíbrio defensivo e das compensações defensivas, em vez de jogar com um médio defensivo e dois médios de características mais ofensivas posso trocar um dos médios ofensivos por um mais defensivo onde essa componente táctica de posicionamento, equilíbrio e

compensação seja mais evidente. Certo? Esse é um cuidado que às vezes se tem. Outro cuidado, e este tenho-o principalmente durante o treino, tem a ver com os posicionamentos e a filosofia a implementar em termos de defesa, em termos de organização defensiva e em termos de colocação dos vários sectores quando em situação de ataque, quando em situação de defesa e quando em transição. Portanto, a organização de jogo tem vários aspectos a considerar: a organização defensiva, que tem determinados princípios; a organização ofensiva, que também os tem; e depois as transições defesa-ataque e ataque-defesa. Estes conceitos é que têm de ser bem determinados, bem explicados e bem treinados. Agora, não os podemos dissociar uns dos outros.

N.A. - Alguém referiu que a melhor forma de defender não é deixar de atacar, mas sim jogar bem defensivamente. Concorda?

Costa - Concordo. Não é pelo facto de defendermos com muitos elementos que vamos defender bem, do mesmo modo que não é pelo facto de atacarmos com muitos elementos que vamos atacar bem e que, depois, vamos conseguir defender bem. Há que saber fazer as duas coisas. Portanto, eu concordo inteiramente com essa ideia.

N.A. - E concorda com a ideia de que, quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que saber defender?

Costa - Uma coisa é certa: se eu tenho uma estrutura montada com base no contra-ataque, naturalmente que a qualidade com que é feita a transição ataque-defesa pode ser menor e menos evidente do que se eu tiver uma equipa balanceada para o ataque. Eu só posso ter uma equipa balanceada para o ataque, se souber fazer com qualidade a transição ataque-defesa. Portanto, isso depende das situações, da organização da equipa e da qualidade dos jogadores, como é óbvio. Sempre.

N.A. - Concorda então que, quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que defender?

Costa - Exactamente.

N.A. - Gostava de saber o que é, para si, jogar bem defensivamente?

Costa - Para mim, jogar bem defensivamente é recuperar a bola o mais perto possível da baliza adversária e o mais rapidamente possível. E é defender com a linha defensiva o mais longe possível da minha baliza. Em termos gerais, estes são, na minha opinião, os três conceitos importantes de uma boa organização defensiva. É importante ter os sectores juntos para jogar em bloco, mas também ter intensidade defensiva, isto é, não basta que a equipa jogue em bloco, ela também tem que pressionar. A intensidade defensiva pressupõe grande pressão sobre o portador da bola. E depois é tentar fazer isto o mais alto possível. Como é óbvio, se eu tiver uma defesa lenta, se calhar não posso fazer isto. Não é? Se eu tiver centrais lentos, com dificuldade em termos de lateralidade e de mobilidade, não o posso fazer. Agora, como concepção absoluta geral, eu diria que isso é o ideal.

Para complementar, não ir à queima, não ser fintado, não fazer muitas faltas e ser solidário – o que pressupõe o tal bloco e as flutuações em termos de marcações e de coberturas – são aspectos individuais fundamentais para se defender bem. E, nos duelos, tentar ganhar o maior número possível de duelos. A tendência, no futebol actual, é para os defesas serem cada vez mais fortes nos duelos. Os defesas e não só! Quando a equipa defende. Uma equipa, para estar no top em termos de rendimento, a defender tem que ter estes pressupostos todos. A tendência, hoje, é para as equipas jogarem à zona com grande intensidade defensiva, isto é, com pressão intensa sobre o homem da bola.

N.A. - Ainda relativamente à possível relação entre os dois momentos do jogo, ataque e defesa, faz sentido falarmos em defender de uma forma que nos permita atacar como gostamos ou a forma como defendemos não tem implicações ao nível da forma como atacamos?

Costa - Em termos de treino, de evolução no treino, de metodologia a implementar, podem e devem ser completamente separados, pelo menos até determinada fase. Naturalmente que, se eu transitar de uma época para a outra num dado clube e com o plantel a transitar também na sua maioria, isso já não será tão importante quanto eu estar à frente de uma equipa pela primeira vez ou ter muitos jogadores novos. Por isso, no treino, na procura da implementação do modelo de jogo, eles podem ser relativamente separados. Depois, numa situação mais global, os processos estão interligados. Para mim, o importante é eles estarem ligados, mas não serem redutores um do outro. A equipa quando defende tem que pensar em defender, não pode estar a defender e a pensar no ataque. Ela deve estar estruturada em termos defensivos perspectivando um maior rendimento na transição defesa-ataque, em função das características que eu entendo que os jogadores e a própria equipa têm. E é a mesma coisa em termos ofensivos. Quando vou atacar, não posso estar a pensar na defesa, tenho que estar a pensar no ataque, mas a colocação, os princípios, a organização, têm que estar presentes. Isto às vezes também é um problema para nós,

porque nem sempre se consegue. E um dos segredos é tentar conseguir potenciar ao máximo as acções ofensivas quando estamos a atacar, sem nos fragilizarmos em termos de organização defensiva e vice-versa.

N.A. - O que é, para si, defender à zona? O que é que a caracteriza?

Costa - A tendência actual é para se defender à zona, aquilo a que se chama zona pressionante, mas onde todos os jogadores têm de estar englobados. Antigamente, havia os defesas para defender e os atacantes para atacar. Hoje em dia, eu diria que uma equipa é tanto mais forte quanto mais atacar com intervenção de todos os seus sectores e é tanto mais forte quanto mais defender com intervenção de todos os seus sectores. A história do futebol diz-nos que, num primeiro período, eram os aspectos técnicos que se impunham (eles eram os aspectos mais desequilibradores e fundamentais em termos de sucesso). Depois, para compensar e contrabalançar esses aspectos, começou-se a desenvolver o aspecto físico, e foi então aí que começaram a surgir as marcações homem-a-homem e as marcações mistas. Nessa altura, algumas equipas conseguiram desenvolver os aspectos físicos de uma forma exuberante e, com isso, tiveram êxito. Foi o tempo das marcações homem-a-homem e das marcações mistas em que o facto dos jogadores terem grande poder atlético e grande condição física, tinha supremacia sobre os aspectos técnicos e com êxito. Porém, a tendência foi para começar a haver um equilíbrio entre as equipas ao nível dos aspectos físicos, muito por culpa da evolução do treino e da metodologia de treino. Actualmente, com o treino integrado, eu diria que a maior parte das equipas estão, em termos físicos, completamente equilibradas e voltamos a ter os aspectos técnicos como fundamentais no desequilíbrio e no sucesso das equipas, quer individual quer colectivamente. Quando esta última tendência começa a aparecer, as desvantagens das marcações homem-a-homem e mistas vieram ao de cima. E como? Através da exploração dos espaços, através das desmarcações, através da sintonia de acções e das sincronizações ofensivas. Deste modo, as equipas que até aqui assentavam o seu jogo no poder físico e nas marcações homem-a-homem ou mistas, começaram a reconverter os seus processos. Como? Arranjando uma forma mais complexa de interpretação do jogo - o jogar à zona -, mas com eficácia. E porquê? Porque jogar à zona é dividir o campo em zonas, aproximar os sectores em termos de profundidade e reduzir o espaço entre jogadores em termos de largura, aproximando-os e balanceando-os para um lado e para o outro. Portanto, são estes aspectos que caracterizam a defesa à zona, a qual, para mim, também pressupõe intensidade defensiva. E, para haver essa intensidade, tem que existir grande cultura táctica de todos os elementos, grande atenção, grande solidariedade e bom posicionamento. Esta concepção defensiva é mais eficaz porque a distribuição de esforços se faz mais uniformemente por todos os elementos da equipa.

N.A. - Quer isso dizer que a defesa à zona é mais económica em termos físicos?

Costa - Penso que sim, porque, se a defesa à zona for bem feita, a distribuição dos esforços na recuperação da bola é mais equitativa, comparativamente às marcações homem-a-homem. Agora, não se pode comparar o futebol de hoje com o futebol de há dez anos, ou seja, com a evolução do jogo em termos de intensidade, ritmo de jogo, tempo útil de jogo, com a redução dos espaços, com a diminuição do tempo para pensar e executar, o esforço hoje na defesa à zona pressionante poderá ser maior do que era há dez anos quando havia algumas equipas a fazer marcação homem-a-homem.

N.A. - Mas, olhando para o futebol actual, poder-se-á dizer que mesmo uma zona pressionante consegue ser mais económica que a defesa homem-a-homem?

Costa - A principal vantagem da defesa à zona pressionante é a distribuição mais equitativa por todos dos esforços. E, quando digo por todos, está implícita a ideia de que quantos mais jogadores participarem no processo defensivo, mais eficaz é a equipa.

N.A. - Ainda que «todos participarem no processo defensivo» não signifique colocar todos os jogadores junto à sua baliza...

Costa - Claro! Por isso é que eu disse o mais alto possível e o mais longe possível.

N.A. - Quando lhe perguntei o que é que era, para si, a zona, referiu-se logo à zona pressionante, todavia, é comum alguns treinadores e comentadores associarem a defesa à zona a uma forma de defender passiva. Por exemplo, quando uma equipa coloca todos os jogadores no seu meio campo defensivo, atrás da linha da bola numa atitude expectante, é comum associar-se esse tipo de comportamento à zona. Pode comentar?

Costa - Para mim, o Milan de Sacchi foi o expoente máximo da zona pressionante em bloco, a tal ponto que foram várias as equipas que tentaram seguir o seu exemplo, porém, também se começaram a arranjar formas de combater esse tipo de pressão e de organização. Agora, acho que a filosofia se mantém, embora, e essa é uma das virtudes do futebol, haja várias interpretações diferentes do jogo, na sua estrutura e na sua organização, com sucesso. Portanto, eu estou a falar daquilo que gosto, da minha filosofia. Gosto da zona pressionante em bloco,

sendo que esse bloco pode ser mais ou menos reduzido em termos de profundidade consoante as características dos meus jogadores e dos adversários, consoante até as características do próprio jogo (se jogo em casa ou se jogo fora, se estou a ganhar ou se estou a perder). Ou seja, em função de todos estes aspectos, o bloco pode ser mais ou menos denso e a linha defensiva pode estar mais ou menos afastada da sua baliza. Agora, para mim, dentro deste conceito tem que haver sempre intensidade defensiva, o mesmo é dizer, pressão sobre o homem da bola, a partir do momento em que a bola entra ou se aproxima de um dos sectores.

N.A. - Eu fiz-lhe a pergunta por me parecer que o facto de uma equipa estar toda no seu meio campo defensivo, atrás da linha da bola e com uma atitude expectante não significa necessariamente que esteja a defender à zona...

Costa - Não. Depende. A defesa à zona pressupõe pressão sobre o homem da bola, mas uma pressão colectiva e não apenas individual. Por exemplo, se eu estou a marcar o meu adversário e ele vem com a bola dominada, jogar à zona não é jogar em espera, é haver nas zonas mais próximas da bola marcação com grande intensidade, colectivamente.

N.A. - Marcação aos jogadores adversários?

Costa - Marcação ao jogador adversário na minha zona. Para mim, defender à zona é, em primeiro lugar, aproximar os sectores (os sectores têm de estar próximos) e, depois, cada jogador, na sua zona, tem que marcar.

N.A. - Mas as referências dos jogadores não são a bola e os companheiros?

Costa - As referências são a bola, o companheiro e a marcação.

N.A. - Fez-me um esquema de duas linhas de quatro jogadores a defender à zona. Vamos supor que o adversário coloca em cada uma das oito zonas (cada jogador tem a sua zona) um jogador. Cada um dos seus oito jogadores marca o homem que entra na sua zona?

Costa - Claro. Marcam. Cada jogador na sua zona tem que encostar no homem e marcá-lo. Agora, o jogador não o acompanha é para zonas diferentes e por isso é que tem de haver boa cultura táctica, bons desdobramentos e boas compensações. Os jogadores não saem da sua zona e, quanto menor for o raio de acção de cada um dos jogadores na sua zona, mais eficaz é a defesa à zona.

N.A. - Mas, se o jogador tem essa indicação de que dentro da sua zona marca, não pode acontecer que o adversário o leve para a «fronteira» (da sua zona) contrária ao local onde está a bola e com isso abra uma brecha no bloco?

Costa - Suponha que eu estou a marcar o ponta-de-lança e que o médio ofensivo vai entrar na minha zona. Se o ponta-de-lança recuou na direcção da bola, eu tenho que o marcar, na minha zona, até determinada altura. A partir do momento em que entra o médio, eu passo a marcá-lo e o ponta-de-lança vai cair na zona de outro que terá que o apanhar. Portanto, estamos a falar de uma interpretação quase perfeita ou perfeita destes conceitos, porque às vezes, durante o jogo, alguns elementos acabam por marcar sempre homem-a-homem. Estamos a falar de uma filosofia. Conseguir que todos façam isto é muito difícil. Estamos a falar de alto rendimento, de grandes equipas, porque a maior parte das equipas não consegue fazer isto.

N.A. - Qual a diferença, se considera que existe, entre a defesa homem-a-homem e a defesa individual?

Costa - Aquilo que acontece muitas vezes são as tais situações mistas em que há um jogador adversário preponderante e extremamente influente em termos de equipa que é marcado homem-a-homem. Agora, a marcação homem-a-homem tem variações. Eu posso dizer para marcar homem-homem apenas no nosso meio campo ou dizer a um jogador para marcar homem-a-homem na sua zona e passando a sua zona a ser maior, ou posso dizer-lhe para continuar a marcação se o adversário cair nas laterais no último terço. Isso é individual? É homem-a-homem? É à zona? O importante, neste caso, é definir as zonas de intervenção de cada jogador. Eu penso que não existe uma terminologia absoluta. Mesmo na marcação homem-a-homem eu tenho de ter algumas definições. Por exemplo, o que é que o meu jogador faz quando a nossa equipa tem a bola? Pensa mais em atacar ou fica por ali? Ele pode sair a jogar para obrigar o adversário a ir com ele, para o tentar arrastar. Se puder entrar em finalização entra, porque das duas uma: ou o adversário vai com ele e, com isso, afasta-se de uma zona onde é perigoso ou vai criar desequilíbrio porque ele não o acompanhou. Por exemplo, se eu for jogar contra o Porto e decidir fazer marcação homem-a-homem ao Deco, tenho que definir que tipo de marcação homem-a-homem. Até onde? Como? Como vão ser feitas as transições? Portanto, para mim, mais importante do que a terminologia, é a definição de funções.

N.A. - Exacto. Os conceitos não são importantes, porém, parecem existir duas situações distintas. Por exemplo, uma coisa é eu marcar o Deco a todo o campo (para onde ele for eu também vou) e outra coisa é eu marcar o homem que cai (ou que aparece) na minha zona de intervenção, no meu raio de acção (por exemplo, o lateral marcar o adversário que cai no seu corredor). Não lhe parece que são duas situações diferentes?

Costa - As duas terminologias mais frequentemente usadas são: «marca homem-a-homem» ou «marca na zona».

N.A. - Então o que é que é, para si, uma equipa que perdendo a bola recua no terreno, espera pelo adversário no seu meio campo defensivo e, a partir daí, cada um dos jogadores, na sua zona de intervenção, encosta no seu adversário directo para o marcar?

Costa - Para mim, isso é uma marcação à zona. Não é uma marcação homem-a-homem. Imagine o campo dividido em cinco ou seis corredores em termos de lateralidade e em três partes em termos de profundidade. A marcação homem-a-homem pressupõe, na minha perspectiva, que o jogador responsável por essa missão possa andar por vários corredores e no primeiro e segundo terços do campo (normalmente as marcações homem-a-homem não se fazem no último terço do campo, junto à baliza adversária). Portanto, nesse espaço o adversário é acompanhado para todo o lado, é marcado em qualquer um dos corredores onde esteja. A marcação homem-a-homem pressupõe esse acompanhamento do jogador, quase para todo o lado (hoje em dia nunca é para todo o lado). Mas também podemos fazer uma marcação homem-a-homem que não seja assim tão absoluta. Posso-te dizer que, quando estive no Varzim, nunca marquei homem-a-homem. Mesmo naqueles jogos mais difíceis para nós, contra o Benfica, Porto, Sporting, nunca fizemos marcações homem-a-homem estreitas. Agora, eu tinha, por exemplo, um médio centro (o Rodolfo) que tinha que marcar o Deco sempre que este jogasse no corredor central e o Porto estivesse a atacar. E o que é isso? É marcação homem-a-homem? Chame-lhe o que quiser.

Para mim, o conceito de marcação à zona é distribuímos esforços e limitarmos o nosso raio de acção, ou seja, se eu sou lateral direito, não vou para o lado esquerdo; se sou central, dobro o lateral quando tiver que dobrar, mas, se puder evitar sair da minha zona central, evito-o e jogo na minha zona; o médio centro joga sempre na frente dos centrais e se tiver que encostar num adversário e fazer de terceiro central, encosta, mas não sai da sua zona. Agora, os jogadores, nas suas zonas, marcam, pois não podem estar adversários soltos. Portanto, este é o conceito de marcação à zona: com marcação em cada uma das zonas. Nas marcações homem-a-homem, se o ponta-de-lança vai para a lateral, o central vai atrás dele para o marcar, sendo que o lateral tem que compensar no meio para fechar o espaço interior.

N.A. - Que equipas da Superliga é que defendem à zona?

Costa - O Porto, o Paços de Ferreira,... o Varzim comigo também defendia (pelo menos tentávamos defender),... há mais! As mais evidentes penso que eram o Paços de Ferreira e o Porto. Já as marcações do Boavista, por exemplo, eram muito mais individuais, porque, enquanto a jogada não acabasse, marcavam quase todos homem-a-homem no espaço onde estava a bola.

N.A. - E qual é a diferença entre essa situação do Boavista e a sua zona?

Costa - É a tal redução do espaço, é o jogar mais em bloco, quer em lateralidade quer em profundidade. Se não se encurtar o espaço em termos de largura e profundidade, naturalmente que o espaço é dilatado, passando a haver muito mais espaço para percorrer nas marcações. E isto faz com que as marcações, a três ou quatro jogadores, tenham praticamente que ser individuais. Consequentemente, as compensações e as dobradas fazem-se de uma forma muito menos automática do que se a equipa estiver muito mais próxima.

N.A. - Quais são, então, os grandes indicadores que nos permitem dizer que uma equipa defende à zona?

Costa - O primeiro prende-se com os sectores estarem próximos. Depois, e sem haver um desequilíbrio na organização da equipa, ela deve procurar ter o maior número possível de jogadores próximo da bola.

N.A. - E quais são as grandes vantagens de defender dessa forma?

Costa - Existe menos espaço para o adversário jogar,... existe uma melhor distribuição do esforço por todos os jogadores,... torna-se penalizante em termos psicológicos para a equipa adversária, na medida em que esta tem mais dificuldade em esplanar o seu futebol. Por outro lado, quanto mais alta se conseguir fazer, mais rápida pode ser a finalização após transição. Ou seja, tendo eu uma transição rápida, ela será tanto mais perigosa quanto mais alta for feita. E esta é uma das coisas que o Porto faz bem.

N.A. - Referiu atrás a importância do espírito colectivo e da solidariedade entre os jogadores. Esses aspectos não acabam por se perder defendendo a equipa homem-a-homem?

Costa - Também é possível existir esse espírito numa equipa que defende homem-a-homem, contudo, é mais fácil cultivar esse espírito colectivo, essa solidariedade e essa entre-ajuda se a equipa defender à zona. Mas isso tanto é verdade para a defesa como para o ataque, porque quanto mais gente participar, quanto mais gente se dispuser a trabalhar uns para os outros, mais evidente é essa solidariedade. Portanto, eu diria que o desenvolvimento da defesa à zona implica, por arrastamento, o desenvolvimento da solidariedade no seio do grupo, o que é muito positivo para a equipa.

N.A. - E as grandes desvantagens da zona?

Costa - Quando não é bem feita, quando existem desatenções, quando os sectores não estão juntos, dá-se alguma liberdade de acção ao adversário. Para mim, esta é a grande desvantagem. Isto é, numa interpretação pouco apurada, permitem-se algumas liberdades ao adversário que lhe possibilitam esplanar o seu jogo. Por isso é que eu digo que a zona pressupõe redução dos espaços e intensidade defensiva. E essa intensidade defensiva tem que ser de todos, tem que ser solidária. Muitas vezes, aquilo que se vê é que a pressão é feita quase que individualmente, ou seja, ainda que se tente pressionar a bola, aquilo que se vê é que vai um jogador, depois vai outro, depois outro,... e, às tantas, a equipa não consegue recuperar a bola, porque os jogadores são fintados. Portanto, para haver uma boa defesa à zona têm que existir estes pressupostos.

N.A. - A literatura, em termos de desvantagens da defesa à zona, fala precisamente na maior iniciativa dada ao adversário, situação que, na sua perspectiva, deixa de acontecer se existir intensidade defensiva colectiva. No entanto, a literatura fala também em fragilidades ao nível das mudanças de flanco. O que pensa acerca deste aspecto?

Costa - Acho que não. Não concordo, porque a defesa à zona pressupõe uma boa leitura táctica, uma boa colocação no terreno e um bom balanceamento da equipa, não só na redução em profundidade, mas também para um lado e para o outro, de forma a compensar essas mudanças de flanco. Portanto, as mudanças de flanco são uma das tentativas que se usam para diminuir a eficácia da defesa à zona. Procuram-se fazer mudanças de flanco, longas ou indirectas rápidas, todavia, se a equipa que está a defender à zona estiver bem entrosada e bem mecanizada, consegue compensar isso facilmente.

N.A. - Gosta mais de jogar contra equipas que defendem à zona ou que defendem homem-a-homem?

Costa - Homem-a-homem, como é óbvio! Porque é mais fácil «desmontar» as marcações homem-a-homem, porque é mais fácil explorar espaços, porque é mais fácil fazer combinações ofensivas, desde que a condição física das equipas seja semelhante.

N.A. - Em termos profissionais o que é que prevalece em Portugal, a defesa homem-a-homem ou a defesa à zona?

Costa - Eu diria que Portugal não foge à regra e que hoje segue, de uma maneira mais evidente do que há alguns anos atrás, as tendências do futebol mundial. Se olharmos para as grandes equipas, reparamos que a defesa à zona pressionante é uma das tendências do futebol actual. As grandes equipas jogam assim e, portanto, Portugal está a seguir essa tendência e eu diria que existem mais equipas neste momento a jogarem assim. Não todas, mas muitas, mais do que havia antigamente. Acho que estamos no bom caminho, que estamos atentos. Existem duas ou três equipas que seguem outra filosofia,... o Boavista,... o Moreirense também usava muito o estilo de jogo do Boavista... mas eu não sou apologista dessa filosofia.

N.A. - A defesa à zona pode, então, ser vista como uma necessidade das equipas que pretendem chegar ao top?

Costa - A história do futebol diz-nos que a interpretação do jogo pode ter vários conceitos passíveis de chegar ao êxito. A história do futebol diz-nos que vários conceitos tiveram sucesso. Agora, eu gosto assim e penso que é este o caminho que está mais próximo do sucesso, o que não quer dizer que outros treinadores, com uma filosofia diferente, não tenham êxito na mesma. Eu penso que sim, que a tendência será cada vez mais equipas defenderem numa zona pressionante.

N.A. - Partindo do pressuposto que existe a tal relação estreita entre a forma como defendemos e a forma como atacamos, o que é que defender homem-a-homem prejudicaria a sua equipa ao nível do ataque?

Costa - Repare, numa defesa à zona a estrutura da equipa pode manter-se muito mais estável no decorrer da acção defensiva. Tendo eu a equipa estruturada em 4-3-3, por exemplo, se a equipa interpretar bem a defesa à zona, essa estrutura quase que não se altera, mantendo-se estável. Ora este facto faz com que possamos ser mais

eficazes ao nível da transição e da acção ofensiva. Já na marcação homem-a-homem, em função dos problemas criados pelo adversário, pode haver uma maior necessidade de adaptação a esses problemas e, por arrastamento, uma maior instabilidade na minha estrutura. Portanto, se conseguirmos ser mais eficazes na defesa à zona, então, teoricamente, também seremos mais eficazes no desenvolvimento ofensivo da nossa estrutura. Se uma equipa defender bem à zona, a sua transição para o ataque sai sempre potenciada, por uma maior estabilidade na estrutura que está implementada.

N.A. - Concorda com a ideia de que, por muito bem que uma equipa esteja equilibrada defensivamente quando ataca, se ela em transição defensiva partir para a marcação homem-a-homem poderá colocar em risco esse equilíbrio?

Costa - Claro. Se a equipa não for eficaz e o adversário conseguir «matar» uma ou duas marcações homem-a-homem que existam, ela fica completamente desequilibrada. Mas isso também na zona, caso o adversário consiga fintar um ou dois. Agora, se a equipa defender à zona, consegue manter mais facilmente esse equilíbrio e consegue também ganhar mais tempo na recuperação de posições dos seus elementos.

N.A. - Concorda com a ideia de que a defesa à zona, quando bem feita, permite-nos ter a iniciativa do jogo sem estarmos em posse da bola?

Costa - Eu penso que defendendo à zona não temos tanto a necessidade de nos adaptarmos ao jogo do adversário, o que nos permite manter o tal equilíbrio da estrutura que está treinada. A zona tem também esta vantagem. Quando o adversário tem a bola, e se a zona estiver bem treinada, a nossa estrutura não muda muito quer eles joguem em 4-3-3 ou em 4-4-2 ou noutro sistema qualquer.

N.A. - O Valdano refere que quem marca homem-a-homem corre por onde o adversário quiser...

Costa - Já falámos sobre isso. É uma das desvantagens da defesa homem-a-homem. Quando marcamos homem-a-homem, temos que nos adaptar às dificuldades que o adversário nos coloca e, se nos temos que adaptar, isso significa que, por vezes, o adversário nos leva para zonas que lhe são mais favoráveis.

N.A. - Posso então afirmar que o optar entre defesa à zona ou a defesa homem-a-homem é, no fundo, optar entre o condicionar ou o ser condicionado?

Costa - Concordo. Num nível de interpretação alto, penso que isso é completamente verdade. Isto é, quanto mais alto é o nível de interpretação do homem-a-homem e da zona, mais isso é verdade.

N.A. - O Menotti refere que a zona é liberdade. O que é que acha que ele quer dizer com isto? Concorda?

Costa - Pode ser liberdade, mas também é responsabilidade. Talvez na altura dele fosse mais liberdade. Hoje, na minha opinião, continua a ser liberdade, mas com mais responsabilidade.

N.A. - Mas liberdade em que medida?

Costa - Ele diz isso contrapondo à marcação homem-a-homem. Se na marcação homem-a-homem o defensor está condicionado a fazer o que o seu adversário fizer, a segui-lo para todo o lado, ele está a reagir e não a agir. Está a reagir em função daquilo que o adversário faz. Nesta perspectiva, faz sentido falarmos em liberdade quando falamos de defesa à zona.

N.A. - O Maturana refere que a zona faz da defesa a arte de atacar. Penso que se referia à zona pressionante. É correcto dizer que a zona pressionante se faz para atacar?

Costa - Aquilo que eu penso que se pode dizer é que os treinadores utilizam a zona pressionante, não só para terem uma maior eficácia defensiva, mas também com a intenção de terem mais vezes a possibilidade de lançar o ataque. Agora, a forma como depois vão lançar o ataque vai depender das características dos jogadores e da equipa.

N.A. - Hoje em dia fala-se muito em agressividade, em pressão alta, em *pressing*. Concorda com a ideia de o *pressing* tanto pode ser feito zonalmente como homem-a-homem?

Costa - Primeiro, interessa referir que existe um conjunto de aspectos que são fundamentais na agressividade e que entroncam na educação desportiva, na filosofia do treino, no respeito pelo adversário e no *fair-play*. Uma equipa pode ser altamente agressiva e eficaz defensivamente sem que para isso necessite de fazer muitas faltas. Uma das coisas com que eu me preocupo ao nível da minhas equipas é que elas tenham uma forte componente de agressividade, mas onde estes conceitos estejam permanentemente presentes. E, pela minha experiência, posso dizer que a eficácia defensiva, a agressividade e o respeito pelas regras do *fair-play* e da qualidade do jogo são completamente compatíveis.

Quanto à sua pergunta, para mim, o ideal é a interpretação da defesa à zona ser tão perfeita que evite ao máximo que as marcações individuais se prolonguem no tempo e no espaço.

N.A. - Muitas vezes, pede-se aos jogadores para fazerem «campo pequeno» a defender (bloco compacto, equipa compacta, proximidade entre linhas), mas depois também se pede para que estes marquem homem-a-homem. Não será isto um contra-senso?

Costa - Por isso é que eu referi que o conceito de defesa à zona, de bloco, de sectores juntos, será tanto mais eficaz e tanto mais desenvolvido quanto menos marcações individuais e homem-a-homem contemplar. Não precisa! Porque? Porque, como o espaço é tão reduzido e as compensações são bem feitas, as marcações são quase que pontuais. Eu marco homem-a-homem um bocado, mas depois deixo de marcar porque a bola já está noutro lado e o balanceamento e a organização da minha equipa não necessitam que eu marque durante muito tempo ou por muito espaço.

N.A. - O que é que é mais importante: que os seus jogadores ocupem os seus espaços em função do local onde está a bola ou que marquem os adversários em função do local onde está a bola?

Costa - Ambas as coisas. As duas coisas complementam-se. Eles têm que marcar o homem. Têm que ter em atenção a colocação da bola e, quanto mais próximo da bola, mais a marcação tem de se fazer sentir. Se a bola está no flanco direito, os meus jogadores não vão marcar homem-a-homem os adversários que estiverem no flanco contrário, agora, no flanco onde está a bola, toda a gente tem que marcar homem-a-homem, mas, como o espaço é reduzido, essas marcações acontecem em espaços muito reduzidos. Porque, se o meu adversário se afastar muito, já vai cair no espaço de outro colega meu. Por isso é que eu digo que a intensidade defensiva obriga a que todos os jogadores próximos da bola apertem as suas marcações, não chega alguém marcar o homem com bola. Agora, o lateral do corredor contrário não vai estar a marcar homem-a-homem o ala, vai, isso sim, fechar o espaço interior.

N.A. - Para colocar em prática o seu sistema defensivo tem, normalmente, em conta as características ofensivas do adversário, isto é, ao nível da preparação do jogo?

Costa - O objectivo que eu procuro desenvolver, no treino e ao longo da época, é que possamos, na maior parte dos jogos possível, alterar o menos possível a filosofia e a estrutura da equipa. Portanto, eu procuro manter a minha filosofia e a minha estrutura ao nível da interpretação do jogo (de cada jogo). Agora, existem vários condicionalismos que, por vezes, não nos permitem cumprir com esta ideia: a classificação, o adversário, os jogadores que tenho disponíveis,... Mas, como filosofia, prefiro manter e tentar provocar adaptação no adversário. Eles é que se adaptam, eles é que têm que se adaptar! E depois é o tal jogo do gato e do rato... Agora, há quem não defenda isso, há quem tenha a filosofia de se adaptar às características do jogo do adversário. Isso acontece muito quando se tem uma equipa teoricamente inferior.

N.A. - Partindo do pressuposto que algumas equipas defendem homem-a-homem, quais são, na sua opinião, as principais razões que levam os treinadores a optarem por esse tipo de defesa?

Costa - Deve-se ao facto de apostarem mais numa vertente física como factor de compensação em termos de equilíbrio de produção de jogo contra equipas que, normalmente, são mais técnicas. E isso não quer dizer que também não tenham sucesso. Por exemplo, se o Moreirense a dada altura não opta um bocado por este tipo de estilo de jogo, e o próprio Manuel Machado disse-o, não tinha tido as prestações que teve.

N.A. - Alguns treinadores referem que, para se defender à zona, é preciso ter jogadores. Não acha que...

Costa - Não sei qual é a pergunta que me vai fazer, mas digo-lhe já uma coisa. Só excepcionalmente, por uma grande deficiência no plantel, é que eu posso ser obrigado a não poder defender à zona. De uma forma geral, é sempre possível. Só excepcionalmente é que não. Até hoje, nunca apanhei uma equipa com a qual não fosse possível defender à zona. E sou treinador desde 1972!

N.A. - Quer dizer que um treinador que diz que não defende à zona porque não tem jogadores não está a dizer a verdadeira razão?

Costa - Na minha opinião não. Não é essa a grande razão. Para mim, a grande razão é o facto do treinador fazer uma análise às potencialidades dos jogadores e, na sua concepção, entender que é mais eficaz e mais produtivo implementar outra forma de defesa. É a única razão. E não digo que o treinador não esteja certo. Agora, eu, como filosofia, acredito na defesa à zona e por onde tenho passado (e já passei por todas as divisões, já estive no estrangeiro) sempre consegui implementar com eficácia a zona pressionante.

N.A. - Tem é que se treinar...

Costa - Tem é que se treinar.

N.A. - Mais do que o homem-a-homem?

Costa - Para mim, mais importante do que começar a treinar o modelo e a estrutura, é implementar conceitos, conceitos relativos à interpretação do jogo, que são fundamentais para depois a interpretação do modelo. Conceitos como «reduzir espaços», «jogar simples», «pensar rápido»,... E isso passa, necessariamente, pelo treino.

N.A. - A ideia que eu tenho é que na defesa homem-a-homem pouco há a treinar, é algo que acaba por ser relativamente simples de fazer. Já a zona, se não for treinada, é quase impossível colocá-la em prática...

Costa - Tal como eu lhe disse, a zona é uma interpretação mais complexa do jogo mas, quanto a mim, muito mais eficaz.

ENTREVISTA A JOSÉ ANTÓNIO CAMACHO

Treinador Principal do Sport Lisboa e Benfica

Complexo Desportivo Municipal Monte da Galega (Amadora), 9 de Abril de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - ...

José António Camacho (Camacho) - Primeiro artigo: Se eu jogo à zona, jogo como eu quero. Sempre. Independentemente do adversário. Vou jogar contra o Porto, vou jogar contra o Beira-Mar, vou jogar contra o Paços, mas a minha equipa jogará sempre igual. Isto é, a zona é a identidade da equipa. Este é o primeiro objectivo: jogar sempre igual. A minha defesa joga sempre igual, nunca muda e, dentro da zona, cada jogador ocupa-se de um espaço. Sempre. Se o adversário que está no meu espaço for para outro espaço, eu não vou atrás dele. Fico sempre no meu espaço e esse posicionamento é em função da baliza. Se formos marcar homem-a-homem, o que vai acontecer é que fica sempre muito espaço livre. Um jogador ao abandonar o seu espaço para seguir um adversário vai fazer com que fique muito espaço livre. Por isso, eu defendo sempre à zona.

N.A. - Por aquilo que vejo, aposta em que a sua equipa jogue bem e jogue ao ataque. É por acreditar que assim é mais fácil ganhar?

Camacho - Sim, mas isso é romântico, compreendes? Porque tudo depende da tua equipa. Se a tua equipa joga muito bem... mas se uma equipa pequena não tem jogadores para jogar bem, então não vale de nada.

A defesa é... quando se defende temos que pensar que podemos atacar defendendo. Depende de onde pressionamos. Em cima, no meio ou atrás... Mas quando é que a defesa defende? É isso que o jogador tem que saber. Compreendes?... Sempre que podem, os jogadores devem estar colocados. Atacar não é colocar seis ou sete jogadores dentro da grande área adversária. Isso não é ataque, é desorganização!

N.A. - Vê o ataque e a defesa de forma independente ou os dois processos estão interligados?

Camacho - Não, Não. Vejo tudo junto. Por exemplo, num canto a nosso favor, os três jogadores que ficam na zona do meio campo não atacam, defendem. Quando o lateral tem a bola e ataca pelo corredor, não atacam todos.

N.A. - Se colocasse a sua equipa a defender homem-a-homem, o que é que isso a prejudicaria ao nível do ataque?

Camacho - Prejudicava porque não saberia onde iriam estar os jogadores. A colocação dos meus jogadores iria estar dependente da equipa adversária.

N.A. - O Valdano refere que quem marca homem-a-homem fica prisioneiro do adversário. Concorda?

Camacho - Depende. Podemos marcar um homem. Por exemplo, se eu fou jogar contra o Porto e marcar o Deco e conseguir que ele não toque na bola, o rendimento do Porto baixa muito. Agora, se eu for marcar o Real Madrid homem-a-homem, quem é que vou marcar? O Figo? O Zidane? O Ronaldo? O Raúl? Compreendes? Mas, se marcarmos só um jogador homem-a-homem, podemos baixar o seu rendimento.

N.A. - Mas a estrutura (o bloco) vai ser afectada, não acha?

Camacho - Sim, mas um jogador pode fazê-lo. Isso depende se a tua equipa é grande, mediana ou pequena. Também depende disso. Se a tua equipa é pequena, possivelmente é melhor a zona do que estar só um jogador a marcar, porque todos vão trabalhar. Agora, se a tua equipa for grande... Por exemplo, o Barcelona fá-lo muitas vezes. O Puyol costuma marcar um jogador homem-a-homem e isso não afecta a estrutura da equipa.

N.A. - Quando uma equipa está toda recuada, toda lá atrás no seu meio campo defensivo, com uma atitude de espera, é comum ouvir-se os comentadores referirem que a equipa está a defender à zona. Concorda com esta ideia?

Camacho - Os comentadores falam, falam, mas não sabem muito. Muitas vezes, quando as equipas defendem e atacam dependem do adversário, do momento, da situação, e não por o treinador lhes ter dito para atacarem todos ou para defenderem todos. Comentadores são comentadores, opinião é opinião.

N.A. - A zona pode então não ser uma forma de defender passiva?

Camacho - Passiva?! A zona?! Pode ser muito agressiva! É passiva se se disser: «Tu ficas aqui, tu aqui e tu aqui... pronto... já está». Isto é passivo. Mas quando um adversário entra na zona de um jogador, ele vai trabalhar, vai trabalhar,... Depende. Por isso, passiva não.

N.A. - Quando é que ficou adepto da defesa à zona?

Camacho - Já quando era jogador gostava. Mas eu também já joguei numa zona mista. Por exemplo, com o Rayo Vallecano...

N.A. - O Valdano referiu que em Espanha ainda prevalecia a defesa homem-a-homem. Ainda é assim?

Camacho - Não, em Espanha todos jogam à zona.

N.A. - E cá em Portugal?

Camacho - Aqui em Portugal as equipas jogam como sabem, como sai, como calha! Em Portugal é comum vermos aos 88 minutos sete jogadores junto à área adversária!

N.A. - Quais são as equipas que defendem à zona na Superliga?

Camacho - Na Superliga? O Porto, que defende e joga muito bem, defende à zona. À zona vão correr todos. O Benfica também defende à zona. As outras equipas não vi. As outras equipas correm muito atrás da bola! A bola vai para um lado e vão todos atrás, a bola vai para outro lado e vão todos atrás. Não têm sentido de defesa. Ao minuto 88, vejo perderem-se muitas partidas, porque as equipas estão a atacar com sete ou oito jogadores. Não é uma questão de atacar, é uma questão de ganhar e, para ganhar, os jogadores têm que manter as posições.

N.A. - Quais os indicadores que nos permitem dizer que uma equipa defende à zona?

Camacho - Vê-se bem quando tu vês a posição dos jogadores em campo. Vês a posição e vês se jogam à zona ou não. Porque isto é como tudo... o problema é que tu dizes para se colocarem à zona, mas isso é trabalhado ao nível do treino? Porque eu digo aos jogadores que vamos jogar à zona, mas tenho que lhes explicar o que têm que fazer. Compreendes? Um treinador diz: «vamos jogar à zona». Mas trabalha-a no treino? Mas trabalha-a e explica o que cada jogador tem que fazer? Esse é problema. Não sei se explica, se trabalha. Eu explico, eu trabalho, mas não sei se os outros o fazem.

N.A. - O que é que pede em concreto aos seus jogadores?

Camacho - Peço para cada um fazer o seu trabalho, a sua obrigação. Cada um tem uma obrigação para com a equipa. Um defesa não é um médio, um médio não é um avançado e um avançado não é defesa, mas todos têm que cumprir as suas obrigações para com a equipa. Não quero que o defesa central seja avançado centro, nem que o avançado centro seja defesa central. Quero que cada um tenha a consciência do que tem que fazer. E têm que ter mentalidades diferentes, porque perder a bola perto da baliza adversária não é problema, mas perder a bola na nossa área é sofrer golo. Não podem ser todos iguais. Cada um tem o seu trabalho. É como nós: eu faço o meu trabalho e o José Gomes faz o seu, mas somos os dois do Benfica.

N.A. - Desvantagens da zona?

Camacho - Como um lateral ou um médio não devem abandonar muito o seu sítio, trabalha menos a improvisação. O jogador tem que trabalhar mais para a equipa, porque ao trabalhar na zona tem que ser mais solidário.

N.A. - E considera isso uma desvantagem?

Camacho - Bem, para muitos jogadores sim, porque perdem imaginação. Mas claro, se eu tenho um futebolista, um, que resolve todos os problemas, eu digo-lhe: «Tu não jogas à zona, tu jogas por ti e resolves os problemas». Se isso não acontece, cada um tem que estar no seu sítio como equipa.

N.A. - Algumas pessoas referem o dar-se a iniciativa ao adversário como uma das desvantagens da zona...

Camacho - Não! Isso é porque não jogam à zona. O problema é que muita gente não sabe o que é a zona. A zona é colocação em campo, precisamente para não dar vantagem a ninguém. Eu coloco a minha equipa próxima, no centro do terreno, e, se o adversário sai a jogar longo, ela tenta ganhar a segunda bola, se ele sai a jogar curto, ela vai pressionar na frente, à zona. Agora, se o adversário sai a jogar curto e a equipa fica parada, é claro que lhe dá iniciativa. Se o adversário sai a jogar curto e a equipa não o vai apertar e tentar roubar a bola, dá-lhe iniciativa.

N.A. - O que é que é mais desgastante em termos físicos, defender homem-a-homem ou defender à zona?

Camacho - O desgaste é menor à zona e maior homem-a-homem. Defendendo homem-a-homem, temos que estar dependentes dos atacantes contrários e o desgaste é maior. Eu tenho que te seguir, tenho que ir para onde tu estás, quer jorges bem ou mal. Na zona, existe uma repartição de tarefas. Os jogadores também têm de trabalhar, mas com outra ordem.

N.A. - Concorda com a ideia de que a zona é a única forma de defender que nos permite, sem termos a posse de bola, controlar a iniciativa do jogo?

Camacho - Sim. Sim, mas depende daquilo que eu peça aos meus jogadores. Tenho que pedir aos meus jogadores colocação em campo à zona, mas depois também iniciativa para jogar, iniciativa para defender. Agora, se eu lhes disser para defenderem apenas quando o adversário entra no nosso meio campo e o deixarem jogar até aí, isso é outra coisa. Se te colocares em campo e pressionares o adversário quando ele sair a jogar curto ou tentares ganhar a segunda bola quando ele sair a jogar longo, aí, a iniciativa é tua, tu mandas em campo. Se o quiseres, se jogares assim. Se não queres, não. Se defenderes com os jogadores todos cá atrás à zona, isso também é zona! Agora, ou queres agressividade e queres ir procurar a bola, ou não. Tu é que sabes.

N.A. - Maturana refere que essa zona mais agressiva, mais pressionante, faz da defesa a arte de atacar. Concorda?

Camacho - Depende de onde se faça a zona. Se tentarmos roubar a bola em cima, estamos muito mais perto da baliza contrária. Mas depende das características dos jogadores que temos. Se a minha equipa defender à zona, mas tiver jogadores pouco agressivos como característica, nunca posso roubar a bola. Se eu tenho três ou quatro jogadores que não roubam a bola, posso colocá-los à zona, mas não poderão roubar a bola, porque não sabem.

N.A. - Outra desvantagem da zona que a literatura aponta tem a ver com a mudança de flanco da bola. Essa é uma debilidade da zona?

Camacho - Não, se eu der mobilidade à minha equipa. Outra coisa é os jogadores ficarem parados, não terem mobilidade. Se os jogadores tiverem mobilidade, isso não é um problema. Por outro lado, quando um jogador, jogando na zona, ganha a bola, dá meia volta e sabe onde é que os companheiros estão colocados. Sabe que pode jogar, porque sabe que, com uma bola similar, os companheiros têm que ocupar aqueles espaços.

N.A. - Não será essa uma das grandes vantagens da zona, isto é, quando partimos para o ataque sabemos onde os nossos colegas estão?

Camacho - Claro, mas tem logo que haver mobilidade, porque, se não te moves, morres.

N.A. - Quais as grandes vantagens da defesa homem-a-homem?

Camacho - Posso marcar, posso aborrecer o adversário, posso eliminar um determinado jogador. Pode ser que o organizador de jogo, em vez de receber quinze bolas, receba só seis e baixe a percentagem... Se um avançado centro é forte e em vez de sete remates faz quatro, pode. Mas isto quando tenho um bom marcador, porque, se a marcação ao homem falha, acabou-se, pois ele isola-se.

N.A. - Porque é que não opta por uma defesa mista?

Camacho - Não, porque, marcando à zona, em cada zona se marca o homem. Na tua zona vais marcar o homem. Outra coisa é o defesa central, se o avançado é inteligente vai-se juntar a dois ou a três jogadores, mas com a zona se tu vais para ali é outro que te vai marcar... se não és perigoso por estares longe da baliza não te vou marcar... perto e dentro da área sim, vamos ao homem... marcamos à zona com pressão e com homem.

N.A. - Normalmente, os treinadores querem o campo pequeno e a equipa compacta a defender, mas depois pedem para se fazer uma pressão individual. Não será isto um contra-senso?

Camacho - Pressão individual? Pressão individual não existe. O que existe é pressão dentro do grupo.

N.A. - Mas é impossível fazer-se o campo pequeno a defender se se pressionar individualmente?

Camacho - Depende do adversário. Se jogam curto, sim, se jogam longo, não.

N.A. - Se o adversário for bom, fará campo grande a atacar...

Camacho - Sim, claro. Por isso muitas vezes se vê o campo dividido em dois: um grupo de jogadores perto de uma baliza e outro perto da outra. Se uma equipa vai marcar homem-a-homem ficam num lado seis jogadores e no outro cinco. Mas, em relação a isso, cada treinador é que sabe. Se ganha, ganha. Vale tudo!

N.A. - Menotti refere que a zona é liberdade. Concorda?

Camacho - No futebol jogam todos com liberdade, mas, se jogas à zona, vais marcar dentro da tua zona, vais trabalhar, vais lutar,... aí vais trabalhar com liberdade... mas isso são palavras poéticas! Isso não significa que um defesa possa jogar a avançado centro... quer dizer que, na sua zona, ele pode atacar e pode defender. Mas isso também depende das características do jogador, porque se te digo para jogares com liberdade, mas não sabes

atacar, para que queres abandonar a tua posição? Agora, se tenho um jogador como o Roberto Carlos, ele joga à zona, mas com toda a liberdade, porque o adversário vai estar dependente dele.

N.A. – Mas, dizer que a zona é liberdade não terá um pouco a ver com o entender-se a marcação homem-a-homem como uma prisão para os jogadores?

Camacho - Sim, mas eu acho que hoje já não é assim, penso que hoje já não existe nenhuma equipa no mundo que marque todos os jogadores homem-a-homem. Isso já não existe. Eu não vejo isso. Antigamente, muitas equipas marcavam dessa forma (dizia-se: «Tu marcas este, tu marcas aquele, tu o outro,...»), mas agora eu já não vejo isso. Eu vejo futebol constantemente e isso já não existe. Pode ser que marquem dois ou três jogadores, mas mais jogadores a marcar homem-a-homem eu penso que não.

N.A. - Nem aqui em Portugal?

Camacho - Também não. Aqui ainda não vi. Aqui em Portugal vi o Boavista marcar homem-a-homem o Nuno, o Simão e o Zahovic. Três jogadores. Agora, seis ou sete não.

N.A. - Olhando, por exemplo, para o último jogo do Benfica, com o Paços de Ferreira... O Paços de Ferreira defende à zona?

Camacho - Sim. O que acontece é que o pode fazer melhor ou pior. Pode fazer a zona melhor ou pior, mas os jogadores ficam mais ao menos na zona. Por outro lado, depende da forma como se explica que se joga à zona. Porque a zona é uma palavra grande, muito extensa. Como queres tu jogar à zona? Esse é que é o problema, porque se eu digo «vamos jogar à zona», o que é que quer dizer isso? Tenho que dar explicações aos jogadores sobre o que têm que fazer e sobre o que não têm que fazer. E tenho que o treinar para que os jogadores o façam em campo. Porque aquilo que eu vejo é que os treinadores dizem: «Amanhã, contra o Benfica, vamos jogar em 4-4-2». Muito bem. Mas isso foi trabalhado? Esse é o problema. Porque a zona é isto tudo. Quando tu marcas à zona, dentro da tua zona tu marcas o homem, vais pressionar, vais roubar e vais atacar pela tua zona, pelo teu corredor.

N.A. - Voltando um pouco atrás, à zona *pressing* alta e à questão da economia em termos físicos. Mesmo uma zona tão agressiva e tão alta como a que o Porto faz consegue ser mais económica que a marcação homem-a-homem?

Camacho - É sempre mais económica. Quanto menos os jogadores correrem, melhor. E, se o fizerem mais em cima, quase que não se movem. Homem-a-homem, o jogador vai sempre atrás de alguém. Mas as equipas, normalmente, só marcam homem-a-homem um ou dois jogadores. Um lateral joga no seu sítio e o outro também e nenhum deles vai ao outro lado marcar um jogador, normalmente. Mantém-se no seu corredor. O que se vê muito é um central a acompanhar o jogador que marca. Isso pode ser, mas não se vêem todos os jogadores a acompanhar todos os jogadores adversários.

De qualquer maneira, qual é a tua ideia para o futebol? O que é que queres? Tens é que saber o que queres. Não penses em vantagens e em desvantagens. Normalmente, a zona é sempre vantajosa, mas tu à zona podes pedir para a equipa ir pressionar ou achar que ninguém vá pressionar. Podes fazer recuar toda a equipa e... Viste o Real Madrid - Manchester? O Manchester jogou à zona, mas não pressionou, não tentou roubar a bola. Só quando o Madrid perdia a bola é que eles jogavam. É uma ideia. Agora, se a equipa adversária tiver um jogador que eu, ao anulá-lo, a equipa não joga, também está certo. Um ou dois jogadores.

N.A. - Já que deu esse exemplo do jogo entre o Real e o Manchester deixe-me perguntar-lhe o seguinte: É melhor defender perto ou longe da nossa baliza?

Camacho - Depende sempre da nossa equipa. Porém, perto da baliza adversária é o melhor sítio, porque aí, se se falhar, não há problema, pois ainda existe uma grande distância até à nossa baliza. Mas, se temos uma equipa pequena e defendemos alto, normalmente a partida acaba 5-0, perdemos. Porque o adversário sai a jogar e facilmente sai da pressão. Por isso é que normalmente defendem mais atrás para que haja menos espaço. Se se pressiona alto, existe muito espaço. Por outro lado, se pressionarmos alto, com a nossa linha defensiva junto à linha de meio campo e temos defesas lentos e o adversário tem um avançado muito rápido, temos que ter cuidado.

N.A. - Uma vez que falou na necessidade de se treinar esses aspectos, gostaria de saber o que demora mais tempo a trabalhar, pressionar alto ou baixo?

Camacho - Depende da tua equipa e se ela é uma equipa grande, média ou pequena. E depende de onde tu vejas os problemas da tua equipa. Se ela tem mais problemas a defender atrás, trabalhas mais isso, ou o contrário.

N.A. - Mas, começando do zero, o que é que demora mais a assimilar por parte dos jogadores?

Camacho - Mas os jogadores nunca partem do zero, sabem sempre algo. Para o treinador, o mais difícil é sempre o ataque, porém, ele tem sempre que começar por tentar melhorar um pouco a defesa, porque, ainda que tenha ataque, se não tiver defesa, vai sempre sofrer golos e acaba por não ganhar. O ataque começa sempre pela defesa, porque se nós vamos atacar, atacar, atacar,... e o adversário ganha a bola e marca golo... A consistência do ataque é-nos dada pela defesa. Sempre. É a defesa que nos dá a segurança ofensiva.

N.A. - Quais são, para si, as características da zona ideal?

Camacho - Eu quero uma equipa que mande em campo, que diga: «Jogue contra quem jogar, eu jogo assim!». Que seja capaz de pressionar na frente ou de recuar em função das necessidades em cada momento.

N.A. - Gosta mais de jogar contra equipas que defendam homem-a-homem ou que defendam à zona? Porquê?

Camacho - Contra equipas que marquem homem-a-homem, porque deixam mais espaços. Ao se preocuparem com o jogador A, com o jogador B e com o jogador C, vão deixar mais espaço para outros!

N.A. - Para uma equipa que aspire ao sucesso é indiferente a forma com defende?

Camacho - Tem que defender à zona. Se marcar homem-a-homem vai ter sempre problemas. Vai ter sempre problemas, porque estará sempre dependente do jogador que faz essa marcação. A equipa está sempre dependente de ele conseguir marcar e anular o adversário e, se essa marcação falhar, o adversário vai ficar livre muitas vezes. Se a equipa adversária tiver um jogador perigoso e eu o for marcar homem-a-homem, aquilo que vai acontecer é que os meus companheiros não se vão preocupar com ele e, se ele estiver num dia bom, eu vou ter muitos problemas!

ENTREVISTA A JOSÉ GOMES

Treinador Adjunto do Sport Lisboa e Benfica
Instalações da FCDEF-UP (Porto), 26 de Maio de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Gostava de começar por esclarecer os conceitos de defesa homem-homem e de defesa individual, na medida em que podemos estar a utilizar o mesmo conceito, mas a referirmo-nos a coisas diferentes. O que é, para si, defender homem-a-homem?

José Gomes (Gomes) - Defender homem-a-homem é os jogadores marcarem os seus adversários directos, isto é, cada jogador marca o homem que entra no seu raio de acção (o homem que está mais perto). No entanto, se eu pedir ao Andrade para marcar o Deco, por exemplo, já estamos a falar de uma marcação individual, ou seja, falamos de marcação individual quando um jogador tem sempre o mesmo adversário para marcar. Agora, para mim, este tipo de situações, quer estejamos a falar marcações homem-a-homem quer de marcações individuais, são um erro. Pedir a um jogador para marcar o seu adversário independentemente da bola é um erro! Um treinador que domine os princípios do jogo não pode pedir isto. Por isso, na minha opinião, estamos a falar de saber defender ou não saber defender. Andar atrás do homem independentemente da bola é não saber defender.

N.A. - Está a querer dizer que só há uma forma de defender bem e que é à zona?

Gomes - Sim. É à zona, porque só há uma baliza. Nós só defendemos uma baliza. Portanto, se só existe uma baliza para nós defendermos, devemos-nos colocar de forma a que a equipa adversária não consiga fazer a bola lá entrar, e isso só é possível diminuindo os espaços, fechando as linhas de passe e, sempre que estivermos organizados, saindo em pressão. Essa pressão pode ser feita mais à frente ou mais atrás, mas isso já vai depender quer da estratégia quer das acções que ocorreram anteriormente, ou seja, se deu tempo para estarmos já todos colocados, partimos para a pressão, se ainda estamos a defender só com cinco ou seis jogadores, temos que fazer mais contenção e esperar mais dez ou quinze segundos para que cheguem todos e aí sim podemos desenvolver nas zonas de pressão as acções de *pressing*.

N.A. - O que é que mudou no Benfica com a chegada do Camacho? Isto é, quais as principais mudanças no que à forma de ver o jogo diz respeito (tanto ao nível do ataque como da defesa)?

Gomes - Aquilo que se pretende com o treino é diminuir o factor surpresa das acções adversárias e que cada jogador saiba o que fazer em cada uma das situações previsíveis do jogo (situações que sabemos que acontecem sempre em todos os jogos). Com o Camacho, temos aprofundado muito esta questão da colocação em campo em todo esse conjunto de situações previsíveis do jogo. Refiro-me à colocação em campo no pontapé de baliza adversário, no pontapé de baliza a nosso favor, nos lançamentos de linha lateral nas zonas defensiva e ofensiva (a favor e contra), nos livres (nas mais variadas zonas do campo), nos cantos a favor e contra, à colocação dos jogadores para ganharem a segunda bola,... Portanto, o trabalho de colocação em campo em todas as situações previsíveis do jogo tem sido muito mais aprofundado e penso que isso se tem notado claramente nos jogos. O Camacho teve também desde início uma preocupação muito maior com as coberturas ofensivas e com a distância entre linhas. Aliás, é expressamente proibido aumentar as distâncias entre linhas. Por exemplo, quando o Nuno Gomes sai a pressionar, imediatamente os centrais e o resto da equipa têm que acompanhar para que a distância entre linhas não aumente. Houve, de facto, uma maior preocupação neste sentido. Resumindo, houve uma preocupação com a colocação em campo e com todas as situações previsíveis do jogo. E, se nós nessas situações conseguirmos ter a equipa colocada, o desenvolvimento dessas acções vai fazer com que a equipa esteja praticamente sempre bem colocada e nunca seja apanhada, por exemplo, numa situação em que tenha que defender apenas com quatro jogadores. Dificilmente o Benfica agora defende só com quatro jogadores. Defende sempre com cinco ou seis e, em dez, quinze segundo no máximo, está todo recolocado.

N.A. - Nos pontapés de canto a colocação também é à zona?

Gomes - Não. Mas com o Jesualdo era. Com o Jesualdo, seis jogadores colocavam-se no espaço à volta da zona de intervenção do guarda-redes, mais ou menos na pequena área, formando um meio-círculo. Cada um era responsável pelo seu campo de acção. No entanto, como a maior parte dos jogadores não estavam habituados a essa situação, o Camacho entendeu que seria melhor cada um marcar um adversário e fazer o acompanhamento. De qualquer maneira, penso que o Camacho é apologista dessa segunda situação, pois existe uma responsabilização. Se um adversário marcar golo, a culpa é de quem o estava a marcar e, desse modo, talvez a aplicação seja maior.

N.A. - O Camacho refere que devemos pensar que podemos atacar defendendo, e que isso dependia do local onde pressionávamos. O que é que ele queria dizer com isto?

Gomes - Se nós defendermos mais perto da baliza adversária e se conseguirmos fazer a recuperação da bola aí, estamos mais perto de fazer golo, não é assim? Agora, nós só conseguimos fazer isso se estivermos colocados. Nós não podemos fazer *pressing*, que é uma acção colectiva, quando não estamos colocados. Se a equipa não estiver colocada, aquilo que acontece é que partimos para uma situação de pressão individual e isso pode aumentar o desequilíbrio da equipa.

N.A. - Ele também refere que não vê a defesa e o ataque de forma separada, mas de forma interligada. Pode explicar um pouco melhor esta ideia?

Gomes - Ele, aí, estava a referir-se, por exemplo, à cobertura ofensiva. Quando estamos a atacar, já devemos estar preocupados em como é que vamos defender, caso percamos a bola. E, a este nível, é fundamental a colocação dos dois médios mais recuados e dos quatro defesas. Por exemplo, se um lateral subir no terreno e ficarem só três defesas, aquilo que tem que acontecer é os dois médios mais recuados ficarem em situação de cobertura e os três defesas ficarem mais recuados, para que os cinco, numa situação de contenção e concentração, consigam parar um contra-ataque. Se isto for bem feito, é muito difícil o Benfica sofrer um golo em resultado de uma perda de bola no ataque.

N.A. - E o posicionamento desses jogadores é sempre em função do lado por onde a equipa está a atacar?

Gomes - É sempre em função da posição da bola.

N.A. - O Camacho refere que, se a sua equipa defendesse homem-a-homem, ele nunca saberia onde iriam estar os jogadores e que isso prejudicava a equipa ao nível do ataque...

Gomes - Claro! Se os jogadores defenderem homem-a-homem ou individualmente, vão estar posicionados em função da colocação dos adversários e, então, nós nunca sabemos onde é que temos os jogadores. Antes de atacar, a equipa está a defender e, se entretanto um jogador recupera a bola, ele não sabe onde tem os colegas, porque cada um estava no acompanhamento ao seu adversário directo. Depende para onde se movimentaram os jogadores adversários! Foi isto que o Camacho quis dizer. E isto tem a ver com uma perspectiva de Jogo. A equipa estava a atacar, mas, entretanto, já está a defender. Se está a defender, onde é que estão os jogadores? Não se sabe. Depende. Depende de onde estão os adversários.

N.A. - Essas preocupações, que se referem à transição para o ataque, estão relacionadas com o facto do Camacho privilegiar a circulação da bola?

Gomes - Sim. Tem a ver a com a circulação da bola. O Camacho gosta que haja circulação da bola, na medida em que só assim se podem criar desequilíbrios na estrutura defensiva adversária. Com a circulação da bola e com a mudança do espaço de jogo. Uma mudança rápida do espaço de jogo é uma situação rapidamente aproveitável, mas isso só é possível de fazer se os jogadores estiverem colocados. Nós só podemos circular rapidamente a bola e mudar o espaço de jogo, se soubermos exactamente onde está cada um dos nossos jogadores. Por exemplo, se o Simão ganha a bola no nosso meio campo defensivo, sabe onde está o Tiago, rapidamente lhe coloca a bola e este vira e coloca-a no outro lado, pois sabe que ali vai aparecer o Geovanni.

N.A. - Parece-me que outro problema das marcações homem-homem ou individuais tem a ver com o equilíbrio defensivo no momento da perda da posse de bola. Isto é, a equipa, quando está a atacar, até pode ter os cinco jogadores muito bem posicionados em termos de equilíbrio defensivo e em cobertura ofensiva, porém, se ao perder a bola as referências passam a ser individuais...

Gomes - Era o que eu te estava a dizer no início! É uma questão de saber defender ou de não saber defender. Se está tudo bem com esses cinco jogadores (se estão todos concentrados e em cobertura), mas, se entretanto se dispersam para cada um procurar o seu adversário directo, vão estar a criar espaços entre eles e isso é deixar de estar a defender. É exactamente o que se deve e o que não se deve fazer. Não vejo as coisas de outra forma.

N.A. - O Camacho refere que, quando um adversário entra na zona de um jogador, esse jogador tem que trabalhar e o marcar. Basicamente, aquilo que ele diz é que a equipa defende à zona, mas que cada jogador, dentro da sua zona, marca o homem. Isto dá a ideia de que se tratam de duelos individuais dentro da zona de cada jogador!

Gomes - Não! Falta aí um dado. Cada jogador marca o homem da sua zona, quando tiver que o marcar. E quando é que tem que o marcar? Quando a bola entra na sua zona. Por exemplo, se o lateral esquerdo adversário vem com a bola e o extremo direito adversário está aberto junto à nossa área, o nosso lateral esquerdo não tem que estar encostado ao seu adversário directo. Ele tem que fechar o campo até próximo da linha imaginária que divide o campo ao meio ou, pelo menos, até à linha do poste (a linha do poste talvez seja a melhor referência para o lateral

do lado contrário). O nosso lateral tem que se posicionar na linha do poste. Se, entretanto, o adversário muda a direcção do jogo e a bola entra no extremo direito, aí, o nosso lateral esquerdo já tem a responsabilidade de ir marcar o seu adversário directo. Só aí é que podemos falar num duelo individual. Os nossos jogadores posicionam-se sempre em função da bola. Se o lateral esquerdo adversário vem com a bola, o nosso extremo direito vai-lhe diminuir o espaço de progressão e os jogadores que estão mais próximos, o médio interior direito e o lateral direito, vão também tentar encurtar o espaço, na tentativa de fechar linhas de passe e de, mesmo que a bola ainda assim consiga entrar nesse espaço, os jogadores adversários não terem tempo nem espaço para desenvolverem as suas acções ofensivas. Se o interior direito estiver muito longe do seu colega, quando o extremo direito fechou a progressão do lateral esquerdo adversário com bola, facilmente a bola entra no espaço que não foi fechado, pois aparecerá lá um médio adversário. E isso pode-nos causar desequilíbrios. Então, se ele estiver mais próximo, mesmo que não consiga fechar a linha de passe e que a bola entre noutro jogador, ele não o vai deixar progredir, nem lhe vai dar tempo e espaço. Este princípio estende-se aos restantes jogadores da equipa. Daí que eu diga que os jogadores se posicionam em função da bola. Como é natural, os jogadores, ao fecharem o espaço próximo da bola, acabam por ter uma acção junto dos adversários que aí se encontram. Mas isso é uma consequência natural de se defender à zona. As referências dos jogadores, em termos de posicionamento, não são os seus adversários directos, mas sim a posição da bola. A primeira preocupação é ocupar espaços. Muitas vezes, não faz qualquer sentido um jogador aproximar-se do seu adversário directo.

N.A. - Normalmente, existe a ideia de que fechar linhas de passe é os jogadores «encostarem» e marcarem os adversários sem bola...

Gomes - Não. Não. Se o médio interior direito ocupar o espaço que ele tem que ocupar quando o extremo desse lado impede a progressão da bola, ele, ao estar ali, dificilmente permite que a equipa adversária consiga progredir por aquele corredor. Independentemente de onde se posicionar o médio adversário desse lado. Ele defende a sua zona e, se os colegas também se posicionarem correctamente, não há qualquer problema. A grande preocupação dos jogadores é fechar as zonas mais próximas da bola, para que ela não entre e não progrida. E o fechar é ocupar o espaço nessa zona, para diminuir o tempo de acção do adversário e obrigá-lo a jogar a bola para outras zonas que não na direcção da nossa baliza.

N.A. - A primeira referência dos jogadores é, então, a posição da bola. Poder-se-á dizer que a segunda são os próprios colegas?

Gomes - Sim. Em primeiro lugar, a referência é a acção do adversário. O que é que vai acontecer? É um pontapé de baliza? É um lançamento? É um livre? Para cada uma destas situações há uma colocação específica em campo. Cada um dos jogadores já sabe o que vai fazer e como o vai fazer. Todos sabem o que fazer quer a bola vá por um lado quer a bola vá por outro. Existe essa previsão das situações, porque, normalmente, as coisas também só acontecem de duas ou três formas. Depois, no desenvolvimento das acções ofensivas do adversário – dentro da imprevisibilidade do jogo – os jogadores sabem como se posicionar em função da bola estar no meio campo ofensivo ou defensivo, no corredor central ou num corredor lateral. Em função do posicionamento da bola, a colocação dos jogadores vai sendo diferente. A colocação dos defesas e dos dois médios mais recuados é dada uma importância maior.

Imaginemos que existe o envolvimento de um dos nossos laterais numa acção ofensiva pelo corredor e que perdemos a bola junto à bandeirola de canto. O ponta-de-lança, o segundo ponta-de-lança, o extremo do lado contrário e o extremo e o lateral desse lado ficaram batidos. Como subindo um lateral, o lateral do lado contrário não pode subir, ficamos sempre com os dois médios mais recuados e com os três defesas em situação de equilíbrio defensivo. Ao perdermos a bola e ficarmos com aqueles jogadores batidos, os três defesas devem recuar e fazer a contenção (devem recuar sempre) e os dois médios defensivos, como não podem deixar que a distância entre as duas linhas aumente, acompanham esse deslocamento para trás. Portanto, estes cinco jogadores devem recuar, concentrar-se e esperar que a bola entre. Se a bola entrar num dos corredores, há um jogador que sai (em princípio o médio defensivo desse lado) e os restantes colocam-se da seguinte maneira: um defesa na linha do primeiro poste, um defesa na linha do centro da baliza, um defesa na linha do segundo poste e o médio que resta na zona da meia-lua para ganhar a segunda bola e sair a jogar. Numa situação de perda da posse de bola junto à grande-área adversária e ficando todos aqueles jogadores batidos, nenhum destes cinco jogadores pode abandonar a sua zona para fazer uma acção de pressão.

Outro exemplo: vamos imaginar que é pontapé de baliza ou que há uma reposição da bola em jogo pelo guarda-redes e que a equipa adversária sai a jogar curto pelo lateral direito. O nosso extremo esquerdo deve fazer logo a aproximação a esse jogador, tendo o cuidado de não entrar de primeira, no sentido de impedir a sua progressão. Depois, toda a equipa sobe e desloca-se para esse lado, ocupando cada jogador a sua zona. A linha defensiva posiciona-se praticamente sobre a linha do meio campo. Se houver uma mudança de flanco, a equipa oscila toda. E,

para isso, é importante que o nosso extremo e o nosso lateral do lado contrário não passem a linha baliza-baliza e garantam o equilíbrio da equipa.

Há uma coisa que podemos mudar. Imaginemos que a equipa está a jogar em 4-2-3-1. Quando o guarda-redes adversário joga a bola no lateral, o nosso médio defensivo do lado contrário à bola pode subir no terreno e inverter o triângulo. Ou seja, o triângulo que, inicialmente, era formado por dois homens à frente da defesa e um nas costas do ponta-de-lança, inverte-se para que a situação de pressão e de oscilação seja menos desgastante. Por exemplo, estando a bola no lado esquerdo, o Zahovic tem que ocupar o espaço nas costas do Simão e, havendo uma mudança de flanco, tem que oscilar e ir fechar o espaço nas costas do Geovanni. Se invertermos o triângulo, o Tiago e o Zahovic repartem o esforço entre eles, pois fica uma zona menor para cada um deles.

N.A. - Existem indicadores de pressão? Do género: um jogador recebe a bola de costas e a pressão intensifica-se; a bola entra num corredor lateral e a pressão intensifica-se... Existe alguma coisa deste género?

Gomes - Sim, mas sempre respeitando aquilo que eu disse atrás, isto é, desde que não seja feita por jogadores cuja presença seja necessária em linhas mais recuadas. A ideia é nunca defender com menos de cinco jogadores. Têm sempre que estar cinco jogadores atrás da linha da bola. E porquê cinco? Porque, numa situação em que a bola entre num dos corredores, nas proximidades da nossa área, há a possibilidade de sair um jogador à bola, de ficarem três jogadores colocados nas referências «linha do primeiro poste», «zona central» e «linha do segundo poste» e do quinto jogador ficar à entrada da área para ganhar o ressalto e fazer a ligação defesa-ataque.

Em relação a possíveis indicadores, a única coisa que existe é uma tentativa de fazer o tamponamento da zona central, para que, depois, a pressão seja exercida nos corredores laterais.

ENTREVISTA A JOSÉ GUILHERME OLIVEIRA
Treinador Principal da equipa de Juvenis do Futebol Clube do Porto
Instalações da FCDEF-UP (Porto), 10 de Abril de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Por aquilo que normalmente refere nas suas aulas, parece apostar em jogar bom futebol, em jogar ao ataque. É por acreditar que assim é mais fácil ganhar?

José Guilherme Oliveira (Oliveira) - Jogar bom futebol ou jogar ao ataque são coisas que não são gerais, mas sim pessoais, porque, para mim, jogar bom futebol é uma coisa, mas para outro treinador pode ser outra completamente diferente. O bom futebol, na minha opinião, tem um conjunto de características que são pessoais. Agora, jogar ao ataque é tentar ser o mais ofensivo possível, ainda que estejamos sempre dependentes de com quem jogamos, da equipa que temos e daquilo que privilegiamos. Estamos dependentes de um conjunto de aspectos e, por isso, em vez de falarmos de uma forma assim tão geral, devemos abordar a questão de uma forma mais específica.

Eu aposto em jogar o mais possível ao ataque, porque quanto mais o fizer, ainda que de uma forma equilibrada, mais possibilidades tenho de ganhar. A experiência diz-me que, sempre que coloco a minha equipa a jogar o mais possível ao ataque, ganho muito mais vezes, embora essa possibilidade de ser muito ofensivo surja em função do equilíbrio da própria equipa. Para se jogar ao ataque também se tem que defender e, mais que isso, defender bem. Para se jogar de uma forma muito ofensiva tem que se ter muitas vezes a bola, mas também tem que se conquistar muitas vezes a bola. Temos que ter a bola mais vezes que o adversário e quando a perdemos não podemos ficar à espera que o adversário a perca, temos que ser nós a procurá-la o mais rapidamente possível. Para uma equipa que jogue ao ataque sistematicamente, um dos aspectos fundamentais é ter a bola o máximo de tempo possível e, para que isto aconteça, nós temos que a procurar, não podendo ser passivos e esperar que os outros errem para ficarmos com a bola. Por isso, temos que ser nós a ir procurar a bola, defendendo em função dessa procura. Assim, a conjugação dos aspectos de equilíbrio, dos aspectos ofensivos e dos aspectos defensivos é que pode permitir jogar mais ou menos ao ataque. E eu, sempre que posso, privilegio jogar o mais possível em termos ofensivos, nesse equilíbrio defensivo, pois reconheço que dessa forma tenho muito mais possibilidades de ganhar.

N.A. - Referiu várias vezes a necessidade de um equilíbrio entre a defesa e o ataque. Ninguém ganha a jogar só ao ataque...

Oliveira - Evidentemente que não. O ganhar e fazer uma equipa ganhadora implica que ela saiba atacar muito bem e saiba defender muito bem, porque nenhuma equipa consegue ter a bola em seu poder durante os noventa minutos. Mesmo que uma equipa consiga ter na maior parte do tempo a posse de bola e não a perca quando a tem, pelo menos quando marca golo terá que, por momentos, defender. Por isso, é impensável possuir sempre a bola. Daí que seja preciso saber atacar e defender muito bem. Como existe uma relação muito grande entre esses dois momentos do jogo - a defesa e o ataque -, quanto melhor uma equipa defender mais fácil será depois atacar, desde que os dois momentos se articulem da melhor forma possível. O que muitas vezes acontece é que se defende de uma forma que não tem muito a ver com a maneira como se ataca. Isto tem como consequência algumas divergências que são acentuadas ao longo do jogo e que muitas vezes são aproveitadas pela equipa adversária, porque representam lacunas na organização de jogo da nossa equipa. Por exemplo, querendo eu que a minha equipa jogue fundamentalmente ao ataque, em ataque organizado, se quando perco a posse de bola recuo muito a equipa, aquilo que me vai acontecer, muitas das vezes, é que eu perco a bola no terço ofensivo e recuo a equipa toda cinquenta ou sessenta metros para ganhar a posse de bola, para depois andar mais cinquenta ou sessenta metros para a frente para novamente criar situações de finalização. Esta situação leva a que a equipa, durante o jogo, faça muitas vezes cinquenta ou sessenta metros para trás e muitas vezes cinquenta ou sessenta metros para a frente. Ou seja, determinado tipo de problemas que eu estou a ter na equipa devem-se exactamente a eu não adequar a forma de defender à forma de atacar. Agora, se eu em vez de defender atrás passar a defender à frente, se calhar, a quantidade de bolas que ganho à frente vai ser muito superior. Os adversários, pela minha pressão, perdem muito mais bolas e eu recupero-as com a equipa ainda numa zona adiantada no terreno. E, por vezes, posso até nem conseguir ganhar a bola no terço ofensivo, mas ganho-a no meu sector defensivo, porque as equipas adversárias não conseguem jogar ou têm medo de perder ali a bola e despejam-na. Nesta situação, ainda que ganhe a bola ao nível da minha linha defensiva, acabo por evitar que a minha equipa desça. Ganhamos a bola e a equipa continua instalada no meio campo adversário.

Um outro exemplo tem a ver com o facto de, muitas vezes, a equipa até conseguir fechar os espaços, mas ser muito pouco pressionante, isto é, espera pelo erro adversário para ganhar a posse de bola. Se queremos ser uma equipa de ataque, temos que provocar o erro à equipa adversária, não podemos estar à espera que o adversário perca a posse de bola, porque podemos encontrar equipas que também são boas ao nível da circulação de bola e ficamos sujeitos a estar muito tempo sem ela. Por isso, temos de provocar o erro à equipa adversária. E como? Pressionando-a, levando-a para determinadas zonas do terreno onde nos seja mais fácil conquistar a bola,

provocando o erro no jogador adversário que a tem, cortando as linhas de passe e obrigando a errar em termos técnicos a sucessão de passes.

Em suma, se queremos ser uma equipa essencialmente ofensiva temos que ter a bola e isto implica que, em termos defensivos, tenhamos que adoptar comportamentos que nos permitam recuperá-la rapidamente. A equipa deve procurar sistematicamente a bola para poder atacar.

N.A. - Que medidas toma, em termos práticos, para que o equilíbrio defensivo no ataque se verifique?

Oliveira - Bem, a equipa tem algumas preocupações em termos de organização no sentido de, por um lado, ser possível atacar como se pretende e, por outro, mal se perca a posse de bola, ter possibilidade de a recuperar com uma certa rapidez. Para que isso aconteça, existe a necessidade da equipa saber ocupar determinados espaços, os quais tanto nos permitam ser ofensivos com uma certa qualidade, como, em situações de perda da bola, facilmente a recuperar. Isto são preocupações que qualquer equipa deve ter. Por exemplo, na minha equipa é impensável não existirem sempre três defesas na estrutura defensiva. Apenas permito que suba um defesa, nunca podendo subir dois ao mesmo tempo. Para além disso, certos jogadores que fazem parte da organização do meio campo têm que estar posicionados em determinados locais de forma a terem, simultaneamente, um papel ofensivo e defensivo. Todos os jogadores, em termos ofensivos, têm espaços de jogo para ocupar e, mesmo que existam permutas entre eles, esses espaços têm obrigatoriamente que estar ocupados. Portanto, toda esta organização, toda esta ocupação de espaços, permite-nos estar muito mais equilibrados quando perdemos a posse de bola e, dessa forma, ganhamo-la mais facilmente. Se existirem, em termos ofensivos, espaços não ocupados, pode acontecer que o adversário, ao ganhar a bola, consiga fazê-la entrar em zonas onde não temos jogadores que logo de imediato a possam tentar recuperar. Estamos a falar de um conjunto de preocupações que têm a ver com uma ocupação racional dos espaços (ainda que com a possibilidade de permutas entre jogadores), ocupação essa que permite, tanto em termos ofensivos como defensivos, termos uma certa qualidade ao nível da organização de jogo.

N.A. - Então faz sentido falarmos em atacar contemplando a possível perda da bola...

Oliveira - Faz todo o sentido falar em atacar contemplando a possível perda da bola. Se queremos um jogo de qualidade, temos que pensar assim. Nós defendemos de determinada forma para atacarmos de determinada forma e atacamos de uma certa maneira, porque somos capazes de defender de uma forma compatível. Os aspectos defensivos têm sempre que estar relacionados com os aspectos ofensivos, senão jamais conseguiremos um jogo de qualidade! Se queremos ser uma equipa ofensiva, uma equipa que tem muito tempo de posse de bola, não podemos tê-la e, depois, ter uma organização defensiva que não se adapte a essa organização ofensiva, porque, se isso acontecer, vão existir, por exemplo, desgastes físicos brutais.

N.A. - Ter este conjunto de preocupações defensivas quando se está a atacar não poderá significar estar a demonstrar pouca confiança nos jogadores, isto é, não estaremos a dar a entender aos jogadores que temos medo que eles falhem?

Oliveira - Podemos ver as coisas ao contrário! Estamos é a alertar para determinados aspectos, isto é, estamos a dar a noção aos jogadores de que eles estão organizados e que podem ter confiança para fazerem aquilo que quiserem, porque, se perderem a posse de bola, a equipa em si está organizada para facilmente a ganhar novamente. Portanto, estamos a dar-lhes ainda mais liberdade! Porque, se nós estivermos desorganizados, quando os jogadores perderem a bola numa qualquer acção ofensiva, a equipa não vai ter capacidade para recuperar a posse de bola. Por isso, ter em atenção o equilíbrio defensivo, quando se está a atacar, é estar a dar confiança à equipa, é organizá-la de forma a poder reagir rapidamente à perda da posse de bola. Não é tirar-lhe criatividade, não é tirar-lhe nada... bem pelo contrário! Os jogadores sabem que, mesmo perdendo a posse de bola, têm uma equipa organizada que não vai permitir que o adversário abra brechas na sua organização defensiva.

N.A. - Alguém referiu que a melhor forma de defender não é deixar de atacar, mas sim jogar bem defensivamente, ideia que vem ao encontro das suas palavras. Queria então saber o que é, para si, jogar bem defensivamente.

Oliveira - Face aos aspectos que referi, jogar bem defensivamente é ter uma equipa (toda ela) que saiba exactamente aquilo que tem de fazer para conquistar a bola o mais rapidamente possível, em função de objectivos muito específicos e do modelo que pretendemos. Jogar bem defensivamente é conseguirmos condicionar o mais rápido possível o processo ofensivo da equipa adversária, de forma a roubarmos a posse de bola e ficarmos com ela em determinadas circunstâncias. E que circunstâncias são essas? É quando ganhamos a bola no terço ofensivo ou no meio-campo ofensivo, ou quando obrigamos o adversário a despejar a bola ou a deitá-la para fora. Ou seja, é quando condicionamos a acção ofensiva da equipa adversária, obrigando-a a jogar mal, obrigando-a a ir para determinadas zonas do terreno para aí mais facilmente ganharmos a posse de bola. Para mim, isto é que é

defender bem, sempre em função de determinados objectivos que a nossa forma de jogar implica. E todos os jogadores da equipa devem jogar em função desses comportamentos, desses princípios de jogo que nós temos.

N.A. - Relativamente à questão de se defender melhor perto ou longe da baliza, face à sua forma de atacar e por tudo o que referiu, para si é então muito melhor defender longe da sua baliza...

Oliveira - Para mim o melhor é defender o mais longe possível da nossa baliza, porque se privilegiamos o ataque organizado, o ataque posicional, se privilegiamos jogar fundamentalmente com bola, temos que a ter. E se jogarmos essencialmente no meio campo da equipa adversária, procurando conquistar aí a bola, evitamos o desgaste físico de andarmos para trás e para a frente. Ao pressionar o adversário logo no seu meio campo, economizamos muitas energias, pois evitamos o desgaste de recuar a equipa toda e de a fazer avançar novamente. Evitamos este recua e avança consoante se perde ou se ganha a posse de bola. Por isso nós privilegiamos essa situação. Umás vezes conseguimos, outras não, já que não estamos a jogar sozinhos, mas sim com adversários que nos colocam, muitas vezes, problemas e que resolvem alguns dos que lhes colocamos.

N.A. - Referiu que, para se jogar ao ataque, também tem que se defender e, mais do que isso, defender bem. Agora eu pergunto-lhe: quanto mais ofensiva for uma equipa melhor ela tem que defender?

Oliveira - Evidentemente! Quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que saber defender, porque, para se atacar com uma certa eficácia, é necessário atacar com muita gente, isto é, tem que haver muita gente envolvida no processo ofensivo, toda a equipa tem que ter tarefas ofensivas (mesmo os defesas vão ter tarefas ofensivas bem claras). Como facilmente se percebe, para se atacar dessa forma é necessário uma qualidade defensiva muito grande, pois é necessário jogar e defender em zonas onde, normalmente, as equipas que não atacam muito não conseguem defender - no meio campo adversário, muitas vezes perto da área contrária. E defender nesses locais, com cinquenta ou sessenta metros nas costas, é muito difícil! Por isso, quanto mais a equipa for ofensiva e quanto mais ela quiser ter qualidade em termos ofensivos, melhor ela tem de saber defender. É muito mais difícil defender no meio campo adversário do que no nosso meio campo, na medida em que deixamos nas costas cinquenta ou sessenta metros. Se defendermos no nosso meio campo, deixamos apenas cinco ou dez metros! E depois, para se poder atacar com muita gente, aquilo que acontece, deixando nas costas esses cinquenta ou sessenta metros, é que todos os jogadores têm de ter tarefas defensivas bem claras e, mal se perca a posse de bola, mesmo os jogadores mais avançados têm de saber aquilo que têm de fazer de imediato, para não serem só os jogadores mais recuados a participarem no processo defensivo. Mesmo os jogadores do sector avançado têm de ter tarefas defensivas muito bem definidas.

N.A. - Existe, para si, alguma diferença entre os conceitos de defesa homem-a-homem e de defesa individual?

Oliveira - Nós vemos nas equipas de futebol três tipos de organização defensiva: podemos defender à zona, sendo que aí o importante é o espaço, é cobrir os espaços, é retirar espaço e tempo de execução à equipa adversária; podemos também marcar homem-a-homem a campo inteiro, e aqui já estamos a falar de marcações individuais, porém, são hoje poucas as equipas que o fazem, a não ser, talvez, as equipas das terceiras divisões e dos regionais, onde o defesa direito às vezes anda a defesa esquerdo, o central anda a médio esquerdo,... tudo porque são marcações homem-a-homem onde cada um vai ao seu a todo o campo; e depois temos a defesa com marcação homem-a-homem onde o que acontece é que os jogadores, ainda que normalmente não saiam das suas zonas de intervenção, têm como preocupação não os espaços, mas sim o adversário. Por exemplo, o lateral direito joga sobre o lado direito da defesa, mas joga em função do seu adversário directo e não em função dos colegas e da cobertura de espaços. Se o adversário se desloca mais para fora, ele vai mais para fora, mesmo que, com isso, abra espaços na linha defensiva; se o adversário se desloca mais para dentro, ele vai mais para dentro, mesmo que o ideal seja jogar fora. Portanto, isto são três formas diferentes de defender, cada uma com preocupações completamente diferentes das restantes, mesmo em termos de jogo.

N.A. - Será possível considerar que tudo o que negativo se apontar à defesa homem-a-homem é exacerbado numa defesa homem-a-homem a campo inteiro?

Oliveira - Evidentemente que sim. As marcações individuais a campo inteiro trazem muitos mais problemas do que as marcações homem-a-homem nas zonas de intervenção. São muito mais graves! Acarretam problemas acumulados, porque os jogadores saem das suas zonas de intervenção,... não existem compensações,... existem aberturas de espaços em tudo quanto é lado,... e os problemas agravam-se.

N.A. - Posso afirmar que a defesa homem-a-homem é uma defesa que coloca ênfase nas acções de marcação?

Oliveira - Claro! Evidentemente que coloca ênfase nas acções de marcação.

N.A. - E a defesa à zona? Coloca ênfase em quê?

Oliveira - Nos espaços. A defesa à zona coloca ênfase no espaço de jogo e também na organização da nossa própria equipa, isto é, a nossa equipa é que é o fundamental. Nós coordenamos as nossas acções com o objectivo de impedir as acções ofensivas da equipa adversária e, para isso, retiramos-lhe espaço de jogo no espaço que consideramos ser o fundamental naquele momento, e retiramos-lhe também tempo de execução. No fundo, intervimos sobre esses dois aspectos: o espaço de jogo e o tempo de execução. É verdade que, com isso, estamos a dar outros espaços ao adversário, porém, são espaços que achamos não serem importantes em termos da organização ofensiva adversária. São espaços mortos!

N.A. - Não poderíamos então, no que se refere à defesa à zona, deixar de falar em acções de marcação e passar a falar em acções de oposição, isto é, uma equipa que defende à zona exerce oposição e constitui-se como um obstáculo face à progressão do adversário?

Oliveira - Sim, talvez seja muito mais correcto, porque os jogadores, «funcionando» à zona, não fazem marcações aos adversários, mas sim «marcações» aos espaços. Não interessa que o espaço se encontre livre de adversários ou que esteja ocupado pelo adversário A, B ou C, interessa é que o espaço seja coberto e que o adversário que lá apareça não tenha muito espaço para receber e que esteja sempre condicionado. Esse é o objectivo da defesa à zona. O adversário nem sequer tem a possibilidade de meter a bola num determinado espaço, porque, se o fizer, vai ficar sem ela, pois existe uma cobertura dos espaços e das linhas de passe que possam surgir. O que interessa é bloquear os espaços importantes para que seja difícil ao adversário aí jogar. Por isso, é muito mais importante a ideia de oposição do que de marcação.

N.A. - Falou várias vezes em pressionar. É comum ouvir-se falar em agressividade defensiva, em pressão, em *pressing*. O *pressing* pode ser realizado homem-a-homem?

Oliveira - Homem-a-homem? Eu pretendo que a minha equipa defenda à zona e, por isso, não me importo muito com o homem-a-homem. Preocupo-me mais com o portador da bola, com os espaços que o circundam e com os espaços interiores da minha equipa. Preocupo-me com o fecho dos espaços da minha equipa e com a pressão. E, quando me refiro à pressão, refiro-me ao tirar tempo e espaço ao portador da bola e aos jogadores que o circundam. Importa-me é tirar-lhes tempo e espaço de execução. Pressionar não é dar porrada, pressionar é simplesmente condicionar os jogadores adversários, tirando-lhes espaço de execução e tempo de execução. Se essa pressão existir (que é, repito, tirar tempo e espaço de execução ao portador da bola e aos jogadores que lhe estão próximos), nós estamos a condicionar muito as acções adversárias e esse condicionamento vai fazê-los errar com uma certa regularidade e vai permitir-nos aproveitar esses erros para mais facilmente ganharmos a posse de bola. Portanto, essa pressão passa, fundamentalmente, pelo condicionar do espaço e do tempo e pelo provocar, o mais possível, o erro ao adversário, para conquistarmos a bola com uma certa facilidade. No fundo, a pressão não é mais do que isso.

N.A. - Mas não acha que existe a tendência para se realizar essa pressão homem-a-homem?

Oliveira - Normalmente, as pessoas que comentam os jogos não percebem muito do jogo de futebol e, depois, vemos jogos de equipas – o Boavista é um exemplo – que têm uma forma de pressão mais homem-a-homem e as pessoas que estão a comentar referem isso como pressão e não chamam pressão àquilo que o Porto faz que é condicionar o tempo e o espaço da equipa adversária, provocando-lhe erros sistemáticos. Aquilo que a equipa sénior do Porto faz é uma pressão à equipa adversária. Pressiona em termos de espaço e de tempo, condicionando toda a equipa adversária em função daquilo que pretende em termos de princípios. Agora, muitas vezes, as pessoas associam a pressão à marcação homem-a-homem e até ao «dar porrada» nos adversários.

Para mim, fazer pressão é reduzir o tempo e o espaço de execução do adversário, o que pode ser feito através da defesa à zona. Aliás, dessa forma até é muito mais eficaz, porque o jogador que tem a bola deixa, muitas vezes, de ter apoios e de poder jogar para a frente. O adversário é obrigado a jogar para trás, já que, às vezes, nem para o lado consegue jogar. Pelo contrário, com uma pressão individual, a equipa adversária joga muito mais à vontade, porque, se esta abrir, passa a haver muitos mais espaços no interior da minha equipa, os quais podem ser aproveitados com movimentações e desmarcações rápidas. Com uma defesa à zona, e mesmo que o adversário abra, não existem espaços no interior da minha equipa. Existem, isso sim, espaços à periferia, mas esses, quase sempre, nem sequer chegam a ser aproveitados face a não haver tempo e espaço de execução. Muitas vezes, a pressão é de tal forma bem feita que o jogador que tem a bola nem sequer consegue dar um passo e tem que jogar a bola para trás.

N.A. - Muitas vezes os treinadores pedem às suas equipas para fazerem «campo pequeno» a defender, isto é, para jogarem compactas, em bloco, porém, também pedem um *pressing* homem-a-homem ou uma defesa homem-a-homem. Não considera isto um contra-senso?

Oliveira - Exactamente. Isso são comportamentos que muitas vezes se pedem, mas que não são conjugáveis. Daí que frequentemente se defenda mal. Mas o defender à zona não é só fazer «campo pequeno», não é só fechar a equipa, porque pode-se fazer isso e ter diferentes atitudes perante o adversário. Pode-se fazer «campo pequeno» e esperar pelo adversário, ou pode-se fazer «campo pequeno» e ir à procura da bola, isto é, fechar a equipa e ir em busca da bola. São comportamentos diferentes a defender que evidenciam atitudes perante o jogo completamente diferentes. Temos que perceber isso. Sempre que me é possível, eu gosto muito mais de ir procurar logo a bola, de encurtar a equipa e ir procurar logo a bola. Também percebo que em muitos momentos isso é extremamente difícil, sobretudo numa fase inicial de preparação da equipa, porque implica pressionar, chegar a equipa à frente, criar muito espaço nas costas da nossa equipa e também, muitas vezes, ter cinquenta metros que a equipa adversária pode aproveitar. Quando isso está bem treinado é difícil o adversário conseguir colocar a bola nesses espaços, porém, quando não está, existe essa possibilidade, o que pode criar problemas muito grandes.

Aos poucos, é possível ir transformando essa defesa numa defesa cada vez mais agressiva, mais pressionante, sem que a mesma deixe de ser sólida. Agora, se tivermos logo de início determinado tipo de comportamentos, aquilo que acontece é que muitas vezes não conseguimos ser eficazes e depois os jogadores não acreditam no que estão a fazer e fazem-no mal, tendo nós assim alguns problemas na execução desse tipo de defesa. Uma defesa à zona implica comportamentos de praticamente todos os jogadores da equipa. Todos funcionam em função de todos. Não são só três ou quatro jogadores a fecharem e a reduzirem os espaços e os restantes a manterem os espaços abertos. Todos têm que fechar espaços, todos têm que encurtar espaços, fechar diagonais, encurtar espaços entre sectores, tanto em termos de largura como de profundidade, e isso implica que toda a gente tem que saber o que fazer em todos os momentos.

N.A. - Sempre em função da bola...

Oliveira - Em função da bola e em função do espaço do terreno de jogo. Sempre em função desses dois aspectos. Muitas vezes, nós jogamos não em função do local onde está a bola, mas em função de onde está o espaço, para condicionar o adversário e para o levar a jogar a bola para determinados espaços. Porque defender à zona também é fazer com que o adversário jogue em função daquilo que nós pretendemos. É possível, por exemplo, fazê-lo jogar em determinados momentos para trás, levá-lo a jogar em dadas situações para os corredores laterais, fazer com que jogue em certos momentos para o meio, isto é, podemos levá-lo a jogar para onde, estrategicamente, nós queremos que ele jogue. E para quê? Para mais facilmente recuperarmos a posse de bola. Há equipas que saem muito bem a jogar desde o seu guarda-redes e se sabemos, por exemplo, que saem muito bem pelo lado direito, mas muito mal pelo lado esquerdo, nós condicionamos a forma de jogar deles no sentido de os pressionar essencialmente quando a bola está do lado esquerdo. Se nós os pressionarmos quando a bola está no lado direito, muitas vezes o que acontece é que eles conseguem sair dessa pressão a jogar. Agora, se nós tentarmos que eles levem a bola para o seu lado esquerdo e, quando a bola entra nesse lado, formos aí pressionar, conquistamos a bola muito mais facilmente. Outras vezes encontramos equipas que nunca saem a jogar, que batem sempre a bola. Nesses casos, não faz sentido ser pontapé de baliza e o guarda-redes ter a posse de bola e nós colocarmos a equipa toda subida para fazermos pressão alta, porque sabemos que vão bater e teríamos que fazer recuar a equipa. Se assim é, interessa colocar a equipa na zona onde, em princípio, a bola vai cair, porque, ao agrupar-se aí, a possibilidade de recuperar a posse de bola passa a ser muito maior, na medida em que temos uma maior quantidade de jogadores nessa zona. Portanto, há determinado tipo de comportamentos que temos que assumir consoante a equipa adversária, condicionando-a em função daquilo que pretendemos.

N.A. - O que é que o levou a optar pela defesa à zona? Em que momento da sua carreira de treinador é que se apercebeu da vantagem de defender zonalmente?

Oliveira - Desde que sou treinador nunca privilegiei a defesa homem-a-homem, mas sim a defesa à zona. Durante a minha carreira de treinador também tive vários tipos de comportamentos na defesa à zona, consoante a equipa que treinei. Tive equipas que jogavam fundamentalmente em transição defesa-ataque e, por isso, eu jogava com a defesa muito recuada, tive equipas que jogavam com a defesa mais avançada e tive equipas que jogavam com a defesa ainda mais avançada, ou seja, em três posições diferentes. Agora, eu fui notando, ao longo dessas experiências, que existem diferenças muito significativas nessas formas de defender à zona, isto é, defendendo mais atrás, defendendo mais ao meio ou defendendo mais à frente. São diferenças muito significativas, porque quanto mais à frente se defende mais difícil é defender. Então defender à frente é difícilíssimo, porque ou as coisas estão muito bem sintonizadas entre todos os jogadores ou então os riscos são elevados, já que existem muitos espaços que as equipas adversárias podem aproveitar. Mesmo os adversários teoricamente mais fáceis, porque, como têm muitos espaços, conseguem aproveitá-los e criam-nos com isso alguns problemas. Quando defendemos

atrás, quase que não damos espaços às equipas adversárias e elas tornam-se praticamente inofensivas. Por exemplo, o ano passado a minha equipa jogava muito bem em termos de organização defensiva, já que fazíamos uma zona bastante pressionante e muito adiantada, não dando, como equipa, grandes possibilidades aos adversários de nos causarem problemas. No último jogo, um jogo decisivo contra o Sporting, pois quem ganhasse era Campeão Nacional, tivemos um jogador expulso no início da segunda parte e jogámos toda a segunda parte com menos um jogador. Então nós, que até ao momento estávamos a fazer uma pressão alta, deixámos de a fazer e passámos a fazer uma pressão baixa a partir do meio campo. Aquilo que se passou foi que para nós passou a ser mais fácil defender, ainda que com menos um jogador, e o Sporting não conseguiu fazer durante o resto do jogo mais que um remate à nossa baliza. E porquê? Porque a equipa sabia muito bem o que havia de fazer e a partir do momento em que deixámos de jogar com onze e passámos a jogar com dez, deixámos de pressionar tão alto e viemos pressionar mais baixo, onde a equipa se agrupou muito bem e não haviam deslocamentos. Só depois de ganharmos a posse de bola é que fazíamos transição ou jogávamos em ataque organizado. Logo após a perda da posse de bola não pressionávamos, apenas evitávamos o contra-ataque. Depois de evitar o contra-ataque agrupávamo-nos atrás e fomos muito seguros. Isto porquê? Porque já estávamos habituados a defender de uma forma muito mais complexa, muito mais à frente, sem termos problemas absolutamente nenhuns. Agora, isto só acontece porque a organização defensiva recuada é muito mais fácil de se fazer que uma organização defensiva avançada. Por isso, dentro da defesa à zona, entre defender atrás, defender no meio e defender à frente, é muito mais difícil defender à frente. Para defender à frente é preciso pressionar praticamente sempre, porque se o fizermos sem condicionarmos o tempo e o espaço, os jogadores adversários terão muito mais espaço para colocar a bola longe, nas costas da nossa defesa e, ao fazerem-no, trazem-nos sempre problemas. Por isso, pressionando à frente ainda temos que ser, na maior parte das vezes, mais pressionantes do que quando pressionamos atrás. Quando se pressiona atrás, mesmo que o jogador em posse da bola tenha tempo e espaço e tente colocar a bola nas costas da defesa, a bola é normalmente do guarda-redes. Quando a pressão é feita à frente isso já não é assim! Quando pressionamos à frente, se não formos mesmo muito pressionantes, se não condicionarmos completamente o portador da bola e o espaço dos jogadores circundantes, aquilo que acontece é que a bola entra de imediato nas nossas costas, criando-nos sempre muitos problemas.

Eu sempre tentei colocar as minhas equipas a defender à zona, mas muitas vezes não o consigo, porque ao defender assim os jogadores demoram muito tempo a aperceberem-se do que devem fazer. Regra geral, eles vêm de anos e anos a defender homem-a-homem e então caem sempre em alguns erros. Mas, a partir do momento em que eles percebem o que têm que fazer, há também estas diferenças: defender mais atrás, defender mais no meio ou defender mais à frente. Ainda que se trate de defender à zona, o local onde decidimos fazê-lo implica comportamentos muito diferentes e que criam alguns problemas às equipas.

Para mim, defender à zona é muito mais eficaz do que defender homem-a-homem, tanto em termos de eficácia colectiva, como em termos de eficácia individual. Porque quando se passa a defender à zona, mesmo os jogadores que não são bons em termos defensivos, passam a ser bons a esse nível. Porque defendendo à zona não interessa tanto defender bem individualmente, interessa é saber colocar-se no sítio certo, no espaço certo, no momento certo. Não importa o confronto do jogador A com o jogador B, porque o jogador A e o jogador B muitas vezes estão em disputa, mas se o jogador A for ultrapassado, ele tem logo dobras dos colegas que roubam a posse de bola ao jogador B. Por isso, na maior parte das circunstâncias, não é muito importante defender bem individualmente. É muito mais importante defender bem, estando no sítio certo no momento certo. Isso é o mais importante.

Para além disso, existe um desgaste físico muito menor e um condicionamento muito maior da equipa adversária, sempre em função daquilo que nós queremos. Porque, ao defendermos à zona, obrigamos a outra equipa a jogar como queremos, enquanto que se defendermos homem-a-homem jogamos em função do que a outra equipa pretende que nós joguemos. Se eles nos quiserem levar para determinada zona, nós somos obrigados a ir, enquanto que se defendermos à zona nós vamos para onde queremos. Somos nós que muitas vezes condicionamos a equipa adversária e não a equipa adversária que nos condiciona a nós.

N.A. - O Valdano refere que quem marca homem-a-homem corre por onde o adversário quiser...

Oliveira - Sim. Quando vou jogar contra equipas que sei que marcam homem-a-homem dou a indicação aos meus jogadores para fazerem determinado tipo de movimentações exactamente para mais facilmente as ultrapassarmos. Levamos o adversário a fazer aquilo que nós queremos! Tiramos jogadores de determinadas posições para aí entrarem outros, isto é, realizamos movimentações ofensivas onde os jogadores trocam de posições e, de seguida, aproveitamos esses espaços. Por isso, muitas vezes, temos centrais da equipa adversária a jogarem como defesas laterais, laterais a jogarem como centrais, laterais a jogarem como médios centro,... e as equipas adversárias nem sequer se apercebem daquilo que estão a fazer! Exactamente porque a preocupação deles é homem-a-homem e como é homem-a-homem eles vão para onde nós quisermos. Quando se defende à zona já não é assim! Normalmente, são os adversários a ir para onde a equipa que está a defender pretende que se vá. E isso condiciona muito mais o jogo adversário, porque existe um fecho de espaços muito grande.

Quando os campos têm determinadas dimensões, existe um conjunto de referências de fecho de espaço que os jogadores têm para mais facilmente perceberem aquilo que se pretende relativamente à distância entre jogadores. Por vezes, fechamos de tal forma a equipa que, ou os jogadores adversários perdem a posse de bola, porque entram no nosso meio e facilmente a perdem, ou então têm que jogar para trás para depois tentarem entrar pelo lado contrário. E isso é o que nós queremos! Ao entrarem no lado contrário estão em inferioridade numérica e nós, ao conseguirmos de imediato superioridade numérica, fechamos os espaços para obtermos a posse de bola. Por isso, estamos a levá-los para onde queremos com o objectivo de mais facilmente ganharmos a bola.

N.A. - O que acabou de referir é curioso, na medida em que uma das desvantagens da defesa à zona que a literatura nos aponta prende-se, precisamente, com uma maior fragilidade da equipa aquando das mudanças de flanco do adversário.

Oliveira - Exacto, mas isso é quando jogamos com o bloco avançado. Porquê? Porque além de haver muito espaço numa lateral, também existe muito espaço nas costas. Se estamos a jogar com o bloco adiantado e existe todo esse espaço livre, temos que condicionar muito o jogador em posse de bola. E porquê? Porque se não o fizermos o lateral direito ou o central desse lado, por exemplo, coloca rapidamente a bola no lado contrário, e isto é extremamente perigoso devido ao espaço que há nas costas da nossa defesa e à possibilidade do jogador adversário em posse de bola para aí a enviar. Por isso, temos que condicionar o portador da bola para que ele nem sequer faça um passe, isto é, temos que o levar ou a despejar a bola ou a não conseguir realizar um passe dirigido, caso contrário é problemático. Portanto, quando pressionamos à frente, o problema é existir simultaneamente espaço no lado oposto ao da bola e nas costas da defesa. Daí que seja muito difícil defender à frente, pois para além da equipa ter que estar agrupada para defender, também tem que pressionar muito o adversário, sobretudo o portador da bola e os jogadores circundantes, para que não exista a possibilidade de colocar a bola longe e dirigida. Às vezes, um pontapé para a frente à sorte até poderá, eventualmente, ter sucesso e causar-nos problemas, mas, de qualquer forma, é difícil que isso aconteça.

O ano passado havia uma equipa que tinha um guarda-redes que colocava muito bem a bola nos alas contrários. Nós fizemos dois jogos contra eles e, no primeiro, ao pressionarmos à frente, eles, sem problema nenhum, colocavam a bola no guarda-redes que por sua vez colocava a bola no ala contrário, o que nos causava sempre problemas. Aquilo devia ser treinado por eles. Então, ao intervalo, dei indicação ao ponta-de-lança – jogador que, normalmente, não deixa que a bola rode pelos centrais quando pressionamos alto – para deixar de pressionar os centrais, na medida em que eles não rodavam a bola por esses dois jogadores, e ir pressionar ainda mais alto, isto é, para ir pressionar o guarda-redes com o objectivo da bola não entrar nele. E o que é que aconteceu? Como eles estavam a ser pressionados, já não conseguiam meter a bola no guarda-redes. A primeira vez que o tentaram fazer quase que marcávamos golo, pois a bola entrou no guarda-redes e quando o nosso jogador o pressionou ele teve imensas dificuldades. A partir daí, a bola deixou de entrar na referência deles - o guarda-redes. Mas isso porque nós treinávamos. Não treinávamos a pressionar o guarda-redes, mas treinávamos o bloco alto. É verdade que eles arranjam uma solução, talvez por terem visto os nossos jogos e saberem como pressionávamos, mas nós tirámos-lhes essa referência e eles começaram outra vez a dar-nos a bola e voltámos a conseguir fazer o bloco alto com eficácia.

É difícil defender com o bloco alto, mas é bastante mais problemático defender homem-a-homem nessa zona. E porquê? Porque há muito mais espaço. Basta o jogador com bola ultrapassar o seu adversário directo e a equipa abrir para que existam logo imensos espaços entre jogadores e entre sectores. A partir daí é muito mais fácil ultrapassar os jogadores.

N.A. - A ideia que eu tenho é que a aparente segurança que a defesa homem-a-homem nos dá acaba por ser muito superficial..

Oliveira - Exactamente. Muitas vezes, os jogadores da equipa adversária, por serem bastante fracos e não quererem ter a bola, despejam-na e até parece que é uma grande segurança. O problema é que se a equipa souber como deve jogar, quando recupera a bola abre logo muito e, ao fazê-lo, os defesas adversários vão ficar muito afastados entre si e não vão existir coberturas. E o que é que vai acontecer? Se a bola entra num jogador e este ultrapassa o seu oponente directo, quando as dobras chegam há sempre alguém que ficou solto e muito espaço para jogar. Quem me dera que as equipas que me pressionam o fizessem alto com marcações homem-a-homem! Isso era uma maravilha para nós!

N.A. - De acordo com o que disse, o bloco tem uma estrutura definida e passa por uma ocupação o mais racional possível dos espaços. Disse também que, quando pressiona alto, a bola é pressionada assim como os jogadores adversários mais próximos. Parece-me que os jogadores mais distantes da bola preocupam-se fundamentalmente com o fechar dos espaços. A minha dúvida é acerca de qual é a preocupação dos

jogadores mais próximos da bola, isto é, a preocupação deles continua a ser o espaço ou devem encostar nos adversários directos para fechar as linhas de passe?

Oliveira - É o espaço. Os meus jogadores sabem que, se a bola está no corredor central, o portador da bola tem que ser pressionado por um jogador, no sentido de lhe retirar espaço e tempo de execução. E esse jogador tem que ter duas coberturas, uma de um lado e outra do outro, que é para, se o adversário com bola sair do primeiro homem, haver logo dobra de um deles, novamente para retirar espaço e tempo de execução. Se a bola estiver no corredor lateral, eu só quero uma cobertura interior, porque a exterior o meu jogador já a tem, que é natural, é mais um «jogador» que nós temos, é a linha lateral! Portanto, condiciona-se o espaço, mas também os adversários mais próximos do portador da bola, porque, como existe cobertura dos dois lados, facilmente eles são logo pressionados assim que a bola entrar num deles. Se a bola entrar mais longe, quero que haja logo, nesse local, redução do espaço e do tempo e coberturas permanentes junto do portador da bola. Os restantes jogadores fecham os espaços. É isto que eu pretendo que eles façam. Não existe a preocupação deste marcar aquele, porque, se assim fosse, o jogador A ia marcar o jogador B e quando este fosse à casa de banho o jogador A também ia. Não, deixo-o ir à casa de banho, porque assim até jogo contra dez. Agora, o que me interessa é que o espaço onde há possibilidade de jogo seja o mais condicionado possível. Se isso acontecer, é muito difícil para o portador da bola conseguir realizar acções que nos ponham em perigo. É neste sentido que eu lhes dou determinado tipo de indicações. Eu quero que o jogador que tem a bola seja pressionado e que os jogadores próximos do portador da bola sejam completamente condicionados em função desses aspectos. Mas não é o jogador A a ir pressionar o jogador B. Não é isso. O jogador A deve fechar o espaço e, a partir do momento em que o jogador B passa a ter a bola, é logo condicionado, porque há jogadores muito próximos que permitem esse condicionamento de acções.

N.A. - A zona é, então, a única que permite levar os adversários a adoptar comportamentos por nós desejados?

Oliveira - De uma forma assim tão objectiva, evidentemente que sim. Claro que, se nós fizemos marcações homem-a-homem e quisermos que a bola entre em determinado jogador, não o marcamos para a bola entrar nele. Também se podem utilizar todas essas estratégias. Evidentemente que em termos de zona acontece muito mais isso. Nós praticamente condicionamos sempre o jogo da equipa adversária. Levamos a equipa adversária a jogar para determinada zona para aí roubarmos mais facilmente a posse de bola. Por exemplo, ainda há pouco tempo, uma equipa que jogava contra nós tinha um médio defensivo muito fraco; ele só devia estar naquela posição porque era alto, jogava bem de cabeça e o treinador pô-lo ali para ganhar as bolas todas de cabeça. Então, aquilo que nós fazíamos era aumentar ainda muito mais a pressão quando a bola entrava nesse jogador. Porquê? Porque, quando ele recebia a bola, ela fugia-lhe um ou dois metros. Ele tinha um mau controlo de bola e, para além disso, não a conseguia passar bem. Por isso, o que nós fazíamos era o seguinte: quando eles estavam a jogar, nós não pressionávamos esse jogador, nem fechávamos esse espaço, para a bola lá entrar; quando isso acontecia, nós pressionávamos muito mais e facilmente fazíamos transição defesa-ataque a partir desse jogador, pois ele perdia muitas vezes a bola. Ou seja, nós deixávamos que a bola entrasse em determinado sítio para depois fazer aquilo que queríamos.

Muitas vezes, o que acontece é que as equipas apenas saem bem a jogar por um dos corredores. E aí o que é que fazemos? Não permitimos que eles saiam pelo lado que gostam mais, para mais facilmente lhes roubarmos a bola no outro. Também pode acontecer que a equipa adversária saia bem pelos dois lados, mas como nós queremos ganhar a posse de bola essencialmente no corredor direito, porque os nossos jogadores, em termos ofensivos, saem melhor por esse lado, aquilo que fazemos é não permitir que eles saiam pelo lado contrário. Portanto, conhecendo os pontos fortes e os pontos fracos da equipa adversária e da nossa equipa, tentamos condicionar um bocadinho aquilo que é o jogo do adversário, no sentido de o levar a fazer aquilo que nós pretendemos. Claro que, muitas vezes, não o conseguimos, mas temos esse tipo de estratégia como objectivo.

N.A. - Posso, então, afirmar que a zona me permite gerir o espaço e o tempo de jogo de acordo com os meus interesses?

Oliveira - Exactamente.

N.A. - Era um pouco essa a ideia do Milan de Sacchi...

Oliveira - Sim. O Milan de Sacchi fazia isso de uma forma exemplar, tendo sido praticamente a primeira equipa a defender à zona de uma forma muito consistente. Defendia muitíssimo bem! Para além disso, como era composta por jogadores tecnicamente fenomenais (Van Basten, Gullit, Baresi, Maldini,...), aquilo que acontecia era que as outras equipas ainda mais condicionadas estavam devido ao seu poderio ofensivo. Como tinham medo de jogar contra eles, ainda mais facilmente lhes davam a bola. Mais, como defendiam muito bem e não precisavam de se cansar muito para o fazer - como defendiam à zona tinham um desgaste físico muito menor -, ainda muito mais predispostos estavam para atacar.

A defesa à zona de Sacchi visava mesmo condicionar completamente a equipa adversária, levando-a a andar de um lado para o outro, mas sempre com a intenção de a conduzir para determinadas zonas para aí roubar a posse de bola. Sacchi conseguiu, na altura, fazer com que os dez jogadores de campo funcionassem todos em função do mesmo objectivo defensivo, isto é, tentando condicionar toda a equipa adversária, para mais facilmente lhe roubar a bola. Com a sua forma de defender, Sacchi obrigava mesmo a equipa adversária a entrar no corredor lateral, para aí condicionar completamente a acção adversária e facilmente roubar a posse de bola. Actualmente, é isso que se tenta fazer, aproveitando-se a barreira natural que é a linha lateral e também as fragilidades da equipa adversária. Provavelmente, Sacchi também as aproveitava, nós é que talvez não nos apercebêssemos disso. Se soubermos onde os adversários são bons e fracos, podemos conseguir mais facilmente criar desequilíbrios nesses pontos fracos.

N.A. - Partindo do pressuposto que existem várias formas de defender à zona, quais as características que a zona terá que ter para mais facilmente conseguirmos condicionar o adversário e termos a iniciativa do jogo?

Oliveira - Para nós termos a iniciativa do jogo, a zona tem essencialmente que ser uma zona inteligente, no sentido de saber detectar e aproveitar as fragilidades da equipa adversária. Deve também ser inteligente na forma como consegue readaptar-se em função dos problemas que nós estamos a colocar e que a outra equipa resolve. Isto é, se nós defendemos muito adiantados, mas a outra equipa até consegue sair com uma certa eficácia, temos que conseguir criar antídotos para isso. Se calhar, não podemos defender tão à frente, mas sim mais atrás. Daí que a zona tenha que ser inteligente de maneira a readaptar-se de acordo com os problemas que a equipa adversária nos está a criar. No fundo, tem que ser uma zona que consiga jogar sempre em função daquilo que está a ser o jogo. Depois, tem que ser uma zona o mais pressionante possível, no sentido de condicionar permanentemente o jogo ofensivo da equipa adversária. Se for uma zona muito passiva faz-me lembrar o jogo do Real contra o Manchester que eu fui ver e em que a primeira parte foi «apenas» o melhor jogo que eu alguma vez tinha visto ao vivo. O Manchester defende à zona e consegue que os jogadores fiquem muito juntos, tanto em termos de profundidade como em termos de largura. São é muito pouco pressionantes! Muitas vezes, o Real Madrid jogava no meio dos jogadores deles mais ou menos à vontade. Não sei se era com medo ou se era alguma estratégia. O que sei é que era uma zona onde eles estavam muito fechados, mas que deixavam completamente à vontade os adversários. Na minha opinião, não chega defender assim.

N.A. - Isso leva-me a outra questão... Quando uma equipa está retraída lá atrás, com muitos jogadores atrás da linha da bola, só a defender no seu meio campo é comum ouvirmos os comentadores dizerem que a equipa está a defender à zona. Parecem entender a zona como uma forma passiva de defender...

Oliveira - Sim, mas isso é também um bocadinho por ignorância dos comentadores. Para além disso, quando se defende muito atrás, aquilo que acontece é que os espaços estão quase todos preenchidos. Se uma equipa defende atrás do círculo central com todos os jogadores, uma pessoa, à primeira vista, pode enganar-se e pensar que a equipa está a defender à zona, quando na verdade não o está. Vamos imaginar, por exemplo, que um jogador da equipa que ataca passa de um lado para o outro e os defensores acompanham-no. A quantidade de jogadores que a equipa que defende tem naquela zona é de tal forma grande que até parece que está a defender à zona, mas não está, porque verificam-se sistemáticos acompanhamentos de jogadores. Ou seja, estão é a defender homem-a-homem. Como é óbvio, jogar contra uma equipa que, mesmo fazendo-o homem-a-homem, defenda num espaço de profundidade de vinte a trinta metros, é muito difícil porque não há espaço para jogar, pois existem sempre jogadores por todo o lado. Mas defender assim é outra coisa, não é defender à zona. Muitas vezes, é difícil de ultrapassar, contudo, não por causa do sistema defensivo ser homem-a-homem ou à zona, mas pela grande quantidade de jogadores nas proximidades da bola em virtude da profundidade do jogo ser muito reduzida. Existem sempre vários jogadores muito perto da bola.

N.A. - Quais são os indicadores, quando olhamos para uma equipa, que nos permitem afirmar que ela defende à zona?

Oliveira - Essencialmente olhamos e vemos que os jogadores se preocupam fundamentalmente com o espaço de jogo, com a bola e com o espaço que têm que ocupar para condicionarem o espaço e o tempo de execução do adversário. De uma forma geral, são estes os aspectos. Em relação à defesa homem-a-homem, a preocupação é o jogador a quem têm que fazer marcação. Se o adversário vai para um sítio qualquer, eu vou com ele, existindo, fundamentalmente, uma preocupação com o jogador. Na zona, a preocupação prende-se sobretudo com o espaço, com o reduzir o mais possível o tempo e o espaço ao portador da bola e aos jogadores que a possam ter.

No futebol, quando a marcação é homem-a-homem, evidentemente que os jogadores e os treinadores não são loucos e, quando o extremo esquerdo vai para o lado contrário, o defesa direito não o acompanha. Agora, o problema é que, no espaço que está entregue ao lateral, ele acompanha o seu oponente directo para todo o lado.

No espaço entre a zona central e a lateral, as movimentações do atacante que está nessa zona são acompanhadas permanentemente pelo lateral. Ora, isso, o acompanhamento do jogador, é que define a marcação homem-a-homem. Evidentemente que se o atacante vai para uma zona completamente diferente não vai haver esse acompanhamento, mas, naquele espaço, ele verifica-se. E, ao haver esse acompanhamento, aquilo que acontece, muitas vezes, é que o atacante leva o defensor para onde quer. E com que intenção? Para que outro jogador da sua equipa aproveite o espaço deixado livre, e esse é o problema da marcação homem-a-homem, porque eu levo o jogador, tiro-o propositadamente de um determinado espaço, deixo-o livre, para um colega meu o ir aproveitar da melhor maneira possível. Na defesa à zona isso não acontece! Porque o atacante sai, vai para outra zona, mas eu, como defensor, não considero essa zona perigosa e não tenho que o acompanhar, tenho é que fechar o espaço para a bola nem sequer aí ser metida. Isto faz com que a zona seja muito mais eficaz, na medida em que, como disse, muitas vezes, a bola nem sequer é metida no jogador ou no espaço, porque esse já está conquistado por nós. Para mim, a zona é uma conquista de espaços que impede, quase sempre, que a bola seja jogada para determinado espaço, porque esse espaço já está conquistado pela equipa que está a defender. Eu vejo a zona como uma conquista de espaço para que a equipa adversária nem consiga sequer jogar a bola.

Frequentemente, os meus jogadores, por terem defendido sempre homem-a-homem nos outros escalões e nos outros clubes, não percebem estas ideias. Pensam assim: «Então o meu jogador está completamente desmarcado na linha lateral e eu estou aqui no espaço interior?! Vou para lá para perto dele e depois, se a bola vier, eu fecho. Ele vem e eu fecho». Então eu explico: «Não, não vais para lá, porque tu ao ires para lá vais fazer com que haja um espaço muito grande entre ti e o teu companheiro do meio. E esse espaço, muitas vezes, não é aproveitado pelo jogador a quem tu estás a fazer marcação, mas por outro jogador que vê ali aquele espaço livre e o aproveita, e depois a bola entra nele. Se tu estiveres nessa posição interior, a bola nunca entra nesse espaço, porque esse espaço, que é perigoso, já está conquistado por ti e pela equipa. A bola nunca entra nesse espaço porque ele é nosso». Portanto, a razão pela qual os jogadores devem fechar o espaço interior é esta, ou seja, ao fecharem o espaço, ele é nosso e não da equipa adversária. O futebol é muito isto: um jogo de espaços que se conquistam.

N.A. - Ainda no que se refere a diferenças entre a defesa à zona e a defesa homem-a-homem, gostava que me falasse um pouco acerca do papel do trinco, do central de marcação e do *libero*.

Oliveira - Na minha equipa não existe trinco, central de marcação nem *libero*. Não jogamos com um central de marcação porque o avançado que se desmarca para determinado espaço é marcado pelo jogador que aí se encontra. As funções que hipoteticamente podemos considerar de central de marcação e de *libero* são funções que qualquer um dos defesas centrais poderão assumir consoante as movimentações dos pontas-de-lança ou de qualquer outro jogador que vá para as posições dos avançados na zona central.

Não há nenhuma equipa de top, a nível mundial, que jogue com um jogador de marcação e um jogador a *libero*. Jogam consoante as movimentações. Se estamos a falar de futebol de primeira dimensão, evidentemente que se joga assim. Agora, no futebol de segunda e terceira dimensão isto, se calhar, já não se vê. Muito sinceramente, assim de uma forma rápida, não estou a ver uma equipa de top que jogue com um jogador na marcação e outro a *libero*.

Relativamente ao trinco, eu não jogo com aquilo a que se chama trinco, isto é, um médio defensivo cujo objectivo é tapar os espaços nas subidas dos jogadores e tapar os espaços em termos defensivos. Na minha equipa, eu jogo com um jogador a quem chamo *pivot* e cuja missão é muito mais importante em termos ofensivos do que em termos defensivos. O *pivot* é o jogador responsável pela divisão sistemática do jogo, de um corredor para o outro e é a referência de passe quando a equipa está a ser pressionada, isto é, é ele quem tem que procurar o passe, quem tem que recuar para circular a bola. Portanto, este jogador tem funções muito importantes, mas fundamentalmente no processo ofensivo. Em termos defensivos, talvez por ser o jogador que está mais recuado, é o jogador que, quando a equipa contrária sai em transição, a impede logo, porque está situado numa posição que lhe permite fazer essa leitura de jogo.

N.A. - O Mourinho referiu, numa entrevista, que não jogava com um trinco convencional, pois esse estava associado à defesa homem-a-homem e a sua equipa defendia à zona...

Oliveira - Talvez ele também o defina bem. Por isso é que eu não chamo trinco a um jogador que se coloca nessa posição. Chamo-lhe *pivot* propositadamente para que o jogador que joga nessa posição perceba que a sua principal função é uma função essencialmente ofensiva, de referência de circulação de bola, de referência de passe, de referência de permanente estabilidade em termos ofensivos, e também defensivos, porque é um jogador recuado que cobre os espaços que alguns jogadores poderão deixar livres. Mas não é necessariamente um jogador de marcação, que tenha que marcar muito bem, que precise de defender muito bem em termos individuais. Tem que defender muito bem, mas essencialmente o espaço. Para mim, a grande referência, no que se refere a esse tipo de jogador, foi o Guardiola. O Guardiola, individualmente, não defendia grande coisa, mas em termos de espaço sim. Estava sempre no sítio certo a fechar os espaços e, depois, em termos ofensivos, era um jogador fenomenal. Agora,

quando as equipas jogam com central de marcação e *libero*, revelando medo de jogar homem para homem, esse jogador vai assumir as funções de terceiro central. Mas isso são equipas de futebol que já estão ultrapassadas. Não existe nenhuma equipa de top, a nível mundial, que, contra um adversário que jogue com dois pontas-de-lança, tire um jogador do meio campo para ir jogar a terceiro central. Todas jogam homem para homem, pois os laterais fecham e tudo fica salvaguardado. Isso só acontece em casos especiais.

N.A. - Pode-me apontar algumas vantagens da defesa homem-a-homem?

Oliveira - Não defendo homem-a-homem e, por isso, não lhe posso apontar nenhuma virtude. Nem sequer penso nisso, porque tal não me preocupa. Adoptei a zona como forma de defender e só me preocupo com ela. Penso é na maneira de tentar ultrapassar a defesa homem-a-homem! Agora, não tento potencializar essa forma de defender, pois nem penso nela como sistema defensivo.

N.A. - Qual é a forma de defender que mais equipas em Portugal adoptam?

Oliveira - Sinceramente, não assisto a muito futebol português. Vejo muito futebol na televisão, mas fundamentalmente espanhol ou inglês. Agora, aquilo que eu vejo é que existem muitas equipas em Portugal que defendem homem-a-homem.

N.A. - Mesmo a nível profissional?

Oliveira - Mesmo a nível profissional. E algumas das que são consideradas das melhores equipas nacionais. Não digo nomes, mas existem várias equipas que jogam homem-a-homem, isso vê-se claramente. Só não digo nomes porque vejo os jogos pela televisão e posso estar a ser injusto com alguma. Se assistisse no terreno era mais fácil. Mas, pelo que se vê na televisão, existem equipas que jogam claramente com defesa homem-a-homem.

N.A. - E ao nível da formação?

Oliveira - Ao nível da formação, praticamente todas as equipas defendem homem-a-homem. Alguns treinadores até que se preocupam em defender à zona, mas é muito raro encontrar equipas que defendam à zona com bloco avançado, pois, normalmente, optam pelo bloco baixo. É muito raro encontrar equipas a defender à zona e é ainda mais raro encontrar equipas que defendam com o bloco avançado.

N.A. - Quais são as equipas da Superliga que, actualmente, defendem claramente à zona?

Oliveira - Claramente? O Porto. O Benfica julgo que também está a começar a defender à zona, mas o Porto defende claramente. Eu sei porque vejo os jogos deles. No Benfica, facilmente são identificados alguns comportamentos de zona. As outras equipas não as conheço muito bem em termos de as ver jogar ao vivo.

N.A. - Se a referência a nível de top não é essa, porque razão a maioria dos treinadores portugueses opta pela defesa homem-a-homem?

Oliveira - Porque para pôr as equipas a defender à zona é preciso compreender o que é a zona, é preciso não ter medo de determinadas coisas, é preciso ter uma filosofia, uma mentalidade e uma ideia de jogo que estão em constante processo de evolução. Por isso, nem toda a gente defende à zona, da mesma forma que há princípios de jogo, em termos ofensivos, que não são seguidos por toda a gente, porque são princípios relativamente evoluídos e que requerem algum trabalho. Por exemplo, quais são as equipas que querem sair a jogar logo a partir do guarda-redes? Ou que querem que os centrais e os laterais joguem em vez de se limitarem a despejar bolas para a frente? Estou a falar de princípios de jogo bastante simples, mas que são muito poucas as equipas que os adoptam. Ora, como é que é possível desejar um jogo de circulação de bola se não se permite que os centrais e o guarda-redes sejam referências de passe e jogadores que participem na circulação de bola? Porquê? Porque têm medo! E porque é difícil! Erra-se muitas vezes numa fase inicial. Com a defesa à zona passa-se a mesma coisa: é preciso percebê-la, é preciso experimentá-la e é preciso errar muitas vezes, porque para se conseguirem determinadas coisas no futebol, é preciso errar muito, experimentar coisas, errar, voltar a experimentar e voltar a errar. É preciso treinar! É o treinar que leva a errar, porque, muitas vezes, adoptam-se determinados princípios que, passado um mês ou dois, vemos que estão errados e temos que os voltar a reformular. Mas isso só se consegue ver através do treino e do jogo.

N.A. - Falou da necessidade de se saber o que é a zona e de se trabalhar a zona, para que seja possível defender dessa forma, o mesmo se passando com todo um conjunto de princípios «evoluídos», chamemos-lhe assim. Porém, a resposta mais comum é «é preciso ter jogadores»...

Oliveira - Evidentemente que é preciso ter jogadores, porque com menos de sete não é permitido jogar! É necessário ter jogadores, mas, tendo em conta que em termos defensivos a técnica com bola não é necessária, o fundamental é treinar e fazer entender aos jogadores o que é defender à zona, o que é fechar os espaços e todo um

conjunto de aspectos que são importantes neste tipo de defesa. Por isso, na verdade, apenas são necessários jogadores inteligentes. E jogadores inteligentes também se conseguem fazer. Apenas temos que os levar a aprender aquilo que têm que fazer em determinado momento, ensinando-lhes os comportamentos que devem ter. Ainda por cima, defender é fundamentalmente sem bola, não se tratando de comportamentos técnicos com bola. Existe um conjunto de comportamentos técnicos que os jogadores têm que ter, mas que são sem bola e, por isso, não é preciso ter superdotados para se defender bem. É preciso é cada jogador e a equipa saberem o que têm que fazer.

N.A. - Não seria melhor, teoricamente, optar por uma defesa mista?

Oliveira - Não vejo porquê. Se se adoptar uma defesa mista, aquilo que vai acontecer é que se vão criar desequilíbrios em termos de espaço e em termos de bloco, ou seja, estaríamos a criar alguns problemas em termos de organização e, se calhar, se a equipa adversária fosse inteligente facilmente desmontava a parte que estava a defender à zona. De facto, até vejo é algumas desvantagens.

N.A. - Uma das desvantagens da defesa à zona que a literatura aponta prende-se com o se dar maior iniciativa ao adversário. Concorda?

Oliveira - Maior iniciativa não, acho que é o contrário, dá-se muito menos iniciativa ao adversário. Se for uma defesa à zona bem feita, nós condicionamos o adversário em função daquilo que queremos, por isso, não estamos a dar iniciativa, estamos a cortar iniciativa.

N.A. - Quando defendemos à zona, a equipa está organizada como quer e não em função do adversário. Já falámos sobre este aspecto. Se ela está organizada como quer, se tem uma organização defensiva colectiva conhecida, não lhe parece que a transição para o ataque se torna do conhecimento dos jogadores? Não considera isto uma grande vantagem inerente à zona?

Oliveira - Claro. São exactamente esses aspectos que são importantes no sistema defensivo de uma equipa. A transição que existe da organização defensiva para a organização ofensiva é uma transição em função daquilo que nós pretendemos e que não nos é estranha. Daí que tenhamos que arranjar uma organização defensiva que potencie a forma como nós atacamos, porque o nosso grande objectivo é atacar. E para quê? Para que não haja determinado tipo de divergências entre esses dois momentos, para haver um certo equilíbrio entre esses dois momentos do jogo. Se isso não se verificar, o que acontece é que vamos estar a atacar de uma forma e a defender de outra e, quando ganharmos a posse de bola, os jogadores não vão estar colocados como nós pretendemos para determinado tipo de jogo, o que nos trará problemas.

N.A. - Menotti refere que a zona é liberdade. O que é que acha que ele queria dizer com isto?

Oliveira - Talvez refira que a zona é liberdade pela possibilidade que ela nos dá de jogarmos e de fazermos aquilo que pretendemos, sem estarmos condicionados pela equipa adversária, porque defender à zona é defender como queremos, condicionando um bocadinho o adversário em função daquilo que desejamos que aconteça. E se fazemos aquilo que queremos quando estamos a defender, temos depois também muito mais possibilidades de fazer o que pretendemos em termos ofensivos. É quase como comandar um bocadinho o jogo, fazendo sempre aquilo que desejamos, fazendo do jogo um jogo que nos seja familiar e não um jogo que nos seja permanentemente estranho. Se nós jogarmos sempre em função daquilo que o jogo é para nós, ele é-nos sempre familiar. Nele acontece aquilo que treinamos e aquilo que queremos. Somos nós que mandamos no jogo!

N.A. - O professor Vitor Frade diz que a zona-pressing se faz para atacar. Concorda?

Oliveira - Sim, completamente. Quando nós pressionamos a equipa adversária é para lhe reduzirmos o tempo e o espaço e para, o mais rapidamente possível, ficarmos com a posse de bola. E para quê? Para podermos ser nós a atacar. Se somos uma equipa que privilegia fundamentalmente o ataque, se queremos ter a bola, temos que arranjar forma de a conquistar o mais depressa possível. Temos de ser nós a ir procurar a bola e a condicionar o adversário, por isso, não chega fazer um sistema defensivo à zona sem ser pressionante, porque, caso contrário, acontece como sucedeu com o Manchester, que defendia à zona fechadinho, mas não pressionava absolutamente nada e, assim sendo, o Real tinha a posse de bola quase cinco minutos seguidos. Portanto, quando se quer jogar fundamentalmente com bola, e se defende à zona, temos que ser pressionantes, temos que querer a bola, temos que ser incisivos no sentido de roubar a posse de bola. Se queremos ser nós a ter a bola, é assim que se joga.

N.A. - A literatura afirma que uma das desvantagens da zona-pressing prende-se com a possibilidade de esta diminuir a eficácia do ataque, na medida em que ao nível da transição defesa-ataque existe uma grande aglomeração de jogadores. Concorda?

Oliveira - Visto assim, em termos teóricos, até parece verdade, mas não é. E é mentira porquê? É como algumas definições de contra-ataque que dizem que para existir contra-ataque tem que haver muito espaço nas costas da defesa adversária. Também não concordo com isto. Imagina a seguinte situação: o guarda-redes mete a bola no central; o central fica com a bola; se um adversário lhe roubar a bola pode haver logo contra-ataque e resultar em golo. Podemos até estar a falar de um segundo e de um ou dois metros. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. O importante, e voltando à questão que me foi colocada, é que se nós estamos a condicionar o adversário o mais à frente possível, muitas vezes o adversário para conseguir sair a jogar está perto da sua baliza com a equipa aberta. Se ele perder aí a bola, as suas dificuldades de organização defensiva vão ser enormes. Por isso, não vejo qualquer problema. Talvez até seja mais fácil, na medida em que, quanto mais recuada estiver a equipa que defende, mais tempo ela dá à equipa adversária para fechar os espaços quando ganhar a bola. Portanto, isso não pode ser lido assim, tanto mais que, qualquer equipa que tente sair a jogar a partir do seu guarda-redes, nunca o faz com os jogadores fechados, mas sim abertos, para que a probabilidade de sucesso seja a maior possível. Coloca os laterais bem abertos e os centrais relativamente afastados para circular a bola. Se nós condicionarmos logo aí o jogo, a equipa adversária ou tem categoria e sai a jogar e consegue ultrapassar isso ou então bate a bola para não a perder. Se a perde, os jogadores estão afastados e facilmente se pode aproveitar esse espaço, pois o adversário não tem tempo de o fechar.

N.A. - E no caso de uma zona *pressing* baixa?

Oliveira - É exactamente a mesma coisa. Talvez ainda seja melhor, porque, se a equipa adversária sobe mais no terreno para se organizar em termos ofensivos, é natural que ainda abra ligeiramente mais. Mesmo que estejamos mais recuados, a partir do momento em que começamos a pressionar a equipa adversária vamos-lhe criar imensos problemas e isso em nada restringe a nossa capacidade ofensiva, antes pelo contrário, pois, se calhar, dessa forma conseguimos roubar a bola mais facilmente e atacar com mais facilidade. Condicionamos a equipa contrária em função daquilo que nós pretendemos e, depois, se a equipa estiver bem treinada, é a partir dessa organização defensiva que passamos para a organização ofensiva. Portanto, é um jogar em função daquilo que nos é familiar, daquilo a que estamos habituados, daquilo que treinamos.

N.A. - Nos pontapés de canto também defende à zona?

Oliveira - Só com determinados jogadores. Os outros fazem marcações individuais. Determinados jogadores fazem a cobertura de determinadas zona e outros fazem marcações individuais. Mas, mesmo nos cantos, são marcações individuais com determinadas características, não são marcações individuais de acompanhamento dos adversários para todo o lado.

N.A. - Referiu algumas vezes, por alto, que defender à zona é mais económico...

Oliveira - A zona é mais económica em termos energéticos porque quando fazemos marcações homem-a-homem vamos para onde os adversários nos levam, e, se eles tiverem uma mobilidade muito grande, percorremos distâncias grandes, andamos de um lado para o outro, abrimos com os jogadores, fechamos com jogadores, vamos voltar a abrir,... depois os jogadores trocam de posições e nós começamos a olhar para as posições que deveríamos assumir e há um certo desequilíbrio em tudo isso. Se defendermos à zona, isso não acontece, pois preocupamo-nos essencialmente com a bola e, em função desta, com a zona de intervenção de cada um nesse momento. Isto é, não nos preocupamos com os jogadores que não estão nessas zonas de intervenção, nessas zonas da zona. Assim sendo, existe uma economia de esforço consideravelmente maior, pois as trajectórias que os jogadores têm que percorrer são muito menores, a entreaajuda é muito maior e, desse modo, não existe tanto a necessidade de se correr atrás dos adversários. Há uma economia bastante maior tanto em termos individuais como colectivos, que se torna extremamente vantajosa quando se ganha a posse de bola, pois fica-se muito mais disponível para as acções ofensivas.

O desgaste que uma zona *pressing* alta provoca é muito menor se o compararmos com o que se verifica se formos pressionar alto homem-a-homem. E porquê? Porque quando pressionamos alto com uma defesa homem-a-homem, o que muitas vezes acontece é que pressionamos muito abertos e, para sermos eficazes a pressionar dessa forma, o desgaste energético é muito maior. Em contrapartida, se pressionarmos alto com a equipa fechada a defender à zona, a pressão é muito menos desgastante.

Normalmente, as pessoas dizem que com uma pressão alta o desgaste é muito maior, contudo, eu não sou dessa opinião. E porquê? Porque quando pressionamos alto não temos que descer a equipa toda, isto é, evitamos que os jogadores façam cinquenta metros para trás, para depois fazerem cinquenta metros para a frente, e assim sucessivamente durante o jogo todo. Em vez disso, talvez só façamos dez a quinze metros ou vinte a trinta metros e esta diferença de distâncias a percorrer permanentemente durante o jogo é muito significativa. Portanto, ainda que o grau de dificuldade de fazer pressão alta à zona seja muito grande, o desgaste energético por ela provocado não é tão grande como as pessoas pensam. Fazê-lo com qualidade é difícil e demora-se bastante tempo a consegui-lo,

agora, a partir do momento em que se consegue fazê-lo, o desgaste energético é muito menor do que andar para trás e para a frente, para trás e para a frente,...

N.A. - Algumas pessoas dizem que a zona *pressing* alta obriga a um esforço tal que, quando a equipa recupera a bola, já está cansada para atacar...

Oliveira - Se as pessoas estiverem minimamente atentas apercebem-se que são as boas equipas que fazem zona *pressing* alta, e, pelo que eu vejo, elas nunca dão essa ideia. Por exemplo, o Porto contra a Lazio fez *pressing* alto e nunca deu a ideia que estava cansado para atacar, bem pelo contrário! Estavam muito mais frescos para atacar, pois não tinham que correr cinquenta metros para trás para defender e depois cinquenta metros para a frente para voltar a atacar. Por isso, não vejo o porquê dessa ideia. Agora, o que muitas vezes acontece é que, em vez de ser a equipa como um todo a fazer pressão alta, ela encolhe-se e são apenas dois ou três jogadores a andar sistematicamente de um lado para o outro atrás da bola. É obvio que esses jogadores se vão desgastar imenso e, depois, quando os companheiros ganham a bola lá atrás, evidentemente que vão estar cansados, na medida em que estiveram a fazer pressão numa zona em que o resto da equipa não a estava a fazer. Mas isto é outra coisa, é uma pressão alta mal feita!

N.A. - Até que ponto o desgaste mental pode contribuir para a fadiga associada a uma zona pressionante alta?

Oliveira - A zona pressionante alta é uma forma de defender extremamente desgastante em termos mentais, em termos psicológicos. E isto porquê? Porque exige uma permanente concentração de todos os jogadores, independentemente de a bola estar perto ou longe dos mesmos. Quando se faz uma zona pressionante alta, cria-se um espaço muito grande nas costas da nossa defesa e se ela não for bem feita é extremamente perigoso. Então, nós temos que tomar determinado tipo de precauções e todos os jogadores têm que estar conscientes das suas funções para, em todos os momentos, todos os jogadores estarem concentrados naquilo que estão a fazer. Independentemente de onde está a bola, todos os jogadores têm tarefas a fazer, porque basta um ou dois jogadores não estarem a ter os comportamentos desejados que aquilo que acontece é que essa zona pressionante alta pode ser extremamente prejudicial para a equipa por criar espaços que podem ser facilmente aproveitados pela equipa adversária. Por isso, o desgaste que provoca uma zona pressionante alta é um desgaste muito elevado porque é preciso, por parte de todos os jogadores, uma concentração muito elevada. Todos os jogadores, sem exceção, têm de estar permanentemente concentrados. Daí que seja uma forma de defender extremamente desgastante em termos mentais. Existe sempre a necessidade de uma permanente leitura das situações e isso exige concentração. Por exemplo, para se fazer uma zona pressionante alta, os momentos de transição têm de ser feitos muito bem e têm de ser feitos muito bem por muitos jogadores e isso exige permanente concentração aos jogadores. Agora, evidentemente que esse desgaste se atenua com o treino, pois os comportamentos que são exigidos aos jogadores começam a aparecer como hábito. E, ao aparecerem como hábito, ficam facilitados. De qualquer modo, pela permanente concentração que exige aos jogadores, é sempre uma forma de defender muito fatigante a nível mental.

N.A. - É preciso correr mais que a equipa adversária para se ganhar?

Oliveira - Temos que jogar mais que o adversário para ganhar. E jogar mais implica, essencialmente, qualidade e não quantidade. Evidentemente que, para ter qualidade, o jogo da equipa terá que ter uma quantidade, mas uma quantidade que seja adequada à qualidade. A quantidade é importante associada à qualidade. Na minha forma de ver o futebol, não é o correr mais que é o factor de qualidade, mas sim o jogar melhor. E jogar melhor muitas vezes é correr menos, porque temos de ser muito mais organizados. Temos que saber correr nas alturas certas, porque quando se corre demais não se consegue pensar. Devemos correr o necessário para se jogar com qualidade. Muitas vezes temos que estar parados, outras vezes temos que andar a passo, outra vezes temos de correr,.... Por isso, é muito mais importante o «como correr» do que o «quanto correr». A qualidade no futebol tem a ver com a qualidade das acções e não com a quantidade das acções. Daí que normalmente ganhem as equipas mais organizadas, as equipas com melhor qualidade de jogo. Não temos de correr mais do que os outros para ganhar, temos de jogar mais do que os outros e isso implica ter mais qualidade em termos de organização do que os outros.

N.A. - Pelo que atrás foi referindo, tem em conta as características ofensivas do adversário aquando da preparação da forma como defende...

Oliveira - Como já referi tenho algumas preocupações, mas apenas relativamente a algumas particularidades dos adversários. Por exemplo, se eles saem melhor a jogar do lado direito, tento levá-los a sair pelo lado esquerdo para aí os pressionar; se eles têm centrais que não conseguem sair a jogar muito bem, tento que sejam os centrais a sair a jogar, para mais facilmente lhes roubar a posse de bola. Portanto, tenho algumas preocupações que têm a ver com as particularidades da equipa que vamos defrontar, ou seja, existem algumas coisas que alteramos ou que

tentamos que os adversários façam para aproveitar os seus pontos fracos. Agora, em termos gerais, os princípios que estão subjacentes a tudo isto são sempre os mesmos independentemente da equipa com que vamos jogar.

N.A. - Achava suicídio pressionar alto frente ao Real Madrid ou ao Manchester United, equipas notáveis em termos de posse e circulação de bola?

Oliveira - Quando se pressiona alto e se pressiona com uma certa eficácia, têm-se determinados objectivos, por isso, tem que se conhecer muito bem as principais características da equipa adversária para se poder decidir se se pressiona alto ou se se pressiona mais baixo. Por exemplo, eu fui ver o Real e, ainda que eles sejam muito bons em quase tudo, são maus (e quando digo maus é mesmo maus) em duas coisas: a primeira é na transição ataque-defesa; a segunda é quando a equipa adversária rouba a posse de bola e tem-na durante muito tempo. Como quase todos os jogadores são essencialmente ofensivos, querem ter a bola e, por isso, quando não a têm durante muito tempo não se sentem muito bem, situação que os leva a tentar de qualquer forma roubar a bola à equipa adversária e que cria, muitas vezes, desequilíbrios e desorganização em termos defensivos. Por isso, tínhamos que saber quais eram as características da equipa adversária e depois jogar em função disso. Agora, é claro que fazer pressão alta ao Real Madrid implica que se corram riscos. Fazer pressão alta a uma equipa com um menor potencial ofensivo implica que se corram outros riscos. Temos que conhecer muito bem o adversário e ver os seus pontos fortes e fracos para depois podermos decidir.

Quando eu digo que, para se defender à zona com eficácia, a zona tem que ser inteligente, quero também dizer que essa organização defensiva tem que ter a capacidade de conseguir, a qualquer momento, alterar a estratégia defensiva em função dos problemas que surgem no jogo. Se decidimos que vamos pressionar o Real Madrid alto e o fazemos, mas eles conseguem sempre sair dessa pressão, nós não vamos ser loucos e continuar a pressionar alto, pois isso seria estar a dar permanentemente vantagem ao Real. Então, talvez tenhamos que arranjar outra forma de tentar contrariar o adversário. Portanto, temos sempre que ver o adversário e todo um conjunto de coisas que podem acontecer no próprio jogo, e jogar em função disso.

N.A. - A melhor forma de defender é defender com muitos homens?

Oliveira - As equipas que defendem melhor são aquelas que precisam de menos jogadores para defender com eficácia. O ideal é uma equipa conseguir defender com o menor número de jogadores possível e ser eficaz. Mas isso, muitas vezes, não é possível, porque as equipas adversárias também nos causam alguns problemas. Agora, o que é importante é haver uma noção, um conjunto de ideias subjacentes à equipa e relacionadas com o modelo de jogo e respectivos princípios. Todos os jogadores têm que ter missões defensivas e missões ofensivas. Agora, as missões defensivas de alguns jogadores não têm que implicar o recuo do sector ofensivo onde jogam até ao sector defensivo. Muitas das acções defensivas desencadeadas por determinados jogadores são até acções muito distantes da baliza, da mesma forma que muitas das acções ofensivas de alguns jogadores não se referem à subida no terreno de jogo para criar desequilíbrios no sector ofensivo, mas sim ao manter-se em determinadas posições recuadas para servir de *pivot* à equipa ou para a equilibrar. Por isso, não se pode pôr o problema dessa forma. Existem jogadores do sector recuado que são extremamente importantes para a organização ofensiva e jogadores do sector ofensivo que são muito importantes para a organização defensiva da equipa. Existe um equilíbrio e se em determinados jogos esse equilíbrio tem que ser feito com mais jogadores, noutros ele pode ser feito com menos.

N.A. - Uma equipa que queira ser muito ofensiva tem, quase obrigatoriamente, que defender à zona. Consegue encontrar argumentos que suportem esta afirmação?

Oliveira - Como já referi, uma equipa que quer atacar tem, necessariamente, que se preocupar com alguns aspectos defensivos. Para uma equipa poder atacar e ser muito ofensiva, tem que ter determinadas preocupações que lhe permitam, quando perde a posse de bola, ser capaz de a recuperar rapidamente. Para se conseguir recuperar rapidamente a posse de bola temos que nos organizar de forma a fecharmos imediatamente os espaços aquando da perda da bola, e não é com marcações homem-a-homem que o vamos conseguir fazer, mas sim através de uma tomada de consciência por parte dos jogadores de que têm que fechar de imediato os espaços de forma a que a equipa adversária não consiga sair a jogar e que nós consigamos recuperar rapidamente a bola. Evidentemente que isto só é conseguido com uma certa eficácia se defendermos à zona. Se defendermos homem-a-homem é extremamente difícil, porque aquilo que vai acontecer é que, se o adversário tiver qualidade, ele vai abrir quando em posse da bola e, ao fazê-lo, a nossa equipa não vai fechar espaços, mas sim acompanhar o adversário e criar muitos espaços entre sectores e entre jogadores do mesmo sector. Não vão haver ajudas para se ganhar a posse de bola e vão sempre existir espaços através dos quais a nossa organização defensiva pode ser desmontada.

N.A. - Poder-se-á dizer que a defesa à zona é uma necessidade para uma equipa que aspira ao sucesso?

Oliveira - Claro que considero que uma equipa de top tem que defender à zona. Embora umas vezes melhor, outras vezes pior, as equipas de top normalmente evidenciam os princípios inerentes à defesa à zona.

N.A. - Para terminar, pode caracterizar resumidamente aquela que é, para si, a zona ideal?

Oliveira - A zona ideal passa por a equipa conseguir fechar todos os espaços à equipa adversária, de forma a condicioná-la o mais possível àquilo que nós pretendemos. Deve ter como ambição possibilitar, da forma mais económica possível, roubar o mais rapidamente possível a bola ao adversário, permitindo que a equipa consiga atacar da forma como pretende. Agora, a maneira como conseguimos atingir estes objectivos estará, muitas vezes, dependente da equipa adversária e do momento e circunstâncias do jogo, pois se umas vezes teremos, por exemplo, os onze jogadores para defender, algumas vezes apenas teremos cinco ou seis em posição de defender. Daí que ela tenha que ser, essencialmente, uma zona inteligente, de forma a perceber os comportamentos a adoptar nos diferentes momentos do jogo.

Antes de terminar gostava de esclarecer um pouco melhor o conceito de homem-a-homem. Quando a organização defensiva de uma equipa é baseada na defesa homem-a-homem é evidente que um jogador não vai fazer marcação homem-a-homem a todo o campo. Aquilo que normalmente acontece é que os jogadores fazem marcação homem-a-homem na sua zona de intervenção. Por exemplo, mesmo numa equipa que jogue com marcação homem-a-homem é impensável que o lateral direito, ao estar a marcar o extremo esquerdo, o acompanhe até ao lado contrário se ele for para lá. É evidente que situações destas não acontecem. Agora, isso não quer dizer que a equipa não defenda homem-a-homem! O que acontece é que na zona de intervenção do lateral, por exemplo, esse jogador marca homem-a-homem. E porquê? Porque, em vez de se preocupar com a bola e com o espaço, preocupa-se com o homem. Ou seja, enquanto que na marcação homem-a-homem o jogador praticamente só se preocupa com o homem - o homem que está na sua zona de intervenção é que é importante -, na defesa à zona ele preocupa-se com a bola, com o espaço e, evidentemente, com o homem. A sua preocupação prende-se com tudo isso relacionado e não apenas com o homem. Na marcação homem-a-homem a sua preocupação é o homem e, se o homem abre, ele abre também, na sua zona de intervenção. O problema é que, muitas vezes, o que ele teria que fazer era fechar os espaços para não haver progressão na zona central directamente para a baliza ou para não haver passes em profundidade para esse ou outro jogador, isto é, para o portador da bola não colocar a bola no espaço entre o central e o lateral. Mas, como a sua preocupação é o homem que está no seu raio de acção, o lateral não tem este tipo de preocupações. E o mesmo acontece, por exemplo, com os médios. Esta é a grande diferença entre a defesa à zona e a defesa homem-a-homem: a primeira preocupa-se com a bola, com a zona de jogo e com o jogador; a segunda praticamente apenas se preocupa com o jogador. Por isso, para mim, a defesa à zona permite que o jogo, mesmo a defender, seja um jogo colectivo. A defesa homem-a-homem não permite essa situação.

N.A. – Mas é correcto dizer-se que defendendo à zona cada jogador, na sua zona, marca o homem?

Oliveira - Não, claro que não marca o homem. Muitas vezes nem sequer tem homem! Preocupa-se essencialmente é com o espaço. Agora, se aparecer um homem na sua zona com possibilidades de receber a bola também se preocupa com ele, pois o adversário recebendo a bola pode, a qualquer momento, finalizar ou fintar. Preocupa-se com o homem que aparece na zona em que está a jogar, zona essa que está dependente da posição da bola e do espaço que pode ser criado. E isto não é uma marcação individual ao homem, porque se este sair e for para outro lado qualquer ele já nem se preocupa mais com ele, mas sim em manter aquele espaço fechado.

É também necessário perceber que um jogador tem responsabilidades num dado espaço apenas por a bola estar em determinada posição, porque, se a bola for para outra posição, o jogador vai ter que sair desse espaço pois passa a ser responsável por um outro. Isto é, o espaço da minha responsabilidade é um espaço que não existe permanentemente, mas que vai sendo diferente consoante a posição da bola. Por isso, a defender à zona não existe o meu espaço, porque os espaços aparecem e desaparecem permanentemente.

ENTREVISTA A JOSÉ MOTA

Treinador Principal do Futebol Clube Paços de Ferreira
Estádio da Mata Real (Paços de Ferreira), 12 de Junho de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Penso que é opinião geral que o Paços de Ferreira procura jogar bom futebol e que aposta em jogar ao ataque. Será por acreditar que assim é mais fácil ganhar?

José Mota (Mota) - Eu penso que, acima de tudo, nós temos de ter uma filosofia que pensamos ser a melhor para a equipa e que acreditamos que nos pode fazer chegar mais próximo do êxito, sendo que o êxito é sempre a vitória. Portanto, nós temos é que consolidar essa filosofia, partindo de objectivos bem definidos em termos de sectores e de tudo aquilo que nós pretendemos para a equipa. A nossa filosofia foi sempre uma filosofia de jogar perto da baliza do adversário e de conseguir a bola o mais depressa possível, ou seja, no meio campo adversário, para depois partir rapidamente para as acções ofensivas. Penso que esta foi, ao longo destes anos, uma marca do Paços de Ferreira e penso que esse foi o caminho certo para alcançarmos resultados. É verdade que deu e dá muito trabalho, sendo preciso inculir um certo espírito de sacrifício aos jogadores. Os jogadores também têm que estar imbuídos de um forte espírito colectivo e, quando assim é, quando conseguimos estas *performances*, evidentemente que ficamos satisfeitos, porque é sinal que o nosso trabalho foi valorizado e que os jogadores entenderam na íntegra aquilo que nós pretendíamos de cada um deles.

N.A. - Por aquilo que me é dado a perceber, penso que algumas equipas da Superliga até apostam no ataque e procuram, dessa forma, ganhar (até conseguem bastante qualidade em termos ofensivos), mas, depois, em termos defensivos, acabam por não estar tão equilibradas. Não acha fundamental sustentar defensivamente essa forma de jogar?

Mota - Eu penso que, acima de tudo, o que se passa no futebol português é que em casa joga-se de uma forma e fora joga-se de outra, ou seja, se as equipas em casa são mais acutilantes em termos ofensivos, com uma defesa se calhar mais subida, e onde têm mais tempo de posse de bola, fora acontece precisamente o contrário, isto é, dão maior iniciativa ao adversário, tentando sair em contra-ataque e jogando mais na expectativa. O que se passou de diferente no Paços de Ferreira foi que tentou ser sempre igual, quer em casa, quer fora. Procurámos jogar sempre da mesma forma, sempre com a mesma convicção, tentando sermos nós a comandar o jogo, ou seja, a ter mais tempo a posse de bola e a jogar mais perto da baliza adversária. Agora, para que isto aconteça é preciso que os jogadores tenham uma mentalidade muito forte e isso é um papel que cabe, tanto ao treinador como ao resto da equipa técnica, desenvolver tudo isso em termos mentais para eles perceberem que estas situações têm que ser possíveis. Realmente, ao contrário do que diz, penso que no futebol português, principalmente nas equipas que lutam do meio da tabela para baixo, as situações não são delineadas em termos ofensivos. Muito pelo contrário! As equipas, muitas vezes, não se conseguem definir como equipa, precisamente porque trabalham hoje de uma forma, amanhã de outra e, frequentemente, consoante o adversário, consoante o nome do adversário. O que nós temos feito tem sido precisamente o contrário, ou seja, temos trabalhado sempre da mesma forma independentemente de defrontarmos o adversário A, B ou C. Acima de tudo, acreditamos que, sendo iguais a nós próprios, teremos, com toda a certeza, mais hipóteses de alcançarmos aquilo que pretendemos. Pronto, foi basicamente isto que fizemos ao longo destas quatro épocas: primeiro, tentar manter a posse de bola; segundo, fazer um *pressing* – aquilo a que se chama de *pressing* alto – logo à saída do adversário no seu meio campo; e terceiro, saber que toda a equipa tem que lutar para conseguir rapidamente a posse de bola. Nesta perspectiva, os avançados têm que ser os primeiros a empreender essa forma de estar da própria equipa. Eu penso que, quando isto funciona em termos colectivos, quem ganha é a equipa, quem ganha é o clube.

N.A. - Concorda com a ideia de que, quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que defender?

Mota - Isso é verdade. Quanto mais ofensiva uma equipa for, melhor ela tem que ser em termos defensivos. E tem que ser melhor em termos defensivos porque uma equipa ofensiva dará, com toda a certeza, cinquenta metros de «espaço morto» ao adversário. Porque uma equipa que vai pressionar o adversário no seu meio campo é uma equipa que pode, eventualmente, ficar sujeita a alguns riscos em termos defensivos. Mas também devemos ver essa situação pelo lado positivo, isto é, será esse mesmo espaço que nos permitirá recuperar qualquer falha que possamos ter. Se uma equipa jogar muito perto da sua área em termos de contenção, qualquer falha que possa ter não poderá, eventualmente, ser colmatada, ou seja, poderá dar em oportunidade de golo e até mesmo em golo. Se a equipa jogar num *pressing* alto em que todos trabalham em prol de recuperar rapidamente a bola, a equipa adversária terá muito menos tempo para pensar e para organizar as suas acções ofensivas, sendo que também qualquer falha de marcação ou qualquer erro individual poderá, nesses cinquenta metros, ser colmatado com a recuperação de outros elementos que possam estar perto da zona da bola. É desta forma que eu penso, acho que nos temos sentido bem assim e, como tal, continuo a manter esta filosofia.

N.A. - Vê a organização defensiva de forma independente da organização ofensiva da sua equipa, ou a forma como defende está relacionada com a forma como gosta de atacar?

Mota - Eu penso que ambas têm que estar relacionadas. Temos que perceber que são onze jogadores que jogam, os quais têm que formar um colectivo. Se toda a gente ataca, toda a gente tem que defender. Na minha equipa deste ano, dezasseis atletas fizeram golos e isto diz bem que toda a gente se integrou nas acções ofensivas, do mesmo modo que toda a gente se integrou nas acções defensivas. Penso que temos que tirar partido das equipas e tentar obter a maior rentabilidade dos jogadores, fazendo-os compreender que esta é a forma de jogar que nós vamos tentar seguir ao longo do campeonato para sermos cada vez melhores. É também verdade que na minha equipa nem sempre tive grandes estrelas (jogadores acima da média), tive acima de tudo um colectivo forte, uma grande dinâmica em termos de jogo e também muita ambição, o que é preponderante para que as coisas sucedam.

N.A. - Faz sentido eu dizer que defendo em função da forma como gosto de atacar?

Mota - Todos os meus jogadores, e principalmente aqueles que estão mais nas zonas onde as jogadas se vão desenvolver, têm liberdade para integrar todas as acções ofensivas. Por exemplo, os meus laterais são, se calhar, os jogadores mais ofensivos, que mais cruzamentos fazem e que mais desequilíbrios provocam no adversário. Em termos de acções defensivas, os homens mais avançados são os que mais recuperam as bolas. Ou seja, acima de tudo, isto é uma postura que está integrada nesta equipa, porque quando perdemos a bola não recuamos em termos de bloco para o nosso meio campo, bem pelo contrário, mantemos a mesma atitude e a mesma postura, na mesma zona do terreno, tendo logo a ambição de conseguirmos a bola rapidamente.

N.A. - Faz sentido falar em atacar contemplando a possível perda da bola?

Mota - Penso que não podemos estar a imbuir os jogadores de um espírito de fracasso. Não podemos estar à espera que se falhe, penso que temos é que lhes dar confiança de que vão conseguir. Agora, é evidente que eles também têm que perceber que há uma forma muito própria de tentarmos ganhar rapidamente a posse de bola, que é não desistir da luta, ou seja, assim que a perdemos temos rapidamente que a conseguir. E como é que a vamos conseguir? O homem que estava com a bola e a perdeu é o primeiro a tentar recuperá-la. Eu levo isto mais para o capítulo psicológico, para o capítulo mental, porque, mesmo depois do esforço, mesmo depois de querermos fazer tudo bem em termos ofensivos, nós temos que ter o espírito de sacrifício de rapidamente a tentar recuperar. E como é que fazemos isso? Fazemos isso colocando rapidamente os avançados atrás da linha da bola e, depois de estarmos todos organizados, perceber que não temos que recuar no terreno, bem pelo contrário, temos que atacar logo o esférico, porque não poderemos deixar o adversário pensar. Não poderemos deixar que o adversário desenvolva de uma forma fácil as suas jogadas em termos ofensivos. E temos também que perceber que, quando pressionamos logo rapidamente, com certeza que o passe dificilmente sairá de uma forma perfeita. O que se passa é que percebemos que, no futebol português, as equipas para se organizarem em termos de ataque precisam de tempo. Têm que ter tempo porque não estão vocacionadas para jogarem em trinta, quarenta ou cinquenta metros e, como tal, normalmente, as equipas precisam de um certo tempo para se organizarem, para lançarem o seu contra-ataque ou para saírem para a ofensiva. Portanto, o que nós tentamos fazer é recuperar rapidamente a bola e, para isso, em primeiro lugar, todos os jogadores têm que jogar atrás da linha da bola, mas no meio campo adversário para que possamos compensar todos os espaços que a equipa possa ter consentido por, eventualmente, se ter desequilibrado. Após sentirmos que a equipa realmente se desequilibrou, independentemente das soluções ou das zonas que os jogadores ocupam, os jogadores têm é que pensar que temos que salvaguardar os espaços vazios do nosso meio campo para, depois sim, atacarmos com força toda essa organização.

N.A. - Tem a preocupação de, quando a equipa está a atacar, ter em atenção o posicionamento de determinados jogadores, no sentido de...

Mota - Repare, é evidente que uma equipa só é uma boa equipa se atacar e defender com os espaços bem ocupados. É evidente que temos que fazer desequilíbrios em termos ofensivos, que temos que ser uma equipa com valor em termos técnicos, mas... pronto, é tudo isto... sentirmos que podemos organizar as jogadas, porque eu penso que o Paços de Ferreira é uma equipa de ataque continuado e não de contra-ataque. Portanto, tudo isso faz parte de um trabalho que tem que ser feito, toda a gente organizada, toda a gente posicionada em termos de um futebol organizado, um futebol dinâmico, um futebol, normalmente, com muitas mudanças de flanco (para ver se criamos algumas brechas na equipa adversária, no seu sistema defensivo) e, acima de tudo, uma equipa que joga muito pelos flancos, com os laterais bem a subir, a criar grandes desequilíbrios, com dois médios-ala bem abertos para dar linhas de passe a quem tem a bola. E pronto, é basicamente isto que costumamos fazer. Agora, quando perdemos a posse de bola, o que exijo é que toda a equipa não recue, mas, acima de tudo, que compense todas as situações de posicionamento de jogadores que, entretanto, integraram as acções ofensivas, e que rapidamente comece a exercer o *pressing* alto, um *pressing* que eu gosto e que, praticamente, obriga os meus jogadores a

fazerem. Por isso, é preciso ter jogadores que estejam muito bem em termos psicológicos, jogadores que trabalhem muito bem durante a semana para chegarem ao jogo e estarem, também em termos físicos, com uma disponibilidade muito forte. Para além disso, e eu costumo dizer isto, existe um aspecto que é muito importante: no futebol, os aspectos físicos não são os mais importantes; no futebol, o mais importante é a equipa comandar a bola com a certeza que consegue não só em termos mentais ser forte... Eu costumo dizer que, em termos físicos, da parte da equipa que tem a bola não existe desgaste, e os próprios jogadores sentem que com a bola têm mais prazer e alegria. E é isto que nós temos que compreender, isto é, os nossos atletas, os atletas portugueses, gostam de valorizar a bola, gostam de valorizar o jogo e, portanto, é isso que nós temos que fazer.

N.A. - O que é, para si, jogar bem defensivamente, isto é, o que é defender bem?

Mota - Defender bem é ter toda uma equipa a defender, é ter toda uma equipa a tentar recuperar a posse de bola. Aqui, não são apenas três, quatro ou cinco homens para defender. Aliás, no futebol isso não pode acontecer, penso que essa ideia já passou. Aqui, defender começa nos homens mais avançados, naqueles que podem, eventualmente, ter perdido a bola, isto é, quando perdem a bola eles têm que ser os primeiros dinamizadores de uma acção que é colectiva. Ou seja, percebendo que recuando para trás da linha da bola e fazendo de forma rápida o *pressing*, todos os outros jogadores têm rapidamente não só que ocupar as suas posições, mas também que encaixar no esquema do adversário, não dando espaço para que ele possa desenvolver a sua acção ofensiva.

N.A. - O que é isso de «encaixar no esquema do adversário»?

Mota - Encaixar no esquema do adversário é os jogadores terem leitura táctica suficiente para perceberem que, se o adversário jogar num 4-3-3, é evidente que partimos do princípio que sobrá um homem na acção defensiva do adversário, homem esse que poderá rodar o próprio jogo e até integrar as acções ofensivas. Mas temos que perceber que o nosso escalonamento terá que ser feito de trás para a frente, sem ter espaços na retaguarda, no nosso meio campo, e precisamente sermos rápidos na pressão dos homens mais avançados. Tal como disse há pouco, se dermos tempo a que as equipas preparem o contra-ataque ou que se organizem e troquem a bola, estamos a dar não só em termos psicológicos uma certa vantagem ao adversário, porque eles é que têm a predominância do jogo, como também não estamos a ser eficazes na nossa função que é recuperarmos rapidamente a bola e sermos nós a dominar o jogo. Ou seja, não vamos alimentar o adversário, vamos é alimentarmo-nos, tendo a bola em nosso poder. E isto é uma acção que tem que ser baseada, acima de tudo, nos trinta metros de terreno do meio campo adversário – se possível aí – para rapidamente estarmos muito juntinhos, em bloco, e taparmos todas as linhas de passe que o adversário poderá, eventualmente, ter. Portanto, percebendo que estando todos reagrupados seremos, certamente, mais eficazes na recuperação da posse de bola.

N.A. - O que é que é, para si, isso de defender à zona?

Mota - Pronto, para mim, defender à zona... Eu gosto mais de defender à zona. A minha equipa é uma equipa que faz... Aliás, eu penso que no futebol é muito isso, as marcações mistas já pouco influência têm, porque também não há grandes jogadores que necessitem de ser marcados em termos individuais, ou seja, aquela marcação que nós chamamos de «cerrada» em termos de um ou outro jogador. Penso que isso não se justifica no futebol, pois não há «Maradonas», nem «Pelés», nem «Eusébios». Agora, há missões que têm que ser estritamente elaboradas e compreendidas. Eu gosto de jogar com a marcação dependendo da forma como o adversário se vem aqui estruturar, mas se eventualmente jogar num 4-3-3 sabemos perfeitamente aquilo que cada um tem que fazer: os laterais encaixarão nos médios-ala; um dos centrais terá forçosamente de cumprir aquilo que é estipulado em termos de marcação ao ponta-de-lança – isto sem bola, como é óbvio, porque depois tudo se altera; em termos de meio campo, teremos que ser fortes e dinâmicos também nas marcações,... é tudo uma questão que... eu, sinceramente, estar aqui a falar até... vocês entendem perfeitamente este tipo de coisas, acho que não vale a pena estarmos aqui a conversar em relação a isto, porque o futebol é mesmo assim. Eu costumo dizer que o futebol só tem duas vertentes: ter ou não ter a bola. Quando não temos a bola, temos obrigação de a recuperar rapidamente. Logo que perdemos a bola rapidamente devemos recuperá-la. Quando temos a bola, vamos valorizá-la, vamos segurá-la, vamos tentar fazer várias variações de flanco para tentarmos que haja o espaço suficiente para desenvolvermos essa mesma situação de ataque.

N.A. - Eu concordo consigo, mas a verdade é que existem diferentes formas de querer conquistar a bola...

Mota - Mas eu estou-lhe a falar por mim, eu não quero saber... se fosse uma equipa de contenção, que dissesse assim: «vamos recuar todos para junto da nossa área, vamos dar espaço ao adversário, o adversário que faça o que quiser com a bola, deixa-os estar com a bola, quando eles quiserem nós estamos aqui bem tranquilos e vamos ganhar a bola e depois sair em contra-ataque». Mas eu não penso assim o futebol! Para mim, o futebol é perder e roubar rapidamente. E roubar onde? Onde a perdemos, independentemente de ser na nossa área ou na área do

adversário. Não vamos recuar só porque perdemos a bola, bem pelo contrário, vamos é ser logo aguerridos e dinâmicos para a tentar recuperar o mais rápido possível. Até porque, e este é um aspecto importante, quanto mais perto da baliza do adversário roubarmos a bola, mais perto estamos do golo.

N.A. - Qual é, para si, a diferença entre marcar individualmente e marcar homem-a-homem?

Mota - Não faço marcações individuais! Acho que não se justifica fazer marcações individuais, pois para mim, ao fazê-lo vamos estar a valorizar demasiado o adversário. Se eu incumbir um jogador de fazer uma marcação individual, o jogador adversário que vai ser marcado já se está a valorizar e, nesse aspecto, nós temos é que valorizar os nossos jogadores. Eu penso que fiz marcação individual uma vez este ano – foi com o Deco -, em que dei ao meu jogador uma certa responsabilidade na vigilância ao Deco, sem que fosse uma marcação onde ele apenas tinha que fazer isso. Disse-lhe: «tu vais entrar com o propósito de jogar mais ou menos desta forma, sempre com a vigilância ao Deco, porque ele é um jogador...». Porque de resto, neste momento, no futebol português, acho que ninguém merece que se lhe faça uma marcação individual. Quanto ao resto, são tudo acções colectivas que se trabalham durante a semana. É sabermos que temos o *pressing* alto, é sabermos que temos que recuperar a bola o mais rapidamente possível e longe da nossa baliza e é percebermos que todo o trabalho vai nesse sentido. Eu costumo dizer que aqueles que se entregarem com mais mentalidade a este espírito colectivo são os que jogam, pois nem sempre os que jogam são os melhores tecnicamente.

N.A. - Falou há pouco numa atitude passiva, numa atitude expectante, numa equipa recuada no seu meio campo à espera da bola. É comum algumas pessoas, alguns comentadores por exemplo, associarem essa forma de defender à zona. Considera que isso seja defender à zona?

Mota - Considero. Considero que uma equipa que dá o espaço ou que dá meio campo ou cinquenta metros para que o adversário tenha a tranquilidade de vir com a bola, em que os centrais tocam de pé para pé para os laterais, para o meio campo, para o cabeça da área ou para o trinco, andam ali... eu penso que isso é uma situação de contenção, sem dúvida alguma. De contenção em termos de defesa à zona. Porquê? Porque a equipa, nesse aspecto, é uma equipa que recua no terreno, é uma equipa onde, independentemente de ter ou não ter jogadores para marcar, cada jogador se posiciona na sua zona, no seu raio de acção e esperam, acima de tudo, que venham os adversários ter com eles. Portanto, é jogar um pouco como os italianos, que recuam todos no terreno, que se mantêm nas suas zonas de acção, que esperam que o adversário venha ter com eles, dando a iniciativa do jogo à equipa adversária, para depois partirem rapidamente para o contra-ataque. Portanto, isso é o que eu penso que é uma, uma... não diria uma marcação à zona, mas uma equipa que joga numa zona limitada, que joga com bola de uma forma e sem bola de outra forma. Reagrupam-se todos no seu meio campo, dão meio campo à equipa adversária para trocar a bola e para estar ali tranquila e, depois, esperam, acima de tudo, que exista um erro do adversário. Isso é o que eu penso que é jogar à zona, que é jogar de uma forma posicionada em termos defensivos. Quer tenha quer não tenha homem para marcar, cada jogador sabe o que tem a fazer, que é estar no seu raio de acção, na sua zona à espera que as coisas aconteçam. Pronto, é jogar à zona.

N.A. - Mas a verdade é que o Porto defende à zona (não sei se concorda comigo) e é das equipas mais agressivas...

Mota - Não. Eu não concordo com isso. Eu acho que vocês estão completamente enganados. Sabe porque é que eu digo que estão completamente enganados? Porque o Porto é uma equipa que faz um *pressing* alto e vocês vêem muitas das vezes... defender à zona com que jogadores? Se vocês repararem, o Ricardo Carvalho é um dos jogadores que mais influência tem nas manobras ofensivas e, se fosse um jogador que jogasse à zona, não fazia isso. Se vocês repararem, o Derlei, mesmo que jogue como ponta-de-lança, é dos homens que mais pressiona, quer do lado direito quer do lado esquerdo. Eu acho que isso é tirar a rentabilidade dos jogadores, da forma como eles são, das capacidades que cada um tem. É tirar em prol de uma equipa. É aquilo que o Paços de Ferreira já faz há muitos anos. Vocês falam do Porto, mas o Paços já faz isto há muitos anos, sempre a jogar num *pressing*, sempre a jogar numa acção... É que há um aspecto que é muito importante: qual é a zona do Porto?

N.A. - Passa pelo entendimento que cada um tem da zona...

Mota - Não, mas o que eu acho é que jogar à zona é jogar numa zona expectante, dando a iniciativa ao adversário e jogando na sua zona defensiva. Agora, jogar à zona como joga o Porto? Podemos considerar que o Porto joga à zona,... mas qual zona? Numa zona de *pressing*? Numa zona não expectante, numa zona de ganhar a bola?

N.A. - Do meu ponto de vista, a defesa à zona é independente da zona do terreno onde se defende, tem a ver com as relações que eu privilegio. Se defendo à zona, o mais importante para a minha equipa é a bola e os espaços. Se marco homem-a-homem, o mais importante é o adversário.

Mota - É claro! Claro que assim podemos pensar que o Porto joga numa zona... mas todas as equipas fazem isso! Então toda a gente joga à zona! Para mim, jogar à zona é estar numa situação... poderemos dizer... Repare, se vamos pressionar... O Porto dá a iniciativa ao adversário? Não dá.

N.A. - E o Paços de Ferreira também não...

Mota - E o Paços de Ferreira também não. Então, jogamos, se calhar, numa zona, numa zona alta, mas, acima de tudo, numa zona de *pressing* e não de contenção. Porquê? Porque se vocês repararem e virem o Porto ou o Paços de Ferreira a jogar, nos atrasos que são feitos para o guarda-redes nunca o guarda-redes joga solto, porque tem logo alguém a pressionar. Se virem outras equipas, dá para jogar para o guarda-redes, este joga para o central,... e por aí em diante. Ou seja, se vocês entendem dessa forma, então eu digo assim: jogamos numa zona, só que numa zona ofensiva; jogamos não em contenção, mas em *pressing*. Agora, jogamos mais recuados ou mais adiantados? Jogamos numa posição mais adiantada, com a recuperação da bola mais adiantada. Nós jogamos no meio campo do adversário e as outras equipas jogam no seu próprio terço defensivo. Então, a nossa zona é uma zona alta, mas não em contenção, é uma zona de *pressing*. E é isso que o Porto tem feito! O Porto delimita um certo raio de acção na sua zona, onde se agrupa em bloco, e, depois, logo que está preparado para o *pressing*, sai rapidamente para recuperar a bola. Isto não é fácil de explicar...

Eu penso que jogar à zona é jogar da seguinte forma: quando os jogadores perdem a bola recuam um pouco no terreno; os jogadores marcam na sua zona independentemente de terem ou não adversário: dão a iniciativa de jogo ao adversário e jogam em contenção à espera que o adversário venha. É por isto que eu digo que nem o Porto nem o Paços de Ferreira fazem assim! Jogar num *pressing* alto é jogar com a convicção de que ali é que sabem jogar, é jogar numa zona alta, com e sem bola, pois não há duas situações de jogo. Com a bola jogam na mesma zona e, em termos defensivos, não ficam expectantes nessa mesma zona, ou seja, procuram rapidamente recuperá-la. E é isso que o Porto faz. Falamos em termos mediáticos do Porto por ser aquele que vocês conhecem melhor, mas o Paços de Ferreira já faz isso há muitos anos.

Se vocês virem o Postiga a perder a bola, não importa a zona onde ele está, interessa é que ele rapidamente tem que ter a noção de que a tem que recuperar. E, muitas das vezes, quer ao Deco quer a todos os outros jogadores, não importa o seu raio de acção nem a sua zona, interessa, acima de tudo, é que têm na cabeça e muitas vezes vão um, dois e até três jogadores para a recuperar. Então não vamos jogar numa zona! Se eles vão todos à direita para recuperar porque ali é que está a bola – que é o que eles pretendem conseguir –, deixam de jogar numa situação de zona para jogarem numa situação onde o objectivo está ali bem definido. E o objectivo é recuperarem ali a bola, tapar todas as linhas de passe e sufocar o adversário. Portanto, quando um ou mais jogadores vão pressionar, deixam de jogar à zona para passarem a jogar por um objectivo que é conseguir rapidamente a bola. Ou seja, ainda que os jogadores estejam numa zona alta, não estão ali direitinhos como os matrecos. Deixam de ter acções de zona de equipa, para terem acções individuais para conseguirem isto. O que eu vejo é que isto não é uma acção de zona, é uma acção de espírito colectivo e de espírito individual para conseguirem. Não há ali uma zona, mas sim objectivos a serem conseguidos. Agora, muitas vezes, o Porto faz uma zona alta, isto é, posiciona-se no meio campo do adversário, organiza-se, dá um bocadinho a iniciativa e, depois, sai rapidamente a pressionar. Mas, quando perde a bola, a primeira preocupação que tem é a de conseguí-la rapidamente, e não interessa quantos homens vão, interessa é conseguir. E isso são acções, muitas vezes, individuais que têm como objectivo não o reagruparem-se e fazerem a zona, mas sim recuperarem logo, em termos individuais, a posse de bola. E isso eu não levo para uma acção de zona. Por exemplo, se a bola é jogada no lateral direito e o médio-ala adversário sai rapidamente no homem para tapar todas as linhas de passe, os jogadores deixam de jogar numa situação de zona e vão jogar, acima de tudo, em acções individuais para conseguirem o objectivo. Agora, se a bola é metida no lateral direito e o ala adversário ficar em contenção, mesmo numa zona alta, não saindo *pressing* e deixando que a jogada seja desenvolvida, aí eu considero que é uma acção de zona e que estão a jogar numa zona alta. Quando existe o *pressing* - que normalmente é misto -, e é precisamente isso que o Porto faz, e quando a bola é desenvolvida pelo lateral adversário, o que é que sucede? Sucedem que sai o médio-ala, sai o ponta-de-lança, sai o outro médio-ala, e os homens do meio campo rapidamente pressionam, pela indicação que dá o médio-ala. Portanto, se nós estamos a jogar e agrupados numa zona alta e o adversário está a jogar com um lateral, dois centrais e outro lateral, quando a jogada é desenvolvida do central para o lateral, o homem que dá a indicação daquilo que a equipa terá que fazer é o homem que está mais perto da bola, neste caso o ala. Toda a gente tem que perceber que estamos numa zona de *pressing* e, então, sobe toda a gente e encaixa, encaixa, encaixa, encaixa,... rapidamente. Porquê? Porque o ala deu a indicação. E é isto que eu pretendo e faço no Paços. Isto é uma acção de zona? Poderá, eventualmente, ser uma acção de zona, uma zona alta, mas, a partir do momento em que sai o *pressing*, deixamos de jogar na nossa zona para termos somente o objectivo de conseguir a bola.

N.A. - É uma questão de conceitos e os conceitos são irrelevantes. O que interessa...

Mota - O que interessa é aquilo que nós pretendemos. Jogamos numa zona alta? Jogamos, sim senhor! Jogamos com situações delineadas em termos de *pressing*? Sim! Penso também que, a partir da situação que fazemos de *pressing*, deixa de haver, se calhar, um certo posicionamento de zona para passarmos a jogar com o fundamento de conseguirmos. Se vocês repararem, muitas vezes, a minha equipa está a jogar quase toda num terço de campo e isto não pode ser uma situação de zona. Se estamos a jogar num terço de campo é porque o esférico está aqui deste lado, é porque temos que o recuperar, é porque estamos todos reorganizados para o conseguirmos recuperar. Se jogássemos à zona, estávamos sempre, mais ou menos, nas mesmas posições e jogávamos um pouco em contenção.

N.A. - Nessa acção colectiva da equipa subir em bloco para pressionar, como é que o jogador sabe que tem que marcar ou que tem que ocupar simplesmente um espaço para fechar linhas de passe?

Mota - Não! O que se passa é o seguinte: o jogador sabe perfeitamente que tem que marcar. Estando ou não em *pressing*, o jogador sabe que tem que estar sempre atento. Só não tem que marcar quando temos a posse de bola, pois aí todos têm que se integrar em acções que lhes permitam estar a servir a equipa em termos de posse de bola. Agora, quando não a possuem, os jogadores têm que perceber que toda a gente tem rapidamente que marcar. O objectivo número um é não darmos espaço ao adversário, sermos uma equipa coesa, organizada e, se possível, com um bom posicionamento em termos de sectores.

N.A. - Então posso dizer que cada um dos seus jogadores, em termos de referências, sabe que o adversário que estiver mais próximo de si, na sua zona de intervenção, isto é, o seu oponente directo, tem que estar marcado?

Mota - Claramente. Independentemente do adversário ter ou não a bola, pois o importante é que eles não tenham referências de linhas de passe. O importante é percebermos que o adversário não pode ter linhas de passe para se servir.

N.A. - Não acha que sempre que pede a um jogador seu para marcar um adversário, independentemente da referência da bola e do posicionamento dos colegas, pode estar a criar espaços para o adversário jogar?

Mota - Mas eu não peço aos meus jogadores para marcar individualmente. Eu não mando marcar individualmente. Eu acho que nós temos é que valorizar os nossos atletas. Nós jogamos desta forma, portanto, nós é que vamos tentar que as coisas sejam assim. Não quero que andemos a adulterar todos os nossos princípios consoante os adversários. O que se passa é o seguinte: eu jogo desta forma e, se a equipa adversária joga em 4-4-2, eu começo a pensar da retaguarda para a frente o que é que temos que fazer. Eu gosto de jogar com um homem bem assumido em termos de *libero* e com um homem na marcação, mas, neste caso, aparecem dois pontas-de-lança para marcar. Então como é que fazemos? Tenho um homem, que é o cabeça da área - o trinco -, que terá uma certa vigilância em termos de segundo homem. Teremos forçosamente de fazer com que os dois laterais sejam bem ofensivos e que se integrem mais como homens do meio campo do que propriamente com aquela rotina dos laterais, portanto, são homens mais assumidos. E o que é que acontece? Acontece que muitas vezes, para termos superioridade no meio campo, teremos que jogar cá atrás com os dois centrais homem para homem, porque no *pressing* alto não podemos ter inferioridade numérica, temos que ter, pelo menos, os mesmos homens. Por isso, os homens da retaguarda têm que ter capacidade de marcação. Como temos os mesmos homens o que é que sucede? Como são dez contra dez, sucede que vamos meter mais um homem em termos ofensivos. Como estamos mais perto da baliza do adversário, muitas vezes fazemos isso para não haver homens soltos, porque um *libero* ou um trinco solto pode ser o suicídio de toda esta acção.

N.A. - Disse que a referência do primeiro homem do bloco é pressionar o homem com bola. E a referência dos restantes?

Mota - São os próprios adversários. A referência é saber qual é o posicionamento dos adversários. O primeiro sai à bola e todos os outros encaixam no adversário.

N.A. - Falámos do Paços e do Porto. E as restantes equipas portuguesas? O que é que lhe parece que fazem em termos defensivos?

Mota - Quanto às restantes equipas, quase todas elas dão a iniciativa de jogo ao adversário, jogando em contenção para saírem em contra-ataque. E pronto, eu não estou aqui para dizer se é bom ou mau, mas acho que é mais ou menos dessa forma que jogam. Para além disso, quase todas as outras equipas jogam, normalmente, consoante o adversário. Se o adversário joga assim ou joga assado, nós temos que fazer assim ou assado. Ou seja, não são eles próprios! Eu não gosto disso, mas sim de, independentemente do adversário, jogar à Paços de Ferreira.

ENTREVISTA A JOSÉ MOURINHO
Treinador Principal do Futebol Clube do Porto
Centro de Estágio (Gaia), 9 de Setembro de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Concorde com a ideia de que, se queremos ganhar, temos que atacar, mas que, porém, também é importante sustentar defensivamente essa forma de jogar, isto é, que ninguém ganha a jogar só ao ataque?

José Mourinho (Mourinho) - Sim. Há, inclusivé, quem ganhe sem jogar ao ataque. Há quem ganhe por defender muito e bem e por ter uma transição de tal maneira forte e jogadores individualmente fortes nas situações de ataque, que não precisa de ter uma grande organização ofensiva para ganhar jogos. Isso acontece pela Europa fora, em quase todos os campeonatos, dos quais o italiano é o exemplo mais claro. As equipas italianas são, normalmente, equipas bem organizadas sob o ponto de vista defensivo, que nem sequer trabalham ao longo da semana aspectos ofensivos do jogo e que ganham porque defendem bem, porque não sofrem golos e porque têm, individualmente, um ou outro jogador de muita qualidade.

Eu não consigo dissociar onde é que começa a organização, se na defesa ou no ataque. Não consigo analisar as coisas dessa forma tão analítica. Quando preparo a minha equipa para qualquer jogo, preparo-a com a intenção de ganhá-lo, treinando de igual forma a sua organização defensiva e ofensiva. Portanto, não consigo dizer onde é que começo a preparar a minha equipa.

N.A. - No caso de uma equipa tão ofensiva como a sua, é decisivo sustentar defensivamente essa forma de jogar?

Mourinho - Claro. Mas é tão importante defensiva como ofensivamente! Não consigo dissociar as coisas! Eu não vou para jogo algum em que a organização defensiva me exija mais que a organização ofensiva, da mesma forma que não preparo um único jogo sem que todos os jogadores tenham a sua função defensiva e ofensiva. Inclusivamente, o guarda-redes tem a sua função ofensiva no jogo, participando activamente no treino de organização ofensiva. Portanto, não consigo fazer essa dissociação. O jogo é preparado de uma forma equilibrada e o treino é também feito nesse sentido. Não consigo dizer se o mais importante é defender bem ou atacar bem, porque não consigo dissociar esses dois momentos. Acho que a equipa é um todo e o seu funcionamento é feito num todo também. Penso que, quando se possui a bola, também se tem que pensar defensivamente o jogo, da mesma forma que, quando se está sem ela e se está numa situação defensiva, também se tem que estar a pensar o jogo de uma forma ofensiva e a preparar o momento em que se recupera a posse de bola. Portanto, penso que tudo isto está demasiado interligado para eu conseguir fazer essa separação.

N.A. - Falou na necessidade de se pensar defensivamente o jogo quando se está em posse de bola. Uma das pessoas que entrevistei, e dando o exemplo do Porto, referiu precisamente a necessidade de atacar contemplando a possível perda da bola. Porém, outros treinadores, quando questionados acerca dessa necessidade, referiram que não se devia estar a incutir nos jogadores um espírito de fracasso, isto é, estar a pensar que eles vão falhar...

Mourinho - Eu discordo. Acho que qualquer jogador, para ter liberdade no seu jogo e no seu pensamento, para poder ser criativo e para poder sair daquilo que é o que está standardizado em termos de organização, tem que correr riscos e, quem corre riscos, comete erros e perde a posse de bola. Portanto, penso que para haver essa criatividade e liberdade que fazem com que o jogo seja mais bonito, a equipa tem que estar preparada sob o ponto de vista posicional para o momento da perda.

N.A. - Uma vez que estamos a falar do equilíbrio defensivo, pode dar-me um exemplo, em termos práticos, do que é a equipa estar equilibrada defensivamente quando está a atacar?

Mourinho - Posso dar o exemplo de um treinador com quem trabalhei (ainda que não seja o meu caso, porque não vejo as coisas dessa forma) que dizia, muito claramente, que mesmo em posse de bola cinco jogadores tinham que estar atrás da linha da bola. De uma forma muito sistemática, em cada momento de posse de bola tinham que estar cinco jogadores atrás da linha da mesma. Esta é uma forma de abordar as coisas. Eu não faço assim, mas é uma forma de abordar as coisas.

N.A. - Alguém referiu que a melhor forma de defender não é deixar de atacar, mas sim jogar bem defensivamente. Concorde com esta afirmação? Ou temos que ser menos ofensivos para defender bem?

Mourinho - Não, não necessariamente. Acho que existem muitas formas de defender bem, mediante o conceito daquilo que é defender bem. Para mim, defender bem é defender pouco, é defender durante pouco tempo, é ter a bola o mais tempo possível, é estar a maior parte do tempo com a iniciativa de jogo, não tendo necessidade de estar em acções defensivas. Para outros, defender bem é defender de uma forma compacta, é defender, por exemplo,

com todos os jogadores atrás da linha da bola, retirando espaço aos seus adversários. Para outros ainda, defender bem é anular, sob o ponto de vista individual, os jogadores fundamentais da equipa adversária. Para mim, se calhar, defender bem é uma mistura de «pouco», em termos de quantidade de tempo, mesclado com o momento da perda da posse de bola, os segundos imediatos à perda da posse de bola.

N.A. - Não vê, então, uma relação entre o ter que ser menos ofensivo para defender bem...

Mourinho - Nenhuma, nenhuma, nenhuma...

N.A. - E outra situação... Quanto mais ofensiva for uma equipa melhor ela terá que defender?

Mourinho - Sim, principalmente na transição, no momento da perda. Por exemplo, a equipa desse meu antigo chefe, no momento da perda da posse de bola, era sempre uma equipa extremamente equilibrada que tinha cinco, seis jogadores atrás da linha da bola. Portanto, uma equipa nessas circunstâncias, no momento de transição, estará sempre bem organizada, terá os espaços bem preenchidos e nunca estará perante situações de inferioridade numérica. Uma equipa que ataque com mais gente, que não se preocupe tanto com esses equilíbrios defensivos e que não tem qualquer tipo de problema em correr riscos, é uma equipa com mais espaço, com mais espaço defensivo, eventualmente com mais espaço em profundidade, com situações de igualdade numérica, ou até com situações de inferioridade numérica. Portanto, acho que o conceito de transição - aquilo que a equipa tem que fazer no momento em que perde a posse de bola - é ainda mais decisivo numa equipa com esse tipo de filosofia.

N.A. - Onde é que se defende melhor, perto ou longe da nossa baliza?

Mourinho - Pode-se defender bem em qualquer lugar. Agora, eu prefiro defender longe da minha baliza, porque, quando recupero a bola, estou mais perto da baliza do adversário, que é o meu objectivo no jogo.

N.A. - E é melhor defender com muitos ou com poucos homens?

Mourinho - Com onze.

N.A. - No seu livro tem uma frase curiosa relativa à altura em que esteve no Leiria: «Temos que defender bem, como foi o caso da época passada, mas com menos gente, temos que ser mais dominadores e menos dominados...». É interessante esta associação entre o «defender bem» e o «mas com menos gente»...

Mourinho - Com menos gente com funções quase exclusivamente defensivas. O Leiria jogava com muita gente atrás da linha da bola, num sistema de contra-ataque ou ataque rápido e a sua organização ofensiva era muito fugaz. A minha intenção era torná-lo uma equipa mais dominadora, com mais tempo de posse de bola, com mais iniciativa de jogo, com mais controlo sobre o jogo e que jogasse mais em ataque continuado. E, nessa perspectiva, a equipa teria que defender bem, mas sem utilizar o princípio da «povoação», porque há equipas para as quais defender bem significa «povoar» muito. Portanto, as dificuldades que se criam ao adversário não são pela qualidade do jogo defensivo, mas sim pela aglomeração de jogadores. Se uma equipa da terceira divisão com maus jogadores, mas onze jogadores todos eles em situação defensiva no primeiro terço do campo, for jogar contra o Real Madrid, o Real Madrid vai ter sempre algumas dificuldades. Agora, aquilo que eu quero é defender bem, mas não pelo princípio da aglomeração de jogadores.

N.A. - Ainda em relação ao número de jogadores para defender, e tomando como exemplo o caso do Deco, que é um jogador muito criativo, mas que também tem funções defensivas claras, ainda há quem acredite na ideia de que este tipo de jogadores, pelo seu potencial ofensivo, deva ser poupado ao nível das tarefas defensivas. O que pensa acerca disto?

Mourinho - Eu penso que quem diz isso percebe pouco de futebol! Quem diz isso ou é o adepto comum, ou é o jornalista ou o crítico que, como quase todos, sabe pouco de futebol, ou é o treinador que ainda não chegou cá acima ou que já cá esteve e já desapareceu. Porque, no futebol de hoje, esses conceitos estão completamente mortos. Os onze jogadores têm de saber o que fazer em posse de bola e os onze jogadores têm de saber o que fazer quando o adversário tem a posse de bola.

N.A. - O que é para si defender à zona? O que é que a caracteriza?

Mourinho - Eu não sou muito de conceitos, mas poderia dar mil e uma definições do jogo à zona. O jogo à zona, em termos do seu conceito mais comum, isto é, em relação àquilo que se pode encontrar na bibliografia ou em termos daquilo que é o conceito da maioria das pessoas, para mim, defender à zona de acordo com esse conceito é defender de uma forma passiva.

N.A. - Era precisamente isso que eu lhe ia perguntar a seguir, isto é, parece existir a ideia, por parte de alguns treinadores e comentadores, de que a zona é uma forma de defender passiva. Quando uma equipa

está toda lá atrás a defender é comum ouvir dizer-se que ela está a defender à zona, da mesma forma que é comum ouvir-se dizer que quando uma equipa defende à zona dá tempo e espaço para o adversário pensar. Porém, numa entrevista sua, referiu que defendia à zona e, muito sinceramente, não me parece que o Porto seja uma equipa passiva a defender!

Mourinho - Porque defende numa zona pressionante, a qual não tem nada a ver com a zona. São coisas completamente diferentes. Na prática, são coisas completamente diferentes! Defender zonalmente e fazer um *pressing* zonal são duas coisas completamente diferentes! Uma coisa é defender à zona onde, pelo posicionamento em campo e pela adaptação posicional de todos os jogadores em função da posição da bola quando esta está em posse do adversário, tem-se como objectivo encurtar espaços, criar dificuldades e esperar pelo erro. Defender zonalmente, mas de uma forma pressionante, significa, da mesma forma, um bom jogo posicional, mas com uma iniciativa no sentido de intensificar ao máximo as dificuldades do adversário e de tentar recuperar a bola o mais rapidamente possível. De uma forma muito sumária, e quando falamos em futebol de alto nível, eu diria que homem-a-homem não existe, zonal existe mas não me convence e zona pressionante é o futebol de hoje e o futebol de amanhã.

N.A. - E olhando um pouco para a realidade do futebol português, como é que defende a maioria das equipas?

Mourinho - Eu penso que a maioria das equipas começa a pretender, repito, começa a pretender jogar zona pressionante, só que é uma zona pressionante mesclada com marcações individuais e é uma zona pressionante que, em vez de ser feita no primeiro terço do adversário (quanto muito, no meio campo adversário), é feita no meio campo próprio.

N.A. - Mas não acha que, em termos defensivos, as referências da maioria das equipas são ainda muito individuais? Isto é, parece-me que uma equipa que defende numa zona pressionante olha mais para si própria e tem como principais referências de posicionamento a bola e os colegas, contudo, parece-me também que, na maioria das equipas os jogadores mantêm-se mais ou menos nas suas zonas de intervenção em função da estrutura (do sistema) e, depois, as preocupações de cada jogador acabam por ser individuais dentro do seu raio de acção e aquilo que realmente os preocupa é o homem, o seu adversário directo. Não acha que a realidade é um pouco esta?

Mourinho - Eu falo por mim, não falo muito pelos outros. Aquilo que eu sinto, relativamente aos adversários da minha equipa, é que o princípio da aglomeração continua a ser a preocupação maior (vejo normalmente muita gente aglomerada). A referência bola - a linha da bola - e a aglomeração atrás da linha da bola é outro ponto de que muito poucos abdicam, e aqueles jogadores considerados mais preponderantes na dinâmica da equipa são alvo de marcações homem-a-homem. Portanto, acho que esses aspectos continuam a ser as referências principais.

Agora, estou cada vez mais convencido de que o momento chave para se defender bem e para se poder fazer a zona pressionante é o momento da perda da posse de bola, porque aquilo que se vê claramente é que, seja com marcação homem-a-homem (que praticamente já não existe), com marcação mista, com zona ou com zona baixa, são raras as equipas que sofrem golos quando estão bem posicionadas sob o ponto de vista defensivo. A maior parte dos golos e das situações de risco acontece em situações de transição e, se assim é, penso que o momento da perda da posse de bola é o momento crítico na organização defensiva.

N.A. - Ainda em relação ao facto de dizer que a marcação homem-a-homem não existe...

Mourinho - Existe! Existe. Eu digo que não existe porque... estás-me a perceber não estás? Para mim, isso não existe! Homem-a-homem não existe!

N.A. - Já jogou contra três equipas esta época. Como é que essas equipas defendiam?

Mourinho - Acho que o Braga jogou zonalmente e, por exemplo, no meio campo estavam três contra três estruturalmente, porque eles jogaram em 4-3-3 e nós também, mas nem isso os empurrou para pensarem o jogo com base em marcações homem-a-homem. Portanto, acho que o Braga apresentou um conceito muito evoluído de jogo defensivo. Não fez uma pressão alta muito intensa, mas procurou, o mais possível, chegar-se ao meio campo adversário e interpretar o jogo dessa forma. Penso que o Estrela da Amadora foi a perspectiva da aglomeração pura, nem consegui perceber muito bem como jogavam porque simplesmente aquilo que eu via era uma mancha verde posicionada atrás da linha do meio campo. Daí que não tenha percebido muito bem como é que jogavam. Quanto ao Sporting, penso que estive praticamente em situações defensivas, de posicionamento básico no seu próprio meio campo e, cada vez que recuperava a posse de bola, havia uma transição de tal maneira forte por parte do Porto que eles nunca chegaram a entrar em organização ofensiva. Portanto, tirando o jogo com o Braga, onde deu claramente para perceber que adversário é que tinha pela frente e de que forma é que estava a pensar o jogo, com o Estrela e com o Sporting foi muito difícil para mim.

N.A. - Pedia-lhe agora que, sempre que se referisse à zona, se reportasse à sua zona pressionante e não à tal zona passiva que referiu. Tendo em atenção a forma como defende, quando é que os seus jogadores devem marcar?

Mourinho - Quando é que devem marcar? Alguns, sempre. Eu diria mesmo que têm de marcar sempre, desde que não sejam intervenientes activos na posse de bola, ou seja, quando a minha equipa tem a bola, os meus jogadores têm que pensar quase todos em função dessa posse de bola, exceptuando alguns jogadores que, mesmo estando a equipa com a bola, não podem abdicar do seu pensamento defensivo e da sua marcação. E estas preocupações vão ao encontro do equilíbrio defensivo e da preparação do momento da perda da posse de bola. Por exemplo, se eu tenho um lateral em acção ofensiva, muito provavelmente, o lateral do lado contrário estará em marcação, apesar da minha equipa estar em posse de bola. Portanto, mesmo em posse de bola, eu tenho jogadores que têm que estar em marcação.

N.A. - E o estar «em marcação» é estar próximo do seu adversário directo, é «encostar no homem» como se costuma dizer? Ou o seu entendimento de marcação é ocupar determinados espaços considerados importantes?

Mourinho - Espaços,... homem,... e bola. Para mim, marcar é homem, espaço e bola. Eu tenho que estar com um controlo visual do posicionamento da bola e daquilo que está a acontecer com ela, tenho que ter em conta um determinado espaço e tenho que ter em conta também o posicionamento dos jogadores. Isto para mim é que é marcação. É homem, é espaço e é bola. Por exemplo, se o meu lateral esquerdo penetra pelo seu corredor com bola e se o adversário tem dois jogadores na frente, o lateral do lado contrário tem que estar em situação defensiva e, para se posicionar correctamente, tem que ter em conta: a bola, ele tem que ter um controlo absoluto da bola, porque, se a opção do colega com bola for um cruzamento e houver uma segunda bola que caia no meio campo adversário, a bola é mais importante do que o espaço que ocupa e do que o adversário do seu lado; o espaço interior adjacente ao central que lhe está mais próximo, que é um espaço zonal e de protecção a esse central; e, ao mesmo tempo que faz essa basculação interior, o possível extremo adversário do seu lado. Tudo isto tem de ser tido em conta para que o jogador possa estar em perfeito posicionamento defensivo. Portanto, na verdadeira marcação, o jogador tem que ter em conta a bola, o espaço e o adversário. E se em vez de ser um companheiro seu for um adversário a ter a bola, a situação não varia: ele vai ter que estar posicionado em função da posição da bola, portanto, tem que ter em conta o espaço (a protecção do espaço); tem que ter em conta o homem, e quando digo o homem, digo os homens, porque, se na zona central estiver um ponta-de-lança, ele terá que ter simultaneamente atenção a esse jogador e ao extremo; e tem que ter em conta a bola, aquilo que está a acontecer com ela. Por isso, para mim, marcação é homem, é espaço e é bola.

N.A. - Mas não acha que o conceito de marcação que está «institucionalizado» no futebol português refere-se mais aos jogadores «encostarem» nos adversários, não os largando e alheando-se de tudo o resto?

Mourinho - Acho.

N.A. - O que é que entende por cortar linhas de passe?

Mourinho - O meu conceito de cortar linhas de passe baseia-se, fundamentalmente, no seguinte: é definir claramente quais são as linhas de passe mais frequentemente utilizadas pelo adversário (com uma boa observação, consegue-se identificar quais as linhas de passe mais utilizadas pelo adversário) e, em função disso, pelo posicionamento dos meus jogadores tentar impedir o desenvolvimento dessa dinâmica de jogo que, para alguns, mais do que uma dinâmica, é um automatismo. Por exemplo, imaginemos que uma equipa joga com dois pontas-de-lança e eu com dois centrais, e que eu identifico que a linha de passe mais frequente para o desenvolvimento do jogo deles é o movimento dos pontas-de-lança com o primeiro passe para um deles e que, a partir daí, o desenvolvimento do jogo acontece com um passe atrás, deixar, lay-off e tudo o mais. Se eu identifico essa linha de passe como a mais frequentemente utilizada, se calhar, vou jogar com um homem na frente dos centrais (mesmo não tendo lá nenhum adversário directo) para me fazer a interceptação das linhas de passe. Foi isto que nós fizemos com o Celtic, pois o Celtic jogava com dois homens na frente e nós com dois centrais a jogar dois para dois. Portanto, nós tínhamos um homem a mais no centro do campo e era esse homem que interceptava as linhas de passe para os centrais, porque o jogo deles era dois pontas-de-lança com as costas viradas para os centrais, bola larga, segura e, a partir daí, jogar com os jogadores que vinham numa segunda linha.

N.A. - O cortar linhas de passe passa, então, sobretudo, por ocupar espaços?

Mourinho - Claro!

N.A. - De uma forma muito analítica, se uma equipa defende à zona, cada jogador tem um espaço pelo qual é responsável. É correcto dizer-se que cada jogador, no seu espaço, marca o homem que lá se encontra? Concorda com esta ideia?

Mourinho - De uma forma genérica sim. Mas, pela necessidade de uma basculação, eu posso ter que abandonar o espaço que me foi previamente destinado. Eu não tenho que estar preocupado em estar permanentemente no mesmo espaço. De uma forma analítica, pode-se dizer que o campo é dividido em x zonas e que x zonas têm que estar ocupadas defensivamente, mas, pela basculação em função da posição da bola, eu não jogo sempre na mesma zona. Temos que identificar quais as zonas mais importantes a serem ocupadas, mediante o posicionamento da bola.

N.A. - Mas, nessas basculação mediante a posição da bola, alguns treinadores querem que os jogadores vão, não só ocupar e fechar espaços, como também «encostar» nos adversários que aí estiverem...

Mourinho - Ora nem mais! Agora, aquilo que não há é um homem definido para mim. Portanto, parte tudo da capacidade dos jogadores analisarem o jogo e de saberem, mediante a posição da bola, quais as zonas e os jogadores mais importantes. Agora, para se jogar zona, num determinado momento, há um adversário livre. Aquilo que se deve tentar fazer, na minha opinião, é que esse adversário livre seja o adversário menos importante em função da dinâmica. Por exemplo, se o lateral esquerdo adversário tiver a bola, e se a minha equipa se adapta em função desse posicionamento, se calhar, é-me indiferente que o lateral direito adversário esteja livre, porque, no máximo, aquilo que o lateral esquerdo pode fazer é jogar a bola num central ou no guarda-redes e esse jogador fazer chegar a bola ao lateral contrário. E, durante os três segundos que isso demora a fazer, a minha equipa tem sempre tempo de sair de uma basculação à direita e entrar numa basculação à esquerda, principalmente se as coisas estiverem automatizadas e os jogadores o fizerem praticamente sem pensar, adaptando-se rapidamente em função da posição da bola.

N.A. - Parece existir alguma confusão relativamente àquilo que é a zona pressionante, na medida em que, se por um lado algumas pessoas referem a sua equipa quando se trata de indicar uma equipa que faça essa zona pressionante, por outro lado, outras pessoas chegam mesmo a referir que o Porto, quando pressiona alto, fá-lo homem-a-homem. Pode dizer-me quais os principais indicadores que nos permitem dizer que uma equipa defende à zona? Por exemplo, quais os indicadores que nos mostram que a sua equipa, quando pressiona, fá-lo zonalmente?

Mourinho - O que me permite dizer isso é o trabalho que eu faço. Eu sei o que peço aos meus jogadores, eu sei o que trabalho, eu sei o que é que são para eles as referências, portanto, eu tenho a certeza daquilo que estou a dizer. Agora, indicadores para verificar isso? Não sei.

N.A. - Numa entrevista que deu a um jornal desportivo referiu que não jogava com um trinco, porque defendia zonalmente e o trinco convencional apenas fazia sentido num sistema de marcação homem-a-homem. Pode falar um pouco sobre isso? Por exemplo, um treinador que entrevistei referiu que o Costinha está, frequentemente, «metido» entre os centrais...

Mourinho - Zonalmente. E porquê? Porque um dos meus dois centrais está, frequentemente, a cobrir um espaço lateral. E quando o Costinha tem que escolher entre o seu espaço e o espaço de um central, escolhe o espaço do central, da mesma forma que os dois médios que jogam na frente do Costinha, quando têm que escolher entre o seu espaço e o espaço que o Costinha deixou livre, escolhem o espaço do Costinha.

N.A. - E quanto à questão do central de marcação, é correcto dizer-se que uma equipa que defende à zona não joga com um central de marcação fixo? Isto é, em função da movimentação do ponta-de-lança ou da basculação da linha defensiva existe um ajuste permanente em que um central marca e o outro sobra?

Mourinho - Correcto. A minha equipa não tem um central de marcação.

N.A. - Quais são, para si, as grandes vantagens da forma como defende, da zona pressionante?

Mourinho - Eu penso que a principal vantagem é que se corre menos, em termos de distância, e, principalmente sob o ponto de vista emocional, acho que jogadores de alto nível como são os meus (pelo menos no futebol português são considerados de alto nível) aceitam de uma forma muito mais positiva o seu trabalho defensivo perto da baliza adversária do que o reagrupamento no seu meio campo após a perda. Sob o ponto de vista psicológico, acho que isso é o mais importante. Por outro lado, penso que o adversário tem muito menos tempo para organizar o seu jogo e, a maior parte das vezes, nem consegue «entrar» no jogo. A equipa adversária não consegue ter a bola durante muito tempo e não consegue ganhar confiança. As vantagens que eu retiro, não indo muito pelo campo do tático, mas sim pelo campo psicológico, estão relacionadas com a elevação da autoconfiança da equipa, pois uma equipa que defende desta forma é uma equipa que tem a iniciativa, que rouba a

iniciativa ao adversário, que não deixa o adversário pensar, que não deixa o adversário organizar-se. Aquilo que acontece é que a equipa adversária vem a pensar em jogar, definiu uma determinada estratégia de construção de jogo, mas os minutos passam e ela não o consegue fazer. Outras vezes, em função disso mesmo, dessa incapacidade em jogar como se pretendia, obrigamos o adversário a pensar o jogo de uma maneira para a qual não está nada adaptado. Por exemplo, alguns adversários escolhem, como maneira de tentar escapar à nossa pressão alta, a construção longa, mas a verdade é que a maior parte deles não está preparada para isso. Ou, se calhar, é o que eu quero! Quando eu pressiono alto e obrigo o guarda-redes adversário a construir com um pontapé de baliza largo, os meus centrais começam logo a bater palmas!

N.A. - E as principais desvantagens da zona pressionante?

Mourinho - Eu penso que existe sempre um risco um bocadinho maior pelo facto de haver um espaço maior entre a nossa linha defensiva e a baliza, mas, quanto a mim, a dificuldade que o adversário tem em construir o seu jogo é mais importante do que esse espaço. Nós já jogámos contra equipas com avançados muito rápidos onde, à partida, pelo facto do Porto não ter defesas especialmente rápidos, muitos pensariam que iríamos ter problemas com o espaço nas costas da nossa defesa, mas a verdade é que o que acaba por acontecer é, durante noventa minutos, não haver um único passe de penetração de alta qualidade. Portanto, é verdade que existe esse risco, mas eu penso que ele é compensado com a pressão intensa e com as dificuldades que são colocadas ao adversário.

N.A. - A literatura refere, em termos de desvantagens da defesa à zona, que a equipa fica mais frágil nas mudanças de flanco. Qual é a sua opinião?

Mourinho - Eu foco sempre esse aspecto aos meus jogadores. Normalmente, digo aos meus jogadores para, quando intensificarem a pressão a um determinado lateral em posse da bola, terem em atenção que esse lateral não é o Roberto Carlos. Quantos laterais no futebol português é que, sob pressão, fazem um passe na diagonal de cinquenta ou sessenta metros? Nenhum! Ou quase nenhum. Portanto, é de facto uma limitação e, se calhar, uma equipa que jogue contra o Real Madrid numa situação zonal terá que ter atenção na sua basculação à direita na tentativa de pressionar o Roberto Carlos com bola, porque essa mudança de direcção com a velocidade a que ele o faz é complicada. Agora, se for uma equipa que faça a mudança de direcção com um homem intermédio, por exemplo, lateral, médio e médio do lado contrário, aqui já está um passe, um controlo, um segundo toque, um passe,... já estamos a falar de quatro ou cinco segundos, e uma equipa que esteja rotinada (porque isso é treino) consegue rapidamente reajustar-se em função do novo posicionamento da bola. No fundo, é tudo uma questão de treino, agora, também depende dos adversários. Por exemplo, com uma equipa que tem o Roberto Carlos em posse da bola, mas que joga sem um ala do lado contrário, se calhar, essa mudança de orientação acaba por não ter tanto perigo quanto teria se a equipa jogasse com jogador completamente aberto na linha. Portanto, também depende muito da análise que se faz do adversário, daí que a preocupação de conhecer as características do adversário tenha que estar sempre presente. Temos que conhecer as características do adversário. Por exemplo, contra a Lazio, com o Cláudio Lopez que é um jogador que joga sempre no limite do fora de jogo, quando a equipa encurta as distâncias entre as linhas e a linha defensiva apertada muito, a equipa tem que ter em atenção que um jogador deste tipo é exímio a sair do fora de jogo com movimentos interiores e depois a entrar no espaço novamente. Portanto, quanto melhor conhecermos o adversário, mais fácil é adaptarmos a nossa zona pressionante em função das características do adversário.

N.A. - É o tal lado estratégico...

Mourinho - Exactamente.

N.A. - É preciso ter melhores jogadores para defender à zona?

Mourinho - Não. Acho que é preciso ter os melhores jogadores para defender homem-a-homem. Defendendo à zona, o grupo pode, pelo seu trabalho colectivo, «esconder» os defeitos individuais.

N.A. - Quais as grandes desvantagens da defesa homem-a-homem? E quando digo homem-a-homem não me refiro a esse homem-a-homem a campo todo onde o jogador A é sempre responsável pelo jogador B, mas àquele homem-a-homem onde os jogadores se mantêm mais ou menos nas suas zonas de intervenção em função do sistema mas onde as preocupações dos jogadores acabam por ser individuais dentro dos seus raios de acção.

Mourinho - A primeira grande desvantagem prende-se com uma preocupação que poucos têm que é a preocupação com a qualidade do Jogo. E quando digo Jogo refiro-me não só ao jogo da própria equipa como ao Jogo – o Jogo que as pessoas pagam para ver. Pouca gente se preocupa com a qualidade do Jogo! Defender homem-a-homem é contraditório com a qualidade do Jogo, e não estou a falar da qualidade da própria equipa ou da sua eficácia em termos defensivos, já nem quero ir por aí! O número de faltas é tremendo, os movimentos caóticos

no campo – a desorganização – são gritantes, no momento em que se ganha a posse de bola a equipa pode estar completamente descoordenada que nem sequer dá tempo de se organizarem posicionalmente. Muitas vezes, as pessoas queixam-se de que a sua posse de bola não está boa e, para mim, essa posse de bola não está a ser boa porque posicionalmente a equipa não está bem. Porque quando a equipa está bem posicionada e tem as suas referências no campo, pode até nem ter uma posse de bola com objectivos de profundidade ou de criar situações de finalização, mas, pelo menos, consegue ter uma posse pela posse com o mínimo de qualidade, pois basta ter os jogadores posicionados. Portanto, principalmente pela qualidade do jogo, penso que o homem-a-homem é catastrófico, mas há muita gente que não se preocupa com isso.

N.A. - O que é que leva os treinadores a optarem por defender homem-a-homem se, como diz, leva a muita desorganização quer defensiva quer ofensiva?

Mourinho - Trabalhar a zona custa. Custa trabalhar a defesa à zona. É difícil trabalhá-la. Um treinador pode ter as ideias perfeitamente organizadas no que respeita àquilo que quer, mas encontrar exercícios que levem a uma correcta operacionalização desses objectivos é-lhe difícil. É-lhe difícil. É possível encontrar mil e uma bibliografia onde se explica o conceito de jogo à zona e onde se encontram exemplos daquilo que é jogar zonalmente bem, agora, a operacionalização ao nível do treino não se encontra. Portanto, ou o treinador tem capacidade para ir à procura de exercícios que sejam bons para o desenvolvimento desses aspectos, o que é difícil, ou opta por ir pela via mais fácil – o princípio da «povoação» ou da aglomeração de jogadores. Penso que é muito mais fácil ir por aí do que ir pelo trabalho do jogo zonal.

N.A. - Relacionou à pouco a forma como se defende com o jogo posicional da equipa no ataque. Podemos assumir como grande vantagem da defesa à zona o facto de a equipa, quando está a defender, estar organizada como quer (partilha uma organização colectiva conhecida) significando isto que quando parte para a transição ofensiva o jogo «acontece» em função daquilo que é rotinado e treinado?

Mourinho - Claro. E eu volto a dizer que, no futebol de hoje, os dois momentos mais importantes do jogo são o momento em que se perde a bola e o momento em que se ganha a bola.

N.A. - E esse facto não dá mais força à ideia de se defender à zona? Ela não é a única forma de defender que permite, quando acontecem as transições, que a nossa equipa esteja em função daquilo que pretende para esses momentos e não em função do adversário?

Mourinho - Claro.

N.A. - Já algumas vezes referiu que a forma como a sua equipa defende é muito desgastante e que ela deve procurar «descansar com bola», porém, alguns dos treinadores que tenho entrevistado e que defendem à zona referem que ela é mais económica em termos físicos que as outras formas de defender...

Mourinho - No seu próprio meio campo?

N.A. - Não, os treinadores que dizem isto referem-no mesmo ao nível da zona pressionante alta. E justificam-no primeiro com o facto da equipa estar organizada em função dela própria e não do adversário (onde a grande preocupação é ocupar e fechar espaços e não o andar atrás dos adversários directos para os marcar) e, segundo, com o facto de uma equipa que tenta ganhar a bola logo no meio campo adversário não ter que fazer descer a equipa cinquenta ou sessenta metros para defender e depois fazê-la subir outros cinquenta ou sessenta metros para atacar, isto várias vezes ao longo do jogo.

Mourinho - Eu penso que a fadiga mais importante em futebol é a fadiga central e não a fadiga física. Qualquer equipa profissional minimamente treinada sob o ponto de vista energético acaba por resistir, com mais ou menos dificuldade, àquilo que é o jogo. Agora, a fadiga central é aquela que resulta da capacidade de se estar permanentemente concentrado e de reagir imediatamente num determinado momento após a perda da posse de bola, e eu penso que o desgaste é muito mais por aí. Eu tenho jogadores que chegaram de outros clubes que já estão a trabalhar comigo há dois meses e que ainda não estão mentalmente adaptados à forma como nós defendemos. E estou a falar de jogadores bons, jogadores de alto nível, que noutras equipas eram jogadores nucleares. Estão completamente inadaptados à forma de defender da nossa equipa.

N.A. - Uma equipa que queira ser muito ofensiva tem, quase obrigatoriamente, que defender à zona. Consegue encontrar argumentos que apoiem esta ideia?

Mourinho - Claro que tem. Consigo. Uma equipa que, pela sua forma defensiva de jogar, é anárquica posicionalmente, só pode ser uma equipa de transição rápida quando ganha a posse de bola. Ou seja, em função dessa mesma anarquia posicional, é uma equipa que ganha a posse de bola e tem que esticar o jogo. Portanto, para mim, uma equipa que quer ser de ataque continuado, que quer ter a posse de bola, que quer ter a iniciativa do

jogo, tem que ser uma equipa que tem que estar sempre bem posicionada, e isso só defendendo zonalmente. Para mim, sim.

N.A. - Uma equipa que queira ser de top tem que defender à zona?

Mourinho - Eu não conheço nenhuma equipa de top que não defenda à zona. À zona, não estou a falar em zona pressionante, porque há equipas de top que apenas defendem zonalmente.

Eu não sou nada de conceitos, mas penso que não existem duas zonas pressionantes iguais. Por exemplo, para mim, a zona pressioante do Milan é fantástica, de tal forma fantástica que contra nós jogou com duas linhas de quatro homens e conseguiu, com algum sucesso, que duas linhas de quatro homens combatessem uma equipa que tinha na zona central do campo um losângulo de quatro homens. Isto é, com duas linhas conseguiu combater uma equipa cujo losângulo tem três linhas! Agora, ainda que a zona pressionante deles seja fantástica, assenta num conceito completamente diferente do nosso. Por exemplo, enquanto que o Milan, com três linhas, faz pressão em largura, nós, com seis, procuramos fazer pressão em profundidade.

N.A. - Hoje em dia fala-se muito em pressão alta. Essa pressão alta pode ser feita homem-a-homem? Disse atrás que as equipas começavam a pretender fazer zona pressionante. Não concorda que a pressão alta que normalmente se vê nas equipas portuguesas é mais uma pressão homem-a-homem onde as equipas procuram que os seus jogadores «encostem» nos seus adversários, só que lá na frente?

Mourinho - Eu diria que, mais do que isso, há uma pressão quase individual... ou em pequenos grupos. Uma pressão individual ou em pequenos grupos. Por exemplo, quando uma equipa toma a iniciativa de fazer uma construção a partir da sua linha mais atrasada, aquilo que normalmente se vê é os avançados contrários pressionarem logo à saída da bola do guarda-redes, isto é, fazem uma pressão alta. O problema é que, depois, aquilo que acontece na maior parte das equipas é que não o conseguem fazer com as suas linhas juntas (todas juntas), acabando sempre por haver espaço entre as linhas, ou entre a linha atacante e a linha média, porque a linha média não encostou, ou a linha média encosta na pressão dos avançados, mas passa a existir um espaço entre linhas entre a linha média e a linha defensiva. Agora, um verdadeiro bloco pressionante, em que as três linhas estão perfeitamente compactadas, não vejo.

N.A. - Acha coerente um treinador querer, por um lado, a equipa num bloco compacto («campo pequeno») a defender e, por outro, que os seus jogadores marquem homem-a-homem?

Mourinho - Pode ser coerente. Pode perfeitamente definir o perímetro dessa marcação homem-a-homem. Eu posso pedir, por exemplo, para que o bloco se junte atrás da linha do meio campo, isto é, para ter o bloco compactado atrás da linha do meio campo e, a partir do momento em que ele está junto, pedir a um jogador para ele seguir determinado adversário homem-a-homem dentro da zona compactada, apenas o deixando livre se este fizer um movimento de aproximação ao seu próprio meio campo aí entrando para pedir a bola aos centrais. Posso perfeitamente fazer isto. É até uma forma eficaz sob o ponto de vista defensivo! Eu posso pedir aos meus jogadores para estarem sempre compactados e, dentro desse bloco compacto, mandar um jogador marcar homem-a-homem. Estando o bloco compacto, se ele perder essa situação de homem-a-homem, há gente por perto para poder intervir na cobertura. Se o seu adversário fizer movimentos na direcção do seu próprio meio campo e sair, ele não o segue, deixa-o sair.

N.A. - Mas, se todos os jogadores desse bloco tiverem referências individuais, as relações de cobertura não acabam por se perder?

Mourinho - Mas é difícil de jogar contra! É difícil!

N.A. - Mas, no caso de uma equipa como a sua que defende à zona, existindo um jogador no bloco (na estrutura defensiva) que ande atrás de alguém, não acha que ele vai acabar por abrir brechas na estrutura?

Mourinho - Não. Eu penso que o bloco baixo é facilmente interpretável. Nem sequer precisa de grande liderança ou de grande *feedback*. O bloco baixo é um bloco baixo, basta definir a referência visual do bloco e pronto, nada mais. Acho que a liderança, dentro do processo defensivo, tem a ver sim é com a basculação, com a zona e com a capacidade que alguns jogadores têm, pela sua posição em campo ou pela sua capacidade de análise do jogo, em orientar as acções colectivas. Por isso, há jogadores que são fundamentais na dinâmica defensiva. Agora, quando se trata de bloco baixo, de campo curto, de juntar linhas, é fácil. Eu digo isso aos meus jogadores! Em momentos em que lhes esteja a ser difícil jogar numa zona pressionante ou fazer uma transição muito forte, por fadiga, por determinado ascendente do adversário ou porque o adversário tem uma determinada dinâmica ofensiva que nos está a criar algum tipo de problemas, eu digo-lhes para baixar o bloco, juntar linhas e tranquilizar o jogo. Portanto, sob o ponto de vista da eficácia penso que é muito mais fácil jogar bloco baixo do que bloco alto. Muito mais fácil!

N.A. - Para terminar, se fosse possível, gostava que me explicasse um pouco melhor a forma como os seus jogadores fazem a pressão alta (a zona pressionante). Por exemplo, suponhamos que a equipa adversária vai bater pontapé de baliza e que a sua equipa está agrupada junto à zona central, pois não sabe se o adversário vai sair a jogar curto ou longo. Imaginemos que o adversário sai a jogar curto e que a sua equipa sobe para ir pressionar em bloco. Quais são as referências dos jogadores nessa subida para pressionar em termos de posicionamento?

Mourinho - Logo para começar, nós temos definido o posicionamento da pressão em função do posicionamento do adversário. Isto é, sabendo eu ou não em que sistema é que o adversário vai jogar, a minha equipa sabe como se comportar contra determinado sistema. Por exemplo, imagine-se que eu vou jogar contra o Benfica, equipa que normalmente joga em 4-3-3, mas que, nesse jogo, vai jogar com três centrais. Para nós não é um drama, porque nós sabemos como nos posicionar em função dos diferentes sistemas que o adversário possa apresentar. Portanto, esse problema não se põe. A minha equipa não muda de sistema em posse de bola, isto é, nós, em posse de bola, definimos previamente como é que vamos jogar e é dessa forma que jogamos, estando-nos completamente a borripar para o sistema adversário. Quando não temos bola, temos que ter a capacidade de ler o sistema adversário e de adaptarmos a nossa pressão ao posicionamento adversário. Por exemplo, se os meus avançados estiverem a jogar contra três defesas ou contra quatro defesas, o seu posicionamento é diferente, em função do posicionamento da defesa contrária. No resumo do jogo do Porto contra o Sporting, os comentadores disseram que, depois do Porto ter marcado o segundo golo, José Mourinho pediu à sua equipa o terceiro. E apareço eu, junto à linha, com o braço esticado e três dedos levantados. Não estava nada a pedir o terceiro! O Sporting tinha feito duas substituições e tinha passado a jogar com três defesas. Portanto, o que eu disse foi «três defesas»! E os jogadores já sabiam, porque durante a semana eu disse-lhes que o Sporting podia jogar tanto com quatro como com três defesas. Se eles jogassem com quatro nós fazíamos uma coisa, se eles jogassem com três, fazíamos outra. Portanto, nós, que tínhamos jogado cinquenta e cinco minutos contra uma defesa de quatro homens, a partir dali passaríamos a jogar contra uma defesa de três homens. Quando eu fiz o sinal de três defesas, a minha equipa já sabia que, do ponto de vista da pressão e da basculação, iam passar a jogar contra uma equipa com três defesas.

N.A. - O problema é que alguns treinadores, quando vêem isso acontecer (ou se ouvirem o que acabou de dizer), pensam que a sua equipa vai «encaixar» no adversário, ou seja, que cada jogador vai encostar num adversário para dessa forma cortar todas as linhas de passe...

Mourinho - A minha equipa não vai encaixar em nada! O Sporting começou o jogo com quatro homens e acabou com três mais dois. Na primeira situação, eu tinha o Derlei e o Jankauskas para pressionarem quatro homens; na segunda, tinha o Derlei e o McCarthy para pressionarem três homens. E se, inicialmente, o movimento ofensivo dos laterais tem que ser defendido de uma determinada maneira, após a mudança ele tem que ser defendido de outra maneira. Agora, ninguém joga homem por homem ou em função dos homens, mas sim em função dos espaços.

N.A. - Espaços e coberturas?

Mourinho - Claro. Claro!

N.A. - Há pouco dizia que, normalmente, quando as equipas pressionam alto, fazem-no de forma individual ou em pequenos grupos e que acabam por criar muito espaço entre linhas. Isso não terá a ver com facto da equipa adversária estar a fazer «campo grande» por estar a atacar e elas, ao encostarem, vai haver esse aumento de espaço entre linhas? O problema não estará aí?

Mourinho - Está! O problema surge quando a equipa adversária, em posse de bola, aumenta a distância entre os seus jogadores. Se eu disser aos meus jogadores que, quando tiverem a bola, a distância entre eles tem que aumentar (porque eu posso, por exemplo, defender com o triângulo do meio campo junto e atacar com ele maior, isto é, com o mesmo triângulo, mas maior), quando os jogadores do triângulo aumentam a distância entre si, o que é que acontece com os jogadores adversários? Se pensarem o jogo homem-a-homem ou em função da referência «adversário directo», aumentam também a distância entre eles. Ou seja, o triângulo de meio campo adversário, que deveria de estar junto para defender, aumenta! Eu encurto-o para defender e aumento-o para atacar, mas, quando eu o aumento para atacar, eles aumentam-no para defender. Porque vêem o homem! Eu adorava que todos os meus adversários defendessem homem-a-homem contra a minha equipa!

N.A. - Será correcto dizer-se que, se o encurta para defender, a sua grande preocupação (quando se trata de defender) é «fechar espaços como equipa»?

Mourinho - Sim.

ENTREVISTA A JÚLIO GARGANTA

Coordenador do Gabinete de Futebol da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da
Universidade do Porto

Instalações da FCDEF-UP (Porto), 22 de Setembro de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Acredita que uma equipa que aposte em jogar um Futebol ofensivo, um Futebol de qualidade, estará sempre mais perto da vitória?

Júlio Garganta (J Garganta) - Penso que tem certamente mais probabilidades de estar mais perto da vitória, embora isso não deva significar que sejam descurados os aspectos defensivos. Importa, sobretudo, ter a noção de que a equipa é um sistema dinâmico que vive da organização, o que quer dizer que depende do compromisso entre a sua identidade e a sua integridade, tenha ou não a bola num dado momento do jogo.

Adoptar uma intenção predominantemente ofensiva não deve significar que se desmereça a intenção defensiva, ainda que seja para atacar melhor. Tenho a convicção de que uma equipa que procura cumprir mais frequentemente o grande objectivo do jogo – marcar golos – tem que encontrar um equilíbrio entre essa procura e o garante da defesa da sua própria baliza – não sofrer golos. É a tal questão da identidade e da integridade.

N.A. - Portanto, uma equipa que queira ser muito ofensiva (porque quer ganhar), tem necessariamente que sustentar defensivamente essa forma de jogar. Ninguém ganha a jogar só ao ataque...

J Garganta - Se, teoricamente, pudéssemos ter sempre a posse da bola, o adversário não iria atacar e, portanto, controlaríamos o jogo na verdadeira acepção da expressão. Mas não é assim! Quando nos referimos à chamada fase de ataque, estamos a associá-la à posse da bola. Porém, entendo que a atitude ofensiva não tem que ver apenas com a posse da bola. Por exemplo, não raramente as melhores equipas do mundo são mais ofensivas quando não têm a bola do que muitas equipas vulgares quando a têm. Parece-me que o importante é encontrar um equilíbrio, quando não temos a posse da bola, que nos permita criar condições não só para não sofrermos golo, mas também com a intenção de sermos nós a comandar o jogo. Defesa e Ataque são construções nossas, o que existe é Jogo. Nós é que falamos em Defesa, em Ataque, em Transições, que são construções para melhor entendermos o jogo. Paradoxalmente, essas mesmas construções, não raramente, fazem com que o entendamos menos bem. Torna-se importante, antes de tudo, perceber o que é que queremos, qual o projecto que temos para jogar de uma determinada maneira (o que vai ditar, em grande parte, o que vai ocorrer, o que o jogo vai ser), porque as equipas e os treinadores que sabem o que querem, têm mais propensão para fazer com que tal aconteça. Quem não sabe o que quer está, como naquela história, a tentar acertar num alvo que não existe: podemos ser muito habilidosos a lançar um dardo, mas, se não tivermos um alvo, vamos lançá-lo para onde? O problema é, então, definir esse alvo para que possa ser plausível atingi-lo. Então precisamos de um alvo, isto é, de um corpo de ideias. E as ideias que resultam, são aquelas que, não raramente, divergem do que está dado como «normal» ou «certo». Se falarmos com alguns treinadores de ponta e, sobretudo se assistirmos a alguns dos seus treinos, constataremos que a forma como eles «arrumam» o jogo não é a tradicional (defesa, ataque, ter a bola, não ter a bola). Talvez estejam mais preocupados com outro tipo de indicadores, com outras coisas, com um entendimento da organização global do jogo, sem perder de vista o detalhe. Ou seja, entendo que a grande vantagem das melhores equipas e dos melhores treinadores é a capacidade que têm de gerir o detalhe sem perder de vista o Jogo, porque, muitas vezes, quando tentamos gerir o detalhe, fazemo-lo de tal forma que perdemos sistematicamente de vista o Jogo e então trabalhamos defesa, trabalhamos ataque, trabalhamos transição (ataque-defesa ou defesa-ataque), mas não treinamos a ligação, o nexa entre tudo isso. E assim sendo, na maior parte das vezes esse tipo de trabalho não vai desaguar no mar que pretendemos, ou seja, não tem transfere para os comportamentos na competição.

N.A. - Pode explicar um pouco melhor a ideia: «as melhores equipas do mundo atacam mais quando defendem do que atacam as piores equipas quando têm a bola»?

J Garganta - As equipas de Futebol de alto rendimento são grupos de elevado potencial. Na procura das melhores formas para rentabilizarem a acção, a sua eficácia decorre duma cumplicidade operacional, sustentada numa inteligência colectiva. Por exemplo, há equipas que defendem com uma zona alta, pressionante, e que gostam de encurralar o adversário, no sentido de criarem condições para atacarem melhor; e há outras que pensam primeiro em defender a sua baliza e só depois se preocupam com o modo como irão atacar. Na minha perspectiva, as grandes equipas e os grandes jogadores não pensam o jogo por fatias, mas pensam-no como um bolo, como um todo. Quando defendem, fazem-no já a pensar na forma como vão atacar. Para além disso, as grandes equipas procuram induzir erros no adversário, atacando a bola e os espaços mais significativos. Penso que uma das coisas mais negativas no Futebol português, do ponto de vista defensivo, é a questão das marcações individuais, vendo-se, frequentemente, jogadores que transformam o jogo em provas de perseguição. Para mim, isso tem pouco ou

nenhum sentido. Se queremos uma equipa disponível para atacar, parece-me bem mais inteligente, económico e eficaz apostar numa movimentação colectiva coordenada.

N.A. - Falou na necessidade de defender estando a perspectivar o ataque. E o contrário? Isto é, faz sentido atacar contemplando a possível perda da bola?

J Garganta - Claro. A grande preocupação deve ser sempre criar um equilíbrio para nós e um desequilíbrio para o adversário. Ou seja, o jogo faz-se de equilíbrios e desequilíbrios em termos de espaço, de tempo e, fundamentalmente, na forma como todos estes factores interagem (a organização uma vez mais!). Sabemos que no Futebol, constrangimento de espaço quer dizer também constrangimento de tempo. Sabemos também que condicionar tempo é condicionar espaço, e que tudo isto quer dizer condicionar as tarefas que os jogadores têm que desempenhar. A forma como restringimos o tempo e o espaço, ou seja a forma como permitimos que o adversário utilize o tempo e o espaço, vai condicionar drasticamente as tarefas do ponto de vista táctico, técnico e estratégico.

O mais importante é conseguir esse equilíbrio. De acordo com os princípios de jogo que conhecemos, quando uma equipa perde a posse da bola, deve procurar tornar o campo mais pequeno para o adversário, exactamente o contrário daquilo que a equipa adversária quer, que é tornar o campo mais amplo para trocar a bola e criar espaços. Portanto, a equipa que está a defender quer encurtar espaços, quer tornar o jogo menos fluído para o adversário. Penso que temos ainda que caminhar bastante no entendimento, na sistematização destas coisas, no sentido de perceber as suas conexões e de entender o jogo como um fluxo contínuo.

Quando atacamos, pretendemos que o nosso jogo seja fluído, que tenha continuidade, que tenha ligação. E queremos induzir convulsões, rupturas no fluxo do jogo do adversário, para conseguir maior fluidez no nosso jogo e, com isso, estarmos mais perto de concretizar do que o adversário.

Ainda em relação a esta questão de estarmos preocupados com o ataque ou com a defesa deixe-me dar mais um exemplo, que tem a ver com as provas de perseguição em pista no Ciclismo e que é uma metáfora utilizada no livro de Sven Goran Eriksson. No início da prova, os ciclistas estão à mesma distância um do outro, sendo que ganha quem conseguir alcançar o adversário. Aquele que pensa em alcançar o adversário tem significativamente mais probabilidades de vencer a prova do que o que pensa, sobretudo, em não ser apanhado. Portanto, partindo do pressuposto que existe algum equilíbrio entre os adversários, as atitudes e as estratégias mentais, têm uma influência importante sobre o resultado desportivo. É obvio que no caso de um jogo de Futebol a leitura não deve ser feita directamente, na medida em que o jogo é mais complexo. Contudo, admito um transfere importante. Em todo este «caldo» de complexidade há dois factores que podem fazer, de facto, a diferença: um é a ideia, a «filosofia» do treinador, a «visão» que tem para a construção da EQUIPA; o outro é a forma como ele é capaz inocular os princípios fundamentais de jogo na equipa que dirige, fazendo-se entender relativamente ao que considera fundamental e acessório, no treino e nos diferentes «andamentos» que a música do jogo deve ter.

Daí que eu diga que, quando não temos a bola, devemos estar preparados para a conquistar de acordo com uma ideia. Ou seja, este e outros aspectos do jogo devem ser trabalhados, mas integrados num projecto que tenha a intenção clara de, em cada jogo, se tocar a música toda, a nossa música, e não só o refrão. Evidentemente que há que ter cuidados, mas cuidados que garantam o sucesso do nosso projecto e não cuidados que nos submetam ao que o adversário pretende.

Tenho dificuldade em perceber que se diga: «Não temos jogadores para jogar ao ataque!». Seja qual for o nível da equipa, há sempre jogadores para jogar ao ataque; porque há jogadores! O importante é sermos capazes de seleccionar a melhor forma de o fazer, em função de uma ideia que nos favoreça. E neste, como noutros casos, a melhor ideia sempre passa pelo colectivo, embora por vezes este aspecto seja subalternizado.

N.A. - Ainda em relação ao atacar contemplando a possível perda da bola, no fundo, trata-se de garantir o equilíbrio defensivo no ataque. Na sua opinião, o que é que uma equipa deve fazer, em termos práticos, para garantir esse equilíbrio? O que é que permite a uma equipa estar equilibrada quando está a atacar?

J Garganta - O que permite a uma equipa estar equilibrada quando está a atacar tem a ver, não só com a disposição dos jogadores no terreno, mas sobretudo com as possibilidades que existem de ligação entre esses jogadores no sentido de encurtarem distâncias entre si, de diminuírem as distâncias entre linhas (transversais e longitudinais) e, com isso, criarem e transferirem zonas de pressão junto da bola. Com esta ideia, estou a aproximar-me do conceito de defesa à zona, embora para mim não haja uma zona, mas sim «zonas». Muitas vezes, dizemos «aquela equipa está a defender à zona», mas existem variadíssimas formas de fazer zona, do mesmo modo que existem variadíssimas maneiras de jogar em 4-3-3 ou de fazer contra-ataque ou ataque posicional. Portanto, há tantas formas de a realizar, que temos que eleger a nossa zona de modo que possa dar frutos, de acordo com a ideia e com os intérpretes que temos.

Algo que se revela cada vez mais importante são as ligações nas transições (nos momentos de perda e de conquista da posse da bola). Digo mais importantes no sentido de imediatamente se criar uma alteração na atitude dos jogadores (vou perseguir ou ser perseguido? Vou apanhar ou ser apanhado?).

Do jogo «escuro» para o jogo «claro» há como que uma alteração brusca no fluxo da corrente. Quem melhor se adaptar, melhor conseguirá impor o seu jogo. Isto é fundamental e é facilmente verificável em algumas equipas. O FC Porto, por exemplo, é uma equipa que, por norma, pressiona alto, tentando conseguir a bola em determinados espaços para atacar da forma que mais lhe convém. É óbvio que para conseguir isso, é preciso que haja um trabalho, um treino, uma rotina de hábitos e de atitudes. Estas coisas não surgem por geração espontânea! O importante é coordenar as acções de todos os jogadores, encurtando espaços, fazendo compensações, de modo a que a equipa esteja equilibrada, para assim ser mais fácil desferir o ataque que mais lhe convém. A partir daqui há todo um conjunto de aspectos que também são significativos: a alternância de velocidade, a alternância do tipo de passe (curto/ longo; para trás, para os chamados «jogadores-janela»). Penso que por vezes subsiste a ideia de que para se jogar rápido é preciso jogar para a frente, mas no Futebol isso é não assim. E porquê? Porque se pode chegar mais depressa à baliza por caminhos que são mais longos, mas que se tornam mais curtos por não terem tantos obstáculos! O mais importante não é a distância métrica, mas sim a dificuldade que temos em vencê-la, até chegarmos à baliza adversária. Isto quer dizer que para se chegar mais rápido e sobretudo melhor, pode-se ir por outros caminhos que metricamente são mais longos, mas que, do ponto de vista do jogo, são mais eficazes.

O que é que pretendemos? Criar, sempre que possível, superioridade numérica nas zonas próximas da bola, evitar a igualdade numérica e recusar a inferioridade numérica. Portanto, isto é básico. No fundo, do meu ponto de vista, o que temos que conseguir é, tendo o mesmo número de jogadores que o adversário, que os nossos sejam «mais» e melhores do que os da equipa adversária. Ou melhor, que sejamos um colectivo mais forte. E isso consegue-se a partir da estreita coordenação entre as acções dos jogadores, fazendo com que onze jogadores pareçam quinze, dezasseis ou dezassete, desdobrando-se. Isto permite-nos fazer parecer ao adversário que somos mais e melhores, tenhamos ou não a bola. E se juntarmos a esta preocupação a questão da procura do golo de forma inteligente, que não a do imediatismo, ou da obsessão pelo jogo directo, mas a de ter a percepção de que é preciso ser rápido mas não apressado, tudo isto induz o equilíbrio na nossa equipa e o desequilíbrio no adversário. Que tipo de seqüências de treino se utiliza quotidianamente para que sejam assimiladas estas preocupações por parte dos jogadores e da equipa? Esta é uma questão nuclear.

N.A. - Alguém referiu que a melhor forma de defender não é deixar de atacar, mas sim jogar bem defensivamente. Concorda? Ou temos que ser menos ofensivos para defender bem?

J Garganta - Para mim, a melhor forma de defender passa por ter que «defender» o menos possível, o que significa que quando digo que uma equipa tem uma mentalidade de ataque, não me refiro somente aos momentos em que ela tem a posse de bola.

É importante que se esclareça que ter uma mentalidade de ataque é diferente de padecer de «convulsões ofensivas». Não raramente, uma equipa ganha a bola e aquilo que se vê são correrias descompassadas em direcção à linha final e à baliza do adversário, bem como lançamentos longos para a frente. Há claras diferenças entre a construção do ataque em Futebol e uma carga de infantaria.

Por outro lado, convém que se diga que defender não passa, necessariamente, por uma atitude passiva, de espera, de subalternidade. Podemos não ter a bola e continuar imbuídos de uma mentalidade ofensiva. Este é um dos aspectos que nos permitem identificar as equipas que jogam um Futebol de alta qualidade, porque atacam a bola e os espaços mais perigosos, de forma equilibrada, como atrás referi. Mesmo na fase defensiva do jogo são actores e não tanto espectadores à espera da bola para poderem actuar.

N.A. - Mas a verdade é que, pelo menos quando marcar golo, vai ser obrigado a defender!

J Garganta - Vou ter que defender ou vou ter que, uma vez mais, procurar ter a bola? Eu prefiro dizer que, nesse caso, o adversário vai inevitavelmente ter a bola, mas o mínimo tempo possível, e mesmo assim só em determinadas zonas ou sectores do terreno. Ou seja, devemos afinar o jogo pela nossa vontade.

Diríamos que quanto mais a nossa equipa tiver a bola mais probabilidades temos de mandar no jogo. Por outro lado, é errado partir do princípio de que basta ter a bola para ser melhor e ganhar! Está mais do que provado que nem todas as equipas que têm maior tempo de posse da bola conseguem ganhar. Isto quer dizer que a posse da bola, por si só, não é determinante. Importa que a equipa saiba o que fazer com ela. Para que tal aconteça com eficácia e regularidade há que treinar bem.

N.A. - Quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que defender? Por exemplo, referiu que as equipas devem ir à procura da bola. Não acha que o «ir à procura» da bola é mais difícil do que esperar por ela, que isso implica saber defender melhor?

J Garganta - Ir à procura da bola implica saber defender melhor? Talvez não devamos ver as coisas assim. Quando diz que ir procurar a bola implica saber defender melhor, penso que se quer referir, por exemplo, à elevada coordenação que deve existir entre todos os jogadores para que a equipa funcione como um enxame de abelhas, para ter mais argumentos colectivos, mais conjunto. Normalmente, aquilo que se vê é a saída, num primeiro tempo

e muitas vezes «à queima», de um jogador para tentar roubar a bola; depois o segundo jogador aparece dez metros atrás e quando sai, também já foi ultrapassado, e assim sucessivamente. Obviamente, isto é uma perda de energia incrível, tem pouco ou nenhum sentido e não é, portanto, nada racional, precisamente porque um jogo colectivo deve ser jogado colectivamente, não obstante os talentos individuais.

Por exemplo, se sempre que a equipa perder a posse da bola, o jogador mais próximo fizer imediatamente uma contenção, atrasando o ataque do adversário e permitir a recuperação defensiva da sua equipa, a partir daqui há maiores probabilidades da equipa se encontrar equilibrada, o que significa que ela pode desenvolver uma atitude mais «predatória» em relação à bola e aos espaços. Portanto, do meu ponto de vista, uma equipa para ser de topo, ou para se aproximar daquilo que entendemos por Futebol de alto nível, tem que afirmar a sua identidade e a sua integridade colectivamente, nas fases ofensiva e defensiva, bem como nas transições.

Do meu ponto de vista, equipa de topo é aquela que apresenta um Futebol de alto nível de expressão, o que é diferente de estar nos lugares cimeiros do *ranking*. Por exemplo, existem equipas que são de topo por terem resultados de topo, mas que, na minha opinião, não jogam um Futebol de topo. E é precisamente por essa razão que lá não ficam por muito tempo. O jogo que jogam tem presente a mais e futuro a menos. Se houver muitas equipas a jogar assim, certamente que algumas delas vão ter resultados (algumas têm-nos!), mas o Futebol, enquanto modalidade, vai ficar a perder! Acho que é importante, sem menosprezar o resultado, um treinador de uma equipa de topo ter um sentido estético do Futebol, ou seja, tem que haver ali alguma coisa que chame as pessoas, que as apaixone, que não seja apenas uma sucessão de sprints, de saltos, de desarmes,... O Futebol tem de ser muito mais do que isso. Já foi muito mais! Agora o Futebol parece-me mais ácido, mais austero, menos romântico! Quando se fala em ética no Futebol, esta não tem apenas a ver com o facto das pessoas se comportarem de acordo com os cânones sociais e desportivos, ou com o serem sujeitos à amostragem de cartões amarelos e vermelhos. A ética tem muito que ver com a defesa do espectáculo e do jogo, e os treinadores têm uma elevada responsabilidade ética. E uma das grandes responsabilidades ou exigências que se devem colocar aos treinadores é que gostem de Futebol, que gostem do jogo, que gostem do espectáculo e que participem activamente na sua edificação. Penso que isto é muito importante, ainda que não possa ser imposto por decreto.

Há equipas que estão mais preocupadas em defender do que em atacar e, por isso, como dizem os seus treinadores, foram construídas de trás para a frente. Por vezes ouve-se: «Primeiro temos que construir a nossa equipa de trás para a frente, temos que saber defender para saber atacar». Não! Porque é que há-de ser assim?! Porque não partir da lógica inversa? Podemos partir do princípio de que se a nossa equipa souber atacar bem, provavelmente trabalharemos melhor as situações em que não estamos na posse da bola, porque dessa forma vamos poder atacar mais vezes, e os jogadores gostam de atacar. Penso que se perguntarmos aos jogadores o que é que lhes dá mais prazer, eles nos vão dizer que não gostam de passar o jogo a defender e a esperar. Os jogadores gostam de intervir, gostam de ter a bola e, se assim é, provavelmente podemos utilizar essa mais valia. Por vezes esquecemo-nos disto.

N.A. - Peço desculpa, mas acabei por não perceber se concorda com a ideia de que, quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que defender.

J Garganta - Teoricamente não, porque quanto mais ofensiva ela for, menos ofensivo será o adversário. Mas também posso perguntar: o que é ser ofensivo? Por exemplo, num destes jogos da Liga dos Campeões, o Inter marcou três golos ao Arsenal e não sofreu nenhum. A equipa italiana jogou com dez jogadores atrás da linha da bola e apenas com o Martins na frente a gerir as bolas que eram enviadas, em profundidade, para ele. Três Zero?! Mas, o Inter terá sido mesmo mais ofensivo? O Arsenal jogou ao ataque durante 70% do tempo útil de jogo! Não haverá vários tipos, vários graus de ofensividade? Uma ofensividade que tem mais a ver com uma movimentação global, em que a equipa ataca em bloco, em que a equipa é um indivíduo; e outra em que há indivíduos que são especializados em atacar, outros em recuperar bolas e outros em defender a baliza. Este tipo de ofensividade não me parece servir um Futebol de topo, ainda que algumas equipas com estas características consigam alcançar resultados de topo, porque têm jogadores de topo.

Resumindo, percebo que uma equipa de pendor mais ofensivo necessite de defender de modo diferente do de uma equipa mais defensiva, mas insisto na ideia de que o importante é garantir o equilíbrio no balanço ataque-defesa, servindo os propósitos do projecto que a equipa se propõe materializar.

N.A. - O que é, para si, jogar bem defensivamente?

J Garganta - Primeiro, jogar bem defensivamente é fazê-lo de acordo com aquilo que concebemos para a equipa; E isso acontece quando idealizamos um modelo, quando temos uma visão para o jogo, para a equipa e para os jogadores e o adoptamos como sendo o melhor.

Em abstracto, para mim um dos pressupostos para se jogar bem defensivamente tem muito a ver com a questão do primeiro tempo defensivo, i.e. logo após a perda da posse da bola. O primeiro tempo defensivo é fundamental, ou seja, não interessa ter jogadores a saírem individualmente e por ondas, mas sim ter um ou dois jogadores, que

estando mais próximos do local onde se perdeu a posse da bola, imediatamente sustentem o ataque do adversário e permitam um reagrupamento dos colegas. Desde que se respeitem os princípios defensivos, a questão da contenção num primeiro tempo, depois as coberturas defensivas e o fechamento das linhas de passe mais importantes, o equilíbrio e a concentração espacial, podemos criar uma dinâmica que sirva os nossos propósitos. Se estivermos muito separados e os jogadores adoptarem sobretudo iniciativas individuais, pode dar a impressão que somos muito agressivos e activos a defender, mas isso é um equívoco, na medida em que se verifica um elevado desperdício de energias e uma facilitação da tarefa do adversário. Basta aos adversários realizarem uma ou duas tabelinhas para vermos vários defensores ultrapassados. Deste modo os jogadores não conseguem lidar bem, por exemplo, com a alternância de zonas de pressão em relação à bola, ou seja, a equipa não funciona como tal. E se a equipa vai defender dessa forma, dificilmente poderá atacar como equipa. Portanto, penso que a pressão colectiva é fundamental para se conseguir jogar bem defensiva e ofensivamente. A partir daí, o respeito pelos princípios do jogo é também fundamental, assim como tentar ganhar a bola quando a equipa percebe que está equilibrada. Isto não quer dizer que não haja uma situação pontual em que um jogador vê que tem hipótese de ganhar a bola e então sai para a conquistar imediatamente, mas a equipa deverá perceber quando deve e quando não o deve fazer.

Para mim, em síntese, a eficácia defensiva tem a ver com pressão colectiva. Seja numa zona baixa, intermédia ou alta, os conceitos de equilíbrio posicional, de mobilidade (flutuação, basculação), de constrangimento dos canais de circulação da bola, são aspectos fundamentais.

N.A. - Por tudo o que disse, o jogar bem defensivamente (ou o defender bem) passa, necessariamente, por defender à zona, não é assim?

J Garganta - Tenho a convicção de que jogar bem passa por defender à zona. Mas a zona não é apenas uma forma eficiente de defender a nossa baliza, mas também uma plataforma de lançamento do ataque. A ideia é defender à zona para atacar a partir dela. Entendo o conceito de zona como sinónimo de coordenação colectiva, de economia de esforço, de respeito pelos princípios do jogo (contenção, coberturas defensivas, equilíbrio e concentração). A zona parece-me, de facto, a forma defensiva que mais se aproxima da lógica do jogo de ataque (salvaguardando o facto de haver umas zonas mais eficazes do que outras).

N.A. - O que é, para si, defender à zona?

J Garganta - Em oposição à marcação individual, a zona é uma malha, um filtro colectivo que permite o varrimento dos espaços em função da sua importância. Uma coisa é dizermos que um jogador deve estar preocupado com o adversário X e que, portanto, é aquele o jogador que ele deve marcar. Outra é percebermos que, para se jogar ao ataque de uma determinada forma, há zonas que temos proteger de modo mais evidente e mais imediato, outras que vamos condicionar e outras ainda a que vamos vedar o acesso. Ou seja, é preciso entender que os espaços do jogo não têm todos o mesmo valor e que se assim é, a marcação individual pode ser pouco inteligente, porque iremos perseguir um indivíduo mesmo que ele vá para um espaço menos valioso. A zona tem fundamentalmente a ver com a preocupação com espaços, com linhas de força e não com um indivíduo. Penso que o Futebol, para ser jogado ao mais alto nível, deve ser, deste ponto de vista, mais globalizado do que personalizado. Tenho observado várias equipas portuguesas, em diversas jornadas da SuperLiga, e verifico que há uma quasi-obsessão pelas marcações individuais. Há sempre quatro ou cinco jogadores que marcam individualmente quem entra no seu meio campo e se os adversários se deslocam para a ala, eles vão atrás e descaram a zona central do terreno. Ora, situações como esta não me parecem uma forma racional de defender! Lá está a tal hipervalorização do individual em detrimento da noção global de jogo, de colectivo, de pressão colectiva, de contenção colectiva, de equilíbrio colectivo. Portanto, a zona tem fundamentalmente a ver com a noção de conjunto, com a ideia de colectivo.

Penso que a zona é a metáfora do colectivo. É o aproveitamento de todas as forças do conjunto e, fundamentalmente, da sua coordenação. Acho que a zona se baseia fundamentalmente nisso.

N.A. - Recuando um pouco... Onde é que se defende melhor, perto ou longe da nossa baliza?

J Garganta - Ressalvando mais uma vez a questão do conceito, eu penso que se deve defender bem onde for necessário fazê-lo. Como estas coisas estão todas ligadas, se tivermos uma equipa em que verificamos que os jogadores estão mais capacitados para assumirem o contra-ataque, é obvio que ao fazermos uma pressão alta ganhamos muitas vezes a bola, só que não vamos ter muito espaço nas costas do adversário. Ou seja, treinamos durante semanas para atacarmos de uma forma, mas, como o modo como defendemos não é coerente com a forma como queremos atacar, no jogo vamos encontrar desafios e problemas completamente diferentes. Isto quer dizer que devemos defender da forma que melhor nos permite atacar. E isto quer também dizer que para exercitarmos a(s) nossa(s) forma(s) de atacar, temos que treiná-la(s) também quando defendemos.

Posso dizer-lhe que a tendência que se verifica nas equipas de topo é ter zonas mais altas. Mas lá está: este facto tem a ver com a forma como essas equipas normalmente atacam! Tem a ver, por exemplo, com o facto dessas equipas conseguirem criar espaços e atacar, quando ganham a posse da bola nessas zonas, mesmo que outros tenham os onze jogadores atrás da linha da bola. E porquê? Porque têm uma circulação de bola eficaz, uma boa movimentação dos jogadores e uma boa coordenação entre eles. Se a equipa não tiver estas características, quando ganha a posse da bola no meio campo adversário, ela pode não saber o que fazer à bola ou pode não conseguir manter por mais que um ou dois passes, porque aí os espaços são mais exíguos. E depois, o que acontece? Pode acontecer que essa equipa seja apanhada em contra-pé, em desequilíbrio posicional, porque os seus jogadores subiram em demasia. Portanto, todos estes aspectos têm que ser pesados, pelo que é difícil dizer, em abstracto, qual o tipo de zona mais eficaz.

N.A. - Em relação ao defender com muitos homens passa-se exactamente a mesma coisa...

J Garganta - Quando uma equipa perde a posse da bola, toda a gente tem que agir no sentido de que se possa ganhá-la. Mas há que esclarecer alguns aspectos. Podemos querer, por exemplo, que o nosso ponta-de-lança não desça muito para defender. No entanto, ele deverá estar preocupado em fechar eventuais linhas de passe, por exemplo do lateral para o central, quando a equipa adversária está a tentar circular a bola. Ou seja, ainda que não venha atrás da bola até ao seu meio campo (por poder ser um comportamento contra-producente para ele e para a equipa), está a criar condições para que o adversário não circule a bola pela sua linha mais atrasada.

N.A. - Quando pergunto se o melhor é defender com muitos homens é precisamente na tentativa de diferenciar o defender com onze através da qualidade do defender com onze através da quantidade... Não sei se me fiz entender...

J Garganta - É possível, e nalguns casos desejável, defender de uma forma mais eficaz com poucos jogadores, porque, por vezes, muitos jogadores atrapalham. Eu penso que é o meu colega que vai e, como as coisas estão descoordenadas, depois nem vai ele nem vou eu. Se a equipa estiver bem sincronizada e os jogadores coordenados, penso que se pode tirar partido de defender com onze jogadores, sem que isso queira dizer com os onze atrás da linha da bola. Se a equipa consegue defender com oito jogadores atrás da linha da bola, de uma forma eficaz e segura, podemos ter alguns elementos colocados estrategicamente em posições que nos são favoráveis e que nos permitem desferir um ataque muito mais eficaz, que nos permitem desequilibrar quando ganhamos a bola. Por exemplo, olhando para uma equipa que, sem posse da bola, coloque os alas bem abertos no meio campo e o ponta-de-lança bem metido entre os centrais, podemos ser levados a dizer que aqueles três jogadores não defendem. Porém, eles podem defender. Não estão a defender da mesma forma que os seus colegas! Estão preocupados com outras coisas. E com que coisas? Não só em garantir aquelas posições para, no momento em que a equipa ganha a posse da bola, funcionarem como referências para a circulação, mas também em evitar que o adversário circule a bola para trás ou à largura, obrigando-o a entrar naquele que será o «ninho da víbora», onde a nossa equipa consegue superiorizar-se. Por outro lado, se defendemos apenas com oito, o adversário também não pode dispor de muito mais de oito para participarem activamente no ataque, porque alguém terá que se preocupar com os três que nós deixámos na frente.

N.A. - Qual a diferença, se considera que existe, entre a defesa homem-a-homem e a defesa individual?

J Garganta - No plano prático não estabeleço distinção. Todavia, para mim, a designação homem-a-homem é incorrecta, porque, por exemplo, no Futebol feminino não existem marcações homem-a-homem.

N.A. - Deixe-me colocar-lhe então o seguinte problema: a defesa individual pressupõe que cada jogador tenha um adversário para marcar, adversário esse que é sempre o mesmo (o jogador A é sempre responsável pela marcação do adversário A), porém, actualmente, não me parece que existam muitas equipas a marcar individualmente cada um dos onze jogadores adversários. Mas também não me parece correcto dizer-se que a maioria das equipas defende à zona...

J Garganta - Concordo. O que me parece é que há aqui uma distinção que se deve fazer entre marcação individual restrita e marcação individual zonal, ou seja, uma coisa é seguir um indivíduo por todo o terreno (e aqui devemos falar em marcação individual restrita), outra coisa é marcar o indivíduo que passa ou entra na respectiva zona (e aqui devemos falar em marcação individual zonal). É fundamental recordar que os jogadores devem perceber que os espaços não têm todos o mesmo valor. Daí que seja fundamental desenvolver uma mentalidade de zona, ou seja, eles devem perceber que há coisas que podem fazer numa zona, mas que noutra já não é conveniente que façam. Em grande parte das equipas portuguesas pode ver-se jogadores que jogam no meio campo a perseguirem o seu adversário directo, a partir do momento em que a equipa adversária entra com a bola no meio campo ofensivo. Para mim, isto desestrutura completamente a organização da equipa que defende. Como agravante, os centrais quase sempre também marcam individualmente. Este tipo de comportamentos cria

sistematicamente desequilíbrios, já para não falar do desgaste absolutamente desnecessário! Por vezes este desgaste é de tal forma evidente que, a partir de certa altura, mesmo essas marcações começam a falir e a comprometer o essencial.

N.A. - Em relação a esse conceito de marcação individual zonal... a partir do momento em que é «zonal», remete-nos para um espaço, para uma zona. Esse espaço ou essa zona é a zona de intervenção do jogador decorrente da estrutura (do sistema) ou é a zona que ele teria se defendesse à zona?

J Garganta - Podemos ter uma marcação individual zonal numa estrutura de zona, que é mais fluante, mas também podemos adoptar uma marcação individual zonal em espaços pré-definidos, (zona de intervenção decorrente da estrutura do sistema). Mas, aquilo que nalguns casos se vê são mesmo marcações individuais restritas (na maioria das vezes apenas no meio campo defensivo), ou marcações individuais zonais cingidas ao «quintalinho» de cada jogador, o mesmo é dizer, dentro da zona de intervenção de cada jogador decorrente da estrutura, mas de uma estrutura muito estática. Já a zona é uma forma de defender mais fluida, mais inteligente, mais adaptada e adaptativa, onde a estrutura é fluante, ou seja, ainda que o lateral mantenha a sua zona dentro da zona, ela não é sempre a mesma (não está sempre no mesmo sítio, embora mantenha o posicionamento relativo), na medida em que a estrutura global vai fluando em função da posição da bola. Quando uma equipa perde a posse da bola, é comum vermos jogadores a correrem de costas para o jogo e para a bola. E porquê? Porque há um adversário que se desloca para lá, quando a bola pode até estar no lado contrário! Ou seja, em vez da equipa se preocupar em bascular para o lado da bola para aí fazer uma zona de pressão, aquilo que normalmente se vê é que há um, dois, três ou quatro jogadores preocupados em marcar adversários que estão do lado contrário. Nas grandes equipas, raramente vemos isso! Se o adversário colocar dois jogadores no lado contrário ao da bola, elas deixam-nos lá estar. A equipa tem que saber gerar e gerir as zonas de pressão.

Tenho constatado inúmeras vezes que esta forma de defender, em que se usa e abusa das marcações individuais (restritas ou zonais), não parece de facto, a mais eficaz. Mesmo que pensemos só em defender, a marcação individual (restrita ou zonal) não é a mais eficaz. E tanto menos o será quanto mais pensarmos na ligação entre as diferentes fases do jogo!

N.A. - Por aquilo que me tem sido dado a perceber, parece existir a ideia, por parte de alguns treinadores e comentadores, de que a zona é uma forma de defender passiva. Quando uma equipa está toda lá atrás a defender é comum ouvir-se dizer que ela está a defender à zona, da mesma forma que é comum ouvir-se dizer que quando uma equipa defende à zona dá tempo e espaço para o adversário pensar...

J Garganta - Essa parece-me uma perspectiva um pouco enviesada. Aliás, a realidade tem demonstrado que não é verdade que a zona seja uma forma de defender passiva. E também não é verdade que a zona dê mais tempo e espaço para o adversário pensar. Raciocinando por contraposição, poderíamos argumentar que a zona pode dar tempo a quem defende, para pensar o jogo defensivo e para preparar o ataque subsequente.

Uma vez mais refiro que é necessário ter presente que não há zona, mas «zonas». Num espectro relativamente amplo, poderemos encontrar zonas mais ou menos passivas, mais ou menos pressionantes, mais ou menos compactas, mais ou menos elásticas, mais baixas ou mais altas, enfim,...

Também é preciso que se diga que por vezes se confunde «defender bem» com frenesim ou com ebulição defensiva (onde toda a gente anda a correr atrás dos jogadores e da bola). Embora por vezes não pareça, o Futebol é um jogo para pessoas inteligentes! E cada vez mais deve ser um jogo inteligente jogado por pessoas inteligentes, pessoas que sabem encontrar ou traçar os caminhos que vão desembocar no jogo de qualidade. Parece-me que jogar com qualidade passa, precisamente, por contradizer a ideia de se correr muito, de andar toda a gente atrás da bola, de se fazerem muitas faltas a defender, de se provocar contacto físico e de se ser «duro» a defender,... Para muita gente, esses são os ingredientes principais de uma defesa activa! Mas na busca da qualidade do jogo, a defesa, para além de activa deve ser construtiva (em oposição à conotação destrutiva tradicional) e por isso ela começa antes, começa na percepção das zonas mais importantes, das linhas de passe mais importantes e dos momentos mais propícios para desferir ou desencadear um ataque à bola. Porque o «ataque à bola» nem sempre é pertinente, uma vez que realizado num dado momento pode ameaçar a integridade da estrutura. Portanto, é preciso saber quando é que se pode pressionar com um maior número de jogadores e quando é que se deve optar por fazer sair apenas um jogador num primeiro tempo e fazer com que os outros estreitem a malha. E isto passa pela questão de conseguirmos manter uma coerência entre as linhas, transversal e longitudinalmente. É com base na flutuação das distâncias entre estas linhas que surgem as noções de compacidade e de elasticidade do tecido colectivo e de cujo entendimento resulta a possibilidade de sabermos onde, quando e como é possível dispormos de mais jogadores em melhores condições nas zonas próximas da bola. A zona é isto, é defender como um tecido e não como um conjunto de células. No tecido a individualidade celular dilui-se no colectivo, ou seja, o individual só existe no conjunto. Fora dele, é apenas ruído!

Portanto, com todos estes pressupostos o conceito de zona é um conceito muito mais activo e sobretudo mais construtivo, mais estruturante, do que uma forma defensiva onde os indivíduos correm muito, onde cada um marca o seu e onde parece que toda a gente defende muito. De facto, correm muito, mas correm para onde não deviam; portanto correm mal, correm contra o jogo.

N.A. - Quando associada à pressão...

J Garganta - Na minha perspectiva, a zona para ser eficaz, terá de ser, necessariamente, pressão. Mais alta ou mais baixa, mas pressão. A zona não é tanto uma barragem, mas mais um êmbolo que empurra o adversário para as zonas que nos interessam, até conseguirmos criar condições para conquistarmos a chave do jogo, que é a bola.

Quando falo de «zona» não me refiro, portanto, ao meio campo defensivo, mas à zona em que a bola se encontra.

A noção de espaço de jogo efectivo (superfície poligonal delimitada pela linha imaginária que une todos os jogadores situados à periferia, num dado momento) é fundamental para se entender o conceito de zona. Uma coisa é a zona perspectivada em relação ao nosso reduto defensivo, outra é a zona em relação à posição da bola quando está na posse do adversário.

N.A. - Mas o facto de uma equipa recuar para o seu meio campo para se reagrupar e defender com quase todos os jogadores atrás da linha da bola (para depois sair em contra-ataque, por exemplo) significa, só por si, que ela está a defender à zona?

J Garganta - Não, de maneira nenhuma. Por exemplo, fui ver o jogo entre o Gil Vicente e o Braga. A equipa de Barcelos defendia com dez jogadores atrás da linha da bola (só o Nandinho não recuava), mas, do meu ponto de vista, se defendesse com sete e libertasse os restantes jogadores para outras tarefas, podia ser mais eficaz. O Braga tirava a bola das zonas de pressão e os jogadores do Gil, preocupados com os seus adversários directos, praticamente descuravam a bola, ou seja, a preocupação com as linhas de passe e com o encurtamento de distâncias em relação aos colegas não existia.

Não vou dizer que isso é errado; não tenho essa pretensão. Existem várias formas de jogar Futebol e de conseguir resultados, do mesmo modo que existem várias maneiras de treinar. Estou a falar sobre o meu entendimento de uma determinada forma de jogar e, sobretudo, sobre aquilo que me parece ser o mais importante para uma coisa que nós nunca devemos descurar: a qualidade do jogo.

Algumas pessoas pensam no seu vencimento, na manutenção do posto de trabalho e eu reconheço que isso é importante. Contudo, os que fazem a diferença, para melhor, não podem subordinar-se a isso; têm que ir mais além! São esses que fazem com que o Futebol viva e não apenas sobreviva. E é neste sentido que eu refiro a questão da ética, ou seja, devemos estar preocupados em fazer do Futebol um jogo construtivo, um jogo que nunca pode perder de vista o sentido artístico, a criatividade, a improvisação, mas também os princípios organizativos. Essas coisas têm que existir no jogo de Futebol, em dose quanto baste.

Parece-me errado dizer-se que defender à zona implica defender cá atrás e que defender com onze homens atrás da linha da bola é que é zona. Podemos verificar que há equipas que defendem zona com seis ou sete jogadores e que são eficazes a defender e, fundamentalmente, eficazes a atacar. O mais importante é procurarmos defender de uma forma equilibrada, no sentido de garantir o projecto mais eficaz para a equipa e para a ideia que temos de jogo. Ainda que existam várias formas de o fazer, pode dizer-se que se verifica uma tendência nas melhores equipas do mundo, que é a de apostarem em zonas compactas e altas. Por vezes, o facto de se dizer que a equipa é compacta leva as pessoas a associarem isso a dez ou onze jogadores atrás da linha da bola e metidos no seu meio campo defensivo. Alguns comentadores desportivos, quando falam em zona, não raramente conotam-na com algo que implica a concentração de muitos jogadores em espaços recuados. Mas a identificação de defesa à zona com a acção de defender com quase todos os jogadores atrás da linha da bola e em espaços recuados, para depois sair em contra-ataque, não me parece correcta.

N.A. - O que é para si marcar (refiro-me ao conceito de marcação)?

J Garganta - Na perspectiva vigente, «marcar» significa acompanhar muito de perto, e passo a passo, um jogador adversário no campo, impedindo ou condicionando as suas tarefas ofensivas. Mas do meu ponto de vista, a acção de marcação não se dirige, necessariamente, a um jogador! Considerando os imperativos de organização colectiva, «marcar» quer dizer assinalar, identificar para que não seja confundido, ou tornar mais acentuado, mais visível. E isto transporta-nos, uma vez mais, para a defesa à zona. Quando se trabalha uma zona, a marcação do espaço e das potenciais linhas de circulação de bola é fundamental. Mais do que marcar um jogador, devemos marcar as possibilidades que ele tem de fazer circular a bola ou de receber a bola, e não o jogador em si. Eu não marco o ponto que se movimenta no espaço, mas sim algo que tem sentido, que tem um significado, isto é, as probabilidades que ele tem de receber a bola e de dar sequência ao jogo. Portanto, para mim, a noção de marcação

tem fundamentalmente a ver com o condicionamento, não só do indivíduo, mas do espaço, do tempo e da tarefa, enquanto factores do jogo e da jogada.

N.A. - O Mourinho refere que, para ele, «marcação é homem, espaço e bola»...

J Garganta - Sim. Não é um ponto. É homem, espaço, bola, tempo e, portanto, leitura da situação de jogo. Se percebemos que aquele jogador, ao receber a bola naquele momento, pode dar seguimento ao jogo de forma eficaz, então ele não a pode receber. Mas, se percebermos que o facto dele receber a bola naquele sítio, nos vai ser vantajoso porque irá permitir fazer pressão e conquistar rapidamente a bola e sair a atacar, então é bom que a receba. Ou seja, pelo facto da leitura ser outra, os meus comportamentos vão ser distintos. Isto quer dizer que esta questão da marcação, mais do que uma marcação física, é uma marcação que tem a ver com um sentido que eu dou à situação em função das linhas de força e das probabilidades de evolução do jogo. E as grandes equipas e os grandes jogadores fazem isto. Portanto, penso que a noção de marcação está longe de se restringir à marcação a um indivíduo, de um ponto, fixo ou móvel. Para percebermos a localização de uma cidade ou aldeia num mapa, não basta assinalarmos o ponto ou o sítio. Se quisermos lá chegar temos que conhecer as coordenadas, ou seja a relação dessa localidade com as outras que a enquadram. Assim é no jogo!

N.A. - E essa noção de marcação (a sua) não estará longe daquilo que se vê, daquilo que é a realidade do Futebol português?

J Garganta - Talvez. Conseguir uma defesa mais equilibrada, mais eficaz, que nos permita tirar melhor partido das mais valias do conjunto, tem precisamente a ver com os jogadores não estarem centrados em marcações de pontos, marcações físicas no sentido estrito do termo, mas com a marcação de espaços e da bola, partindo do pressuposto de que valorizamos mais uns espaços do que outros. Ou seja, em determinados espaços permitimos que se circule a bola, noutros não vamos permitir sequer que ela lá entre ou permaneça e noutros ainda vamos tentar imediatamente conquistá-la. O meu entendimento de zona está mais perto desta noção de marcação, porque tudo isto se conjuga. Se tivermos uma noção de marcação muito restrita, o nosso conceito de zona vai padecer disso e ainda que pensemos que defendemos zona, aquilo que efectivamente fazemos é um somatório de marcações individuais ou, quando muito, individuais zonais.

N.A. - Alguns treinadores referem que, se um jogador adversário (por exemplo da linha média adversária) fizer uma desmarcação em ruptura completa, ele tem que ser acompanhado. Penso que isto tem um pouco a ver com o que acabou de dizer, não é assim?

J Garganta - Sim. Numa primeira análise não é conveniente que um jogador acompanhe um adversário nessas circunstâncias, pois penso que tais situações normalmente fracturam e fragilizam a estrutura. Mas pode-se treinar essa situação, isto é, se um treinador pretende provocar e aproveitar esse tipo de situações, deve treiná-las e desenvolver um sistema de compensações eficaz. Se um jogador sai a acompanhar um adversário, os outros devem saber como deverão reagrupar para manter o equilíbrio defensivo. Podemos pensar as coisas desta forma. Porém, o que me parece é que, por norma, não há necessidade de fazer esse acompanhamento a um qualquer adversário, na medida em que ele vai passar para o espaço de outro jogador, ou seja, o tecido pode manter a forma e a função, embora com as «células» colocadas em posições diferentes.

Posso até admitir e perceber que um jogador acompanhe um adversário quando este resolve, por exemplo, procurar profundidade. Mas custa-me muito mais a entender quando são dois e três jogadores a fazê-lo, tanto mais quando são jogadores que integram uma estrutura nuclear como é a do meio campo e que se nota, à vista desarmada, que desconjuntam completamente a estrutura colectiva e facilitam a circulação de bola do adversário em zonas importantes.

N.A. - São vários os treinadores da SuperLiga que referem que o Porto, quando pressiona alto, fá-lo homem-a-homem e não zonalmente. Porquê esta ideia?

J Garganta - Eu não vejo isso assim, embora admita algumas diferenças entre o Porto 2002/2003 e o Porto 2003/2004. Assisti a alguns jogos e não tenho ideia de que os jogadores do Porto façam marcações individuais, mesmo quando fazem pressão alta. Talvez os observadores se deixem encandear pelas acções/movimentações do Derlei. Um olhar atento permitirá ver que ele funciona não apenas como um primeiro tampão, mas sobretudo como um desequilibrador que importuna o portador da bola e os potenciais receptores, na construção do jogo a partir da linha defensiva do adversário. Mas toda a equipa percebe quando pode pressionar de uma forma mais activa, ou quando pode procurar logo a bola. Quando tal acontece um, dois, três jogadores caem sobre o portador da bola e os outros tentam anular as linhas de passe mais óbvias e mais perigosas. Isto não tem nada a ver com marcação individual. Portanto, não estamos a falar de estafetas, ou de jogadores que saem por ondas. Não! Quando essa pressão é feita, é feita «em estrutura». A equipa mantém a sua integridade, não desagrega. As corridas são individuais, mas as acções são coordenadas colectivamente. E é precisamente isso, entre outras coisas, que lhes

permite, quando atacam, dispõem de cinco, seis jogadores, no terço ofensivo e gerarem problemas aos adversários.

N.A. - Esse manter a estrutura e não desagregar passa então por ir ocupar espaços?

J Garganta – Claro. Passa por ocupar e condicionar espaços. Como já referi, se nos centrarmos apenas na bola, vemos o Derlei a pressionar o portador da bola. Mas temos que observar o que acontece em torno dele. Ele aposta nessa acção porque a equipa também o «empurra» para ela, porque lhe dá garantias de que o pode fazer sem pôr em risco a integridade colectiva. Ou seja, o risco pode compensar.

Ao gerir os espaços de forma homogénea, equilibrada, a equipa dá espaço e tempo para que determinadas acções possam ocorrer. É a equipa quem «semeia» essa forma de jogar.

N.A. - Ainda em relação à pergunta anterior, os treinadores que referem que o Porto, quando pressiona alto, fá-lo homem-a-homem, são treinadores que gostam e querem pressionar alto (as suas equipas pressionam alto), mas as referências que dão aos jogadores são individuais, isto é, pedem-lhes para encostarem nos homens e para a equipa «encaixar» no adversário. Pode comentar?

J Garganta - Penso que a noção de «encaixe» é negativa, porque a equipa ao «encaixar» está a submeter-se. Equipas que querem jogar para ganhar, onde quer que seja, não podem ser equipas que andem a «encaixar»! Porque para «encaixar» têm que se meter na «caixa» que outros querem, ou seja, têm que adoptar a forma que os outros lhes impõem. Parece-me mais salutar a ideia contrária! Não temos nada que «encaixar». E não me parece nada que a equipa do Porto defenda dessa forma. Do meu ponto de vista, uma das grandes vantagens da equipa do Porto, quando não tem a posse da bola, é precisamente a permanência numa estrutura dinâmica. A permanência da estrutura em equilíbrio (a integridade), aspecto este que garante a coordenação dos jogadores e o funcionamento em bloco.

N.A. - Ou seja, para que essa coordenação entre os jogadores exista, as referências dos jogadores têm de ser algo mais que simples «pontos no espaço»...

J Garganta - Exactamente. As referências têm de ser áreas, superfícies e não pontos. E a zona tem muito mais a ver com este tipo de referências. Daí que possa ser vista como a antítese da individualização do jogo.

N.A. - Entendendo o conceito de marcação como estar próximo do adversário para evitar que ele receba a bola e jogue, isto é, como uma acção cujo objectivo é anular o oponente directo, quando é que os jogadores devem marcar? Quando é que o jogador se deve centrar no ponto? Em que momentos do jogo?

J Garganta - Como lhe disse, não tenho o mesmo entendimento. Pode-se marcar espaços, e não apenas jogadores. Todavia, existem variadas situações durante o jogo em que a marcação ao adversário directo pode ter lugar. Por exemplo, numa zona mais avançada no terreno e mais pressionante, há um momento em que isso deve acontecer, que é o momento imediatamente a seguir à perda da posse da bola. Isto é, o ponto que coincide com o jogador e a bola (com o portador da bola), passa a ter um significado fundamental. E, aí, a preocupação fundamental do jogador ou dos jogadores mais próximos é permitir que a equipa equilibre a estrutura defensiva e se reorganize defensivamente. E para o fazer, a equipa precisa de tempo (nas grandes equipas pouco, nas equipas menos boas muito), sendo que esse ou esses jogadores vão funcionar como freios do ataque adversário. Para além das situações prementes de impedimento de remate ou de cruzamento, em situações de um contra um, por exemplo ponta-de-lança versus central ou extremo versus lateral, poucos casos vejo em que a fixação num ponto, o mesmo é dizer, num indivíduo, seja tão importante como no momento da perda da posse da bola.

N.A. - Se na transição após perda não lhe parece aconselhável a fixação em pontos (os jogadores marcarem os seus adversários directos), muito menos quando a equipa já está em organização defensiva, correcto?

J Garganta - Aí penso que é perfeitamente contraproducente! Aquilo que me parece adequado fazer, a partir do momento em que a equipa está equilibrada e organizada em função das suas intenções, é começar a pressionar a equipa adversária de uma forma ainda mais activa, tentando, por exemplo, colocar mais jogadores junto do portador da bola, para induzir erros e procurar ganhá-la. Repito que, se aquilo que pretendemos é adoptar uma determinada zona como forma de defender, a noção de marcação não pode restringir-se a um ponto, com algumas excepções. Por princípio, num primeiro momento devemos procurar conter o ataque para permitir a recuperação; depois, havendo um equilíbrio, podemos ser mais ousados e procurar induzir erros para tentarmos ganhar a bola. Mas isto não deve ser confundido com marcações individuais.

A partir do momento em que a equipa sente que está organizada, pode começar a procurar a bola. Como? Sai um primeiro jogador à bola e um colega realiza uma cobertura defensiva, porque sabe que o primeiro provavelmente não vai ganhar a bola, mas que vai induzir o adiantamento da mesma e vai facilitar o desarme ou a intercepção.

Porque a equipa criou condições fazer isso! Mesmo que seja ultrapassado o primeiro, o segundo ou o terceiro jogadores, há garantias de que esse comportamento não vai colocar em perigo o nosso reduto e até nos pode dar vantagem no ataque.

N.A. - Alguns treinadores referem que defendem à zona e que têm a preocupação de encurtar a equipa (em amplitude e em profundidade), mas que cada jogador, na sua zona, marca e encosta no homem que lá se encontra. Pode comentar?

J Garganta - Esse é um exemplo de defesa individual zonal, como tínhamos visto há pouco. Para mim, trata-se não de uma zona, mas de sucessivas marcações individuais. Porque, repare, o indivíduo não está preocupado com a coordenação entre ele, os companheiros e a bola. Ou seja, enquanto que numa defesa à zona eu tenho também como referências fundamentais (para além da bola, da baliza, do adversário,...) os meus próprios colegas, quando eu tenho uma ideia restritiva de marcação, vou estar preocupado, antes, durante e depois, com o adversário, quando para defender bem eu deveria também estar preocupado com a movimentação dos meus colegas de equipa. Em vez de estar centrado quase exclusivamente no adversário, importa atender à forma como gerimos colectivamente a situação. Só assim é que podemos ter uma defesa mais equilibrada, mais racional, mais económica e mais eficaz para o jogo.

As marcações individuais, sejam elas restritas ou zonais, levam a que, frequentemente, nos afastemos dos princípios de jogo. Por exemplo, temos como primeiro e segundo princípios a *contenção* e a *cobertura defensiva*. Logo neste segundo princípio, na cobertura defensiva, está implícita a preocupação com o meu colega. Depois, temos o *equilíbrio*, e em relação, também, aos meus companheiros de equipa. Fundamentalmente, eu sei que, em função da posição da bola e dos adversários, a equipa tem que se agrupar e bascular condicionando o espaço de que o adversário dispõe para jogar. Finalmente, temos a *concentração*. Concentrar os jogadores nos espaços próximo da bola, tornando o campo mais reduzido. Ou seja, ao verificarmos os princípios de jogo, vemos que eles têm a ver obviamente com o adversário, mas também muito a ver com os jogadores da nossa equipa. A leitura que os jogadores fazem do jogo deve passar pelos seus próprios colegas, mas isto, muitas vezes, não é feito. Muitas vezes, não se defende como equipa. Mas, as grandes equipas, essas fazem-no. As equipas que ganham mais vezes denotam um sentido gregário que se expressa na forma como defendem e atacam.

N.A. - Falou algumas vezes na relevância de fechar as linhas de passe mais importantes. Para algumas pessoas, fechar as linhas de passe consiste nos jogadores «encostarem» nos adversários sem bola...

J Garganta - Fechar linhas de passe não implica encostar ao adversário, mas estar predisposto para condicionar os canais de circulação da bola. Uma coisa são linhas de passe, outra coisa são estações de recepção da bola. Ao encostar actuamos sobretudo na parte final, na recepção propriamente dita, mas não nas vias de circulação. Actuamos no destino mas não no caminho para lá chegar. Fechamos uma linha de passe, se partirmos do princípio que o jogador em quem eu vou «encostar» vai ficar lá parado! Da mesma maneira, pensar que vamos marcar um indivíduo «encostando-nos» a ele, pode ser a pior forma de o marcar. Mesmo que estejamos a pensar numa marcação individual! Por exemplo, se nos «encostarmos» ao Zidane isso torna-se vantajoso para ele, porque o mesmo vai receber a bola, vai sair a jogar noutros espaços e já é menos um a defender! A marcação «em cima» a um jogador que tenha uma boa relação com a bola é como brincar ao gato e ao rato.

Quando não temos a posse da bola, é muito importante condicionar a equipa adversária: condicionar o espaço, bloquear as acções de circulação de bola,... E esta intenção de jogo vai-nos desviando para uma noção e um entendimento mais global do jogo, ao mesmo tempo que nos vai afastando de aspectos como o estarmos preocupados com pontos. Porém, para quem tem pouca cultura táctica, é muito mais fácil estar preocupado com um indivíduo do que com o jogo e, quanto menor é o nível de mestria dos jogadores (neste caso do ponto de vista defensivo), mais eles têm a tendência para se amarrem a marcações individuais. Porque não percebem o jogo, porque não sabem onde é que se devem colocar, se houver necessidade de coordenar as acções, de compensar, de bascular, de avançar ou de recuar.

N.A. - É correcto afirmar que a acção de marcação (deste ponto de vista mais redutor) implica reacção e exige dependência?

J Garganta - É óbvio que sim! Uma equipa que esteja preocupada com marcações, no sentido restritivo do termo (marcação a jogadores), está sempre condicionada. É a tal questão do «encaixe»: estão condicionadas, pois têm que «encaixar» numa caixa que foi construída e imposta pelo adversário. Aquilo que me parece relevante é entender que o mais importante na defesa, na fase defensiva, é ser capaz de «virar o feitiço contra o feiteiro», ou seja, é conseguirmos, mesmo sem ter a bola, mandar no jogo. E as grandes equipas não «encaixam»; é o adversário quem tem que «encaixar» o ataque na sua forma de defender.

N.A. - A defesa homem-a-homem coloca ênfase nas acções de marcação, no sentido negativo do termo. E a defesa à zona?

J Garganta - A defesa à zona coloca ênfase, sobretudo, nas probabilidades de evolução do jogo. Não tem apenas que ver com o presente, mas também com o futuro do jogo. Fundamentalmente, a zona permite uma melhor percepção das possíveis evoluções para situações de ruptura por parte do adversário, particularmente pela maior «tranquilidade» e lucidez que possibilita a quem defende. Repare-se, é muito diferente andar atrás dos jogadores ou criar condições de tempo e de espaço para ver melhor o jogo e para melhor o pensar. Quando estamos demasiado preocupados com indivíduos, não conseguimos ter uma imagem global do jogo. Até podemos ter noção de que houve uma ruptura, mas apenas porque o nosso adversário nos fugiu e não por estarmos a perceber o jogo por inteiro. Por estarmos preocupados com aspectos mais pontuais, perdemos de vista o jogo e a sua dinâmica. Portanto, muito mais relevante do que nos centrarmos no adversário, na pessoa, é centrarmo-nos nas linhas de força do jogo e naquilo que a equipa adversária pode fazer para tirar vantagem, e isso implica condicionarmos o espaço e o tempo. Se fizermos isso, poderemos dificultar as tarefas do adversário e facilitar a nossa.

N.A. - O Maradona refere que com a experiência foi percebendo que gostava mais que o marcassem individualmente, porque, dessa forma, se livrava mais facilmente dos adversários. Com a marcação à zona era mais complicado. Já tocámos neste ponto, não sei se quer acrescentar alguma coisa?

J Garganta - Já o disse atrás. Do meu ponto de vista, esse tipo de marcações retira mais tempo e espaço a quem marca do que a quem é marcado, principalmente se estivermos a falar do Maradona, do Zidane, do Alenitchev, do Hugo Viana, do Cristiano Ronaldo, do Raúl,... É um suicídio marcar este tipo de jogadores a «encostar», ou a perseguir, porque isso condiciona mais quem marca do que quem é marcado.

N.A. - Quais são, para si, os principais indicadores que nos permitem dizer que uma equipa defende à zona? Gostava que na sua resposta abordasse também a questão do trinco, do central de marcação e do *libero*, se fosse possível.

J Garganta - Penso que os principais indicadores que nos permitem identificar uma zona não passam por haver um trinco, um central de marcação e um *libero*. O que nos permite identificar uma zona não é uma fotografia, mas um filme, ou seja, algo dinâmico que nos dá a perceber se as movimentações ou a forma como os jogadores vão evoluindo no terreno são ou não coordenadas em função da posição da bola, da posição dos colegas e da posição dos adversários. Por exemplo, o facto de nós percebermos num jogo que uma equipa, quando perde a posse da bola, encurta os espaços de uma forma coordenada, harmónica, equilibrada, que executa movimentos de basculação de uma forma apropriada no sentido de encurtar os espaços entre linhas, que tem a preocupação de fazer sair um jogador para fazer a contenção, e que dá sequência através de imediatas coberturas e do reagrupamento da equipa, todos estes são indicadores macroscópicos importantes. É também um indicador relevante não ver jogadores a correrem atrás de indivíduos, como se lhes tivessem roubado a carteira. Outro indicador que tem a ver com a noção de zona, é precisamente o facto da equipa se revelar activa a defender, mas simultaneamente o fazer com tranquilidade, com equilíbrio, com tempo para «digerir» a jogada. Se estivermos na presença de uma zona, na verdadeira acepção da palavra, é possível perceber um movimento global harmónico, desde o ponta-de-lança até ao guarda-redes.

N.A. - Uma vez que já referiu algumas, diga-me quais são, para si, as grandes vantagens da defesa à zona.

J Garganta - Entendo que a zona quase só tem grandes vantagens. Penso até que a sua principal desvantagem talvez seja também a principal vantagem, passe a aparente contradição. Ou seja, para se fazer uma zona na verdadeira acepção da palavra, as equipas têm de ser inteligentes, têm de ter cultura táctica, têm de ter uma boa formação, e têm de dispor de jogadores bem treinados e que leiam e percebam muito bem o jogo. Exige muito treino de coordenação, de ligação nas transições e no reagrupamento da equipa, imediatamente após a perda da posse da bola. Mas, do meu ponto de vista, o treino deve ser precisamente isso! Procura-se criar hábitos, configurar o comportamento dos jogadores, tentando que eles interiorizem determinados princípios e os exprimam em competição. E é isto que se passa com as grandes equipas! Se num determinado sítio ou momento fazem pressão, noutra já não fazem. Isto tem a ver com o entendimento das coisas, com o trabalho, com a inteligência, com o talento. As grandes equipas, mesmo quando dão uma ideia de maior passividade, sempre se comportam como predadores. Provavelmente elas estão a deixar jogar a bola em determinada zona para, depois, tirarem partido disso. Como alguém disse, os lobos não caçam sozinhos, não caçam individualmente. Pode haver um momento em que um sai à presa para a desmortejar, mas os outros não ficam apenas a observar!

N.A. - Em relação a essa questão de serem precisos jogadores inteligentes, será correcto afirmar que é preciso ter melhores jogadores para se defender à zona?

J Garganta - Para se defender à zona é preciso perceber bem o jogo. É importante ter bons jogadores, mas mais importante é ter boas equipas e isso «faz-se» no treino, todos os dias.

Há que treinar bem, há que treinar de acordo com as intenções, com as finalidades que queremos perseguir. Se dispusermos de jogadores com boa formação para aderirem a esse tipo de treino, estamos em vantagem. O facto de um maestro dispor de músicos excepcionais, proporciona-lhe boas perspectivas de formar uma orquestra de alta expressão musical, mas esse pressuposto apenas pode ser validado através do trabalho diário de coordenação, da construção do conjunto, do *team building*.

É condição importante dispor de jogadores que tenham cultura táctica, na medida em que é muito difícil chegarmos a uma equipa de seniores e tentarmos formar jogadores para defenderem zona de uma forma correcta, inteligente e eficaz, quando eles passaram o resto da sua vida a defender individualmente. É complicado, mas ainda assim existem formas de se garantir o mínimo de eficácia. Se tivermos a oportunidade de treinar jogadores inteligentes e cultos taticamente, jogadores que tenham sido alvo de uma formação táctica adequada, é óbvio que em menos tempo podemos retirar mais vantagens. Mas o treino, os exercícios vão ser, sempre, muito importantes.

N.A. - Desvantagens da zona?

J Garganta - Para mim, são aquelas que referi como sendo também algumas das vantagens: exigir cultura táctica e inteligência; implicar trabalho continuado e sistemático para sincronizar as acções; reclamar a percepção clara entre as diferentes fases do jogo; exigir coordenação entre os jogadores.

O trabalho de zona é também um trabalho de paciência. Ainda que haja zonas mais activas do que outras, é um trabalho de paciência. Mas, ao mesmo tempo, é um trabalho que desde que os jogadores estejam cientes de que garante resultados positivos, acaba por resultar.

N.A. - A literatura fala numa maior iniciativa dada ao adversário e em fragilidades nas mudanças de flanco...

J Garganta - Penso que não. Essas fragilidades nas mudanças de flanco podem ser só aparentes, na medida em que ocorrem porque a equipa está posicionada para cobrir zonas mais perigosas do que essas. Como onze jogadores nunca poderão cobrir todo o terreno há sempre que fazer opções. É uma questão de equacionar a relação custo-benefício. Para além disso, humanamente é difícil colocar a bola tão rapidamente no corredor oposto de modo a que não dê tempo para a equipa oscilar, ou pelo menos para alguns jogadores o fazerem. E mesmo esse factor só se constitui como surpresa se nos treinos não trabalharmos tais situações e não soubermos como contrariá-las. Sabemos, por exemplo, que no «lado forte» os jogadores devem realizar movimentos horizontais, enquanto que para cobrir o «lado fraco» eles se devem mover na diagonal. É óbvio que se corre sempre alguns riscos, mas, de todos eles, parece-me que a zona é a forma de defender que nos permite correr menos. Na zona é a mudança de flanco; nas outras formas de defender é permitir que se jogue em espaços bem mais «valiosos», como são os que se situam no eixo baliza-baliza, mais especificamente nos sectores intermédio e ofensivo.

N.A. - O que é que prevalece ao nível das equipas de top? É a defesa à zona?

J Garganta - Parece-me que grande parte das equipas de topo apostam numa defesa à zona, a qual pode ser mais alta ou mais baixa, em função de uma estratégia global que se prende com o modelo de jogo, mas também de acordo com as estratégias particulares que traçam para cada partida.

A zona é o conceito de base, ainda que a sua configuração obedeça a diferentes matizes. Ou seja, salvaguardando as respectivas *nuances*, parece-me que a zona, nas equipas de topo, emerge como sendo um traço de identidade defensiva.

N.A. - E em Portugal?

J Garganta - Em Portugal conheço, no momento, duas equipas que adoptam uma zona eficaz: o FC Porto (embora mais na época passada do que nesta) e o Beira-Mar.

Se falarmos, por exemplo, do Benfica, do Boavista ou do Sporting, acho que se verifica uma espécie de hibridismo, ou seja, nota-se a existência de jogos em que a zona predomina durante algum tempo, mas, a partir de determinados momentos, passa-se a defender de outra forma, sem que se vislumbre razão para tal. No mínimo isto significa que não há uma aposta clara na zona, como ideia-força. Portanto, neste momento, das equipas que tenho visto jogar, a do FC Porto e a do Beira-Mar são as únicas que apostam claramente nessa forma de defender, independentemente da zona do campo em que estão a «armar a teia».

N.A. - Falou-me dos três grandes. E o grosso das equipas da SuperLiga?

J Garganta - Eu não as vejo jogar a todas. Porém, por aquilo que me tem sido dado a observar, verifico que quanto mais se baixa na tabela classificativa maior obsessão parece haver pelas marcações individuais. Ou seja, parece-me que quanto melhor é o nível da equipa, maior é a frequência com que utiliza a zona. E talvez ainda se

possa fazer outra associação: quanto melhor é o nível da equipa, mais essa zona é realizada em espaços mais avançados, mais próximos do reduto defensivo adversário.

N.A. - Quais são então as razões que levam a maioria dos treinadores a optarem pela defesa individual (restrita e/ou zonal) em detrimento da defesa à zona?

J Garganta - Não sei. Não faço a mínima ideia porque é que isso acontece. Custa-me admitir que pessoas que fazem do treino profissão e que pensam (ou devem pensar) nestas coisas todos os dias façam estas coisas porque vêem ou porque viram fazer. É algo difícil de explicar e eu não sou a pessoa indicada para o fazer. Terão que ser os próprios a explicarem porque é que apostam nessas formas de defender. Mas antes disso é preciso que eles reconheçam que o fazem.

N.A. - Quais as grandes desvantagens de uma defesa individual zonal (como é natural, uma defesa individual restrita exacerbará essas desvantagens)?

J Garganta - Prejudica a equipa porque induz desequilíbrios que são altamente nocivos, porque desestruturam o bloco defensivo, o colectivo. Ou seja, faz com que as tarefas passem a estar centradas em acções individuais e com que se perca todo, a coordenação das acções, a ligação. No Futebol fala-se muitas vezes em entrosamento a atacar, mas não se fala nisso a defender! E, para mim, é extraordinariamente importante que esse entrosamento se possa expressar também quando não temos a posse da bola e a procuramos. Quando partimos para uma defesa de tipo individual restrita ou individual zonal, estamos a esboroar a estrutura colectiva e, consequentemente, a fragilizá-la e a criar condições - espaço e tempo - para que os adversários joguem nos espaços onde nós não queremos que joguem. Ao apostar-se em marcações individuais, hipoteca-se jogadores e, se a equipa adversária souber aproveitar essa situação, isso torna-se altamente nocivo. Já para não falar na dimensão física, isto é, no desgaste, na erosão física que provoca nos jogadores em comportamentos que têm pouco a ver com o jogo, que não têm a ver com aquilo que seria o mais vantajoso para quem defende. Resumindo, ao desagregarmos a nossa estrutura, estamos a criar condições para que o adversário chegue melhor e mais rapidamente à nossa baliza.

N.A. - O Valdano refere que quem marca homem-a-homem corre por onde o adversário quiser...

J Garganta - É a tal situação de andarmos a encaixar, mais a reagir do que a agir, de estarmos mais condicionados do que a condicionar. E, tal como já referi, mesmo não tendo a bola, podemos condicionar fortemente o adversário, em vez de sermos condicionado por ele.

N.A. - Partindo do pressuposto que existe uma relação entre a forma como defendemos e a forma como atacamos (tal como disse, no fundo o que existe é jogo), de que forma é que defender individualmente prejudica a equipa ao nível do ataque? Quais as consequências da defesa individual (restrita ou zonal) para o ataque?

J Garganta - Eu não acredito que uma equipa possa estar muito ligada a atacar, se não estiver também ligada na procura da bola. Ou seja, acho que é mais fácil e mais natural a transição e a ligação daquilo que é jogo (e não fases como nós de forma artificial dizemos). Se o jogo é jogo, então ele é continuidade, é fluidez. Ao criarmos condições para sermos equipa quando defendemos, certamente que mais facilmente continuaremos a ser equipa quando ganharmos a bola, não só em relação ao primeiro tempo, ao primeiro passe, mas também em relação à criação de linhas de passe, à repartição dos jogadores de uma forma racional pelo terreno de jogo no sentido de rapidamente podermos criar várias linhas de passe em apoio e garantir algumas linhas de passe em ruptura,... Penso que essa transição é mais fácil e natural se jogarmos como uma estrutura versátil, mas que não desagrega ao longo do jogo. É a integridade que confere identidade!

Vamos imaginar que cada jogador anda atrás do seu adversário e que, de repente, a equipa ganha a posse da bola. Os jogadores vão estar nas posições para onde os levou o adversário, ou seja, não estão nos locais onde podem receber a bola e criar condições para atacar, mas sim nos locais para onde foram condicionados a ir. Isto significa que uma equipa que esteja preocupada com o adversário do ponto de vista individual, terá grandes dificuldades em preparar a construção do ataque ainda em fase defensiva, porque a questão do tempo é fulcral, neste domínio. Demorar muito a organizar significa prolongar a desorganização, e, portanto, falhar.

Já a zona permite criar condições positivas, na medida em que sabemos que quando ganharmos a posse da bola dispomos de vários jogadores em zonas que podem funcionar como primeiras estações de recepção e que possibilitam, por exemplo, tirar rapidamente a bola da zona de pressão e mais facilmente sair a jogar. Se os jogadores andarem atrás dos adversários, eu posso ter ou não ter estas referências de passe. Depende de onde estiverem os adversários!

N.A. - Poder-se-á fazer um paralelismo entre o defender homem-a-homem e um Futebol mais directo com passes em profundidade e entre a zona e a procura de um ataque mais continuado e alicerçado na posse da bola?

J Garganta - Há centenas de formas de se jogar Futebol. O importante é considerar a relação custo-benefício dessas formas, em função do modelo de jogo e dos jogadores que temos. Considerando que o Futebol é fundamentalmente um jogo de transição, os «bastidores» são extremamente importantes (os bastidores dentro do próprio jogo, a cozinha do jogo, onde se confeccionam as acções críticas), nomeadamente a zona onde estão os chamados *playmakers* e os *pacemakers*, isto é, os jogadores importantes ao nível da condução do jogo e da marcação do respectivo ritmo. Mas a eficácia das suas acções depende de alguns pressupostos. Se queremos utilizar o ataque posicional, se queremos jogar apoiado, se queremos construir e tecer o jogo, é óbvio que isso é muito mais fácil e muito mais equilibrado a partir de uma Zona, pois os jogadores desagregam-se menos, ocupam mais racionalmente o terreno, conseguem criar mais vezes superioridade numérica junto da bola,... No fundo, a transição é mais natural, na medida em que a zona garante um certo equilíbrio entre as diferentes tarefas a realizar.

N.A. - Vamos supor que uma equipa até tem alguma qualidade ao nível do garantir do equilíbrio defensivo na fase ofensiva. Esse equilíbrio não se poderá dissipar se, a partir do momento em que perde a bola, a equipa partir para as referências individuais?

J Garganta - Claro! A partir do momento em que uma equipa passa a subordinar a sua movimentação à acção do adversário, não é ela quem dita o sentido do jogo, é o adversário! Isto é claro como a água! Se garantirmos algum equilíbrio, estando atentos à movimentação dos jogadores adversários, mas sabendo que estamos a jogar da forma que nos é mais vantajosa, isso é positivo. Se perdemos a posse da bola e partimos para referências individuais, é óbvio que tudo se desagrega, e tanto mais quanto melhor os adversários perceberem isso. É óbvio que ninguém vai fazer marcações individuais restritas a todos os jogadores. Contudo, jogadores que têm uma função nuclear no jogo estão muitas vezes hipotecados em tarefas defensivas individuais, para andarem a perseguir adversários, descurando o eixo do terreno, onde são necessários não só para defender como para ligar o jogo a partir do momento em que a equipa ganha a posse da bola. E depois ouvimos dizer que a equipa não consegue ganhar o meio campo e que é preciso povoar mais essa zona! É preciso é povoá-la de uma forma adequada, porque quando lá metemos mais gente, metemos mais um que vai andar atrás de outro. E continuamos com o mesmo problema! A resolução do problema passa pela gestão da forma de defender e não necessariamente pelo número de jogadores.

N.A. - Podemos então concluir que a zona é algo quase de imprescindível face à importância das transições no Futebol actual, na medida em que permite que a equipa apenas dependa de si nas alturas importantes do jogo, não estando em função do adversário?

J Garganta - Sim. Pode haver muitas formas de se jogar Futebol, de se atacar, de se defender, de se fazerem as transições, mas considero a zona uma forma a privilegiar em termos defensivos. Agora, dentro de uma defesa à zona podemos criar tarefas particulares onde determinados jogadores podem estar mais atentos relativamente a um dado espaço ou jogador adversário ou até mesmo fazer uma marcação individual zonal. Defender em vários espaços, em vários momentos, articular isso nos diferentes corredores e sectores, uma zona mais alta, mais baixa, os movimentos de basculação, tudo isso é muito importante. Precisa de um treino mais qualitativo, um treino de coordenação dos jogadores, de cultura táctica. Precisa que se construa uma gramática do jogo e que se treine para que os jogadores assimilem uma linguagem comum. Vou até dizer-lhe o seguinte: penso que um jogador que saiba defender zona, é um jogador mais predisposto a saber como atacar, como ocupar os espaços e como utilizá-los. Ou seja, o trabalho da zona é algo que reclama uma cultura táctica aos jogadores do ponto de vista da compreensão dos espaços, do fechamento de linhas de passe. E se um jogador sabe como fechar linhas de passe, provavelmente também aprenderá mais facilmente como as abrir quando a sua equipa tem a bola. Portanto, quase que por extensão, um indivíduo adquire algumas noções e competências que podem ser muito úteis quando a equipa está na fase ofensiva. Quem sabe jogar à zona conhece melhor o jogo e os seus atalhos. Resumindo, considero que a zona permite compreender o jogo por dentro. Compreender a totalidade do jogo. Nas marcações individuais aprendemos a marcar um indivíduo, mas não quer dizer que saibamos o suficiente acerca do jogo. Eu peço a um indivíduo que não perceba nada de Futebol para entrar no campo e seguir o número cinco e ele segue. Mas, saber para onde se deve movimentar, saber se deve cortar determinada linha de passe, saber se deve ou não estar próximo do homem que tem a bola, para isso tudo é preciso ter cultura táctica, cultura de jogo. Neste sentido, a zona encerra numerosas vantagens, tanto na formação como no alto rendimento. Mas como tudo o que é importante, leva tempo a adquirir e necessita de um trabalho continuado.

N.A. - É possível uma equipa sem a posse da bola ter a iniciativa do jogo?

J Garganta – Penso que sim e, aliás, já o disse atrás. Normalmente, identifica-se posse da bola com iniciativa do jogo, porém, podemos constatar que há muitas equipas que têm a posse da bola, mas que não conseguem dispor da iniciativa do jogo. É evidente que ter a posse da bola nos permite, se soubermos como a queremos utilizar e se a soubermos utilizar, ter a iniciativa do jogo. Mas há equipas (as melhores) que conseguem condicionar muito o jogo do adversário sem terem a posse da bola. Precisamente porque não «encaixam» no adversário, bem pelo contrário, a equipa que está a atacar é que tem que «encaixar» e é-lhe condicionada a forma de atacar, a forma de circular a bola.

N.A. - O Menotti afirma que a zona é liberdade. Concorda com esta ideia?

J Garganta - A zona é liberdade, mas, como toda a liberdade, assenta em princípios. Só existe liberdade se houver princípios que a enquadrem, se existir responsabilidade, para que se não transforme em «bagunça». A liberdade não passa por cada um fazer o que quer sem se importar com tudo o resto. Para mim, a zona é sobretudo uma forma de libertação, ou seja, liberta os jogadores e dá-lhes mais iniciativa para funcionarem de acordo com aquilo que é o jogo. E, a partir do momento em que a equipa consegue condicionar o adversário, liberta os jogadores para ganharem a bola e poderem jogar de uma forma que me parece alimentar melhor um Futebol de boa qualidade.

Para mim, a zona é a liberdade da responsabilidade colectiva, ou seja, se numa defesa mais individual eu estou preso ao adversário, a zona liberta-me para uma responsabilidade colectiva, para que consigamos jogar como equipa. E quanto mais a equipa for equipa em todas os momentos do jogo, mais vantagens tem.

N.A. - Maturana refere que a zona faz da defesa a arte de atacar (penso que se estava a referir a uma zona mais agressiva, à chamada zona pressionante). O que é que lhe parece?

J Garganta - Parece-me mais fácil falar da zona em contraposição às defesas individuais ou individuais zonais. A defesa individual restrita é quase uma tolice pessoal intransmissível, é assim uma coisa que, do meu ponto de vista, não tem muito sentido. Parece que estamos a transformar um jogo colectivo em diferentes jogos individuais, como se jogássemos um contra um em todo o terreno. Concordo com a afirmação do Maturana, que a zona faz da defesa a arte de atacar, mas não concordo que seja apenas a zona pressionante ou uma zona alta. Parece-me que podemos fazer da zona uma arte de atacar mesmo que seja uma zona mais baixa, se entendermos que assim podemos ser mais eficazes. Por isso, não me parece certo identificar uma zona eficaz apenas com uma zona alta, embora se verifique que várias equipas de alto rendimento utilizam uma zona alta. Mas, para que isto não se torne uma questão de moda, temos que perceber que essas equipas não fazem sempre isso e sabem quando o devem fazer e quando tal não se afigura conveniente. Ou seja, uma zona alta só é eficaz quando se sabe como e quando fazê-la. Como fazer, as equipas de topo sabem, o problema normalmente é o quando fazer. E o «quando fazer» tem repercussões no «como fazer», porque, em Futebol, fazer demasiado tarde ou demasiado cedo equivale a não fazer bem.

Concordo que podemos fazer de uma zona mais agressiva, de uma zona pressionante, a arte de atacar, porque transferimos tempo e espaço do adversário para a nossa «conta de jogo», mas depois tudo depende da forma como somos capazes de gerir os momentos que se seguem à conquista da posse da bola.

N.A. - Ou seja, para que a zona se torne a arte de atacar, ela não tem que ser alta ou baixa, mas tem necessariamente que ser uma zona pressionante, a partir do momento em que a equipa decide tentar conquistar a bola.

J Garganta - Assim penso. E mesmo obedecendo a um figurino, a uma regularidade, a zona eficaz nunca será sempre alta, nem sempre baixa. O mais importante é saber como, quando e onde «armar» a equipa, em função do que está a acontecer e do que pode decorrer disso.

N.A. - Poder-se-á dizer que o Futebol de ataque sai beneficiado se a equipa defender à zona?

J Garganta - Como princípio geral, considero a zona mais racional, mas ela só o é de facto, quando trabalhada de forma adequada. Não se trata de colocar os jogadores na zona e pronto, aí temos a eficácia!

Se uma equipa defender à zona com a intenção de ganhar a bola em determinados espaços e de preparar e antecipar as acções ofensivas, acho que isso sim estará perto dessa afirmação.

N.A. - Uma equipa que queira ser muito ofensiva tem, quase obrigatoriamente, que defender à zona. Consegue encontrar argumentos que apoiem esta ideia?

J Garganta – Vou voltar à ideia de que existem muitas formas de defender à zona! As generalizações podem ser perigosas se não forem acautelados alguns aspectos. A uma equipa que tenha condições para trocar a bola com segurança no seu terço ofensivo, convém-lhe adoptar uma zona alta, por várias razões. Porque, entre outras, mantém a bola afastada da sua área e tem mais probabilidades de, ao conquistá-la, criar situações de perigo para o

adversário. E também porque tem que correr menos e porque cria, do ponto de vista psicológico, um ascendente sobre o adversário, mesmo quando se encontra na fase defensiva. Neste caso, a equipa ao comportar-se de forma agressiva colectivamente, não dá espaços, não dá tempo. Não deixa jogar! A outra equipa não pode jogar! Contudo, se os jogadores denotarem mais dificuldades em atacar sempre que ganham a posse da bola no terço ofensivo, e se sabemos que esses mesmos jogadores trocam a bola mais a propósito a partir de trás, não é vantajoso apostar num tipo de trabalho defensivo com uma zona *pressing* alta, pois vamos dificultar a construção do próprio ataque. Por isso me é difícil dizer, em abstracto, qual o melhor método, qual a melhor forma.

Portanto, para formações que tenham nível para pressionar alto, e que disso saibam tirar partido, essa forma pode ser muito eficaz, tal como algumas das melhores equipas já o comprovaram.

Se me perguntar assim: «Se pudesse escolher jogadores para jogar de uma determinada forma, defensivamente, qual seria a sua aposta?». Apostava numa zona-*pressing* alta, não dava espaço ao adversário, não o deixava jogar! Tentava ganhar a bola ali na frente. É óbvio que para termos a equipa sempre em cima do adversário, temos que nos preocupar com coisas bem diferentes daquelas que teríamos se jogássemos com uma zona recuada. Por exemplo, no primeiro caso é natural que a bola vá ser batida muitas vezes para a frente pela equipa adversária, uma vez que está ir a sentir-se pressionada.

N.A. - Hoje em dia fala-se muito em *pressing* e em pressão alta, sendo que isso pode ser feito zonalmente ou homem-a-homem (quando digo homem-a-homem refiro-me aos jogadores terem como referência o adversário que cai no seu raio de acção, aquilo a que o professor chama de marcação individual zonal). Acha coerente pedir-se aos jogadores para fazerem «campo pequeno» (bloco compacto) e, simultaneamente, um *pressing* homem-a-homem?

J Garganta - Passe a ironia, seria mais lógico pedir aos nossos adversários que nos ajudassem a fazer isso.

Acho que é contraditório e suponho que não estaremos sintonizados no plano terminológico! Parece-me que a noção de *pressing* tem pouco ou nada a ver com defesa individual. O *pressing* é uma acção mais global, mais de conjunto e reporta-se ao domínio das linhas de força do jogo e não aos adversários directos. É óbvio que, em algumas situações, podemos estar mais atentos ao adversário directo, mas essa não é a regra, é a excepção. A regra é perceber os espaços do jogo, perceber as linhas de força e saber como geri-los em proveito da equipa.

N.A. - A zona-*pressing* é um bloco. É um jogador quem o coordena ou é a equipa que responde a situações que estão a acontecer?

J Garganta - Eu penso que podem ter lugar ambas as situações. Depende do jogo, do que está a acontecer, e também das equipas. Normalmente, o jogador mais próximo do portador da bola deve desencadear uma acção que deve ter como objectivo retardar a construção do jogo adversário. E esse primeiro tempo defensivo (que não deve ser uma saída «à queima» como muitas vezes se vê!), ainda que aparentemente individual, poderá ser um sinal para o colectivo. Ou seja, é um sinal que significa «vamos fechar aqui», «vamos subir». Mas como também já mencionei, pode acontecer o contrário, isto é, a equipa, pela sua acção, pode «empurrar» alguns jogadores para essas tarefas dando-lhes a entender que podem arriscar com segurança, porque o risco compensa.

N.A. - Referiu algumas vezes que defender à zona é mais económico em termos físicos. Porquê?

J Garganta - A zona é mais económica, porque a gestão do esforço é mais equilibrada, mais repartida. É a equipa quem suporta os gastos e não três ou quatro jogadores. E isto é como quando se janta num restaurante; se onze estão a jantar e a conta é a dividir por onze, cada um paga menos do que pagariam três ou quatro se fossem eles a suportar a despesa.

Em vez de transformarmos as tarefas defensivas numa prova de estafetas, transformamo-las num tecido vivo que actua em conjunto. Num tecido inteligente que se vai adaptando e que, fundamentalmente, vai induzindo adaptações na equipa contrária, ou seja, que vai adoptando formas e movimentos no sentido de conseguir retirar vantagem disso. Penso que a zona, quando bem feita e bem interpretada, é uma forma inteligente de defender. A defesa individual, seja ela restrita ou zonal, é uma forma mais automática e mais reactiva de defender. Acima de tudo, penso que a Zona concorre mais para a qualidade do jogo.

N.A. - E o caso extremo de uma zona *pressing* alta? Por exemplo, o Mourinho já referiu nos jornais que a forma como defendia era extremamente desgastante e que a equipa tinha que saber descansar com a bola.

J Garganta - Isso é verdade, em parte. Porém, do meu ponto de vista, ainda que seja mais desgastante, trata-se de um desgaste mais equilibrado e mais benéfico para o jogo. Quer isto dizer que o investimento compensa. Ou seja, ainda que do ponto de vista psicológico sejam exigidos aos jogadores altos níveis de concentração, os quais prolongados no tempo levam a um desgaste elevado, se a zona for feita de uma forma coordenada, como deve ser, não sei se o desgaste físico terá um tão grande impacto negativo no jogo, quando comparado com uma situação em que temos indivíduos a correr atrás dos adversários ou alguns a fazerem pseudo-zona e outros a marcarem

individualmente. Uma zona *pressing* exige uma concentração elevada do ponto de vista mental e implica que, sistematicamente, se encurtem distâncias recorrendo a acções de média-alta intensidade. Noutras formas de defender podemos ser obrigados a realizar repetidos sprints e a andar sempre de um lado para o outro. Do ponto de vista da fadiga central, aí sim, parece-me que uma zona *pressing* é muito exigente. Mas do ponto de vista de uma fadiga mais «física», não sei se uma zona *pressing* alta será mais desgastante do que outros tipos de defesa que nós por aí vemos que não são carne nem são peixe, são defesas híbridas, nas quais assistimos à falência precoce dos jogadores.

E também percebo que a situação de «descansar com bola» possa ser importante, ou seja, eu não diria descansar com bola mas pausar o jogo, não tanto com o sentido de descansar, mas com o sentido de tornar o jogo mais tecido, mais pensado, mais ligado e mais distribuído pelo colectivo. E, se assim for, é a bola quem anda mais, ou seja, é a bola quem corre mais e nós não precisamos de correr tanto. O jogo pode continuar a ter velocidade e um bom ritmo, sem que os jogadores precisem de correr tanto. É o que se passa na zona, em comparação com o que se passa no ataque quando se joga de pé para pé, de forma mais colectiva. E, considerando as exigências que são colocadas ao longo de uma época desportiva, todos estes aspectos somados acabam por ter um significado muito importante.

N.A. - Relativamente à permanente relação que deve existir entre a defesa e o ataque, um entrevistado meu refere que a marcação homem-a-homem (defesa individual zonal) serve apenas o momento defensivo. Concorda?

J Garganta - Penso que nem isso! Compreendo a afirmação, mas estou convencido de que nem sequer serve da melhor forma o momento defensivo. Num terreno com as dimensões de um campo de Futebol, com o número de jogadores envolvidos e com o espaço físico que teoricamente cabe a cada um, parece-me um contra-senso fazer-se esse tipo de marcações (salvo raras excepções). Veja-se, por exemplo, o Ricardo Carvalho e a forma como joga; veja-se a disponibilidade que tem para também participar no jogo ofensivo, quando a equipa ganha a posse da bola. Ele faz isso porque tem uma mentalidade de zona, uma intenção construtiva. Não é um perseguidor de adversários. Sabe onde está e o que é que deve fazer, sabe posicionar-se, sabe quando deve sair ou ficar. Não anda atrás deles, anda atrás do jogo. Esta é uma postura, uma atitude diferente da daqueles centrais a que estamos habituados e que procuram sistematicamente o contacto físico, andando sempre «em cima» do ponta-de-lança ou do indivíduo que ali estiver, desligando-se quase por completo do cenário do jogo. Ele é um exemplo de que a defesa individual, grande parte das vezes, nem a fase defensiva serve.

N.A. - Por tudo o que foi dito, parece correcto afirmar que o «sistema de marcação», ainda que não seja uma «táctica de jogo», pode condicionar toda a sua dinâmica, não é assim?

J Garganta - Condiciona claramente. Mas o sistema de marcação configura a táctica de jogo e não pode ser visto separadamente dela. Ele não é a táctica de jogo, mas concorre para ela. Pode ser determinante para o resultado final e é, seguramente, determinante na implementação de uma dinâmica de jogo.

N.A. - Uma equipa, para ser de top, tem de defender à zona?

J Garganta - Sim, mas há que dizer algo mais. O importante é percebermos e fazermos perceber aos jogadores em que tipo de zona é que nos interessa apostar. Como princípio geral, admito que uma equipa que quer ser de topo deve apostar em formas inteligentes de jogo e, para mim, os comportamentos inteligentes são mais compatíveis com a zona. A zona está, do meu ponto de vista, mais próxima de um Futebol evoluído.

N.A. - O Eriksson referiu, numa entrevista, que a defesa à zona ajudou a melhorar a qualidade dos espectáculos do Futebol italiano. O que pensa acerca desta ideia?

J Garganta - Eriksson sabe do que fala, porque conhece bem a realidade italiana, mas também é um facto que nos tem sido dado a observar que muitas das «zonas» adoptadas pelas equipas italianas não têm promovido um tipo de jogo de pendor ofensivo. Em coerência, só posso voltar a dizer que falar-se apenas de zona não é suficiente. Importa desmistificar um pouco isso. Nós verificamos que várias equipas italianas defendem à zona, mas que não praticam um Futebol que agrada, um jogo que seja atractivo. Pelo menos para quem gosta de Futebol, para quem gosta de ver um jogo mais fluido, mais artístico, mais tecido. Como princípio, a zona é uma forma mais equilibrada, mais racional e mais económica de defender face à(s) lógica(s) do jogo de Futebol. Mas também é verdade que umas zonas produzem melhores resultados, para a defesa e para o ataque, do que outras. E tal depende do que uma equipa quer fazer com a zona adoptada.

ENTREVISTA A LUÍS CAMPOS

Ex-Treinador Principal do Varzim Sport Clube
Hotel Suave Mar (Esposende), 23 de Setembro de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Gostava de começar por saber se acredita que, ao apostarmos em jogar bom futebol, em jogar um futebol ofensivo, estamos sempre mais próximos da vitória?

Luís Campos (Campos) - Com a experiência que fui ganhando ao longo de todos estes anos, eu acredito cada vez mais no equilíbrio. Uma equipa, para atacar bem, tem, necessariamente, que defender bem, porque mesmo do ponto de vista psicológico (algo que muitas vezes se esquece) o estarmos a jogar, mas defendermos mal, acaba por desanimar os jogadores. Veja-se o exemplo do jogo entre o Porto e o Benfica! Temos de ter a clara consciência de que, para se atacar bem, primeiro é sempre necessário defender bem.

N.A. - Se é necessário sustentar defensivamente a forma de jogar de uma equipa (por mais ofensiva que ela seja), fará sentido falar em atacar contemplando a possível perda da bola?

Campos - Certamente que faz. Defender bem não quer dizer (e eu digo isto muitas vezes aos meus jogadores) meter o rabo lá atrás, dentro da área. Defender bem não quer dizer defender exclusivamente nos últimos trinta metros. Defender bem é muito mais do isso e, muitas vezes, passa por a equipa ter uma atitude dinâmica e agressiva, no sentido de recuperar a posse de bola. Outras vezes mais na frente, outras vezes mais atrás, mas tendo sempre a noção de que, a partir do momento em que se perde a posse de bola, há que recuperá-la. Agora, é preciso escolher o momento certo e o local certo.

N.A. - E, para essa recuperação da bola poder ser mais rápida ou mais eficaz, não será importante estarmos a atacar e, ao mesmo tempo, termos determinados cuidados e organizarmos a equipa tendo em conta a possível perda da bola?

Campos - Quando estamos a atacar, temos de ter a clara noção de que, quando perdermos a posse de bola, não poderemos conceder superioridade numérica ao adversário em termos ofensivos. Ou seja, no momento em que a nossa equipa perde a posse de bola, não podemos estar a ser surpreendidos por uma superioridade numérica do adversário na nossa zona defensiva. Portanto, há que criar sistemas equilibrados, sistemas que nos permitam defender e atacar de uma forma equilibrada, sobretudo tendo em atenção que não podemos ser surpreendidos pelo adversário. Todos nós sabemos que hoje o factor surpresa tem um peso extraordinário e, por exemplo, cada vez se nota mais as equipas a quererem marcar de forma mais rápida as faltas, precisamente para não deixar que o adversário se volte a reorganizar em termos defensivos. Acima de tudo, há que ter a noção de que temos que ter uma equipa equilibrada. E, por muito bem que ataquemos, se defendermos mal, naturalmente que perdemos o jogo e que, ao fim de algum tempo, a própria equipa desconfiará daquelas que são as nossas intenções como treinadores.

N.A. - Que medidas práticas é que podemos tomar para garantir que a nossa equipa, estando a atacar, esteja ao mesmo tempo equilibrada em termos defensivos? Como é que passamos da teoria à prática?

Campos - A medida número um, que também é a mais fácil, é aquela que Cúper faz já há alguns anos: definir quem ataca e quem defende. Cúper parte a sua equipa em cinco mais cinco, isto é, cinco jogadores atacam e cinco jogadores defendem. Aos cinco jogadores mais atrasados não lhes é permitido que participem em jogadas de ataque, excepção feita às situações de bola parada. Desta forma, poucas vezes é surpreendido! É óbvio que eu não concordo com esta ideia. Eu penso que, com o treino, é possível criar múltiplas situações em que conseguimos ter sempre a nossa equipa em equilíbrio. Quem se esquecer do binómio defesa-ataque pode ganhar muitos jogos, mas também pode perder muitos jogos. Não se vai tornar muito regular. E todos nós sabemos que a regularidade é fundamental.

Relativamente à sua pergunta, para além de podermos optar pela via mais fácil, podemos criar mecanismos, dentro da própria equipa, que nos permitam estar sempre equilibrados. Quando temos a posse de bola, existe um determinado número de jogadores que poderá chegar a determinadas zonas do terreno e, quando não temos a posse de bola, temos de ter um determinado número de jogadores em determinadas zonas para não sermos surpreendidos pelo adversário. Como é natural, estas situações têm que ser explicadas aos jogadores e, de seguida, treinadas.

N.A. - Para defendermos bem temos que ser menos ofensivos?

Campos - Não concordo. Há treinadores que acreditam nisso e o Cúper é um bom exemplo, mas eu não concordo. Há treinadores que treinam muito mais o sistema defensivo do que o sistema ofensivo. Eu faço precisamente o contrário. Eu treino as minhas equipas direccionadas para a baliza contrária, na medida em que é importante criar situações de ataque. Mas obviamente que também é importante a equipa equilibrar-se rapidamente

quando perde a posse de bola, para não ser surpreendida com ataques rápidos, contra-ataques ou até mesmo com situações de ataque organizado.

N.A. - Uma equipa que seja ofensiva não tem então necessariamente que defender pior do que uma que seja menos ofensiva?

Campos - Não. Tem é que defender de forma completamente diferente. Uma equipa defensiva é uma equipa que, normalmente, coloca muita gente atrás da linha da bola, é uma equipa que, normalmente, não utiliza uma linha de pressão alta, é uma equipa que normalmente joga zona. Nos últimos trinta ou quarenta metros, procura retirar todo o espaço na zona de finalização e tempo aos adversários. E onde apenas dois ou três jogadores procuram criar, esporadicamente, situações ofensivas. Isto, para mim, é uma equipa defensiva. Por outro lado, uma equipa que, normalmente, ataca com muitos jogadores e defende com poucos, acaba também por ser uma equipa desequilibrada e por perder por cinco a quatro, sobretudo quando encontra equipas que são equilibradas.

N.A. - Disse que uma equipa mais ofensiva não tinha que defender melhor, mas sim defender de uma forma diferente. Que características deve apresentar essa forma de defender diferente?

Campos - Uma equipa ofensiva é uma equipa que joga mais tempo no seu meio campo ofensivo. E é uma equipa que, nessa zona do terreno, consegue criar muitas situações de golo. Existem mecanismos que, ao serem trabalhados, permitem a uma equipa jogar mais tempo no seu meio campo ofensivo, nomeadamente a utilização de uma linha de pressão alta, fazendo com que o adversário não consiga construir jogo a partir da sua rectaguarda. Porém, já apareceram antídotos. Existe o *pressing*, mas também já existe o *anti-pressing*. Aquilo que acontece é que, normalmente, uma equipa mais ofensiva joga mais tempo no seu meio campo ofensivo e cria mais situações de golo, mas isto não quer dizer que ganhe o jogo. Uma equipa desequilibrada, sob o ponto de vista ofensivo, é uma equipa que ataca muito, mas que defende mal.

N.A. - Uma equipa que, por ser muito ofensiva, passe muito tempo no meio campo adversário, deve pensar o seu processo defensivo de forma a também defender nessa zona do terreno?

Campos - Uma equipa não pode ter só um mecanismo defensivo, não pode ter só uma única fórmula de defesa. Por exemplo, quando eu pretendia jogar num *pressing* alto com as minhas equipas... se isso me era permitido dadas as características dos jogadores que tinha, porque, quer queiramos quer não, a nossa forma de jogar é sempre feita em função das características dos jogadores que temos. Quando se apanham jogadores seniores, já com muitos anos de trabalho, não é muito fácil moldá-los e levá-los a inverter tudo aquilo que fizeram durante muitos anos. Aquilo que acontece é que, normalmente, temos de estar atentos e procurar criar situações nos treinos que nos permitam fazer com que a equipa possa defender mais à frente, partindo do pressuposto de que, quando a outra equipa tem a posse de bola, nos encontramos em situação defensiva. Por exemplo, no meu primeiro ano em Setúbal, a minha equipa sabia que, quando os três elementos da linha avançada eram batidos em situação de pressão (isto é, quando a pressão falhava), rapidamente tinha de baixar para uma defesa à zona. Os jogadores percebiam que, quando os três avançados (os nossos três primeiros defesas) eram batidos em situação de pressão, a equipa tinha de adoptar outro sistema defensivo. Isto passa muito quer pelo treino quer pelas características dos jogadores. No ano seguinte, com três avançados diferentes e dois médios diferentes, não tive tempo e não consegui implementar essa forma de jogar.

N.A. - Devemos defender sempre em função da forma como gostamos de atacar, ou não tem necessariamente que existir esta coerência (esta relação) entre a forma como defendemos e a forma como atacamos?

Campos - Eu sinto-me um treinador de ataque, mas aprendi que não podemos pensar só dessa forma. Porque não existe só essa fórmula! Existem outras fórmulas que a nossa equipa deve estar preparada para utilizar para superar as contrariedades que vão acontecendo ao longo de um campeonato, ao longo do próprio processo de treino e ao longo de um jogo. A equipa deve estar preparada para perceber qual o momento certo para defender mais à frente, com uma linha de pressão alta, como também deve perceber que, perdendo determinados pressupostos, terá que passar para outra situação defensiva. Estamos a falar de situações treináveis e que devem fazer parte dos automatismos de uma equipa.

N.A. - O que é, para si, jogar bem defensivamente?

Campos - Vamos pelo mais fácil: uma equipa que joga bem defensivamente é uma equipa que, normalmente, não sofre golos. Não sofrer golos acaba por trazer muita confiança à equipa. Traz muita confiança marcamos muitos golos, mas eu senti sempre nos meus jogadores que também traz muita confiança não sofrermos golos. Ao longo de todos estes anos no futebol profissional (já são quinze!), nós conversamos com os jogadores todos os dias e ouvimos sempre desculpas quando os resultados não são aquilo que queremos. E quando os nossos atacantes

até são bons, conhecidos e famosos, mas não apresentam resultados, a primeira desculpa que dão é que não há segurança defensiva, que não sentem confiança na defesa e, então, entendem que não podem participar muito em situações de ataque, porque têm medo de deixar a defesa a descoberto. Portanto, eu continuo a pensar que, acima de tudo, o importante é termos equipas equilibradas, que sejam capazes de defender e atacar bem, partindo do pressuposto de que, para atacarmos bem, é necessário ter uma boa base de confiança defensiva.

N.A. - Onde é que se defende melhor, perto ou longe da nossa baliza?

Campos - Depende das equipas e dos jogadores que temos. Eu já consegui, numa equipa pouco conhecida na altura no futebol português e com jogadores pouco conhecidos, defender bem longe da minha área, logo à saída da área adversária. E consegui com isso resultados maravilhosos. Mas porquê? Porque as próprias características dos jogadores faziam com que isso acontecesse e porque nós treinávamos. E já me aconteceu o inverso! Já me aconteceu treinar equipas de renome e, dadas as características dos próprios jogadores, ter dificuldades em defender mais à frente. Portanto, isso é um assunto que o treinador terá que pensar em função dos jogadores que possui.

N.A. - O que é, para si, defender à zona? O que é que a caracteriza?

Campos - O que caracteriza a defesa à zona é a ocupação de um espaço. Cada jogador defende determinada zona e a equipa defende numa determinada zona, em função dos próprios jogadores. Os jogadores sabem que aquela zona é a zona deles, assim como a equipa sabe que, quando perde a posse de bola, aquela é a zona defensiva. Numa defesa à zona, não há marcações homem-a-homem, não há situações de procura do roubo de bola, não se procura obrigar o adversário a errar. Ou seja, a grande diferença entre a zona e a pressão é que uma equipa que defende em pressão procura obrigar o adversário a errar. Uma equipa que joga à zona espera normalmente pelo erro do adversário. Cobre determinadas zonas, ocupa determinados espaços e espera que aí o adversário não tenha soluções de passe, não tenha soluções de remate e que a situação se torne numa situação mais fácil para roubar a bola. Numa situação de pressão, a equipa obriga o adversário a cometer erros. Defender em pressão é mais agressivo do que defender à zona. Defender em pressão é obrigar a que o adversário falhe. Defender à zona é esperar que o adversário falhe.

N.A. - Existe, para si, alguma diferença entre os conceitos de defesa homem-a-homem e de defesa individual? Ou tratam-se de conceitos sinónimos?

Campos - Para mim, defender homem-a-homem é passar a informação aos jogadores de que eles, quando perderem a posse de bola, devem «encaixar» nos jogadores adversários e procurar fazer com que cumpram o menos possível as tarefas ofensivas.

N.A. - Ou seja, cada jogador é responsável por um determinado adversário (sempre o mesmo)?

Campos - Sim.

N.A. - E a defesa individual?

Campos - Eu penso que o mais importante não é a terminologia. O mais importante não é isso. O futebol é um processo global, é um processo de defesa-ataque, ataque-defesa,... E é importante as pessoas perceberem qual o melhor mecanismo, com os jogadores que têm, para obter bons resultados, independentemente do facto de se poder chamar defesa homem-a-homem. Nesta altura, em que muito poucos utilizam o homem-a-homem, eu conheço uma equipa que o utiliza e que está a fazer belíssimos resultados. É o Cruzeiro do Brasil. Nesta altura, é o primeiro classificado e joga sempre num encaixe no adversário. Ou seja, não tem um sistema táctico definido claramente. O Cruzeiro altera com muita facilidade a sua forma de jogar, procurando encaixar sempre no adversário e procurando a marcação homem-a-homem quando não tem a posse de bola. E cria imensas dificuldades aos adversários dessa forma!

N.A. - Referiu que a maioria das equipas já não utilizam o homem-a-homem. Então como defendem?

Campos - Defendem consoante o estilo de jogo que o treinador defende. Ainda há pouco tempo percorri países como a França, a Inglaterra e a Itália, e encontrei equipas que preconizam um sistema misto, isto é, que sabem quando e em que zonas devem pressionar e quando e em que zonas devem jogar à zona. Portanto, começamos a ver sistemas defensivos mistos: quando os jogadores se encontram muito próximos entre si e em determinada zona do terreno, sabem que são capazes de pressionar ali; quando sentem que não são capazes de pressionar, passam claramente para uma defesa à zona muito mais baixa, muito mais perto da sua zona defensiva. Acima de tudo, aquilo que eu encontrei nos países que percorri recentemente (e onde tive oportunidade de conversar com vários treinadores) foi os treinadores há procura de um equilíbrio, de ter sempre a equipa equilibrada.

N.A. - E em Portugal, como é que o grosso das equipas defende?

Campos - Olhe, muito poucas equipas defendem em pressão. E estou abismado este ano porque vejo mais *catenaccios* do que nas últimas duas épocas. E as consequências já se estão a fazer sentir no número de golos marcados. Repare-se, há quinta jornada, temos menos catorze golos marcados do que no ano passado e menos vinte e dois do que há dois anos. Isto é reflexo dos treinadores terem assumido (não vou dizer se correcta ou incorrectamente) posturas muito defensivas e sistemas tácticos que privilegiam mais os aspectos defensivos do que os ofensivos, que privilegiam mais a equipa estar em superioridade numérica quando defende do que quando ataca. Portanto, a maior parte das equipas... Mesmo o Porto alterou a sua forma de jogar. Foi Campeão o ano passado e durante cerca de dois terços da época foi uma equipa tremendamente ofensiva, com um sistema de pressão altíssimo muito bem conseguido, contudo, no último terço, não sei se derivado do cansaço, se por opção do José Mourinho, tornou-se uma equipa muito mais difícil de surpreender sob o ponto de vista defensivo, porque passou a ter sempre mais homens no meio campo defensivo do que no meio campo ofensivo. E isso tem-se também vindo a verificar este ano. Por isso, acima de tudo, aquilo que eu vejo e sinto é que há um crescente enorme de preocupações defensivas e isso implica ter-se sempre muito mais gente atrás da linha da bola e, quando se ganha a posse de bola, é muito difícil surpreender o adversário.

N.A. - De uma maneira geral, o que é que os treinadores dão como referência aos jogadores para estes se orientarem, em termos defensivos, no terreno de jogo (homem, espaço, bola,..)?

Campos - Tudo. Todos esses pormenores. Na Superliga estuda-se muito o adversário. Nós, treinadores, sabemos quem são os primeiros jogadores a pensar o jogo ofensivo adversário e, normalmente, procuramos anulá-los, exercendo sobre eles uma pressão rápida e consistente, assim como procuramos exercer pressão sobre o jogador que, mesmo no seu último terço ofensivo, é capaz de nos criar dificuldades defensivas. Portanto, existe uma preocupação enorme em anular o tipo de jogo ofensivo da equipa adversária.

N.A. - E, para isso, socorrem-se de que tipo de marcações?

Campos - Socorremo-nos, acima de tudo, de defesas mistas, daquilo a que eu chamo de defesas mistas. Por exemplo, quando o Benfica tem a posse de bola, o Argel nunca participa em tarefas ofensivas, é sempre o jogador que fica, devido à sua qualidade técnica e à sua forma de ser e de estar em campo, excepção feita às situações de bola parada. Já o Hélder, é o jogador, para além do Petit, de quem o Benfica se socorria quando queria começar a construir jogo de trás para a frente. Normalmente, quando o Benfica quer construir jogo, a bola passa sempre pelo Hélder e pelo Petit. No Porto passa-se a mesma coisa em relação ao Ricardo Carvalho e ao Costinha. Nós sabemos que, se pressionarmos o Ricardo Carvalho e o Costinha, o Porto terá dificuldades em criar jogo a partir de trás. E a situação é a mesma no Belenenses com o Wilson. Sabemos que, se o pressionarmos, o Belenenses perde a sua referência em termos de criação de jogo ofensivo. Estes são apenas alguns exemplos. Estudando as características dos adversários, sabemos que há zonas onde devemos pressionar e que há zonas onde não o adianta fazer, porque o adversário tem soluções e é capaz de sair de uma situação de pressão. Pressionar o Simão Sabrosa com um jogador (ou o Quaresma ou o Cristiano Ronaldo, quando eles jogavam no Sporting), não nos serve de muito, porque ele tem sempre soluções para sair de uma situação de pressão. Agora, há outros jogadores que são óptimos a construir jogo ofensivo, mas que nós sabemos que, quando pressionados, já não conseguem construir esse jogo. Por isso, acima de tudo, criam-se defesas mistas, defesas capazes de pressionar em determinadas zonas do terreno (e a equipa terá que perceber porque é que está a pressionar naquela zona e como o deve fazer) ou de jogar numa defesa à zona, se percebemos que, com determinadas equipas e determinados jogadores, essa é a melhor maneira de obtermos sucesso. E o melhor exemplo disso é o Porto, pois abandonou por completo a utilização exclusivamente do sistema de pressão alta, para passar a defender com uma defesa mista, uma defesa que em determinadas zonas do terreno pressiona alto, que perante determinados jogadores pressiona imenso, mas que perante outros jogadores e perante determinadas equipas, prefere jogar com maior consistência...

N.A. - Quais são, para uma equipa que esteja a defender à zona, as referências dos jogadores em termos de posicionamento e de marcação?

Campos - A primeira referência é sempre o local onde a bola se encontra. Numa defesa à zona, nós sabemos quais os movimentos que os nossos jogadores devem fazer para procurar começar a criar as primeiras situações difíceis de ultrapassar para o adversário. A primeira situação que nós procuramos sempre é a bola. Não há muitas equipas... Se repararmos, eu joguei contra o Deco, o João Pinto, jogadores que são, de facto, desequilibradores sob o ponto de vista individual e nunca utilizei marcações homem-a-homem. O Porto do Mourinho também nunca utiliza marcações individuais ou homem-a-homem.

N.A. - Então o que é que fazem em termos práticos (sem recorrermos a conceitos)?

Campos - O que se faz é reduzir o tempo a esses jogadores tão bons. Reduz-se-lhes o tempo de pensamento, de raciocínio, com um, dois ou três jogadores, consoante o local ou a zona onde eles se encontram. Nós sabemos que eles pisam mais determinadas zonas e sabemos que quando eles estão em determinada zona deverá sempre haver um ou dois jogadores que lhes reduzam rapidamente a capacidade de raciocínio. A maior parte dos jogadores tem imensa dificuldade em jogar de costas para a baliza adversária e a situação que nós treinadores procuramos fazer é que jogadores capazes de desequilibrar fortemente no um contra um, como o Quaresma, o Simão e o Deco, nunca recebam a bola de frente para a nossa baliza. E, então, obrigam esse jogador a receber a bola de costas. E ainda há pouco tempo no Arsenal e no Chelsea assisti precisamente a situações similares com treinadores completamente diferentes, que nada têm a ver com a escola portuguesa. Ou seja, mesmo numa defesa à zona, em determinadas zonas do terreno, quando esse homem fizer um deslocamento para receber a bola, ele terá naturalmente que ser pressionado pelo jogador que estiver mais próximo.

N.A. - Alguns treinadores referem que os seus jogadores, em fase defensiva, devem encostar nos adversários. Não só no jogador adversário com bola (para fazer pressão sobre o portador da bola), mas também nos jogadores adversário sem bola, para dessa forma cortarem linhas de passe. Até que ponto é que isto se vê e até que ponto isto é correcto?

Campos - Correcto é. Depende das características dos jogadores que se tem. Pode ser correcto ou incorrecto, na medida em que depende das características dos jogadores. Desencadear uma situação de pressão obriga a que (e no que se refere ao *pressing* eu penso que sou um especialista, pois estudei-o imenso), quando um jogador começa a exercer pressão sobre o portador da bola, rapidamente os outros jogadores «encostem» nos adversário mais próximos do portador da bola. Obriga a que os jogadores subam no terreno e reduzam rapidamente tempo e espaços, para que estejam, dessa forma, mais próximos de cortar linhas de passe e de recuperar a bola. Essa situação é perfeitamente natural e normal. Numa defesa à zona, tal já não acontece. Se repararmos, aquelas equipas que defendem praticamente no seu último terço do terreno, não exercem pressão. São equipas que defendem à zona. As equipas que defendem mais alto são equipas que defendem em pressão.

N.A. - Não é possível defender alto à zona?

Campos - Fazer isso seria estar a dar muito tempo e espaço ao adversário para pensar e seria estar a dar muito espaço nas nossas costas. É possível, mas é difícil. Depende da velocidade da nossa defesa.

N.A. - E não é possível conciliar a zona com o *pressing*?

Campos - É. Foi aquilo que eu lhe disse há pouco. Numa defesa mista, num sistema defensivo misto. Se a equipa se encontra toda em determinada zona do terreno - compacta, a jogar em trinta metros - e percebe que existem condições para criar dificuldades ao adversário pressionando-o, então aí pode exercer pressão. Mas a equipa também sabe que existem zonas em que a equipa está muito larga (por exemplo, por ter havido um pontapé longo que obrigou a nossa defesa a baixar, e ela não teve capacidade de recuperação para podermos subir rapidamente e jogarmos em trinta ou quarenta metros) e aquilo que acontece é que os nossos avançados têm que se aperceber claramente que não podem jogar em situação de pressão, porque não têm os colegas próximos e, a partir daí, participam numa defesa à zona. As situações de *pressing* são situações treináveis. Uma equipa é muito mais rica quando não tem apenas um sistema defensivo. E esta conclusão que eu estou a ter é baseada em situações reais. Uma equipa que defende sempre da mesma maneira, é uma equipa que o adversário vai estudar e para a qual vai criar antídotos. Uma equipa que seja capaz de defender num sistema misto, é uma equipa menos vulnerável. Portanto, a conclusão a que eu cheguei ao fim destes anos todos é que é um erro termos única e exclusivamente um sistema defensivo. E penso que o Porto é um exemplo fantástico disto que eu estou a dizer. Por muito que o treinador diga que continua a pressionar altíssimo, a realidade é outra. As equipas criam antídotos. Estuda-se tanto o adversário, que nós somos capazes de perceber claramente o seu tipo de jogo. Por exemplo, o Boavista era uma equipa que jogava sempre da mesma maneira e o ano passado já toda a gente sabia como se o devia contrariar. Se uma equipa não conseguir variar o seu tipo de jogo, torna-se uma equipa previsível, mesmo sob o ponto de vista defensivo. Não se deve variar só o jogo ofensivo, é preciso também, muitas vezes, variar a forma como se defende, para que o adversário não encontre as soluções rapidamente, dado que as equipas são hoje vistas à lupa e os jogadores compreendem mais rapidamente aquilo que têm a fazer e são capazes de juntamente com as indicações dos seus treinadores alterar rapidamente, muitas vezes mesmo durante o próprio jogo.

N.A. - Quais são as indicações que dá a uma equipa para que ela pressione alto, isto é, como é que os jogadores se orientam nos deslocamentos que têm de fazer e como é que se posicionam?

Campos - Na teoria, se eu pudesse, a minha equipa jogava sempre num *pressing* alto. E, como disse há pouco, já tive a capacidade de pegar numa equipa mais pequena e fazer com que ela funcionasse com êxito durante um determinado período de tempo. Os pressupostos? Primeiro, tem a ver com as características dos próprios

jogadores. É impossível pedir a um Capucho para exercer *pressing* alto, porque passou dez anos a perder a posse de bola e a baixar para trás da linha do meio campo. A um Derlei é praticamente impossível pedir para que não pressione! Portanto, tudo tem a ver muito com as características dos jogadores. Ao Jankauskas é impossível pedir-lhe que pressione alto, porque não são essas as suas características. Será que o jogador com o treino vai lá? Será que um jogador com vinte e oito ou trinta anos vai conseguir esquecer todo um passado que está para trás? A verdade é que eu tenho encontrado imensas dificuldades, não com estes jogadores que referi, mas com outros com as mesmas características. Para termos uma equipa a pressionar alto, é preciso encontrar os jogadores ideais. É preciso ir buscar jogadores que o saibam fazer e que tenham essas características. Pressupostos? Primeiro, têm de ser jogadores agressivos, jogadores que percebam claramente que, quando não têm a posse de bola, têm de ser agressivos e corajosos para a poderem recuperar, muitas vezes em desequilíbrio físico, muitas vezes com grande espírito de sacrifício. Há sistemas de jogo que são melhores para se poder pressionar. Por exemplo, jogar com três avançados contra quatro defesas... se os três avançados tiverem essas tais características de agressividade, coragem, espírito de sacrifício... e qualidade defensiva, porque não existe apenas uma tática de pressão, mas também uma técnica de pressão. Um jogador que pressiona alto não pode ser um jogador que entre de primeira, que fique demasiado longe do portador da bola ou que chegue para pressionar com o corpo todo erguido. Existe uma técnica de pressão! Com três avançados contra quatro defesas e com um meio campo também capaz de rapidamente encurtar para obrigar os médios adversários a jogarem de costas para a baliza, torna-se fácil pressionar, desde que os jogadores possuam essas características. Agora, o difícil é encontrar jogadores com essas características.

N.A. - Imagine uma situação de pontapé de baliza para o adversário. A sua equipa está organizada junto ao círculo central, pois não sabe se o adversário vai sair a jogar curto ou longo...

Campos - Uma equipa que vá pressionar alto nunca se coloca sobre a zona central, porque, se o fizer, não pode pressionar alto! Não vão dar um pique de vinte metros...

N.A. - Mas, se colocar a sua equipa muito subida, o adversário não vai sair a jogar curto...

Campos - É óbvio que, se a minha linha avançada estiver muito em cima, o guarda-redes não vai entregar a bola a um defesa. A equipa tem sempre que dar algum espaço. Imaginemos que a equipa adversária está a jogar em 4-3-3 e a minha também. Quando o guarda-redes coloca a bola no lateral adversário, o meu extremo desse lado arranca para fazer pressão sobre o portador da bola, o ponta-de-lança pressiona o central do lado da bola e o extremo do lado contrário o outro central.

N.A. - E o triângulo do meio campo?

Campos - Cada um dos três jogadores arranca para ir encaixar no seu adversário.

N.A. - Ou seja, o seu triângulo encaixa no triângulo adversário...

Campos - Exactamente. Se eu quero pressionar, o triângulo tem que encaixar. E o meu lateral do lado da bola também tem que encaixar no extremo adversário.

N.A. - O desejo de qualquer treinador é que a sua equipa esteja compacta a defender (que ela torne o campo pequeno), do mesmo modo que, a atacar, aquilo que se quer é espaço, é o campo grande. Se o seu triângulo vai encaixar no do adversário, aquilo que vai acontecer é que vai ter um triângulo grande a defender e não um triângulo pequeno...

Campos - Porquê?! Sabe o que acontece quando a bola vai ao lateral direito adversário? O médio defensivo desse lado baixa sempre no terreno. E como esse baixa, os outros dois homens do triângulo também baixam ligeiramente. Sempre.

N.A. - Mas não acha que, pressionando dessa forma, é difícil manter, por exemplo, uma distância curta entre as linhas?

Campos - Bem pelo contrário! Desta forma existe, de certeza, uma distância curta entre linhas.

N.A. - No esquema que fez é verdade, mas nem todas as equipas, quando querem circular a bola, colocam praticamente todos os jogadores no seu meio campo defensivo. À partida, uma boa equipa, se quer circular a bola, não coloca muitos jogadores no seu meio campo defensivo, pois procura fazer campo grande (procura ter alguma profundidade e máxima amplitude).

Campos - Sim. Mas isso raramente acontece. Sabe porquê? Porque uma equipa que quer sair a jogar, é uma equipa em que os jogadores querem a bola no pé!

Agora, imaginemos que uma equipa posiciona-se de forma a não me deixar sair a jogar a partir de trás. Só há uma solução! É o anti-*pressing*, aquilo a que eu chamo anti-*pressing* e que ainda não vi escrito em lado nenhum. E o que é? O guarda-redes, ou central, não dá a bola ao lateral, bate, e a linha avançada sobe toda e vai ganhar a bola na frente.

N.A. - Mas não acha que é isso que o adversário quer?

Campos - Não! O adversário quer é que eu saia a jogar curto. Se o adversário é especialista a pressionar alto, eu não o posso deixar pressionar!

N.A. - Mas, ao jogar longo e ao colocar a bola na frente, a vantagem não será toda da defesa contrária?

Campos - Não. Porque quando o adversário é uma equipa muito preparada para pressionar alto, que só treina isso em termos defensivos, não está preparado para fazer a pressão lá atrás.

N.A. - De uma forma geral, são as melhores equipas que fazem pressão alta e...

Campos - Não concordo. Deveria ser assim, mas a realidade é outra. O Sporting foi campeão sem jogar em pressão alta. O Porto foi campeão, mas só em dois terços da época é que jogou em pressão alta, porque depois os adversários...

N.A. - Se apanhar uma equipa pela frente que faça campo grande e saia a construir com os laterais bem abertos, os extremos também bem abertos e subidos e o triângulo do meio campo bem subido relativamente aos dois centrais (mais ou menos na zona do círculo central)...

Campos - Essa equipa não existe! Nenhuma equipa do futebol profissional faz isso. Uma equipa que quer sair a jogar, é uma equipa que gosta de construir com passes curtos e de pé para pé. Algumas equipas podem tentar fazer isso que disse, mas, quando a bola entra num jogador, rapidamente há jogadores que baixam para vir buscar a bola. Se for uma equipa que privilegie a posse de bola, os jogadores baixam!

N.A. - Entendendo o conceito de marcação como os jogadores estarem próximos do seu adversário directo (o adversário que entra no raio de acção do jogador) para impedi-lo de jogar, isto é, o tal «encostar» ou «encaixar» no adversário para o anular, quando é que os jogadores devem marcar?

Campos - Quando é que devem marcar? A uma equipa que joga em pressão alta não se lhe exige que faça marcação homem-a-homem. Por exemplo, estando a bola no lado esquerdo, o meu extremo direito não está a marcar o lateral esquerdo adversário homem-a-homem! Ele está a marcar consoante a zona da bola. Pressão não é a mesma coisa que marcação. São conceitos diferentes. Marcação é dizer: «este é teu, aquele é teu, aquele outro é teu,...» ou «este jogador é o mais perigoso, por isso, encostas nele e vais com ele para onde ele for». Isto é marcação. Um sistema de pressão não é nada disto. Cada jogador pressiona um adversário consoante o lado da bola, consoante a zona da bola e consoante o sistema tático adversário.

N.A. - Mas existe sempre um «encostar» nos adversários?

Campos - Nem um, nem dois, nem três jogadores conseguem exercer um sistema de pressão correctamente. Para que isso seja possível, toda a equipa tem que fazer determinados movimentos de pressão. Qualquer adversário que vá procurar a bola deve ser pressionado para que não possa receber, virar-se e passar. Por exemplo, se o ala esquerdo for pressionar o lateral direito adversário com bola, o ponta-de-lança vai pressionar o central que descai para a direita e, se o médio defensivo adversário for buscar a bola e tiver tempo para receber a bola, para se virar e para levantar a cabeça e pensar, a pressão feita pelo ala esquerdo e pelo ponta-de-lança foi nula. Isto não é marcação, mas sim pressão.

N.A. - A sua linha ofensiva exerce pressão sobre a linha defensiva adversária,...

Campos - E os meus médios exercem pressão sobre os médios adversários.

N.A. - E não deveriam de existir coberturas defensivas?

Campos - Claro. E existem. Por isso é que hoje existem defesas mistas. Os grandes treinadores têm defesas mistas. Não têm apenas um sistema defensivo, mas sim sistemas mistos. Voltemos ao mesmo exemplo: o ala esquerdo foi pressionar o lateral direito adversário com bola e o ponta-de-lança foi pressionar o central que descai para a direita, no sentido de cortar a linha de passe entre o lateral e esse central. Vamos supor que o médio defensivo adversário foi buscar a bola e teve tempo para fugir à pressão do meu médio. Esse meu médio terá que tentar recuperar e os colegas terão que perceber claramente que, a partir dali, o sistema de pressão alta já não funciona, porque foram batidos três jogadores. O ala foi batido, o ponta-de-lança foi batido e o interior desse lado foi batido, portanto, já não dá para fazer pressão correctamente. Quando três jogadores nossos exercem pressão e são batidos pelas soluções do adversário (e ficam à frente da linha da bola), a partir daí, a equipa tem que ir defender à

zona. É um sistema misto. O Porto é um bom exemplo disto. O Mourinho pode dizer o que quiser, mas basta estudar o Futebol Clube do Porto deste ano para vermos que defende num sistema misto. Se puder fazer pressão sobre uma faixa lateral, faz, se falhar, passa a defender à zona. Claramente. Não há *pressing*. O que não se pode fazer é num jogo fazer pressão alta, nouro jogo defender à zona, num jogo pressão média-baixa, nouro jogo pressão alta, nouro jogo só zona. Isso é que não se pode fazer.

N.A. - Partindo do pressuposto de que o terreno de jogo deve ser ocupado de forma racional, se nessa pressão alta os jogadores tivessem a preocupação de ocupar determinados espaços...

Campos - As duas coisas. Eu sou a favor de sistemas mistos. Eu não sou a favor nem de marcações homem-a-homem nem de só defender determinadas zonas do espaço de jogo. Eu penso que todas essas variáveis devem estar juntas. E quem se agarrar só a uma ou a duas vai falhar. E, na alta competição, falha mais vezes.

É difícil estabelecer se um sistema de pressão exige marcações homem-a-homem ou não. É difícil! Pode exigir durante cinco segundos, mas, no segundo seguinte, já pode exigir uma zona. O importante é perceber que uma coisa é pressionar e outra coisa é marcar. Eu só exijo aos meus jogadores marcações individuais ou homem-a-homem nos lances de bola parada. De resto, a minha equipa tem que estar preparada para defender em pressão ou à zona, consoante o número de jogadores adversários em determinada zona, consoante o local onde se encontra a bola.

Quanto mais evoluído é o futebol, quanto mais profissional é o futebol, mais os sistemas defensivos são complexos, mais estudados e laboriosos são. E são sempre feitos em função das características dos jogadores que se tem e dos jogadores que se vão apanhar pela frente. Há zonas e alturas em que se pode pressionar e há zonas e alturas em que se deve... O ano passado o Manchester United foi jogar ao Real Madrid e optou por defender única e exclusivamente à zona. Sabe o que é que aconteceu? Perdeu! Porque só tinha uma fórmula defensiva. E, para essa, o Real Madrid tinha todas as soluções. Quando jogou em casa, já utilizou um sistema misto. O adversário já tinha que ultrapassar duas fórmulas! Em determinadas zonas e momentos, pressionava, noutras defendia à zona. As dificuldades do Real foram bastante superiores! Isto é um exemplo, em equipas de referência.

N.A. - É correcto dizer-se que, defendendo à zona, cada jogador marca («encosta») o adversário que cai na sua zona? Ou ele deverá manter a posição em função da posição da bola e dos colegas?

Campos - Mantém ou altera a sua posição em função da bola, dos colegas e do adversário.

N.A. - Se um jogador da linha média adversária resolver fazer uma desmarcação de ruptura, ele deverá ser acompanhado por um jogador da nossa linha média?

Campos - Não. Não tem de ser. Na maior parte das equipas é, mas não tem de ser.

N.A. - Na forma como defende faz sentido falar em central de marcação e em *libero*?

Campos - Depende das características dos meus jogadores. Já tive equipas onde jogava com dois centrais e em que, consoante o lado do avançado, um marcava e o outro sobrava. E já tive equipas em que um marcava claramente e o outro sobrava claramente, porque as características dos jogadores eram precisamente essas. Eu não podia colocar um jogador com 1.72m a marcar um com 1.89m numa primeira bola alta, quando eu sabia que esse central jogava muito bem a *libero* e que o outro central jogava muito bem na marcação. Portanto, uma coisa é aquilo que eu prefiro e outra coisa é a realidade que encontro.

N.A. - O Maradona refere que gostava mais que o marcassem individualmente, porque dessa forma se livrava mais facilmente dos adversários. Refere também que, com a marcação à zona, era mais complicado. Quer comentar?

Campos - Acredito. Porque esse jogador, ao longo da sua carreira, encontrou o antídoto para as marcações individuais que lhe moveram durante vários anos. E, quando encontrava algo de diferente, sentia dificuldades. Por isso, acredito perfeitamente que um jogador altamente tecnicista como o Maradona sentisse facilidades quando apanhava apenas um adversário pela frente. Quando apanhava mais e lhe colocavam problemas diferentes, era natural que sentisse dificuldades. Eu nunca joguei contra o Deco, ou contra o João Pinto, por exemplo, a fazer marcações individuais.

N.A. - Quais são as principais desvantagens da forma como defende?

Campos - O ideal para mim é ter um sistema misto. Ou melhor, é fazer pressão alta. Quais as desvantagens da pressão alta? É quando dois ou três jogadores da pressão alta falham, porque o que acontece é que eu concedo demasiado espaço nas costas da defesa e muito espaço para ser surpreendido em contra-ataque. E superioridades numéricas que são criadas pelo adversário. Portanto, se eu só tiver esse tipo de defesa, quando o adversário conseguir resolver esse tipo de problema, eu não tenho mais soluções.

N.A. - Se a sua equipa sobe para pressionar alto, como é que ela, estando toda junta, não consegue fechar os espaços e pressionar o portador da bola, quando dois ou três jogadores são ultrapassados e ficam à frente da linha da bola?

Campos - Parece fácil! O mal é quando o adversário o consegue fazer. Nada é infalível! Na época passada, no primeiro jogo do Setúbal com o Benfica, eu estava a ganhar 2-0 ao intervalo. Trabalhei toda a semana a pressão alta, sempre tendo em atenção que nem o Hélder nem o Petit poderiam ter espaço para receber a bola, na medida em que eram os jogadores que os laterais procuravam quando estavam com a bola. Roubámos várias bolas ao Benfica próximo da sua área e, ao intervalo, estávamos a ganhar 2-0. Na segunda parte, o Benfica fez anti-*pressing* e nunca mais o Moreira deu a bola aos laterais e nunca mais esses jogadores procuraram o Hélder e o Petit para jogar. Lançavam bolas longas e procuravam ganhar a segunda bola. Como só tínhamos treinado uma fórmula, a pressão alta, acabámos por não ser capazes de segurar o resultado.

N.A. - O facto dos seus jogadores se preocuparem em demasia com as referências individuais (Hélder e Petit), não poderia levar a que o seu bloco defensivo perdesse coesão?

Campos - Não. Tanto não perdia, que surtiu os seus efeitos. O problema foi quando o Benfica percebeu a nossa estratégia e nos criou um outro problema, para o qual nós não estávamos preparados. Uma equipa não pode ter, única e exclusivamente, um sistema defensivo. Tem que estar preparada para uma primeira fórmula de defesa e, sempre que essa falhar, para uma segunda fórmula. Isto foi aquilo que a prática me ensinou. Um cofre, hoje, não tem apenas um sistema de defesa. Porque o primeiro os ladrões ultrapassam. E alguns não têm dois, mas sim três! Porque os ladrões estudam o cofre. Por isso, eu gosto que a minha equipa pressione alto, mas sei que vou encontrar pela frente «ladrões» que me vão resolver aquele problema. Esporadicamente, ou não, vão resolver aquele problema. Daí que eu tenha que ter na «manga» um outro problema para lhes colocar. Já não há cofres só com um segredo!

ENTREVISTA A LUÍS FREITAS LOBO

Analista de futebol internacional de «A Bola»

Na sua residência (Mindelo), 25 de Setembro de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Acredita que uma equipa que aposte em jogar um futebol ofensivo e em jogar bem está sempre mais perto da vitória?

Luís Freitas Lobo (Lobo) - Claro que está. É evidente que uma equipa que pratique um futebol ofensivo estará necessariamente muito mais perto da vitória. No futebol actual, a vitória não é muito mais do que ganhar o jogo seguinte. Agora, para estruturar uma equipa que jogue um bom futebol e que isso depois seja traduzido em vitórias ao longo da época, ela terá necessariamente que jogar esse bom futebol. Mas o que é o bom futebol? Existem vários conceitos, não é? Para mim, é um futebol de toque, apoiado, que privilegia a técnica, com extremos (algo que praticamente desapareceu do futebol actual e já nem falo nos extremos clássicos, mas apenas em alguém encostado à linha que abra a frente de ataque) e capaz de criar várias oportunidades de golo em resultado de jogadas elaboradas (e não por um defesa ter escorregado!). E tem sempre que haver uma mescla de músculo e técnica, de ordem e talento. Só mesclando estes quatro aspectos é que se pratica bom futebol. Mas, sem dúvida nenhuma, é mais fácil ganhar jogando bem do que jogando mal. Há sempre alguém que depois vem dizer que prefere jogar mal do que perder, mas dizer isso é um contra-senso, pois ninguém ganha por jogar mal, mas sim apesar de jogar mal! Ganha-se apesar de se jogar mal. É evidente que toda a gente prefere ganhar, agora, há várias formas de ganhar. Jogando mal, uma equipa pode ganhar uma vez, duas quanto muito, mas não pode ganhar muito mais do que isso. Eu acho que só faz sentido querer ganhar e tentar ganhar arriscando jogar sempre bem.

N.A. - Se queremos ganhar temos então que atacar e apostar num futebol ofensivo. Porém, também é importante sustentar defensivamente essa forma de jogar, não é assim? Isto é, ninguém ganha a jogar só ao ataque...

Lobo - É evidente! A base da construção de uma equipa começa sempre pela defesa. Não há grandes equipas sem grandes defesas. Isso aí é básico. Hugo Meisl, um mítico treinador austríaco dos anos trinta disse que a melhor defesa era o ataque. Hoje, há quem defenda que o melhor ataque é uma boa defesa. Na minha opinião, também não é tanto assim, mas, na maioria das vezes, o início das manobras ofensivas e o seu sucesso final, começam numa boa segurança defensiva. É tudo uma questão de equilíbrios. Eu defino sempre o campo em três partes: há uma zona de risco, que é a defesa; há uma zona de criação, que é o meio campo; e há uma zona de definição, que é o ataque. A defesa é a zona de risco, na medida em que ali não se pode falhar. Ali tem que se jogar simples e tem que se saber tratar a bola. Para mim, uma equipa que queira ter segurança defensiva tem que possuir jogadores que saibam tratar bem a bola e pelo menos um central rápido, que é o central que vai nas dobras. É pela defesa que se começa a construir uma equipa. A defesa é o ponto número um para se tratar numa equipa.

N.A. - Faz sentido falar em atacar contemplando a possível perda da bola? Isto é, faz sentido a equipa estar a atacar e, ao mesmo tempo, estar a visualizar a possível perda da bola e tomar algumas medidas que lhe facilitem a transição para a defesa aquando da perda?

Lobo - Esse aspecto é um dos princípios básicos do bom futebol, porque tem a ver com o gerir os tempos e os espaços. Basicamente, um jogador tem que saber jogar com e sem bola. O movimento sem a bola é tão importante quanto o movimento com a bola, porque, muitas vezes, é através da leitura do jogo e da percepção de onde a bola vai cair que se recupera a bola. Quando um jogador está em posse da bola, tem que existir outro colega que o esteja a cobrir e que saiba dominar os conceitos de recuperação da bola, no caso daquele a perder. Por isso é que existem os recuperadores de bola, os transportadores de bola, os jogadores com capacidade de passe curto ou longo,... Tudo isto faz parte da gestão de equilíbrios de que tem que ser feita uma equipa. Na perda da bola tem sempre que haver o domínio do tempo e do espaço.

N.A. - Em relação a esta questão do estarmos a atacar, mas, ao mesmo tempo, termos mecanismos que nos permitam estar equilibrados no momento da perda da posse de bola, alguns treinadores referem que não devemos pensar muito assim, porque isso é estar a retirar confiança aos jogadores, é estar a pensar que eles vão falhar. Qual é a sua opinião?

Lobo - Uma equipa tem que ter esses cuidados. Há determinadas zonas do campo onde a equipa não pode perder a bola quando está a atacar. Por exemplo, perder a bola à entrada da meia-lua adversária permite um rápido contra-ataque. É perigosíssimo! Perder a bola num flanco já é diferente. Por isso é que há sítios onde o drible faz sentido e sítios onde não faz. Os grandes dribladores eram extremos! Muito sinceramente, penso que uma equipa ter todo um conjunto de cuidados quando está a atacar não retira confiança aos jogadores. A equipa tem que prever

essa possibilidade, na medida em que perder a bola é inevitável. Há sítios onde o jogador tem que saber que não pode arriscar perder a bola. E a entrada da meia-lua adversária é um sítio crucial, por exemplo.

N.A. - Que medidas devem ser então tomadas, em termos práticos, para garantirmos o equilíbrio defensivo quando estamos a atacar?

Lobo - Eu falei-te há pouco na zona de risco, na zona de criação e na zona de definição. Na zona de criação - o meio campo, o coração da equipa - tem que haver um equilíbrio entre o transportador da bola e o homem que faz a marcação e que recupera a bola. Por exemplo, vejamos o caso do Milan: quando o Rui Costa vai com a bola e a perde, vemos logo o Gatuso e o Ambrosini a fazerem pressão sobre o adversário que ganhou a bola. Isto não é mais do que gerir o tempo e o espaço. É fundamental existir este equilíbrio do jogador que segura o artista. Um jogador com «músculo» que vai fechar, que vai cobrir e tentar recuperar a bola.

N.A. - Poder-se-á dizer que esse equilíbrio passa muito por uma ocupação racional dos espaços?

Lobo - É evidente! E têm que haver jogadores com essa inteligência, que saibam ler o jogo. Perdendo a equipa a posse de bola, tem que haver logo um jogador que vá pressionar o adversário para recuperar a bola. Portanto, a gestão dos tempos e dos espaços é fundamental. Sem essa gestão, quando a equipa perder a bola, vai ficar descompensada. As equipas de futebol são um equilíbrio básico.

N.A. - Alguém referiu que a melhor forma de defender não é deixar de atacar, mas sim jogar defensivamente. Concorda? Ou uma equipa tem que ser menos ofensiva para defender bem?

Lobo - É evidente que não. O jogador está sempre primeiro que o sistema. É impossível eu estar a treinar o União de Santarém e jogar da mesma maneira que joga o Porto! É impossível. Eu tenho que me adaptar aos jogadores que tenho. Há muitos treinadores que, quando vão treinar uma equipa, colocam o sistema à frente dos jogadores. Não concordo! Eu tenho que colocar os jogadores à frente do sistema. Em função dos jogadores que tenho é que eu vou fazer o sistema. Os jogadores é que vão condicionar o meu sistema de jogo. Há uma filosofia de jogo que cada treinador tem e que tenta inculcar nas equipas que treina, seja uma equipa pequena ou grande, agora, quando joga com adversários superiores, tem que adaptar o seu sistema de jogo. Isso é inevitável.

Em relação à sua pergunta, é evidente que a melhor forma de defender não passa por deixar de atacar. A posse de bola é um princípio básico para se defender e para atacar. Estando a bola em nosso poder, não há perigo nenhum!

N.A. - Mas não haverão muitos treinadores a pensar um bocadinho ao contrário? Isto é, não haverão muitos treinadores que são menos ofensivos para tentarem defender melhor?

Lobo - Isso tem a ver com a pressão do resultado. Muitas vezes, parece que a melhor forma de conseguir resultados é começar por não perder. Se não se sofrerem golos, não se perde! Daí que, muitas vezes, as equipas optem por se fechar lá atrás, por jogarem com três trincos, com líbero, com três centrais,... E depois vemos jogadores como o Baggio no banco! Há muitos treinadores que pensam assim realmente. Eu acho isso um erro, mas são opções de jogo. Por exemplo, é desolador ver o Inter do Cúper jogar e eu estou convencido de que, se todas as equipas jogassem como o Inter, muita gente deixaria de ir ao futebol. É desolador ver uma distância de quase trinta metros entre o meio campo e o ataque! Um aspecto que distingue bem uma equipa defensiva de uma equipa ofensiva é a intenção de encurtar ou alargar o campo. Quando uma equipa não tem medo de jogar e quer discutir o jogo pelo jogo, encurta o campo e joga no menor espaço possível (fica com as linhas muito próximas). Quando uma equipa quer especular com o jogo, alarga o campo e aí vê-se uma distância enorme entre as três linhas, sobretudo entre o meio campo e o ataque. E o caso do Inter é gritante. Há muitos treinadores que pensam o futebol desta forma, mas não me fazem pagar um bilhete para ir ver um jogo desses.

N.A. - Quanto mais ofensiva for uma equipa, melhor ela tem que defender? Por estar exposta a maiores riscos, por exemplo.

Lobo - Uma equipa tem sempre que defender bem, seja mais ou menos defensiva. O conceito defender bem deve manter-se qualquer que seja a postura da equipa.

N.A. - Fará mais sentido dizer que quanto mais ofensiva for uma equipa, mais de uma forma diferente ela tem que defender, isto é, olhando para uma equipa ofensiva e para uma equipa defensiva, poder-se-á dizer que ambas têm que defender bem, porém, têm que defender, necessariamente, de uma forma diferente?

Lobo - Sim. Isso é verdade. Têm necessariamente que defender de formas diferentes. Sem dúvida! Em função do adversário, em função do jogo, em função das características dos jogadores que cada equipa tem. Em função de variadíssimas circunstâncias de cada jogo. Agora, uma equipa tem que ter sempre esses equilíbrios dos tempos e dos espaços. Isso é fundamental. E, quando pede a bola, tem que ter jogadores que a compensem imediatamente.

Se for uma equipa mais ofensiva, têm mais jogadores que fazer a compensação. Por exemplo, imaginemos que uma equipa tem mesmo que ser mais ofensiva para tentar virar o resultado menos bom que obteve na primeira mão das competições europeias. Essa equipa terá que ter maiores preocupações defensivas, mas isto não quer dizer jogar com mais defesas. Se a equipa vai querer ser mais ofensiva, vai jogar com mais avançados e com menos defesas. E como é que ela vai compensar essa situação? O próprio avançado centro, que noutros jogos não terá que ter uma missão tão activa, será o primeiro a defender. Quando o defesa central adversário está a sair com a bola, ele tem que ir lá fazer a marcação, fazer a zona e impedir que o defesa entregue a bola jogável. Portanto, a equipa começa a defender no meio campo ofensivo, quase à entrada da área adversária. Uma equipa que esteja a defender uma vantagem já defende, necessariamente, de forma diferente.

N.A. - Devemos ver a maneira como a equipa defende de forma independente da maneira como ataca ou a forma como defende deve estar sempre relacionada com a forma como quer atacar?

Lobo - Claro que está sempre relacionada. Uma equipa é um bloco. Não podemos ver os aspectos defensivos de forma independente dos ofensivos. É evidente que é um bloco. As três linhas têm que ter ligação constante entre elas. Não existem equipas que vivam só de defesas ou só de avançados! Uma equipa é mesmo isso.

N.A. - Respondeu-me relacionando os sectores, mas gostava que também se referisse à possível relação que deverá existir entre os dois momentos (defesa e ataque)? Isto é, deverá existir coerência entre aquilo que a equipa quer para o momento defensivo e aquilo que ela quer para o momento ofensivo?

Lobo - Tem que haver coerência. E o exemplo do avançado centro que tem que fazer a marcação ao defesa para não o deixar sair a jogar já é o tal equilíbrio, uma forma de coerência defensiva, de coerência de jogo. A organização ofensiva e a organização defensiva de uma equipa devem estar completamente relacionadas. Uma equipa é um todo. Um treinador, quando prepara um jogo, não pode pensar que vai defender de uma maneira e que vai atacar de uma forma completamente distante. As coisas interligam-se. O Menotti dizia que uma equipa é feita de pequenas sociedades e eu penso que isto é fundamental. Pequenas sociedades que são feitas entre o lateral e o médio ala, entre o central e o trinco, entre os dois pontas-de-lança,... Há essa interligação de que estás a falar. O jogo defensivo tem que estar ligado com o jogo ofensivo. Quando a equipa ataca, o lateral muitas vezes sobe e procura a triangulação com o médio ala para ir à linha. Quando defende, se o lateral subiu, o médio ala tem que recuar para fechar. Existe uma ligação constante entre o ataque e a defesa. E o jogo pelos flancos é o melhor exemplo dessa situação. Se o lateral sobe, o médio tem que vir cobrir.

N.A. - O que é, para si, jogar bem defensivamente?

Lobo - Normalmente, relaciona-se o jogar ofensivamente com o ter a posse de bola e o jogar defensivamente com o não ter a posse de bola e o querer recuperá-la. Porém, também é preciso saber jogar defensivamente com a bola. O jogar bem defensivamente pressupõe esses dois aspectos. Saber cobrir os espaços, trabalhar bem na recuperação da bola, não deixar o adversário pensar com a bola nos pés, recuperá-la e, depois de a recuperar, saber tratá-la e entregá-la. Jogar bem defensivamente é isto.

N.A. - Onde é que se defende melhor, perto ou longe da nossa baliza?

Lobo - É evidente que se defende melhor longe da nossa baliza, pois temos mais tempo para respirar. Quanto mais longe da zona de risco defendermos, melhor. Até porque, dessa forma, podemos atacar melhor quando recuperarmos a bola. Devemos evitar ao máximo defender perto da nossa baliza.

N.A. - Mas, olhando para o futebol português, a maioria das equipas defende junto à sua baliza...

Lobo - Não é só no futebol português! O futebol português também não é só um bando de malfeitores que só dá cabo do jogo. Também não é assim! Eu penso que não é essa a intenção e que não é essa a filosofia dos treinadores portugueses. Eles não querem defender em cima da sua baliza. Ninguém quer fazer do futebol um exercício de sofrimento como esse. Agora, muitas vezes, o receio de perder obriga as equipas a defender mais atrás. O estar a ganhar também, porque o adversário pressiona mais e leva a equipa a recuar no terreno. As vezes porque se perdeu o jogo anterior e então tem que se ganhar aquele.

N.A. - E em relação ao número de jogadores? A melhor forma de defender é defender com muitos homens? Muitas vezes, aquilo que se vê são dez jogadores (ou mesmo os onze) atrás da linha da bola no seu meio campo defensivo...

Lobo - Não é bem assim. Tu estás a pensar no futebol português, não é?! A pensar no futebol latino! O futebol latino joga muito atrás da linha da bola. É um futebol de expectativa, sempre na procura de recuperar a bola e contra-atacar. O futebol latino é todo assim. Mas não é tanto a questão de ter muitos jogadores. Os jogadores têm é que ter categoria, têm que ter nível técnico, têm que se sentir confortáveis com a bola. Os centrais têm que ser

rápidos, têm que saber ir dobrar. Os jogadores têm que ter categoria técnica e tática, têm que saber ler o jogo, têm que saber ter a bola nos pés,... Para mim, o ideal é uma defesa a quatro: dois laterais que saibam defender, um libero e um central de marcação. E depois um trinco à frente da defesa. Na minha perspectiva, assim tem-se uma boa defesa.

N.A. - O que é, para si, defender à zona? O que é que caracteriza a defesa à zona?

Lobo - Defender à zona é a capacidade de gerir os espaços e o tempo. É exactamente saber ocupar os espaços da maneira mais correcta, quando não se tem a posse de bola. Basicamente é isso. A defesa à zona é a única que se adapta à verdadeira noção de equipa. Todos têm a obrigação de dobrar todos, numa determinada zona do terreno. Defender à zona é ocupar todos os espaços ao longo do campo. O próprio ponta-de-lança faz a zona. O central adversário vai a sair com a bola e o ponta-de-lança vai fazer a zona, vai marcar. Repara numa coisa, o sistema de marcação não é em si mesmo um sistema de jogo, contudo, influencia definitivamente a dinâmica da tática. Uma equipa, para ser verdadeiramente solidária, tem que defender à zona, onde todos dobram todos, em cada espaço, em cada *zona*, respeitando o jogo de compensações. Basicamente, uma equipa para ter uma dinâmica tática que vise ter a iniciativa do jogo, tem que defender... defender não, tem que marcar à zona. Essa é a melhor forma de comprometer todos os jogadores com um ideal colectivo de jogo e de os colocar todos a trabalhar na recuperação da bola. Obriga a ter cultura tática, obriga a ter uma excelente leitura de jogo. Os jogadores têm que saber ler bem os movimentos da equipa adversária para ocuparem os espaços e fazerem a zona. O que é a zona? É ocupar esses espaços, essas zonas do campo e gerir esses tempos. O tempo em que os devem ocupar.

N.A. - Porque é que referiu que não era defender, mas sim marcar à zona?

Lobo - Porque fazer a zona não tem que ser obrigatoriamente uma atitude só defensiva. Não devemos entender a organização defensiva e a organização ofensiva separadas uma da outra. Defender só por si à zona, visava impedir apenas o adversário de jogar. Marcar à zona é a forma mais próxima de recuperar a bola ao adversário e iniciar logo uma manobra atacante. Aí está a dinâmica da tática! Portanto, não é defender verdadeiramente, mas sim marcar um determinado espaço à zona. É ocupar um espaço ou uma zona, à zona.

N.A. - Falou em espaços que os jogadores têm que ocupar. Esses espaços são as zonas de intervenção dos jogadores (decorrentes do sistema) ou são espaços que a equipa entende serem importantes em função de algumas referências (a posição da bola, por exemplo)?

Lobo - Desculpa, mas não percebi. Podes repetir?

N.A. - Eu tento ir por outro lado. Os jogadores têm que se colocar em campo para defender, por isso, têm que percorrer espaços e ocupar espaços. O que é que os deve orientar nesses deslocamentos e nessa ocupação de espaços (nessa colocação em campo)? Defendendo à zona, quais as referências dos jogadores para se colocarem em campo?

Lobo - É o sistema. Como ponto de partida, é o sistema, mas isto não pode ser visto de uma maneira estática, porque depois existe a dinâmica da tática. Em termos de marcação, e tendo o adversário a posse de bola, é evidente que um jogador vai estar condicionado pelos movimentos do adversário. Agora, cada jogador faz uma determinada zona do terreno. Terá de existir disciplina posicional. Por exemplo, o médio ala direito é responsável pelo corredor direito e, quando o médio ala adversário invade aquela zona, o lateral ou ala da nossa equipa tem que fazer ali a zona, tem que a cobrir.

N.A. - Disse que cada jogador faz uma determinada zona do terreno. Essa zona pela qual é responsável é sempre a mesma ou varia em função da posição da bola?

Lobo - Até certo ponto, ela não varia. O limite situa-se no momento em que, com essa movimentação, subverte a dinâmica tática pretendia. Cada jogador tem que respeitar a zona de cada um. Um jogador não pode invadir, sem critério, a zona do colega, sob pena de sucederem descompensações de marcação. Por exemplo, suponhamos que um jogador adversário em posse da bola invade determinada zona. O nosso jogador sai a fechar a zona, ocupando-lhe o espaço e impedindo-o de pensar. Se nesse movimento outro colega fizer o mesmo movimento e invadir o mesmo espaço, vai deixar uma zona liberta para onde o adversário pode tocar a bola. Isto é fazer mal a zona!

N.A. - É correcto dizer-se que, em função dos diferentes posicionamentos da bola, a zona pela qual cada jogador é responsável vai sendo diferente? Isto é, faz sentido dizer-se que a zona pela qual eu sou responsável vai sendo diferente em função do posicionamento da bola?

Lobo - Não. Isso não. A zona pela qual um jogador é responsável é sempre a mesma. Por exemplo, tendo o médio ala que ocupar a zona direita do campo, ele não é responsável por aquilo que se está a passar no corredor esquerdo, se a bola aí se encontra. Ele tem que fazer a zona na zona dele e não na zona de outro jogador.

N.A. - Mas, tendo em conta as dimensões de um campo de futebol, se um jogador se limita à sua zona (o ala ao seu corredor, por exemplo), a ideia de todos dobrarem todos acaba por se perder...

Lobo - A ideia de todos dobrarem todos não quer dizer que os onze jogadores tenham que dobrar um outro jogador independentemente de quem ele seja. Não! Todos os jogadores têm a tarefa de dobrar o outro jogador, isto é, não podem haver jogadores a marcarem ao homem, jogadores sem tarefas de marcação, jogadores que só jogam com a bola no pé,... Todos dobram todos é no sentido de que todos os jogadores têm que ter noção de que têm que dobrar o colega respeitando as zonas do terreno no qual se movem de acordo com a sua função e posição inicial em campo. Agora, isso tem também a ver com a zona onde jogam. Não tem nada a ver com o lateral direito ter a obrigação de ir dobrar o lateral esquerdo que perdeu a bola!

N.A. - Mas, quando a bola está num corredor, não fará sentido toda a equipa fazer uma basculação para o lado da bola? E o ala, ao fazer essa basculação, vai passar a ser responsável por outra zona, não concorda?

Lobo - Esse movimento não é assim tão radical. O movimento que esse ala faz nunca implica que ele se distancie demasiado da zona dele, ao ponto de perder o seu controle. É óbvio que, se a bola vai para o corredor contrário, existe um movimento instintivo, reflexo, dos jogadores no sentido de acompanhar o jogo, mas os jogadores não devem sair das suas zonas. Repara, se o extremo adversário continuar aberto no corredor contrário ao da bola, é evidente que o ala desse lado tem que ficar na sua zona, no seu corredor. Ele tem que saber gerir o tempo e o espaço, porque, se isso não acontecer, a bola pode ser lançada para esse jogador e o ala não vai estar na zona pela qual é responsável. A movimentação tem que ser até ao limite da sua zona, nunca podendo invadir a zona do colega. Porque depois não está ninguém na sua zona!

N.A. - Um pequeno aparte, quando fala em dobras refere-se às coberturas defensivas, não é assim?

Lobo - Exacto.

N.A. - Alguns treinadores e comentadores desportivos associam a defesa à zona a uma forma de defender passiva. É comum ouvir-se dizer frases do tipo: «a equipa está a defender à zona o que dá tempo e espaço ao adversário para pensar». Muitas vezes, vemos as equipas retraídas no seu meio campo, com todos os jogadores atrás da linha da bola, e os comentadores referem logo que as equipas estão a defender à zona. O que acha desta ideia?

Lobo - Isso é defender mal à zona. A zona não pode ter uma atitude passiva. A zona não é ver o adversário jogar! A zona é pressionar o adversário, não o deixar pensar, invadir a zona dele, cortar-lhe as linhas de passe e recuperar a bola. Isto é que é fazer a zona! Não percebo o que é que eles querem dizer quando dizem uma coisa dessas.

N.A. - Mas são vários os treinadores que têm a ideia de que defender à zona é a equipa estar lá atrás à espera do erro do adversário!

Lobo - Não! Eu estou completamente em desacordo! Defender à zona é cada jogador ocupar a sua zona, pressionar nessa zona, cortar as linhas de passe nessa zona, impedir o adversário de pensar nessa zona, lutar pela recuperação da posse de bola nessa zona,... E isto vale tanto para o ponta-de-lança como para o central. O próprio ponta-de-lança deve sair a fechar para impedir o defesa central adversário de pensar. A zona passa por uma atitude pressionante. É uma zona pressionante. A zona não é ficar a ver o adversário jogar! E o melhor exemplo é o Milan de Sacchi do final dos anos oitenta.

N.A. - Então, para si, a zona só faz sentido se associada à pressão, não é assim?

Lobo - Exactamente. A sua intenção base passa por impedir o adversário de pensar e por tentar recuperar a posse de bola. É a chamada zona pressionante.

N.A. - E quanto ao associar-se a defesa à zona com o facto de uma equipa defender com todos os jogadores atrás da linha da bola, no seu meio campo defensivo? Isso só por si diz-nos que a equipa está a defender à zona?

Lobo - Não. Nem coisa que se pareça. A zona é feita a todo o campo, em todas as zonas do campo, por todos os jogadores, em determinadas zonas do campo. É feita pelo ponta-de-lança, pelo ala, pelo trinco, pelo interior, pelo central,... Uma equipa que joga toda atrás não está a jogar à zona, porque não está a ocupar todas as zonas do

campo! Apenas está a ocupar metade do campo! A zona, para mim, está ligada ao *pressing*. Isso é que é defender bem à zona, no meu conceito.

N.A. - Ainda em relação a conceitos, o que é, para si, defender homem-a-homem? Eu pergunto isto porque tanto se fala em defesa homem-a-homem como em defesa individual e, se para algumas pessoas, estes dois conceitos são sinónimos, para outras pessoas isso já não é bem assim.

Lobo - Eu vejo-os como sendo a mesma coisa. Defender homem-a-homem, defender individualmente, marcar ao homem ou marcar individualmente é dar como tarefa a um jogador a marcação de um determinado adversário e segui-lo para todo o lado. Muito sinceramente, isso na minha opinião é um símbolo do futebol mais decadente que pode existir. É uma coisa completamente ultrapassada, é a negação do futebol. Nem me parece que isso traga alguma vantagem! Muito mais agora, porque hoje em dia... Isso utiliza-se, em princípio, para marcar o melhor jogador da equipa adversária, o mais criativo, o tecnicamente melhor. Não fazia sentido de outra maneira. Mas, por exemplo, o Maradona já disse várias vezes em entrevistas que para ele era óptimo que o marcassem homem-a-homem. Ele passava esse jogador e pronto, estava feito. A partir daí já não havia mais ninguém... ia passando alguém que lhe aparecia à frente, mas já não havia aquele que o marcasse em cima. Muito sinceramente, não vejo que utilidade possa ter a marcação homem-a-homem. A marcação ao homem só pode funcionar se o árbitro permitir faltas constantes, umas atrás das outras. No futebol actual, acho que a marcação ao homem não faz sentido absolutamente nenhum!

N.A. - Mas existe?

Lobo - Existe. De vez em quando ainda vemos algumas tentativas de marcação ao homem.

N.A. - Mas os onze jogadores a marcar homem-a-homem já não se vê, não é assim?

Lobo - Isso já não se vê.

N.A. - Se esse homem-a-homem com a equipa toda não existe, faz sentido dizer-se que a grande maioria das equipas defende à zona?

Lobo - Repara uma coisa, por isso é que eu te digo que a marcação à zona é a única que tem a ver com a noção de equipa e de solidariedade, em que todos os jogadores estão comprometidos com o mesmo ideal colectivo de jogo, com a mesma filosofia de jogo, a chamada zona pressionante. A marcação individual destaca um elemento dessa equipa (coloca-o à margem desse ideal colectivo de jogo) para vigiar um jogador da equipa adversária. Portanto, a marcação individual nem sequer é feita tendo em conta a noção de equipa. O sistema de marcação ao homem é um sistema egoísta! É um sistema negativista! É um sistema que visa impedir o adversário de jogar. Só que não consegue! Só o consegue com o recurso sistemático à falta.

Mas as equipas jogam todas à zona? Não! É a tal marcação mista, a chamada zona mista. Numa zona mista, há espaços onde se defende à zona e espaços onde se defende ao homem.

N.A. - Imagine que eu não tenho um determinado jogador para marcar (não tenho um adversário para andar a seguir, sempre o mesmo), mas que, no meu raio de acção (na minha zona de intervenção decorrente do sistema), as minhas referências são individuais e eu marco o meu adversário directo, isto é, aquele jogador que está mais próximo de mim ou que entra no meu raio de acção. Que forma de defender é esta?

Lobo - Isso é defender à zona. É defender à zona, porque o jogador não está a defender em função do adversário, mas sim da zona, do espaço. Se a minha zona é invadida por determinado jogador, eu tenho que o marcar. Por exemplo, o Deco é um jogador que não tem um espaço limitado de campo, tanto aparece na direita, como na esquerda, como no meio. E ele é marcado à zona! Em cada zona do terreno há um jogador que lhe faz a marcação. Agora, também acho que jogadores como o Deco devem ter uma vigilância especial, isto é, têm que ser seguidos de perto. Acho legítimo que um treinador destaque um jogador da sua equipa para vigiar um determinado adversário mais de perto. Não pode é colocar o seu jogador só em função do adversário, porque, na minha opinião, torna-se contraproducente. Em relação à tua pergunta, essa situação é em função do espaço. Se o Deco aparecer na direita, é outro jogador que vai fazer a zona e a marcação. Não se pode é deixar o Deco pensar. Há jogadores que quase podiam ser marcados individualmente à zona. Isto é, são jogadores que têm de ser marcados muito em cima. Essa marcação acaba por ser individual, mas feita pelos onze jogadores. No caso de um jogador como o Deco, por exemplo, estando ele em posse da bola e invadindo um determinado espaço, tem que ser logo marcado em cima. Há jogadores que têm de ter uma vigilância muito maior, muito mais apertada. Os grandes jogadores, os criativos, como o Ronaldo, o Zidane, o Ronaldinho,...

N.A. - Mas aí está a ir contra a ideia do Maradona...

Lobo - Não! Não, porque não estou a destacar um jogador só para o marcar e a dispensar os outros dessa responsabilidade. Eu estou a colocar todos os jogadores com a responsabilidade de o marcar. A atenção tem que ser diferente quando a bola está nos pés do Zidane ou do Michel Salgado.

N.A. - O que é, para si, a acção de marcação? O que é um jogador estar a marcar um adversário?

Lobo - É impedir o jogador adversário de pensar. É impedi-lo de dominar o tempo e o espaço. O tempo de posse de bola (o tempo que ele está com a bola nos pés) e o espaço. É invadir o espaço de acção do adversário, impedi-lo de pensar, cortar-lhe as linhas de passe e recuperar a bola.

N.A. - A acção de marcação implica então que o defensor esteja próximo do adversário e que o tente anular?

Lobo - É evidente. Por isso é que é zona pressionante. É preciso pressionar, não pode ser à distância.

N.A. - Sim, mas uma coisa é pressionar um jogador e outra coisa é marcar um jogador. O portador da bola é pressionado e os restantes são marcados...

Lobo - Exacto, mas os jogadores devem ser marcados sem bola. A bola pode estar no meio campo adversário e eu estou a marcar... Eu não marco o jogador em si! Marco o jogador, mas marco sobretudo o raio de acção desse jogador, o espaço onde o jogador actua, o espaço onde o jogador pode criar perigo. A bola pode estar no lado oposto e eu ter que estar a marcar.

Estamos a falar de conceitos que não são estáticos, mas dinâmicos e, portanto, são difíceis de traduzir numa frase.

N.A. - Por aquilo que referiu atrás, defendendo à zona, cada jogador tem que marcar o adversário que entra no seu raio de acção (o seu adversário directo). Por outro lado, quando uma equipa defende à zona, deve ter a preocupação de encurtar o espaço entre linhas (em termos de profundidade e de largura) e de funcionar em bloco. Não acha que o facto dos jogadores terem como referência os seus adversários directos (quando passo a defender, a minha referência é o adversário que está no meu raio de acção) leva a que o bloco defensivo se torne muito anárquico e a que as relações de cobertura entre os jogadores se percam?

Lobo - Não. Não. Porque, como já te expliquei, a zona, não sendo um sistema de jogo, contribui para a dinâmica da tática. A zona é responsável por isso. Isto são conceitos que estão ligados uns aos outros. Quando eu falo nas pequenas sociedades, não é um conceito anárquico! Se o lateral sobe e deixa a sua zona de marcação vazia, ele terá que ser compensado pelo ala. O ala vai ter que fazer a compensação defensiva do colega que avançou. E isto é feito em todas as zonas do campo, pelos diferentes jogadores da equipa. Na ala esquerda é feita a mesma coisa, entre o *libero* e central de marcação também. Estas são as pequenas sociedades que existem no seio de uma equipa.

N.A. - Mas, se o lateral no seu raio de acção, o central no seu raio de acção, o médio centro no seu raio de acção e todos os outros tiverem como única preocupação os jogadores que entram nos seus espaços, o colectivo não acaba por se perder em acções individuais?

Lobo - O jogador é responsável pelo espaço, pela zona, e, se a zona for invadida por um adversário, ele tem que vigiar os movimentos do adversário.

N.A. - Exacto. Mas uma coisa é vigiar e outra coisa é encostar ou acompanhar.

Lobo - Se queremos fazer uma zona pressionante, temos que fazer *pressing*, não podemos ter uma atitude passiva, não é estar a ver o adversário jogar. A defesa à zona só faz sentido com esta atitude pressionante.

N.A. - Faz então sentido dizer que um jogador, defendendo à zona, marca o jogador que entra no seu espaço?

Lobo - São as duas coisas. É o espaço e o homem que o ocupa. E a bola, se ela também lá estiver.

N.A. - E até que ponto é que, defendendo à zona, faz sentido os jogadores acompanharem adversários sem bola (os seus adversários directos)?

Lobo - Até que ponto? Imenso. Imaginemos que a bola está no corredor direito e que está um adversário no corredor esquerdo. O jogador responsável por aquela zona tem que a vigiar, não a pode deixar liberta. Se a bola vai para lá e não está ninguém a marcar aquela zona, como é que é? O adversário vai ficar com o caminho todo aberto? Isso não pode acontecer!

N.A. - E como é que consegue fazer um bloco compacto, reduzir o espaço entre linhas e entre jogadores, se existem jogadores a acompanhar adversários?

Lobo - Esse acompanhamento não é para todo o lado nem em todas as circunstâncias. O que não pode haver é adversários sozinhos. O bloco coeso que a equipa tem que ser é em termos de iniciativa. A equipa deve ter uma postura activa e procurar juntar as linhas. Agora, se do outro lado está uma equipa que alarga as linhas, muitas vezes nós somos obrigados a acabar por alargar as nossas linhas, porque temos que ter os espaços ocupados em função de onde está a bola e de onde está o adversário. O caso do Inter é um bom exemplo. As equipas italianas sabem alargar o campo e, alargando o campo, especulam sobre o jogo e obrigam o adversário a fazer o mesmo. É dramático que isso aconteça.

N.A. - Muitas vezes, quando olhamos para um jogo de futebol, verificamos que os jogadores das duas equipas andam aos pares (formam parselhas). Porque é que isso acontece? Tem a ver com o «sistema de marcação»?

Lobo - Não. São os sistemas que muitas vezes encaixam uns nos outros, por serem parecidos.

N.A. - Esse tipo de «geometria» (os jogadores aos pares, uma equipa encaixada na outra) pode verificar-se numa equipa que defende à zona?

Lobo - Pode. Perfeitamente. Nós nunca vamos ver é o lateral direito, por exemplo, a atravessar o campo para ir acompanhar um adversário até ao lado contrário. O melhor sítio para ver um jogo de futebol do ponto de vista táctico é atrás da baliza, numa posição alta. E aí conseguimos ver melhor esse jogo de parselhas. É quase como uma dança ou um bailado. Vemos o encaixe entre os triângulos, os «Ws», os «Ms»,... O jogo é quase um bailado!

N.A. - Quais são os principais indicadores que nos permitem dizer que uma equipa defende à zona?

Lobo - É a atitude que a equipa tem quando o adversário tem a posse de bola. É ver como a equipa se movimenta sem a bola.

N.A. - Alguns treinadores referem que uma equipa que defende à zona não tem um central de marcação e um *libero* definidos...

Lobo - Para mim, a defesa à zona não tem nada a ver com a questão do quarteto defensivo. Tem a ver, isso sim, com os onze jogadores. O ponta-de-lança é o primeiro a fazer a zona. E a equipa pode jogar com um *libero*, com três centrais,... A marcação à zona não tem a ver com isso.

Há um aspecto importante da defesa à zona sobre o qual ainda não falámos. Uma equipa que defende à zona tem como arma saber fazer bem o fora-de-jogo, que não é mais do que dominar os espaços. Quando o adversário tem a posse de bola, a equipa deve saber adiantar a linha defensiva para colocar jogadores em fora-de-jogo. Era isso que o Milan fazia. O *libero* tem é que jogar de perfil, isto é, tem que jogar ao lado do central de marcação. E é o *libero* quem dá a ordem de subida para colocar os adversários em fora de jogo.

N.A. - Para si, quais são as grandes vantagens da defesa à zona?

Lobo - Para mim, enquanto espectador, são imensas, na medida em que vejo uma equipa a querer jogar futebol, a ocupar bem os espaços, a ter a iniciativa do jogo, a saber tocar a bola e não a jogar em função do adversário. Como espectador, prefiro ver as equipas a jogarem à zona. Agora, numa perspectiva de treinador, penso que a defesa à zona tem a vantagem de nos permitir controlar melhor os ritmos de jogo. Temos a iniciativa do jogo e não jogamos em função do adversário. A dinâmica é maior. Tem imensas vantagens. Do ponto de vista do espectador, são todas. Do ponto de vista do treinador, é saber manejar melhor os espaços e os tempos, seja com bola ou sem bola.

N.A. - É preciso termos melhores jogadores para defendermos à zona?

Lobo - Temos que ter jogadores inteligentes taticamente, jogadores que saibam ler o jogo, que saibam ler os movimentos do adversário, que saibam «adivinhar» onde a bola vai cair. Jogadores taticamente inteligentes que saibam ocupar os espaços, que saibam fazer as compensações, que saibam dobrar,... Jogadores taticamente inteligentes e tecnicamente evoluídos. Para mim, a técnica é a base de tudo.

N.A. - No que se refere às diferentes formas de defender, o que é que prevalece ao nível das equipas de top?

Lobo - É a defesa à zona. As grandes equipas, desde o Brasil de setenta até ao Milan de Sacchi e o próprio Real Madrid actual, defendem à zona. Fazem marcação à zona (e não defesa à zona).

N.A. - E cá em Portugal?

Lobo - Sinceramente, não vejo muito futebol português. Não vejo. O futebol português está a passar uma fase muito crítica a nível de mentalidade, a nível de jogo,... Eu não vejo em mais lado nenhum o jogo parado tanto tempo. Qualquer toquezinho e o jogador cai! Eu vejo futebol de todo o mundo (vejo sempre entre dez e vinte jogos por semana), vejo futebol italiano, espanhol, inglês, alemão, holandês, argentino, brasileiro,... e só em Portugal é que vejo tanta paragem de tempo, tantas simulações de faltas, tantas entradas de médicos,... A ideia que eu tenho é que os treinadores portugueses são treinadores com o mesmo nível dos treinadores de fora, não os acho inferiores nem coisa que se pareça, mas criam-se mitos com uma facilidade tremenda, dividem-se escolas e fala-se em velhas escolas e novas escolas... Não consigo generalizar. Eu não consigo dizer como é que o treinador português joga. Uns jogam de uma maneira e outros de outra, em função das equipas que têm. Mesmo os treinadores da moda, se forem para outra equipa, jogam certamente de maneira diferente. Há um treinador de quem eu gosto muito, que é o Jorge Jesus. Gosto da forma como as equipas dele se colocam em campo. Não é um treinador de top, neste momento até está no desemprego, mas eu aprecio-o.

N.A. - Em que é que defender homem-a-homem pode prejudicar uma equipa ao nível do ataque?

Lobo - Em primeiro lugar, a equipa fica com menos um jogador para pensar o jogo colectivo, tanto a defender como a atacar. Mas também não é nenhum crime. O facto da equipa ter um jogador a marcar ao homem não significa que a equipa vai automaticamente deixar toda de jogar. Prejudica porque tem menos um jogador a pensar futebol quando a equipa tem a posse de bola, na medida em que ele está unicamente preocupado com o adversário que tem que marcar.

N.A. - Normalmente diz-se que a equipa que tem a posse de bola é quem tem a iniciativa do jogo. Poder-se-á dizer que a defesa à zona permite a uma equipa, sem a posse de bola, ter alguma iniciativa sobre o jogo?

Lobo - Sim. Isso é verdade. A marcação à zona compromete toda a equipa, a marcação ao homem compromete um jogador, ou dois, no máximo. Não é pelo facto de uma equipa ter um jogador a fazer uma marcação individual, que vai deixar de ter também muitas vezes a iniciativa de jogo. Não é uma situação assim tão radical. Agora, uma equipa que defende à zona, mesmo sem a posse de bola, pode ter a iniciativa do jogo. Se souber manejar bem os espaços e os tempos ao longo do jogo, sim.

N.A. - O Menotti refere que a zona é liberdade...

Lobo - O Valdano e o Menotti são as duas faces de uma mesma moeda! Se a marcação ao homem torna a defesa num prisioneiro, a marcação à zona liberta o jogador.

N.A. - O Maturana afirma que a zona faz da defesa a arte de atacar...

Lobo - Lá está, defendendo à zona, a equipa consegue ter a iniciativa do jogo. Lê o jogo e controla os tempos e os espaços. E, quando se controlam os tempos e os espaços, está-se a atacar mesmo quando não se tem a posse de bola.

N.A. - Poder-se-á dizer que a zona pressionante faz-se para atacar?

Lobo - Faz-se para controlar o jogo, para ter a iniciativa do jogo, para recuperar a bola e, a partir daí, iniciar as manobras atacantes com bola.

N.A. - A zona pressionante é um bloco. É um jogador que o coordena ou é a equipa que responde a situações que estão a acontecer no jogo?

Lobo - É a equipa em si. A equipa funciona como um bloco. Sobe, desce, lateraliza. A única situação em que alguém se pode destacar como líder é na realização do fora-de-jogo. Sem a acção do *libero* a comandar a defesa, a zona perde uma das suas principais armas que é o jogar em fora-de-jogo.

ENTREVISTA A MIGUEL LEAL

Treinador Principal do Futebol Clube do Marco
Instalações da FCDEF-UP (Porto), 30 de Maio de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Gostava de começar por saber se acredita que apostando em jogar bem, em jogar ao ataque, é mais fácil ganhar.

Miguel Leal (Leal) - Sim, acredito que quem joga para ganhar tem mais possibilidades de o conseguir. E penso que quem aposta num futebol ofensivo fá-lo porque por trás tem, de certeza, uma consistência de trabalho que lhe permite assumir esse tipo de jogo e acreditar que essa é a forma mais fácil de chegar à vitória. Ainda que em campo, por vezes, as coisas não sejam assim, penso que com uma filosofia positiva de jogo a probabilidade de ganharmos é maior.

N.A. - Se queremos ganhar temos, então, que atacar, porém, também é importante sustentar defensivamente essa forma de jogar. Concorda com esta ideia?

Leal - Evidentemente que ninguém ganha só a atacar, do mesmo modo que também ninguém ganha só a defender, pois para marcar golo também é preciso atacar. O jogo é feito de ataque, de defesa, de transições e, cada vez mais, as equipas que melhor dominam estes momentos do jogo – as transições – são as que, mais facilmente, dominam o jogo. Penso que tudo está interligado e, para mim, o ataque não tem sentido se não se preparar o momento em que a equipa vai procurar rapidamente conquistar a bola ou anular, por exemplo, o contra-ataque adversário. Uma equipa que quer ganhar tem também que defender muito bem. Agora, a forma como assume o jogo, a sua filosofia, pode ser mais ou menos positiva. Se, por um lado, existem equipas que dão a iniciativa ao adversário, por outro eu penso que as equipas que assumem a iniciativa do jogo têm maior probabilidade de ganhar. E isto não quer dizer que descurem a defesa ou que descurem os momentos de transição. Quer dizer, isso sim, que, por natureza, são equipas que gostam de assumir o ataque.

N.A. - Faz então sentido falar em atacar contemplando a possível perda da bola?

Leal - Claro. E também em defender contemplando a possibilidade de ganhar a bola. As equipas que dominam estas nuances do jogo normalmente são as equipas mais inteligentes e são aquelas que têm uma ideia colectiva, ideia essa que, mediante o contexto e sem anular a criatividade individual dos jogadores, permite que estes possam ter referências colectivas que lhes facilitem o jogo, em cada momento do mesmo. O jogo de futebol é um jogo essencialmente colectivo (embora as pessoas muitas vezes pensem que não!). As equipas que, tendo bem assimiladas estas referências, as conseguem pôr em prática, são equipas que conseguem assumir os jogos e impor a sua forma de jogar e as suas ideias. Portanto, é, de facto, muito importante atacar contemplando a possível perda da bola e defender tendo previstas algumas situações de ataque e contra-ataque, no sentido de aproveitar, o mais rapidamente possível, a desorganização do adversário.

Muito sinceramente, estou em crer que, hoje em dia, as equipas que melhor dominam as transições, são as que conseguem ganhar mais vezes. Parece-me que as equipas que são muito boas nesses dois aspectos, isto é, no perder a bola e já estar em situação de condicionar o adversário e no ganhar a bola e já ter também a solução antecipada no sentido de aproveitar a desorganização adversária, conseguem ter alguma superioridade em termos de resultados.

N.A. - Gostava que se referisse, um pouco mais em pormenor, à necessidade de existir equilíbrio defensivo ao nível do ataque. Por exemplo, que medidas toma, em termos práticos, para garantir esse equilíbrio?

Leal - Em primeiro lugar, devemo-nos preocupar com o ataque e com o consolidar daquilo que pretendemos fazer para chegar ao golo, porém, também é importante contemplar a oscilação dos jogadores de zonas onde a probabilidade da bola ser jogada, mesmo pelos meus jogadores, é menor, no sentido de tapar espaços por onde o adversário, caso ganhe a posse de bola, pode contra-atacar. Depois, a nossa acção, no momento em que perdemos a bola, pode ser diversa. Pode ser, por exemplo, uma pressão rápida sobre o jogador adversário que recuperou a bola ou tentar provocar uma falta, no sentido de anular o adversário. Estes comportamentos são reforçados ao nível de situações de treino, onde esta nuance da perda da bola tenha que estar constantemente a ser analisada, o que faz com que os jogadores se posicionem em termos ofensivos, mas tendo também em conta a possível perda da bola. Ao perdê-la, têm que optar por uma das soluções que, como já referi, passam ou por tentar pressionar logo o adversário e tentar empurrá-lo para determinadas zonas onde é mais fácil roubar a bola, ou por fazer uma falta, pois ainda que seja a que menos me agrada pode ser uma das estratégias. Por outro lado, mesmo estando em ataque, alguns jogadores deverão evidenciar a preocupação de oscilar para proteger determinados espaços onde a probabilidade de perder a bola e de o adversário contra-atacar seja maior.

N.A. - Alguém referiu que a melhor forma de defender não é deixar de atacar, mas sim jogar bem defensivamente. Concorda? Ou temos que ser menos ofensivos para defender bem?

Leal - Aquilo em que eu acredito é que para se ganhar tem que se atacar e defender bem. Na minha opinião, uma equipa que queira ganhar muitas vezes tem que defender e atacar bem, e estar muito bem preparada ao nível das transições. Mas, se calhar, atacar bem é o primeiro princípio para que possamos ganhar. De qualquer forma, eu penso que defender é muito importante, atacar também o é, e estar preparado para as transições também não deixa de ser.

N.A. - Mas o facto de eu ter uma equipa muito ofensiva significa que, em termos defensivos, ela é mais débil? Ou é possível conciliar as duas coisas?

Leal - É perfeitamente possível conciliar as duas coisas. Veja-se o caso do Porto este ano: conseguiu ter uma equipa bastante ofensiva, mas também muito consistente em termos defensivos. Fundamentalmente, as equipas que ganham mais vezes fazem muito bem as duas coisas.

N.A. - E relativamente à ideia de que quanto mais ofensiva for uma equipa melhor ela tem que saber defender, concorda?

Leal - Eu penso que não. Não considero que seja necessário saber defender melhor. Uma equipa bastante ofensiva, provavelmente, defende bem, mas de uma outra maneira a que não estamos habituados. Se calhar, com uma ideia colectiva muito bem delineada, consegue anular o adversário em zonas mais altas, porque, como privilegia o ataque, ao perder a bola, vai ter que fazer pressão numa zona mais ofensiva, mais perto da baliza adversária. E o tipo de defesa que aí pratica é diferente daquele que se exerce no terço defensivo. Aí, se calhar, utilizam-se outras armas. Agora, não se tem que defender melhor por se defender à frente ou atrás. Na minha opinião, as características dos jogadores é que talvez possam ser diferentes. Para além disso, o risco que se corre é muito menor se a equipa defender à frente. Por exemplo, uma situação no meio campo ofensivo onde eu tente desarmar o adversário e falho tem menor risco que a mesma acção desencadeada perto da minha baliza. Tentar anular o adversário no nosso meio campo ofensivo, ainda que saibamos que podemos falhar, dá-nos outra tranquilidade, porque estamos longe da nossa baliza.

N.A. - Mas não acha que o anular o adversário na frente é muito mais complicado que fazê-lo perto da nossa baliza? Não acha que é muito mais difícil pressionar alto com sucesso a equipa adversária?

Leal - Acho. Mas é tudo uma questão de existirem ideias colectivas que permitam que todos os jogadores funcionem a partir de referências comuns. De referências treinadas obviamente e não apenas faladas. Um treinador pode dizer que quer pressão alta, mas, se não treinar, não adianta nada. E a grande diferença talvez esteja aí, isto é, eu quero roubar a bola o mais à frente possível, mas treino a equipa para fazer isso.

Importa também salientar que, quando falamos em defender bem, referenciamos-nos muitas vezes apenas à linha defensiva, mas este é um aspecto colectivo. Começa logo no primeiro avançado. Começa momentos antes de perdermos a bola, isto é, no momento em que prevemos que vamos perder a bola e, a partir daí, toda a equipa se organiza para tentar condicionar o adversário. E onde? Onde o risco é menor, próximo da baliza adversária.

N.A. - Gostava que me dissesse o que é, para si, jogar bem defensivamente? O que é defender bem?

Leal - Fundamentalmente, é impedir que o adversário marque golo. Agora, a forma como isso se faz é que pode ser diferente. Nas minhas equipas eu treino muito a alternância de zonas de pressão – pressão alta ou baixa. Fala-se muito em alternância do ritmo de jogo ofensivo, contudo, as equipas onde consegui realizar um trabalho sistemático faziam muito bem essa alternância, mas em termos defensivos. Em determinados momentos assumiam um *pressing* alto e noutras alturas davam a iniciativa ao adversário e recuavam no espaço, no sentido de parecer que o adversário poderia eventualmente estar a dominar o jogo, mas éramos nós que dávamos essa iniciativa e isso estava treinado e era percebido pelos jogadores. Por exemplo, se o adversário, por qualquer motivo, não assumia o jogo e privilegiava o contra-ataque e nós tínhamos que assumir o ataque organizado, às vezes também fazíamos isso como estratégia no sentido do adversário se desorganizar.

Uma das coisas que parece estar institucionalizada nas equipas portuguesas é que nos primeiros quinze minutos joga-se cá atrás, defende-se e depois é que se tentam equilibrar as coisas. Nós, quando íamos jogar fora, fazíamos exactamente o contrário. Nos primeiros quinze minutos, quando o adversário pensava que vinha para cima de nós, fazíamos pressão alta. De seguida, recuávamos um pouco, depois voltávamos a fazer pressão alta e assim sucessivamente. Esta alternância de pressão defensiva criava uma certa incerteza no jogo que, aparentemente, parecia dar vantagem ao adversário, mas não dava porque sabíamos o que estávamos a fazer, era tudo intencional.

Por isso, para mim, defender bem será ter ideias muito bem definidas de como defender, de onde defender e de quando defender.

N.A. - Sempre em função da forma como gostamos de atacar...

Leal - Exactamente. O defender bem está relacionado com o nosso modelo de jogo. Nós queremos que a equipa defenda bem, que ataque bem, que saiba assumir determinados comportamentos ao nível das transições. Está tudo interligado.

N.A. - Ainda em relação à pergunta anterior, e partindo da ideia de que para atacar de determinada maneira fará sentido defender de uma dada forma, em que medida é que a sua equipa defende para atacar como gosta?

Leal - Para mim, a partir do momento em que a equipa perde a bola, todos os jogadores têm que defender. Este é o primeiro princípio. Depois, tem que existir pressão no local onde se perdeu a bola. E por quem? Pelos jogadores que estão mais perto. Os três ou quatro jogadores que estão mais perto são os homens da pressão. Depois tem que haver uma oscilação dos restantes jogadores no sentido de reduzir o espaço de jogo, principalmente por parte daqueles que estão mais afastados. Outro princípio a respeitar é o encaminhar do adversário para as faixas laterais, porque aí existem menos linhas de passe e o risco, caso não consigamos roubar logo a bola, é menor. Portanto, numa primeira fase devemos fazer pressão. Se conseguirmos roubar a bola ótimo, se não o conseguirmos e se estivermos no meio, tentamos levar o adversário para a lateral para aí tentarmos reduzir o espaço e criar superioridade numérica, através de uma oscilação da equipa. O objectivo é tentar roubar a bola. Como referi anteriormente, isto tanto é feito no nosso meio campo como no meio campo adversário. Preferencialmente, é feito em cima, no meio campo adversário, mas, por vezes, estrategicamente, é feito em baixo.

N.A. - Tudo o que referiu tem relação com a forma como gosta de atacar? Ou defende dessa forma porque é assim que gosta de defender, ainda que não tenha relação com a forma como gosta de atacar?

Leal - Tem tudo a ver. Eu quero defender lá em cima porque isso condiciona muito a equipa adversária, não a deixa assumir o seu jogo. Para além disso, estamos muito mais perto da baliza adversária e, se estamos mais perto, é mais fácil chegar ao golo. Se eu acredito que assim é mais fácil obter o golo, já estou a pensar no ataque. Isto faz com que assim que ganhamos a bola possamos aproveitar logo o espaço onde foi feita a recuperação da bola. Se repararmos, a maior parte dos golos nasce de contra-ataques. Então, se conseguirmos ganhar a bola perto da baliza adversária, a solução mais lógica a partir daí será um contra-ataque, o qual vai aproveitar a desorganização do adversário para criar uma situação de oportunidade de golo. Como é natural, estas situações têm que ser treinadas. Temos que treinar a alternância de pressão e situações onde estas condicionantes estão presentes. Temos que fazer perceber aos jogadores e à equipa quando e de que forma, após a recuperação da bola, devemos sair para o ataque. E existem algumas referências que nós treinamos, como o sair em contra-ataque, o temporizar o jogo ou o rodar de flanco. Existem duas ou três saídas que têm que ser identificadas pelos jogadores. E isto é treinado e contemplado em termos de exercícios.

Se fazemos uma pressão mais recuada, mais próxima do nosso meio campo, a situação é semelhante. Apenas o espaço que temos pela frente é maior e aqui a possibilidade, por exemplo, de um passe longo pode ser uma das hipóteses assumidas. Já um passe longo no terço ofensivo praticamente anula a jogada.

A decisão de pressionarmos no nosso meio campo ou no meio campo adversário tem a ver, por vezes, com as características do adversário, na medida em que, muitas vezes, ele não quer assumir o jogo. Porque é muito mais fácil jogar à defesa do que jogar ao ataque! Portanto, quando o adversário não quer assumir o jogo, nós recuamos para defender. Para quê? Para levá-los a assumir o jogo, situação que vai obrigá-los a se desorganizarem defensivamente e aí nós tentamos aproveitar essa situação. Por isso, tudo está interligado.

Agora, o fundamental é criar situações de treino onde os jogadores tenham que estar sistematicamente a decidir o que fazer. Por exemplo, para trabalhar a saída para o ataque nós temos um exercício padrão 4x4 em que a bola não pode ser recuperada no meio-campo defensivo. Isto obriga a que o jogador, quando recupera a bola, tenha que decidir rapidamente: ou conduz a bola ou passa ou passa e desmarca-se. Tem que observar rapidamente a desorganização adversária. Sendo isto constantemente treinado, faz com que o jogador adquira uma capacidade de análise das situações de jogo, não individual, mas do ponto de vista colectivo e isso faz com que depois a equipa apresente uma determinada identidade que lhe permite ultrapassar as dificuldades. Agora, isto tudo tem que ser criado pelo treino. Não me adianta esquematizar estas situações num quadro e explicá-las aos jogadores. O treinador tem que criar exercícios de treino onde determinadas nuances estejam, de uma forma reforçada, permanentemente presentes.

N.A. - Avançando um pouco... Gostava que me tentasse explicar o que é, para si, «defender à zona».

Leal – São conceitos... não gosto muito de recorrer a conceitos...

N.A. - Por exemplo, para o ajudar,... às vezes, quando vemos uma equipa recuada, com todos os jogadores atrás da linha da bola, passivos e à espera do adversário, é comum ouvirmos os comentadores afirmarem que a equipa está a «defender à zona». Concorda que isso seja «defender à zona»?

Leal - Não, não, não! Se queremos falar de zona temos que falar de espaços. É alguém que cai no meu espaço e aí eu tenho que o marcar. Teoricamente, a minha equipa defende sempre à zona, mas isso é na teoria, porque, se a bola vai para uma determinada zona, o meu jogador que lá está tem que marcar. Agora, o defender à zona não quer dizer que eu não seja pressionante. Se eu, quando vou fazer pressão no lado esquerdo, oscilo os jogadores da direita para a esquerda, a zona do lado direito deixa de funcionar. Se nesta situação falarmos de zona, temos que falar mais de zona próxima do jogo. O jogador que está a defender, está a fazê-lo na sua zona, mas aqui as referências serão mais colectivas. Para mim, uma equipa que defende à zona está fundamentalmente a pensar em si, não está a pensar no adversário, não está a pensar unicamente em anular o adversário. Porque, se o meu objectivo é apenas tentar anular o adversário, vou estar preocupado em marcar este, aquele e o outro. A zona referencia-se a quê? A espaços. Se a bola está numa dada zona, o adversário que aí se encontra está, provavelmente, a ser marcado. Se a bola vai para outra zona, a equipa posiciona-se no sentido de anular esse espaço de jogo. A relação da zona é mais em termos do contexto do jogo.

N.A. - As suas equipas normalmente defendem à zona?

Leal - Depende dos conceitos. Eu acho que defendem à zona. E defendem à zona porquê? Porque o nosso modelo de jogo não está muito preocupado com o adversário. Eu entendo que o meu jogo não deve ser no sentido de anular o adversário, mas sim no sentido de impor a minha forma de jogar. E, ao fazê-lo, a minha equipa tem que se posicionar mais à zona. Para quê? Para que haja liberdade, para que os jogadores tenham a liberdade de assumir determinados comportamentos. Agora, o conceito de zona de que me falou é um conceito de zona passiva, mas que no meu futebol não tem sentido. A minha equipa defende à zona, mas, no espaço efectivo de jogo, é muito pressionante.

Para mim, a zona não é nada passiva. Quando falamos em zona, se calhar deveríamos falar era em espaço. Onde estiver a bola tem que existir pressão. E para haver pressão tem que existir aproximação dos jogadores, caso contrário não existe pressão. E aí a zona desaparece, é o espaço. É o espaço que tem que ser reduzido, no sentido de se tentar ganhar a bola. Agora, teoricamente, a minha equipa defende à zona, porque o meu lateral direito nunca vai marcar o extremo direito adversário. Portanto, esse jogador joga à zona, tal como os restantes, mas é uma zona no sentido de reduzir o espaço ao adversário e também de organizar em termos colectivos a equipa para haver uma referência. Se não for assim, andamos permanentemente atrás do adversário. Quando eu digo que defendo à zona é uma zona no sentido de haver uma organização colectiva que procure contrariar o jogo ofensivo do adversário.

N.A. - E essa «organização» organiza-se em função de quê?

Leal - Em função das referências do modelo de jogo, algumas das quais já aqui foram ditas. Zonas de pressão, isto é, se é pressão alta ou pressão baixa...

N.A. - Mas a equipa, enquanto bloco, organiza-se em função de quê?

Leal - Fundamentalmente em função da bola. E no local onde está a bola em função das possíveis linhas de passe, especialmente perto da bola. As que estão mais longe nós descaramos um bocadinho, mas é um risco que se tem que correr se queremos tentar criar superioridade numérica junto à bola. A nossa referência é sempre a bola e, eventualmente, os adversários mais próximos da bola. E porquê? Porque, para mim, a bola é que é o motor de toda a acção adversária. Nós nunca deixamos de tentar impor as nossas ideias colectivas relativas à defesa.

N.A. - Antes de continuarmos a falar sobre a defesa à zona, gostava que me esclarecesse quais as diferenças, se acha que existem, entre a defesa homem-a-homem e a defesa individual.

Leal - O conceito de homem-a-homem que está institucionalizado no futebol português refere-se a uma situação em que cada jogador marca sempre o mesmo adversário. Mas os conceitos, às vezes, são perigosos, porque uma coisa é a teoria e outra coisa é aquilo que se vê na prática.

A minha experiência ao nível da 2ª Liga diz-me que aquilo que está institucionalizado é o anular o adversário e não o impor as suas ideias. Quase todo o jogo da 2ª Liga passa por um jogo de homem-a-homem, isto é, este marca aquele, aquele marca o outro, aquele marca aquele outro,... e depois, quando chega um treinador que quer implementar outra lógica, tem imensas dificuldades. E depois existe aqui uma fase de transição, quando se passa para o individualismo em que em determinada zona se lá cair um adversário ele é marcado. Mas isso já é um conceito de transição para a zona, pelo menos para a forma como eu entendo a zona que é se um adversário cai no meu espaço efectivo de jogo é lógico que eu tenho que estar preocupado com ele.

N.A. - E o que é que é «estar preocupado com ele»? É marcá-lo?

Leal - É estar atento. Marcá-lo mais ou menos perto conforme ele está com possibilidades de receber a bola. Agora, não é ir atrás dele, como eu já tive atletas a quem disse «olha marca aquele homem mais em cima» e o adversário foi beber água ao banco e o meu atleta foi com ele! Já tive jogadores desses!

N.A. - Entendendo o conceito de marcação como estar próximo do adversário para evitar que ele receba a bola, que ele jogue, que ele participe, isto é, como uma acção cujo objectivo é anular o oponente directo, defendendo à zona quando é que os jogadores devem marcar?

Leal - Não é sempre. Depende da probabilidade que o adversário tem de receber a bola, depende da distância a que está da nossa linha de baliza, depende se queremos pressionar mais em cima ou mais em baixo. Depende de muitos factores. Agora, o que está mais ou menos institucionalizado, pelo menos para mim, é o jogador que tem mais probabilidade de receber a bola. Neste caso, a marcação tem que ser mais cerrada, mais próxima, no sentido de evitar que ele receba a bola. Mas nem sempre essa será a referência. Eu não vejo o futebol apenas com defesa à zona ou marcação homem-a-homem. No jogo tudo está presente. Preferencialmente, gosto que a minha equipa jogue à zona. Mas, em determinadas zonas, onde está a bola, tem que existir marcação homem-a-homem. Eu chamo-lhe homem-a-homem porque tem como objectivo reduzir o espaço e a possibilidade de o adversário conseguir jogar a bola

Deixe-me dizer mais uma coisa. Não existe nenhuma equipa que faça homem-a-homem a campo inteiro. Eu dei o exemplo da 2ª Liga onde as equipas estão mais preocupadas em marcar e em anular o jogo ofensivo da equipa adversária, evidenciando sempre a preocupação de este, aquele e o outro jogador estarem marcados, mas só o fazem no seu meio campo defensivo. Não o fazem por todo o terreno do jogo. Eu não vejo equipa alguma a fazer isso. Só o fazem quando a bola entra em determinadas zonas. Agora, a maioria das equipas faz isso. Estamos a falar de conceitos e, para mim, todos os conceitos são limitadores. Mais importante do que qualquer conceito é a equipa e os jogadores perceberem o que têm que fazer em determinados momentos e em determinados espaços de jogo. Isso é que é importante.

N.A. - Imagine que tem duas linhas de quatro jogadores a defender à zona – a linha defensiva e a linha média. Se o adversário colocar oito jogadores nas oito «zonas», isto é, um jogador por «zona», os seus oito jogadores marcam os oito jogadores adversários?

Leal - Marcam, se a bola estiver no meio e mesmo assim não marcam, porque eles devem estar apenas preocupados com a bola. Imagina uma linha de quatro defesas e outra de quatro médios e a bola no corredor central: um dos médios centro deve pressionar o portador da bola; o outro deve fazer-lhe a cobertura, ou seja, deve descer um pouco e fechar o espaço nas suas costas; e os dois alas devem também descer um pouco e fechar ainda mais o corredor central. Se a bola passar para o corredor lateral, o ala desse lado deve pressionar a bola, o médio centro desse lado deve fazer a cobertura, o outro médio centro deve acompanhar a oscilação, o mesmo acontecendo com o ala contrário que se deverá posicionar próximo do centro do campo. Ou seja, o médio centro contrário ao lado da bola está a proteger a sua zona, mas em função da bola. E o ala contrário saiu da sua zona para contemplar outra zona, ainda que também possa estar de olho num adversário que esteja no corredor lateral contrário ao da bola. Isto é ter uma ideia colectiva do jogo e daí que o jogador não fique preso à sua zona. Teoricamente, eu digo que a minha equipa defende à zona, mas na verdade isso não acontece. Na prática isso não acontece!

N.A. - É uma questão de conceitos, pois para mim isso é uma zona «pura»...

Leal - Não, não! Na zona distribui-se o espaço de jogo pelos dez jogadores e cada jogador apenas joga na sua zona.

N.A. - No meu conceito de defesa à zona, a zona pela qual um jogador é responsável vai sendo diferente em função do local onde se encontra a bola... Daí também a importância da distinção entre defesa homem-a-homem e defesa individual. Mas é apenas uma questão de terminologia, não há qualquer problema... o importante são os comportamentos que se pedem aos jogadores e conseguiu ser bastante claro.

Leal - Tudo bem. Mas o conceito de defesa à zona que está institucionalizado no futebol não é esse! Eu estou-lhe a falar de conceitos que estão institucionalizados no futebol. E o conceito de homem-a-homem que está institucionalizado no futebol é: eu marco aquele jogador e para onde ele for eu também vou.

N.A. - O qual já se vê muito pouco...

Leal - Já se vê muito pouco.

N.A. - Mas isso não quer dizer que a maioria das equipas defenda à zona, não acha?

Leal - Exacto.

N.A. - Então tem que aparecer um terceiro conceito...

Leal - Provavelmente um conceito com um nome mais próximo daquilo que acontece no jogo. Mas isso também terá a ver com a forma como o treinador entende o jogo. Se calhar, eu como treinador deveria de ter a obrigação de lhe chamar outra coisa qualquer, uma vez que entendo que o conceito que está instituído não está aproximado daquilo que eu entendo que é a realidade. Talvez exista a necessidade de criar outra terminologia que seja mais aproximada àquilo que acontece na realidade. Mas, no fundo, o facto dos jogadores marcarem os adversários que caem no seu raio de acção acaba por ser também uma marcação homem-a-homem. A única diferença é que os jogadores não andam sempre atrás do mesmo jogador e por todo o campo. Eles marcam homem-a-homem os jogadores que, numa dada situação, são os seus adversários directos. Essa é a referência e não os espaços e a bola. E este facto tem todo um conjunto de consequências que, do meu ponto de vista, são negativas.

N.A. - Concorda com a ideia de que a acção de marcação implica reacção e exige dependência?

Leal - Sim, concordo plenamente. Como já referi, o jogo da 2ª Liga, que é uma realidade que conheço, é um bom exemplo dessa situação. Antes de ir para a 2ª Liga estava no Penafiel, nos juniores do nacional, e a esse nível as equipas assumem mais o ataque comparativamente à 2ª Liga. O conceito é exactamente esse, é estar à espera, é «tu marcas este e tu marcas aquele». É um futebol de expectativa e depois, em determinadas zonas do jogo, é a marcação homem-a-homem e não tanto uma relação com a bola, em que a bola determina, mas eu estou mais preocupado é comigo, para impor as minhas ideias, para assumir o meu jogo.

No meu entender, isso tira toda a iniciativa ofensiva, porque se eu estou preocupado com o jogador A e ele vai para outro sítio, quando a minha equipa ganha a bola eu vou-me desligar do jogador para ir pensar na bola, para atacar, só que o facto de eu ter ido acompanhar o jogador criou logo determinados desequilíbrios que não são benéficos para o jogo colectivo da equipa.

N.A. - Poder-se-á então dizer que uma concepção defensiva baseada em marcações acaba por não permitir que o jogo da equipa seja solidário?

Leal - Eu entendo que sim. Acaba por ser um jogo espontâneo. Espontâneo e mais individualista, na medida em que depende mais do individual do que de ideias colectivas. E talvez esteja aí o primado do jogador em cima do primado do treinador. Na minha perspectiva, é o treinador quem dá as ideias colectivas e o individual deve estar ao serviço da equipa. Contudo, as pessoas que assumem esse tipo de jogo e que constroem equipas nesse sentido, pensam que é o individual que vai resolver o jogo e os problemas inerentes ao mesmo. A chatice é quando o individual fica doente ou não rende, e a equipa não funciona!

N.A. - Um dos treinadores que já entrevistei referiu que, na sua carreira como jogador profissional, quando tinha como função anular um adversário, mesmo quando a sua equipa tinha a posse de bola ele estava sempre de olho nele porque quando a equipa perdesse a bola ele tinha que ir marcar. Referiu também que, quando não tinha esse tipo de missão, a sua criatividade e participação no jogo ofensivo era outra. O que pensa desta afirmação?

Leal - Isso vem de encontro a uma das perguntas que me fez. Nessas situações, o jogador só funciona em termos de reacção, nunca de acção. Mesmo quando a sua equipa está a atacar! Acha que eu vou arriscar, por exemplo, fazer um *sprint* para contra-atacar quando existe a possibilidade de eu ou os meus colegas perdermos a bola?! E se, no seguimento dessa jogada, o adversário que eu tinha que marcar marca golo? Quem é que vai ser chamado à atenção? Os jogadores muitas vezes têm medo, porque depois os treinadores também lhes cobram isso. Ao darem aos jogadores missões mais individuais, os treinadores estão a condicioná-los em termos de fracasso e de sucesso. Porque dessa forma é mais fácil avaliar o jogador. Por sua vez, as referências colectivas obrigam a um maior trabalho por parte do treinador e ao assumir por parte deste de uma maior responsabilidade. Concordo totalmente com essa afirmação! Um jogador não vai colocar em risco a sua missão principal. Porque a principal missão que o treinador lhe deu não foi marcar golos ou participar no processo ofensivo, mas sim anular o adversário.

N.A. - Quais são, para si, as grandes vantagens da defesa à zona?

Leal - Fundamentalmente, é ter uma ideia colectiva de jogo, no sentido de nada acontecer por acaso. Mesmo a defender! Daí que também contemple a forma de resolver o processo que vem a seguir, isto é, quando conquistamos a bola, já temos soluções para dar continuidade às acções. Se nós temos uma ideia muito bem trabalhada desta defesa à zona à minha maneira, a equipa sabe o que é que tem que fazer quando ganhar a bola. Sabe o que é que determinados jogadores têm que fazer, sabe o que é que se tem que fazer à bola para superar as dificuldades, porque existe toda uma organização colectiva que está em função da bola.

N.A. - E desvantagens?

Leal - Tem a desvantagem de ser, por vezes, difícil conseguir fazer perceber ao jogador que cometeu um erro, devido à ideia do colectivo. A missão individual desvanece-se um bocadinho. Mas penso que são muito mais as vantagens do que as desvantagens. E o treinador não tem que estar preocupado em apontar o dedo ao jogador, tem é que estar preocupado em rentabilizar a equipa. Por isso, não tem que estar à procura de «bodes expiatórios» para os maus resultados. Não estou a ver mais desvantagens da defesa à zona. Eventualmente, se existe um jogador adversário que sobressai em determinadas zonas, ele poderá ter uma marcação mais próxima, mais cuidada, mas talvez isso também esteja contemplado na defesa à zona ou, pelo menos, na minha defesa à zona.

N.A. - A literatura, ainda em termos de desvantagens, fala em maior iniciativa dada ao adversário?

Leal - Não concordo. Nem um bocadinho! Lá está, é o tal conceito de que a defesa à zona é estar cá atrás, cada um a defender o seu espaçozinho. Esse é o conceito de zona institucionalizado no futebol português. Mas o meu conceito de defesa à zona passa por não dar nem um bocadinho de iniciativa ao adversário, passa por pressionar o adversário logo lá na frente. E não é por isso que deixamos de estar a defender à zona! É o problema dos conceitos.

N.A. - A literatura fala também em fragilidades ao nível das mudanças de flanco...

Leal - Essa, de facto, é uma das desvantagens quando existe esta aproximação de linhas e de jogadores, mas isso também depende da zona do terreno onde acontece. O bloco oscila para o lado da bola e é evidente que o espaço do lado contrário à bola vai ficar mais desprotegido, mas também é perfeitamente perceptível que se o jogador que estiver mais próximo desse espaço estiver atento poderá ter condições para interceptar a bola antes de ela lá chegar. Agora, muitas vezes isso não é possível e essa acaba por ser uma das desvantagens. Mas também depende da zona, porque, por exemplo, se eu estiver a pressionar no meio campo adversário e a bola circular de um flanco para o outro eu não estou nada preocupado com isso. Agora, se for mais perto da minha baliza já fico mais preocupado. Mas aí talvez a nossa equipa também não funcione tão curta em termos de largura.

N.A. - Ainda no que se refere a desvantagens, o Rui Quinta fala na possibilidade de apanharmos um adversário que jogue muito bem a um ou dois toques...

Leal - Também poderá ser outra das condicionantes, mas penso que, mesmo assim, se a equipa for forte a defender à zona, ela consegue superiorizar-se ao adversário.

N.A. - De qualquer maneira, um adversário que jogue muito bem a um ou dois toques complica a vida a qualquer tipo de defesa...

Leal - Uma equipa que jogue muito bem a um e dois toques, mesmo que seja marcada homem-a-homem, criamos sempre muitas dificuldades. É difícil para a zona e para o homem-a-homem! Mas volto a dizer, se nós formos fortes, se defendermos bem à zona, mesmo que a equipa adversária jogue a um e dois toques, podemos conseguir superá-la.

N.A. - Vantagens da defesa homem-a-homem?

Leal - Não sei! Só num momento especial, numa determinada zona,... e quando falo num momento especial refiro-me a um jogador adversário que sobressai pela qualidade e que, numa situação ou noutra, muito raramente, terá que ser anulado. A vantagem será nesse sentido, de resto só vejo desvantagens.

N.A. - Gosta mais de jogar contra equipas que defendem à zona ou que defendem homem-a-homem?

Leal - Por acaso, nunca pensei muito nisso. Porque não me preocupo muito com o adversário. A única coisa que me preocupa é ter soluções para contrariar as diferentes características dos diferentes adversários, partindo do pressuposto que para a equipa ter essas soluções, ela tem que as treinar.

N.A. - Que equipas da 2ª Liga defendem à zona?

Leal - Eu não joguei contra todas as equipas, porque só entrei como treinador já tinha passado o meio da época. Muito poucas. O Alverca,... o Rio Ave, ainda que o jogo que fizemos contra eles tenha sido incaracterístico devido ao estado do terreno e não tenha dado muito bem para perceber se havia marcações à zona. Mas são poucas equipas. A maioria aposta numa defesa de expectativa e depois de marcação homem-a-homem. As referências são nitidamente individuais. E o pior, para mim enquanto treinador, é o facto dos jogadores estarem viciados nessa forma de jogar. Porque depois a mensagem não é percebida e é difícil conciliar as duas coisas. Por vezes, para levar a água ao meu moinho ao longo deste ano, neste tempo que estive, se calhar tive mais eu que me adaptar aos jogadores, do que eles à minha forma de entender o jogo, porque, continuo a achar, que quem tem menos culpa no meio disto tudo até são os próprios jogadores. E porquê? Porque eles são sujeitos a uma situação que põe em evidência essas características individuais.

N.A. - E ao nível da Superliga?

Leal - O Porto,... o Benfica em determinados períodos também,... o Nacional,... o Sporting não sei muito bem, pois nunca percebi muito bem o seu jogo!... Muito sinceramente, a Superliga este ano passou-me um bocado ao lado e não serei a melhor pessoa para lhe responder a essa pergunta.

N.A. - E ao nível da formação, uma vez que já aí foi treinador?

Leal - Muito sinceramente, penso que nem a zona, nem o homem-a-homem, nem nada. Na formação trabalha-se muito mal. Estes conceitos não estão presentes na maioria das equipas.

N.A. - É o tal jogo espontâneo que referiu atrás?

Leal - É. Essa é a realidade, é isso que eu vejo. O que se vê mais é a marcação homem-a-homem, é a preocupação em anular o adversário, muito mais do que a preocupação em construir a sua forma de jogar e em assumir o seu jogo. Aliás, no clube onde trabalhava, o Penafiel, essa era a nossa grande arma. Nós, tendo jogadores com qualidade manifestamente inferior em termos individuais, conseguíamos ter resultados colectivos superiores a equipas que possuíam jogadores que eu os queria todos para a minha equipa. Conseguíamos superar essas equipas porque tínhamos uma ideia colectiva de jogo, tínhamos uma ideia positiva de jogo. Não estávamos nada preocupados com o adversário, só estávamos preocupados em apresentar a nossa forma de defender, de atacar, de contemplar as transições... de jogar!

N.A. - Na sua opinião, o que é que leva, então, a grande maioria dos treinadores a optarem pela marcação homem-a-homem em detrimento da defesa à zona?

Leal - Eu penso que é a falta de reflexão. Se calhar foram educados numa determinada forma de estar, se calhar foi aquilo que treinaram, aquilo que viram e que vivenciaram e, se calhar, não tiveram a sorte que eu tive em um dia ir a um colóquio e ser despertado para uma nova realidade. Não sei! Mas, muito sinceramente, eu penso que isso tem um bocadinho a ver com a sua vivência pessoal: na sua grande maioria foram jogadores e talvez não estejam muito habituados a pensar o treino, a pensar o jogo. E quando eu falo em vivência pessoal quero referir-me às coisas a que nos agarramos por com elas termos tido algum sucesso. Por exemplo, nós sabemos que para ir para o Porto este caminho serve porque já o conhecemos bem e, então, é por aqui que vamos, porém, já ouvimos falar que existe um outro caminho que é mais rápido, só que não arriscamos a ir por aí porque nos podemos perder. Isto é, as pessoas agarram-se um bocado a tudo aquilo que vivenciaram. Se os seus treinadores pediam para marcar homem-a-homem e até ganhavam qualquer coisa, porque é que eles, agora também no papel de treinadores, haviam de mudar?! Eu penso que tem mais a ver com isto do que com a formação profissional de cada um. Depois, associado a isso, vem a questão da reflexão sobre aquilo que se faz. Porque é que se faz isto e não aquilo? Se esta reflexão existisse, talvez os treinadores fossem tentados a arriscar outros caminhos. E isto sim, já nos leva para a questão da formação profissional, no sentido de reflectirmos sobre a nossa prática. Quando falamos em formação académica ou em formação futebolística, isso no futebol não existe. Existe é competência e a competência vê-se pela capacidade que o treinador evidencia para superar as dificuldades que se lhe deparam.

N.A. - Relativamente à sua zona, tem indicadores de pressão?

Leal - Sim. Um deles é o tempo: períodos de quinze minutos normalmente. Outro indicador tem a ver com o controlo que o adversário com bola tem sobre ela: se está em dificuldades de jogar a bola, tem que ser pressionado; se está em controle e com possibilidades de progredir, talvez a melhor opção seja fazer contenção à espera de ajuda. Outra referência de pressão é um adversário receber a bola de costas, sendo que nesta situação não o podemos deixar virar-se para a nossa baliza. Agora, em termos estratégicos, é fundamentalmente o tempo: quinze minutos de pressão alta, quinze minutos de pressão baixa e novamente quinze minutos de pressão alta. E fazemos isto por a exigência em termos físicos ser maior numa pressão alta, já que os espaços que temos que percorrer são maiores. Para além do que já referi, a zona lateral, normalmente, é também uma zona de maior pressão.

Outro aspecto importante relativamente aos indicadores de pressão tem a ver com quem pressiona. Quem é que pressiona? Normalmente os jogadores que estão mais próximos da bola.

N.A. - E como é que esse grupo de jogadores que está mais próximo da bola se coordena na pressão sobre a bola?

Leal - Teoricamente, aquilo que eu peço é: pressão sobre o portador da bola, cobertura e cortar as linhas de passe. O ideal para mim, e é isso que privilegiamos, são quatro jogadores. Um faz pressão sobre a bola, outro faz uma cobertura ao colega que vai fazer a pressão e os outros dois encarregam-se da marcação aos adversários para fechar as linhas de passe.

N.A. - Pode ser mais específico relativamente ao que entende por cortar as linhas de passe?

Leal - Cortar as linhas de passe implica encurtar as distâncias de marcação, implica uma aproximação ao adversário. Mas aí a preocupação não é marcar homem-a-homem. Essa aproximação é apenas momentânea em virtude de a bola se encontrar ali. A grande preocupação é ocupar o espaço, em referência à bola. Em referência à bola, porque podia apenas me preocupar com o espaço, tal como é o conceito básico da defesa à zona. Como existe a bola, tenho que me preocupar com o espaço em referência à bola. E também em referência ao colectivo, porque depois também existe o ajustamento dos restantes jogadores.

N.A. - Nos pontapés de canto também defende à zona?

Leal – Depende. Depende das equipas, depende dos jogadores, depende da realidade. Eu sou apologista da defesa à zona, mas nem sempre isso é possível. Por exemplo, na 2ª Liga, os meus jogadores estavam com um treinador que defendia homem-a-homem e eles davam-se bem. Entretanto, veio outro treinador, que só queria a zona, e eles deram-se mal. E eu, que era apologista da zona, fui-lhes perguntar o que é que eles queriam e todos queriam homem-a-homem. Lá está, mais uma vez tive que ser eu a ajustar-me para ir ao encontro, na medida do possível, do grupo. Então o que é que eu privilegio? Algumas zonas fulcrais são ocupadas por jogadores e os restantes preocupam-se com as marcações individuais. Se eu tivesse pegado na equipa no início da época, talvez as coisas fossem um pouco diferentes, mas, mesmo assim, um ou outro jogador seria alvo de marcação individual. Lá está, nem sempre são os conceitos do treinador que vigoram. Depende do tempo que temos para impor as nossas ideias.

N.A. - Em que é que defender homem-a-homem prejudicaria a sua equipa ao nível do ataque? Isto é, quais as consequências que o facto da sua equipa defender homem-a-homem faria sentir ao nível do ataque?

Leal - Em termos teóricos? Fundamentalmente, penso que lhe retirava a capacidade de iniciativa. A minha organização colectiva (e eu apenas entendo o jogo como algo colectivo) perdia capacidade de iniciativa, pois estava sempre dependente daquilo a que os meus jogadores eram obrigados em termos defensivos. Por exemplo, o Penafiel foi, para mim, uma grande escola, porque tínhamos jogadores tecnicamente inferiores à maioria das equipas e, se nos preocupássemos em andar a anular os adversários, quando é que íamos assumir o jogo ofensivo? Nunca! Como eles, individualmente, eram melhores, se nós nos preocupássemos com eles individualmente, iríamos estar permanentemente em desvantagem. Seriam sempre eles a mandar no jogo. Para que fossemos nós a mandar no jogo, a assumir o jogo, apenas existia uma forma: arranjando um conjunto de referências colectivas, preocupando-nos exclusivamente connosco e tentando impor as nossas ideias.

N.A. - Outra questão: imagine que uma equipa está a atacar no meio campo adversário e até está bem equilibrada em termos defensivos. Não lhe parece que, por mais que ela contemple esse equilíbrio defensivo quando ataca, se quando perder a bola for defender homem-a-homem, esse equilíbrio pode ficar comprometido?

Leal - É lógico que a equipa adversária, se for superior e tecnicamente mais evoluída, vai superar essas dificuldades mais facilmente e aí toda a organização defensiva vai ser posta em causa. Agora, eu entendo que o jogo não tem que ir nesse sentido. O meu equilíbrio defensivo é em função de zonas, de espaços. Por exemplo, nos cantos a favor ficam sempre dois homens no equilíbrio para evitar qualquer situação de contra-ataque.

N.A. - Relativamente à ideia da defesa à zona possibilitar uma transição ofensiva conhecida pelo colectivo, essa vantagem será ainda mais vantajosa para uma equipa que alicerce o seu jogo na posse e circulação da bola?

Leal - Eu não vejo as coisas desse modo, porque deve existir aquilo a que eu chamo de «conhecimento do jogo», isto é, tem a ver com o conhecimento que o jogador tem do jogo. E o conhecimento que o jogador tem do jogo está associado às referências colectivas. Recuperei a bola, o que é que posso fazer? Posso lançar um contra-ataque? Como se vão comportar os meus colegas? E são estes «conhecimentos do jogo», associados a uma ideia colectiva, que dão as referências do jogo. Sem tirar a iniciativa individual ao jogador, que pode sempre optar uma situação individual que não estava prevista. Agora, estas ideias colectivas têm que estar presentes em todos os momentos do jogo. Mas voltando à sua pergunta, eu referi esta ideia na medida em que a melhor solução pode não ser circular, mas sim contra-atacar, jogar rapidamente para a baliza adversária. Por isso é que eu fui buscar o «conhecimento do jogo», pois tem a ver com o percebermos se numa dada situação a melhor solução é jogar directo em relação à baliza ou é circular a bola. Porque a forma como a equipa adversária está no momento em que recuperamos a bola é que vai condicionar a nossa acção no jogo.

N.A. - O Valdano refere que quem marca homem-a-homem corre por onde o adversário quiser e que, por isso mesmo, o defesa se transforma num prisioneiro. Pode comentar?

Leal - Chama-se a isso seguidismo! O defesa é um seguidor. É um seguidor do adversário e nunca o vai conseguir ultrapassar porque anda sempre atrás dele. Está sempre a reagir ao que ele faz, nunca toma a iniciativa. E quem nunca toma a iniciativa, poucas probabilidades tem de ganhar.

N.A. - Será possível afirmar que a defesa à zona é a única que permite a uma equipa sem a posse de bola ter a iniciativa do jogo?

Leal - Penso que sim, pois é a única que assenta em ideias colectivas, mas o conceito de zona que aqui tem sido falado e não o conceito de zona vigente. Um conjunto de ideias colectivas permite-nos condicionar a acção ofensiva do adversário, no sentido de o levar para determinados espaços onde a pressão está determinada ou no sentido de o levar a cometer determinados erros que possamos aproveitar. No fundo, é possível conduzir a equipa adversária para onde nós queremos e isto é uma forma «invisível» de atacar.

N.A. - O que é que é isso de uma equipa ser agressiva a defender?

Leal - Eu vejo a agressividade aliada à competitividade. Fundamentalmente, é o assumir de uma postura mais ofensiva na procura da posse de bola. É a negação daquela postura expectante que, hoje em dia, ainda vigora no futebol português, mas que felizmente começa a mudar, onde as equipas esperam que o adversário cometa um erro, mas um erro por conta própria, não um erro provocado pela equipa que defende. A agressividade vem neste sentido de sermos nós a provocar o erro adversário. E como? Pressionando-o, «fechando-lhe o cerco», limitando-lhe o espaço, induzindo-o para determinados sítios onde possamos ser ainda mais pressionantes.

N.A. - Uma equipa pode ser muito agressiva sem que para isso tenha que recorrer sistematicamente à falta?

Leal - Sim, evidentemente. A agressividade não pode ser confundida com o recurso sistemático à falta. A agressividade tem de ser no sentido de conduzir o adversário para aquilo que são as nossas ideias de como recuperar a posse de bola. E se eu cometo uma falta, não recupero a posse de bola! Posso eventualmente ter anulado um lance perigoso para a minha equipa, mas não recuperei a posse de bola. A ideia que está subjacente à agressividade defensiva é a de querer recuperar a posse de bola e tomar a iniciativa de a tentar recuperar.

N.A. - Será correcto afirmar que o que está em causa entre o optar pela defesa à zona ou pela defesa homem-a-homem é o condicionar ou ser condicionado?

Leal - Eventualmente. Mas temos que pôr outra hipótese: imagine que a minha equipa é superior em termos técnicos, mas também em termos individuais. Eu posso optar por uma defesa homem-a-homem e ter na mesma sucesso. Agora, eu entendo que a melhor forma de defender é fazê-lo à zona, mas, na realidade, não existem certezas de nada.

N.A. - Menotti refere que a zona é liberdade. Na sua opinião, o que é que ele quer dizer com esta frase?

Leal - Concordo com ele pelo facto de não estarmos condicionados pelo adversário. E temos a iniciativa de assumirmos o ataque no sentido positivo do jogo, que é marcar golos. E, ao termos essa liberdade a defender, tornamos o jogo mais jogo e menos anti-jogo. Porque as equipas, ao assumirem a marcação homem-a-homem, estão talvez mais preocupadas com o anti-jogo do que com o jogo. Essa liberdade tem a ver com as equipas assumirem mais o seu jogo.

N.A. - Relativamente à zona pressionante, a literatura afirma que ela pode diminuir a eficácia do ataque, ao nível da transição ofensiva, pela aglomeração de jogadores junto à bola que implica. O que pensa acerca desta ideia?

Leal - Se não se treinar, concordo que isso possa acontecer. Agora, se se treinar para que a transição seja feita de determinada forma, já não concordo. É o problema de não se treinarem as transições. Treina-se o ataque e a defesa, mas, muitas vezes, não se treinam as transições. E este facto faz com que isso seja verdade. Como eu já sublinhei, talvez o mais importante neste momento, no que se refere ao jogo, sejam os momentos de transição e não tanto o ataque e a defesa. Embora não se devam dissociar as coisas, pois elas estão todas interligadas, eu penso que, neste momento, as equipas que ganham mais vezes são aquelas que são mais fortes nos momentos de transição.

N.A. - Actualmente fala-se muito em *pressing*, em pressão. Concorda esta possa ser feita homem-a-homem ou à zona?

Leal - O que está em causa é um *pressing* mais ou menos colectivo. A zona permite-nos fazer pressão com uma determinada intenção, segundo uma ideia colectiva. Com uma pressão homem-a-homem também podemos ser pressionantes sobre o homem que tem a bola ou sobre quem a vai receber, mas não existe uma ideia colectiva. A minha preocupação, enquanto jogador, não é uma dada intenção ou ideia colectiva, mas sim um adversário.

N.A. - Ainda se vê, hoje em dia, esse *pressing* homem-a-homem?

Leal - Claro. Continua-se a ver. Muitas equipas ainda jogam assim. Mas fazem-no, essencialmente, lá atrás, no seu meio campo defensivo.

N.A. - Normalmente uma equipa, quando tem a bola, quer campo grande, jogo claro; quando não tem a bola, quer campo pequeno, jogo escuro, bloco compacto. Não será um contra-senso pedir a uma equipa para fazer campo pequeno se, simultaneamente, também se lhe pedir para fazer *pressing* homem-a-homem?

Leal - Evidentemente. Se a ideia do bloco é encurtar o espaço e limitar a zona de acção do adversário em termos de posse de bola, não se pode pensar em termos de homem-a-homem, pois com isso a ideia colectiva de encurtar o espaço vai-se perder. Porque, se a bola estiver no corredor direito e existirem jogadores preocupados com os adversários que estão no corredor esquerdo, vai ser impossível encurtar o espaço. O que deve orientar o bloco deve ser em primeiro a bola e depois o espaço, sendo que também me devo colocar em função dos adversários que estão perto da bola, isto é, das possíveis linhas de passe.

N.A. - A zona pressionante é, então, um bloco. É um jogador que o coordena ou é a equipa que responde como um todo a situações que estão a acontecer no jogo?

Leal - É a equipa, ainda que possa existir um jogador ou outro que se destaque mais na coordenação do bloco. Mas, fundamentalmente, o bloco tem que ser um comportamento assumido por toda a equipa. Não faz sentido o bloco estar dependente de um jogador. E se acontece alguma coisa a esse jogador? A equipa já não funciona? Pode, eventualmente, existir um jogador que, pela sua personalidade e qualidade, se destaque na liderança da equipa, mas o bloco deve funcionar, fundamentalmente, em função de referências colectivas conhecidas por todos os jogadores.

N.A. - Referiu atrás que uma zona pressionante baixa era mais económica em termos físicos que uma zona pressionante alta. Tomando como exemplo esse caso extremo de uma zona pressionante alta, considera-a mais económica ou mais desgastante que uma defesa homem-a-homem?

Leal - Depende se essa defesa homem-a-homem é feita a campo inteiro ou apenas no meio campo defensivo. Se a defesa homem-a-homem for feita a campo inteiro não tenho a menor dúvida de que é mais desgastante que uma zona pressionante alta. De qualquer maneira, penso que a defesa à zona é menos desgastante que a defesa homem-a-homem.

N.A. - Porquê?

Leal - Porque se apenas me preocupo com determinado espaço não me vou ter que preocupar com o espaço todo de jogo. E defendendo homem-a-homem posso ter que me preocupar com o espaço todo. Se o meu adversário correr pelo espaço todo de jogo, eu vou ter que o acompanhar. Agora, para mim, a defesa alta, quer seja à zona quer seja homem-a-homem, é aquela que condiciona maior desgaste, porque as distâncias a percorrer são muito maiores.

N.A. - Para colocar em prática a sua forma de defender tem em conta as características ofensivas do adversário?

Leal - Não, penso que não. Nós tentamos impor a nossa forma de estar, as nossas ideias. Isto não quer dizer que não estejamos atentos a algumas regularidades ofensivas do adversário e que não as procuremos anular. Agora, fazemo-lo sempre sem perder de referência as nossas características defensivas e as nossas ideias. Isso é o mais importante.

N.A. - Pressionaria alto frente ao Real Madrid ou ao Manchester United, equipas tradicionalmente notáveis em termos de posse e circulação de bola?

Leal - Talvez. Talvez até fosse a melhor solução! Porque o Real, por exemplo, é uma equipa que joga fundamentalmente em ataque organizado e, portanto, só se torna realmente perigosa no seu terço ofensivo. Se estiver no terço defensivo acaba por não ser tão perigosa e daí a vantagem de a pressionar alto.

Quando eu estava no Leixões e o Carvalhal era o treinador principal nós tivemos muitas dúvidas, aquando da final da Taça de Portugal, se havíamos de pressionar o Sporting no meio campo ofensivo ou se havíamos de esperar cá atrás por eles. Vimos dez jogos do Sporting e nesses dez jogos o Sporting não fez um contra-ataque, saía sempre em ataque organizado. Porque é que havíamos de esperar por eles no nosso meio campo? A decisão de ir para cima deles ajudou-nos a equilibrar o jogo.

N.A. - Poder-se-á dizer que a defesa homem-a-homem serve apenas o momento defensivo?

Leal - Por tudo o que já foi dito, teoricamente sim. Eu partilho dessa ideia.

N.A. - É possível afirmar que o «sistema de marcação», ainda que não seja uma «táctica de jogo», pode condicionar toda a sua dinâmica?

Leal - Penso que sim, porque uma equipa que defende homem-a-homem assume uma atitude de expectativa, de reacção face ao adversário e não de acção. Não tenho a menor dúvida que a dinâmica de uma equipa que espera por aquilo que o adversário vai fazer é completamente diferente da dinâmica de uma equipa que toma a iniciativa e que tenta fazer aquilo que quer fazer.

ENTREVISTA A RUI QUINTA

Coordenador Técnico da Escola de Formação de Jogadores de Futebol do Futebol Clube Paços de Ferreira
Instalações da FCDEF-UP (Porto), 3 de Abril de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Concordas com a ideia de que para ganhar temos que atacar, mas que também é necessário defender?

Rui Quinta (Rui) - Claro, indiscutivelmente. Se queremos ganhar temos que atacar, mas não nos podemos esquecer de que o futebol é um jogo de equilíbrio. Devemos atacar, mas contemplando o momento de perder a bola para estarmos equilibrados para a poder recuperar rapidamente e voltar a atacar. Ou seja, devemos atacar tendo em conta a possível perda da bola e defender tendo em conta o momento da conquista da posse de bola. Concordo completamente.

N.A. - Ninguém ganha só a atacar...

Rui - Isso seria o ideal. O estar a atacar, em termos básicos, pressupõe ter a posse de bola. A ambição de todos é poder ter a bola e jogá-la de forma a introduzi-la na baliza do adversário, sem que este tenha possibilidade de a roubar. O problema é que o adversário também joga e também nos vai criar dificuldades. Agora, aquilo que eu gostaria, aquilo que eu já vi fazer e que também já consegui pôr em prática, não a nível profissional, mas ao nível da formação, era que, mesmo sem a posse de bola, nós condicionássemos o comportamento do adversário no sentido de o encaminhar para determinadas zonas, para aí recuperar a bola e encadear acções ofensivas. Poder-se-á dizer, nesse caso, que é o defender, ou o não ter a posse de bola, mas, muito sub-repticiamente, também estar a atacar. Contudo, isto é uma capacidade muito evoluída de jogo e só é possível, ao nível da formação, ao fim de alguns anos de treino e de coerências. Passa, fundamentalmente, por muito tempo e muita coerência de treino.

N.A. - Estás a querer dizer que é possível a uma equipa, sem a posse de bola, controlar a iniciativa do jogo?

Rui - O que eu penso é que nós, sem termos a posse de bola, podemos levar o adversário a assumir comportamentos que nós poderemos saber aproveitar e transformar em ofensividade. Ou seja, conduzindo ou induzindo o adversário a assumir comportamentos que vão ao encontro daquilo que nós preparámos para recuperar a bola, podemos transformar essa recuperação de bola numa acção ofensiva, de preferência, com finalização. O meu entendimento do jogo é o seguinte: a minha preocupação é que a minha equipa tenha a bola e, quando a tiver, procure metê-la na baliza do adversário; quando perde, momentaneamente, a posse de bola para o adversário, deve ser capaz de o condicionar no sentido de o levar a assumir comportamentos por nós esperados, de forma a que possamos recuperar rapidamente outra vez a bola. E isto é um ciclo.

N.A. - E o que poderá, então, a equipa fazer para condicionar o adversário, ou qual é a melhor forma para ela conseguir esse condicionamento?

Rui - Aquilo que a experiência me diz é que nem sempre conseguimos fazê-lo. Temos adversários que têm qualidade, que também têm uma identidade e que também a sabem assumir. Aquilo que nós deveremos fazer é assumir diferentes momentos, isto é, umas vezes deveremos ser mais pressionantes, outras vezes mais espectantes, induzindo o adversário numa "confusão", para que esta pretensa confusão resulte a nosso favor. Porque, se nós assumirmos uma predominância ou um comportamento exclusivamente de pressão alta (porque queremos logo recuperar a bola), isso vai levar a que o adversário ganhe adaptação, ou seja, que se adapte a esse tipo de comportamento, o que implica que ele transforme essa adaptação em solução para nos contrariar. Ora, se nós conseguirmos antecipar essas adaptações com comportamentos nossos que, permanentemente, os obriguem a assumir situações novas, isto, teoricamente, é uma vantagem para a nossa equipa.

N.A. - Voltando um pouco atrás... Alguém referiu que a melhor forma de defender não é deixar de atacar, mas sim jogar bem defensivamente. Gostava de saber se concordas com a afirmação.

Rui - Eu sou um bocadinho exagerado porque cresci num futebol fundamentalmente defensivo, sempre defensivo, defensivo... e, talvez por isso, sou um apaixonado pelo ataque. As minhas grandes preocupações, ao nível das minhas equipas, são sempre relativas ao que fazer para metermos a bola na baliza adversária. Aquilo que eu considero é que o mais simples, o mais fácil, é defender. Qualquer equipa defende - o problema é a construção. Esse é o meu desafio e a minha paixão. O que eu penso é que quem abdica de atacar para defender pode, pontualmente, ter êxito, mas numa prova de «resistência», de regularidade, tem sempre fracos resultados e dificilmente atinge os objectivos a que se propõe. Na minha opinião (que tem a ver, talvez, com a minha personalidade), prefiro ser eu a condicionar do que ser condicionado. Sinto-me melhor e, portanto, aquilo que eu prefiro, aquilo que eu procuro construir, e que procurarei sempre, é que seja eu a determinar as coisas, porque estou, provavelmente, muito mais perto de conseguir os meus objectivos do que se estiver dependente dos outros.

N.A. - Disseste que o mais fácil é defender. Então, para ti, o que é jogar bem defensivamente, o que é defender bem?

Rui - Defender bem é não permitir que o adversário construa. Bem... vamos ver se eu consigo explicar aquilo que penso. Para mim, é complicado estar a falar da fase de defesa e da fase de ataque separadamente, porque eu acho que o jogo nunca nos permite estarmos apenas numa ou noutra fase. Ou seja, as equipas que estão num processo e, depois deste, vão para o outro processo, são equipas que, na minha perspectiva, terão muita dificuldade em apresentar uma elevada qualidade de jogo. Para mim, as equipas com mais qualidade são as que conseguem estar permanentemente a visualizar os dois processos, porque eles estão interligados. Eu defendo para poder atacar e ataco para marcar golos, mas quando perco a bola devo estar preparado para imediatamente a tentar recuperar. Ou seja, existe uma relação permanente, não são dois momentos estanques, são situações relacionadas. E se eu recuperar a bola numa zona, ataco de uma maneira, se a recuperar noutra ataco de outra forma. Eu digo isto, mas não tinha esta noção enquanto jogador de futebol e foi a minha experiência como treinador, na formação, porque só fui treinador na formação, que me levou a compreender as coisas desta forma. Portanto, devemos ter sempre como preocupação esta ligação entre o ter a bola e tentar finalizar com sucesso e o perder a bola e rapidamente voltar a recuperá-la. Penso que as coisas estão ligadas entre si, não são estanques, não é «agora defendemos, pronto,... está bom malta, recuperámos a bola, pronto... e agora o que vamos fazer?» Não, nada disso! Isso já permitiu tudo ao adversário. Existem uma série de situações que podemos contemplar para transformar imediatamente a recuperação da posse de bola numa acção objectiva e ofensiva.

N.A. - A forma como defendes está, então, intimamente relacionada com a forma como queres atacar...

Rui - Claramente. É exactamente isso. Essa é a ambição. É certo que, às vezes, posso ter que assumir comportamentos defensivos pela postura do adversário, pois ainda que a minha ambição seja condicionar o adversário, às vezes não o consigo. Ele também me vai obrigar a ir para zonas e para situações que não me são tão favoráveis, mas eu devo ter prevista essa situação e os meus jogadores, sempre que recuperarem a bola, têm que saber e estar preparados para desencadear uma determinada situação se a recuperarem na zona A, e para desencadear uma outra situação, se a recuperarem na zona B. E, de preferência, quero recuperar sempre a bola longe da minha baliza. É certo que, em função do jogo, pode interessar-me não pressionar alto, de modo a que o adversário saia de lá de trás e me dê espaço para eu depois poder atacar como gosto. Agora, sempre que possível, quero que a minha equipa comece a pressionar logo no início da construção do jogo do adversário, mesmo lá no limite do terço defensivo deles com o terço médio. Com isso, procuro aproveitar alguma precipitação ou alguma desorganização do adversário. Além disso, quando recuperamos a posse de bola, estamos muito mais próximos da baliza adversária. E porque é que é importante recuperar a bola próximo da baliza adversária? Porque eu quero recuperar a bola para atacar, porque eu defendo para atacar. E quanto mais rapidamente a recuperar, mais depressa posso atacar.

Agora, aquilo que eu ambiciono e que procuro realmente é, mesmo sem ter a bola, ter a veleidade de querer ou ser capaz de manipular para meu proveito o jogo do adversário. Sei que nem sempre o vou conseguir, porque vou jogar com adversários tão bons ou melhores do que eu e, por isso, terei também que estar preparado para, quando for obrigado a assumir comportamentos defensivos, ser capaz de dar boas respostas.

N.A. - Onde é que se defende melhor, perto ou longe da nossa baliza?

Rui - Teoricamente, toda a gente diz que é melhor defender longe da nossa baliza, mas, às vezes, isso é pernicioso para aquilo que queremos. Por vezes, é importante ou pode interessar-me criar espaço nas costas da defesa adversária e, estrategicamente, posso proporcionar o recuo da nossa estrutura defensiva para obrigar o adversário a jogar mais avançado no terreno e, depois, aproveitar essa situação quando recuperar a bola. É esta a gestão do jogar em cima e do jogar em baixo, em função do que no momento é o melhor para a equipa (segundo a opinião do treinador). Agora, teoricamente, se eu defender longe da minha baliza, dificilmente sofro golos. Mas eu não quero só não sofrer golos, quero é marcar golos e, às vezes, é importante deixar o adversário aproximar-se da minha baliza. Lá está a tal ambição de eu, apesar de não parecer, sem bola, estar a manipular o jogo do adversário.

N.A. - E a melhor forma de defender é defender com muitos homens?

Rui - É defender com os necessários para ter sucesso. Às vezes é com onze, às vezes é com quatro, às vezes é com sete, depende das situações. O que os livros nos dizem é que se deve procurar defender, de preferência, em superioridade numérica, o mais afastado possível da baliza e que quanto mais o adversário se aproximar desta, maior deve ser a agressividade. É evidente que vai haver alturas do jogo em que, se calhar, dois defesas para dois avançados resolvem o problema e esse é o número ideal nessa situação. Agora, padronizar as coisas é complicado, porque o jogo apresenta-nos situações diversas. Às vezes, até em inferioridade numérica de um para dois se consegue resolver a situação. Mas, teoricamente, não. De preferência, é sempre em superioridade numérica. Penso que a resposta ajustada é: os necessários para termos êxito, e umas vezes são mais outras vezes são menos.

N.A. - Gostava de saber o que é, para ti, a zona, o que é isso de «defender à zona»? Por exemplo, para te ajudar a começar,... às vezes, quando vemos uma equipa recuada, com todos os jogadores atrás da linha da bola, passivos e à espera do adversário, é comum ouvirmos os comentadores afirmarem que a equipa está a «defender à zona». Concordas que isso seja «defender à zona»?

Rui - Se calhar é... Agora, o que eu entendo é que a zona é uma organização que permite à equipa manter uma determinada área «controlada» e onde, teoricamente, o adversário terá muitas dificuldades de penetração. Permite que os jogadores assumam determinados espaços, determinadas zonas de intervenção, onde haverá uma relação entre eles que lhes permitirá, através de um jogo de coberturas, de relação de uns com os outros em termos de redução dos espaços, condicionar a estrutura adversária, a sua organização e o desenvolvimento do seu jogo. Na minha perspectiva, com algum sucesso e com uma economia física muito grande (embora às vezes possa não o parecer). Desde que os jogadores sejam capazes de compreender e de assumir esse conceito e esse papel, a equipa será sempre muito difícil de ultrapassar. Agora, o que eu acho (e tu falaste-me numa atitude passiva), é que isso tem a ver com o conceito de jogo de cada um e o meu conceito de jogo passa sempre por uma atitude agressiva, de conquista. Repara, as atitudes passivas permitem que o adversário vá ganhando tranquilidade, confiança e, dessa forma, a zona é passível de ser ultrapassada com gente em movimento e combinações simples a um toque, por exemplo. Agora, se a nossa atitude, em termos de zona (zona é condicionar o espaço), for uma atitude agressiva que procure condicionar o adversário, aí, somos muito mais eficientes, muito mais condicionadores. Não sei se já te mostrei o segundo golo da Selecção Portuguesa no Europeu contra a Inglaterra, o golo do João Pinto de cabeça, em que a Inglaterra está muito bem organizada à zona, mas está com um atitude passiva exasperante. A tal ponto que permite que os portugueses façam vinte e quatro toques, até que há um momento em que um elemento que fazia uma zona foi «para cima» de um colega de equipa, ou seja, foi sobrepor a sua zona de acção à zona de acção do seu colega. Com isso, libertou uma zona que foi aproveitada pela Selecção Portuguesa para fazer um cruzamento que resultou em golo. Portanto, uma coisa é estarmos organizados à zona passivamente, outra coisa é estarmos organizados à zona, mas considerando também o atacar o portador da bola, contemplando uma atitude muita agressiva sobre a bola. É assim, o adversário nunca deverá estar tranquilo, com tempo para imaginar, para pensar, para poder decidir, porque, senão, se ele for bom, eu dificilmente contrariarei o seu jogo. A construção das suas acções têm que estar sempre condicionadas pela minha presença, pela minha proximidade, pela minha possibilidade de interferir.

De qualquer forma, eu penso que quando se joga a um toque, dois toques no máximo, a zona é permissiva, mas não são todas as equipas nem todos os jogadores que conseguem jogar dessa maneira.

N.A. - Diz-me, então, quais são, para ti, as grandes desvantagens da zona.

Rui - Para mim não existem grandes desvantagens, bem pelo contrário: são mais as vantagens do que as desvantagens. A grande desvantagem é a minha equipa apanhar um adversário que jogue muito bem a um ou dois toques e que tenha o processo ofensivo muito bem elaborado, com desmarcações e passes permanentes. Outra desvantagem está relacionada com a minha equipa encontrar um adversário que venha preparado para fazer circulações de flanco (mudanças de flanco de jogo) com bastante rapidez, porque pode criar-nos situações de igualdade ou inferioridade numérica. Mas, no futebol actual, por aquilo que me é dado a perceber, existe muito pouco investimento na qualidade do processo ofensivo. Por outro lado, acredito que, se nós conseguirmos rapidamente condicionar a construção do jogo adversário, se não dermos tempo nem espaço ao adversário, dificilmente ele consegue superar a nossa organização defensiva.

N.A. - A literatura refere que defendendo à zona dá-se maior iniciativa ao adversário...

Rui - Teoricamente, quando se fala em zona, fala-se numa equipa que defende no seu meio campo defensivo, que assume um comportamento de espera. Mas eu não entendo as coisas desse modo. Eu posso defender à zona, mas posso, por exemplo, querer fazer uma zona pressionante alta e começar a defender logo no meio campo adversário. O que eu entendo por defender à zona tem a ver com a relação que se estabelece entre os diferentes elementos da equipa, os quais jogam, fundamentalmente, em função do espaço e da bola, sempre com o objectivo de reduzir o espaço de acção ao adversário, com comportamentos agressivos sobre o portador da bola e na redução dos espaços. Este é o meu entendimento da zona. Umhas vezes podemos fazê-lo numa zona do terreno mais recuada, esperando pelo adversário, mas com a intenção de que ele suba e saia das proximidades da sua baliza, e outras vezes podemos fazê-lo mais à frente. Agora, quando o adversário entra na nossa esfera de acção, no nosso bloco, nas nossas linhas, nós não podemos ter um comportamento pacato. Um jogador ataca o portador da bola e os outros ocupam espaços e fazem coberturas, fechando o espaço à equipa adversária. Reduzimos o espaço de acção e obrigamos o adversário ou a perder a bola ou a jogar à periferia.

Deixa-me dizer-te mais uma coisa que eu considero importante relativamente à zona e que, normalmente, causa muitas dúvidas às pessoas. Falei-te em cortar linhas de passe e reduzir o espaço de jogo à equipa adversária. O

que é que fazemos para cortar linhas de passe? Aproximamo-nos das possíveis soluções de passe, mas apenas nas proximidades da bola (dentro da zona efectiva de jogo). E há alturas na zona em que tu estás directamente responsável por um adversário e, mesmo que não tenhas que o estar a marcar, tens que o ter «debaixo de olho» se a bola se aproximar dele. Por exemplo, se a tua equipa está numa oscilação defensiva em que a bola está a passar da esquerda para a direita, teoricamente o avançado adversário está sob a responsabilidade do central do lado direito mas, com a oscilação, esse central terá que ir fazer a cobertura ao lateral direito e quem vai «encontrar» esse avançado é o central do lado esquerdo ou até mesmo o lateral esquerdo. Deve ser esta a movimentação da linha defensiva, sempre em função da bola. Agora, se a bola é jogada nesse avançado e se for o lateral esquerdo o responsável, naquele momento dada a posição da bola, por essa zona, ele terá que exercer uma acção de oposição perante o avançado com bola. Agora, isto é um conceito, é o conceito de defender à zona e eu acredito nele. E isto passa fundamentalmente pela comunicação na acção entre os elementos da equipa, porque cada jogador, quando tiver que assumir responsabilidades defensivas noutra zona pela alteração da posição da bola, sabe que a estrutura da equipa se adaptará e que outro colega ficará responsável pela zona deixada livre e por algum adversário que nela esteja ou que nela entre.

Na minha perspectiva, a zona tem muito pouco a ver com as referências individuais, ela baseia-se fundamentalmente num jogo de redução de espaços e de coberturas. Para mim, se um jogador adversário entra na minha zona é errado eu ir marcá-lo. Por exemplo, se o extremo esquerdo está na zona do lateral direito e a bola está do lado contrário ou até mesmo na zona central, apesar de o extremo estar na zona do lateral, ele não o vai marcar. Marcá-lo seria manter-se próximo dele, evitar que ele jogue. A acção de marcação é estar próximo do adversário, evitando que ele receba a bola, que ele jogue, que ele participe. A acção de oposição é eu ser uma oposição, um obstáculo à progressão do meu adversário a partir do momento em que ele recebe a bola. Quando estamos a falar de zona, aquilo que fazemos é oposição. Agora, é evidente que existem alturas em que essa oposição também se transforma em marcação. E onde? Nas zonas mais próximas da baliza e da bola, isto é, nos locais onde a existência de soluções de passe se tornam perigosas. Mas, mesmo nessas circunstâncias, eu posso não precisar de marcar, se me for possível (com a minha movimentação, por exemplo) atacar a bola antes de esta chegar ao meu adversário. No fundo, não estou numa verdadeira acção de marcação, pois a minha primeira preocupação é manter as relações de cobertura. Depois, em função disso, posso ter que me opor ao adversário que entrou no meu espaço, posso ter que me antecipar. Agora, marcar de acordo com a definição que dei, defendendo à zona, essa não existe.

N.A. - Alguns treinadores referem que quando se defende à zona, o jogador, dentro da sua zona, marca o homem.

Rui - O que eu penso é que essa situação leva a que os jogadores deixem de assumir o jogo de coberturas da equipa, porque se o adversário colocar em cada zona um jogador, a nossa equipa passa a fazer dez jogos de um contra um. Se o adversário está na minha zona e eu tenho que o marcar, isso deixa de ser zona e passa a ser uma marcação individual. Atendendo ao conceito de marcação, se o adversário entrar na minha zona e eu o for marcar pode acontecer que ele fuja para o lado contrário ao lado onde o jogo está a ser jogado, ou seja, para o extremo contrário da minha zona. E aí o que é que acontece? Vou estar a abandonar a minha função primeira em termos de zona, que é, em função da bola, fazer a cobertura ao meu colega e fechar um possível espaço de penetração. Agora, a bola foi jogada para a minha zona. O que é que eu faço? Não vou marcar o adversário, vou fazer-lhe oposição, vou condicioná-lo. A marcação é uma acção que implica reacção e não acção, exige dependência. Porque se eu te marco, estou dependente de ti e das tuas movimentações. E as equipas mais evoluídas aproveitam-se dessa situação para, com movimentações ofensivas, arrastar os adversários para determinados sítios para criar espaços onde lhes interessa.

Ainda em relação à tua pergunta, isso para mim são tiques! Quando uma equipa diz que defende à zona, mas espera pelos adversários na zona e depois marca-os, isso para mim é uma marcação declarada, não é defender à zona. E o mesmo se passa com a zona pressionante. A minha equipa defende numa zona pressionante e então, quando a bola vem pelo corredor direito, o meu lateral vai fechar e pressionar o extremo esquerdo? Não! Quando falamos em zona, falamos sempre de uma relação de uns com os outros em termos de coberturas e de redução dos espaços. Se falamos de uma zona pressionante, falamos também em atacar permanentemente o portador da bola (a partir do local onde decidimos começar a defender), em condicionar as linhas de passe e em reduzir a capacidade de o adversário conseguir levantar a cabeça e jogar.

N.A. - Gostava que me esclarecesses acerca do que é, para ti, defender homem-a-homem e defender individualmente. São conceitos sinónimos? O que é que significam?

Rui - O meu conceito de homem-a-homem é cada jogador marcar sempre o mesmo jogador adversário, independentemente das circunstâncias. Aquele é o teu jogador e tu vais marcá-lo. Cada jogador centra-se num adversário, sempre no mesmo. Normalmente, esta situação utiliza-se quando uma equipa quer anular o jogador ou

os jogadores mais criativos da equipa adversária. Esta missão é normalmente levada a cabo por jogadores que, praticamente, só sabem fazer isto, que não têm outro tipo de participação no jogo da equipa. Nesta perspectiva, poucas são as equipas que marcam homem-a-homem com todos os jogadores. Isto é, em termos gerais, as equipas não colocam em prática este conceito de homem-a-homem que vem nos livros. Agora, evidenciam constantemente, isso sim, o conceito de marcação, ou seja, são as referências individuais que balizam os seus comportamentos. Ainda que os jogadores não marquem ou persigam sempre o mesmo adversário, têm como grande preocupação a marcação e o anular do seu oponente directo. Este é o conceito de marcação individual. O problema é que este tipo de comportamento leva, por exemplo, o lateral direito a marcar o extremo esquerdo adversário num plano fora do espaço efectivo de jogo (o plano onde o jogo se desenrola), fora do alinhamento da linha defensiva e, muitas vezes, está com isso a criar um espaço de penetração para o adversário. O jogador está na marcação. É este o conceito de marcação individual. A minha referência defensiva é individual, é o jogador que tenho que marcar (aquele que no momento está no meu raio de acção). E este conceito difere do de marcação homem-a-homem, pois aí a minha preocupação é sempre o mesmo jogador. No entanto, os dois conceitos acabam por confluir na marcação, na marcação do homem, o mesmo é dizer, no «reagir», no «andar atrás».

Depois, ainda existe o conceito de zona mista, ou de defesa mista, que é quando dentro da movimentação da zona existem jogadores preocupados com marcações, como é o caso, muitas vezes, do central, que se preocupa com a marcação directa ao avançado. Nesta situação, apenas um dos centrais é que marca o avançado, sendo que o outro central sobra sempre. Apesar da equipa defender à zona, o trabalho dos centrais é esse: um marca sempre e o outro preocupa-se com as coberturas. Isto é um exemplo de zona mista.

N.A. - Falaste há pouco numa zona pressionante. Não consideras essa forma de defender demasiado desgastante em termos físicos? Dou-te um exemplo: é comum ouvir dizer-se que o Porto tem que estar muito bem preparado fisicamente para conseguir aguentar os noventa minutos a defender daquela forma tão agressiva. Concordas?

Rui - Penso que é uma ilusão de óptica. Considero é que os jogadores estão sempre muito bem posicionados, ou seja, como dominam muito bem a relação de espaço entre eles, dá sempre a ideia que eles correm muito, porque colocam sempre muitos jogadores na zona efectiva de jogo. Mas não, para mim, eles deslocam-se é muito bem, em termos de relação de uns com os outros. Eles pressionam alto, as coberturas são sempre muito bem feitas e, ao fazê-lo, isolam determinadas zonas do campo. Normalmente o Porto não pressiona no corredor central: vai ao corredor central para induzir o adversário a jogar por um dos corredores laterais e, aí, reduz-lhe drasticamente o espaço e a capacidade de construção. Por isso dá a ideia de que eles correm muito, o que não é verdade, bem pelo contrário, porque, na maior parte das vezes, é o Porto que tem a bola, que a faz circular e que manda no jogo. Eu penso que o Porto faz muito bem o seguinte: ataca contemplando o momento da perda da bola e, quando a perde, está organizado para a poder recuperar rapidamente e voltar a atacar.

As equipas que dominam o conceito de espaço são as mais evoluídas e as equipas mais evoluídas são as que têm melhores resultados. É verdade que estas equipas têm os melhores jogadores, os mais inteligentes, os mais capazes, mas a capacidade dos jogadores assumirem comportamentos referentes à defesa à zona também passa muito pela mão dos treinadores, pelo entendimento que os treinadores têm do jogo. Para mim, a zona é indiscutivelmente uma arma, uma arma fantástica dos mais fracos. Uma equipa pode ser fraca, mas se os jogadores perceberem o conceito de defesa à zona, se o treinador for capaz de transmitir à equipa esta capacidade de condicionar a construção adversária através deste artefacto (a utilização correcta da zona), ela será sempre uma equipa terrível. O domínio da zona permite equilibrar as forças, porque ainda que tenhas pela frente um adversário muito forte, ele vai ter grandes dificuldades em te ultrapassar. Agora, o que não deves é assumir apenas uma postura defensiva, isto é, quando tiveres a bola, e independentemente de estares a jogar com este ou com aquele, deves querer marcar golos. Nunca deves adular os teus princípios, porque se estiveres só preocupado em defender, mais cedo ou mais tarde vais sofrer dissabores. Não há volta a dar-lhe! Aquilo que eu acho é que, independentemente de se jogar contra este ou contra aquele, nós nunca nos devemos esquecer do «B.I.» em casa, se temos um «B.I.». Atacamos e defendemos. E atacamos de uma forma que nos permita contemplar a defesa, para quando perdermos a bola estarmos equilibrados, e defendemos de forma a podermos atacar como gostamos, porque o nosso processo ofensivo está intimamente relacionado com a forma como recuperamos a bola e com as zonas onde a recuperamos. Se nos esquecermos disto, de que esta actuação é fruto de coerências e de que estamos a lidar com pessoas, se formos os primeiros a adular essa coerência, depois não nos podemos admirar dos nossos jogadores terem comportamentos desajustados em relação ao que desejamos. Isto tem a ver com as tuas crenças, com a tua personalidade, porque, a mim, quaisquer que sejam os meus adversários, eles dizem-me zero.

N.A. - Gostava que explicasses melhor o que queres dizer com «atacar contemplando a possível perda da bola».

Rui - Essa situação tem a ver com a equipa estar a atacar, mas, ao mesmo tempo, estar organizada, estar equilibrada para, se perder a bola, rapidamente a voltar a recuperar. Para que isso seja possível o fundamental é o posicionamento dos jogadores. Quando a minha equipa está a atacar, quero que todos os jogadores participem no processo ofensivo, porém, participar no processo ofensivo também é ajustar comportamentos e posições no sentido de manter a equipa equilibrada. E equilibrada para quê? Para que seja capaz de rapidamente recuperar a bola quando a perder.

Para mim, não faz sentido colocar as coisas da seguinte forma: este médio centro só ataca e aquele só defende. Não! Desde que se proporcione, eu quero que as acções ofensivas sejam participadas por todos, desde que de uma forma equilibrada. Isto é, não quero é ver, por exemplo, os meus dois laterais em profundidade. Se o lateral do lado da bola participar na jogada, os dois centrais e o lateral contrário ajustam ligeiramente para o corredor por onde a jogada se está a desenrolar. Isto é o quê? É contemplar a eventual perda da bola. Eu quero sempre pelo menos três homens na minha linha defensiva quando estamos a atacar.

N.A. - Parece-me que o que queres dizer é que posicionas os jogadores de forma a que, se necessário, sirvam de tampão a um possível contra-ataque adversário. Deixa-me então colocar-te a seguinte questão: não consideras que, por mais que contemples esse equilíbrio defensivo quando atacas, se quando perderes a bola fores defender individualmente, esse equilíbrio fica comprometido?

Rui - É evidente! Esta estruturação passa por um conceito de jogo muito particular, o qual nunca poderá estar dependente das referências individuais, mas sim das relações de espaço. Eu quero que a minha equipa esteja equilibrada quando ataca para que, quando perder a bola, consiga reduzir o espaço de jogo na zona onde, teoricamente, o adversário vai tentar sair para o ataque. Agora, se a equipa até está equilibrada quando ataca, mas depois, quando perde a bola, vai defender individualmente, pode acabar por se desequilibrar. Basta que os jogadores se afastem uns dos outros para ir marcar e que um deles seja ultrapassado pelo portador da bola!

N.A. - Falavas em coerência, o que levanta uma questão: normalmente uma equipa, quando tem a bola, quer campo grande, jogo claro; quando não tem a bola, quer campo pequeno, jogo escuro, bloco compacto; só que depois também se fala em pressão, em *pressing*, mas através de marcações individuais. O que é que tens a dizer em relação a isto?

Rui - É uma boa questão. São as tais incoerências que existem. Eu vejo, na maioria das equipas, mesmo ao nível do futebol profissional, muito este conceito de marcação (está constantemente a ouvir-se os treinadores gritar «marca, marca, marca,...») e isto implica que o nosso bloco não esteja tão coeso, tão fechado, tão «impermeável» à entrada do adversário, à capacidade dele jogar no nosso meio, porque muitas vezes essas marcações implicam que nós, em vez de defendermos num «campo pequeno», defendamos num «campo grande». Porquê? Porque as nossas referências são individuais e não de espaço (em função da bola). Este é que é o problema. Ora, isto passa fundamentalmente pela qualidade da formação dos jogadores, porque se os jogadores não sabem estes conceitos, os treinadores têm muito pouco tempo, disponibilidade e, às vezes, até capacidade, para conseguirem transmitir determinados conceitos aos seus jogadores e então as referências individuais são as mais simples de transmitir e de responsabilizar os jogadores.

A pressão e o atacar a bola devem ser uma atitude colectiva. Quando perdemos a bola, devemos organizar-nos para encurtar o campo e reduzir o espaço. O importante é, onde quer que queiramos começar a pressão para recuperar a bola, estarmos organizados. Os vários elementos da equipa, ao estabelecerem relações entre si, deverão procurar reduzir o espaço de jogo ao adversário para que este tenha dificuldades na construção. Os meus jogadores, quando ouvem falar em «campo pequeno», sabem perfeitamente que isso é reduzir o espaço de jogo à equipa adversária e cortar-lhe linhas de passe, mantendo as relações de uns com os outros e condicionados pela movimentação em direcção ao portador da bola do colega mais próximo desta.

Como já referi, eu quero que a minha equipa faça pressão, alta ou baixa, mas isso não importa, pois os meus comportamentos são os mesmos - a zona onde pretendo recuperar a bola é que é diferente. Isto é estratégico e faz parte da gestão do treinador. Ora, eu quero que a minha equipa faça campo curto, que o nosso bloco se estreite, se encurte, independentemente do posicionamento dos jogadores adversários. Quem condiciona a organização do bloco é o homem que ataca o portador da bola. Um jogador ataca o portador da bola e, a partir daí, surge a tal relação de uns com os outros em termos de redução do espaço para que o adversário não seja capaz de nos ultrapassar. Se isto for bem feito, só pode acontecer uma de duas coisas: ou o adversário perde a bola, que é o que nós queremos, ou tenta circulá-la, mas aí só tem uma hipótese, que é jogar para trás. Tal, normalmente, só se faz nos corredores laterais. E porquê? Porque nos corredores laterais temos esse grande aliado que é a linha lateral. A linha lateral joga a nosso favor.

As marcações individuais desde sempre me fizeram muita confusão e quando eu andava com dúvidas a este nível tive a felicidade de ver o Maradona jogar e de lhe serem feitas marcações homem-a-homem terríveis e não terem sucesso. E vi um jogo de abertura do Mundial, o Bélgica – Argentina, em que a Bélgica se preocupou

exclusivamente com a relação entre as suas linhas, ou seja, com a distância entre as linhas defensiva, média e ofensiva. Só se preocupou em não permitir que houvesse jogo entre as suas linhas e que o adversário, sempre que quisesse jogar, apenas tivesse como solução jogar por fora. Estava a jogar o Maradona e a Argentina era Campeã do Mundo na altura, em 1990. Foi um jogo que me marcou, pois parecia que os jogadores belgas estavam a jogar parados, numa economia de esforço muito grande. O adversário teve mais tempo de posse de bola, mas jogou sempre por onde lhe permitiram que jogasse. Ou seja, aquilo que tu queres quando tens a bola (que é construir de uma determinada forma), não te foi permitido. E toda a gente dizia que ninguém marcava o Maradona e o Maradona andou, correu, jogou, tentou, mas a relação de oposição directa e de coberturas foi fantástica e a Bélgica ganhou o jogo. Isto foi para mim muito marcante e a partir daí fiquei convencido de que a dinâmica colectiva (nomeadamente a dinâmica colectiva ao nível de relações dos espaços e de uns com os outros), de que quem conseguir dominar esses conceitos na prática, tem grande vantagem sobre qualquer adversário. Ou o adversário vai ter que ter muita capacidade para poder ter sucesso.

N.A. – Preferes, então, jogar contra adversários que marquem individualmente?

Rui - Tomara eu. O que eu acho é que quem anda atrás só reage, e eu prefiro agir. Eu ajo e o adversário reage. E se ele reage está em desvantagem, porque vai atrás, vai sempre depois. Quem age tem a iniciativa. Se o futebol fosse só um jogo de marcação, de amarração, de andar de um lado para o outro atrás do homem... mas o futebol é um jogo que tem uma bola e às vezes a bola complica um bocado esse sistema. Quando andamos numa de perseguição, muitas vezes a bola vai estar em zonas que exigiriam a nossa presença, mas nós não vamos lá estar porque estamos preocupados com o homem. Para além disso, na minha perspectiva, se tu enverdares pela marcação individual, terás muita dificuldade em ligar o processo de recuperação da bola com o ataque. Quando recuperas a bola num jogo individual, páras. Páras para... E agora? O que é que faço? Onde estão os meus companheiros? Eu não vejo o jogo desta forma.

N.A. - Estás a querer dizer que se defenderes à zona, a tua transição para o ataque é mais fácil?

Rui - Eu acho que sim. Porque é uma acção colectiva, é do conhecimento de todos. Quanto às acções individuais, nós nunca sabemos em que altura vão acontecer, de que forma vão acontecer e em que condições vão acontecer. Só depois de elas sucederem é que nós podemos ajustar comportamentos. Em contrapartida, as acções colectivas contêm a transição de... para... . A zona permite-me saber, na altura em que recupero a bola, o que é que se passa com os restantes elementos da equipa. Em contrapartida, se a minha equipa defende individualmente, eu nunca sei onde andam os outros jogadores. Para mim, o facto de defendermos à zona e de recuperarmos a bola numa dada situação, permite-nos encadear (ou desenvolver) rapidamente o nosso jogo ofensivo, porque sabemos onde os nossos colegas estão – não estão posicionados em função do adversário, mas sim em função da nossa identidade.

N.A. - O Valdano refere que quem marca homem-a-homem corre por onde o adversário quiser...

Rui - É claramente isso. Se tu me marcas, a tua única preocupação sou eu e tens que ir para onde eu for. Só reages. E eu penso que o jogo é muito mais do que isto. Vou contar-te uma história. Uma vez a Académica foi jogar fora (não me lembro contra quem) e o treinador adversário disse a um jogador para marcar o Bandeirinha, na altura o melhor jogador da Académica. «Para onde ele for tu tens que ir», disse. Quando o treinador reparou o jogador estava a marcar o juiz de linha. Ao fim de cinco minutos, perguntou-lhe o que ele estava a fazer, ao que o jogador respondeu que estava a marcar o Bandeirinha! Isto aconteceu na realidade! Mas isto foi noutra época. Penso que hoje o futebol está a ir noutro sentido, num sentido mais culto. Mas acho que em Portugal ainda se cultiva o mais fácil, as referências individuais. Até por uma questão de responsabilização, isto é, se falhares, tu é que és o culpado.

N.A. - Mesmo ao nível da formação?

Rui - Ao nível da formação, acontece em 95% das equipas. Quase todas as equipas marcam individualmente. Para mim, isso é uma condicionante muito grande.

N.A. - O Menotti referia que a zona é liberdade...

Rui - É uma frase muito bonita e acho que sim, que é rigorosamente isso. É a liberdade do jogador, dentro da ordem colectiva, para assumir a sua identidade. Eu acho que nós, treinadores, reduzimos muito a capacidade do jogador, obrigamo-lo ao mínimo possível. Quanto menos ele tiver que pensar, melhor. Não concordo com isso. O jogador deverá ter sempre conceitos, terá que os treinar bem e terá que os interiorizar para poder tomar opções. Esta é que é a grande vantagem: os jogadores poderem articular ideias e aplicá-las. Eu considero que os jogadores

são seres pensantes, com capacidade e nós temos é que lhes transmitir confiança e treiná-los de forma a que eles sejam capazes de assumir essa capacidade de pensar e de articular ideias. E esta liberdade de que ele fala é a liberdade de poder optar. A liberdade é nós podermos escolher, porque se só te permito esta solução, só tens que fazer aquilo, não tens que fazer mais nada. A liberdade é tu poderes ter cinco situações e teres que escolher entre elas. Isso é que é transmitir confiança a um jogador ou acreditar nele, é permitir que ele opte.

N.A. - Dizias há pouco que, em Portugal, a cultura que prevalece é a cultura da marcação individual. O que é que, na tua opinião, leva a maioria dos treinadores a optar por essa situação?

Rui - É o mais fácil, as referências individuais são o que dão menos trabalho. Acho que existe um grande défice ao nível do treino. Por aquilo que me é dado a conhecer, treina-se muito mal em Portugal.

N.A. - Os treinadores falam sobretudo em não terem jogadores...

Rui - Nós temos uma máxima para os nossos jogadores que é a seguinte: quando damos desculpas, é porque somos incapazes. Normalmente os perdedores, os que não conseguem, são sempre os dos argumentos. Os grandes argumentos e as grandes justificações são daqueles que não conseguiram o que queriam. Aqueles que conseguem, não precisam de se justificar de nada, porque o que conseguiram fala por eles. Eu lidei durante uma quantidade de anos com jogadores e eles sempre fizeram aquilo que eu queria. Sempre foram induzidos e assumiram os comportamentos que nós pretendíamos.

N.A. - E essa situação ainda é mais relevante se tivermos em conta que estamos a falar de jovens, pois tens trabalhado ao longo da tua carreira com jovens...

Rui - Exacto. Indiscutivelmente. Mas também já trabalhei com seniores, não directamente, mas fazendo parte de uma estrutura profissional, durante uma época, e pude verificar a dificuldade que é conseguir, sem coerências ao nível do treino, colocar os jogadores a pensar em função do espaço e da equipa e não das referências individuais.

Ainda há dias li uma entrevista do treinador da Real Sociedad, que foi treinador do Nantes uma quantidade de anos, o senhor Raynald Denoueix, e que diz que a única forma de ensinar e transmitir aos jogadores as nossas ideias é através de situações de treino e de jogos condicionados. E eu acrescento através de tempo, de coerências e de continuidades. Contudo, o que verificamos é que, ao nível do treino, entretêm-se muito os jogadores, mas treina-se pouco.

N.A. - Aproveitando a deixa de teres falado num treinador estrangeiro, o que achas que é predominante nas grandes equipas a nível europeu e mundial em termos de defesa? Existe alguma tendência?

Rui - A zona, claramente. As equipas de top defendem todas à zona. As equipas que normalmente ganham, ou que ganham mais do que as outras, dominam claramente os princípios da zona, aqueles princípios que eu há pouco referi como a relação de espaços entre as diferentes linhas ou a agressividade no condicionar do adversário que tem a bola. Todas essas particularidades. Umhas vezes mais à frente, outras vezes mais atrás. E também o assumir o jogo e o ligar o recuperar da bola com a ofensividade. Pelo que me é dado observar, as equipas mais evoluídas apresentam este conjunto de características.

N.A. - Sei que já tocaste neste aspecto, mas gostava que te referisses a ele com mais pormenor. Existirá uma relação entre a tendência dos treinadores, em Portugal, em optarem pela marcação individual e o facto de terem muito em conta as características do adversário em vez de assumirem uma identidade própria?

Rui - Pode não ser tanto isso. Eu penso que o facto de se assumir a marcação individual é para dar referências aos jogadores, é simplificar-lhes a tarefa. Por exemplo, se o treinador quer jogar na pressão, pede para um jogador atacar a bola e para os que estão próximos fecharem as linhas de passe. Esta situação de pressão individual pode, por vezes, resultar, mas também pode estar a criar grandes zonas livres dentro da tua estrutura defensiva, dentro da tua organização defensiva, zonas essas que o adversário pode aproveitar para construir. Por isso é que eu entendo que a zona nos traz essa grande vantagem de nos mantermos sempre «impermeáveis» às investidas do adversário, pelo menos através de nós, através das nossas linhas. Agora, eu penso que a marcação individual é sempre uma referência fácil, trazendo também vantagens em termos de responsabilização, porque vivemos num tipo de sociedade que gosta muito de arranjar «bodes expiatórios», isto é, temos sempre que arranjar um culpado.

Uma das coisas que me chamou à atenção no último mundial foi, por exemplo, a Suécia e a Dinamarca, que, mesmo a nível dos cantos, defendiam à zona, ou seja, atacavam os espaços, colocavam os jogadores de forma a que, sempre que o adversário ia marcar, eles atacavam a direcção para onde a bola vinha. Foi um dos aspectos que me chamaram à atenção e aquilo que nós vemos é que, ao nível dos desportos colectivos, os países nórdicos, quanto ao conhecimento dos conceitos tácticos, dos princípios de jogo e da relação de espaços, estão claramente à

frente dos outros todos e, não tendo jogadores tão bons, conseguem andar nas grandes competições a baterem-se com equipas teoricamente muito mais fortes. E olhando para a Argentina, por exemplo, víamos que ela tinha um conjunto de jogadores fenomenal. Para além dos onze que jogavam sete ou oito dos que estavam de fora tinham lugar em qualquer uma das outras selecções. Mas o que é que ali estava? Estava a individualização do jogo. A Argentina estava pendurada na imprevisibilidade dos jogadores; só que essa imprevisibilidade não resultava apenas contra o adversário, mas também contra os próprios colegas de equipa. Funcionava para os dois lados, não funcionava só contra o adversário, e eu, como nunca sei o que tu vais fazer, fico sem saber se me desmarco ou não, porque se me desmarco e tu perdes a bola, podemos ficar desequilibrados.

N.A. - E não é isso que também acontece com a marcação individual? Isto é, ela pode aparentemente resultar, pode aparentemente ser segura, mas se tivermos um adversário que nos baralhe as coisas também pode funcionar para os dois lados e favorecer o adversário...

Rui - Exacto. O problema é que às vezes só pensamos num, só pensamos nos outros e não nos lembramos de nós, pensamos sempre nos outros. Por exemplo, o que é acontece se o nosso homem que marca o portador da bola é ultrapassado? O que é que isso vai provocar na nossa equipa? Este é que é o problema do futebol em Portugal: só se pensa nos outros, só se funciona em relação aos outros. Para mim, isso é um entrave à evolução do jogo terrível.

Para além disso, na minha perspectiva, quando os treinadores apostam na marcação individual estão a pensar unicamente num dos processos – o defensivo. Com a marcação individual estamos sempre limitadíssimos!

N.A. - Referiste antes que o Porto defendia à zona. Que outras equipas da Superliga defendem à zona?

Rui - Penso que o Benfica, com a chegada do Camacho, passou a assumir a zona. Acho que o Marítimo do Nelo Vingada também, mas, na minha perspectiva, era principalmente defensivo e depois é que ia ver o que é que aquilo dava, assumia fundamentalmente um jogo de contra-ataque. Por aquilo que tenho visto, penso que são apenas estas equipas. Acho que o jogo, ao nível da superliga, está um pouco estereotipado: fora de casa joga-se à espera, à espreita, e faz-se um golo e vem-se para trás defender a todo o custo. São muito poucas as equipas que assumem o jogo, que o assumem dentro desta perspectiva de que quando temos a bola devemos atacar. Mas não, têm a bola, tentam fazer um golo e depois só pensam em defendê-lo. Esta situação é inibidora da evolução do jogo, acho que estamos um bocadinho atrasados neste aspecto, precisamos de gente que goste de mandar no jogo e penso que o Mourinho mostrou isso mesmo. E não o fez apenas no Porto, também o fez no Leiria, porque o Leiria tinha comportamentos colectivos, em termos de jogo, de nível elevado.

N.A. - Para finalizar, gostava que me resumisses os pontos que consideras que «jogam» a favor da zona e que consideras fundamentais para o sucesso da mesma.

Rui - O primeiro aspecto que considero fundamental é tu teres a tua identidade e seres capaz de a assumir, de não a adulterares, seja lá onde for e contra quem for. Outra ideia importante, é perceber que não existe o ataque e a defesa, mas sim ataque-defesa-ataque-defesa,... isto é, existe uma relação contínua entre estes dois momentos e a nossa preocupação deverá ser também a ligação entre eles (as transições). Também deverás defender de forma a favoreceres a forma como gostas de atacar. Por outro lado, a zona, para condicionar a elaboração do jogo adversário, terá que ser muitíssimo agressiva e, na minha perspectiva, deve contemplar diferentes terços do campo, isto é, dever-se-á alternar os locais onde se dá início à pressão para tentar recuperar a bola, com o objectivo de não deixar que o adversário se adapte. Deveremos considerar sempre a pressão sobre o portador da bola, na zona ofensiva, na zona média ou na zona defensiva, isto é, onde definimos começar a defender com o nosso bloco. Julgo que percebes o que eu entendo por bloco, ou seja, com as nossas linhas próximas para encurtar o campo. E nunca devemos perder os comportamentos de atacar o portador da bola, reduzir os espaços, fazer as coberturas, obrigar o adversário a jogar à periferia. Também é fundamental conseguirmos oscilar de um corredor para o outro mantendo intacta a nossa organização, a nossa coesão, porque nos permite, em termos de esforço, estarmos equilibrados e recarregar baterias para depois, quando recuperarmos a bola, sermos mais fortes em termos da nossa resposta. Portanto, eu penso que este conjunto de ideias é fundamental. Eu sou, sem dúvida nenhuma, um grande adepto da zona. Vivi-a como jogador, já a vivi como treinador. Também vivi como jogador a marcação individual e os desequilíbrios que ela provocava na estrutura da equipa e, como treinador, também já a vi e já os verifiquei. E aquilo que eu observo, no futebol que tenho oportunidade de ver, é que as melhores equipas (e as melhores são aquelas que normalmente ganham mais vezes), dominam estes processos de redução do espaço. Também é verdade que essas equipas têm bons jogadores, mas não são só os jogadores que, por si só, conseguem ultrapassar os adversários, é sobretudo a organização colectiva. Se essa organização for servida pelos melhores jogadores, tanto melhor é a equipa. Agora, uma boa organização colectiva permite a um grupo de jogadores menos bons dar excelentes respostas. Disso eu não tenho dúvidas nenhuma.

ENTREVISTA A TIAGOJogador do S.L.Benfica

Estádio do Real Sport Clube (Massamá), 29 de Julho de 2003

Nuno Amieiro (N.A.) - Alguém referiu um dia que a melhor forma de defender não é deixar de atacar, mas sim jogar bem defensivamente. Concordas? Ou uma equipa tem que ser menos ofensiva para defender bem?

Tiago - Concordo plenamente. Até acho que a melhor defesa é o ataque, porque se uma equipa estiver a atacar de certeza que a outra equipa não o pode estar a fazer. E a defender o importante é fazê-lo com a equipa toda, com todos os jogadores a ajudar. Penso que é isto que faz uma boa defesa.

N.A. - E então o que é, para ti, jogar bem defensivamente?

Tiago - É ter cultura tática. Penso que todos os jogadores têm que defender e cada um tem que saber qual a sua missão, para não se perder dentro do campo e não andar a tentar fazer a missão dos outros. Na minha opinião, ter cultura tática, quando se está a defender, é muito importante.

N.A. - Falaste na necessidade de todos os jogadores defenderem. Muitas vezes o que se vê é uma equipa fechada lá atrás com toda a gente a defender atrás da linha da bola...

Tiago - Não, de maneira nenhuma. Cada um na sua posição, cada um a fazer o seu trabalho. Um avançado não vai andar a correr de um lado para o outro a tentar roubar a bola, basta posicionar-se em campo e dificulta logo a saída do adversário. Isto tanto é verdade para um avançado, como para um médio, como para qualquer outro jogador. É claro que cada um tem a sua função específica, mas todos têm que ajudar.

N.A. - Por vezes, parece existir a tendência para se verem as coisas em separado: agora defendemos, agora atacamos. Por aquilo que retive da conversa com o Camacho, ele parece ter a preocupação de vocês, quando estão a atacar, estarem a visualizar a possível perda da bola. Tens essa percepção de que as coisas estão interligadas?

Tiago - Exactamente. Então eu, que jogo no meio-campo, tenho, se calhar, essa percepção de que as coisas estão interligadas mais do que os meus companheiros, porque tanto tenho que estar a atacar como tenho que estar atento às minhas costas e saber como é que os meus colegas estão posicionados. E isto é muito importante, porque a qualquer instante nós podemos perder a bola e temos que já estar com muitos cuidados defensivos, na medida em que, a qualquer momento, surge um contra-ataque e, se nós tivermos os médios dispersos, complica muito a vida aos defesas. Portanto, talvez eu, mais que ninguém, posso afirmar isso mesmo. E é verdade que o Camacho tem essa preocupação. Nos treinos, mesmo quando estamos a atacar, ele não fala apenas para os avançados, fala também para nós e diz-nos que temos que estar sempre colocados. No jogo, a equipa tem que estar sempre posicionada, seja a defender, seja a atacar. Até quando o guarda-redes tem a bola na mão nós sabemos quais as posições que temos que ocupar em campo. Portanto, o futebol não é assim uma coisa em que estão ali onze contra onze... E então com o Camacho, desde o primeiro dia em que chegou, foi uma luta dele: «colocação, colocação,...». E para nós tem sido ótimo trabalhar assim, porque nos apercebemos que, se calhar, não é preciso correr tanto para estarmos no sítio certo.

N.A. - Onde é que se defende melhor, perto ou longe da nossa baliza?

Tiago - Onde é que se defende melhor? Eu penso que é longe da nossa baliza. Sempre que a bola está longe, estamos a defender bem! Quando ela está perto, já custa mais. Mas é como te digo, se todos ajudarem e se a equipa estiver colocada, dificilmente se sofrem golos. Por isso, é que as equipas italianas, por exemplo, como são muito rigorosas taticamente, sofrem poucos golos, porque, se a equipa estiver colocada, é muito difícil sofrê-los. Só num contra-ataque ou numa perda de bola num local proibido é que surgem os golos.

N.A. - Eu faço esta pergunta porque, normalmente, aquilo que se vê, sobretudo nas equipas mais fracas, é toda a gente lá atrás a defender...

Tiago - Exactamente. Isso às vezes complica também, porque não existe tanto espaço na frente, mas acontece quase sempre um momento em que eles falham e é aí que perdem. Se uma equipa estiver sempre atrás, sempre atrás, noventa minutos atrás, é muito complicado não haver um erro. Em contrapartida, se a equipa estiver toda à frente em bloco, a partir do momento em que estão à frente não podem sofrer golos. Para além disso, se acontecer um erro à frente, existe muito espaço para tentar recuperar dessa falha. Se estiverem lá atrás, acontecendo um erro é a morte deles!

N.A. - O que é, para ti, defender à zona?

Tiago - Aqui no Benfica jogamos com três jogadores no meio-campo e tentamos que cada um cubra uma zona do terreno diferente. Se o jogador da equipa contrária que me diz respeito estiver do meu lado eu tenho que encostar mais; se o jogo se estiver a desenrolar pelo outro lado, eu tenho que jogar mais à zona para cobrir as costas do meu companheiro. Não sei se me expliquei bem...

N.A. - Tens um jogador que te corresponde?

Tiago - Nós temos sempre um adversário que nos corresponde, mas nunca no sentido de «aquele é meu e se ele for à casa de banho eu tenho que ir com ele». Não, de maneira nenhuma! Eu tenho a minha posição e já se sabe que existe um adversário que, pela sua posição em campo, vai encontrar-se mais vezes comigo do que com os meus colegas. Só que, se a bola estiver do lado contrário, a minha preocupação não é tanto esse jogador, mas sim cobrir as costas do meu colega, porque eu sei que esse jogador não vai fazer nada, pois não tem a bola, e até a bola chegar ao pé dele eu vou ter tempo de aí chegar, sabendo também que um colega me vem proteger as costas. Ou seja, fazemos uma espécie de «barquinho» e ajudamo-nos uns aos outros: se a bola vem para o meu lado, eu pressiono e o meu colega vem proteger-me; se a bola vai para o lado contrário, o meu colega vai pressionar e eu vou protegê-lo.

N.A. - Por aquilo que me tem sido dado a perceber, parece existir a ideia, por parte de alguns treinadores e comentadores, de que a zona é uma forma de defender passiva. Quando uma equipa está toda lá atrás a defender é comum ouvir-se dizer que ela está a defender à zona, da mesma forma que é comum ouvir-se dizer que quando uma equipa defende à zona dá tempo e espaço para o adversário pensar. Concordas?

Tiago - É verdade, mas defender bem à zona é complicado. Porque, se uma equipa defender bem à zona, vai tapar muito as linhas de passe do adversário. É claro que se uma equipa conseguir estar os noventa minutos em cima do adversário a «morder-lhe os calcanhares» e a não deixá-lo jogar é muito complicado para ele. Mas nenhuma equipa aguenta estar a fazer isso durante os noventa minutos.

N.A. - Partindo do pressuposto que o Benfica defende à zona, concordas que eu te diga que vocês são passivos a defender, que dão tempo e espaço ao adversário para ele fazer aquilo que quer?

Tiago - Às vezes deixamos. Porque também nos interessa que o adversário não fique só atrás, também nos interessa que ele suba um bocado e tente fazer mais qualquer coisa. Mas, com o Camacho, isto já mudou um bocado e nós estamos a tentar pressionar em cima. Quando a equipa adversária sai a jogar curto, nós pressionamos logo em cima, para tentar ganhar a bola o mais cedo possível e mais perto da baliza adversária. E não é por isso que deixamos de defender à zona. Mantemos sempre as posições.

N.A. - O que é, para ti, defender homem-a-homem?

Tiago - O conceito que eu tenho de defesa homem-a-homem é não deixar, em momento algum, o homem. É acompanhar sempre o jogador A.

N.A. - Eu pergunto-te isto porque, e foi o que o Camacho referiu, actualmente a grande maioria das equipas não defende homem-a-homem dessa forma, com todos os jogadores...

Tiago - Exactamente.

N.A. - Mas isso também não me parece que queira dizer que a grande maioria defenda à zona. Isto é, tem que existir alguma coisa aqui pelo meio que não seja defender à zona, mas que também não é esse homem-a-homem que referiste...

Tiago - Exactamente. É mesmo isso, é um bocado de cada. E depois depende das posições que se ocupam em campo. Por exemplo, os números dez são quase sempre marcados homem-a-homem. Como se tratam, normalmente, de jogadores com muita qualidade, muitos treinadores querem que eles sejam marcados dessa forma. E eu posso falar da minha experiência, porque já estive no Braga, onde tinha o Cajuda como treinador, e eu desempenhava esse papel, isto é, marcava sempre os números dez das outras equipas. A minha tarefa era seguir esses jogadores para todo o lado. Agora, com a experiência que eu vou ganhando, isso já não se faz. Eu tento ocupar um bocado mais o espaço e só quando o jogador vem para a minha beira é que eu o tento marcar um bocado mais em cima. Quando ele se afasta, eu deixo-o ir.

N.A. - Entendendo o conceito de marcação como uma acção cujo objectivo é anular o adversário (estar em cima dele e não deixá-lo «respirar»), quando é que tu tens que marcar? Em que momentos do jogo?

Tiago - Quando nos encontramos mais perto da nossa baliza, porque não podemos dar espaço ao adversário. Penso que é quando nos estamos mesmo a aproximar da nossa baliza. Quando estamos mais longe, podemos

sempre deixar mais um bocadinho de espaço. Para além disso, quanto mais a bola se aproxima do homem, mais nós temos que estar junto dele.

N.A. - Falaste atrás da importância do «barquinho» e de proteger as costas ao colega. Não achas que, se tivermos um jogo baseado em marcações cerradas, acabamos por não ter como primeira preocupação o proteger as costas ao colega?

Tiago - Sem dúvida. Se tu apenas te preocupares com o teu homem, tu não te consegues preocupar com a equipa adversária, nem sequer dás conta se ela está a ir muito para a direita ou muito para a esquerda. Por exemplo, se tu estiveres a marcar um homem, tu não vais estar a ver o que é que os teus companheiros estão a fazer ou se está alguém a guardar as tuas costas. Em contrapartida, se estiveres mais à vontade, de cabeça levantada, podes sempre ajudar os colegas. Eu acho que isso já não se usa muito nas equipas grandes.

N.A. - Gostas mais, então, de defender à zona que homem-a-homem...

Tiago - Depende.

N.A. - ... comparando o papel que tinhas no Braga com aquele que tens agora...

Tiago - Exactamente, prefiro agora, sem dúvida! Mas, no Braga, era exclusivamente defender homem-a-homem.

N.A. - Toda a equipa?

Tiago - Não, não era toda a equipa. Na posição em que eu jogava era assim. E os centrais também, por exemplo. No meu caso eram só jogadores número dez - os craques das outras equipas -, e é claro que isso não me agradava muito, porque cortava a minha criatividade e eu apenas estava ali para tentar anular o outro. E eu, ao anular o outro, anulava-me a mim também, porque eu não tocava na bola! Estava sempre dependente do que o outro pudesse fazer. Se tu apenas tiveres essa preocupação, tu não jogas, porque tens medo, tens medo que o teu colega perca a bola e que o teu homem esteja livre e, então, tens que te manter perto dele, não sais de perto dele, logo não jogas tão bem. É complicado!

N.A. - Relativamente a essa ideia de marcar os números dez, o Maradona tem uma afirmação curiosa. Ele refere que, com a experiência, foi percebendo que gostava mais que o marcassem individualmente porque se livrava mais facilmente dos adversários. Com a marcação à zona era mais complicado. Ou seja, por um lado o craque diz que prefere que o marquem individualmente, por outro, os treinadores têm a tendência de marcar individualmente o craque. Podes comentar?

Tiago - Porque ele tinha uma qualidade que, só com um homem, conseguia livrar-se dele assim. Isso para ele era fácil. Para ele, era muito mais complicado ter um bloco de homens colocados por onde tivesse que passar. Com a equipa adversária a marcar homem-a-homem, ele tinha apenas um homem a preocupar-se com ele e bastava-lhe ultrapassar esse homem para criar logo desequilíbrios, porque se viesse outro adversário opôr-se-lhe ficava outro colega solto. A marcação à zona complicar-lhe-ia muito mais a vida. Só que, se a marcação der certo, funciona perfeitamente. Mas, se não der, estraga tudo.

N.A. - No teu caso, preferes jogar contra uma equipa que defenda à zona ou que defenda homem-a-homem? Por exemplo, é mais difícil jogar contra o Porto ou contra o Boavista (tendo em conta a forma como defendem)?

Tiago - São equipas muito complicadas de jogar. O Porto defende muito bem. É muito complicado jogar contra o Porto, porque eles defendem com a equipa toda, em bloco, muito bem. O Boavista é mais de «pum, pum, pum,...» e torna-se muito complicado jogar contra uma equipa dessas, porque tentamos organizar o jogo e eles «pum», lá temos nós que começar tudo de novo...! É também muito cansativo a nível psicológico, porque temos que estar sistematicamente a recomeçar tudo. Ou temos a sorte de marcar um golo logo no início do jogo e eles têm que se abrir e tentar chegar lá à frente ou então é muito complicado.

N.A. - Vantagens de defender à zona?

Tiago - Vantagens de defender à zona? Uma vantagem de defender à zona é que, se um jogador for ultrapassado, tem sempre um colega que pode ajudar. Penso que esta é a mais importante, isto é, os meus colegas estão sempre prontos para me ajudar, não estando apenas preocupados com a sua função. Para além disso, quando recupero a bola é mais fácil jogar, porque já sei onde estão os meus colegas, já sei onde estão posicionados. Se estiver tudo colocado é muito mais fácil sair para o ataque.

N.A. - E as principais desvantagens?

Tiago - Desvantagens? Se alguns jogadores falharem e não estiverem a ajudar os outros colegas pode complicar tudo, porque se alguns jogadores (mais do que um) não estiverem a fazer bem o seu papel pode estragar todo o esquema. Mas isto acontece tanto com a marcação homem-a-homem como com a defesa à zona.

N.A. - Mas não achas que o facto de a equipa estar em bloco, defendendo à zona, qualquer falha individual é mais facilmente minimizada?

Tiago - Exactamente. Uma falha individual não se nota tanto e pode ser rapidamente colmatada com a ajuda de um colega.

N.A. - Ainda no que se refere às desvantagens, os livros referem-nos que uma equipa que defende à zona dá maior iniciativa ao adversário (tem um pouco a ver com a questão da passividade), mas repara no caso do Porto: não existe qualquer dúvida que eles defendem à zona e não me parece que alguma vez eles tenham dado a iniciativa ao adversário...

Tiago - Exactamente. O Porto defende à zona, mas defende alto no terreno. E ao defender alto no terreno como um bloco, é muito difícil para a outra equipa sair a jogar. Porque, ao estarem como um bloco e ao defenderem em cima, todos, é muito complicado para a outra equipa conseguir jogar. Eles têm esse poder de todos se ajudarem uns aos outros, e fazem-no como ninguém... conseguindo bons resultados por isso.

N.A. - Então a questão de com a zona se dar ou não a iniciativa ao adversário depende muito de que zona estamos a falar, isto é, do conceito de zona do treinador...

Tiago - Exactamente. Se eu defender à zona cá atrás, dou a iniciativa toda ao adversário; se eu defender à zona, mas estiver mais adiantado no terreno, aí torna-se muito complicado para a equipa adversária.

N.A. - Outra desvantagem que a literatura aponta prende-se com a equipa ficar mais frágil nas mudanças de flanco...

Tiago - É verdade.

N.A. - Vocês sentem essa dificuldade?

Tiago - Não, porque para se fazer essa mudança de flanco é preciso haver muita qualidade. Não é fácil uma equipa estar a jogar numa determinada zona e, em dois toques, conseguir rapidamente virar o flanco, porque tem que se ser rápido. Se o adversário virar o flanco a jogar curto de jogador em jogador, não tem hipótese nenhuma, porque a equipa move-se toda. Agora, um ou dois toques, vira o flanco e a bola cai lá no pé e faz um para um... aí é complicado, porque existem logo desequilíbrios. Isto nota-se em equipas que têm já muita qualidade. Nós, aqui no Benfica, fazêmo-lo, mas não existem muitas equipas na Superliga que o consigam fazer facilmente. De qualquer maneira, quando o conseguem, torna-se muito complicado.

N.A. - Concordas com a ideia de que uma equipa, para ser de top, tem que defender à zona?

Tiago - Eu acho que já não há nenhuma equipa que consiga defender homem-a-homem os noventas minutos a pressionar. Acho que a maior parte das equipas já defende à zona, tanto para se proteger como para depois atacar, porque se torna muito mais fácil. E é por isso que a maior parte das equipas já defende assim.

N.A. - Estás apenas a falar das equipas de top ou de uma forma generalizada?

Tiago - Todas defendem mais ou menos assim. É claro que cá, na Superliga, algumas equipas colocam-se lá atrás e torna-se complicado, mas mesmo essas estão a defender à zona. As equipas ditas mais fracas têm jogadores que defendem homem-a-homem, mas a equipa totalmente já não defende tanto homem-a-homem. Acho eu.

N.A. - Isto é um pouco uma questão de conceitos. Para mim, uma equipa pode defender à zona, pode defender homem-a-homem dessa forma extrema que tu referes, mas depois também existe a situação em que os adversários se preocupam com o homem que cai no seu raio de acção e isto, ainda que em determinadas situações possa parecer defender à zona (como quando a equipa está toda lá atrás), na verdade não o é. E, na minha opinião, a maioria das equipas da Superliga não defende à zona...

Tiago - Defendem dessa maneira que acabaste de dizer.

N.A. - Ainda que pareça que eles estão solidários uns com os outros, a verdade é que eles...

Tiago - Estão apenas lá atrás...

N.A. - ... e quando um homem surge no seu raio de acção eles apenas se preocupam com ele, seguem-no e, com isso, abrem espaços...

Tiago - Exactamente. E nós sentimos isso na pele, porque somos sujeitos a marcações em todo o lado. Eu, por vezes, tento fugir à marcação saindo um bocado da minha posição, procurando espaços noutra lado para ver se o adversário que está comigo não me acompanha. Mas esse adversário vem comigo e isso não é defender à zona. Mas esta época, felizmente, consegui fugir muitas vezes! Eles distraíam-se um bocado e consegui fugir muitas vezes, mas de certeza que na época que aí vem vai ser mais complicado.

N.A. - Então, por um lado dizes que os adversários não te largam; por outro dizes que as equipas defendem todas à zona...

Tiago - Defendem à zona no sentido em que estão todas compactadas atrás. Como é que eu hei-de dizer? Estão tipo um bloco, mas um bloco onde existe muita anarquia. Se o médio tiver que ir para o lado esquerdo ele vai, não se preocupa muito com o espaço que deixa para a outra equipa jogar. Mas eu penso que esta nova «fornada» de treinadores, como o José Gomes por exemplo, já têm estas ideias e, por isso, estão a formar grandes equipas. De certeza que ele vai ter sorte.

N.A. - Partindo então da ideia de que as referências da maioria das equipas ainda são muito individuais, o que é que leva esses treinadores, na tua opinião, a não seguirem o exemplo do Benfica e a não defenderem à zona?

Tiago – Não defendem à zona, porque, para sobreviverem, tem que ser assim. Porque não têm, por exemplo, jogadores com a qualidade que o Benfica tem e, então, têm que usar as armas que possuem.

N.A. - Mas a verdade é que defender são comportamentos sem bola...

Tiago - Mas para eles, talvez se torne mais fácil estarem sempre a defender e, de um momento para o outro, atacarem. Se calhar, já sabem que no ataque não vão conseguir...

N.A. - Mas repara no teu caso. Não era uma questão de qualidade! O facto de o Cajuda te colocar a marcar permanentemente um determinado homem não era por falta de qualidade da tua parte!

Tiago – Por exemplo, quando ele me colocava a fazer isso, o facto de eu me anular a mim próprio não era importante desde que eu também anulasse o adversário, porque a outra equipa poderia precisar mais dele do que o Braga de mim. Percebes? O Braga podia perfeitamente jogar sem mim. Isto é, jogar com dez. O que ele queria era que também as outras equipas jogassem com dez, porque o jogador que eu marcava era um daqueles jogadores que podiam desequilibrar. Ele e muitos outros treinadores. É essa filosofia que muitas vezes eles têm. Eu cheguei a fazer isso no Braga contra o Campomaiorense! Nós precisávamos de pontos e, ao precisar de pontos, a ideia que os treinadores têm é «tens que marcar, em cima, em cima,... não podes largar, não podes largar».

N.A. - Partindo do pressuposto de que existe a tal interligação entre ataque e defesa, se vocês ao defender tivessem em conta referências individuais e não colectivas em que é que isso vos prejudicava ao nível do ataque?

Tiago - Se nós não defendermos bem, o ataque não vai funcionar bem. E se nós ao defender o fizéssemos individualmente, ao atacar não vamos conseguir jogar como equipa, pois eu nunca ia saber onde é que estavam os meus colegas. Ao treinar, criamos automatismos e começamos a saber onde é que estão os nossos companheiros e como havemos de jogar e, se eu estiver a marcar homem-a-homem, hoje estou aqui e amanhã já estou ali e o ataque certamente que não irá funcionar, a não ser numa eventual jogada individual.

N.A. - O Valdano afirma que quem marca homem-a-homem corre por onde o adversário quer e que, por isso, o defensor torna-se num prisioneiro...

Tiago - O defensor fica completamente fora do jogo. Se eu quiser criar um espaço, basta-me ir para outro lado que o adversário vem comigo. Parece que é um jogador que não está a pensar. Se eu for para um determinado sítio, ele também vai, mas vai por ir, por ter que me marcar. O problema é que o espaço que o defensor deixou livre pode ser mais importante que eu ter ido para aquele sítio, pois até posso nem participar na jogada. Se eu me movimento e ele vem comigo cria-se um espaço que, se a equipa o souber aproveitar, pode ser fatal para o adversário.

N.A. - Normalmente diz-se que quem tem a bola é que manda no jogo. Achas que a zona tem a capacidade de nós, sem bola, condicionarmos e mandarmos um bocadinho no jogo do adversário?

Tiago - Se estivermos com a equipa toda colocada, sabemos que o adversário não tem muito para fazer. Se a equipa estiver toda posicionada, dificilmente sofre um golo, a não ser que haja uma falha clamorosa. Estando

colocada, a equipa tem sempre o jogo controlado e acaba sempre por mandar um bocado no jogo, porque, mesmo que o adversário tenha a bola, nós sabemos que ele não nos pode ser fatal, naquele momento dificilmente ele será fatal. Nós é que estamos à espera do momento certo para o matar.

N.A. - O que está em causa entre o defender à zona e o defender homem-a-homem não será o nós condicionarmos ou sermos condicionados?

Tiago - É um bocado isso. Se tu defenderes à zona vais sempre condicionar o adversário, vais ter sempre a equipa organizada e é sempre melhor para ti. Mas também tem os seus contras. Se uma pessoa soubesse que defendendo à zona conseguia ganhar sempre, todas as equipas defendiam dessa forma. Durante um jogo de futebol não se pode dizer que vamos defender só à zona, porque existem momentos do jogo em que o jogador se perde e não está focado naquilo que tem que fazer. Dificilmente os jogadores estão os noventa minutos concentrados naquilo que têm que fazer. Não! Às vezes, o jogador perde-se e faz uma fintinha, sofre uma falta e fica no chão um bocado,... e vai-se perdendo!

N.A. - O Menotti afirma que a zona é liberdade. O que é que achas que ele quer dizer com isto?

Tiago - Foi aquilo que eu te disse, se eu estiver a fazer bem a marcação homem-a-homem eu não jogo. Se estiver a marcar à zona, tenho muito mais liberdade e posso também jogar, que é o que nós queremos. Nós também queremos jogar! Não queremos só marcar, marcar, marcar,... Sem dúvida nenhuma que temos muito mais liberdade.

N.A. - Existem zonas e momentos mais importantes para se ganhar a bola ou o que interessa é ganhar a bola?

Tiago - Se pudermos ganhar a bola no terço ofensivo é muito melhor, porque estamos mais perto da baliza contrária e faltam poucos metros para fazer o golo, que é para isso que nós estamos ali a jogar. Quanto mais nós defendermos atrás, mais temos que nos organizar para pudermos lá chegar com sucesso. Portanto, se conseguirmos recuperar a bola o mais cedo possível melhor. Agora, às vezes, a equipa não está organizada e, por essa razão, tem que recuar um bocado, pois se eu vou tentar ganhar a bola com a equipa desorganizada posso estragar tudo. A equipa tem que estar organizada e, se não está, não vale a pena tu tentares logo ganhar a bola no terço ofensivo. É isto que o Porto faz bem! O Porto organiza-se logo, no ataque parece que já está organizado para defender e então conseguem logo atacar o jogador que tem a bola.

N.A. - Muitas vezes pede-se aos jogadores para estarem em bloco e para fazerem campo pequeno, mas, depois, aquilo que rege os comportamentos dos jogadores são as tais referências individuais em termos de marcação. Não achas isto um contra-senso?

Tiago - Torna-se complicado. Se um jogador decide ir para uma posição mais aberta e eu tiver que o acompanhar é muito complicado. A não ser que o treinador me diga para manter sempre o bloco, mas também para estar de olho naquele jogador porque ele vai-me cair mais vezes. Bem, ou é uma coisa ou é outra. Se um treinador quer defender em bloco, nunca pode pedir aos jogadores para andarem a acompanhar os adversários, pois dessa forma o bloco não vai funcionar.

N.A. - Consideras que o desgaste físico é menor quando se defende à zona?

Tiago - Sem dúvida nenhuma! Tu a defenderes à zona movimentas-te quinze a vinte metros da tua referência posicional no terreno. Tens a tua posição no campo e, a partir daí, a bola vai para o outro lado e tu deslocas-te quinze metros; a bola roda para o teu lado e movimentas-te quinze metros até à tua posição; atacas, quinze metros. Desgastas-te muito menos, muito menos, sem dúvida! Defendendo à zona tens sempre a possibilidade de gerir um bocado o teu esforço e tens a equipa sempre junta, o que é ótimo.